UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA "JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
FACULDADE DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA
CAMPUS PRESIDENTE PRUDENTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

JENNIFER ALINE ZANELA

A categoria consciência na obra de Lev Semionovitch Vigotski

PRESIDENTE PRUDENTE – SP
2023

JENNIFER ALINE ZANELA

A categoria consciência na obra de Lev Semionovitch Vigotski

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP), campus Presidente Prudente como requisito para obtenção do título Doutora em Educação, sob a orientação do Prof. Dr. José Milton de Lima e co-orientação do Prof. Dr. André Malina, na linha de pesquisa processos formativos, infância e juventude.

PRESIDENTE PRUDENTE – SP
2023

Z28c

Zanela, Jennifer Aline
A categoria consciência na obra de Lev Semionovitch Vigotski / Jennifer Aline Zanela. -- Presidente Prudente, 2023
469 p.

Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente
Orientador: José Milton de Lima
Coorientador: André Malina

1. Consciência. 2. Concepção de homem. 3. Lev Semionovitch Vigotski. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

unesp

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Câmpus de Presidente Prudente

CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

TÍTULO DA TESE: A CATEGORIA CONSCIÊNCIA NA OBRA DE LEV SEMIONOVITCH VIGOTSKI

AUTORA: JENNIFER ALINE ZANELA
ORIENTADOR: JOSÉ MILTON DE LIMA
COORIENTADOR: ANDRÉ MALINA

Aprovada como parte das exigências para obtenção do Título de Doutora em Educação, pela Comissão Examinadora:

Prof. Dr. JOSÉ MILTON DE LIMA (Participaçao Virtual)
Departamento de Educação / Unesp/FCT - Câmpus de Presidente Prudente

Prof. Dr. IRINEU ALIPRANDO TUIM VIOTTO FILHO (Participaçao Virtual)
Departamento de Educação Física / Unesp/FCT - Câmpus de Presidente Prudente

Prof. Dr. ARI FERNANDO MAIA (Participaçao Virtual)
Departamento de Psicologia / Faculdade de Ciencias de Bauru

Prof(a). Dr(a). ALEXANDRA AYACH ANACHE (Participaçao Virtual)
Programa de Pós-Graduação em Educação / Universidade Federal do Mato Grosso do Sul

Profa. Dra. ELOIZA GOMES (Participaçao Virtual)
Políticas Públicas / UERJ

Presidente Prudente, 25 de agosto de 2023

DEDICATÓRIA

Dedico essa tese ao *Levi*, meu interlocutor desde a barriga e a melhor coisa que já me aconteceu até aqui. Com quem aprendo a ser mãe e olhar a vida com mais intensidade, esperança e cuidado. Além de dedicar também essa produção a mulheres que exercem a maternidade e por isso nem sempre se encontram pertencidas ao espaço acadêmico. Levi, essa produção objetiva é para você e para aqueles que estão *por vir*.

AGRADECIMENTOS

Esse é um momento singular na produção objetiva desta tese. É um momento de reparação, já que a autoria desse trabalho não foi um processo meramente individual. Para pensar essas questões, recorro e apoio-me no ombro de dois grandes pensadores. Bertolt Brecht nos provoca a questionar "*Quem construiu Tebas, a cidade das sete portas? Nos livros estão nomes de reis; os reis carregaram pedras?*", embora essa produção não seja tão significativa quanto aos bens deixados à humanidade, certamente é preciso reconhecer que há mais autores nessa tese do que o nome que a carrega. Vigotski também nos chama atenção ao dizer que nós nos tornamos nós mesmos através dos outros. Diante disso, divido com vocês essa autoria e também por todos que, mesmo não citados, encontram-se *encarnados* em mim.

Ao meu orientador, *Prof. Dr. José Milton de Lima*, que possibilitou a realização de um estudo desta natureza e que, com tamanha sensibilidade e humanidade, demonstrou a possibilidade de realização do doutoramento enquanto um caminho de formação acadêmica e de formação humana.

Ao meu co-orientador, *Prof. Dr. André Malina*, referência desde a graduação e a pessoa com quem tenho o prazer de ter como interlocutor das questões sensíveis e objetivas da vida humana, que se materializa para mim como uma referência nos caminhos de construção da vida que me mobilizam e inspiram a ser.

À *Profa. Dra. Alexandra Ayach Anache*, uma referência teórica que contribuiu para o desenvolvimento da presente tese na fase de qualificação e defesa e que me orienta e supervisiona em minha segunda graduação, o curso de Psicologia, curso esse que tem me mobilizado tantos sentimentos desde então.

Ao *Prof. Dr. Irineu Aliprando Tuim Viotto Filho*, que me recebeu em Presidente Prudente com carinho e tem contribuído nos meus estudos desde o mestrado e, em especial, no percurso de desenvolvimento da tese na qualificação e no exame de defesa.

Ao *Prof. Dr. Ari Fernando Maia* e à *Profa. Dra. Eloíza da Silva Gomes de Oliveira* pelas contribuições à pesquisa no momento de defesa.

Ao *Levi*, que abrilhanta os meus dias e me inspira a refletir, escrever e a estudar para compreender melhor o mundo em que estamos. Este que é a síntese de tudo de melhor que há e o que ainda há de vir no mundo.

Ao *Henrique*, meu companheiro há tantos anos, que admiro por sua condição humana de ser, pelo pai incrível que se torna a cada dia e por sempre estar ao nosso lado, independente das escolhas que façamos.

Aos meus pais, *Cléo* e *Lademir*, que são duas referências humanas permanentes na forma de olhar para o mundo e para as relações humanas, além de possibilitarem condições objetivas e subjetivas para os meus estudos durante toda a minha vida.

À minha irmã *Jéssica*, um apoio constante, mesmo quando a vida nos distancia fisicamente, sei que posso contar sempre com sua presença.

À minha família por estar sempre disponível para as trocas afetivas.

À *Profa. Dra. Ângela Celeste Barreto de Azevedo*, que é uma referência como professora e que objetiva valores humanos que tanto admiro.

Ao *Cláudio Goes*, o vovô e "*véinho*" do Levi, que sem a sua presença no cotidiano do Levi (e em nosso) não seria possível a conclusão da presente tese.

Aos amigos que me acompanham desde a graduação enquanto um grupo de inúmeras trocas acadêmicas e de afeto, *Caroline*, *Eduardo*, *Caroline Maciel*, *Felipe* e *Prof. Fifo.*

Aos amigos que fiz durante diferentes trajetórias, seja no Ensino Médio, como professora do município de Campo Grande/MS e nos momentos de articulação sindical e partidária.

Aos amigos de Juiz de Fora a quem tenho um carinho imenso, *Prof. André Luis Ferreira* e *Profa. Vanessa Santana*.

Aos *professores do Colégio de Aplicação João XXIII da Universidade Federal de Juiz de Fora*, em especial, aos colegas do *Departamento de Educação Física* que me incentivaram à licença para capacitação, tão fundamental para a realização e conclusão do doutorado.

À *Universidade Federal de Juiz de Fora* e pelo fomento através da bolsa PROQUALI, permitindo condições objetivas para a realização da pesquisa.

RESUMO

A presente tese tem como objetivo compreender e apreender o movimento de construção da categoria consciência ao longo da obra de Vigotski. Como ponto de partida compreende-se que a consciência, historicamente, é um conceito estudado desde as origens da ciência, pela Filosofia e, mais recentemente na história, por outras áreas de conhecimento. A partir da compreensão marxiana, o ser humano relaciona-se de modo singular à realidade, tendo a sua ação vinculada ao processo de transformação e manutenção do real diante das relações sociais historicamente constituídas. A tese que defendemos é de que a consciência não é somente uma categoria elaborada de forma isolada por Vigotski, mas sobretudo uma categoria articuladora dos demais conceitos e categorias desenvolvidos pelo autor que perpassa sua obra de forma transversal. A análise dos escritos de Vigotski é balizada através da concepção de homem formulada por Karl Marx e Friedrich Engels, na qual busca-se identificar a incorporação e/ou superação do referencial marxiano. Assim, pretende-se identificar possíveis desenvolvimentos, possibilidades e limites da categoria consciência em Vigotski. Este trabalho é de natureza teórica e foram mapeadas obras de Vigotski traduzidas do russo para o espanhol e para o português. As obras foram organizadas em cinco eixos centrais: (a) Estética e Emoções, (b) Problemas teóricos e metodológicos da Psicologia, (c) Funções Psíquicas Superiores, (d) Desenvolvimento humano; e (e) Estudos sobre a defectologia. Como resultado principal, foi identificado que a consciência está presente em termos de conceituação e desenvolvimento em todos os eixos supracitados, de tal forma que a elaboração de outros conceitos reelabora a possibilidade interpretativa da consciência no contexto da produção de Vigotski. Para a teoria vigotskiana, portanto, a consciência, de forma dialética, é organizada e constitui-se mediante o contexto histórico, cultural e social do homem através da atividade que objetiva na realidade. Dessa forma, a qualificação da existência para a constituição da subjetividade é o caminho percorrido por Vigotski.

Palavras-chaves: Consciência; Concepção de homem; Lev Semionovitch Vigotski;

RESUMEN

Esta tesis tiene como objetivo comprender y aprehender cómo ocurre el movimiento de construcción de la categoría conciencia a lo largo de la obra de Vygotsky. Como punto de partida, se entiende que la conciencia, históricamente, es un concepto estudiado desde los orígenes de la ciencia, por la Filosofía y, más recientemente en la historia humana, por otras áreas del conocimiento. Desde la comprensión marxista, el ser humano se relaciona únicamente con la realidad, teniendo su acción ligada al proceso de transformación y mantenimiento de lo real a partir de las relaciones sociales históricamente constituidas. La tesis que defendemos es que la conciencia no es sólo una categoría elaborada aisladamente por Vygotsky, sino sobre todo una categoría que articula los demás conceptos y categorías desarrollados por el autor que atraviesan su obra de manera transversal. El análisis de los escritos de Vygotsky se guía por la concepción del hombre formulada por Karl Marx y Friedrich Engels, en la que buscamos identificar la incorporación y/o superación del referente marxista. Así, se pretende identificar posibles avances, posibilidades y límites del desarrollo de la conciencia en Vygotsky. Este trabajo es de carácter teórico y se mapearon las obras de Vygotsky traducidas del ruso al español y al portugués. Los trabajos se organizaron en cinco ejes centrales: (a) Estética y Emociones, (b) Problemas teóricos y metodológicos de la Psicología, (c) Funciones Psíquicas Superiores, (d) Desarrollo Humano; ye) Estudios sobre defectología. Como resultado, se identificó que la conciencia está presente en términos de conceptualización y desarrollo en todos los ejes mencionados, de tal manera que la elaboración de otros conceptos reelabora la posibilidad

interpretativa de la conciencia en el contexto de la producción de Vygotsky. Para la teoría de Vygotsky, por tanto, la conciencia, como sistema, se organiza y constituye a través del contexto histórico, cultural y social del hombre a través de la actividad que apunta a la realidad. De esta forma, la calificación de la existencia para la constitución de la subjetividad es el camino recorrido por Vygotsky.

Palabras llave: Conciencia; Concepción del hombre; Lev Semionovich Vygotsky;

SUMMARY

This thesis aims to understand and apprehend how the movement of construction of the category consciousness occurs throughout the work of Vygotsky. As a starting point, it is understood that consciousness, historically, is a concept studied since the origins of science, by Philosophy and, more recently in human history, by other areas of knowledge. From the Marxian understanding, the human being is uniquely related to reality, having his action linked to the process of transformation and maintenance of the real from the historically constituted social relations. The thesis we defend is that consciousness is not just a category elaborated in isolation by Vygotsky, but above all a category that articulates the other concepts and categories developed by the author that crosses his work in a transversal way. The analysis of Vygotsky's writings is guided by the conception of man formulated by Karl Marx and Friedrich Engels, in which we seek to identify the incorporation and/or overcoming of the Marxian reference. Thus, it is intended to identify possible advances, possibilities and limits of the development of consciousness in Vygotsky. This work is of a theoretical nature and Vygotsky's works translated from Russian into Spanish and Portuguese were mapped. The works were organized into five central axes: (a) Aesthetics and Emotions, (b) Theoretical and methodological problems of Psychology, (c) Higher Psychic Functions, (d) Human development; and (e) Studies on defectology. As a result, it was identified that consciousness is present in terms of conceptualization and development in all the aforementioned axes, in such a way that the elaboration of other concepts re-elaborates the interpretative possibility of consciousness in the context of Vygotsky's production. For Vygotskian theory, therefore, consciousness, as a system, is organized and constituted through the historical, cultural and social context of man through the activity that aims at reality. In this way, the qualification of existence for the constitution of subjectivity is the path taken by Vygotsky.

Keywords: Consciousness; Conception of man; Lev Semionovich Vygotsky;

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 115
Figura 2 118
Figura 3 124
Figura 4 129
Figura 5 135
Figura 6 179
Figura 7 243
Figura 8 284
Figura 9 373
Figura 10 374
Figura 11 377

LISTA DE QUADROS

Pg.
Quadro 1 41
Quadro 2 66
Quadro 3 130
Quadro 4 200
Quadro 5 215
Quadro 6 269

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 134
Tabela 2 143
Tabela 3 155
Tabela 4 188
Tabela 5 189
Tabela 6 203
Tabela 7 224
Tabela 8 234
Tabela 9 268
Tabela 10 326
Tabela 11 369
Tabela 12 373
Tabela 13 375
Tabela 14 376

LISTA DE GRÁFICOS

Pg.

Gráfico 1 42
Gráfico 2 43
Gráfico 3 43

SUMÁRIO

Pg.

INTRODUÇÃO 16

CAPÍTULO UM: O PROBLEMA DA CONSCIÊNCIA 20

1. APRESENTAÇAO DO ESTUDO 20
1.1 Situando o *problema*: aproximação e histórico do termo consciência 33
1.2 Estado da Arte 39
1.3 Questões concentuais e metodológicas 45
1.3.1 O método marxista 51

CAPÍTULO DOIS: A CONCEPÇÃO DE HOMEM EM MARX E ENGELS 58
2.1 A vida e obra de Friedrich Engels e de Karl Marx: breve aproximação 59
2.2 A natureza social do homem, o homem e a sua constituição histórico-social 68
2.2.1 Os estados selvagem, barbárie e civilização: implicações histórico-sociais na sociedade, família e no Estado 70
2.2.2 O homem e sua formação histórico-social: discussões possíveis em A Ideologia Alemã 78
2.3 Natural e o Social: a falsa oposição na teoria marxiana 83
2.4 O trabalhador no modo de produção capitalista 89
2.4.1 A produção 91
2.4.2 O trabalho e a mercadoria 97
2.4.3 A alienação e o fetichismo 104
2.5 A práxis na teoria marxiana e o potencial transformador 106
2.6 A consciência e a concepção de homem na teoria marxiana: uma síntese 109

CAPÍTULO TRÊS: A CONSCIÊNCIA NA OBRA DE LEV SEMIONOVITCH VIGOTSKI 114

3.1 Aproximação ao contexto histórico da vida e obra de Lev Semionovitch Vigotski 115
3.1.1 Aspectos gerais da vida de Vigotski 116
3.1.2 A Revolução Russa e a influência em Vigotski 122
3.2 Recepção de Vigotski no Brasil 122
3.3 Obras de Vigotski 128
3.4 Caminho metodológico para análise da consciência na obra de Vigotski 131
3.5 Emoções e Estética 137
3.5.1 Considerações sobre a Psicologia da Arte 140
3.5.2 Sobre o estudo das emoções 157
3.5.3 A arte como forma de conduta 179
3.5.4 O conceito de vivência (perejivânie): apontamentos preliminares 182
3.5.5 Síntese preliminar sobre o desenvolvimento da Estética e das Emoções 183
3.6 Problemas teóricos e metodológicos da Psicologia 186
3.6.1 Estudos da consciência 189
3.6.2 O inconsciente vigotskiano 206
3.6.3 A crise teórico-metodológica da Psicologia 211

3.6.*5 Síntese preliminar: Problemas teóricos e metodológicos da Psicologia*.....230
3.7 Funções Psicológicas Superiores.....233
3.7.1 O psiquismo enquanto sistema.....234
3.7.2 Desenvolvimento das funções psicológicas superiores e os signos.....237
3.7.3 O desenvolvimento das funções psicológicas superiores e a consciência.....249
3.7.3.1 Autodomínio da conduta.....257
3.7.3.2 Formação de conceitos e o processo de generalização.....258
3.7.4 *Síntese do eixo Funções Psicológicas Superiores*.....264
3.8 Desenvolvimento humano.....267
3.8.1 Aproximação ao conceito de desenvolvimento.....268
3.8.2 Periodização do desenvolvimento e o papel das crises.....275
3.8.3 A consciência no curso do desenvolvimento na infância.....287
3.8.3.1 Nascimento e crise pós-natal.....287
3.8.3.2 Primeiro ano e crise do primeiro ano.....292
3.8.3.3 Primeira infância e crise dos três anos.....302
3.8.3.4 Crise dos sete anos.....313
3.8.4 Situação social de desenvolvimento e a vivência.....316
3.8.5 Síntese do eixo desenvolvimento humano.....321
3.9 Estudos sobre a *defectologia*.....324
3.9.1 O conceito de compensação.....328
3.9.2 A coletividade como princípio de desenvolvimento.....338
3.9.3 *Superação do dualismo: a unidade como princípio explicativo do homem*.....347
3.9.4 Síntese do eixo defectologia.....358
3.10 Compreensão da obra de Vigotski em movimento: sínteses preliminares.....361

CAPÍTULO QUATRO: O RETORNO DO *PROBLEMA*: SÍNTESE DA CONSCIÊNCIA E HUMANIZAÇÃO EM VIGOTSKI.....364
4.1 A concepção de homem em Marx e Engels como balizador da questão da consciência em Vigotski.....365
4.2 O *retorno* à consciência: uma síntese dos eixos investigados.....369
4.3 Uma definição inacabada de consciência?.....378

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....384

REFERÊNCIAS.....391

ANEXOS.....414

ANEXO I – O PROBLEMA DA CONSCIÊNCIA.....414

ANEXO II – A PRODUÇÃO ACADÊMICA SOBRE A CONSCIÊNCIA: O ESTADO DA ARTE.....436

‘

INTRODUÇÃO

O presente trabalho pretende identificar e discutir como a categoria consciência está presente na obra de Lev Semionovitch Vigotski (Vigotski[1]) e impacta a formulação teórica de suas sínteses. Para analisar as contribuições e avanços dados à consciência através da produção do autor russo, buscaremos nos fundamentar na concepção de homem de Karl Marx e Friedrich Engels. Tal debate nos sensibiliza no que concerne às possibilidades de compreensão do ser humano e de sua ação na realidade. Isto é, ao elegermos a consciência como objeto de estudo, compreendemos que o indivíduo constrói objetiva e subjetivamente suas possibilidades através das relações histórico-sociais em que está inserido, vinculado à forma como a humanidade se constitui em determinado momento.

Nos dias atuais, vivenciamos uma situação mundial e nacional alarmante. O avanço da extrema direita no Brasil e no mundo e a passagem por uma crise sanitária e política em decorrência da pandemia decretada em 2020 de COVID-19. Essa crise, embora seja citada como uma questão pontual, é uma crise permanente advinda do desenvolvimento do capital. Em virtude do modelo atual de organização e produção da vida do modo de produção capitalista, as crises revelam, na aparência, problemas e questões sociais existentes na ordem vigente. Por exemplo, questões como moradia, saneamento básico, trabalho, saúde, transporte público e educação tornaram-se pautas de discussões, nas quais, no cerne estavam indivíduos que não tinham acesso às condições mínimas de sobrevivência – ainda mais em contexto pandêmico. Sob estas circunstâncias é que se desenha o presente trabalho, que trata da categoria consciência e busca apresentar, enquanto fundamento, possíveis interlocuções com a educação.

No Brasil, o governo anterior de Bolsonaro-Mourão (2019-2022), através da estrutura política e ideológica, sistematizou políticas de atraso de conquistas e avanços historicamente estabelecidos. Desde 2014[2], enfrenta-se a adoção de medidas mais efetivas

[1] Pela transição do russo, existem diferentes grafias para se referir ao autor dependendo da tradução, como: Vygotsky, Vygotski, Vygotskii, Vigotski. Adotaremos a grafia "Vigotski", com exceção dos momentos de citação direta, no qual preservaremos a forma como é citado.

[2] O governo do Partido dos Trabalhadores (PT) já vinha, paulatinamente, sucateando e minando possibilidades de organização da classe proletária. Um exemplo disso é que as reformas aprovadas em 2016, após o golpe à então presidente Dilma Rousseff (2014-2016), tiveram sua gênese nas agendas do PT. Todavia, o retrocesso após a tomada pelo vice-presidente Michel Temer aprofundou as relações de conciliação com a iniciativa privada, ocasionando cortes de políticas assistencialistas à camada mais vulnerável da classe trabalhadora, bem como, enquanto classe teve seus direitos historicamente adquiridos sucateados, como a possibilidade de aposentadoria (COSTA PINTO, *et. al*, 2016). Atualmente, no governo Bolsonaro-Mourão, observamos, além das pautas de aprovação de reformas que responsabilizam aos

e bárbaras que retiram direitos conquistados pelos trabalhadores e se reafirmam ações vinculadas à extrema direita[3] no processo de condução das relações cotidianas. Isto posto, ao enfrentar a pandemia, manifestou-se a minimização da doença bem como o negacionismo científico sobre a COVID-19, a criação de teorias da conspiração e *fake news* colocando em risco a vida de milhões de brasileiros[4]. Diante desse aspecto, a disputa eleitoral de 2022 fora um acalento e resistência frente as tentativas de rompimento de um Estado democrático. Assim, embora atualmente estejamos frente a um novo governo Lula (2023-2026), elementos de ordem fascista e neonazista ainda pairam cotidiana sob os mais diversos fenômenos sociais, políticos, culturais e econômicos.

A abordagem de Vigotski formula uma proposta explicativa de sujeito não a partir de conhecimentos e paradigmas "sobrenaturais", leis imutáveis, positivistas ou naturais, físicas e biológicas (GUARESCHI, 2008), mas, abarca o fenômeno de constituição, formação e desenvolvimento humano a partir de sua concretude, na totalidade das relações em que o indivíduo está inserido. O estudo da consciência é uma temática que atravessa a história da ciência e dos indivíduos e, portanto, não temos como pretensão resolver o problema da categoria consciência, dialogando com todas as produções que foram feitas até então. Tampouco vislumbramos esgotar essa discussão existente na obra de Vigotski.

Temos como objetivo o mapeamento da categoria consciência na obra de Vigotski, apontando o movimento para o desenvolvimento desta categoria que o autor faz ao longo de sua obra. A tese que se defende no presente trabalho é de que a consciência é uma categoria central na obra do autor bielorrusso, que, ao se apropriar da concepção de homem de Marx e Engels, reelabora e sintetiza esta categoria ~~consciência~~ em termos psicológicos.

A presente tese está organizada em quatro capítulos fundamentais e que estabelecem uma relação de interdependência entre eles. O primeiro capítulo apresenta o nosso problema de estudo através de uma caracterização do estudo da consciência, cujo complemento pode ser identificado no anexo 1. Posteriormente, uma síntese do estado da

trabalhadores pela crise do capital, existe um discurso de *ódio* contra a maioria da população, sejam aos que lutam pela terra no campo, pela moradia, pela autodemarcação de terras aos povos originários, por aqueles que reivindicam uma condição mais humanizada nos postos de trabalho, bem como das pautas de campos progressistas e de esquerda (BOITO JUNIOR, 2020).

[3] Diferentes pesquisadores vêm caracterizando a ascensão bolsonarista vinculada ao movimento internacional de avanço da extrema direita a partir de políticas fundamentalmente fascistas. Para conceituação desse processo ver Hoeveler (2020) e Singer et al (2020).

[4] Em Junho de 2023, registram-se 703.964 óbitos desde o início da pandemia. Para atualizações ver < https://covid.saude.gov.br/>.

arte analisado, que visa mapear, através de artigos, teses e dissertações, como tem sido discutida a categoria consciência a partir da produção do conhecimento no Brasil. O material completo deste processo investigativo pode ser identificado através do anexo 2.

O segundo capítulo abarca o referencial teórico da presente tese, qual seja, a concepção de homem em Marx e Engels. Após a aproximação a biografia dos autores, organizamos a concepção de homem em quatro eixos: i) a natureza social do homem, o homem e a sua constituição histórico-social; ii) natural e o social: a falsa oposição na teoria marxiana; iii) o trabalhador no modo de produção capitalista; iv) a práxis na teoria marxiana. Após a discussão dos eixos, apresenta-se uma síntese da compreensão acerca do conceito de consciência e da concepção de homem na teoria marxiana.

No terceiro capítulo analisamos a categoria consciência na obra de Vigotski, elencando e organizando obras e textos escolhidos para esse processo. A nosso ver, a categoria consciência se estabelece em diálogo com outros conceitos desenvolvidos por Vigotski, elencamos cinco eixos de análise, nos quais as obras apresentam a predominância de discussão. Os eixos são: (a) Estética e Emoções, (b) Problemas teóricos e metodológicos da Psicologia, (c) Funções Psíquicas Superiores, (d) Desenvolvimento humano; e (e) Estudos sobre a *defectologia*.

Por dentro dos eixos centrais, identificamos *como* e *se* a categoria consciência aparece nos textos e analisá-la à luz da fundamentação da concepção de homem marxiana para confirmação ou refutação da presente tese. Metodologicamente, buscamos descrever e organizar trechos da obra de Vigotski e sintetizar eixos analíticos da forma como a questão da consciência se desdobra em sua obra. Através de algumas questões-guia, ao final de cada eixo apresentamos uma síntese preliminar do respectivo eixo que será, posteriormente, integrado a uma análise maior, com olhar na totalidade da obra de Vigotski. As questões que nos guiaram foram as seguintes: (1) A consciência aparece como uma discussão para o autor? (2) Se sim, qual lugar ocupa nessa discussão? (3) Quais fundamentos teórico-filosóficos que Vigotski utiliza para discutir a consciência? (4) A discussão sobre a consciência recoloca a categoria em um espaço não discutido por outros pensadores? Em posse desses dados, o capítulo pretende contribuir para síntese do movimento que a categoria consciência sofre na obra de Vigotski, as possibilidades e limites que o autor desenvolve ao longo de seus escritos.

O quarto e último capítulo almeja sintetizar e organizar os eixos analíticos apontando alguns caminhos de interpretação e compreensão da categoria consciência na

obra de Vigotski a partir da incorporação do método de Marx e Engels, fazendo um retorno ao problema de estudo da consciência.

No último momento, de considerações finais, apresenta-se o nosso entendimento sobre o desenvolvimento da categoria consciência na obra de Vigotski e possíveis desdobramentos para estudos posteriores que balizem a discussão da consciência para a discussão conjuntural, bem como as aplicações desta enquanto fundamento de reflexão sobre a formação humana.

CAPÍTULO UM – O *PROBLEMA* DA CONSCIÊNCIA

O presente capítulo tem como objetivo nortear aspectos referentes ao estudo do problema da consciência que vem sendo desenvolvido por diversas áreas do conhecimento, desde que se reconhece a existência dessa discussão a partir das primeiras formulações na ciência, em especial, na Grécia Antiga, pautados na reflexão do que constitui o homem. De modo a tangenciarmos estudos que se debruçaram nessa resposta filosófica, psicológica e ontológica, apresentamos quatro momentos que são interdependentes. Inicia-se a discussão com uma breve apresentação das condições objetivas que nos sensibiliza frente à escolha da consciência enquanto objeto de estudo. Observa-se que essa reconstrução não tem a pretensão de esgotar as múltiplas determinações que se colocam cotidianamente, mas visa contextualizar o presente estudo a partir de uma demanda de ordem da *práxis*, que dialoga com a seguinte célebre passagem de Marx e Engels (1998, p. 103, grifos dos autores): "Os filósofos só *interpretaram* o mundo de diferentes maneiras; do que se trata é de *transformá-lo*". Nesses termos, a passagem não é um convite apenas para uma ação no mundo objetivando a transformação *a priori*. Para transformar, é necessário conhecer, interpretar e refletir o mundo por meio de nossa ação na realidade. Destarte, a interpretação quando desvinculada da ação também se mostra impotente.

Nesse sentido, o primeiro momento reside na condição em identificar no processo de desenvolvimento atual das condições de existência e desvelar determinações que na conjuntura atual nos apresenta à justificativa e orientação da consciência como uma categoria ainda atual e de relevância social a ser investigada. No segundo momento, discutimos a introdução sobre o problema da consciência[5] e posteriormente apresentamos o estado da arte[6] realizado.

1. APRESENTAÇÃO DO ESTUDO

Do ponto de vista etiológico, o termo consciência viria de *conscientia*, que estaria voltado à ideia de estar ciente (*consciens*). Além disso, na junção de palavras do latim *conscius* e *sciens*, relaciona-se a ideia de saber o que se deve fazer e conhecimento que se adquire através dos estudos, vinculado à erudição, respectivamente (SANTOS e WELLINGTON, 1992). Em relação ao processo histórico do estudo da consciência, data-

[5] Um aprofundamento a essa discussão pode ser encontrado no anexo 1 da presente tese.
[6] Um aprofundamento a essa discussão pode ser encontrado no anexo 2 da presente tese.

se que esta discussão foi inaugurada na Grécia antiga pelos Pré-Socráticos, como podemos citar: Tales de Mileto (624-548 a.C.), Parmênides de Eleia (530-460 a.C.), Heráclito de Éfeso (540-470 a.C.) e Demócrito (460-370 a.C), assim como outros filósofos da Antiguidade, onde se verificam registros de estudos da consciência em Cícero (106–43 a.C.), Lucrécio (94–55 a.C.) e Quintiliano (35 – 95) (MONTEIRO, 2016; CUNHA, 1986).

Isso implica em demonstrar que a investigação da consciência não é *atual*, tampouco uma preocupação somente desse momento histórico. O estudo da consciência pode ser pensado como um problema da *ordem do dia* do homem para explicar o próprio homem. Isto é, o estudo da consciência também revela o nível de possibilidades de determinado momento histórico a partir das condições materiais existentes, o que nos leva a caracterizar o presente momento em que buscamos essa incursão.

Marx (1988) nos mostrou, em especial pela publicação de *O Capital*, a contradição existente entre capital e trabalho, apontando as raízes que explicam o modo de produção capitalista, a centralidade da mercadoria vinculada ao trabalho humano na compreensão desse modo de produção e como esse aspecto se desdobra do ponto de vista das relações sociais. Alterando a lógica dos economistas de sua época, Marx (1988, p. 71) sinaliza que o "[...] caráter social peculiar do trabalho que produz mercadorias" e, portanto, as riquezas produzidas no capitalismo estão vinculadas ao trabalho humano.

A visão de Marx e Engels inaugura, para além de uma visão econômica, uma compreensão filosófica e uma teoria social, no entendimento de que os proletários produzem, através de seu trabalho, as condições históricas a que a humanidade conseguiu alcançar. Todavia, torna aparente uma contradição fundamental: aqueles que as produzem, não se apropriam dessas mercadorias, deixando-as sob a posse daqueles que empregam os trabalhadores. Nesse sentido, o trabalhador, explorado cotidianamente, é também mais uma mercadoria.

Os escritos de Marx e Engels no século XIX ainda se fazem atuais em empreender esforços na análise da conjuntura atual. Isto porque, o capitalismo, modo de produção da existência humana, ainda não fora superado, mesmo que atualmente existem contornos do processo de exploração que não existiam no tempo histórico de Marx. Contudo, em essência, a sociedade se sustenta ainda pela exploração da classe trabalhadora pela burguesia, mantendo a atualidade de Marx e Engels.

De acordo com Fontana (1998), analisando a sociedade mais recentemente, a classe dominante objetiva, em muitos aspectos, extrair um *quantum* ainda maior de valor,

o que implica que atualmente, a exploração seria ainda mais barbara do que à época de Marx e Engels. Em termos atuais, o capitalista coisifica o trabalhador como uma mercadoria de modo a extrair o máximo possível de *mais-valor*.

> Ao fazer da riqueza a sua finalidade, em lugar do valor de uso, o trabalhador, portanto, não só alcançaria nenhuma riqueza, mas perderia além disso o valor de uso na compra. Pois, de modo geral, o máximo de laboriosidade, de trabalho, e o mínimo de consumo – e esse é o máximo de sua renúncia e de seu poder de fazer dinheiro – não poderiam levar a mais nada senão a que o trabalhador recebesse um mínimo de salário por um máximo de trabalho (MARX, 2011, p. 224).

A exploração do trabalhador para sustentação do capitalista é o pilar de manutenção e fortalecimento do capital, e, além de implicações econômicas, há implicações ontológicos, no fundamento de concepção de homem que está por trás da presente organização social, e, sobretudo, nos processos de humanização e formação da consciência. Viana (2018) conceitua a ideia de mercantilização das relações sociais, apontando que o modelo de sociedade atual transforma o homem como uma mercadoria como outra qualquer, enquanto uma *coisa*[7].

De forma geral, o capitalismo individualiza processos que são de foro coletivo. O surgimento da propriedade privada, por exemplo, naturaliza uma relação de domínio imposto pelo capitalista sob a classe trabalhadora. Marx (2011) discute que os trabalhadores não têm acesso ou participação

> [...] em prazeres mais elevados, inclusive espirituais; a agitação por seus interesses, assinar jornais, assistir conferências, educar os filhos, desenvolver o gosto etc.; sua única participação na civilização que os distingue dos escravos só é economicamente possível pelo fato de que o trabalhador amplia o círculo de seus prazeres nos períodos em que os negócios vão bem, significa dizer, nos períodos em que poupar é, até certo ponto, possível (p. 225).

A impossibilidade do trabalhador em se apropriar das produções humanas – inclusive às atividades de lazer e descanso – nos mobiliza a compreender os acontecimentos históricos e o curso de transformação da humanidade. Ao situar nosso objeto de estudo na presente dinâmica social, compreende-se o impacto do desenvolvimento histórico-social na determinação da consciência. À grosso modo, estudar a *consciência* no atual momento histórico, político e social não é o mesmo de

[7] O conceito de *coisificação* e reificação, trabalhado por Marx e Engels, será discutido no capítulo dois da presente tese.

estudar a consciência ao final do século XX. Isto porque se compreende que a humanidade complexificou as relações sociais que estruturam a prática social e incorporam-se questões a esta prática que não eram questões anteriormente.

Desse modo, os indivíduos, coletivamente, agem no mundo e constroem-se objetiva e subjetivamente, a compreensão sobre a consciência torna-se fulcral nesse processo, elemento que nos explica, em certa medida, em quais condições de avanço e retrocesso no modo de produção que a humanidade se encontra. Em que pese nos colocar diante da reflexão da dolorosa contradição de, por exemplo, o Brasil ser um dos maiores produtores de alimentos no mundo e, mesmo assim, a insegurança alimentar grave atinge pelo menos 10,3 milhões de brasileiros de acordo com a Pesquisa de Orçamentos Familiares 2017-2018: Análise da Segurança Alimentar no Brasil divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2020).

Ao extrairmos dados que evidenciam as desigualdades sociais produzidas no capitalismo (IBGE, 2020), não nos deixamos de questionar a grande ofensiva da burguesia mundial frente aos trabalhadores. Compassadamente verifica-se o empobrecimento de uma maioria *pari passu* ao enriquecimento de uma minoria, a exemplo disto tomamos o momento pandêmico como referência: durante a pandemia houve o aumento da linha da pobreza, em que pessoas se encontram em situação de falta de moradia, emprego e/ou alimento[8] e, contraditoriamente, a rentabilidade dos bancos retornou em lucro ao patrimônio pré-pandêmico[9]. Evidentemente, isso nos faz refletir: em que medida uma sociedade que produz tanta riqueza, também é a mesma sociedade que produz tanta miséria? O ser humano constituiu a possibilidade de dominar máquinas tornando-se possível o voo dentro e fora do planeta Terra[10] e, nesse sentido, a exploração do espaço, mas, contraditoriamente, pessoas sobrevivem nas ruas, sem direito à moradia e sem ter garantido o mínimo de dignidade[11].

[8] Para ler a matéria completa, acessar notícia de 24 de maio de 2021, jornal El País, disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2021-05-24/nao-e-doenca-e-fome.html>.

[9] Para ler a matéria completa, acessar notícias de 18 de outubro de 2021, jornal G1, disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2021/10/18/rentabilidade-dos-bancos-retorna-ao-patamar-pre-pandemia-e-lucro-sobe-diz-banco-central.ghtml>.

[10] Embora venha crescendo teorias da conspiração que impulsionam o retorno da ideia do Terraplanismo no cenário das discussões cotidianas (MARTINEZ, 2020).

[11] Referimos-nos a recente viagem de bilionário ao espaço, custando cerca de 1,3 milhão de reais, que possivelmente abre caminhos para uma nova comercialização: a venda de passagens por empresas privadas para fazer a mesma viagem. Empresa Virgin Galactic já faz a venda das passagens. Para detalhes ver matéria disponível em: <https://valor.globo.com/empresas/noticia/2021/08/06/veja-o-novo-preco-da-viagem-espacial-com-a-virgin-galactic.ghtml>.

> Em outros termos, a sociedade capitalista repousa sobre a produção incessante de necessidades, a partir da necessidade central do capital - a valorização do valor. Tais necessidades – quer emanem do estômago ou da fantasia - estão recobertas pela forma de coisas disponíveis como mercadorias. Desse ponto de vista, a sociedade capitalista atua suprimindo a liberdade e aprofundando o terreno da necessidade. A liberdade é o uso do tempo para além da necessidade, quando as necessidades fundamentais estão supridas. Um tempo livre pode ser o tempo da criação, da cultura, da arte, dos afetos. Na sociedade capitalista, o tempo é devorado para a maioria dos seres sociais. Devem ter a cada dia renovada a necessidade fundamental de assegurar sua subsistência, quer seja através de um emprego, quer seja através da venda da sua força de trabalho sob quaisquer condições. O tempo deixa de ser o compasso da vida para tornar-se a medida social da produção do valor ("tempo é dinheiro"); quanto mais tempo e mais trabalhadores disponíveis, maior a possibilidade da extração de valor e, por conseguinte, de valorização do valor (FONTES, 2017, p. 410).

Como Fontes (2017) nos mostra, a vida torna-se tempo de venda de força de trabalho. Nos dias atuais, esse elemento é ainda agravado pela retirada de direitos dos trabalhadores. A complexificação do modo de produção capitalista e suas crises cíclicas, bem como a intensificação de retirada de direitos da classe explorada têm gerado um quadro social bastante crítico que se reflete no cotidiano (VIANA, 2008).

A sociedade capitalista sustenta-se, recorrentemente, através de crises colocadas pela contradição entre necessidades por novas mercadorias e a impossibilidade de satisfação de necessidades essenciais e básicas a uma grande maioria da população (FONTES, 2017). Diante do desenvolvimento do capital, vemos também o avanço do fascismo e neonazismo, em que há uma escalada de uma extrema direita no Brasil e no mundo, que aparece ora de forma escancarada, ora implícita.

> O fascismo se configurou como uma experiência histórica emblemática da barbárie, uma vez que se concretizou no mesmo solo ocidental que semeou o projeto civilizatório da modernidade, fundado na razão, no Estado laico e no humanismo. Sua reedição tem sido recusada por vários pensadores, tanto pelas feridas traumáticas que o fascismo legou para a humanidade quanto pela compreensão da história como processo irrepetível. No entanto, uma abordagem crítica sobre a totalidade social permite identificar que se a história não se repete, uma vez que expressa particularidades da ação concreta dos homens no atendimento de necessidades também históricas e particulares, sua processualidade contraditória é constituída de momentos de conservação e de superação que só são radicalmente ultrapassados por rupturas revolucionárias (SILVA *et al*, 2014, p. 415).

Nessa perspectiva, o fascismo não deixa de existir com o fim da Segunda Guerra Mundial. No mundo, acompanhamos diferentes grupos organizados que reivindicam o nazismo, mas, também é possível encontrar força dessa expressão em posicionamentos de frentes políticas como o *trumpismo* e, no Brasil, o *bolsonarismo*, conforme apontam Malina, Maciel, Dias e Azevedo (2021). No Brasil, acompanhamos durante o governo de

Bolsonaro-Mourão a defesa persistente de uma visão pautada no anticientificismo e na propagação das chamadas *fake News* que continuam no imaginário social e assim desqualificando instituições e órgãos públicos por um viés ideológico. Nesse sentido a "[...] presença do ideário de extrema-direita coloca-se como desafio ético-político fundamental àqueles que recusam o irracionalismo, os discursos e práticas racistas, xenofóbicas, homofóbicas, sexistas e opressoras" (SILVA *et al*, 2014, p. 409).

De acordo com Antunes (2000, p. 35):

> A sociedade contemporânea, particularmente nas últimas duas décadas, presenciou fortes transformações. O neoliberalismo e a reestruturação produtiva da era da acumulação flexível, dotadas de forte caráter destrutivo, têm acarretado, entre tantos aspectos nefastos, um monumental desemprego, uma enorme precarização do trabalho e uma degradação crescente, na relação metabólica entre homem e natureza, conduzida pela lógica societal voltada prioritariamente para a produção de mercadorias, que destrói o meio ambiente em escala globalizada.

O neoliberalismo[12], portanto, destrói a força de trabalho humana na mesma medida em que se destroçam direitos sociais e, desse modo, a vida de mulheres e homens que vivem de sua força de trabalho, é vista enquanto mera mercadoria que sustenta um sistema (ANTUNES, 2000). Tendo como referência a produção de Marx (1988), o capitalismo se desenvolve desde o século XVIII e, apesar de um período curto tendo como referência a história, produziu intensas mudanças ao longo do mundo. Situado no século XIX, Marx (1998), analisando o seu próprio trabalho, pontua que "O que eu, nesta obra, me proponho a pesquisar é o modo de produção capitalista e as suas relações correspondentes de produção e de circulação. Até agora, a sua localização clássica é a Inglaterra" (p. 18). Desta forma, podemos considerar que Marx teve a possibilidade, nesta e em outras obras, de pensar as bases estruturantes do capitalismo e acompanhar, de perto, o processo de revolução industrial.

Neste momento pontuamos um desacordo às teorias que apresentam que o marxismo tenha sido superado pela localização histórica de suas ideias (ALMEIDA, 1999). Sem dúvidas, olhar para a conjuntura atual buscando que Marx e Engels pudessem, em seu tempo, responder ao que veio posteriormente pela construção humana seria incoerente ao próprio método. Por outro lado, reconhecemos na produção de Marx e

[12] Economicamente é o momento em que se abandonam os preceitos do keynesianismo e figura-se um monetarismo, na busca pela quitação de uma inflação. Todavia, é um sistema ainda mais perverso para os trabalhadores, já que se institui como política um processo de defesa das "leis de mercado" e da desigualdade proveniente desses modelos (GONÇALVES, 2010).

Engels caminhos para identificar as *leis que regem o capitalismo*. Afinal, como expressado pelo autor, "Somos atormentados não só pelos vivos, como também pelos mortos" (MARX, 1988, p. 18). O capitalismo, enquanto força e modo de produção da existência humana, continua atual, assim como as ideias marxianas.

Diante deste parêntese, retornemos ao processo de desenvolvimento do capitalismo no Brasil e no mundo. Lenin (2007) apresenta alguns elementos para compreender o processo de desenvolvimento do capitalismo. Segundo o autor, há países que estavam com o capitalismo avançado e, outros, em desenvolvimento. Olhando para as grandes empresas do capitalismo avançado, pontua-se que:

> [...] os ramos da indústria existem grandes empresas; por outro lado, uma particularidade extremamente importante do capitalismo chegado ao seu mais alto grau de desenvolvimento é a chamada combinação, ou seja, a reunião numa só empresa de diferentes ramos da indústria, que ou representam fases sucessivas da elaboração de uma matéria-prima (por exemplo, a fundição do minério de ferro, a transformação do ferro fundido em aço e, em certos casos, a produção de determinados artigos de aço) ou desempenham um papel auxiliar uns em relação aos outros (por exemplo, a utilização dos resíduos ou dos produtos secundários, a produção de embalagens, etc.). (LENIN, 2007, p. 8).

Tendo esse fenômeno como referência, apresenta três ideias: a primeira é de que durante as décadas de 1860 e 1870 há o desenvolvimento da livre concorrência apontada por Marx em que os monopólios ainda não dominam o processo; a segunda é de que após a crise de 1873, referindo-se ao que ficou conhecido como a primeira crise do capitalismo, os monopólios, chamado de cartéis por Lenin (2007), começam a se desenvolver, apesar de não representar ainda um fenômeno generalizado. Por fim, o terceiro momento está no início do século XX a partir das crises de 1900 a 1903, em que os cartéis se tornam a base da economia. É o que Lenin (2007) apresenta enquanto a face *imperialista* do capital.

O imperialismo está fundamentado na ideia do capitalismo monopolista que visa "[...] a exploração de um número cada vez maior de nações pequenas ou fracas por um punhado de nações riquíssimas ou muito fortes" (LENIN, 2007, p. 146). Essa compreensão é sustentada em Fernandes (2006, p. 261) quando apresenta que:

> Não é intrínseco ao capitalismo um único padrão de desenvolvimento, de caráter universal e invariável. Podem distinguir-se vários padrões de desenvolvimento capitalista, os quais correspondem aos vários tipos de capitalismo que se sucederam ou ocorreram simultaneamente na evolução histórica. Além disso, se se toma um mesmo padrão de desenvolvimento capitalista, pode-se verificar que ele é suscetível de utilizações variáveis, de acordo com os interesses estamentais ou de classes envolvidos pelo desenvolvimento capitalista em diversas situações histórico-sociais e as

> probabilidades que eles encontram de vara o plano das determinações estruturais e de se converterem em valores da história.

Nesse sentido, o Brasil pode ser considerado o que Fernandes (2006) aponta de *capitalismo dependente*, o que se relaciona com as ideias desenvolvidas por Lenin (2007). Sem a pretensão de esgotar e/ou reconstruir o processo histórico de constituição do capitalismo no Brasil, basta-nos identificar que há circunstâncias e características próprias na elite brasileira que conduz a um processo explicativo em relação às etapas posteriores de desenvolvimento nacional.

O imperialismo e a busca pelo avanço do capitalismo em outros países e continentes estruturam-se pela necessidade de crescimento constante do lucro, aumento do mercado consumidor e voltado para a mão-de-obra barata. Neste ponto, a organização mundial ganha contornos de internacionalização e/ou globalização, advindo da chamada Terceira Revolução Industrial (GOULART e GUIMARÃES, 2002).

> Se por um lado a globalização parece unir os povos, por outro ela os separa, já que o que o modelo de produção pretendida e os valores apregoados provêm dos países mais desenvolvidos, enquanto produtos e valores dos menos desenvolvidos tornam-se cada vez menos atraentes (GOULART e GUIMARÃES, 2002, p. 19).

Nesse panorama, a globalização reflete-se ao processo de monopólio capitalista discutido por Lenin (2007). Sob a consequência de uma pretensa união entre os povos, a distância entre pobres e ricos torna-se ainda mais alargada, implicando na imposição dos valores das grandes potências mundiais de capitalismo desenvolvido sob outros países.

> A globalização trouxe consigo a reestruturação mundial do Capitalismo e o novo paradigma da produção industrial. A consolidação da política neoliberal determinou ajustes estruturais na economia e na flexibilização do trabalho; o sistema de produção em massa, em crise desde a década de 1960, foi rapidamente substituído pela chamada produção racional, que passou a ser adotada nas grandes empresas dos países ricos. Nos países de desenvolvimento tardio, como o Brasil, a absorção da globalização e a transição para o novo Capitalismo vêm se dando à custa de muito sofrimento (GOULART e GUIMARÃES, 2002, p. 21).

O processo de globalização é acompanhado pelo desenvolvimento da *tecnologia* (GOULART e GUIMARÃES, 2002; GONÇALVES, 2010). Para analisar esta questão, recorremos a Pinto (2005) que desenvolve uma extensa obra voltada o entendimento do que se convencionou a chamar de *Revolução Tecnológica*. Segundo o autor:

> O conceito de "era tecnológica" encobre, ao lado de um sentido razoável e sério, outro, tipicamente ideológico, graças ao qual os interessados procuram embriagar a consciência das massas, fazendo-as crer que têm a felicidade de viver nos melhores tempos jamais desfrutados pela humanidade. [...] As possibilidades agora oferecidas aos possuidores de recursos para a conservação da vida, a aquisição de conforto e de meios para ampliar a formação cultural não encontram paralelo no passado (p. 41).

Como podemos identificar, Pinto (2005) apresenta, no início de sua argumentação, uma visão crítica diante do posicionamento de pesquisadores que consideram que a tecnologia alterou completamente as relações de produção que se tinham até então. O que não se pode negar, contudo, foram os avanços e modificações advindas da inserção da tecnologia no contexto da produção. A exemplo disso podemos nos referir ao desenvolvimento da *Internet*, de instrumentos tecnológicos, que, indubitavelmente, constituem de um processo singular na formação humana da sociedade capitalista atual. Todavia, esse fator não descarta a alerta de Pinto (2005) de que o desenvolvimento da chamada civilização tecnológica é a estruturação da garantia de manutenção da classe dominante, já que, como justificativa de coerção, aparece a ideia de que "[...] esta época é superior a todas as outras, e qualquer indivíduo hoje existente deve dar graças aos céus pela sorte de ter chegado a presente fase da história, onde tudo é melhor do que nos tempos antigos" (PINTO, 2005, p. 41).

Alguns pesquisadores vêm desenvolvendo trabalhos sobre o impacto da tecnologia para além das relações de diminuição de fronteiras e impacto no trabalho do indivíduo, mas como uma forma de influência e interação do indivíduo em seu espaço privado, o chamado *capitalismo de vigilância* (ZUBOFF, 2021; CARIBÉ, 2019; POTER e SOUTO, 2019). Bruno et al (2018) apontam que vem sendo constituído um novo campo de estudos que "Afirmam-se, portanto, como fundamentais para a análise, a compreensão e a atuação no mundo que vem se constituindo nas primeiras décadas do século XXI, num movimento que tende a ganhar ainda mais importância nos anos vindouros" (p. 8). Dessa forma, chamam atenção para o impacto da tecnologia na política, denominado de *tecnopolítico*[13].

Por outro lado, esse modelo explicativo não é unânime na produção científica. Em geral, ao refletir sobre a produção da vida, como desdobramento da globalização, da reorganização produtiva e da modernização tecnológica das relações de produção, cabe

[13] Para aprofundamento dessa discussão sugerimos a leitura das referências consultadas.

identificar como o capitalismo incorpora as modificações a fim de manter o domínio do presente modelo de produção da existência.

Nessa perspectiva, a *Revolução Técnico-Científico* foi densamente discutida na obra de Theotonio dos Santos[14], que apresenta um caminho explicativo desse processo vinculado à análise do acúmulo de capital, especialmente em três obras: *Forças Produtivas e Relações de Produção* (1986), *Revolução Científico-Técnica e Capitalismo Contemporâneo* (1983) e *Revolução Científico-Técnica e Acumulação de Capital* (1987). Em termos gerais, compreende-se que o processo de industrialização do Brasil e de outros países da América Latina buscou servir enquanto "[...] aglutinador e articulador do desenvolvimento, do progresso, da modernidade, da civilização e da democracia política" (DOS SANTOS, 2018, p. 64).

Theotonio dos Santos nos convida a pensar sobre a questão central do desenvolvimento tecnológico. Ora, de fato, a industrialização no Brasil e em países da América Latina produziu desenvolvimento, mas, em que medida essa modernização incorporou-se na melhoria da vida da maioria da população? Dito de outra forma, em que medida a tecnologia tornou-se possível de ser apropriada por indivíduos da classe trabalhadora? Certamente, no cotidiano, incorporamos uma parcela ínfima do desenvolvimento tecnológico existente. Por exemplo, as possibilidades de comunicação e existência no mundo modificaram-se consideravelmente, contudo, em que sentido a tecnologia realmente é empregada no sistema produtivo a fim de voltar-se para a qualidade de vida (e de trabalho) dos indivíduos?

Nessa conjuntura, pontuamos o desafio da discussão sobre a consciência no momento em que se desenvolvem tantas particularidades e transformações na condição e no trato da vida humana. Especificamente, vivenciamos um fenômeno de grande impacto nas relações sociais, políticas e econômicas, as *fake news* (NEVES e BORGES, 2020; COSTA, 2021). Estudada por diferentes pesquisadores de inúmeras áreas, cabe considerar o impacto que essas exercem na condução de processos eleitorais no mundo. A título de exemplificação, citamos a eleição de Donald Trump nos Estados Unidos em 2016 – 2020 e de Jair Messias Bolsonaro, no Brasil, em 2018 – atual. Como apresentamos

[14] Theotonio dos Santos Júnior (1936-2018) é um dos pensadores brasileiros que formulam a chamada *Teoria da Dependência*. Sua obra ficou densamente conhecida no Brasil e da América Latina. Atualmente, há uma tentativa de disponibilização das obras desse autor, disponível em: < https://biblio.imperialismoedependencia.org>. Este repositório é fruto do trabalho coletivo de membros do Grupo de Trabalho sobre Teoria Marxista da Dependência da Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Segundo os membros, a ideia é difundir o trabalho em relação a essa perspectiva.

anteriormente, esse movimento não ocorre por acaso. Isto é, o avanço tecnológico e a vivência na chamada "era da informação" pode nos levar para a manutenção das relações conservadores e nefastas da humanidade, como o avanço do fascismo. Da mesma forma que o desenvolvimento tecnológico nem sempre está a serviço dos trabalhadores.

A exemplo dessa última afirmativa sobre avanço tecnológico e as condições de produção, Oliveira (1996, p. 33) aponta que:

> [...] hoje já existem as possibilidades para que o homem não morra de fome, mas inúmeros homens morrem diariamente de fome. Esse exemplo mostra como a sociedade capitalista produz as condições para a vida humana, mas o faz através das relações sociais que não permitem a efetivação dessas condições na vida da maioria dos homens. Isso é alienação.

Diante dessas circunstâncias de barbárie e truculência, de destruição e precarização, levantamos algumas questões:

1) Na sociedade capitalista e diante da conjuntura atual, o que implica em defendermos a consciência como objeto de estudo vinculado às relações de alienação e as consequências dessa na construção do sujeito?

2) Qual a relevância do estudo que dá ênfase a esta categoria na obra de um psicólogo bielorrusso situado no final do século XIX e início do século XX?

3) Sob quais circunstâncias o esclarecimento dessa categoria pode nos instrumentalizar em nossa *ação*[15] no mundo em que vivemos?

De antemão essas questões perpassam a presente tese como fio condutor, mas sem a pretensão de encontrarmos uma resposta definitiva a elas. A consciência, como objeto de estudo, pode nos fornecer elementos para compreender o ser social concreto, que nos auxilie a identificar os rumos da história, mas, sem que com isso, seja possível predizer o próximo passo da humanidade, tampouco analisar com profundidade a relação entre a consciência e a conjuntura atual[16]. A pertinência do estudo de análise de um autor russo localizado historicamente no início do século XX é o que pode nos apontar o entendimento de algumas leis de formação da consciência que compete e constitui do processo de desenvolvimento e de formação humana em uma tese psicológica. Isto é, apesar de serem fundamentais as revisões teóricas do autor tendo como diálogo as problemáticas de nosso tempo, a nossa preocupação na presente tese reside no

[15] Fazemos menção à compreensão de ação vinculada à ideia de Marx e Engels (1998).
[16] Para o desenvolvimento deste e de outros estudos, contamos com a produção de pesquisas que vem sendo realizados no interior da temática da *tecnopolítica*.

mapeamento e interpretação da categoria consciência na obra de Vigotski. Almejando, nesse processo, conhecer com maior aprofundamento a obra de Vigotski e apontar o conhecido e o deseconhecido em seus escritos sobre a consciência.

Diante dessa questão, qual a relevância de refletirmos sobre a concepção de homem e, por conseguinte, a concepção de consciência? A citação de Gramsci (1978) pode nos fornecer um caminho que nos orienta na busca pelo entendimento da concepção de homem e da consciência.

> Que é o homem? É esta a primeira e principal pergunta da filosofia. Como respondê-la? [...] Se observarmos bem, veremos que – ao colocarmos a pergunta "o que é o homem" – queremos dizer: o que o homem pode se tornar, isto é, se o homem pode controlar seu próprio destino, se ele pode "se fazer", se ele pode criar sua vida. Digamos, portanto, que o homem é um processo, precisamos o processo de seus atos. Observando ainda melhor, a própria pergunta "o que é o homem" não é uma pergunta abstrata ou "objetiva". Ela nasce do fato de termos refletido sobre nós mesmos e sobre os outros; e de querermos saber, de acordo com o que vimos e refletimos aquilo que somos, aquilo que podemos ser, se realmente – e dentro de que limites – somos "criadores de nós mesmos", da nossa vida, do nosso destino. E nós queremos saber isto "hoje", nas condições de hoje, da vida "de hoje", e não de uma vida qualquer e de homem qualquer (GRAMSCI, 1978, p. 38).

Nesse sentido, a tomada dessa discussão é, antes de tudo, um ato de compromisso político, social e histórico. Nesses termos, a escolha pelo marxismo como referência teórica e epistemológica não se dá de forma desinteressada, superficial ou espontânea. Essa adesão decorre do processo de reflexão e estudo de que essa proposição teórica é a que guarda as possibilidades para compreender os fenômenos sociais por meio do conhecimento científico para além das aparências (KOSIK, 1978) e também "[...] produzir um conhecimento que possa estar a serviço de todos os homens" (MARTINS, 2015, p. 2).

A consciência, enquanto categoria que vem sendo estudado na Psicologia a partir de diferentes recortes epistemológicos e metodológicos, recebe um tratamento distinto dado por Vigotski[17]. Vigotski sistematiza e compõe coletivamente uma vertente na

[17] Vigotski nasceu em 5 de novembro de 1896 em Orsha na antiga Bielorrússia. Um ano depois de seu nascimento, mudou-se com a família para Gomel, também localizada na antiga Bielorrússia sendo essa a cidade habitada, em sua maior parte, por judeus. Foi nesse contexto e local que Vigotski vive a sua infância e juventude. Sua obra foi produzida no contexto da Revolução Russa e auxiliou as indagações mais complexas durante o desenvolvimento da União Soviética. Apesar de ter sofrido retaliação durante o stalinismo, sua síntese na psicologia orientava-se a partir do ideário da formação do *indivíduo socialista*, como podemos ver na citação a seguir "Vygotski cruzou, como uma fúria veloz, a psicologia científica de nosso século. Em um breve período de dez anos teve tempo suficiente para analisar a fundo as alternativas teóricas da Psicologia de seu tempo, propor soluções originais a alguns problemas mais difíceis, como

Psicologia denominada Psicologia Histórico-Cultural[18] que tem o seu método inspirado no materialismo histórico-dialético[19]. A partir da apropriação teórico-metodológica em Marx e Engels, Vigotski estrutura seu arcabouço teórico por meio da compreensão do indivíduo em sua unidade *material-ideal* (MARTINS, 2013).

Isto é, a Psicologia Histórico-Cultural compreende que os processos *objetivos* e *subjetivos* vivenciados são decorrentes da forma como a humanidade produz e reproduz a sua existência. Desse modo, podemos identificar que Vigotski parte de uma visão que a psicologia deve compreender o ser humano em sua totalidade, relacionando *indivíduo*, a *história* e a *sociedade*. Dessa forma, identifica-se uma diferenciação radical da redução de compreensão do ser humano em seus aspectos biológicos e/ou fisiológicos, bem como abordagens idealistas que isolem o indivíduo das relações sociais em que esse está inserido. Essa mesma lógica é impressa também não compreensão do autor em relação à categoria consciência. Diferente de outras proposições psicológicas, Vigotski não se recusa a estudar a consciência, porém, distancia-se de uma concepção subjetivista de interpretação desta (TOASSA, 2006).

Nessa direção, identificamos na Psicologia Histórico-Cultural e nas sistematizações de Vigotski uma preocupação em articular a sua teoria a partir da superação das *aparências* – local comum às demais perspectivas na Psicologia analisadas anteriormente. A articulação ao marxismo, além de posicionar a teoria ideológica e politicamente, estabelece um método de análise que localiza o indivíduo a partir das relações sociais historicamente colocadas, tendo como teleologia a constituição de uma sociedade mais justa para todos.

O estudo da consciência estrutura-se enquanto um *problema* nas diversas áreas de conhecimento e foi uma discussão não passou despercebida por Vigotski, e, portanto, nosso problema de pesquisa sintetiza-se a partir da seguinte questão: *como a categoria consciência é desenvolvida ao longo da obra de Vigotski?* A busca pela resposta desse problema de pesquisa está vinculada à nossa tese de que *a consciência é uma categoria*

desenvolver uma concepção nova sobre a origem e a natureza das funções superiores" (RIVIÈRE, 2002, p. 11, tradução nossa). Trataremos com mais profundidade do autor e de sua obra no capítulo três.

[18] Há a existência também do termo Sócio-histórica para designar/tratar da mesma teoria psicológica. Nessa pesquisa, utilizaremos a terminologia Psicologia Histórico-Cultural por ser considerada por Prestes (2010) enquanto uma melhor tradução e designação à teoria.

[19] Como demonstrado por Duarte (2004), existem aproximações que relacionam Vigotski a outras perspectivas teóricas, como vinculá-lo à Piaget e ao *interacionismo*, ou, ao que chama de *sócio-interacionismo*. Dessa forma, apontamos que existem outras formas de compreensão em relação à Vigotski e a sua obra. Todavia, sinalizamos o debate na linha como Duarte (2001) e Prestes (2010) sistematizaram, no qual, não há como aproximar autores com bases epistemológicas distintas.

central na obra de Vigotski, que, ao incorporar a concepção de homem de Marx e Engels como um dos fundamentos de sua teoria, reelabora-a no sentido psicológico, apontando possibilidades singulares de compreensão da consciência.

O objetivo que temos com a realização da presente tese é o de investigar e captar o movimento e a forma pela qual a categoria consciência aparece em determinadas obras de Vigotski, apontando possíveis pressupostos enquanto fundamento para a educação.

No presente capítulo apresentamos três subitens: no primeiro buscaremos situar de forma geral o histórico do estudo da consciência nas áreas do conhecimento. No segundo item, apresentaremos o estado da arte investigado e no terceiro item o método, questões concetuais e procedimentos metodológicos utilizados para a operacionalização da presente tese e problema de pesquisa.

1.1 Situando o *problema*: aproximação e histórico do termo consciência

Para os primeiros filósofos, como Tales de Mileto, a filosofia serviria como uma forma de explicação da origem e da ordem do mundo, através do entendimento de *cosmos*, em que deveria existir uma explicação racional, sendo que "[...] as formulações míticoreligiosas vão cedendo o passo a explicações racionais, cujo nome será, afinal, *filosofia*" (CHAUI, 2002, p. 17).

Diferentes autores propuseram divisões históricas e conceituais da Filosofia. De acordo com Chaui (2002), o período pré-socrático é determinado pela articulação dos filósofos ao redor de temáticas específicas, não necessariamente pelo recorte temporal de terem vindo anteriormente à Sócrates, como erroneamente o termo designado sugere. De forma geral, compreende-se que o princípio de todas as coisas existentes poderia ser explicado através da natureza. Através do reconhecimento da alma, a consciência aparece como a possibilidade de conhecer a si mesmo, almejando que a alma alcance uma pureza que não se articula às impurezas verificadas no corpo, na matéria.

Para Heráclito, por exemplo:

> [...] a tomada de consciência de si e do mundo nada tem de psicológico e de subjetivo, mas significa a descoberta do parentesco profundo entre a alma humana (nossa inteligência) e o mundo, que ambos são logos e ambos são parte dos logos (CHAUI, 2002, p. 104).

Assim, o uso e a formulação da compreensão de consciência remetem-se às primeiras reflexões registradas na Filosofia com a ideia de alma, de morte, na tentativa

de encontrar respostas das primeiras sociedades humanas a seus êxitos e fracassos (MUELLER, 2003). Podemos ver no trecho a seguir essa compreensão:

> A ideia de alma nasceu, sem dúvida, de experiências fundamentais: nascimento e morte, sonho e devaneios, síncope, delírios, etc., inerentes a uma primeira e obscura tomada de consciência do homem de sua realidade no mundo (MUELLER, 2003, p. 15)[20].

Esse primeiro momento analisado por Mueller (2003) é denominado de *Animismo*, que, na história da filosofia, é anterior ao cunho do termo consciência sinalizado por Cunha (1986). Em termos histórico-filosóficos, desde as primeiras sistematizações e transformações da natureza, podemos refletir sobre o emprego da consciência nesse processo. Contudo, a resposta que se dará ao processo explicativo que constitui essa humanização será respondido de maneira diversa em diferentes momentos históricos e por áreas distintas. Podemos compreender, nesses termos, que o *problema* da consciência[21] tem sido objeto de estudo de diversas áreas, como a *Filosofia*, a *Psicologia*, a *Sociologia*, a *Educação*, a *Biologia*, entre outras áreas do conhecimento. A discussão sobre como e por que o indivíduo[22] desenvolve determinadas formas de *pensar*, *sentir* e *agir* demarcou discussões potentes e revolucionárias para o avanço do conhecimento de modo geral. Há algum tempo se discute sobre o "corpo" e "espírito", o "material" e o "imaterial", o "consciente" e o "inconsciente", em especial nos desdobramentos da Filosofia e da Psicologia e das discussões em relação à origem do conhecimento e na preocupação em compreender o ser humano e o seu comportamento, bem como na compreensão sobre a natureza da consciência. Na neurobiologia demarca-se a preocupação em

> [...] descobrir como o cérebro produz padrões neurais em seus circuitos de células nervosas e como ele consegue converter esses padrões neurais nos padrões mentais explícitos que constituem o nível mais elevado de fenômeno biológico, o qual designo por imagens (DAMÁSIO, 2000, p. 26-27).

[20] Todos os trechos traduzidos para o português são de nossa responsabilidade.
[21] Trataremos da categoria "consciência" ao longo de toda essa tese, tratando sobre a discussão e definição do termo a partir da obra de Vigotski.
[22] De acordo com De Gaulejac (2004), o tratamento dado pela ciência ao homem, historicamente, restringiu-se a ideia der ser humano passivo, preso nas determinações sociais que apenas reagia à realidade. Todavia, sobretudo a partir da Filosofia e da Psicologia, há uma tentativa de produzir o que se chama a um "*retorno ao sujeito*", considerando-o não apenas produto, mas também como produtor de sua história. Embora essa discussão ressoe na perspectiva de homem adotada, não iremos nos aprofundar nas diferenças teóricas entre o uso dos termos indivíduo e sujeito, no qual, na presente tese, estes aparecerão como sinônimo para se tratar de homem.

De acordo com Moreira (1997) na recomposição histórica do estudo da consciência por diferentes áreas. Na Filosofia, em um período histórico situado na Antiguidade, havia a tentativa de captar, de apreender a essência dos objetos e dos fenômenos através da razão. A isso, denominava-se "*consciência metafísica*". Nesse sentido, "Para os filósofos desse período, a consciência como intelecto é o que verdadeiramente define o homem. Este encontra-se dividido em corpo e mente, sendo o corpo a parte irracional e enganosa do ser humano" (MOREIRA, 1997, p. 400). Esse dualismo dado à consciência também é desenvolvido por diferentes abordagens na Psicologia.

O conceito de consciência também fora explorado por filósofos da modernidade, como René Descartes e Immanuel Kant. Nessa condição,

> O modo metafísico de apreensão da realidade foi analisado e criticado pelos filósofos modernos pois, para estes, o homem não pode chegar à essência das coisas através da razão natural. O que o homem pode efetivamente conhecer por meio daquela é o seu próprio pensamento ou atividade de consciência e o mundo fenomenal, isto é, as coisas tais quais se apresentam à nossa percepção. Desse modo, desenvolveu-se uma nova forma de representação do mundo, a saber, a ciência (MOREIRA, 1997, p. 400).

Segundo Shirin (1997), a consciência é um dos conceitos básicos das áreas da Filosofia, Sociologia e Psicologia. De acordo com o autor, a consciência seria a capacidade de uma reprodução ideal da realidade e dos mecanismos e formas condizentes à reprodução dessa realidade. Marinho (2020) aponta que há, na discussão filosófica, uma necessidade de diferenciação entre mente e consciência, ainda que o limite de separação seja tênue. De forma geral, a consciência pode ser definida como "A possibilidade de perceber-se no mundo e refletir acerca das suas experiências coletivas e individuas exige uma compreensão filosófica minuciosa sobre aquilo que se entende como consciência" (MARINHO, 2020, p. 28). Esse aspecto que acompanha a reflexão do ser humano em sociedade pode ser identificado em Descartes (1979, p. 95): "Mas o que sou eu, portanto? Uma coisa que pensa. Que é uma coisa que pensa? É uma coisa que duvida, que concebe, que afirma, que nega, que quer, que não quer, que imagina também e que sente".

A discussão sobre consciência, todavia, é reivindicada também por outras áreas do conhecimento, como a Biologia. Fax e Becker (2016) apresentam reflexões sobre a construção do conhecimento, os processos de produção da consciência etc., questões a serem perseguidas pela Biologia, como podemos ver pela citação a seguir:

> O primeiro problema da consciência trata de como se obtém um "filme" no cérebro. Filme esse produzido ao perceber os objetos e convertê-los em imagens, de fora do cérebro em direção a seu interior, e também quando se reconstroem objetos a partir de memórias; nesse caso, de dentro para fora. Esse problema permite conhecer as reações que os objetos causam, as sensações que despertam, a percepção desse fluxo contínuo de imagens, muitas delas reveladas e logicamente inter-relacionadas. Segundo problema da consciência: como, paralelamente ao engendramento de imagens mentais de um objeto, o cérebro engendra um sentido de self no ato de conhecer? O self emerge como uma percepção que cada organismo tem de si mesmo. A consciência fornece ao organismo um sentido de self capaz de revelar que é o organismo que está agindo, sentindo, pensando... e não outrem (p. 78).

Wilbert (2007) irá defender a consciência como um *espectro*, fazendo uma alusão à radiação eletromagnética. Isto é, "[...] consciência como composta por diversas gradações, faixas ou níveis" (p. 16). Como podemos identificar, por ter sido um objeto de estudo de diferentes áreas, a consciência apresenta diferentes significações e, sobretudo, à medida que esse conceito incorpora-se no senso comum, encontramos outras significações para a consciência, como apresentado por Delirai Junior (2000), que: (1) a consciência pode ser um estado de vigília, isto é, estar consciente é estar acordado; (2) ter a posse de uma informação ou notícia, ter *ciência*; (3) Ter conhecimento, estar consciente de uma determinada realidade, conhecendo-a; (4) Conhecimento compartilhado, ou seja, à medida que se compartilha informações, torna àqueles indivíduos conscientes; (5) Fazer a articulação entre o que é certo e o que é errado. Isso posto, partimos da compreensão de que este conceito apresenta diferentes manifestações no contexto social e, portanto, demonstra-se a complexidade de articulação desse conceito.

Além das áreas que fizeram a discussão sobre a consciência, esse conceito também foi desenvolvido por diversas correntes epistemológicas, como o Positivismo, a Fenomenologia e o Marxismo. Em determinados momentos identificamos definições da consciência como uma estrutura natural, inerente à condição humana (FLACH e BECKER, 2016), bem como definições que partem da compreensão do próprio indivíduo (MOREIRA, 1997). Por fim, algumas correntes compreendem a determinação social e histórica na constituição da consciência, analisando as condições de existência de indivíduos que tem como propósito não compreender só o entendimento do indivíduo sobre a realidade, mas, a ação revolucionária do indivíduo diante da realidade encontrada e (dês)conhecida (PENNA, 1984; COELHO, 2018).

Em decorrência dessa possibilidade em compreender a consciência, através do marxismo, identifica-se que é uma das correntes teóricas que desenvolve a categoria consciência, conceituando-a a partir das contribuições de Karl Marx e Friedrich Engels e de outros autores, como Vladimir Lenin, Rosa Luxemburgo, Antonio Gramsci. Nesse sentido, diferentes autores propuseram um *olhar* a essa categoria. Em que pese esses autores e outros vinculados às revoluções socialistas em diferentes lugares do mundo, como a Revolução Russa através dos escritos de Vladimir Lenin, da Revolução Cubana, Ernesto Che Guevara, como podemos ver na citação a seguir:

> [...] não basta interpretar a natureza, é preciso transformá-la. O homem deixa de ser escravo e se converte em arquiteto do próprio destino. Neste momento Marx converte-se em alvo obrigatório de todos aqueles que têm interesse especial em manter o velho, da mesma forma que ocorrera antes à Demócrito, cuja obra foi queimada pelo próprio Platão e seus discípulos, ideólogos da aristocracia escravista ateniense (GUEVARA, 1960, p. 2).

A influência de Marx, portanto, na reflexão sobre a condição do ser humano na realidade e na história contribuiu para inúmeras sínteses posteriores. Podemos sinalizar, também, a existência de autores à Escola de Frankfurt, durante o século XX, na Segunda Guerra Mundial, que também pensaram questões relativas à consciência, como Theodor Adorno, Herbert Marcuse, Walter Benjamin e Jürgen Habermas. Contemporâneo a Escola de Frankfurt, outro autor proeminente do marxismo que se debruçou sobre a categoria consciência fora György Lukács. Em suas colocações, Lukács imprimiu esforços para compreender ontologicamente o ser social, em que a consciência também se tornou objeto de estudo.

> Retomamos a premissa do materialismo: "Não é a consciência dos homens que determina seu ser, mas, ao contrário, é seu ser social que determina sua consciência". Somente nesse contexto tal premissa pode superar o plano puramente teórico e tornar-se problema da prática. Pois é somente depois que o núcleo do ser se revela como devir social que pode aparecer como um produtor até então inconsciente da atividade humana, e essa atividade, por sua vez, como elemento decisivo da transformação do ser. Por um lado, têm-se as relações puramente naturais ou as formas sociais mistificadas em relações naturais que se opõem ao homem como dados fixos, acabados e imutáveis em sua essência, cujas leis ele pode, no máximo, utilizar, compreendendo a estrutura do objeto sem jamais ser capaz de transformá-la; por outro, tal concepção do ser rejeita a possibilidade da práxis na consciência individual (LUKÁCS, 2003, p. 94-95).

As diferentes visões e debates sobre a consciência não se encerram apenas nas diferenças epistemológicas. Como dissemos anteriormente, essa discussão perpassa várias áreas do conhecimento e, em certa medida, há o embate da discussão a partir de

sua natureza. Isto é: qual área que deveria ter primazia nessa discussão? Marinho (2020) nos aponta que a Filosofia Moderna inaugura uma possibilidade de reflexão da consciência em Descartes que antes não seria possível. Todavia, a Filosofia não é a única área de conhecimento que reivindica essa discussão. É necessário, portanto, compreendermos como a Psicologia torna-se uma ciência independente.

Abib (2009) aponta que Wilhelm Wundt e William James sistematizaram o projeto de uma Psicologia científica distanciada da metafísica. Em que pese à diferença entre os autores, houve a tentativa de solidificação de uma Psicologia empírica e uma Psicologia explicada pelas Ciências Naturais. Bueno (1997) apresenta que a Psicologia tem se dedicado a diversas áreas de estudos, dentro os quais se destacam os fenômenos da consciência, cognitivos e sociais. Aguiar (2000, p. 127), via a abordagem teórica da Psicologia Histórico-Cultural, pontua que:

> [...] a tarefa da psicologia reside justamente na tentativa de compreender esse indivíduo em sua singularidade, singularidade essa que contém tanto a internalização como a expressão de sua condição histórica e social, sua ideologia e relações vividas.

Assim, podemos identificar, então, que o estudo da consciência é uma das tarefas da Psicologia. Embora Vigotski (1996) afirme que, apesar da Psicologia ter se definido como a ciência da consciência, o acúmulo científico produzido pela área era praticamente nulo. No anexo um da presente tese apresentamos uma leitura sobre como a consciência é incorporada pelas áreas das ciências até então, como a Filosofia e a Biologia[23]. No anexo em questão, nos aproximamos ao objeto de estudo da presente tese, apresentando em termos gerais discussões no processo histórico da Filosofia e da Psicologia[24] à medida que esta se torna uma área.

[23] Como veremos no anexo I, as correntes teóricas que influenciaram áreas como a Biologia, a Fisiologia, a Neurobiologia etc., também foram apropriadas e discutidas pela Filosofia e pela Psicologia. Como ponto de partida, mapeamos o percurso existente na Filosofia, demonstrando os elementos dessa discussão, de forma geral, na Grécia Antiga, na Idade Média e na Era Moderna. Na Psicologia perpassaremos pela influência positivista que conduziu as primeiras experimentações e empiria do campo, bem como no desenvolver das principais Escolas (Psicanálise, Reflexologia, Behaviorismo, Gestalt e Psicologia Genética). O movimento filosófico e psicológico aqui analisado é compreendido como um processo de desenvolvimento do próprio conhecimento que almeja, em alguma medida, superar um modelo explicativo anterior, produzindo uma nova proposta explicativa.

[24] Definido o objeto de estudo da presente tese e às limitações colocadas a nós, buscaremos sintetizar modelos e explicações gerais através da discussão de características centrais. Gostaríamos de reforçar que a compreensão sobre a consciência é mais elaborada e complexa do que a exposição sistematizada aqui. Para melhor entendimento sobre as definições e compreensões sobre a categoria consciência em diferentes autores, sugerimos a leitura dos textos originais elencados nas referências.

Nesses aspectos, o nosso trabalho tem como centralidade a categoria consciência. Enquanto percurso metodológico, buscamos, no subitem seguinte apresentar uma síntese do estado da arte[25]. De forma geral, o estado da arte visa situar, no âmbito da produção do conhecimento no Brasil (teses, dissertações e artigos), como a consciência de Vigotski fora tratada.

1.2 Estado da arte

No *estado da arte* ou no *estado de conhecimento*, de acordo com Ferreira (2002), há a predominância de uma natureza de caráter bibliográfica, que busca mapear e discutir uma produção acadêmica relativa à determinada temática, esquematizando diferentes dimensões no tratamento dado à temática. Existem diferentes proposições de realização do estado da arte. Em geral pode ser estruturado como se apresenta na citação a seguir:

> O mapeamento visa discutir uma certa produção acadêmica em diferentes campos do conhecimento, tentando responder que aspectos e dimensões vêm sendo destacados e privilegiados em diferentes épocas e lugares, de que formas e em que condições têm sido produzidas certas dissertações de mestrado, teses de doutorado, publicações em periódicos e comunicações em anais de congressos e de seminários. Também são reconhecidas por realizarem uma metodologia de caráter inventariante e descritivo da produção acadêmica e científica sobre o tema que busca investigar, à luz de categorias e facetas que se caracterizam enquanto tais em cada trabalho e no conjunto deles, sob os quais o fenômeno passa a ser analisado (FERREIRA, 2002, p. 258).

Como condição para o desenvolvimento da presente pesquisa, buscamos realizar um levantamento e discussão das produções acadêmicas vinculadas ao entendimento da *consciência* na obra de Vigotski. A partir da compreensão de que essa categoria se interliga a outra, buscamos identificar produções que tivessem como referência específica a questão da consciência ou que, de alguma forma, perpasse por essa discussão. Nossa preocupação centra-se na compreensão de como os pesquisadores têm elaborado sínteses em relação à compreensão da consciência na obra de Vigotski e como os estudos tratam desta questão. Nesse sentido, tomamos três passos metodológicos para realizar o levantamento das produções:

(**I)** Nos debruçamos sobre alguns instrumentos de busca. Foram eles: o banco de Teses e Dissertações da CAPES; o banco de Teses e Dissertações dos Programas Pós-Graduação de Educação e Psicologia das Universidades Federais, Estaduais do Brasil e Universidades com tradição no desenvolvimento da Psicologia (PUC-SP, PUC-RJ) que

[25] A construção do estado da arte de forma completa pode ser vista no anexo II da presente tese.

tivessem buscadores disponíveis para acesso online; Levantamento de artigos disponibilizados na biblioteca eletrônica das Universidades, além das plataformas Scielo, Oasisbr e na Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED)[26], com publicações até o ano de 2019.

(II) Nos instrumentos de pesquisa para refinamento das discussões tivemos como filtro para a busca àqueles trabalhos que continham o termo "consciência" no assunto e/ou no título, bem como um termo completar, como: "Vigotski"[27], ou "Psicologia Histórico-Cultural" ou "Psicologia Sócio-histórica";

(III) Identificação dos orientadores das teses e dissertações no sentido de mapeamento dos Grupos de Estudos vinculados ao estudo da Psicologia Histórico-Cultural, de Vigotski e das categorias presentes no autor, como a *consciência*. Além disso, buscamos analisar a distribuição da produção sobre essa questão no Brasil.

Para organizar o processo de análise das produções acadêmicas encontradas, buscamos alocar os artigos, teses e dissertações a partir de três eixos que se referem diretamente ao tratamento dado à categoria consciência na produção, que são os seguintes:

1- Trabalhos que avançam na compreensão da categoria consciência na obra de Vigotski ou da Psicologia Histórico-Cultural, tendo essa categoria como objeto de estudo a partir de discussões teórico-conceituais;

2- Trabalhos que compreendem a categoria consciência como síntese de outros conceitos e, portanto, a categoria consciência serviria como base para nortear as discussões sobre outros objetos de estudo;

3- Trabalhos que utilizam a categoria consciência para verificar um fenômeno na prática social e centram-se em discussões como a *tomada de consciência* e a *conscientização*.

Com a utilização desses três eixos, não estamos querendo dizer que os trabalhos alocados no (2) e no (3) não avançam na compreensão da categoria consciência. Compreendemos um esforço coletivo para a apropriação da consciência no desenvolvimento de compreensão da Psicologia Histórico-Cultural, mesmo em produções acadêmicas que têm como referência a Psicologia Histórico-Cultural e não apareceram em nossa busca. Buscamos localizar as produções acadêmicas que tratam

[26] Não foram encontrados trabalhos na ANPED a partir da palavra-chave "consciência" que se relacionasse ao objeto de estudo em questão.
[27] Utilizamos o termo a partir das diversas grafias do nome do autor.

especificamente da consciência enquanto objeto de investigação no eixo (1); os trabalhos que tratam da consciência associada a outros conceitos como objeto de investigação e; (3) os trabalhos que se apoiam na compreensão da consciência para discutir fenômenos da prática social. No item seguinte, apresentaremos as produções acadêmicas nas modalidades dissertação de mestrado e teses de doutorado.

Pelas Universidades Federais e Estaduais, encontramos 38 teses e dissertações no período de 1998 a 2020 no Brasil distribuídos da seguinte forma por estados e regiões:

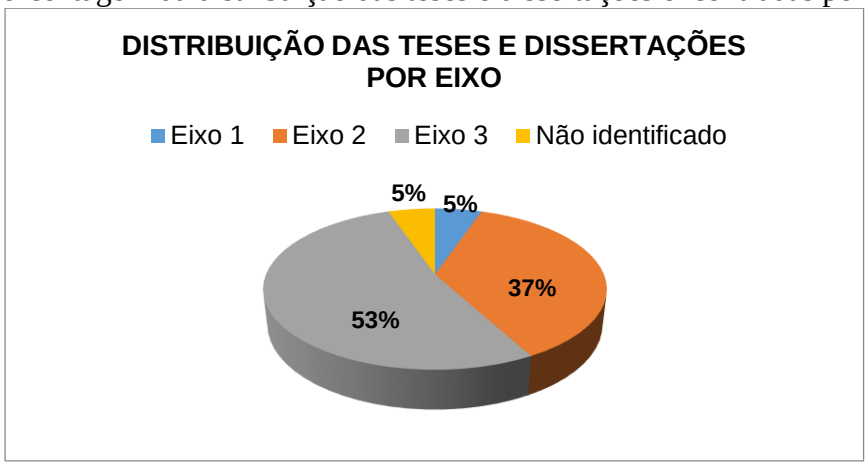
Quadro 1 – Número de publicações encontradas de Teses e Dissertações em Universidades Federais e Estudais dos programas de pós-graduação em Educação e Psicologia.

ESTADOS	NÚMERO DE PRODUÇÕES
Paraná	11
Santa Catarina	01
Rio Grande do Sul	00
Total da Região Sul: *12 publicações.*	
Mato Grosso do Sul	04
Mato Grosso	00
Goiás	00
Distrito Federal	00
Total Região Centro-Oeste: *04 publicações.*	
Acre	00
Amapá	00
Amazonas	00
Pará	00
Rondônia	01
Roraima	00
Tocantins	00
Total Região Norte: *01 publicação.*	
Espírito Santo	00
Minas Gerais	04
Rio de Janeiro	01
São Paulo	13
Total Região Sudeste: *18 publicações.*	
Alagoas	00
Bahia	01
Ceará	02
Maranhão	00
Paraíba	00
Pernambuco	00
Piauí	00
Rio Grande do Norte	00
Sergipe	00
Total Região Nordeste: *03 publicações.*	
Total de publicações no Brasil: *38 publicações*.	

Fonte: Sistematização elaborada pela autora.

Analisando as produções encontradas e cotejando com os eixos de distribuição do tratamento dado à consciência, elaboramos o seguinte gráfico:

Gráfico 1 – Porcentagem da distribuição das teses e dissertações encontradas por eixo



Fonte: Elaboração própria.

Como podemos identificar pelo gráfico 3, há um esvaziamento de estudos que buscam compreender a categoria consciência na obra de Vigotski. A maioria dos trabalhos busca sustentar-se em uma discussão sobre o processo de tomada de consciência e conscientização ou ampliar a discussão de outros conceitos/categorias. Em relação aos artigos, vimos uma mudança considerável. Isto se deve, em certa medida, pela nossa opção metodológica, de ter o termo "consciência" no título e/ou assunto. Desse modo, centramo-nos nos estudos em que a consciência fosse objeto de estudo, contudo, a maioria dos trabalhos já tem como referência uma compreensão *a priori* do que seria consciência. Nota-se a ausência de uma definição também a partir da obra de Vigotski, no qual, algumas produções recorrem a outros autores da Psicologia Histórico-Cultural na busca por essa definição.

Para além disso, a partir do levantamento preliminar das produções teóricas, identificamos que a maioria dos estudos que tem como objeto de investigação elementos que nos ajudam a iluminar a categoria consciência na obra do autor, sustentam sua análise teórica a partir de algumas obras específicas de Vigotski. Identificamos duas dissertações que visam discutir a questão da consciência como um objeto específico, contudo, a partir da relevância que a categoria consciência se apresentava a Vigotski, reconhecemos a

necessidade de compor coletivamente aos estudos que vem sendo produzidos na área. Além disso, identificamos que a partir das grandes ofensivas ideológicas faz-se necessário ampliar o debate em relação ao fundamento da consciência na obra de Vigotski, buscando compreender a categoria consciência pela via da concepção de homem proposta por Marx e Engels.

Em relação às produções encontradas (artigos, dissertações e teses), o gráfico a seguir visa apresentar a distribuição para identificar, ao longo dos anos, os avanços e retrocessos sobre o estudo da consciência.

Gráfico 2 – Distribuição das teses e dissertações ao longo dos anos

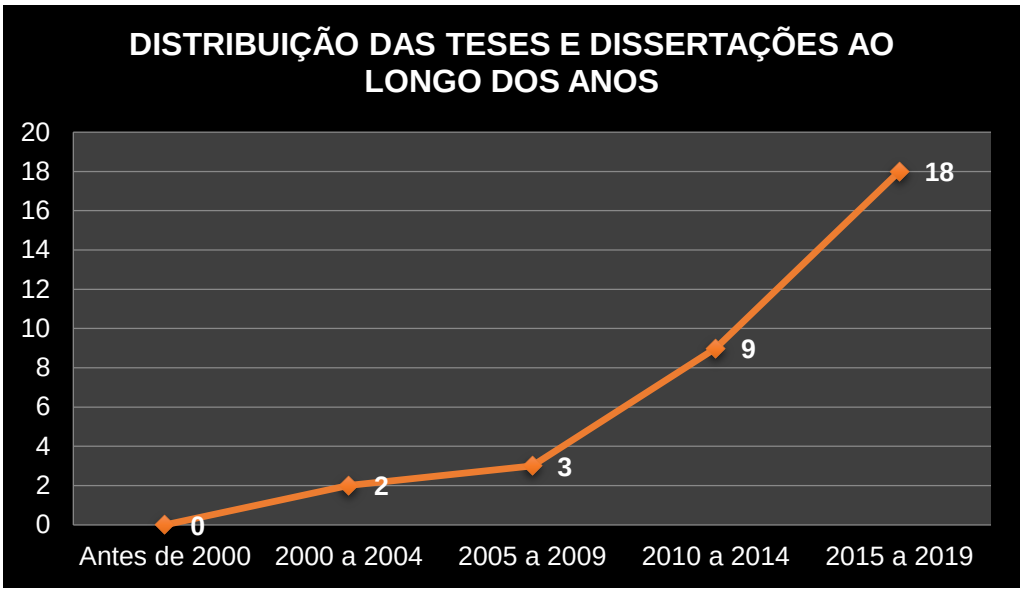
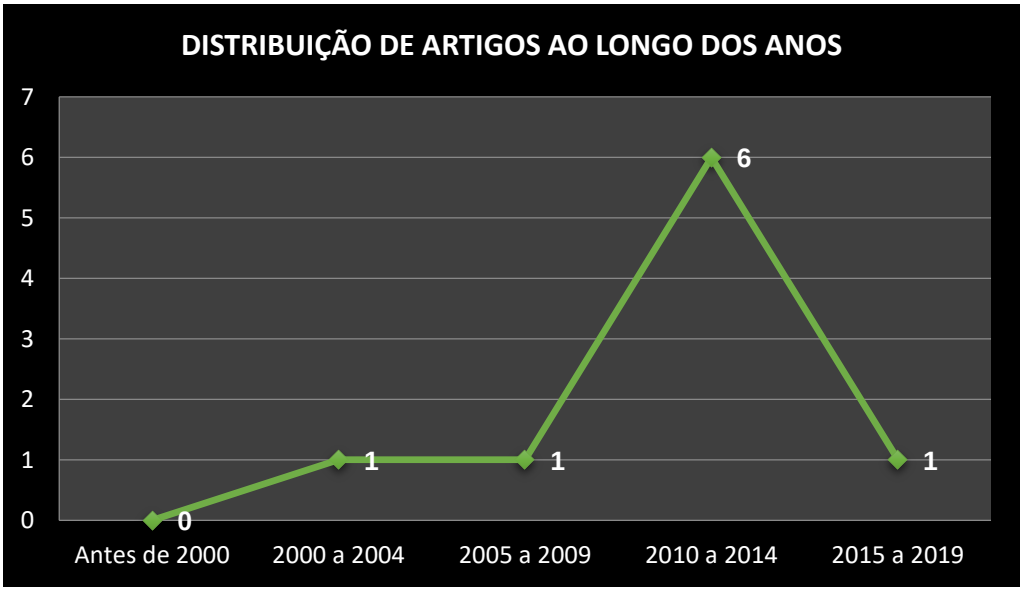


Gráfico 3 – Distribuição dos artigos ao longo dos anos



A partir das produções analisadas expressadas nos gráficos 2 e 3, identifica-se algo em comum. Inicialmente é a ausência de trabalhos anteriores ao ano 2000 que tratassem dessa discussão e um crescimento de produções a partir de 2010.

Nesses termos, nossa proposta de pesquisa visa elencar algumas reflexões centrais: Qual o papel da categoria consciência na obra de Vigotski? Como a consciência pode se articular a outras categorias e qual o seu lugar à teoria psicológica geral desenvolvida pelo autor? Como se desenvolve a consciência na perspectiva de Vigotski? Em que medida Vigotski significa e avança a compreensão de concepção de homem elaborada por Marx e Engels? Buscaremos, portanto, mapear nas obras do autor e identificar as elaborações de Vigotski sobre a categoria consciência, sobretudo a partir da compreensão desta em relação a concepção de homem da obra marxiana. Assim, a tese que defendemos é de que Vigotski parte de uma concepção de homem elaborada por Marx e Engels e incorpora por superação essa categoria buscando sustentar ontoepistemologicamente a categoria consciência nesse viés. Desse modo, podemos localizar a discussão sobre concepção de homem e a consciência, contribuindo para um possível aporte para a educação escolar.

A partir da concepção de que Vigotski visou uma preocupação fundamental em produzir um novo olhar ao ser humano, a categoria consciência pode ser a chave para a compreensão da totalidade do pensamento de Vigotski. Dessa forma, as questões fundamentais sobre o *devir* do indivíduo e o processo de domínio da conduta vinculado aos nexos, determinações e relações que são constituídas na sociedade em que vivemos, nos parecem de fundamental importância.

Partimos do pressuposto de que a obra de Vigotski produziu novos olhares e formas de compreensão sobre a formação do indivíduo e da sociedade pelo viés psicológico a partir de uma teoria que visava diferenciar as possibilidades humanas das dos animais, de modo a apresentar a complexidade do processo de humanização do indivíduo. Ou seja, o que torna ser humano *homem*. Em tempos em que o modo de produção capitalista continua sendo a referência para a humanidade produzir e reproduzir sua existência recorremos a um arcabouço teórico que nos permita identificar o processo de humanização, de acordo com a história e o desenvolvimento da humanidade. Vigotski, ao desdobrar uma visão histórico-social do desenvolvimento do psiquismo, não o fez desvinculado da produção de sua época.

No item subsequente, apresentamos questões conceituais e metodológicas que orientaram a realização da presente pesquisa. De acordo com Kopnin (1978) os objetivos teórico-metodológicos podem ser pensados a partir de: *I. Delinear conceitualmente o método adotado, perpassando por referências da Psicologia e do marxismo; II. Apresentar a estrutura metodológica da presente pesquisa; III. Desdobrar a compreensão de método e desenvolvimento do marxismo enquanto propósito de estruturação da pesquisa e das abstrações existentes.* A partir do desenvolvimento conceitual e metodológico, apresentamos, no terceiro capítulo, eixos retirados e interpretados das obras de Karl Marx e Friedrich Engels, no qual se destacam conceitos centrais desses autores que podem ter contribuído e *iluminado* à categoria consciência na obra de Vigotski. Buscando compreender como esses autores pensam o indivíduo, e, em consequência, a formação da consciência, nas limitações de formação humana orientada por meio de um modelo de sociedade que potencializa, paulatinamente, a impossibilidade do indivíduo dominar[28] a si mesmo e, por conseguinte, reconhecer nas possibilidades do movimento da história, condição para a transformação revolucionária da sociedade.

1.3 Questões conceituais e metodológicas

A presente pesquisa consiste no estudo da categoria consciência na obra de Vigotski à luz da concepção de homem de Marx e Engels. Por meio de um estudo teórico, busca-se estabelecer a partir do marxismo a relação do fenômeno em sua dimensão ontológica e epistemológica no tratamento ao objeto de estudo (MARTINS e LAVOURA, 2018). De acordo com Kopnin (1978), o domínio do ser humano sobre as leis da natureza e dos aspectos inerentes ao ser social, ocorreu, sobretudo, a partir do desenvolvimento da ciência. A ciência nesse entendimento é "[...] um sistema de conhecimento humano com objeto determinado e método de conhecimento" (KOPNIN, 1978, p. 20). No percurso de desenvolvimento da ciência desde a antiguidade, diferentes métodos foram sistematizados para buscar essa compreensão da realidade. O marxismo[29] enquanto método adotado na presente pesquisa tem como perspectiva central a busca pela

[28] Vygotski (2012) apresenta o conceito de domínio da própria conduta, no qual, em termos gerais, o desenvolvimento das funções psíquicas superiores permite o indivíduo instrumentalizar as suas ações da realidade de forma intencional e organizada fundamental para a liberdade humana e para a tomada de consciência de determinada situação. Discutiremos esses elementos em maior profundidade no capítulo quatro do presente trabalho.

[29] Ainda em que pese o debate das possíveis diferenças conceituais, utilizaremos como sinônimo os termos "Marxismo" e "Materialismo Histórico-Dialético",

compreensão do fenômeno em suas múltiplas determinações para além da lógica formal. Isto é:

> Ocorre precisamente que as categorias filosóficas do materialismo dialético não exercem influência sobre o desenvolvimento do conhecimento científico como o faz o dispositivo lógico-forma. Por isso elas são necessárias e dão ao pensamento aquilo que não pode dar a mais perfeita dedução lógico-forma, ou seja, elas podem servir de base para uma atividade sintética do pensamento, dirigir-lhe o movimento não de símbolo a símbolo, mas de um conceito a outro que apreende o objeto de modo mais profundo e multilateral. Ao avançar no sentido de novos resultados, o pensamento sempre segue os princípios da lógica formal, mas sem se limitar a eles (KOPNIN, 1978, p. 29).

A lógica imposta pelo marxismo exige, como podemos identificar pela citação acima, a incorporação da lógica formal ao mesmo tempo em que há a busca de superação dos limites da lógica formal em razão da *lógica dialética*. Dessa forma

> A fonte da capacidade que têm as categorias filosóficas para antecipar os futuros resultados da ciência e assim ultrapassar, de certo modo, os limites dos resultados imediatos da ciência de sua época radica no fato de que essas categorias filosóficas surgem e se desenvolvem com base na generalização de toda a experiência do conhecimento e da reconstrução prática do mundo, de que nelas se realiza a síntese (e não uma simples soma) do conhecimento derivado dos mais diversos campos da ciência (KOPNIN, 1978, p. 34).

Ao abordar questões conceituais referentes ao processo de entendimento da realidade, objetivamos desdobrar essa compreensão a partir da definição metodológica na presente pesquisa. Enquanto um estudo teórico de aprofundamento na obra de Vigotski, segundo Triviños (1987), torna-se fundamental identificar e compreender os nexos entre a produção teórica e as condições materiais, as relações estabelecidas pelo autor a partir da compreensão da sociedade e do indivíduo, é o que permite analisarmos o fenômeno em sua totalidade, identificando as suas principais características. Desse modo, "o objeto é assim captado em sua qualidade geral" (TRIVIÑOS, 1987, p. 74).

Nesse sentido, identificamos a categoria de consciência na obra de Vigotski, localizando-a na obra do autor e interpretando à luz do referencial teórico da concepção de homem de Marx e Engels. Dessa forma, o nosso estudo se caracteriza enquanto uma investigação teórico-bibliográfica. A tese que estrutura nossa investigação é de que a categoria consciência ocupa um papel central para o desenvolvimento da teoria, sobretudo quando articulado com outros conceitos elaborados pelo autor. Nesse sentido, para confirmação e/ou refutação da presente tese, nos estruturamos a partir da seguinte estrutura argumentativa:

1) O capítulo I é nosso ponto de partida de investigação. Evidencia-se que a atenção dada à consciência não é uma exclusividade de Vigotski ou mesmo da Psicologia. Diversas áreas do conhecimento já propuseram formas de interpretação e conceituação da consciência. A consciência, sobretudo, é uma explicação do que é o homem e quais seriam suas possibilidades de existência e produção da vida. Estamos diante de mais uma explicação da consciência. Todavia, o estudo da consciência sob tal perspectiva se insere sobre determinantes sociais específicos do momento histórico atual. Ou seja, fazemos a incursão para compreender a categoria consciência na obra de um autor inscrito em meados das décadas de 1920 e 1930. Com as devidas mediações, o nosso estudo, dentro outros de caráter teórico, pretende servir como fundamento para as diferentes áreas (dentre elas e educação).

No capítulo I desdobramos a problematização, abarcando questões introdutórias sobre os seguintes aspectos: (a) o que é consciência? (b) histórico do termo; (c) a discussão de autores de diferentes áreas sobre a consciência; (d) a realização de um estado da arte a partir de teses, dissertações e artigos publicados no Brasil que articulam descritores "Consciência" e "Vigotski" (em suas diferentes grafias); (e) delimitação conceitual e teórico-metodológica da tese. O objetivo central desse capítulo é nortear a existência da discussão sobre a categoria consciência desenvolvida na ciência e, em especial, no Brasil, através de artigos, teses e dissertações. A partir desse levantamento, foi identificado lacunas, avanços, ausências de discussões e organizado os desdobramentos possíveis. O aprofundamento a esses elementos pode ser encontrado nos anexos I e II.

2) No capítulo seguinte, o capítulo II, realizamos o aprofundamento na teoria marxiana para identificar a concepção de homem e de consciência formulada pelos autores, buscando, no momento posterior de análise, identificar as incorporações, avanços e superações propostos por Vigotski. A questão central que norteia nossa investigação nesse momento é: *como o homem alcança a qualidade de homem?* Nessa proposição, organizamos quatro eixos de análise: i. A natureza histórico-social do ser humano; ii. Natural e o social; iii. A compreensão do trabalhador no modo de produção capitalista e, por fim, iv. A concepção de homem na obra de Marx e Engels. O objetivo central nesse capítulo é compreender o processo qualitativo em que o ser humano se humaniza, e, portanto, a partir dessa concepção, compreender as sistematizações sobre a consciência do indivíduo nesse processo. Como posto em Veresov (2011) e Shuare (1990), o marxismo influenciou decisivamente a sistematização de Vigotski. A intenção em

desvendar essa articulação em Marx e Engels é identificar em que medida Vigotski apropria-se da síntese marxiana a que teve acesso em sua época, e, em que medida, a partir da síntese com outros autores, Vigotski inaugura uma sistematização sobre a consciência distinta da sistematização de Marx e Engels. O processo analítico de sua obra se dará, portanto, no terceiro capítulo.

3) No terceiro capítulo tratamos da discussão sobre a concepção de homem e da categoria consciência em primeiro plano na obra de Vigotski. Para isso, inicialmente, organizaremos a produção do autor para estabelecer alguns eixos de análise norteados por tais questões: (a) vida e obra de Vigotski; (b) como a categoria consciência surge na produção do autor? (c) em qual momento aparece a necessidade de discutir a consciência na produção de Vigotski? (d) em qual momento a discussão sobre consciência aparece como um desdobramento da concepção de homem e com maior predominância? Buscaremos *olhar* à categoria consciência como fundante e materialização de uma concepção de homem proposta pela Psicologia Histórico-Cutlural; (e) Identificar através do mapeamento outros conceitos que podem servir de auxílio para compreender a categoria consciência em Vigotski.

A presente tese se propõe a analisar as seguintes obras/textos:

(I) Obras Escolhidas – Tomo I (VYGOTSKI, 2013). Título original: *Sobrania Sochinenii Tom pervyii*. *Voprosy teorii ístorii psijologuii*.

(II) Obras Escolhidas – Tomo II (VYGOTSKI, 2014). Título original: *Sobrania Sochinenii Tom pervyii. Problemi obshei psijologuii.*

(III) Obras Escolhidas – Tomo III (VYGOTSKI, 2012c). Título original: *Sobrania Sochinenii Tom pervyii. Problemi Razvitia Psijiki.*

(IV) Obras Escolhidas – Tomo IV (VYGOTSKI, 2012a). Título original: *Sobrania Sochinenii Tom pervyii*. *Detskaya Psijologuia.*

(V) Obras Escolhidas – Tomo V (VYGOTSKI, 2012b). Título original: *Sobrania Sochinenii Tom pervyii*. *Osnovi Defektologuii*.

(VI) Obras Escolhidas – Tomo VI (VYGOTSKI, 2017).

(VII) Psicologia da Arte (VIGOTSKY, 2012). Título original: *Psikhologia iskusstva*.

(VIII) Sete Aulas de L. S. Vigotski sobre os fundamentos da Pedologia (VIGOTSKI, 2017). Título original: *Lektsii po pedologuii. Ijevsk: Izdatelskii dom "Udmurski universitet"*.

A partir das obras escolhidas, é possível identificar que temos como análise uma categoria central: a *consciência*. Nosso ponto de partida se dá na compreensão de que a categoria consciência aparece como discussão central mediada por outras categorias desenvolvidas pelo autor (como a questão da Atividade, Funções Psíquicas Superiores, Desenvolvimento Humano, Formação Humana, entre outras categorias e conceitos). Assim, organizamos a sua produção em cinco eixos:

(a) Emoções e Estética
(b) Problemas teóricos e metodológicos da Psicologia
(c) Funções Psicológicas Superiores
(d) Desenvolvimento Humano
(e) Fundamentos da defectologia

Para cada eixo, elaboramos subdivisões que emergiram a partir da leitura de Vigotski. Essas divisões têm como propósito abarcar e organizar conceitualmente o movimento que a categoria consciência faz no interior de seu texto ou obra de Vigotski.

Como ponto de partida para a construção da presente tese, partimos do pressuposto de que Vigotski não desenvolve uma teoria da consciência deslocada e/ou apartada dos demais conceitos, além do que a consciência seria uma categoria que se reelabora em função das definições teóricas do autor. Para captar o movimento de sua constituição, portanto, a conceituação da consciência perpassa, sobretudo, pela correlação da questão da consciência com as demais categorias. O processo de análise se deu através de quatro momentos:

O primeiro momento é o de mapeamento e localização histórica de Vigotski. Isto porque a produção de Vigotski também não é deslocada de um percurso histórico-cultural que lhe apresentou possibilidades e também limites. Assim, o contexto histórico, o local e as condições de sua produção é o primeiro momento de investigação, de modo a identificar as condições materiais no qual o autor desenvolve a sua obra, situando os textos analisados a partir de uma organização *não-linear*, de modo a articular as obras analisadas tendo como referência as citações diretas e indiretas sobre a categoria *consciência*.

Dessa forma, a datação tem um critério de localização do percurso de produção teórico-acadêmico de Vigotski que nos auxilia a compreender o momento pelo qual tal ideia, conceito e/ou categoria fora desenvolvido. Embora não tenhamos a pretensão de

apresentar ao leitor uma análise histórica, os elementos da existência perpassam observações possíveis em relação às produções de Vigotski.

O segundo momento é o de uma análise preliminar de seus textos e obra. A partir da leitura e organização do material bibliográfico, situamos sua produção distribuída dentro de um dos cinco eixos estabelecidos. Essa distribuição almeja identificar a discussão predominante do autor em determinado texto e em que medida o que desenvolve nos auxilia na explicitação de uma categoria central. Nossa preocupação com a organização dos textos nos eixos é o de identificar como a consciência emerge nas discussões, visando responder: a discussão sobre a consciência aparece? Como aparece? É uma discussão acessória? Dessa forma, há um primeiro momento de caráter descritivo acompanhado de uma organização intencional do texto e abertura de espaços analíticos via incorporação teórica de Marx e Engels.

O terceiro momento é a síntese e organização dos trechos, passagens e discussão em que a consciência aparece de forma explícita ou implícita, recorrendo às referências teóricas de Marx e Engels. Isto é, compreendemos que a definição de consciência perpassa, em certa medida, por uma definição do que é o homem e uma forma de compreensão do homem na realidade. A partir das sínteses de Vigotski, cotejamos aproximações, distanciamentos e limites do uso da teoria marxiana enquanto um fundamento para a elaboração da consciência em Vigotski.

No quarto momento, desdobraremos os achados por cada eixo de modo a refletir sobre a concepção de consciência presente na obra vigotskiana, apresentando ao leitor uma possível síntese do que fora identificados nos eixos supracitados.

Esses quatro momentos são acompanhados de desdobramentos nos cinco eixos. Ao final da exposição de cada um dos eixos, abre-se um tópico para tratar da síntese sobre o que fora identificado no eixo. Posteriormente, esses achados são articulados em uma análise unificada, que visa articular e interrelacionar o que fora discutido nos eixos de forma específica. Essa organização busca captar o fenômeno em movimento e, portanto, é fundamental a incorporação dos princípios do método marxista, como a totalidade, a contradição e a superação.

4) O quarto capítulo visa *retornar* ao problema da consciência em posse do acúmulo teórico-conceitual de Vigotski. Para subsidiar esse momento da discussão, apresentamos ao leitor uma síntese da concepção de homem de Marx e Engels e como, em nossa argumentação, incorpora-se e localiza-se a investigação sobre a consciência para Vigotski. Dialogando com compreensões sobre a definição da teoria vigotskiana e da

categoria consciência, coloca-se em tela os achados da presente pesquisa, revelando a articulação entre a consciência e os demais conceitos desenvolvidos por Vigotski ao longo de sua obra.

Prado Junior (1973) sintetiza que Marx elaborou, sobretudo, um método de compreensão e investigação do conhecimento. Para a operacionalização particular desse método, é necessário, sobretudo, compreender rigorosamente uma caracterização teórica, para além de uma descrição. Nesses termos, buscaremos explicitar o método científico utilizado, que nos orienta na condução do pensamento e na formulação do conhecimento. O método ilumina, portanto, os procedimentos metodológicos adotados. De acordo com o autor:

> [...] o conhecimento para Marx resulta de construção efetuada pelo pensamento e suas operações; e consiste numa "representação" mental do concreto (isto é, da parcela de Realidade exterior ao pensamento conhecedor, e por ele considerada), representação esta "elaborada a partir da percepção e intuição". Veja-se bem: "representação", e não reprodução, decalque ou outra forma da transposição de algo, da Realidade para o pensamento (PRADO JUNIOR, 1973, p. 43).

Nesse sentido, a compreensão do método adotado por Marx fundamenta a organização e o conhecimento. Para tal, apoiamo-nos no texto de Marx (2011) denominado *O método da economia política*, publicado pela primeira vez em 1857, que, de acordo com Prado Junior (1973), Netto (2011), Borba, Portugal e Silva (2008), Siqueira (2015) e Almeida (2018), encontram-se, nesse texto, elementos fundamentais para a compreensão do método marxiano. Para além da síntese de Marx, outros autores nos subsidiam para possíveis caminhos para a compreensão do método.

1.3.1 O método marxista

De acordo com Netto (2011), o método marxista constrói-se a partir da compreensão da *dialética*. Kopnin (1978) em diálogo com outros autores apresenta que a lógica dialética é constituída por leis básicas e leis não-básicas. Para além de uma definição imutável, a organização de leis auxilia minimamente na aproximação explicativa à categoria. Nessa perspectiva, as três leis básicas seriam: (1) *lei da unidade e luta dos contrários*; (2) *lei da transformação das mudanças quantitativas em qualitativas*; (3) *lei da negação da negação* (KOPNIN, 1978; ENGELS, 1979). Goldmann (1967) ressalta que "O materialismo dialético é uma concepção global do

homem e do universo; como tal, ele se contrapõe a grande número de concepções diferentes, ou mesmo opostas" (p. 47).

A via *dialética*, segundo Engels (2014), sustenta uma visão do fenômeno de acordo com as suas múltiplas determinações, as relações recíprocas, contraditórias e de avanço e retrocesso que compreendem a representação mais complexa do desenvolvimento da humanidade. Ou seja, diferentemente da teoria metafísica, uma análise dialética objetiva em compreender os fenômenos em seu *movimento*, determinante e determinado pelas condições a que está sujeito. Esse aspecto não é inaugurado pela teoria marxista, Engels (1877) revela que os indícios da dialética já se faziam presentes na Filosofia Pré-Socrática, em especial, em Heráclito de Éfeso (estima-se 500 a.C. - 450 a.C.), que apresentava a possibilidade de: "[...] tudo é e não é, pois tudo flui, tudo está sujeito a um processo constante de transformação, de incessante nascer e perecer" (ENGELS, 1877, p. 8).

Lowy (1978) apresenta que o marxismo oferece uma resposta e uma solução às problemáticas enfrentadas em sociedade. Enquanto método e concepção de mundo, o marxismo rompe com o positivismo. Em termos gerais, nas Ciências Sociais e Humanas, o positivista visa "[...] atingir a mesma neutralidade serena, imparcial e objetiva do físico, do químico e do biólogo" (LOWY, 1978, p. 10). Desse modo, a visão positivista de August Comte (1798 – 1857), de acordo com Lowy (1978) apresenta dois pontos que buscam ser superados pelo método marxista: (1) A sociedade pode ser compreendida e epistemologicamente relacionada ao entendimento da natureza. Ou seja, "na vida social reina uma harmonia natural" (LOWY, 1978, p. 10) e (2) A sociedade é explicada e organizada a partir de leis naturais, sendo essas "[...] leis Invariáveis, independentes da vontade e da ação humana" (LOWY, 1978, p. 10).

Na esteira dessa compreensão, o método apresenta implicações ideológicas que se evidenciam na reflexão e discussão de um problema. Tomamos como referência, portanto, o método marxiano para a presente tese. Esse aspecto é, sobretudo, uma posição ideológica, não neutra e teoricamente posicionada. Destarte, com o desenvolvimento da dialética na Filosofia, em especial em Hegel, Marx e Engels desenvolvem a análise dialética vinculada ao materialismo. Nessa direção, Lukács (2018) chama atenção, ao tratar do método, sobre a categoria *totalidade*. De acordo com o autor:

> A economia marxiana, ao contrário, parte sempre da totalidade do ser social e volta a desembocar nessa totalidade. Como já expusemos, o tratamento central e, sob certos aspectos, frequentemente imanente dos fenômenos econômicos

> encontra seu fundamento no fato de que neles deve ser buscada e encontrada a força motriz, em última análise, decisiva do desenvolvimento social em seu conjunto (LUKÁCS, 2018, p. 203).

A partir de uma pesquisa com perspectiva marxista, há a preocupação em estruturação e articulação entre *método-metodologia*, no qual, a operacionalização da pesquisa esteja em acordo com o método. O marxismo, a título de exemplificação, estrutura-se a partir de eixos que orientam diretamente a construção e a busca pelo conhecimento. Esse percurso de apropriação, denominado de *détour* por Kosik (1976), visa aproximar-se sucessivamente do fenômeno a partir da negação e superação da sua aparência, de modo a identificar o seu movimento concreto, real. Esses elementos podem ser identificados em:

(1) A construção do conhecimento enquanto um processo de conhecimento da realidade concreta e apropriação das condições objetivas da vida humana (KOPNIN, 1978);

(2) A unidade entre *sujeito-objeto*, a partir do movimento do conhecimento elaborado anteriormente pelo coletivo, bem como a identificação de novos resultados (KOPNIN, 1978);

(3) O conhecimento na condição de produção de novos sentidos a partir das leis da realidade objetiva (KOPNIN, 1978);

(4) "As leis e categorias da dialética, elaboradas no processo de desenvolvimento histórico que se constituem nas leis do movimento" (KOPNIN, 1978, p. 87);

Como observamos, Kopnin (1978) estabelece um caminho de leitura da realidade. O método de Marx e a posterior apropriação produziram diferentes formas de traduzir esses aspectos. Devido à limitação da pesquisa e o fato desses aspectos não serem alvos investigados, apresenta-se, no decorrer desse item, proposição que vão ao sentido de Kopnin (1978) ou diferenciam-se do autor, para, nesse processo de aproximação ao método, orientar o percurso da pesquisa.

Marx (2011) nos aponta algumas premissas sobre o método, que, quando descritas e interpretadas, aplicando-se a lógica dialética a cada uma dessas *orientações* de construção do conhecimento, nos serve enquanto referência de organização do método. Nesse sentido, Marx (2011) discorre sobre o método na economia política, trazendo seis elementos que nos auxiliam na sua compreensão.

O primeiro ponto refere-se ao *ponto de partida*. Isto é, por onde começar? De acordo com o autor, o ponto de partida é o real, aquilo que é concreto. O segundo ponto

relacionado ao primeiro, mas, qualificando esse ponto de partida, Marx (2011) aponta o que é possível ser compreendido desse real. De acordo com o autor, a primeira aproximação de um fenômeno, de um objeto ou de uma categoria é sempre uma aproximação à sua aparência, é uma aproximação à *representação caótica do todo*. Dessa forma, devemos submeter esse real ao processo analítico para superar a aparência e retornar ao objeto de análise à luz de suas múltiplas determinações. Isto é, nas palavras do autor a partir da exemplificação sobre o estudo de população:

> [...] por meio de uma determinação mais precisa, chegaria analiticamente a conceitos cada vez mais simples; do concreto representado [chegaria] a conceitos abstratos cada vez mais finos, até que tivesse chegado às determinações mais simples. Daí teria de dar início à viagem de retorno até que finalmente chegasse de novo à população, mas desta vez não como a representação caótica de um todo, mas como uma rica totalidade de muitas determinações e relações (MARX, 2011, p. 54).

A terceira premissa é a explicação do que é entendido por concreto, como podemos ver em Marx (2011, p. 54):

> O concreto é concreto porque é a síntese de múltiplas determinações, portanto, unidade da diversidade. Por essa razão, o concreto aparece no pensamento como processo da síntese, como resultado, não como ponto de partida, não obstante seja o ponto de partida efetivo e, em consequência, também o ponto de partida da intuição e da representação.

Como pode ser observado, ao analisarmos o ponto de chegada, apesar de ser o mesmo objeto, fenômeno ou categoria, não é. No ponto de chegada, é o objeto rico de determinações e relações não identificadas no ponto de partida. A quarta premissa de Marx (2011) revela o tratamento dado às categorias:

> [...] o movimento das categorias aparece, por conseguinte, como o ato de produção efetivo – que, infelizmente, recebe apenas um estímulo do exterior –, cujo resultado é o mundo efetivo; e isso – que, no entanto, é uma tautologia, é correto na medida em que a totalidade concreta como totalidade do pensamento, como um concreto de pensamento, é, de fato um produto do pensar, do conceituar; mas de forma alguma é um produto do conceito que pensa fora e acima da intuição e da representações, e gera a si próprio, sendo antes produto da elaboração da intuição e da representação em conceitos (p. 55).

No sentido do movimento dado à categoria, Marx (2011) aponta a necessidade de que o método teórico abarque o entendimento do sujeito vinculado à sociedade, já que esses dois elementos estão presentes no processo de representação. Ou seja, não compreendermos categoria e conceito de forma isolada e estanque. A quinta premissa

reside na compreensão de que os objetos, os fenômenos, conceitos e categorias têm uma história. Essa história pode ser anterior ao modo de produção vigente. Isso significa que ao tratarmos de algo aparentemente simples, esse simples pode expressar relações determinantes de uma totalidade ainda não compreendida (MARX, 2011).

Essa premissa relaciona-se com a ideia apresentada por Marx (2011) sobre a expressão das categorias. De acordo com o autor, as categorias expressam e estabelecem relações que, ao mesmo tempo em que mostram *a si*, evidenciam, na mesma medida, também a estrutura e a organização da sociedade e das relações de produção. Isto é, um objeto, fenômeno ou categoria carrega-se também a história de proposições já superadas, bem como resíduo daquilo que ainda não fora superado.

Goldmann (1967) apresenta que:

> O pensamento dialético afirma, em compensação, que nunca há pontos de partida absolutamente certos, nem problemas definitivamente resolvidos; afirma que o pensamento nunca avança em linha reta, pois toda a verdade parcial só assume sua verdadeira significação por seu lugar no conjunto, da mesma forma que o conjunto só pode ser conhecido pelo progresso no conhecimento das verdades parciais (p. 5-6).

Do ponto de vista do método, Goldmann (1967) elucida que um problema nunca estaria *acabado*, tanto do ponto de vista de análise do seu conjunto, quanto de seus elementos. Nessa compreensão, o pensamento é um aspecto parcial da realidade. No processo de conhecimento, a realidade torna-se *menos desconhecida*, mais concreta e menos abstrata. Caminha-se na condição em possibilitar a separação entre o que é essencial e o que é acidental em um objeto e/ou fenômeno, e, nesse processo, constituir o caminho dos elementos em seu conjunto, na relação entre as *partes* e o *todo*. Para o autor, o acidental não deve ser ignorado, mas, só é possível compreender o que é acidental a partir do que é essencial (GOLDMANN, 1967).

Goldmann (1967, p. 21-22) sistematiza um caminho para a compreensão de uma obra e/ou pensador a partir dessa lógica, qual seja:

> [...] toda grande obra literária ou artística é expressão de uma visão do mundo, um fenômeno da consciência coletiva que alcança seu máximo de clareza conceitual ou sensível na consciência do pensador ou do poeta. Estes últimos a exprimem, por sua vez, na obra estudada pelo historiador que se serve do instrumento conceitual que é a visão do mundo; aplicada ao texto, esta última lhe permite identificar: a) O essencial nas obras estudadas por ele; b) A significação dos elementos parciais no conjunto da obra.

O método marxista, nesse processo relatado por Goldmann (1967), não está apenas no movimento de ir à obra com uma visão imediatamente perceptível e retornar em seguida, após o estudo conceitual, para uma compreensão concreta do texto. Esse fator é uma parte do método, contudo, é necessário que esse *retorno* esteja também fundamentado em uma visão de mundo, retirando os aspectos que forem voltados para uma análise arbitrária, especulativa e/ou metafísica (GOLDMANN, 1967).

A ciência, no método marxista, está à serviço, portanto, do esclarecimento dos objetos e fenômenos para além de sua aparência e, necessariamente, a aplicação desse método exige a tentativa de superação do apagamento que emerge na aparência e não demonstra a totalidade do fenômeno. Daí a importância do uso rigoroso do método.

> Na vida cotidiana, os fenômenos frequentemente ocultam a essência do seu próprio ser em lugar de iluminá-la. Em condições históricas favoráveis, a ciência pode realizar uma grande obra de esclarecimento nesse terreno, como acontece no Renascimento e no Iluminismo. Podem, todavia, verificar-se também constelações históricas nas quais o processo atua em sentido inverso: a ciência pode obscurecer, pode deformar indicações ou mesmo apenas pressentimentos da vida cotidiana (LUKÁCS, 2018, p. 204).

Nesse sentido, ao pensarmos sobre a nossa investigação, temos como preceito o entendimento da consciência na obra de Vigotski. Na condição, o ponto de partida é a "consciência" enquanto uma categoria caótica, que faz parte da realidade concreta, mas, imediatamente, não apresenta em si a totalidade das relações. A construção objetiva, em decorrência do método, transformar essa categoria, quando no seu ponto de chegada, a representação do caótico de forma organizada, manifestando, ao final, o *concreto pensado*, depois de ter sido submetido à abstração, ao processo analítico. Dessa forma, o processo analítico dessa categoria precisa conduzir a superação da aparência, e, portanto, a opção é colocar essa categoria, interpretando-a a luz do referencial teórico e conceitual da categoria "concepção de homem" existente em produções de Marx e Engels.

Em via de identificação da consciência em seu ponto de partida a partir do método, temos como referência de que a consciência se estrutura a partir da vida social (LUKÁCS, 2003; GOLDMANN, 1978; MARX e ENGELS, 2007). Pela teoria marxista, essa compreensão de consciência já está dada. Ao olharmos para a obra de Vigotski na busca pela interpretação da consciência, é necessário identificar esse nexo com a teoria que a precede, e, em especial, os elementos inerentes à obra que avançam nesse entendimento. Desse modo, para identificar esse processo, optamos pela identificação da concepção de homem existente em Marx e Engels, por compreender que essa construção teórica pode

ter servido enquanto instrumento de construção da obra de Vigotski. Sobre a relação entre consciência e o ser social, sinalizamos a citação de Goldmann (1978, p. 30-31):

> Se, com efeito, concebemos a vida social como um conjunto de processos graças aos quais os grupos humanos tentam realizar um equilíbrio satisfatório e coerente com o seu ambiente social e natural, processos no interior dos quais os fatos da consciência constituem um elemento simultaneamente essencial e não autônomo, é necessário compreender que tanto os processos de conjunto como o seu setor consciente chocam com inúmeros obstáculos relativos aos acontecimentos ou às estruturas mais ou menos duráveis que constituem a realidade empírica deste mundo ambiente, obstáculos que não se mantém puramente exteriores, mas antes têm uma ação deformadora sobre a consciência do sujeito.

Depois de identificadas questões sobre o método marxista, prosseguimos com essa discussão no decorrer do segundo capítulo, no empreendemos esforços na compreensão e interpretação da concepção de homem na obra de Marx e Engels. Para a organização teórico-conceitual dos elementos identificados, construímos três eixos para a síntese dessa compreensão. O primeiro eixo visa identificar a natureza do ser social, isto é, o processo de sua constituição histórico-social. O segundo eixo manifesta-se na compreensão entre o que é natural e o que é social, refletindo sobre a relação do homem com a natureza e o impacto dessa relação para a constituição do indivíduo. Por último, o terceiro eixo abarca as discussões relativas à concepção de homem no modo de produção capitalista, colocando em destaque a ideia de produção, trabalho, alienação e fetichismo. Para a abertura do capítulo, há uma breve aproximação à biografia dos autores, contextualizando as obras estudadas para a formulação dos eixos. Enquanto fechamento do capítulo e ligação com o terceiro capítulo, trataremos especificamente da relação entre *concepção de homem–consciência* na obra de Marx e Engels.

CAPÍTULO DOIS – A CONCEPÇÃO DE HOMEM EM MARX E ENGELS

Os pressupostos do marxismo e os autores vinculados a esta corrente buscaram, em diferentes momentos da história, contribuir para a elucidação da relação entre o *ser humano* e a *sociedade*[30], na busca pelo entendimento da raiz de constituição do homem e da sociedade. Isto é, não bastaria *conhecer* o indivíduo, mas, identificar pela Filosofia, História, Sociologia, Psicologia, Economia, etc., o que torna o ser humano *homem* e o que está no cerne da construção de uma sociedade. Dessa forma, como característica, o marxismo, enquanto pressuposto social implementado, visa, para além dos estudos acadêmicos, entender o indivíduo pelas relações sociais estabelecidas entre os homens e a natureza, e, entre os indivíduos simultaneamente e de forma interligada.

Contrário ao determinismo biológico, Vigotski (1930) sinaliza que no decurso do desenvolvimento do homem, biologicamente, o ser humano alterou-se muito pouco. Ou seja, o avanço da forma de produção da humanidade não aconteceu decorrente do processo de evolução biológica. Para compreendermos a consciência do indivíduo, nesse aspecto, devemos olhá-lo a partir da sua condição enquanto *ser humano* e, desse modo, à luz de uma concepção de homem que esteja vinculada à compreensão de que a consciência é um *produto social* da humanidade (MARX; ENGELS, 2007). Temos como princípio investigativo de que a concepção de homem em Karl Marx (1818-1883) e de Friedrich Engels (1820-1895) pode iluminar o desenvolvimento da categoria consciência na obra de Vigotski.

Corbisier (1980) apresenta uma relação entre o homem e a consciência na obra marxiana, já que o homem está relacionado ao trabalho e, o trabalho se manifesta a partir da identificação de finalidades, da relação entre os fins e os meios adequados à sua realização. Isto porque

> [...] a consciência do animal jamais transcende aquilo que o animal faz, é uma consciência imanente a esse fazer que dele não se desliga para convertê-lo em objeto, como ocorre com o homem, que, antes de começar a trabalhar, sabe o que vai fazer, como e por que o vai fazer (CORBISIER, 1980, p. 17).

[30] Lowy (1978) em citação à Marx sinaliza que é necessário compreender o conceito de "Sociedade" para além de uma abstração relacionada ao indivíduo. Segundo o autor, há um erro de compreensão sobre esta enquanto algo especial, ou autônomo, no qual se desconsidera a vida coletiva enquanto uma ação mútua de vidas individuais que a formam.

Dessa forma, o presente capítulo reside em nos debruçarmos na concepção *ontoepistemológica* que orienta a presente pesquisa, nos fundamentos de produções marxianas de Karl Marx e de Friedrich Engels na tentativa de captar a concepção de homem existente na obra dos respectivos autores nas seguintes obras: "*A Ideologia Alemã*", "*Grundrisse: manuscritos econômicos de 1857-1858*", "*A Sagrada Família*", "*Manifesto Comunista*", "*A Origem da família, da propriedade privada e do Estado*", "*A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*", "*Do Socialismo Utópico ao Socialismo científico*", "*Anti-Dühring*", "*Dialética da Natureza*", "*O Capital*", "*Manuscritos econômico-filosóficos*", "*O 18 de Brumário de Luís Bonaparte*" e "*Miséria da Filosofia*". A partir dessas obras buscaremos localizar a concepção de homem discutindo três eixos: **(I)** o homem e a sua constituição histórico-social; **(II)** o homem e a natureza; **(III)** o homem trabalhador no capitalismo.

Para a organização inicial, buscamos compreender um breve histórico dos autores no contexto de suas produções através de três biografias centrais, de Karl Marx, um texto denominado "*Uma breve biografia de Karl Marx*", elaborado por Engels e publicado pela primeira vez em edição alemã em 1878 e, no Brasil, pela Boitempo em 2019 e o livro denominado "*Karl Marx*" de autoria de José Paulo Netto, publicado em 2020 pela editora Boitempo. Referente à biografia de Friedrich Engels, optamos pelo livro "*Friedrich Engels: uma biografia*" de autoria de Gustav Mayer publicado em nosso idioma em 2020 e, posteriormente, desenvolvermos conceitos fundamentais à compreensão da concepção de homem disposta nos três eixos supracitados.

2.1 A vida e obra de Friedrich Engels e de Karl Marx: breve aproximação

A partir da compreensão do método, identifica-se que a produção de uma teoria não pode ser desvinculada da história conjectural no qual fora produzida. Isto é, conhecer as condições que cercaram os autores que tomamos como referência nos auxilia a olhar aos conceitos produzidos por sua teoria e colocá-los à luz do contexto histórico. Estamos tratando, portanto, não apenas da trajetória individual, mas, de aspectos que podem ter influenciado a produção acadêmico-científica de Engels e Marx.

Mayer (2020) pontua, ainda no prefácio, a ausência de biografias que tratam da vida de Friedrich Engels[31], isto porque, segundo o autor, o marxismo "[...] se desenvolveu

[31] Trataremos Friedrich Engels a partir de seu sobrenome, Engels, exceto quando houver a presença de outros familiares do autor que possa gerar entraves para a compreensão, então, adotaremos, excepcionalmente, o seu primeiro nome.

a partir do trabalho conjunto de dois homens. Contudo, como regra, apenas um dos dois é lembrado: aquele que lhe deu o nome" (p. 27). A proposta de Mayer (2020) visa olhar à Engels, em especial, enquanto *homem* e enquanto *político*, sem a preocupação de elucidar as questões teóricas em primeiro plano, ainda que haja um esforço em apresentá-las no decorrer da vida de Engels.

Engels, em sua origem, pertencia à classe burguesa. Devido ao seu avô, a família de Engels possuía algumas propriedades que cresceram ao longo do tempo. Embora Mayer (2020) relate que as posses de sua família e os negócios estavam vinculadas a demandas da classe oprimida, a família de Engels possuía um alto poder aquisitivo, inclusive indústrias que "Apesar de grandes dificuldades, conseguia fornecer às suas empresas alemãs máquinas inglesas superiores, que não eram usadas por seus concorrentes" (MAYER, 2020, p.30). Esse elemento demonstra que a família de Engels se posicionava em um lugar social de destaque, que, embora de forma contraditória, pode ter contribuído para a formação humana de Engels, na identificação de questões sociais que separava a sua família dos demais trabalhadores.

Segundo Mayer (2020), Friedrich nasceu quando seu pai tinha vinte e quatro (24) anos. Como expresso, seu pai adveio de uma família de comerciantes e sua mãe vinha de uma família que valorizava os conhecimentos acadêmicos. Os relatos históricos apresentam que Engels teve uma formação densamente religiosa e autoritária, inclusive, Mayer (2020) pontua que Engels é visto nos relatos da família como uma criança *rebelde*. Não há uma qualificação sobre o entendimento de rebelde. Todavia, pelos escritos posteriores, identifica-se a possibilidade de que Engels, de alguma forma, distanciar-se dos negócios da família, inclusive na compreensão sobre a sociedade. Algumas situações observadas por Engels podem ter contribuído para a sua formação, como podemos ver no trecho a seguir.

> Todos os dias, o menino [Friedrich Engels] ia à escola passando por fábricas onde trabalhadores em salas de teto baixo "respiravam mais fumaça e poeira do que oxigênio", onde as crianças eram aprisionadas a partir dos seis anos de idade para serem "vítimas da exploração capitalista"; passando pelas casas de artesãos domésticos, curvados da manhã até a noite sobre os teares, as costas assando diante do forno quente; passando pelos "carregadores", a escória do proletariado, miseráveis, sem teto, cegados e arruinados por destilados baratos, dormindo em estábulos vazios ou sobre montes de esterco (MAYER, 2020, p. 33).

Mayer (2020) pontua que Friedrich Engels não se sentia mero espectador das misérias que assolavam a classe trabalhadora, mas conviveu durante sua formação com o discurso do ponto de vista do patrão, já que seu pai era dono de fábrica. Isso fez com que Friedrich conhecesse, desde sua infância, a face mais sombria da natureza do capitalismo materializada no funcionamento das fábricas. Sensível a essas questões, Engels decide por não cursar Direito, bem como posicionar-se em desacordo aos planos que sua família tinha para ele. Apesar de almejar a vida de escritor, Engels recebe treinamento para a fábrica de seu pai, visando que, posteriormente, pudesse assumir o seu posto frente à direção da indústria. Durante o treinamento em diferentes localidades enviado pelo seu pai, Friedrich escreve para alguns jornais sob um pseudônimo. Durante todo esse processo, "Sua consciência social latente se agitava quando via homens, mulheres e crianças, doentes e mal alimentados, amontoados como arenques entre os conveses" (MAYER, 2020, p. 37).

Emergido a este contexto, Engels compreende que as questões políticas vinculadas ao processo mercantil eram, na verdade, conflitos sociais. Essa condição leva Engels a se aprofundar em leituras, o que despertou ainda mais o seu senso crítico diante das produções de sua época. Encontrou em Hegel uma influência significativa para a sua formação, o que contribuiu decisivamente para o distanciamento de Engels diante da religião. Por algum tempo, integrou dois movimentos, literário e filosófico, denominados, respectivamente, "Jovem Alemanha" e "Jovem Hegelianismo". Impulsionado pela ação transformadora e da escrita revolucionária, já se anunciava enquanto ateu (MAYER, 2020).

As leituras e os contatos de Engels com a produção filosófica o aproximaram das sistematizações de Feuerbach, e, nesse processo, Engels caminha no sentido de apropriação da necessidade de superar alguns conhecimentos tidos até então. No decorrer do tempo, visualiza a necessidade em unir os comunistas ao redor da Europa, já que "Membros individuais do movimento cartista já tinham externado a necessidade de que os proletários de diferentes países se tornassem conscientes de sua comunidade de interesses" (MAYER, 2020, p. 55).

Ainda de acordo de Mayer (2020):

> Ele viu que a propriedade privada era o fator mais importante na história, a questão central de todas as revoluções, consequentemente, não via mais a sociedade subordinada ao Estado, mas o Estado como subordinado à sociedade (p. 55).

Mayer (2020) dedica-se a compreender como se deu a aproximação de Engels a Marx, problematizando algumas questões, como a visão do Engels como mero "coadjuvante". Como expresso na citação a seguir, fundamenta-se a ideia de contribuição mútua entre os autores, inclusive, do ponto de vista da formação humana e da construção de uma amizade.

> Viram que se complementavam e que seu desenvolvimento espiritual tinha seguido a mesma linha. Ficaram felizes ao perceber que seriam companheiros nessa caminhada no futuro porque, um independente do outro, tinham formado as mesmas visões de seu objetivo e do caminho em direção a ele. Sabiam que só poderiam alcançar seu fim comum compartilhando seu conhecimento e sua força (MAYER, 2020, p. 56).

Essa unidade construída entre os autores se reflete em uma parceria que permaneceu estável mesmo diante de tantas mudanças. Em cartas analisadas, verifica-se o apreço de Engels à Marx, sinalizando a inexistência de uma polêmica com a ideia de subordinação de Engels em relação à Marx. As cartas apresentam a importância da condução teórica que Marx deu a Engels, bem como temáticas que Engels deu uma contribuição efetiva a Marx. Assim, o pensamento de um e do outro e dos dois juntos foi sendo construído ao longo do tempo.

Sobre a vida de Karl Marx, em posse de duas sistematizações biográficas, buscamos identificar elementos centrais, sem, contudo, apresentar uma proposição cronológica de sistematização. De antemão, tomamos como referência a síntese de Netto (2020) que sustenta uma leitura de Marx a partir de sua unidade. Isto é, não divide a contribuição do autor entre *jovem Marx* e o *Marx da maturidade*, mas sinaliza que a teoria marxiana foi elaborada em mais de dez anos, marcada por um processo de "giros e revisões, continuidades e mudanças" (p. 48).

Especificamente sobre a vida de Marx, Engels (2019) apresenta que Marx, filho de Heinrich Marx (1782-1838) e Henriette Pressburg (1787-1863) (NETTO, 2020), nasceu em Trier, na Alemanha, no ano de 1818 e começou os estudos em ciências jurídicas em Bonn e Berlim, contudo, logo se dedicou a duas áreas do conhecimento: a história e a filosofia. De acordo com Netto (2020), foi na Alemanha que Marx passou a sua infância, adolescência e o início de sua vida adulta. Sobre a relação com a família, Netto (2020, p. 59) pontua que:

> Heinrich Marx provinha de uma família de judeus radicados na região desde os fins do século XVII, que dera à comunidade vários rabinos; Henriette Pressburg descendia de uma família judia originária da Hungria, que se estabeleceu na Holanda no século XVIII e trouxe para o casamento um dote substancial. Os dois eram personalidades muito diferentes, e muito diferente foi a relação que Marx manteve com cada um: com a mãe, zelosa guardiã de valores (os financeiros também) familiares e domésticos, um trato distanciado e difícil; com o pai, que sempre estimulou seus interesses intelectuais, sem prejuízo de duras admoestações recebidas, um diálogo amistoso e fecundo, marcado por mútuo respeito e admiração.

No decorrer dos anos, Marx escrevia para diferentes jornais e pelos escritos socialistas que passou por diferentes países da Europa. Engels (2019) relata a ida de Marx à Bruxelas, devido a sua expulsão da França e, nesse processo, a participação ativa na organização de trabalhadores alemães. Essa vivência prática o levou a, posteriormente, a ingressar na Liga dos Comunistas, em 1847. Nessa liga a "estrutura toda foi revirada; aquela associação, até então mais ou menos conspiratória, transformou- se em uma simples organização de propaganda comunista – mas clandestina por necessidade –, a primeira organização do Partido Social-Democrata Alemão". (ENGELS, 2019, p. 5). Em razão da reação truculenta sofrida pela liga, por volta de 1853, Marx deixa a Liga e passa a dedicar-se aos estudos de economia política, estudos esses que acompanharão Marx pelos próximos dez anos de sua vida (ENGELS, 2019).

> O primeiro fruto dos muitos anos de estudos econômicos foi publicado em 1859: Contribuição à crítica da economia política, primeiro caderno. Esse escrito contém a primeira exposição coerente da teoria marxiana do valor, incluindo a teoria do dinheiro (ENGELS, 2019, p. 8).

Em 1867 fora publicado, em Hamburgo, o Livro I de O Capital que se torna "obra mais importante de Marx, na qual ele expôs os fundamentos de suas concepções econômico-socialistas e os principais traços de sua crítica da sociedade atual, do modo de produção capitalista e de suas consequências" (ENGELS, 2019, p. 8-9) e, segundo Netto (2020), "o lançamento do primeiro livro de O capital não passou em branco: teve alguma repercussão entre intelectuais e vanguardas trabalhadoras" (p. 496). Em relação a este aspecto, há um debate acumulado. Uma das interpretações sobre a produção de Marx é considerado apenas enquanto mais um economista clássico que propôs uma sistematização. Outra interpretação dialoga com os preceitos de Engels (2019) e de Netto (2020), apontando que, de fato, Marx fez um completo desmantelamento dos clássicos com a análise e crítica profunda do capitalismo (LOPES, 2014).

De acordo com Engels (2019), Marx inaugura duas ideias relevantes para a humanidade. A primeira ideia refere-se ao processo explicativo da realidade. Isto é, na busca pela compreensão do entendimento dos fenômenos na história, havia a tentativa de identificar a causa a partir das ideias dos seres humanos. Contudo, não se questionava o que originava determinadas ideias, bem como quais seriam as forças motrizes das mudanças existentes, como as políticas, por exemplo.

> Marx comprovou, enfim, que toda a história, até agora, tem sido uma história de luta de classes e que todas as lutas políticas – frequentes e complexas – representam apenas lutas pela dominação política e social por parte de classes da sociedade, sendo que a classe mais antiga afirma a dominação, enquanto a mais nova e ascendente tenta conquistá-la. Como surgem e como se mantêm, por sua vez, essas classes? Surgem a partir das respectivas condições materiais, deveras sensíveis, sob as quais a sociedade, em determinada época, produz e troca meios de subsistência (ENGELS, 2019, p.10).

De acordo com Engels (2019), nessa perspectiva, à medida que as classes sociais passam a ser ponto de partida explicativo para a história, a causa dos fenômenos e a sua raiz foram postas às claras enquanto fenômeno social. Esse aspecto, apesar de não ter sido descoberto por Marx, serve como ponto de partida para compreensão do processo de constituição dos seres humanos, no qual, para o Marx, residia no trabalho a condição fundamental para o ser humano produzir a sua própria história, bem como constituir culturalmente o mundo em que vive. Nesse sentido, é necessário "comer, beber, morar e se vestir, ou seja, *trabalhar* antes de poder lutar pela dominação, antes de poder fazer política, religião, filosofia etc." (ENGELS, 2019, p.11).

Além dessa primeira descoberta, a segunda apresenta a partir do (2) esclarecimento da relação entre capital e trabalho: Marx demonstrou como acontece a exploração do trabalhador pelo modo de produção capitalista.

> [...] o modo de produção capitalista atual pressupõe a existência de duas classes sociais; de um lado, a dos capitalistas, que possuem os meios de produção e de vida; de outro, a dos proletários, que, impossibilitados de possuir esses meios, só têm uma mercadoria para vender, sua força de trabalho. Estes precisam vender sua força de trabalho àqueles a fim de obter seus meios de vida. No entanto, o valor de uma mercadoria é determinado pela quantidade de trabalho socialmente necessária incorporada em sua produção e, portanto, em sua reprodução; logo, o valor da força de trabalho de uma pessoa média durante um dia, um mês ou um ano é determinado pela quantidade de trabalho incorporada nos meios de vida necessários para a manutenção dessa força de trabalho em um dia, um mês ou um ano (ENGELS, 2019, p. 13).

O trabalho gera, nesse processo, um *mais-valor*[32]. Assim, o capitalista não paga pelas horas trabalhadas em sua totalidade, isto é, o trabalhador trabalha mais tempo do que o necessário para determinada produção. Essas horas não pagas retornam para o capitalista enquanto *mais trabalho*. Nas palavras de Engels (2019, p. 13):

> Assim, o trabalhador a serviço do capitalista não reproduz apenas o valor de sua força de trabalho – que lhe é pago –, mas produz também um mais-valor, que, a princípio apropriado pelo capitalista, se distribui posteriormente por toda a classe capitalista de acordo com determinadas leis econômicas, formando a base da qual surgem a renda da terra, o lucro, a acumulação de capital, enfim, todas as riquezas consumidas ou acumuladas pelas classes ociosas.

Netto (2020) sinaliza a relevância da produção de O Capital, em especial que inaugura e ultrapassa uma compreensão sobre o entendimento de força de trabalho e o processo de força de trabalho transformada em mercadoria. Nas palavras do autor:

> Ora, a força de trabalho, tornada mercadoria, como qualquer mercadoria tem valor de uso e valor de troca; seu valor de troca tem expressão monetária, o salário, que é sempre (mesmo em escala variável) inferior ao valor total produzido pelo seu uso por parte do capitalista. Marx desvela a fronteira, imediatamente imperceptível, entre a parte da jornada de trabalho em que se produz o quantum de valor preciso para cobrir o valor de troca da força de trabalho (tempo de trabalho socialmente necessário) e a parte em que se dá a criação de um quantum de valor suplementar (tempo de trabalho excedente) (NETTO, 2020, p. 501).

A partir de Engels (2019), Netto (2020) e Mayer (2020), pode-se dizer que Karl Marx e Friedrich Engels, respectivamente, compunham uma unidade teórica, analítica, política e ideológica, resguardadas às diferenças do trajeto conceitual que cada autor perpassou ao longo de sua vida. Em relação ao legado deixado por Marx e Engels, diferentes pesquisadores buscaram compreender o impacto das obras e a organização que fundamentou as diversas sínteses. A exemplo disso, Hobsbawm (1980) pontua que um número significativo de obras de Marx foi publicado postumamente. Todavia, obras

[32] Há uma discussão teórica entorno ao termo. O termo "*mais-valor*" traduzido do termo alemão "*Mehrwert*" foi também traduzido para o termo "*mais-valia*". Este último era e ainda é utilizado densamente por marxistas brasileiros. Em que pese o debate existente, há autores que defendem que o termo mais-valia continua sendo critério explicativo da categoria de Marx. Mais recentemente, Duayer, na apresentação da publicação pela Boitempo em 2011 de *Grundrisse*, apresenta que o termo mais adequado em referência ao alemão seria "mais-valor". Reconhecemos a importância dessa discussão sobre a tradução, contudo, a presente pesquisa não tem como possibilidade o desenvolvimento dessa discussão. Faremos o uso do termo mais-valor ou mais-valia garantindo a fidedignidade e diálogo com os tradutores dos textos de Marx nos tópicos à frente em que buscaremos discutir a questão da produção para a concepção de homem. Para detalhes desse debate, sugerimos a leitura de Teixeira (2020) que visa sintetizar a discussão existente.

socializadas pelo autor à sua época tiveram uma influência decisiva na formação marxista. Como visto em Netto (2020) e Mayer (2020), Marx e Engels escreveram diversos textos publicados em jornais. Vejamos a organização proposta por Costa Neto (2010):

Quadro 2 – Obras de Marx e Engels publicadas em vida

Marx	**1845** *A Sagrada Família* (em conjunto com Engels) **1847** Miséria da filosofia **1848** Manifesto do Partido Comunista **1852** Dezoito Brumário de Luis Bonaparte **1859** Contribuição à crítica da economia política **1860** Herr Vogt **1867** O capital, Livro I **1871** A guerra civil na França **1873** O capital, Livro I (2.ed.) **1872-1875** O capital, Livro I (tradução francesa em fascículos).
Engels	**1845** A situação da classe operária na Inglaterra **1878** Anti-Dühring **1880** Do socialismo utópico ao científico **1884**

	A origem da família, da propriedade privada e do Estado **1886** Ludwig Feuerbach e o fim da filosofia clássica alemã

Fonte: Elaboração própria baseado em Costa Neto (2010).

Alguns textos de Marx foram publicados postumamente por Engels e, depois da morte de Engels, uma obra que chama atenção que fora publicada através de um manuscrito deixado por Engels é a obra *Dialética da Natureza*. Próximo ao nosso objeto de estudo, é importante ressaltar um momento pelo qual se deslocam publicações de textos de Marx e Engels da Alemanha para a Rússia. Entre 1917-1939/1941, foram traduzidas diferentes obras, como podemos ver na citação a seguir:

> O plano de Riazanov estabelecia a publicação de 42 volumes e estava dividido em três partes: a primeira parte previa a publicação do conjunto dos escritos de Marx e Engels em 17 volumes; na segunda parte, seria publicado o conjunto dos manuscritos de Marx, desde 1857, associados ao projeto de Crítica da Economia Política, em um total de 13 volumes; e, por fim, a terceira parte reuniria o conjunto da correspondência de Marx e Engels em um total dez volumes [...]. Da totalidade dos volumes previstos, foram publicados somente sete da primeira parte (o primeiro em dois tomos), que reuniam as obras escritas entre 1843 e 1848, entre as quais cabe destacar os importantes manuscritos da juventude de Marx (Introdução à crítica do direito de Hegel e Manuscritos econômico-filosóficos de 1844) e a Ideologia alemã, de Marx e Engels; destes, foram publicados por Riazanov os volumes I e II e os restantes por Adoratski. Da terceira parte foram publicados apenas quatro volumes, que reuniam a correspondência entre Marx e Engels (os três primeiros por Riazanov e o último por Adoratski). Por fim, em 1935, seria publicado um volume dedicado às obras de Engels, reunindo o Anti-Dühring e os seus manuscritos científicos sob o título Dialética da natureza (COSTA NETO, 2010, p. 58-59).

Os materiais publicados na Rússia e, posteriormente, na União Soviética parecem-nos relevantes pelas possibilidades de acesso a obras e textos no mesmo período histórico de vida de Vigotski e outros autores da Psicologia Histórico-Cultural. Para refletir sobre a concepção de homem, optamos em identificar nas obras dos autores escritas individual ou coletivamente a perspectiva defendida sobre o processo de constituição do ser humano, as determinações sociais que atravessam esse processo e as possíveis aproximações entre escritos de diferentes épocas que lancem luz à concepção de homem através de conceitos marxianos centrais. Para a referência teórica adotada, utilizamos diferentes versões de

obras dos autores, mantendo o ano de publicação disponibilizada pela editora, exceto em textos manuscritos traduzidos e disponibilizados em sítios específicos em que apresentaremos o ano da produção acompanhado do ano da socialização.

O primeiro eixo de discussão versa sobre o processo de constituição histórico-social do homem e tem por objetivo identificar em Marx e Engels possíveis contribuições para pensar o processo de constituição do homem enquanto ser social por meio do desenvolvimento da humanidade e o estabelecimento de relações mais complexas no decorrer da história.

2.2 A natureza social do homem, o homem e a sua constituição histórico-social

Pelos postulados de Marx e Engels (2007), a constituição do ser humano enquanto *ser social* decorre do processo de desenvolvimento da história a partir das determinações objetivas na forma de *produção* e *transformação* da vida humana. Nessa condição, a constituição do ser social perpassa pelas condições constituídas em sociedade, isto porque, os seres humanos produzem (e transformam) vinculados a questões coletivas e "[...] por isso, o ponto de partida é, naturalmente, a produção dos indivíduos socialmente determinada" (MARX, 2011, p. 39).

Para a compreensão da existência humana, Marx e Engels (2007) sinalizam três condições que acontecem na atividade social presentes na história como forma de momentos que coexistem desde os primórdios do indivíduo e da humanidade.

> [...] o primeiro pressuposto de toda a existência humana e também, portanto, de toda a história, a saber, o pressuposto de que os homens têm de estar em condições de viver para poder "fazer história". Mas, para viver, precisa-se, antes de tudo, de comida, bebida, moradia, vestimenta e algumas coisas mais. O primeiro ato histórico é, pois, a produção dos meios para a satisfação dessas necessidades, a produção da própria vida material (MARX e ENGELS, 2007, p.32-33).

Assim, a primeira condição para esse processo se dá a partir da identificação de como os seres humanos vivos mantem-se dessa forma, isto é, como produzem a própria vida e, em consequência, a história. Esse é um primeiro elemento a ser identificado. O segundo elemento é que "[...] a satisfação dessa primeira necessidade, a ação de satisfazê-la e o instrumento de satisfação já adquirido conduzem a novas necessidades" (MARX e ENGELS, 2007, p.33). Esse segundo processo está diretamente vinculado à compreensão de desenvolvimento histórico e ampliação das possibilidades. Isto é, a cada ação para

satisfação de necessidades, gera-se novas necessidades, e, também, novas possibilidades. Assim, esse movimento é um motor que conduz a humanidade.

Marx e Engels (2007, p. 33) apontam que o terceiro elemento

> [...] já de início intervém no desenvolvimento histórico é que os homens, que renovam diariamente sua própria vida, começam a criar outros homens, a procriar – a relação entre homem e mulher, entre pais e filhos, a *família*. Essa família, que no início constitui a única relação social, torna-se mais tarde, quando as necessidades aumentadas criam novas relações sociais e o crescimento da população gera novas necessidades, uma relação secundária.

Por fim, Marx e Engels (2007) apresentam que a história também deve ser feita através da conexão entre história da indústria e de trocas, já que "A produção da vida, tanto da própria, no trabalho, quanto da alheia, na procriação aparece desde já como uma relação dupla – de um lado como relação natural, de outro como relação social" (p.34). Na esteira dessa compreensão, Engels (1984) sinaliza semelhante condição em compreender a produção e reprodução da vida vinculada aos aspectos sociais e naturais, empreendendo esforços na compreensão "de um lado, da produção de meios de existência, de produtos alimentícios, habitação e instrumentos necessários para tudo isso; de outro lado, da produção do homem mesmo"[33] (ENGELS, 1984, p. 2).

Tendo esses aspectos como referência, o presente item buscará compreender o processo de formação e constituição do ser social no seio das transformações histórico-sociais analisadas por Engels (1984) em *A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado*. Para a compreensão do desenvolvimento da humanidade, Engels (1984) baseia-se na sistematização elaborada pelo antropólogo[34] Lewis Morgan (1818-1881). Nesse entendimento, a classificação desse processo se daria em três épocas vinculadas aos meios de produção da existência: estado selvagem, barbárie e civilização. Para cada

[33] Leandro Konder, no comentário a esta passagem de Engels, sinaliza que no decorrer do livro "*A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado*", o autor chegará, a partir da análise dos dados concretos, que, na verdade, não há *dois* lados, mas, que a produção material é o que determina a produção do homem, bem como a reprodução da espécie. Para detalhes, ver nota p. 02 da presente edição.

[34] Ainda que não haja consenso na produção teórica, Morgan pode ser considerado enquanto um pensador que sistematizou o que ficou conhecida como antropologia evolucionista ou a teoria do evolucionismo cultural. Álvares (2009) apresenta que Marx e Engels tiveram acesso a obra de Morgan denominada "*Ancient Society*", explorada por diversos autores (GONZÁLEZ, 2020). Todavia, Álvares (2009) chama atenção de que Marx e Engels não tiveram a possibilidade de um estudo aprofundado sobre essa teoria, embora apareça na produção dos autores sistematizações das ideias de Morgan, como veremos a seguir. Uma análise atual considera os limites da teoria de Morgan, sobretudo pela influência do positivismo e do evolucionismo em suas ideias (SANTOS, 2005), indo, portanto, à contramão dos fundamentos da teoria marxista.

um dos estados teríamos uma fase inferior, média e superior, bem como a transição para um estado mais desenvolvido[35].

Dividiremos em um subitem a discussão sobre os estados, buscando identificar a linha comum do processo histórico de desenvolvimento do *ser social*, de modo a compreender a natureza social do ser humano, bem como sua constituição histórico-social, de tal modo que as relações entre *indivíduo*, *sociedade* e *Estado* forneça elementos para o entendimento de como o homem alcança a qualidade de homem, levando em consideração que "está claro que a verdadeira riqueza intelectual do indivíduo depende inteiramente da riqueza de suas relações reais" (MARX; ENGELS, 1998, p. 34).

2.2.1 Os estados selvagem, barbárie e civilização: implicações histórico-sociais na sociedade, família e no Estado

O processo de constituição do homem na história da espécie foi investigado por diferentes pensadores. Dentre eles, Charles Darwin (1809-1882) fez uma contribuição decisiva para a compreensão do processo evolutivo do homem. Nessa perspectiva do evolucionismo, provavelmente naquilo que se compreende como *período terciário*, existiam macacos antropomorfos que seriam os antepassados do homem. Engels (1876/2004) apresenta que: "Darwin nos deu uma descrição aproximada desses nossos antepassados. Eram totalmente cobertos de pelo, tinham barba, orelhas pontiagudas, viviam nas árvores e formavam manadas" (s/p). Incorporando a ideia de Darwin e buscando a superação dessas ideias, Engels (1876/2004) apresenta que o motivo desencadeador do desenvolvimento do macaco para o homem se deu através da necessidade de produzir a própria existência, pode-se considerar que o trabalho forjou o próprio homem. Isto é, diferente das ideias de Darwin, Engels (1876/2004) nos chama atenção de que o desenvolvimento não é linear e/ou espontâneo, mas constituído através das relações e das exigências sociais que se estabelecem em determinado período. Sob esse olhar, Engels (1984), fundamentado em Morgan, esboça uma tentativa de reconstituir o processo de formação da sociedade até à sua época.

[35] A sistematização desses estágios é elaborada por Morgan e apropriado por Engels. Como dissemos na nota anterior, esse pode ser considerado um conceito controverso à luz da teoria marxista. Ao tratar de "primitivo" e "desenvolvido" considera-se um processo de desenvolvimento linear e da negação da complexidade do que se tem por primitivo. Manteremos a utilização do termo desenvolvido na ocasião por Engels, todavia, registramos o desacordo com essa compreensão evolucionista do desenvolvimento humano.

O estado chamado de selvagem por Morgan pode ser compreendido enquanto a *gênese* da condição humana e do gênero humano em um estado transitório da transformação do animal em ser humano, no qual, apesar de não existir registros comprobatórios da duração, bem como contato direto com povos que viviam no estado selvagem em sua fase inferior, acredita que tenha havido a duração de milênios de anos. O principal elemento desse momento é a formação da linguagem empregada pela necessidade advindas do *trabalho*[36] (ENGELS, 1984). Esse processo de distinção entre os seres humanos e os demais animais é sinalizado em Marx e Engels (1998, p.11) quando sinalização que a distinção se dá pela produção de "[...] seus meios de existência, e esse passo à frente é a própria consequência de sua organização corporal. Ao produzirem seus meios de existência, os homens produzem indiretamente sua própria vida material".

Segundo Engels (1984), no estado inferior ter-se-ia a compreensão de que os seres humanos utilizavam frutos e raízes como forma de alimentação e, por essa condição, viveriam próximos às florestas e bosques tropicais ou subtropicais. Já na fase média, o autor aponta a incorporação de peixes à alimentação, o que sugere o uso e a manipulação do fogo. Assim

> Com esta nova alimentação, porém, os homens fizeram-se independentes do clima e da localidade; seguindo o curso dos rios e as costas dos mares, puderam, ainda no estado selvagem, espalhar-se sobre a maior parte da superfície da Terra (ENGELS, 1984, p. 22).

A fase superior é um desdobramento da fase média, em especial, localizaria-se quando o arco e flecha passa a ser o instrumento de caça e arma fundamental para o avanço das possibilidades de existência. Por meio do arco e flecha, a alimentação através de animais torna-se fonte regular de alimentação e a caça insere-se na atividade fundamental na organização social. Além disso, "O arco, a corda e a seta já constituíam um instrumento bastante complexo, cuja invenção pressupõe larga experiência acumulada e faculdades mentais desenvolvidas" (ENGELS, 1984, p. 23). Segundo o autor, nesse momento já existem indícios de residência fixa em aldeias e possibilidades mais complexas de meios de subsistência, como utensílios, tecidos, cestas etc,.

A transição para o estado de barbárie, em estágio primitivo, se daria através da introdução da cerâmica. Acredita-se que foi pela necessidade de tornar os utensílios e

[36] Entende-se trabalho em seu caráter ontológico, isto é, na condição de transformação da natureza que possibilitou a criação das formas de produção da existência humana (LUKÁCS, 2013; ENGELS, 2013).

cestas à prova do fogo que esses foram cobertos por argila e "logo se descobriu que a argila moldada dava no mesmo resultado, sem necessidade do vaso interior" (ENGELS, 1984, p. 24). No estado de barbárie, tem-se uma diferenciação de desenvolvimento a partir de condições naturais dos grandes continentes, o que não se via no estado selvagem. Outra característica desse momento foi através da domesticação e criação de animais e o cultivo de plantas. Nesse processo de diferenciação geográfica, as linhas de fronteira tornam-se mais visíveis e, durante a fase média, nota-se uma distinção entre o tipo de cultivo plantio e os animais criados (ENGELS, 1984).

Olhando para os chamados "estágios" poderíamos ter uma impressão linear do processo de desenvolvimento humano. Ao momento em que Engels incorpora essa discussão de Morgan, esta perecia ser um caminho possível para retratar o processo social de constituição do homem. Analisando via o método, Marx (2001) nos fornece alguns elementos possíveis para analisar e contextualizar a imersão de Engels. De acordo com Marx (2001), a constituição de determinado panorama é sempre construída na relação que o homem estabelece com a realidade e com o próprio homem. Isto é, "[...] a relação do homem à natureza é diretamente a sua relação ao homem, e a sua relação ao homem é a relação imediata à natureza, a sua própria condição *natural*" (MARX, 2001, p. 137). Em posse dessa citação, busca-se olhar para o processo de constituição social e identificar em que medida as relações sociais constituíram o próprio homem, bem como estruturou novas relações sociais que urgiram da necessidade do estabelecimento de novos processos.

A exemplo disso, na fase média, a partir do desenvolvimento de povos específicos, verifica-se um incremento na alimentação e um aumento no consumo de carne e leite, no qual, "Em todo caso, nessa fase desaparece, pouco a pouco, a antropofagia, que não sobrevive senão como um rito religioso, ou como um sortilégio" (ENGELS, 1984, p. 26). A fase superior se daria pelo processo da fundição do minério ferro e pelo avanço do cultivo da terra, que, pela utilização do arado de ferro puxado pelos animais, torna-se possível uma produção de alimentos em larga escala a partir da agricultura. Inclusive "observamos a derrubada dos bosques e sua transformação em pastagens e terras cultiváveis, coisa impossível em grande escala sem a pá e o machado de ferro. Tudo isso acarretou um rápido aumento da população" (ENGELS, 1984, p. 27).

Esses elementos trazidos por Engels (1984), baseados em Morgan, apresentam características que buscam explicar a pré-história ao avanço à modernidade. "Morgan foi o primeiro que, com conhecimento de causa, tratou de introduzir uma ordem precisa na

pré-história da humanidade" (p. 21). Contudo, ainda no prefácio, Engels (1984) pontua que o conhecimento acessível àquele momento poderia explicar algumas das questões a que Marx se deparou na elaboração de sua teoria social. Embora a análise da civilização de Engels (1984) objetiva ir além da apresentação proposta por Morgan, incorporando elementos da discussão da teoria marxiana.

De forma geral, sintetiza-se a ideia de que a civilização seria uma passagem à indústria e a inclusão da arte no processo de produção humana. Debruçado na tentativa de identificar os elementos circunscritos na passagem da barbárie para civilização, Engels (1984) busca referência em três discussões: a *família*, o *Estado* e a *divisão social do trabalho*.

Em relação à família, Engels (1984) objetiva compreender como a produção e reprodução da existência ocorreram a partir de diferentes configurações de família no decorrer dos estados de desenvolvimento. Por exemplo, nos estados selvagem e bárbaro, havia uma prática de consanguinidade para o estabelecimento das relações sociais. A partir das sistematizações de Morgan e de Marx, a família deve ser compreendida, assim como outras instituições sociais, enquanto um processo histórico-cultural que acontece *pari passu* às determinações sociais e a complexificação dessas. A partir do estudo do histórico do parentesco foi possível estabelecer alguma relação entre a existência de uma forma de família em comparação do que se tem como compreensão de família no estágio da civilização moderna. Grosso modo, a partir de sistematizações científicas, pode-se compreender que a constituição da família no estado selvagem se dava a partir do matrimônio por grupos, na barbárie seria a família sindiásmica[37] e na civilização, a monogamia. No processo de passagem da barbárie para a civilização:

> O desmoronamento do direito materno, a grande derrota histórica do sexo feminino em todo o mundo. O homem apoderou-se também da direção da casa; a mulher viu-se degradada, convertida em servidora, em escrava da luxúria do homem, em simples instrumento de reprodução. Essa baixa condição da mulher, manifestada, sobretudo, entre os gregos dos tempos heroicos e, ainda mais, entre os dos tempos clássicos, tem sido gradualmente retocada, dissimulada e, em certos lugares, até revestida de formas de maior suavidade, mas de maneira alguma suprimida (ENGELS, 1984, p. 61).

Na família patriarcal, instaura-se a ideia de monogamia. Nessa perspectiva, a mulher é apenas uma posse do homem sob o qual o mesmo exerce o seu direito, inclusive no direito de causar a sua morte (ENGELS, 1984). Contraditoriamente, nesse momento,

[37] Redução à unidade entre homem e mulher e a estrutura de uma família matriarcal (ENGELS, 1984).

“[...] entramos em um domínio da História escrita, onde a ciência do Direito Comparado nos pode prestar grande auxílio” (ENGELS, 1984, p. 62). Na monogamia, portanto, convive-se estruturalmente com o adultério e a prostituição, bem como no antagonismo e opressão do homem frente à mulher. Contudo, as formas de família não desaparecem na história com o surgimento de outra, por exemplo, “o matrimônio por grupos continua existindo, ainda hoje, para os homens. Aquilo que para a mulher é um crime de graves consequências legais e sociais, para o home é algo considerado honroso” (ENGELS, 1984, p. 81).

Dessa forma, ainda que a monogamia tenha sido uma forma de liberdade sexual para as mulheres, representa, em nossa sociedade, a colocação dela em um lugar de menor poder, diante da relação com o homem. Isto porque

> A monogamia foi um grande progresso histórico, mas, ao mesmo tempo, iniciou, juntamente com a escravidão e as riquezas privadas, aquele período que dura até nossos dias, no qual cada progresso é simultaneamente um retrocesso relativo, e o bem-estar e o desenvolvimento de uns se verificam às custas da dor e da repressão de outros. É a forma celular da sociedade civilizada, na qual já podemos estudar a natureza das contradições e dos antagonismos que atingem seu pleno desenvolvimento nessa sociedade (ENGELS, 1984, p. 71).

A monogamia, na sociedade civilizada, tem uma estreita relação com a classe e com a função social da mulher em nossa sociedade. De acordo com Engels (1984) há a existência de um casamento por conveniência, no qual o amor é secundarizado, em especial na classe burguesa, o homem é o responsável pela única renda, colocando-se em uma situação de poder. Assim, Engels (1984) analisa que nessas condições, reproduzem-se a visão de burguesia e proletariado, no qual a mulher seria o proletário. Na condição de classe trabalhadora,

> [...] a grande indústria arrancou a mulher ao lar para atirá-la ao mercado de trabalho e à fábrica, convertendo-a, frequentemente, em sustentáculo da casa, ficaram desprovidos de qualquer base os restas da supremacia do homem no lar proletário, excetuando-se, talvez, certa brutalidade no trato com as mulheres, muito arraigada desde o estabelecimento da monogamia. Assim, pois, a família do proletário já não é monogâmica no sentido estrito da palavra, nem mesmo o amor mais apaixonado e a fidelidade mais absoluta dos cônjuges, e apesar de todas as bênçãos espirituais e temporais possíveis (ENGELS, 1984, p. 78).

A mulher no mercado de trabalho, portanto, cria um acúmulo de funções, já que a mulher passa a ser responsável não só pelo trabalho, mas, também, pela manutenção e

criação da família. Em caráter sintético em relação à família, a monogamia surge, portanto, a partir da concentração de riquezas nas mãos dos homens e na preocupação de que os herdeiros deem seguimento às apropriações do homem. Isso implica que a monogamia é uma característica fundamental às mulheres, mas, não necessariamente aos homens (ENGELS, 1984).

Na constituição da família no estado de civilização, há, portanto, uma constituição inteiramente relacionada aos aspectos econômicos, como podemos ver na citação abaixo:

> [...] quando a propriedade privada se sobrepôs à propriedade coletiva, quando os interesses da transmissão por herança fizeram nascer a preponderância do direito paterno e da monogamia, o matrimônio começou a depender inteiramente de considerações econômicas. Desaparece a forma de matrimônio por compra, mas, em essência, continua sendo praticado cada vez mais, e de modo que não é só a mulher que tem seu preço, como também o homem, embora não segundo suas qualidades pessoais e sim conforme a importância de seus bens (ENGELS, 1984, p. 86).

Na condição de constituição da família a partir das possibilidades de produção da existência em cada um dos estados, há uma relação investigada por Engels (1984) que diz respeito à constituição do Estado e das relações entre as classes. Isto é, no estado selvagem, havia a divisão baseada em sexo, uma atividade produtiva específica aos homens e outra às mulheres. No estado Bárbaro, inaugura-se uma nova possibilidade relativa às condições de produção existentes, e, nesse sentido, há a divisão social do trabalho entre senhores e escravos, e, em sua fase superior, através da produção de mercadoria e da relação de troca, aparecem os comerciantes (ENGELS, 1984).

A complexificação do processo social nos coloca na condição em refletir sobre determinadas demandas oriundas do estabelecimento da relação entre os seres humanos. Engels (1984) busca recuperar o papel da mulher em diferentes momentos históricos, sobretudo, evidenciando o paradigma de exploração do homem sobre a mulher e a responsabilização do trabalho doméstico à mulher. O capitalismo, para Engels (1984), conduziu às mulheres a duplas e/ou triplas jornadas de trabalho, à medida que devido à divisão social do trabalho, o trabalho doméstico esteve vinculado a apenas um gênero. Para refletir sobre esse contexto, tomemos como análise de Goldman (2014) a descrição da Rússia anterior à Revolução de 1917 que imprime, com precisão, o cenário do desenvolvimento do capitalismo no mundo e a atualidade desses elementos em nosso contexto histórico atual.

> À medida que cada vez mais mulheres se viam forçadas a trabalhar por salários com o advento da industrialização, o conflito entre as demandas da produção e da reprodução resultou em alto índice de mortalidade infantil, lares desfeitos, crianças negligenciadas e problemas crônicos de saúde. Um rápido olhar pelas janelas imundas de qualquer dormitório de fábrica na Rússia do século XIX proporcionava amplo apoio para esse ponto de vista. As mulheres haviam ingressado na força de trabalho, mas ainda eram responsáveis por criar os filhos, cozinhar, limpar, costurar, remendar – o trabalho penoso e mecânico essencial para a família. As responsabilidades domésticas das mulheres impediam-nas de ingressar nos domínios públicos do trabalho, da política e de empreitadas criativas em pé de igualdade com os homens (GOLDMAN, 2014, p. 21).

Nesse sentido, sob o processo de desenvolvimento da comercialização enquanto referência para a instituição de novas relações sociais, os comerciantes, imbuídos das negociações, tornam-se "[...] a classe mais útil da sociedade, forma-se uma classe de aproveitadores, uma classe de verdadeiros parasitas sociais" (ENGELS, 1984, p. 186). Nesse processo, aparece uma nova divisão social do trabalho que perdura até os dias atuais e passa a ser caráter explicativo para o processo de constituição da família, da propriedade privada e de Estado.

De acordo com Engels (1984), na íntima relação com as classes sociais, o Estado existe a partir do antagonismo existente entre essas classes que existem e se desenvolvem no processo de produção e reprodução da vida em sociedade. Nesses termos, o Estado "É antes um produto da sociedade, quando esta chega a um determinado grau de desenvolvimento. [...] Este poder, nascido da sociedade, mas posto acima dela se distanciando cada vez mais" (ENGELS, 1984, p. 191). Nesse aspecto, existe uma contradição inerente ao Estado. Do mesmo modo em que esse aparece enquanto uma forma de superação do antagonismo de classe, é representante dos interesses da classe dominante, e, no geral, reproduz o conflito de classes. "Assim, o Estado antigo foi, sobretudo, o Estado dos senhores de escravos para manter os escravos subjugados" (ENGELS, 1984, p. 193). De modo geral, o Estado possui três características: (1) agrupamento de pessoas a partir de uma divisão territorial; (2) instituição de uma força pública, impossibilitando qualquer organização espontânea da população[38]; (3) representação da classe dominante, e, em determinados momentos, busca por uma pretensa independência momentânea.

Segundo Engels (1984), apesar de nem todas as sociedades se organizarem a partir do Estado, a fase de desenvolvimento da civilização, em especial, exigiu que o Estado

[38] Uma forma de sustentação social do Estado é o pagamento de impostos. Para detalhes ver Engels (1984) p. 193-194.

fizesse uma articulação da existência e sobrevivência das duas classes no capitalismo. Isto é, o Estado aparece com uma função específica de manutenção do *status quo*. Nas palavras de Engels (1984, p. 196):

> [...] a existência dessas duas classes não apenas deixou de ser uma necessidade, mas até se converteu num obstáculo à produção da mesma. As classes vão desaparecer, e de maneira tão inevitável como no passado surgiram. Com o desaparecimento das classes, desaparecerá inevitavelmente o Estado.

Buscando uma síntese sobre o processo de desenvolvimento da humanidade e a forma de organização da família e do Estado, Engels (1984) nos apresenta que a civilização institui uma forma de exploração de uma classe por outra, e, nesse processo, o desenvolvimento social, bem como a constituição histórico-social do indivíduo nessa sociedade pressupõe a contradição enquanto elemento intrínseco. Isto é, "Cada progresso na produção é ao mesmo tempo retrocesso na condição de classe oprimida" (ENGELS, 1984, p. 200). Podemos refletir sobre o desdobramento nessa compreensão na ideia *do que é o homem*. Marx (2001) nos aponta que é preciso olhar para o *ser social* a partir "[...] do seu ser objetivamente real, vivo" (p. 143). Isto é, ao olhar a afirmação e implicação do homem diante da realidade, ou seja, do mundo objetivo, a história nos mostra que a ideia de *progresso* não é vinculada à evolução, mas, a *superação por incorporação*. Nesse sentido, as formas de sociabilidade de outros momentos históricos não são extintos, mas incorporados, inclusive na condição de exploração de uma classe sob a outra.

Em meio às contradições identificadas:

> Cada benefício para uns é necessariamente um prejuízo para outros; cada grau de emancipação conseguido por uma classe é um novo elemento de opressão para a outra. A prova mais eloquente a respeito é a própria criação da máquina, cujos efeitos, hoje, são sentidos pelo mundo inteiro (ENGELS, 1984, p. 200).

Engels (1984) nos alerta para o movimento decorrente da história e das mudanças que alteraram significativamente o modo de produzir e reproduzir a existência. O capitalismo, no contexto da civilização, coloca proletários à condição de vulnerabilidade, à medida que pretensamente se defenda um desenvolvimento em igualdade de condições, a liberdade e igualdade não se manifestam no que diz respeito ao acesso às produções humanas. Marx (2001) sinaliza que, nesse contexto, "[...] o proletariado tem as suas armas intelectuais na filosofia" (p.58-59).

A análise proposta por Engels (1984) evidencia o fundamento da compreensão do indivíduo vinculado aos aspectos histórico-sociais, todavia, como apresentamos anteriormente, as ideias de Morgan incorporadas por Engels (1984) apresentam limites analisados pela via do marxismo. Esse processo tem uma implicação concreta na concepção de homem que estamos buscando analisar. Se tomarmos como referência que o desenvolvimento histórico acontece de forma linear, organizado através de uma espécie de linha de gradação do que é *menos* ou *mais* desenvolvido, partiremos de uma concepção de homem também nessa mesma estrutura teórica reducionista. Afinal, o desenvolvimento histórico-social não é possível de ser explicado através de uma *progressão evolucionista*.

Buscando distanciar-se desta visão, recuperemos a ideia de *ser social*. De acordo com Marx (2001, p. 139) "[...] o homem produz o homem e se produz a si mesmo e aos outros homens". Isso significa que a produção de um estágio "superior" foi constituída, gestada e moldada através de homens cujo estágio de desenvolvimento é tido como "inferior", na mesma medida em que o "inferior" de um estágio existe *encarnado* naquilo que se tem como "superior". Nesses termos, o ser social é, ao mesmo tempo, aquilo que *veio a ser* e à possibilidade do que *está por vir*. Desse modo "[...] o indivíduo é o ser social" (MARX, 2001, p. 140).

No tópico seguinte buscaremos analisar contribuições de Marx e Engels (1998, 2007) em *A Ideologia Alemã* para ampliar possíveis caminhos para a compreensão da concepção de homem vinculado à formação histórico-social. Segundo Lowy (1978, p. 51) "Tudo parece indicar que foi através da análise das teorias de Feuerbach e da crítica da sua concepção mecânica e naturalista de 'espécie' que Marx chegou ao seu próprio conceito de vida social". Nesse sentido, buscaremos nesse texto possíveis indícios e aproximações à discussão sobre a constituição histórico-social do homem.

2.2.2 O homem e sua formação histórico-social: discussões possíveis em A Ideologia Alemã

De acordo com Sader (2007), a obra *A Ideologia Alemã* faz uma articulação entre as categorias essenciais do marxismo, operando, com maturidade, críticas à realidade, bem como negações, incorporações e superações fundamentais. De modo a identificar a concepção de homem vinculada ao processo histórico-social, buscaremos referências na presente obra que nos permita desdobrar análises possíveis com a relação entre construção histórico-social e consciência. Para tal, tomamos como referência a crítica à Feurbach e

rascunhos contidos na Segunda Parte em Marx e Engels (2007), em que se busca compreender a gênese da vida humana.

Na introdução à Marx e Engels (1998), Jacob Gorender apresenta alguns elementos fundamentais discutidos pelos autores. Para Gorender (1998), o conceito de homem não podia ser utilizado a partir da apropriação de Hegel, bem como o conceito elaborado por Feurbach. Marx contrapõe esse ideário expressando que "a essência do homem é o conjunto das relações sociais" (GORENDER, 1998, p. XXIV). Nesse sentido, ainda que haja uma conformação *natural* de homem, esta não é condição suficiente. Nesses termos, "A humanização do ser biológico específico só se dá dentro da sociedade e pela sociedade" (GORENDER, 1998, p. XXIV). A ideia alocada na citação a seguir será buscada no sentido de compreender, na superação do conceito de homem existente em Marx e Engels (1998, 2007), possíveis aproximações entre a concepção de homem e a consciência.

> O que distingue os indivíduos humanos é que produzem os seus meios de vida, condicionados por sua organização corpórea e associados em agrupamentos. Os indivíduos humanos são tais como manifestam sua vida. O que são coincide com a sua produção, tanto com o que produzem quanto com o modo como produzem. O que os indivíduos são depende, portanto, das condições materiais de sua produção (GORENDER, 1998, p. XXIV).

Engels (1984) demonstra, ao identificar na história do processo de desenvolvimento, uma gênese explicativa às construções humanas e reforça a relação existente entre produção da vida com os avanços e retrocessos dos estados existentes. Em *A Ideologia Alemã*, pelas tentativas de apresentar a concepção de homem vinculada a compreensão de produção da vida através dos homens, Marx e Engels (1998) apontam que "os homens sempre tiveram ideias falsas a respeito de si mesmos, daquilo que são ou deveriam ser. [...] Criadores, inclinaram-se diante de suas próprias criações" (p.3). No processo em conhecer a essência humana, Marx e Engels (1998) apresentam algumas premissas a partir da análise dos indivíduos concretos em sua ação e existência que podem ser verificadas por via empírica:

(1) A existência de seres humanos *vivos*. Ou seja, reconhecer a existência da constituição corporal do indivíduo e as relações singulares que o indivíduo exerce na natureza. Assim, "eles próprios [os homens] começam a se distinguir dos animais logo que começam a produzir seus meios de existência, e, esse passo à frente é a própria consequência de sua organização corporal" (MARX e ENGELS, 1998, p.10). Nesses

termos, é a partir da produção dos meios de existência que os indivíduos, em sociedade, produzem indiretamente às suas vidas. Desse modo,

> A maneira como os homens produzem seus meios de existência depende, antes de mais nada, da natureza dos meios de existência já encontrados e que eles precisam reproduzir. Não se deve considerar esse modo de produção sob esse único ponto de vista, ou seja, enquanto reprodução da existência física dos indivíduos. Ao contrário, ele representa, já, um modo determinado da atividade desses indivíduos, uma maneira determinada de manifestar sua vida, um modo de vida determinado. A maneira como os indivíduos manifestam sua vida reflete exatamente o que eles são. O que eles são coincide, pois, com sua produção, isto é, tanto com o que eles produzem quanto a maneia como produzem. O que os indivíduos são depende, portanto, das condições materiais de sua produção (MARX e ENGELS, 1998, p. 11).

(2) A atividade material dos seres humanos está intimamente relacionada à produção de ideias, da consciência e de suas representações (MARX e ENGELS, 1998). Esse aspecto direciona-se à compreensão de que são os homens quem produzem as possibilidades de atuação na realidade. Nas palavras dos autores:

> Ao contrário da filosofia alemã, que desce do céu para a terra, aqui é da terra que se sobe ao céu. Em outras palavras, não partimos do que os homens dizem, imaginam e representam, tampouco do que eles são nas palavras, no pensamento, na imaginação e na representação dos outros, para depois se chegar aos homens de carne e osso; mas partimos dos homens em sua atividade real, é a partir de seu processo de vida real que representamos também o desenvolvimento dos reflexos e das repercussões ideológicas desse processo vital. E mesmo as fantasmagorias existentes no cérebro humano são sublimações resultantes necessariamente do processo de sua vida material, que podemos constatar empiricamente e que repousa em bases materiais. Assim, a moral, a religião, a metafísica e todo o restante da ideologia, bem como as formas de consciência a elas correspondentes, perdem logo toda a aparência de autonomia. Não têm história, não têm desenvolvimento; ao contrário, são os homens que, desenvolvendo sua produção material e suas relações materiais, transformam, com a realidade que lhes é própria, seu pensamento e também os produtos do seu pensamento. Não é a consciência que determina a vida, mas sim a vida que determina a consciência. Na primeira forma de considerar as coisas, partimos da consciência como sendo o indivíduo vivo; na segunda, que corresponde à vida real, partimos dos próprios indivíduos reais e vivos, e consideramos a consciência unicamente como a sua consciência (MARX e ENGELS, 1998, p. 19-20).

Nesses termos, a perspectiva trazida por Marx e Engels (1998) compreende o homem concreto a partir da relação coletiva que se estabelece ao longo da vida no processo de desenvolvimento das condições reais. Destarte, a existência dos indivíduos está diretamente relacionada à história universal, no qual, "[...] a história deixa de ser uma coleção de fatos sem vida" (MARX e ENGELS, 1998, p. 20) e, nesse processo, os "[...] indivíduos criam-se uns aos outros" (MARX e ENGELS, 1998, p. 35).

(3) Na condição em *fazer* história, é necessário que os seres humanos, antes de tudo, estejam vivos. E a vida, nessa sociedade, diz respeito à satisfação de necessidades de diversas naturezas, como apresentado nos trechos a seguir:

> [...] para viver, é preciso antes de tudo beber, comer, morar, vestir-se e algumas outras coisas mais. O primeiro fato histórico é, portanto, a produção dos meios que permitem satisfazer essas necessidades, a produção da própria vida material; e isso mesmo constitui um fato histórico, uma condição fundamental de toda a história que se deve, ainda hoje como há milhares de anos, preencher dia a dia, hora a hora, simplesmente para manter os homens com vida (MARX e ENGELS, 1998, p. 21).
>
> O segundo ponto é examinar é que uma vez satisfeita a primeira necessidade, a ação de satisfazê-la e o instrumento já adquirido com essa satisfação levam a novas necessidades – e essa produção de novas necessidades é o primeiro ato histórico (MARX e ENGELS, 1998, p.22).
>
> A terceira relação, que intervém no desenvolvimento histórico, é que os homens, que renovam a cada dia sua própria vida, passam a criar outros homens, a se reproduzir. É a relação entre homem e mulher, pais e filhos, é a família (MARX e ENGELS, 1998, p.23).

Na relação entre esses três momentos existentes na história, sinalizamos a aproximação com a discussão proposta por Engels (1984), bem como o esclarecimento de que a história construída ao longo do tempo tem uma dupla relação à medida que surge enquanto uma relação natural e, também, enquanto uma relação social (MARX e ENGELS, 1998). Essas três características discutidas revelam uma perspectiva histórico-social da concepção de homem que, em síntese, pode ser indicada pela "[...] dependência material dos homens entre si, condicionada pelas necessidades e pelo modo de produção" (MARX e ENGELS, 1998, p. 24).

Na produção da história, Marx (2011) nos alerta para a questão da produção da história, no qual, o fazer a própria história também está vinculado ao processo de produção da existência. Assim, "Os homens fazem a sua própria história; contudo, não a fazem de livre e espontânea vontade, pois não são eles quem escolhem as circunstâncias sob as quais ela é feita, mas estas lhes foram transmitidas assim como se encontram" (p. 25). O *não escolher* coletivo proposto refere-se à dinâmica de classe de determinado desenvolvimento histórico. Como vimos em Engels (1984) sobre o Estado e de acordo com Marx e Engels (1998), a dominação da classe dominante também recai sobre a produção material, e, nesses termos, também a produção subjetiva, assim, "Os pensamentos da classe dominante são também, em todas as épocas, os pensamentos dominantes" (MARX e ENGELS, 1998, p. 48).

> Uma vez que as ideias dominantes estejam desvinculadas dos indivíduos dominantes, e sobretudo das relações que decorrem de um dado estágio do modo de produção, obtém-se como resultado que sempre são as ideias que dominam na história e é então muito fácil abstrair, dessas diferentes ideias, "a ideia", ou seja, a ideia por excelência etc., para dela fazer o elemento que domina na história, e conceber assim todas as ideias e conceitos isolados como sendo "autodeterminações" do conceito que se desenvolve ao longo da história. É também natural fazer em seguida derivar todas as relações humanas do conceito do homem, do homem representado, da essência do homem, de o homem em uma palavra (MARX e ENGELS, 1998, p. 52).

A partir dessa compreensão, pode-se lançar luz sobre o conceito de homem, e, portanto, da concepção de homem que se desenvolve no interior da obra marxiana. A nossa perspectiva não é de refletir sobre possíveis *leis*, mas de compreender o ponto de partida que temos ao refletir sobre o indivíduo numa concepção marxista. Nessa perspectiva, desenvolvemos algumas assertivas que constroem esse percurso:

1) Os seres humanos são constituídos de uma base concreta que se estrutura através das possibilidades herdadas filogeneticamente. Isto é, o homem sente *fome, sede, frio, calor* etc. Todavia, se reduzirmos nosso olhar ao homem tal como outro animal, distanciamo-nos da diferença qualitativa existente: apesar de serem necessidades de ordem biofisiológicas, o homem busca na natureza as condições de sanar as necessidades colocadas. Para tal, não apenas interage com a natureza, mas a transforma, buscando saciar não somente a fome, a sede, o frio, o calor, mas como também produz uma forma de se relacionar consigo mesmo e com o outro, de produzir linguagem, cultura, dentre outros elementos fundamentais.

2) Nessa perspectiva, a ação transformadora – o trabalho – do homem na natureza não produz somente as condições para sanar necessidades naturais, mas também, àquelas *artificiais*, isto é, daquilo que coloca o homem em contato com *a sua segunda natureza*. Elemento que constitui, de fato, a essência do indivíduo e marca o seu processo de hominização. Konder (2009, p. 36) aponta que: "Através do trabalho, o homem não só se apropria da natureza como se afirma e se expande, se desenvolve, se transforma, se cria a si mesmo".

3) Por último, a forma pela qual o indivíduo age e transforma a natureza não é individual, mas coletiva, vinculado a forma como socialmente a produção da vida está organizada. Se, por um lado, existem relações e ideias dominantes que determinam e encaminham as relações sociais, a história não está dada, cabendo ao coletivo dos homens construírem outras possibilidades de sociabilidade. Desse modo, a tese marxiana não é

preditiva e forneceu mais questionamentos às questões postas do que respostas de como se daria e qual seria essa sociabilidade (KONDER, 2009).

A partir da discussão de Marx e Engels (1998) sobre o homem e a *sua natureza*, desdobraremos, no item subsequente, a discussão sobre social e natural, buscando em *A Ideologia Alemã* e outros textos de Engels e de Marx, de modo a compreender a essência do homem, quando colocado em ênfase e relação à falsa oposição entre *natureza* e *história*, entre o *natural* e o *social*.

2.3 Natural e o Social: a falsa oposição na teoria marxiana

O debate sobre a natureza e o homem não se inaugura na produção de Marx e Engels. Decorrente da Filosofia, da Biologia, das Ciências Sociais, da Antropologia, da Psicologia entre outras áreas, já se buscava compreender os limites que separam – ou aproximam – os seres humanos dos demais animais. Inclusive na discussão do que é natural e do que é social na própria constituição do indivíduo. Nesse item identificamos possíveis relações dessa discussão presente em algumas obras e textos de Marx e de Engels de modo a contribuir para a reflexão desse questionamento existente na história.

Como ponto de partida, tomamos o texto de Engels denominado "*O Papel do Trabalho na Transformação do Macaco em Homem*" escrito em 1876[39]. De acordo com Engels (2013), o trabalho, além de fonte de toda a riqueza produzida, de fornecer as condições concretas da vida em sociedade, também é a base de sustentação de toda a vida do ser humano, isto porque é possível afirmar que o trabalho constituiu, no processo de desenvolvimento histórico, o próprio homem.

> Há muitas centenas de milhares de anos, numa época, ainda não estabelecida em definitivo, daquele período do desenvolvimento da Terra que os geólogos denominam terciário, provavelmente em fins desse período, vivia em algum lugar da zona tropical — talvez em um extenso continente hoje desaparecido nas profundezas do Oceano Índico — uma raça de macacos antropomorfos extraordinariamente desenvolvida (ENGELS, 2006, p. 01).

Nessa perspectiva, admite-se que os seres humanos têm como seu antepassado os macacos, como dissemos anteriormente. A análise de Engels (2006) pressupõe que, em algum momento da linha de desenvolvimento, a *ação* de sobrevivência na natureza

[39] A primeira edição do texto foi publicada em 1896 e a tradução que tivemos acesso a partir do *Marxists Internet Archive*, foi transcrita do espanhol que aparece em uma edição soviética de 1952 em alemão. Agradecemos ao coletivo pela tradução e socialização do texto. O texto está disponível em: < https://www.marxists.org/portugues/marx/1876/mes/macaco.htm>. Em 2006 foi publicado pela revista*Trabalho Necessário*, https://doi.org/10.22409/tn.4i4.p4603.

demandou o emprego de funções distintas, como, por exemplo, a exigência de utilização das mãos ao caminhar e a impossibilidade do deslocamento em quatro apoios, o que, cada vez mais, tornou o caminhar em posição ereta enquanto o passo decisivo de transição entre o macaco e o homem. Foi o emprego do trabalho, portanto, que permitiu a transformação do homem – e, nesses termos, o constituiu enquanto tal –, bem como a transformação da natureza. A citação a seguir nos esclarece:

> [...] aqui precisamente é que se percebe quanto é grande a distância que separa a mão primitiva dos macacos, inclusive os antropóides mais superiores, da mão do homem, aperfeiçoada pelo trabalho durante centenas de milhares de anos. O número e a disposição geral dos ossos e dos músculos são os mesmos no macaco e no homem, mas a mão do selvagem mais primitivo é capaz de executar centenas de operações que não podem ser realizadas pela mão de nenhum macaco. Nenhuma mão simiesa construiu jamais um machado de pedra, por mais tosco que fosse (ENGELS, 2006, p. 02).

Na perspectiva destacada acima, sinaliza-se que não foi a mão quem formulou o trabalho, mas, o trabalho alterou as condições anatômicas e funcionais da mão. A mão, normalmente analisada pelo viés fisiológico, aparece ao indivíduo enquanto algo *natural*. Contudo, como Engels (2006) sinaliza, o processo de constituição da mão não se deu a partir de uma linha predominantemente biológica. Nesses aspectos, não há como se estabelecer uma oposição entre natural e social, já que esses dois elementos não existem de forma separadas para o homem. O homem é, portanto, constituído a partir "[...] de uma natureza que é histórica e de uma história que é natural" (MARX e ENGELS, 1998, p. 43). Há, portanto, uma *unidade do homem e da natureza*. Essa oposição entre natureza e história não é casual, mas, de acordo com Marx e Engels (2007, p. 43-44):

> Toda concepção histórica existente até então ou tem deixado complexamente desconsiderada essa base real da história, ou a tem considerado apenas como algo acessório, fora de toda e qualquer conexão com o fluxo histórico. A história deve, por isso, ser sempre escrita segundo um padrão situado fora dela; a produção real da vida aparece como algo pré-histórico, enquanto o elemento histórico aparece como algo separado da vida comum, como algo extra e supraterreno. Com isso, a relação dos homens com a natureza é excluída da história, o que engendra a oposição entre natureza e história.

Para destacar a ideia de uma relação em unidade entre homem e natureza, Marx e Engels (1998) sinalizam que a natureza – o mundo sensível – não é um objeto dado de antemão, externo ao indivíduo e sempre igual, independente do tempo, mas, a natureza é o produto histórico do processo de desenvolvimento da sociedade. Sendo assim, constitui-se enquanto resultado de uma atividade de gerações precedentes e em unidade entre as

possibilidades que oferece em função das modificações anteriores através do trabalho constituídas para o atendimento de *outras* necessidades. Inclusive, no processo de constituição do homem, surge a própria sociedade:

> O desenvolvimento do cérebro e dos sentidos a seu serviço, a crescente clareza de consciência, a capacidade de abstração e de discernimento cada vez maiores, reagiram por sua vez sobre o trabalho e a palavra, estimulando mais e mais o seu desenvolvimento. Quando o homem se separa definitivamente do macaco esse desenvolvimento não cessa de modo algum, mas continua, em grau diverso e em diferentes sentidos entre os diferentes povos e as diferentes épocas, interrompido mesmo às vezes por retrocessos de caráter local ou temporário, mas avançando em seu conjunto a grandes passos, consideravelmente impulsionado e, por sua vez, orientado em um determinado sentido por um novo elemento que surge com o aparecimento do homem acabado: a sociedade (ENGELS, 2006, p. 04).

Dessa forma, as alterações na natureza tornam-se coletivamente estruturadas a partir do modo de organização e produção da existência. O avanço da sociedade também permitiu a incorporação de novos elementos na natureza. Por exemplo, "Sabe-se que a cerejeira, como quase todas as árvores frutíferas, foi transplantada para as nossas latitudes pelo *comércio*" (MARX e ENGELS, 1998, p. 44). O comércio, no estado de desenvolvimento da civilização, garantiu a existência de espaços com árvores frutíferas na terra. O mesmo acontece no caso em que o indivíduo, em posse da terra, desmata o que ali estiver para a plantação de algo específico (ENGELS, 2013). Nas palavras de Engels (2006, p. 07): "[...] Resumindo: só o que podem fazer os animais é utilizar a natureza e modificá-la pelo mero fato de sua presença nela. O homem, ao contrário, modifica a natureza e a obriga a servir-lhe, domina-a". O ser humano é capaz, portanto, de alterar a flora e a fauna de continentes, criar artificialmente as condições para semear diferentes espécies, e, portanto, essa *natureza* é transformada pelo indivíduo (ENGELS, 2006).

Nesse processo de transformação, Marx e Engels (2007) apontam a aspectos que se relacionam à história. Vimos, portanto, que as gerações anteriores interferem diretamente na atividade humana acumulada na natureza. Percebe-se uma diferença fundamental entre o ser humano e o animal, a existência da *consciência*. Referem-se a uma consciência real, que apresenta a "[...] necessidade de intercâmbio com outros homens" (p. 35). Nessa definição:

> A consciência é, naturalmente, antes de tudo, a mera consciência do meio sensível mais imediato e a consciência do vínculo limitado com outras pessoas e coisas exteriores ao indivíduo que se torna consciente; ela é, ao mesmo

> tempo, consciência da natureza que, inicialmente, se apresenta aos homens como um poder totalmente estranho, onipotente e inabalável, com o qual os homens se relacionam de um modo puramente animal e diante do qual se deixam impressionar como o gado; é, desse modo, uma consciência puramente animal da natureza. [...] e, por outro lado, a consciência da necessidade de formar relações com os indivíduos que o cercam constitui o começo da consciência de que o homem definitivamente vive numa sociedade (MARX e ENGELS, 2007, p. 35).

A diferença desse processo que é aparentemente natural, mas que envolve um sistema complexo do que o animal não é capaz de elaborar, é justamente a apropriação das abstrações que compõe a produção da existência, no caso, a identificação de viver em sociedade e existir *em relação* com o outro, que, para o animal, não existe a relação com o outro enquanto uma relação (MARX e ENGELS, 2007). Mesmo nessa relação, é fundamental que o ser humano seja compreendido a partir das relações que o compõem. Marx e Engels (1998) fazem uma crítica às visões que

> [...] não considera os homens em seu determinado contexto social, em suas reais condições de vida, que deles fizeram o que hoje são; e o fato é que ele nunca chega aos homens que existem e agem realmente; fica numa abstração, "o homem", e só chega a reconhecer o homem "real, individual, em carne e osso", no sentimento; em outras palavras, não conhece outras "relações humanas" "do homem para com o homem", que não sejam o amor e amizade, e ainda assim idealizados. Ele não critica as atuais condições de vida. Nunca chega, portanto, a considerar o mundo sensível como a soma da atividade viva e física dos indivíduos que o compõem (p. 46).

Em *A Dialética Natureza*, Engels (1979) compreende que a existência dos animais pode ser explicada a partir das condições em que vivem e se adaptam. O homem, por outro lado, constitui e elabora possibilidades a partir do desenvolvimento histórico que lhe é singular, diferente dos animais existentes. Portanto, "O homem é o único animal capaz de desbravar seu caminho a partir do estado simplesmente animal; seu estado normal é aquele que adapta a sua consciência, isto é, aquela que ele mesmo cria para si" (ENGELS, 1979, p. 149).

Em diálogo com as ideias de Darwin, Engels (1979, p. 163-164) defende a seguinte posição:

> O máximo que faz o animal é colher para consumir; ao passo que o homem produz, cria meios de subsistência no mais amplo sentido do termo, os sem ele, a Natureza jamais produziria. Dessa maneira, torna-se impossível qualquer transferência imediata das leis relativas à vida das sociedades animais para as humanas. A produção faz com que a chamada luta pela existência já não gire ao redor dos meios de existência, mas ao derredor dos meios de conforto e desenvolvimento. Nesse caso – no que diz respeito aos meios de desenvolvimento socialmente produzidos –, são inteiramente inaplicáveis as

> categorias do reino animal. Finalmente, sob o modo de produção capitalista, a produção alcança um tal volume que a sociedade já não pode consumir os meios de vida, conforto e desenvolvimento produzidos, isso porque o acesso a esses meios é artificial e violentamente interditados à grande massa daqueles que os produziram; por esse motivo, mais ou menos de dez em dez anos uma crise restaura o equilíbrio, destruindo não somente os meios de vida, conforto e desenvolvimento produzidos, mas também uma grande parte da força de produção; daí a razão por que a chamada luta pela existência assume a seguinte forma: proteger os produtos e as forças produtivas das sociedades capitalistas burguesa, do efeito destrutivo, aniquilador dessa mesma ordem capitalista, assumindo a direção da produção e distribuição sociais (arrebatando-a das mãos da classe capitalista dominante) e transferindo-a às massas produtoras; assim é que se realiza a revolução socialista.

A crítica que Engels (1979) elabora diz respeito à impossibilidade de compreender o indivíduo através de um deslocamento linear da compreensão sobre os animais. De acordo com Marx (1978, p. 120), "A anatomia do homem é a chave da anatomia do macaco. O que nas espécies animais inferiores[40] indica uma forma superior não pode, ao contrário, ser compreendido senão quando se conhece a forma superior". Assim, contrário à teoria evolucionista, a perspectiva marxiana compreende a impossibilidade de explicar o mais complexo através do menos complexo. Nesses termos, Engels (1979) aponta algumas questões relativas à teoria de Darwin. No qual:

(1) Seleção devida à pressão da superpopulação em que os mais fortes sobrevivem. Contudo, é possível sinalizar a sobrevivência dos mais fracos em diversos sentidos; (2) a seleção natural que ocorre a partir de uma maior capacidade de adaptação a certas circunstâncias modificadas, em que os sobreviventes são mais apropriados a determinadas circunstâncias, mas que essa adaptação, em que pese, pode significar tanto *progresso*, quanto retrocesso (ENGELS, 1979).

A complexidade em analisar o ser humano pela via orgânica se manifesta, inclusive, em princípios básicos da biologia que a abordagem metafísica não consegue incorporar no processo analítico. Engels (1877), para exemplificar essa barreira da metafísica, reflete elementos sobre a questão da morte. Para o autor, a morte não pode ser facilmente determinada, já que a fisiologia demonstrou que a morte está condicionada a

[40] Sobre esta questão do desenvolvimento entre "superior" e "inferior", recorremos ao entendimento de Duarte (2000) de que Marx emprega alguns princípios para explicitar o processo de apropriação das relações existentes. De acordo com o autor, a teoria marxista compreende um real concreto e objetivo que contempla uma complexidade de fenômenos, na qual, a existência dessa realidade independe do pensamento dos indivíduos. Nesse caminho, existem categorias mais simples e mais complexas de apropriação. De forma geral, compreende-se que o caminho de interpretação parte do mais simples para o mais complexo. Duarte (2000) chama atenção para a possibilidade de existência na teoria de Marx a condição de que haja a necessidade do estabelecimento de categorias mais complexas que orientam e possibilitam a compreensão do mais simples. Um exemplo desse processo está no dinheiro, que não existia em outras sociedades e, para sua compreensão, é necessário recorrer às sociedades mais complexas.

um longo processo. Por essa razão "[...] pode-se afirmar que todo o ser orgânico é, no mesmo momento, ele mesmo e um outro" (ENGELS, 1877, p. 9). A complexidade do organismo pauta-se na compreensão de que, a todo momento, há células morrendo e nascendo outras, no qual, a matéria se renova e novas estruturas formam-se ocupando o lugar das antigas. Nesse sentido, o indivíduo é, ao mesmo tempo, síntese do que *era* e possibilidade do que está a *vir a ser*. Nesse entendimento, a concepção do homem não se restringe ao que é, momentaneamente, mas, aquilo que há possibilidade em se tornar.

Como vimos neste item, Marx e Engels (1998, 2007) e Engels (1876, 1979) compreendem que não há como fragmentar e deslocar o indivíduo da natureza social em que o indivíduo está inserido. Esse aspecto demonstra que as leis que regem os animais não são as mesmas que estruturam e explicam a dinâmica da vida em sociedade. Isso significa que a concepção de homem não pode ser explicada pelo viés naturalista e/ou biologizante.

Analisando elementos sobre a *natureza*, Marx (2001, p. 137) pontua que:

> [...] o comportamento natural do homem se tornou humano, em que medida a sua essência humana se tornou, para ele, uma essência natural, até que ponto a sua característica humana se tornou natureza. Na mesma relação, revela-se também em que medida as necessidades do homem se transformaram em necessidades humanas e, portanto, em que medida o outro homem enquanto pessoa se tornou para ele uma necessidade, até que ponto ele, na sua existência mais individual, é ao mesmo tempo um ser social.

De acordo com as ideias do autor, não há, portanto, uma *natureza pura*, intocada pelo homem. O ser humano, a partir do domínio destas relações sociais, passou a dominar e manipular também elementos "naturais", como os animais nativos de determinada região, a vegetação, o clima e outros elementos. Este domínio só é possível pelo avanço da identificação das necessidades humanas. Um exemplo desse processo é que, de acordo com IBGE (2021), estima-se a produção de cereais, leguminosas e oleaginosas por volta de 264,5 milhões de toneladas enquanto 19 milhões de brasileiros passaram fome em 2020[41]. Diante dessa condição, como é possível que um país produza o mínimo para a alimentação de todos e mesmo assim existam pessoas passando fome? A manipulação da terra para aumento da produção está associada à relação do homem com a natureza, assim como o destino dessa produção vincula-se também a uma *natureza social*.

[41] Para detalhes, as notícias podem ser acessadas em <https://agenciabrasil.ebc.com.br/radioagencia-nacional/economia/audio/2021-05/estimativa-do-ibge-de-abril-preve-safra-recorde-para-2021> (acessada em 13 de agosto de 2021) e <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2021-04/pesquisa-revela-que-19-milhoes-passaram-fome-no-brasil-no-fim-de-2020> (acessada em 13 de Agosto de 2021).

No tocante a esses aspectos, cabe compreender a concepção de homem também vinculada à *unidade natural-social*. Assim, a vida em sociedade torna-se fundamental para a constituição de diversos elementos. Dentre esses elementos destacamos a consciência. Aproximando-se de nosso objeto, no tópico seguinte pretendemos compreender como o ser humano se constitui no modo de produção capitalista e a influência do modo de (re)produção da existência humana vinculada ao capital.

2.4 O trabalhador no modo de produção capitalista

Em vias de compreensão sobre o capitalismo na produção de vida humana, Marx e Engels (1998) apontam que cada indivíduo particular está, constantemente, em contato com o universal. Isto é, a produção individual está sempre em contato com a produção do mundo inteiro, não só nas alterações objetivas, mas, também, subjetivas, como a própria produção de aspectos intelectuais. Dessa forma, o indivíduo estaria em plenas condições de "[...] adquirir a capacidade de desfrutar a produção do mundo inteiro em todos os seus domínios" (p. 35). Contudo, esse mundo criado pelos próprios seres humanos, impede esse processo através da forma de produção e reprodução da existência. Isto é, apesar de existirem as condições para apropriação daquilo que é produzido coletivamente, isso não se reverte ao indivíduo concretamente. No presente tópico identificamos nas discussões de Marx e Engels os motivos e questões relacionadas ao impacto do capital na vida cotidiana e de que modo esses aspectos estão relacionados à concepção de homem e a consciência.

Conforme nos apontam Bittar e Ferreira Junior (2005), ao pensarmos a questão do trabalho no modo de produção capitalista, é necessário identificar a questão de ruptura com a *omnilateralidade*. Segundo os autores, a tese marxiana compreende que o ser social é um ser *total*, completo, no qual não há como separar corpo e alma e/ou prática e teoria. Nessa perspectiva, o capitalismo emprega um processo de *unilateralidade*, almejando a ruptura deste indivíduo. Nessa perspectiva, o ser humano é cindido "[...] pois, tudo o que se manifesta no operário como atividade de expropriação, de alienação, se manifesta no não-trabalhador como estado de apropriação, de alienação" (BITTAR e FERREIRA JUNIOR, 2005, p. 75).

Este elemento nos leva a buscar compreender a forma como o capital se materializa cotidianamente. Marx e Engels (2005) revelam que a sociedade burguesa se origina a partir da sociedade feudal. Nesse processo, a organização da sociedade no

capitalismo "Não fez mais do que estabelecer novas classes, novas condições de opressão, novas formas de luta em lugar das que existiram no passado" (p. 40). Na sociedade burguesa há, portanto, duas grandes classes antagônicas que vivem e sobrevivem em confronto direto: a burguesia e o proletariado[42]. A sociedade capitalista nasce, portanto, enquanto um processo de desenvolvimento histórico de transformações na maneira de circulação e de produção. Para os autores,

> [...] a burguesia destruiu as relações feudais, patriarcais e idílicas. Rasgou todos os complexos e variados laços que prendiam o homem feudal a seus "superiores naturais", para só deixar subsistir, de homem para homem, o laço do frio interesse, as duras exigências do "pagamento à vista". Afogou os fervores sagrados da exaltação religiosa, do entusiasmo cavalheiresco, do sentimentalismo pequeno-burguês nas águas geladas do cálculo egoísta. Fez da dignidade pessoal um simples valor de troca; substituiu as numerosas liberdades, conquistadas duramente, por uma única liberdade sem escrúpulos: a do comércio. Em uma palavra, em lugar da exploração dissimulada por ilusões religiosas e políticas, a burguesia colocou uma exploração aberta, direta, despudorada e brutal (MARX e ENGELS, 2005, p. 42).

Nessa forma de constituição da sociedade capitalista, alguns elementos de produção e concepção do próprio homem tornaram-se referências de formação. Dessa forma, compreender o indivíduo nessa sociedade exige o esforço de compreender como o capitalismo se manifesta cotidianamente. Para isso, tomaremos como referência produção de Marx (2001, 2010, 1988) respectivamente denominados *Manuscritos Econômicos-Filosóficos*, *Grundrisse* e *O Capital*; da produção de Engels (1868) o livro *O Capital de Karl Marx* e de Marx e Engels (2005), *Manifesto Comunista*. A partir dessas produções buscaremos destacar alguns conceitos, dentre os possíveis, que orientam a compreensão do homem trabalhador: *produção*, *trabalho*, *mercadoria*, *alienação* e *fetichismo*. A justificativa dessa escolha se orienta pelo objeto de estudo na presente tese, como forma explicativa da questão da concepção de homem e da consciência.

[42] Lessa (2007) fornece uma explicação para o uso do termo por Marx. De acordo com o autor: "Quando Marx se refere à contradição mais geral entre capital e trabalho, utiliza o termo 'trabalhadores'. Quanto precisa diferenciar entre os trabalhadores que desdobram relações antagônicas com o capital daqueles outros trabalhadores que não o fazem, emprega o termo proletariado ou operariado. Ou, para dizer o mesmo com outras palavras, quando quer distinguir os 'trabalhadores' que convertem a natureza nos meios de produção e de subsistência e que são o fundamento material de toda riqueza social, dos outros 'trabalhadores' que, sendo ou não produtivos, não produzem este fundamento material, emprega proletários ou operários para nomear os primeiros e, 'trabalhadores' (em O Capital) ou 'classes de transição' (no 18 Brumário de Luís Bonaparte), para os últimos" (p. 194). Embora a interpretação de Lessa (2007) sobre trabalho material e imaterial não seja consenso na obra de Marx, para estruturação, tomaremos como referência tal sistematização, mantendo, sempre que possível, o termo traduzido da obra de Marx e Engels. Nesse caso específico, estamos nos referindo aos trabalhadores em geral.

2.4.1 A produção

De acordo com Duayer (2011), a descoberta de Marx sobre categorias fundamentais existentes no capitalismo alterou significativamente a compreensão sobre a economia nesse modelo de produção. As investigações, portanto, debruçam-se sobre: o trabalhador, o salário, o processo de valorização do trabalho, o mais-valor etc. Esse último, de acordo com Duayer (2011, p. 21):

> O mais-valor, contudo, além de desvendar o mecanismo de acumulação de capital, isto é, a expropriação do trabalhador, expressa um trabalho, como de fato o faz, o mais-valor representa a objetivação, *estranhada dos sujeitos*, do potencial que possui o trabalho (social) de reproduzir de forma ampliada as suas condições antecedentes. (DUAYER, 2011, p. 21).

Especificamente sobre o modelo de *mais-valor*, Engels (2008/1868) sinaliza que a identificação da existência de um "sobre trabalho", isto é, um mais-trabalho, nas palavras do autor, é o tempo necessário de restituição de seu salário acrescido pela fonte de mais-valor, de lucro, de ampliação do capital. Dessa forma, o trabalhador, à medida que se encontra a serviço do capitalista e vende a sua força de trabalho, há, na verdade, o que Engels (2008/1868) chama de *duplo trabalho*. Isto porque em um sentido, durante uma parte do tempo de trabalho, o proletário está restituindo através do salário, o qual será denominado de *trabalho necessário*[43]. Contudo, a jornada de trabalho não se finda aí. Há o emprego de um tempo excedente, que se concretiza no trabalho revertido ao capitalista. Esse seria o *mais-trabalho*, o trabalho humano empregado que constitui o lucro para o burguês (ENGELS, 2008/1868).

O trabalho, quando analisado a partir da produção, constitui, por um lado, o acesso às possibilidades de apropriação que foram desenvolvidas e produzidas a partir das condições sociais coletivas, ou seja, tendo o trabalho enquanto "[...] caminho para o sujeito humano refletir, no plano teórico, sobre a dimensão criativa de sua atividade" (KONDER, 2009, p. 37) e, por outro lado, tendo o trabalho enquanto fonte de lucro, de mais-valor e de aumento crescente do capital, apresentando as faces da mesma luta de classes.

[43] O trabalhador deve vender a sua força de trabalho para garantir a sua sobrevivência. Para o cálculo de seu trabalho, verifica-se a carga horária de trabalho e o quanto se produz de valor nesse tempo. Uma parte específica desse trabalho está voltado para os custos de subsistência do trabalhador, que seria, então, o *trabalho necessário*. Contudo, o trabalhador não trabalha somente pelo tempo para garantir esse valor, o trabalhador tem parte de seu trabalho apropriado pelo capitalista (HUWS, 2014).

Vasconcelos (2014) aponta que, através da interpretação de Marx, o homem deve ser considerado através do conjunto das relações sociais. Ao colocar sob foco das relações sociais, identifica-se a constituição através da harmonia entre forças produtivas e relações de produção. Nesse entendimento "[...] a divisão do trabalho leva à separação entre indivíduo enquanto pessoa (voltado para os interesses privados) e indivíduo enquanto membro de uma classe (voltado para os interesses coletivos)" (p. 110). A nosso ver, o estabelecimento dessas relações, apesar de aparentemente contraditórias, constituem de uma unidade que forma o indivíduo. Desse modo, os interesses privados do sujeito também são formados através das possibilidades e condições sociais. Todavia, no capital, as forças produtivas e as relações de produção apontam pela tentativa de separação de interesses.

Essa visão contraditória sobre a produção e a condição da existência humana desvela fenômenos que antes não se manifestavam na aparência. Assim, "Na economia política, em todos os lugares, encontramos o antagonismo hostil dos interesses, a luta, a guerra, como base da organização social" (MARX, 2001, p. 98). A organização social, portanto, é entendida por Marx (2001) e Engels (2008/1868) a partir da luta de classes através do qual "[...] toda a sociedade se deve dividir em duas classes, os *possuidores* de propriedade e os *trabalhadores* em propriedade" (MARX, 2001, p. 110, grifos do autor). Nesses aspectos:

> O capitalista tem interesse em fazer a jornada de trabalho tão prolongada quanto possível. Quanto mais ampla for, mais, mais-valor terá criado. O operário tem a verdadeira sensação de que cada hora de trabalho feita para além da restituição do seu salário, lhe é roubada; é no seu próprio corpo que sente o que significa trabalhar muito tempo seguido. O capitalista briga polo seu lucro, o obreiro pela sua saúde, por algumas horas de repouso cotidiano, para poder fornecer ainda uma outra atividade humana, fora das horas de trabalho, do sono e da comida. Notemos de passagem que não depende da boa vontade dos capitalistas tomados isoladamente, que queiram ou não se comprometer nesta luta, a concorrência obriga o mais filantropo dentre eles a aliar-se com os seus colegas e a fazer cumprir uma jornada de trabalho como a daqueles (ENGELS, 1868, s/p).

Para compreender a produção no capitalismo, Marx (2011) recorre ao processo histórico de constituição da sociedade, retomando aspectos discutidos por Engels (1984). Nesse sentido, ao olharmos para história, veremos que

> [...] o indivíduo, e por isso também o indivíduo que produz, aparece como dependente, como membro de um todo maior: de início, e de maneira totalmente natural, na família e na família ampliada em tribo; mais tarde, nas

> diversas formas de comunidade resultantes do conflito e da fusão das tribos. Somente no século XVIII, com a "sociedade burguesa", as diversas formas de conexão social confrontam o indivíduo como simples meio para seus fins privados, como necessidade exterior. Mas a época que produz esse ponto de vista, o ponto de vista do indivíduo isolado, é justamente a época das relações sociais (universais desde esse ponto de vista) mais desenvolvidas até o presente (MARX, 2011, p. 40).

O retorno à historicidade demonstra que tratar de produção é compreender como, em diferentes estágios de desenvolvimento social, uma sociedade produz e reproduz a sua própria existência. Nesse processo está inserida a compreensão de que o desenvolvimento social interfere diretamente na produção de *indivíduos sociais*. A produção coletiva e individual não se deu de forma homogênea entre os diferentes modos de produção. Em vista disso, "todas as épocas da produção têm certas características em comum, determinações em comum" (MARX, 2011, p. 41). Nas palavras do autor:

> *A produção em geral* é uma abstração, mas uma abstração razoável, na medida em que efetivamente destaca e fixa o elemento comum, poupando-nos assim da repetição. Entretanto, esse *Universal*, ou o comum isolado por comparação, é ele próprio algo multiplamente articulado, cindido em diferentes determinações. Algumas determinações pertencem a todas as épocas; outras são comuns apenas a algumas. [Certas] determinações serão comuns à época mais moderna e à mais antiga. Nenhuma produção seria concebível sem elas; todavia, se as línguas mais desenvolvidas têm leis e determinações em comum com as menos desenvolvidas, a diferença desse universal e comum é precisamente o que constitui seu desenvolvimento (MARX, 2011, p. 41, grifos do autor).

Na condição de desenvolvimento, são elaborados instrumentos de produção, mesmo que esses instrumentos, como vimos em Engels (1984), sejam apenas as mãos. O trabalho acompanha diretamente a produção, já que é só a partir do trabalho que é possível compreender a produção do mundo e, nessa condição, na natureza encontra-se, também, o trabalho acumulado de gerações anteriores, mesmo que esse trabalho tenha sido apenas a transformação a partir das mãos dos primeiros seres humanos no estágio selvagem (MARX, 2011). Nessa compreensão marxiana, reside à tese apresentada anteriormente, de que a construção da história não em caráter particular, mas, coletivo. A produção, nesses termos, "[...] também não é somente produção particular. Ao contrário, é sempre um certo corpo social, um sujeito social em atividade em uma totalidade maior ou menor de ramos de produção" (MARX, 2011, p. 41).

Marx (2011), na passagem seguinte, apresenta a relação existente entre *produção* e *apropriação*. Em termos históricos, a condição de transformação da natureza e produção

da existência, nesses termos, tem uma íntima relação com a produção humana anterior. No capitalismo, o autor nos alerta a contradições que existem a descaracterizar a produção humana, como pode ser visto a seguir:

> Toda produção é apropriação da natureza pelo indivíduo no interior de e mediada por uma determinada forma de sociedade. Nesse sentido, é uma tautologia afirmar que propriedade (apropriação) é uma condição da produção. É risível, entretanto, dar um salto daí para a forma determinada de propriedade, por exemplo, para a propriedade privada. (O que, além disso, presumiria da mesma maneira uma forma antiética, a não propriedade, como condição.) A história mostra, pelo contrário, a propriedade comunal (por exemplo, entre os hindus, os eslavos, os antigos celtas etc.) como forma original, uma forma que cumpre por um longo período um papel significativo sob a figura de propriedade comunal. Está totalmente fora de questão aqui indagar se a riqueza se desenvolveria melhor sob essa ou aquela forma de propriedade. Mas dizer que a produção e, por conseguinte, a sociedade são impossíveis onde não existe qualquer forma [de] propriedade é uma tautologia. Uma apropriação que não se apropria de nada é uma *contradictio in subjecto* [contradição nos termos] (MARX, 2011, p. 43).

Em vias de compreensão, Marx (2011) sinaliza, então, que existe algo em comum relacionado à produção em todos os estágios e momentos da vida humana. Essas seriam as condições e determinações universais. Além disso, há uma relação e conexão entre quatro conceitos que acontecem de forma interdependente: *produção*, *distribuição*, *troca* e *consumo*, no qual há o estabelecimento de uma relação entre universal-particular-singular em todo o processo. Podemos definir a produção enquanto um processo no qual, "[...] os membros da sociedade apropriam (elaboram, configuram) os produtos da natureza às necessidades humanas" (MARX, 2011, p. 44). A distribuição "[...] determina a proporção em que o indivíduo singular participa desses produtos" (MARX, 2011, p. 44) enquanto "[...] a troca o provê dos produtos particulares nos quais deseja converter a cota que lhe coube pela distribuição" (MARX, 2011, p. 44). Por último, já no consumo "[...] os produtos devêm objetos do desfrute, da apropriação individual" (MARX, 2011, p. 44).

> A produção cria os objetos correspondentes às necessidades; a distribuição os reparte segundo leis sociais; a troca reparte outra vez o já repartido, segundo a necessidade singular; finalmente, no consumo, o produto sai desse movimento social, devém diretamente objeto e serviçal da necessidade singular e a satisfaz no desfrute. A produção aparece assim como o ponto de partida; o consumo, como o ponto final; a distribuição e a troca, como o meio-termo, o qual, por sua vez, é ele próprio dúplice, uma vez que a distribuição é o momento determinado pela sociedade e a troca, o momento determinado pelos indivíduos. Na produção, a pessoa se objetiva, na pessoa [no consumo], a coisa se subjetiva; na distribuição, a sociedade assume a mediação entre produção e consumo sob a forma de determinações dominantes; na troca, produção e consumo são mediados pela determinibilidade contingente do indivíduo". (MARX, 2011, p. 44).

Segundo Marx (2011) esse processo demonstra a complexidade das relações sociais estabelecidas. A produção, em caráter mais amplo e abstrato, é constituída e determinada por leis universais. A distribuição torna-se situação definida a partir da casualidade social e estabelece um estímulo sobre a produção. A troca é um movimento social formal que interpõe os processos. O consumo, nessa perspectiva, não é compreendido apenas como o fim, mas, estipula a finalidade e, por vezes, torna-se ponto de partida do processo. Dessa forma, o ato de produção é também um ato de consumo, no qual, "[...] o indivíduo que desenvolve suas capacidades ao produzir também as despende, consome as no ato da produção" (MARX, 2011, p. 45). Ao refletirmos sobre o processo e as condições de produção, identifica-se que as relações de trabalho, troca e consumo não podem ser vistas de forma apartada das condições sociais que estão colocadas *à ordem do dia* e estruturam as relações de trabalho, troca e consumo. O que aparenta ser ato final, na verdade, se constitui no processo, à medida que o homem produz a si mesmo à medida que exerce uma atividade na natureza, tanto do ponto de vista objetivo quanto subjetivo.

Há um esforço de Marx (2011) em demonstrar que esses conceitos não são idênticos, mas que são partes de uma totalidade e apresentam diferenças dentro de uma *unidade*, no qual algum dos processos sobrepõe-se em outros momentos, isto é, vai além de si mesmo. Por exemplo, na passagem seguinte, o autor nos apresenta a relação entre consumo e produção.

> O consumo também é imediatamente produção, do mesmo modo que na natureza o consumo dos elementos e das substâncias químicas é produção das plantas. Por exemplo, na nutrição, que é uma forma de consumo, é claro que o ser humano produz seu próprio corpo. Mas isso vale para todo tipo de consumo que, de um modo ou de outro, produz o ser humano sob qualquer aspecto (MARX, 2011, p.46).

Chega-se à conclusão, então, de que a produção é, imediatamente, consumo, bem como o consumo é produção. Nessa relação, consumo e produção se relacionam a partir de seu contrário, isto é,

> A produção medeia o consumo, cujo material cria, consumo sem o qual faltaria-lhe o objeto. Mas consumo também medeia a produção ao criar para os produtos o sujeito para o qual são os produtos. Somente no consumo o produto recebe seu último acabamento. Uma estrada de ferro não trafegada, que, portanto, não é usada, consumida, é uma estrada de ferro apenas *potencialmente*, não efetivamente. Sem produção, nenhum consumo; mas,

> também, sem consumo, nenhuma produção, pois nesse caso a produção seria inútil (MARX, 2011, p. 46).

Dessa forma, o consumo *produz* a produção duplamente: (1) somente no consumo a produção torna-se efetiva. Por exemplo, o uso das roupas ou a habitação das casas. Nessa condição, não se formam apenas objetos, mas, também o "[...] sujeito ativo" (MARX, 2011, p.46). As relações de produção e consumo, nesse sentido, só ganham materialidade a partir da ação e constituição do ser humano; (2) o consumo também funciona enquanto uma força impulsora da produção. Ou seja, o consumo cria necessidade de uma *nova* produção. Nas palavras do autor: "O objeto da produção como imagem interior, como necessidade, como impulso e como finalidade" (MARX, 2011, p.46-47). Nesse processo complexo, o ponto de partida e final se encontram, à medida que "a produção cria, produz o consumo" (MARX, 2011, p.47), bem como o consumo apresenta a efetivação da produção, sua *determinabilidade*, seu fim.

Saviani (2012) analisa a questão da seguinte forma:

> [...] produção, distribuição, troca e consumo formam "um silogismo-modelo". A produção constitui o ponto de partida (termo maior), o consumo o ponto de chegada (termo menor), comportando-se a distribuição e a troca como termo médio, com duplo caráter: a distribuição se origina da sociedade e a troca do indivíduo. Na produção os homens ajustam os recursos da natureza às suas necessidades humanas; pela distribuição a sociedade determina a partiação proporcional dos indivíduos na repartição dos produtos; pela troca cada indivíduo obtem os produtos particulares nos quais decide converter a quota-parte que lhe foi determinada pela distribuição; por fim, no ato do consumo os produtos se tornam objetos de apropriação individual e fruição (p. 128).

O ato de produção, nessa perspectiva, é, ao mesmo tempo, consumo. Para exemplificar essa relação, Marx (2011, p. 47) apresenta a ideia a seguir.

> Fome é fome, mas a fome que se sacia com a carne cozida, comida com garfo e faca, é uma fome diversa da fome que devora carne crua com mão, unha e dente. Por essa razão, não é somente o objeto do consumo que é produzido pela produção, mas também o modo de consumo, não apenas objetiva, mas também subjetivamente. A produção cria, portanto, os consumidores.

A citação de Marx (2011) nos atenta para algumas questões: em primeiro lugar, nos coloca na reflexão sobre a relação entre os aspectos *fisiológicos* e *sociais*. A fome é oriunda de uma necessidade de subsistência no qual, qualquer organismo vivo, sentirá a necessidade de produção de energia para a manutenção da homeostase do ser vivo. Todavia, para o ser humano, a fome não pode ser somente explicada pelo critério

fisiológico. Afinal, ao sentirmos fome, não sentirmos fome de *qualquer coisa*. Então Marx (2011) apresenta que a forma de saciar a fome está vinculada aos aspectos culturais da sociedade em que vivemos, isto é, a carne cozida, o uso de talheres. Em um segundo momento, nesse desdobramento, a forma de produção e de consumo está vinculada ao homem concreto. Produzem-se mercadorias que serão consumidas e, ao mesmo tempo, o consumo apresenta possibilidades para a produção. Entendendo esses dois elementos de forma fragmentada, *não dialética*, passam a não ser possível exemplificar a complexidade da natureza humana. Isto é, a produção só faz sentido através do consumo e o consumo é que orienta a produção.

Na sociedade capitalista, nem todos os seres humanos saciam a sua fome da mesma forma, assim como apresentam as mesmas possibilidades de sobrevivência. Esse processo também está diretamente relacionado à classe social. O proletariado que vem a sua força de trabalho e produz mais-valor ao burguês, não tem, portanto, uma pobreza naturalmente existente, mas, que é produzida artificialmente pelo mecanismo de produção social (MARX, 2001).

A partir da compreensão da produção em caráter ampliado, no subitem seguinte buscaremos compreender outros dois conceitos também vinculados à produção: o *trabalho* e a *mercadoria*.

2.4.2 O trabalho e a mercadoria

Como vimos no início da discussão do presente capítulo, o trabalho é a atividade transformadora que objetiva o indivíduo na realidade e tem um caráter *ontológico* que implica diretamente na concepção de homem desenvolvida na obra marxiana. Para Marx e Engels, o trabalho enquanto modificação da natureza, em diferentes tempos históricos, forma e *hominiza* o indivíduo. Essa forma de produção, como vimos, tem uma vinculação ao estágio de desenvolvimento social, e, a transformação da natureza se dá em caráter coletivo, não individual. No processo de desenvolvimento humano (ENGELS, 1984), o capitalismo estabelece uma forma de relação social particular em detrimento a outros modos de produção.

No capitalismo, o duplo caráter ao trabalho (ENGELS, 1868; MARX, 2001) imprime que a força de trabalho empregada para a transformação da natureza é, ao mesmo tempo, a ação que produz novas condições de existência e é também fonte de exploração, na medida em que o *trabalho necessário* existe em relação interdependente com o *mais-*

trabalho. Assim, pela contradição posta, o trabalho torna-se, ao mesmo tempo, *humanizador* e *desumanizador*.

> O trabalhador torna-se tanto mais pobre quanto mais riqueza produz, quanto mais a sua produção aumenta em poder e extensão. O trabalhador torna-se uma mercadoria tanto mais barata, quanto maior o número de bens produz. Com a *valorização* do mundo das coisas, aumenta em proporção direta a *desvalorização* do mundo dos homens. O trabalho não produz apenas mercadorias; produz-se também a si mesmo e ao trabalhador como uma *mercadoria*, e justamente na mesma proporção com que produz bens. Tal fato implica apenas que o objeto produzido pelo trabalho, o seu produto, opõe-se a ele como *ser estranho*, como um *poder independente* do produtor. O produto do trabalho é o trabalho que se fixou num objeto, que se transformou em coisa física, é a objetivação do trabalho. A realização do trabalho constitui simultaneamente a sua objetivação (MARX, 2001, p. 111-112).

A citação acima apresenta diversos elementos que constituem da discussão sobre trabalho e mercadoria. De antemão, como podemos identificar, a concepção de homem preconizada no modo de produção capitalista visualiza o trabalhador enquanto uma "coisa", um objeto, e, portanto, enquanto uma mercadoria. Nesse processo, as relações sociais estabelecidas naturalizam uma forma de organização e funcionamento social em que, cotidianamente, o homem é desvinculado do que produz como valor na condição de transformação da natureza. Isto é, desvincula-se o homem de sua força de trabalho e daquilo que produz ao final do processo. Exemplos como a demissão em massa, a substituição da mão-de-obra, a exploração e humilhação dentro do ambiente de trabalho reafirmam que o indivíduo não é concebido pela sua condição humana, mas pela adequação à produção aos olhos da classe dominante.

Contraditoriamente, o trabalho que permite ao sujeito existir, reproduzir e objetivar condições de existência que permanecem como fruto para o gênero humano, é, também, um momento pelo qual o homem desumaniza-se frente à forma como a sociedade organiza-se. Assim, Marx (2001), ao tratar da categoria trabalho, nos convida a analisar tal fenômeno social através do pensamento dialético, incorportando embates, contradições, tensionamentos e enfrentamentos que se dão em unidade. Para analisarmos o trabalho, portanto, deve-se estar atento às faces que se apresentam.

Isto é, ao mesmo tempo em que o indivíduo produz mercadoria, o ato de sua produção – o trabalho – torna-se também uma mercadoria. Nesse sentido, essa contradição na categoria trabalho e a relação com a mercadoria demarcam as discussões elaboradas por Marx (1988, 2001). Chame-se atenção para a definição de mercadoria contida em Marx (1988) apresentada a seguir:

> A mercadoria é, antes de tudo, um objeto externo, uma coisa, a qual pelas suas propriedades satisfaz necessidades humanas de qualquer espécie. A natureza dessas necessidades, se elas se originam do estômago ou da fantasia, não altera nada na coisa. [...] Cada coisa útil, como ferro, papel etc., deve ser encarada sob duplo ponto de vista, segundo qualidade e quantidade. Cada uma dessas coisas é um todo de muitas propriedades e pode, portanto, ser útil, sob diversos aspectos (p. 45).

A mercadoria, portanto, origina-se através de necessidades objetivas ou subjetivas que possuem uma utilidade. Essa utilidade que contém a mercadoria é o que Marx (1988) denomina de *valor de uso*. O valor de uso é determinado a partir das características, do corpo das mercadorias e "[...] seu caráter não depende de se a apropriação de suas propriedades úteis custa ao homem muito ou pouco trabalho" (MARX, 1988, p. 46). O valor de uso está vinculado, portanto, ao uso constituído em sua forma social. Pode ser compreendido enquanto o fundamento essencial da mercadoria que, no capitalismo, apresenta também sua degeneração. Isto é, ao mesmo tempo em que a mercadoria possui um valor de uso, esta também tem um *valor de troca* (MARX, 1988). Pieretti, Ortiz e Malina (2017) fazem menção desta enquanto um duplo valor que existe para atender uma necessidade social.

> O valor de troca aparece, de início, como a relação quantitativa, a proporção na qual valores de uso de uma espécie se trocam contra valores de uso de outra espécie, uma relação que muda constantemente no tempo e no espaço. [...] Observemos a coisa mais de perto. Determinada mercadoria, 1 *quarter* de trigo, por exemplo, troca-se por x de graxa de sapato, ou por y de seda, ou por z de outro etc., resumindo por outras mercadorias nas mais diferentes proporções. Assim, o trigo possui múltiplos valores de troca, ao invés de um único (MARX, 1988, p. 46).

Há, portanto, uma relação intrínseca entre valor de uso e valor de troca orientado através da demanda de uma determinada forma de organização social. Sobretudo, não há como desvincular a mercadoria (com sua dupla face) enquanto produtos do trabalho. Ou seja, "[...] de ser a mercadoria a cristalização de determinado trabalho humano" (PIERETTI, ORTIZ e MALINA, 2017, p. 23). Apesar de o trabalho humano ser o guia e fundamento da compreensão que a ação intencional opera na realidade, esse produto do trabalho aparece, cotidiano, já transformado pelo trabalho humano. Essa transformação imbricada na essência não submerge à aparência, o que pode gerar um falso distanciamento entre mercadoria e trabalho humano (MARX, 1988). Em outras palavras, a mercadoria que tem valor de uso e valor de troca para a sociedade esconde, em si, suas

propriedades fundamentais: isto é, o trabalho que a forjou. Dessa forma, "Ao desaparecer o caráter útil dos produtos do trabalho, desaparece o caráter útil dos trabalhos neles representados, e desaparecem também, portanto, as diferentes formas concretas desses trabalhos" (MARX, 1988, p. 47).

Nesses termos, o valor de troca de uma mercadoria tem uma relação direta com o *tempo de trabalho socialmente necessário*. De acordo com o autor, "[...] é aquele requerido para produzir um valor de uso qualquer, nas condições dadas de produção socialmente normais, e com o grau social médio de habilidade e de intensidade" (MARX, 1988, p. 48). Contudo, determinadas coisas podem ser valor de uso, mas, não ter valor de troca. Nas palavras do autor:

> Uma coisa pode ser valor de uso, sem ser valor. É esse o caso, quando a sua utilidade para o homem não é mediada por trabalho. Assim, o ar, o solo virgem, os gramados naturais, as matas não cultivadas etc. Uma coisa pode ser útil e produto do trabalho humano, sem ser mercadoria. Quem com seu produto satisfaz sua própria necessidade cria valor de uso mas não mercadoria. Para produzir mercadoria, ele não precisa produzir apenas valor de uso, mas valor de uso para outros, valor de uso social (MARX, 1988, p. 49).

Dessa forma, para constituir-se enquanto mercadoria, a coisa, o objeto, etc., "[...] é preciso que o produto seja transferido a quem vai servir como valor de uso por meio da troca" (MARX, 1988, p. 49). Simultaneamente, a mercadoria deve ter valor de uso e valor de troca. Marx (1988) busca desvelar o processo de troca da mercadoria através da compreensão de *valor*, que é o trabalho humano constituído em uma mercadoria e os processos de mensuração do valor a partir das trocas de mercadorias. Para isso, o autor trata de quatro modelos: (A) Forma simples, singular ou acidental de valor; (B) Forma de Valor Total ou Desdobrada; (C) Forma Geral de Valor e; (D) Forma Dinheiro[44].

O processo de troca de mercadorias é bastante complexo, já que exige a constituição de pessoas que não necessariamente produzam as mercadorias, mas, coloquem-nas em circulação, já que "As mercadorias não podem por si mesmas ir ao mercado e se trocar" (MARX, 1988, p. 79). Troca-se, então, o que não tem valor de uso para o indivíduo, mas, possui um valor de uso para os outros, ou, do contrário, essas mercadorias não teriam circulação. Em relação às formas de troca, existiram diferentes possibilidades ao longo da história e do desenvolvimento social. Havia o que Marx (1988) denominava de *troca direta*. Isto é, *x* de mercadoria A por *y* de mercadoria B. Dessa

[44] Para detalhes desses modelos, ver Marx (1988) p. 54-70.

forma, “Na troca direta de produtos, cada mercadoria é diretamente meio de troca para seu possuidor, equivalente para seu não-possuidor, mas somente enquanto forma de valor de uso para ele” (idem, p. 82).

Na complexificação de mercadorias, o dinheiro aparece enquanto outra mercadoria que se estabelece enquanto equivalente, enquanto medida do valor das mercadorias medido através de tempo de trabalho (MARX, 1988). No desenvolvimento dessa ideia, Marx (2011) sinaliza a necessidade de compreender, antes de tudo, o processo de circulação das mercadorias. O dinheiro, por si só, não explica sua determibilidade. Isto porque o dinheiro é, antes de tudo, *relação social* já que “A natureza não produz nenhum dinheiro, da mesma maneira que não produz taxa de câmbio ou baqueiros” (MARX, 2011, p. 183). O dinheiro, portanto, não é uma relação *natural*. O dinheiro é também uma construção social.

Diante dessa compreensão, vejamos seguinte lógica (MARX, 1988, p. 94): “Mercadoria – Dinheiro – Mercadoria (M – D – M)”. Na troca direta existia a fórmula M – M. Contudo, pelas transformações e complexificações, passa-se a ter dois processos dentro da relação geral: M – D e, posteriormente, D – M. Assim,

> A mudança de forma, por meio da qual o metabolismo dos produtos do trabalho se realiza, M – D – M, exige que o mesmo valor, como mercadoria, forme o ponto de partida do processo e retorne ao mesmo ponto como mercadoria (MARX, 1988, p. 99).

Ao decompormos a fórmula em M – D verificamos que a mercadoria, produto do trabalho, tem agregado um valor de troca definido pelo valor de uso para outrem. Nessa perspectiva do desenvolvimento do capital, o dinheiro enquanto relação social estabelecida pelo capitalismo passa a ser uma determinação formal, ou seja, uma forma do estabelecimento de relações econômicas de troca, tornando-se o objetivo para o segundo processo (D – M), na condição do dinheiro possibilitar o acesso ao produto do trabalho humano que tem valor de uso para si. Evidencia-se que nesse modelo de circulação, a finalidade é a troca do dinheiro por outra mercadoria. Para exemplificar esse processo, imaginemos a produção de canetas. Um indivíduo vende a caneta (que, nesse caso, não tem valor de uso, mas possui valor de troca) e, com uma nova mercadoria, o dinheiro, pode adquirir uma nova mercadoria que teria valor de uso, como o papel. Vemos, nesse caso, que o processo de troca de mercadorias está vinculado à tentativa de obter outra mercadoria necessária.

A partir da forma de circulação de mercadorias M – D – M, se apresenta uma variação apresentada pela fórmula D – M – D. Ou seja, "[...] transformação de dinheiro em mercadoria e retransformação de mercadoria em dinheiro, comprar para vender" (MARX, 1988, p. 121-122). Nessa mudança, o dinheiro torna-se uma mercadoria e algo perseguido pelo indivíduo. Observamos a partir da citação de Marx (1988, p. 122-123):

> Na circulação M – D – M, o dinheiro é finalmente transformado em mercadoria que serve de valor de uso. O dinheiro está, pois, definitivamente gasto. Na forma inversa, D – M – D, o comprador gasta dinheiro para como vendedor receber dinheiro. Com a compra, ele lança dinheiro na circulação, para retirá-lo dela novamente pela venda da mesma mercadoria. Ele libera o dinheiro só com a astuciosa intenção de apoderar-se dele novamente.

Na decomposição de D – M – D visualizamos que o ponto de partida (D – M) não é mais a posse de um produto do trabalho, como no caso anterior, mas, sobretudo, o acúmulo do dinheiro como forma de mercadoria. O dinheiro, por si, não possui *valor de uso* e funciona enquanto mediador de uma determinada relação social. Com o dinheiro compra-se uma mercadoria. Essa mercadoria serve como propósito, novamente, como valor de troca. Isto é, o que produzirá novamente o dinheiro, pela segunda parte do processo: M – D. Retomamos o exemplo anterior para compreender o processo. Nesse momento, o indivíduo não tem a caneta, mas o dinheiro para obter a caneta. Assim, troca um dinheiro pela caneta. Como a caneta para si não tem valor de uso para si, a caneta é novamente vendida. Se formos olhar o processo, não haveria sentido a troca da caneta pelo mesmo um dinheiro inicial. Dessa forma, Marx (1988) identifica que, na verdade, nesse processo, o dinheiro final é acrescido de um valor a mais, ou seja, M – D'. No exemplo, a venda da caneta geraria não um dinheiro, mas, dois.

No ciclo M – D – M, portanto, há a intenção de possuir uma mercadoria por seu valor de uso a partir da troca de uma mercadoria que tem valor de uso para o outro. Contudo, na variação D – M – D, a mercadoria possuída não tem valor de uso, apenas valor de troca, à medida que a intenção será que essa mercadoria gere dinheiro acrescido. Ou seja, a segunda há a intenção de que "[...] dinheiro gera dinheiro" (MARX, 1988, p. 127). No capitalismo, portanto, manifesta-se o interesse não no valor de uso, mas, no valor de troca. A variação no mercado que origina o valor acrescido surge através do que dá valor à mercadoria, isto é, ao *trabalho acumulado*. Esse processo não é natural da circulação, já que:

> Nosso possuidor de dinheiro, por enquanto presente apenas como capitalista larvar, tem de comprar as mercadorias por seu valor, vendê-las por seu valor e, mesmo assim, extrair no final do processo mais valor do que lançou nele (MARX, 1988, p. 134).

Para alteração desse processo, o capitalista se relaciona diretamente com a *compra e venda da força de trabalho*. Como vimos anteriormente, os proletários vendem a sua força de trabalho, e, nessa condição, tornam-se mais uma mercadoria. Por força de trabalho, Marx (1988) compreende enquanto "[...] o conjunto das faculdades físicas e espirituais que existem na corporalidade, na personalidade viva de um homem e que ele põe em movimento toda vez que produz valores de uso de qualquer espécie" (p. 135). Ao tratar a força de trabalho enquanto uma mercadoria, o burguês a tem enquanto sua propriedade provisória, ela só é paga depois de ter sido eficaz no prazo previsto no contrato de compra, por exemplo, ao final de cada semana, mês etc. Ao utilizar a força de trabalho, há a utilização do próprio trabalho. Trabalho, na passagem de Marx (1988, p. 142) expressa que:

> Antes de tudo, o trabalho é um processo entre o homem e a Natureza, um processo em que o homem, por sua própria ação, media, regula e controla seu metabolismo com a Natureza. Ele mesmo se defronta com a matéria natural como uma força natural. Ele põe em movimento as forças naturais pertencentes à sua corporalidade, braços e pernas, cabeça e mão, a fim de apropriar-se da matéria natural numa forma útil para sua própria vida.

Identifica-se que o trabalho, no modo de produção capitalista, é permeado por elementos que distanciam o indivíduo de apropriar-se da produção do gênero humano. Retomando a explicitação sobre os modelos de circulação, analisemos à luz do trabalho humano. O ser humano, ao produzir uma mercadoria que possui *valor* – de uso ou de troca – relaciona-se diretamente com o processo de produção. Isto é, detém daquilo produziu e define o destino da *mercadoria*. Nesse processo, apropria-se do produto final de seu trabalho. No desenvolvimento do capitalismo, o ser humano apresenta apenas a possibilidade de produzir a mercadoria e, para tal, vende a sua força de trabalho. Nessa condição, ao final do processo, não detém mais do produto que produziu, mas de um salário que visa pagar o trabalhador apenas uma parte de seu trabalho. Isto é:

> Se o produto do trabalho não pertence ao trabalhador, se a ele se contrapõe como poder estranho, isto só é possível porque o produto do trabalho pertence a *outro homem distinto do trabalhador*. Se sua atividade constitui para ele um martírio, tem de ser fonte de deleite e de prazer para o outro. Só o homem, e

> não os deuses ou a natureza, é que pode ser este poder estranho sobre os homens (MARX, 2001, p. 119).

Dessa forma, a estruturação desse modelo social transforma o trabalho e o produto do trabalho enquanto elementos estranhos ao indivíduo, na medida em que esse não consegue enxergar-se na finalidade inicial, tampouco regular e controlar aquilo que produz e a velocidade em que produz. Na constituição *estranhada* de si mesmo e do próprio trabalho, e, em termos gerais, da ação do homem no mundo, a discussão sobre alienação e o fetichismo parece ser fundamental para a compreensão do modelo econômico existente e os impactos na constituição e na concepção de homem. Para tal, identificamos nas ideias de Marx (1988, 2001) respectivamente em *O Capital* e nos *Manuscritos Econômico-Filosóficos*, elementos que contribuem para uma análise do ser humano concreto.

2.4.3 A alienação e o fetichismo

Como vimos no subitem anterior, Marx (1988, 2001) demonstra a complexidade do modo de circulação das mercadorias no qual o capitalismo estrutura-se. Através da compreensão geral sobre a construção do *mundo*, Marx e Engels nos demonstram que a realidade que temos acesso foi uma construção da humanidade em diferentes estágios sociais. A instalação dessas relações no capitalismo, portanto, não são naturais, ou espontâneas, mas, constituíram-se, enquanto tais, através da luta entre classes (MARX, 1988). Isto posto, compreendemos que a complexidade do capitalismo exige a imersão em dois conceitos importantes: a alienação e a o fetichismo. É importante salientar que esses aspectos compõem a totalidade do modo de produção da existência humana. Retomando a ideia apresentada anteriormente, no capitalismo, o processo de produção de mercadorias possui apenas um valor de troca, constituindo de um trabalho *estranhado*, em que a produção final – parte do trabalho de planejamento e abstração do homem – existe enquanto mercadoria para *outro*.

O trabalho existe enquanto ação desde as primeiras formas de desenvolvimento do homem (ENGELS, 1984). Essa ação é o que produz as condições de sobrevivência, ao lado das objetivações acumuladas de gerações anteriores. No capitalismo, "O objeto produzido pelo trabalho, o seu produto, opõe-se a ele como ser estranho, como um poder independente do produtor" (MARX, 2001, p. 112). As implicações desse estranhamento se manifestam na constituição da alienação, à medida que o indivíduo perde a relação

entre abstração e objetivação. Marx (1988) propõe uma exemplificação a partir da mercadoria:

> À primeira vista, a mercadoria parece uma coisa trivial, evidente. Analisando-a, vê-se que ela é uma coisa muito complicada, cheia de sutileza metafísica e manhas teológicas. Como valor de uso, não há nada misterioso nela, quer que eu a observe sob o ponto de vista de que satisfaz necessidades humanas pelas suas propriedades, ou que ela somente recebe essas propriedades como produto do trabalho humano. É evidente que o homem por meio de sua atividade modifica as formas das matérias naturais de um modo que lhe é útil. A forma da madeira, por exemplo, é modificada quando dela se faz uma mesa. Não obstante a mesa continua sendo madeira, uma coisa ordinária física. Mas logo que ela aparece como mercadoria, ela se transforma numa coisa fisicamente metafísica (p. 70).

No processo de produção de mercadorias, há um distanciamento entre o que foi produzido e o objeto em seu processo final, ainda que a concepção do objeto produzido advenha de uma necessidade humana. Isto é, o homem elabora e produz algo que, mesmo que lhe seja útil, não pode ser por ele apropriada. Há, portanto, uma separação entre o trabalho humano e o produto do trabalho. Essa separação não apenas distancia o indivíduo do ato de sua produção, mas o aliena diante do produto do seu trabalho. Assim, nessa perspectiva, a desvinculação entre o *trabalho* e a *produção* aliena o indivíduo na finalidade do seu próprio trabalho. Ou seja, o trabalho passa a ter como objetivo o salário – que, como Marx (1998) nos demonstra é o pagamento de uma parcela do trabalho – e não o produto final, ainda que esse seja um objeto necessário objetiva ou subjetivamente ao ser humano.

Assim, de acordo com Marx (1998), a separação do produto do trabalho – as mercadorias –, do produtor – o trabalhador –, gera o que se chama de caráter *fetichista*, ocasionando a transformação do trabalho humano enquanto mais uma mercadoria.

> [...] os homens relacionam entre si seus produtos de trabalho como valores não porque consideram essas coisas como meros envoltórios materiais de trabalho humano da mesma espécie. Ao contrário. Ao equiparar seus produtos de diferentes espécies na troca, como valores, equiparam seus diferentes trabalhos como trabalho humano. Não o sabem, mas o fazem. Por isso, o valor não traz escrito na testa o que ele é. O valor transforma muito mais cada produto de trabalho em um hieróglifo social. Mais tarde, os homens procuram decifrar o sentido do hieróglifo, descobrir o segredo se seu próprio produto social, pois a determinação dos objetos de uso como valores, assim como a língua, é seu produto social (MARX, 1998, p. 72).

No processo de alienação, não há somente a relação do indivíduo com a mercadoria, mas do indivíduo consigo mesmo e com os outros existentes nesse processo. Dessa forma,

> [...] o homem, por meio do trabalho alienado, não só produz a sua relação com o objeto e com o ato de produção, como com homens estranhos e hostis, mas produz ainda a relação dos outros homens com a sua produção e com o seu produto, e com a relação entre ele mesmo e com os outros homens. Do mesmo modo como ele cria a sua produção como sua desrealização, como a sua punição, e o seu produto como perda, como produto que não lhe pertence, da mesma maneira cria o domínio daquele que não produz sobre a produção e o respectivo produto. Assim como aliena a própria atividade, também confere a um estranho a atividade que não lhe pertence (MARX, 2001, p. 119).

De acordo com Marx (1988), esse aspecto nebuloso só deixará de ser algo *fantasmagórico*, na condição em que o trabalhador tenha pleno controle e consciência sobre o produto produzido através de seu trabalho.

A partir dessa discussão, foi possível identificarmos a complexidade dos conceitos elaborados por Marx e Engels no que concerne à concepção de homem formada no modo de produção capitalista. No item seguinte buscaremos apresentar, sinteticamente, formulações dos autores que iluminam possíveis sínteses sobre a consciência e a concepção de homem existente em sua obra.

2.5 A práxis na teoria marxiana e o potencial transformador

O conceito de *práxis* fora densamente explorado por diferentes pensadores e pesquisadores ao longo da história. Para Kosik (1969) a práxis sofreu transformações conceituais ao longo do tempo. Em diálogo com Marx, estabelece que a práxis seja a condição de uma ação transformadora na realidade de forma intencional. Vejamos nas palavras do autor:

> A práxis na sua essência e universalidade é a revelação do segredo do homem como ser ontocriativo, como ser que cria a realidade (humano-social) e que, portanto, compreende a realidade (humana e não-humana, a realidade na sua totalidade). A práxis do homem não é atividade prática contraposta à teoria; é determinação da existência humana como elaboração da realidade (idem, p. 202).

Conforme menciona Kosik (1969), a práxis é um conceito em movimento, direcionado a uma ação ativa na realidade. Essa atividade não é estática, mas se produz historicamente. Dessa forma, "A práxis se articula a todo o homem e o determina em sua

totalidade" (KOSIK, 1969, p. 202). Essa ação seria uma diferença de qualquer outro ser vivo existente. O homem tem a capacidade de objetivar-se na realidade que está colocada, produzir mudança, desenvolver-se coletivamente, entre outros elementos. Reside na concepção de homem, portanto, uma teleologia com o processo de ação intencional na realidade em que estamos inseridos. E, além disso, mais do que alterações biológicas em relação aos demais animais, o homem *age* na natureza que está inserido.

> O homem apropria-se do seu ser unilateral de uma maneira compreensiva, portanto, como homem total. Todas as suas relações humanas com o mundo – visão, audição, olfato, gosto, percepção, pensamento, observação, sensação, vontade, atividade, amor – em síntese, todos os órgãos de sua individualidade, como também os órgãos que são diretamente comuns na forma, são no seu comportamento objetivo ou no seu comportamento perante o objeto a apropriação do referido objeto, a apropriação da realidade humana. A maneira como eles reagem ao objeto é a confirmação da realidade humana; é a eficiência humana e o sofrimento humano, já que o sofrimento humanamente considerado é uma autoposse do homem (MARX, 2001, p. 141).

Analisando a contribuição trazida por Marx (2001) vemos que as qualidades humanas, sejam elas de ordem sensorial e/ou abstrativa, constituem-se a partir do processo de apropriação da realidade humana. Em qualquer grau, a ação do indivíduo, na formação de sua individualidade e de sua constituição, está vinculada ao processo de desenvolvimento da realidade em suas condições concretas. Isto é,

> O olho tornou-se um olho humano, no momento em que o seu objeto se transformou em objeto humano, social, criado pelo homem para o homem. Por consequência, os sentidos tornaram-se diretamente teóricos na sua prática. Relacionam-se à coisa por ela mesma, mas a própria coisa já constitui uma relação humana objetiva a si mesma e ao homem, e vice-versa. A necessidade ou o prazer perderam, portanto, o caráter egoísta e a natureza perderam a sua mera utilidade, na medida em que a sua utilização tornou utilização humana (MARX, 2001, p. 142).

Nessa perspectiva, o olho humano tomado como exemplificação de um processo de objetivação e apropriação, admira, tem contato, sensibiliza-se diante de coisas e questões que o olho não-humano não reconhece ou ignora. Apesar de haver a tentativa de explicações biológicas para esse processo, só conseguimos explicar plenamente a ação do homem no mundo através da prática social que se desenvolveu ao longo do tempo (MARX, 2001). Ora, se assim o for, as questões que nos tocam e nos sensibilizam e que também são naturalizadas e invisibilizadas são de ordem coletiva e não individuais. Esse elemento permite que conheçamos a "Natureza *real* do homem" (MARX, 2001, p. 145).

O entendimento de práxis permite a adentrarmos a compreensão da concepção de homem, e, mais especificamente, da constituição da esfera do ser social. Dito de outra forma, o ser humano é um indivíduo concreto, que existe de forma objetiva, tendo a sua existência demarcada e determinada pelas condições sociais existentes. Essas determinaçõs apresentam não apenas implicações subjetivas, mas, também corpóreas. É por essa compreensão que não é possível compreender o homem isolado das relações exteriores, ou seja, da *prática*. Todavia, o que parece, *aparentemente*, fácil de ser captado pelo sentido humano, é, na verdade, *escondido*. A realidade não é o que aparece imediatamente para nós. Por isso, o entendimento de práxis não deve ser reduzido ao entendimento de prática. Nos termos do autor:

> Consequentemente, nem os objetos humanos são os objetos naturais assim como estes se oferecem imediatamente, nem o sentido humano, tal como é imediata e objetivamente, é sensibilidade humana, objetividade humana. A natureza não está, nem objetiva nem subjetivamente, imediatamente disponível ao ser humano de modo adequado (MARX, 2010, p. 127-128).

Nessa perspectiva, a essência do homem está alocada no próprio homem, e, portanto, fora do indivíduo particular. Isto porque a força de produção existente, isto é, as condições de produzir e reproduzir possibilidades de existência são sociais, advindas de múltiplas sínteses relacionadas à práxis de inivíduos. Esse processo supera o determinismo biológico e se constitui enquanto uma dinâmica social na qual a ação transformadora dos indivíduos, enquanto possibilidade de existência de uma atividade consciente move a busca em sociedade por um alto grau de generidade e complexidade.

Em termos gerais, a práxis pode ser compreendida enquanto a atividade do homem que produz meios para a existência social, e, ao produzir determinadas condições, engendra novas necessidades que não existiam anteriormente. Necessidades essas que promovem, consequentemente, novas necessidades, colocando os homens à tarefa de satisfazê-las continuamente. Nesses termos, a práxis é necessariamente uma *ação*, mas, nem toda a ação será práxis (VÁZQUEZ, 2011). Nesse entendimento:

> O homem, por sua própria ação, medeia, regula e controla seu metabolismo com a natureza. Esse se confronta com a matéria natural como uma potência natural [*Naturmacht*]. Afim de se apropriar da matéria natural de uma forma útil para a sua própria vida, ele põe em movimento as forças naturais pertencentes a sua corporeidade: seus braços e pernas, cabeças, mãos. Agindo sobre a natureza externa e modificando-a por meio desse movimento, ele modifica, ao mesmo tempo, sua própria natureza (MARX, 2013, p. 255).

Analisando o processo por essa via de entendimento, o homem não é explicado apenas por aquilo que ele é em determinado momento, mas pela mudança que o acompanha: o vir a ser. Desse modo, a concepção de homem que se toma como ponto de partida é o sujeito *em potencial*. Nesse processo, a produção do homem não é desinteressada, espontânea ou aleatória. É um processo abstratativo que contém uma finalidade e uma intenção. Assim, Kosik (1969, p. 205) nos apresenta que: "A práxis é tanto objetivação do homem e domínio da natureza quanto realização da liberdade humana".

O caráter transformador da ação do homem possibilita o movimento da nossa história enquanto humanidade, em que:

> O homem não é apenas uma parte da totalidade do mundo: sem o homem como parte da realidade e sem o seu conhecimento como parte da realidade, a realidade e o seu conhecimento não passam de mero fragmento. Já a totalidade do mundo compreende ao mesmo tempo, como momento da própria totalidade, também o modo pelo qual a realidade se abre ao homem e o modo pelo qual o homem descobre essa totalidade (KOSIK, 1969, p. 205-206).

O processo de compreender a realidade permite que o indivíduo se transforme em *ser social* e não se perca naquilo que parece ser (MARX, 2001). Ao empreender esforços na atividade social – e não individual – o homem reconhece que a sua essência está atrelada aos demais, no qual as relações sociais é que permitem as potencialidades de avanço das construções humanas. Nesses termos, ser homem, para a teoria marxiana, não é ser algo em si mesmo, mas compreender-se a partir do outro.

2.6 A consciência e concepção de homem na teoria marxiana: uma síntese

A partir das discussões anteriores, identifica-se que Marx e Engels formulam uma concepção de homem e, por conseguinte, um entendimento de consciência enquanto uma categoria, cuja expressão pode ser captada academica e praticamente, podendo ser tomada como referência e/ou fundamento para diversas áreas do conhecimento, bem como à Psicologia. A partir das discussões traçadas, é possível compreendermos algumas teses defendidas pelos autores que se tornam referência para analisar o homem concreto. Para essa elaboração de caráter sintético, recuperamos cinco pontos que aparecem ao longo da discussão do presente capítulo.

1) O homem é um ser social, isto é, precisa dos outros seres humanos para existir e constituir-se enquanto indivíduo. Assim, não há uma *natureza* inata, tampouco

biológica, que garantam o pleno desenvolvimento do ser humano. Desse modo, o homem é um ser que deve ser observado em sua totalidade, tanto do ponto de vista indivisível, quanto da incorporação nos modos de estruturação de vida e existência que existe em cada indivíduo. O ser e o existir, portanto, não são elaborados em si mesmo, mas estão relacionados à intencionalidade da existência do sujeito.

> Longe de ser verdade que "a partir do nada" eu faço a mim mesmo, por exemplo, como "falante", diríamos que o nada que aqui serve de base é um algo bastante diversificado, o indivíduo real, seus órgãos da fala, um estágio determinado do desenvolvimento físico, a língua e os dialetos existentes, ouvidos capazes de ouvir e um meio ambiente humano que produz sons audíveis etc. etc. Portanto, na formação de uma qualidade, algo é criado de algo por meio de algo, e nunca tal como na lógica hegeliana, em que algo é criado do nada por meio de nada e para nada (MARX e ENGELS, 2007, p. 153-154).

A partir da citação anterior, é possível identificarmos que a existência concreta do homem para Marx e Engels (2007) apresenta uma *finalidade*. Ou seja, o que existe e da forma como existe, existe por um motivo social, não pelo acaso. Esse aspecto diferencia-se da lógica hegeliana pelo fato de que a criação de algo objetiva colocar o homem em contato com as relações sociais em que ele está inserido.

Dessa forma, o ser humano se hominiza nas condições sociais e consequentemente nas relações sociais. "Em resumo: o homem é social por natureza e desenvolverá sua verdadeira natureza no seio da sociedade e somente ali" (LOWY, 1978, p. 55). Nesta perspectiva, a consciência é também uma constituição *social*. Ou seja, não é uma constituição *à priori*, dada ao indivíduo de antemão. A consciência, portanto, é significada socialmente a partir de determinadas condições e possibilidades históricas. Esse aspecto desdobra-se na concepção de homem, pois, estamos tratando de um indivíduo que não forma a si mesmo isoladamente.

2) Nessa perspectiva, o homem é natureza e não o é. Ou seja, o ser humano é parte da natureza, oriundo de um processo de evolução biológica e, ao mesmo tempo, os escritos marxianos nos apresentam o rompimento com o entendimento pautado no evolucionismo (natural e social). Isto é, o ser humano instaura uma relação distinta com a natureza do que o observado no modo *natural*. Nesse sentido, o homem não vive em função da natureza, mas submete a natureza em função da produção e satisfação de necessidades coletivamente estruturadas. O processo de transformação da natureza advém do trabalho, processo esse singular do homem. Diante dessa perspectiva, tem-se um impacto na concepção de homem: para Marx e Engels o homem não nasce com as

qualidades humanas, mas se apropriam do que fora produzido pelo trabalho engendrado na natureza, e, ao mesmo tempo, constroem novas condições de existência. Observemos a citação de Marx:

> Pressupomos o trabalho numa forma em que pertence exclusivamente ao homem. Uma aranha executa operações semelhantes às do tecelão, e a abelha envergonha mais de um arquiteto humano com a construção dos favos de suas colmeias. Mas o que distingue, de antemão, o pior aquiteto da melhor abelha é que ele construiu o favo em sua cabeça, antes de construí-lo em cera. No fim do processo de trabalho obtém-se um resultado que já no início deste existiu na imaginação do trabalhador, e, portanto, idealmente (MARX, 1988, p. 142-143).

Marx (1988) discorre sobre elementos do processo de trabalho em que há uma diferença, em qualidade, da ação do homem da natureza e do animal. Para o homem, há algo anterior que norteia ação relacionada à abstração. Isto é, antes de materializar algo na natureza, o ser humano *visualiza* as etapas de produção e planeja a ação na natureza. Sem a abstração, o homem não modifica a natureza. É por isso que os animais não transformam o meio natural, já que não formulam idealmente essa finalidade. O ser humano, ao empregar o seu trabalho, tem um objetivo, uma teleologia com sua ação. É possível, portanto, identificarmos uma concepção do homem em permanente atividade, o que lhe garante a sobrevivência. Nesse processo, a consciência torna-se parte da relação prática do indivíduo com o mundo.

3) Todavia, não é possível desvencilhar o trabalho do homem das condições sociais nas quais foram produzidas as condições de existência. Dito em outras palavras, ao analisar a relação entre trabalho e produto, "Produtos são, por isso, não só resultados, mas ao mesmo tempo condições do processo de trabalho" (MARX, 1988, p. 144). Ou seja, não há como deslocar o produto do trabalho sem identificar e refletir sob quais condições de trabalho fornecidas para o homem produzir determinado objeto. O ser humano não vive isoladamente, nem produz de forma desvinculada.

Tendo como referência as possibilidades sociais, cabe-nos analisar o trabalho no interior da sociedade atual. Em relação ao capitalismo, Lowy (1978, p. 57) alerta-nos:

> É óbvia a vinculação entre esta alienação, que separa o Estado da Sociedade, o ser social do ser individual, como caráter privatista e egoísta da sociedade burguesa, que destrói a essência social da vida humana, projetando-a fora de si, num universal abstrato. O mesmo processo de dissociação entre o "privado" e o "social" – e a consequente exteriorização do segundo – se verifica através da alienação econômica resultante da divisão do trabalho capitalista.

A sociedade capitalista busca promover a separação do homem e do produto, a tal ponto que o trabalhador não consiga identificar na realidade o objeto como fruto objetivado de seu trabalho. Esse aspecto aliena o indivíduo de sua condição transformadora na realidade. A criação de mercadorias passa a ser um processo abstrato, distanciado do homem. Em circunstâncias da nossa sociedade moderna, o indivíduo passa a atribuir a transformação da realidade e da história como algo casual – e por vezes como algo místico – ao invés de sua ação no mundo objetivo. Assim:

> O caráter místico da mercadoria não provém, portanto, de seu valor de uso. Ele não provém, tampouco, do conteúdo das determinações de valor. Pois, primeiro, por mais que se diferenciem os trabalhos úteis ou atividades produtivas, é uma verdade fisiológica que eles são funções do organismo humano e que cada uma dessas funções, qualquer que seja seu conteúdo ou forma, é essencialmente dispêndio de cérebro, nervos, músculos, sentidos humanos, etc. Segundo, quanto ao que serve de base à determinação da grandeza de valor, a duração daquele dispêndio ou a quantidade do trabalho, a quantidade é distinguível até pelos sentidos da qualidade do trabalho. Sob todas as condições, o tempo de trabalho, que custa a produção dos meios de subsistência, havia de interessar ao homem, embora não igualmente nos diferentes estágios de desenvolvimento. Finalmente, tão logo os homens trabalham uns para os outros de alguma maneira, seu trabalho adquire também uma forma social (MARX, 1988, p. 70).

4) Segundo Lowy (1978, p. 54): "Por outro lado, a atividade humana, não só a produtiva, mas, em todas as suas formas, é atividade social, mesmo quando não é realizada em comunhão direta com os outros". Isto é, quando o homem reconhece a sua atividade enquanto *práxis*, possibilita-se o reconhecimento do trabalho como motor da história humana, produzindo condições para a transformação das condições sociais existentes no *status quo*.

5) Esta relação entre ação e a reflexão demarcam um aspecto fundamental para o entendimento da consciência a partir de Marx e Engels. Para os autores, a consciência se constitui a partir das relações que o homem estabelece com a realidade enquanto ser social. Ou seja, "[...] a consciência do homem é já de antemão um produto social, porque ela não é somente a consciência da pessoa individual, mas sim do indivíduo em conexão com toda a sociedade e da sociedade toda em que vive" (LOWY, 1978, p. 54). Desse modo, a consciência não é algo que se forma *a priori*, tampouco do indivíduo isolado. A consciência é uma substância coletiva, construída historicamente pela possibilidade que a humanidade elaborou até o momento de interpretação e análise da realidade em que se vive.

Os cinco elementos apresentados de forma sintética nos auxiliam a compreender elementos que nos apontem à concepção de homem ancorada em Marx e Engels, bem como a compreensão sobre a consciência.

Para o desenvolvimento da presente tese, caminhamos no sentido de retomar o problema de pesquisa que nos orienta. O marxismo norteia a Psicologia Histórico-Cultural enquanto um dos fundamentos estruturantes epistemologicamente. Nesse sentido, a concepção de homem presente em Marx e Engels inspiraram as categorias elaboradas por Vigotski. O autor bielorrusso caminha no sentido de desenvolver psicologicamente um entendimento sobre o homem, sobre desenvolvimento humano e, portanto, sobre consciência. Como vimos ao longo do texto até aqui, a questão da *consciência* é um problema para diferentes áreas do conhecimento. A Psicologia forneceu diversos entendimentos para este conceito. Nesses termos, buscaremos nos escritos de Vigotski compreender como o autor desenvolve a categoria consciência ao longo de sua obra, analisando em que medida há o avança, superação e/ou incorporação da concepção de homem de Marx e Engels.

CAPÍTULO TRÊS – A CONSCIÊNCIA NA OBRA DE LEV SEMIONOVITCH VIGOTSKI

O presente capítulo visa aproximar-nos da categoria consciência obra vigotskiana. Nos capítulos anteriores identificamos e situamos a consciência no contexto histórico-social, bem como no cenário das produções acadêmicas. Em seguida, apresentamos e sintetizamos os elementos que orientam e fundamentam a nossa análise, isto é, a concepção de homem, desenvolvida na obra marxiana. Nossa tese é a de que a consciência é uma categoria central na obra de Vigotski e se forma mediante a incorporação de diversos fundamentos, dentre eles a obra de Marx e Engels.

A concepção de homem desenvolvida por Marx e Engels apresenta uma leitura histórico-social do processo de formação da consciência. Para os autores, o homem não pode ser visto e analisado de forma *suspensa*[45], distante e apartado das condições concretas que o constituem. Dessa forma, ao nos referirmos ao indivíduo, nos referimos a um *ser social* que engendra possibilidade de vir a ser que são dadas socialmente. Este elemento não retira a singularidade do indivíduo, já que o processo de apropriação e objetivação decorrer de uma relação dialética daquilo que é *particular-singular-universal*.

É com a concepção de homem que a presente tese visa contribuir para a síntese de como a consciência se constitui na obra de Vigotski e possibilitar que os achados contribuam, enquanto fundamento, para as diversas áreas de atuação profissional, sobretudo na educação e na organização dos processos educativos.

Diante do arcabouço teórico desenvolvido, Vigotski apropria-se da teoria marxiana e de outras teorias[46] para sistematizar conceitos e desenvolver um fundamento psicológico de interpretação do homem e da sociedade. Para tanto, nosso olhar volta-se a qual entendimento de consciência foi desenvolvido pelo autor. Destarte, torna-se necessário analisar a obra do autor bielorrusso e buscar compreender como a categoria consciência se desenvolve ao longo de seu processo de escrita e formulação teórica. Para

[45] A suspensão faz parte da técnica fenomenológica investigativa de *redução*, concebida pelo filósofo alemão Edmund Husserl (1859-1938). Segundo esta perspectiva, para alcançar a plena condição investigativa em caráter puro, é fundamental a suspensão de considerações sobre um fenômeno existente (FOUCHE, 1984).

[46] Vigotski dialoga com teorias psicológicas de sua época, como a Reflexologia, a Psicanálise, a perspectiva Genética de Piaget, bem como com referências filosóficas que apresentamos ao longo deste capítulo.

nos aproximarmos de nosso objeto de estudo, temos acordo com Romanelli (2011) no que diz respeito ao caminho metodológico de aproximação, qual seja:

> Tenho defendido a ideia de que para se analisar um dado objeto de estudo[47] a partir da obra de Lev Semenovich Vigotski (1896-1934) é fundamental levar em conta as discussões metodológicas e as contingências históricas que marcaram o desenvolvimento da produção do psicólogo bielorrusso – afinal, Vigotski, além de um importante teórico da psicologia, foi um dos grandes epistemólogos dessa ciência, e sua busca pelo conhecimento sempre esteve aliada às prementes necessidades de seu tempo histórico (ROMANELLI, 2011, p, 200).

Com o objetivo de nos aproximarmos de nosso objeto de estudo e, na mesma medida, fazê-lo através da identificação do tempo histórico de Vigotski buscamos localizar as temáticas que o instigaram a desenvolver a presente proposta psicológica que chamamos de Psicologia Histórico-Cultural. Temos como centralidade a preocupação em não deslocar de forma atemporal tanto a categoria consciência como o arcabouço teórico desenvolvido pelo autor. Dessa forma, teremos o norte da reconstrução biográfica de Vigotski também por meio de comentadores que traçam referências da vida de Vigotski e das condições de seu tempo histórico. Além da contextualização de vida, sinalizaremos o momento de síntese de determinadas obras de Vigotski que utilizamos como objeto de análise[48].

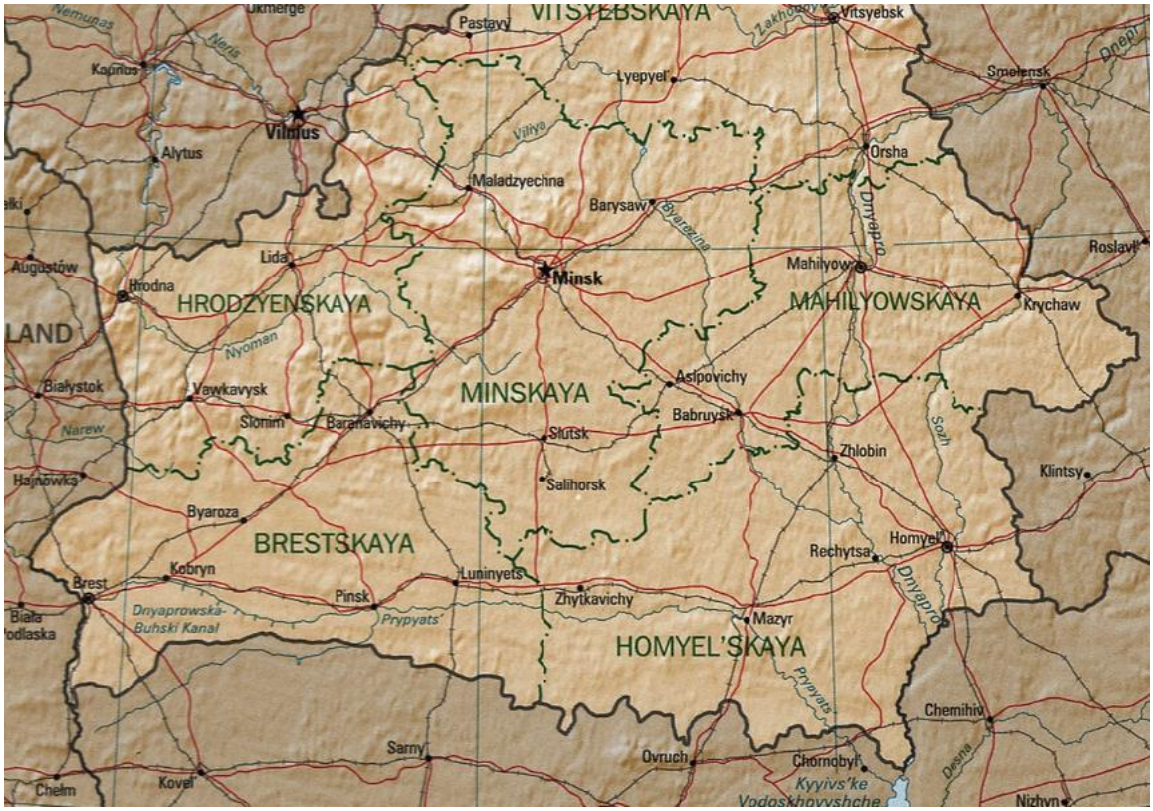
3.1 Aproximação ao contexto histórico da vida e obra de Lev Semionovitch Vigotski

Como apresentado no primeiro capítulo do presente texto, Vigotski é um pensador bielorrusso nascido em 05 de novembro de 1896, através do calendário antigo, na cidade de Orcha, na Região Vitebskaia, antiga Moguilevskaia (PRESTES, 2010), como mostra o mapa a seguir:

Figura 1 – Mapa da Bielorrússia

[47] Tal assertiva talvez seja ainda mais relevante em se tratando da análise do próprio Vigotski.

[48] Apresentaremos a listagem e organização das obras utilizadas na análise na tabela 1 na página 172.



Fonte: US Central Intelligence Agency.

Caminhando no sentido em compreender elementos da vida e obra do autor, tomamos como referência a compreensão de Shuare (1990) que aponta a impossibilidade em compreender Vigotski e sua teoria de forma desvinculada das condições de sua produção. Enquanto referência bibliográfica, a tese de Prestes (2010) apresenta o percurso da vida do autor a partir de duas referências em russo: a produção de Guita Lvovna Vigodskaia e Tamara Mirrailovna Lifanova, denominado *Lev Semionovitch Vigotski: zhizn, deiatelnost, chtrirri k portretu*, publicado em 1996 e a obra de Mirrail Grigoriecitch Iarochevski, publicado em 2007 com o título *Vigotski: v poiskarh novoi psirrologii*[49]. Além dessa referência de Prestes (2010), buscaremos pontos de discussão na obra de René Van der Veer e Jaan Valsiner, denominado *Vygotsky: a quest for synthesis*, publicado em 1991[50] [51].

3.1.1 Aspectos gerais da vida de Vigotski

[49] Para detalhes desse percurso de vida e de trabalho de Vigotski, sugerimos a leitura de Prestes (2010).
[50] Há uma tradução do inglês para o português publicado em 1996.
[51] Apesar de o livro ser escrito com Van der Veer e por Valsiner, no prefácio apresentam que cada um dos autores ficou responsável por um capítulo. Por isso, faremos referência ao capítulo específico que utilizarmos como referência dentro do livro.

De acordo com Van der Veer (1991) há poucas publicações que tratam sobre a infância e adolescência de Vigotski. Os relatos existentes são da filha de Vigotski, Gita[52]. O que se sabe é que Vigotski foi o segundo filho de oitos irmãos (VAN DER VEER, 1991; PRESTES, 2010). Seus pais eram "[...] altamente educados membros da comunidade judia de Gomel" (VAN DER VEER, 1991, p. 4). Aparentemente, a família tinha boas condições financeiras e todos tiveram a possibilidade de ter um tutor particular (VAN DER VEER, 1991). Embora Vigotski não tenha frequentado a escola primária (PRESTES, 2010), finaliza o ginásio com a premiação de uma medalha de ouro[53], aos dezessete anos (VAN DER VEER, 1991; PRESTES, 2010). O pai de Vigotski trabalhava como chefe de departamento de banco denominado *United Bank* (VAN DER VEER, 1991; PRESTES, 2010). Em relação à mãe de Vigotski, Prestes (2010) aponta que tinha conhecimento da língua alemã e interesse pela obra do filósofo Heinrich Heine.

De acordo com Prestes (2010), em 1897 a família se muda para Gomel, onde se torna, de fato, a cidade natal de Vigotski. Van der Veer (1991) apresenta que, apesar da família não ser extremamente religiosa, Vigotski teve acesso a uma educação tradicional judia e manifestava interesse em compreender a cultura judaica, bem como a história do povo judeu. Dobkin, amigo de Vigotski, relata que durante a adolescência, Vigotski participava de círculos de discussão sobre a filosofia de Hegel e também demonstrava grande admiração pela poesia, em especial por Pushkin e Heine. Aponta que as leituras de Oleksander Potebnja sobre pensamento e linguagem podem ter influenciado o interesse de Vigotski para a Psicologia (VAN DER VEER, 1991).

Outra relação marcante para Vigotski seria com seu primo, David, que introduziu Vigotski ao movimento Esperanto[54]. Além disso, há diversos relatos preservados pela família de Vigotski com cartas trocadas entre os primos que demonstram a proximidade dessa relação. David tinha uma inserção na área da poesia e literatura e possuía o

[52] Pelas lacunas dessa compreensão, na época de elaboração e publicação da obra de Van der Veer (1991) há a menção de uma publicação de Gita, juntamente com Lifanova, sobre referências biográficas de seu pai. Essa obra foi lida por Prestes (2010) para a construção do percurso de trabalho de Vigotski.

[53] Pelo fato de ser judeu e pela política czarista da Rússia, havia uma cota de admissão de estudantes judeus para as instituições de ensino superior. Um exemplo é de que na Universidade de Moscou e de Petersburgo a porcentagem de alunos judeus correspondia o equivalente a apenas 3% do total dos estudantes. Isso significa que a medalha de ouro garantiria a admissão de um estudante judeu a uma instituição de ensino superior, revelando, portanto, a importância dessa premiação (VAN DER VEER, 1991).

[54] O Movimento Esperantista é reconhecido enquanto um movimento social que tinha por objetivo divulgar o Esperanto ao redor do mundo. Esperanto era uma proposta linguística que visava socializar a comunicação de pessoas de regiões, sendo uma língua formada e constituída a partir de elementos de várias línguas nacionais (FIANS, 2012; JANTOS, 1993).

conhecimento de diversas línguas, fazendo traduções da literatura espanhola e hebraica para o russo (VAN DER VEER, 1991).

De acordo com Van Der Veer (1991) a educação recebida por Vigotski foi muito "[...] influenciada pelo fato de que ele [Vigotski] era judeu. Em primeiro lugar, a Rússia Czarista tinha uma quota de admissão de judeus para instituições de ensino superior. [...] Na prática isso significa que a medalha de ouro assegurava a admissão" (p. 6). A escolha pelo curso superior de Vigotski restringia-se pela atuação posterior, bem como por influência da família. Nesse sentido, Vigotski opta por Medicina na Universidade de Moscou, todavia, após um mês de curso, transfere-se para Direito e faz cursos em concomitância aos de História e Filosofia (VAN DER VEER, 1991; PRESTES, 2010).

Figura 2 – Cartão de estudante de Vigotski no curso de Direito na Universidade de Moscou

Fonte: Van Der Veer (1991).

As referências biográficas demonstram que Vigotski fizera leituras da Filosofia de Espinoza, bem como manteve seus interesses pela literatura, no qual, durante a adolescência, escreveu inúmeras resenhas literárias através do início de estudos de *Hamlet*, de Shakespeare. Há registro também de Vigotski ter produzido uma análise de

um dos textos de Dostoiévski (VAN DER VEER, 1991; PRESTES, 2010). Prestes (2010) pontua que 1914 escreve sua primeira obra, denominada *Tragédia de Hamlet, príncipe da Dinamarca de W.Shakespeare*[55]. Podemos identificar, nessa direção, a pluralidade de referências de Vigotski ao longo dos anos e como essas se ligam à sua história e formação.

Vigotski se aproxima da Psicologia no momento em que o pensador teve a possibilidade de ouvir palestras e fazer cursos que colocassem ênfase na questão da constituição da linguagem, sendo esta área o primeiro elemento que chama atenção dele (VAN DER VEER, 1991). Além disso, no decorrer desse período, Vigotski teve a possibilidade de fazer leituras de psicólogos, como William James, no estudo *The Varieties of Religious Experience* (1902) e Sigmund Freud, em sua obra *Zur Psychopathologie des Altagslebens*[56] (1904), que marcaram decisivamente a sua leitura sobre a Psicologia e que, posteriormente, auxiliaram no seu diálogo com a Psicologia Soviética.

Em 1917 Vigotski retorna à sua cidade natal, Gomel, e passa a dar aula na universidade estatal[57]. Até seu retorno para Moscou em 1924, de acordo com Van Der Veer (1991) se tem poucos detalhes sobre a vida de Vigotski durante esses anos. O que se sabe, pelos registros encontrados de suas publicações, verifica-se que foi um momento de produção e organização em atividades culturais em Gomel, embora pelo levantamento identifica-se apenas[58] "[...] duas resenhas literárias e dois manuscritos não publicados" (VAN DER VEER, 1991, p. 9). Além disso, confirma-se o interesse de estudo de Vigotski sobre a Psicologia e a Pedagogia, como podemos ver a seguir.

> Trabalhando na escola superior de professores de Gomel, ele [Vigotski] também começou a escrever um de seus primeiros grandes livros: *Pedagogical Psychology* [Psicologia Pedagógica]. O fato de Vigotski nesse período ter dado palestras sobre o ensino de literatura e investigado o efeito de repetidas traduções sobre o conteúdo dos textos, isso atesta o crescimento do seu interesse pedagógico e psicológico (VAN DER VEER, 1991, p. 10).

[55] O material produzido por Vigotski integrou a produção de sua obra *Psicologia da Arte* e, em uma segunda edição, sua monografia é incluída (PRESTES, 2010).
[56] Esse texto de Freud é conhecido na tradução para o português "*Sobre a Psicopatologia da Vida Cotidiana*".
[57] Registra-se o ano de 1917 como a demarcação simbólica do ano da Revolução Russa.
[58] Pelos anos de vida de Vigotski e o desenvolvimento de seus estudos, verifica-se que o autor escrevia inúmeros trabalhos, literários ou científicos. Esse elemento pode explicar o porquê do questionamento de Van Der Veer (1991) sobre anos em que Vigotski, na análise do autor, escreve *poucos* trabalhos, produzindo uma lacuna na linha do tempo analisada por Van Der Veer.

Além da consolidação dessa relação acadêmica entre Psicologia e Pedagogia, Vigotski dedica-se a críticas literárias, com a coordenação de jornais sobre a temática juntamente com seu amigo Dobkin e seu primo David e a vivência da vida cultural de Gomel e de outras cidades, conhecendo pessoas vinculadas à literatura, à arte, etc. A ida de Vigotski a Moscou se deu através de sua fala no *Segundo Congresso de Psiconeurologia de Leningrado* em 1924[59]. Na ocasião Vigotski defendeu a necessidade da Psicologia em estudar a consciência, o que produziu uma contradição com as ideias defendidas pela Psicologia da época.

A importância dada por Vigotski a consciência, como apresentado por Van Der Veer (1991) é um dos elementos que justifica a realização do nosso presente estudo. À época, Vigotski indaga-se sobre o tratamento dado à consciência que, em nossa concepção, parte do entendimento de que a consciência seria uma categoria fundamental para o arcabouço teórico de Vigotski.

Ainda em relato sobre o Congresso de Psiconeurologia, há relatos contraditórios sobre o destaque de Vigotski na conferência. Em uma perspectiva, relata-se que Luria teria ouvido a fala de Vigotski e ficado extremamente impressionado, sugerindo que Kornilov convidasse Vigotski para o Instituto de Psicologia de Moscou. Em outra linha do relato, Kornilov teria por si só tomado a iniciativa de convidar Vigotski. Na mudança para Moscou, iniciam-se os estudos que envolveriam a *tróika*: Vigotski, Luria e Leontiev[60] (VAN DER VEER, 1991).

Bronckart (2008) apresenta que durante os dez anos de vida acadêmica de Vigotski, o pensador dedicou-se a várias disciplinas e campos de estudos, tais como: a história da Psicologia, suas teorias, métodos e análises da sua evolução histórica; o problema do desenvolvimento das funções psíquicas superiores, da consciência e do pensamento; problema do processo de aprendizagem; condutas humanas e atividade de grupos sociais no curso de sua história; problema da linguagem, sua gênese e o entendimento desta enquanto instrumento regulador da conduta; questões da defectologia e da deficiência. Segundo o autor, Vigotski estuda e elabora temáticas "[...] por meio da

[59] São discutidos dois textos de fundamental importância para o presente trabalho sobre a questão da consciência em crítica ao fundamento behavorista na Psicologia. Esses textos serão abordados no capítulo quatro.

[60] Existe uma divergência teórica sobre a existência ou não de uma tróika nos estudos da Psicologia Histórico-Cultural. Alguns pesquisadores brasileiros defendem que não existia a tróika, todavia, tomamos como referência Prestes (2010), em consonância com Van Der Veer (1991), que, em entrevista a filha de Vigotski, quando questionada sobre a existência da tróika, a mesma afirma positivamente, no qual relata que em diferentes momentos vivenciou situações em que Luria e Leontiev estavam juntos de Vigotski, elaborando propostas de pesquisas coletivamente. Para detalhes, ver entrevista em Prestes (2010).

unidade e de um enfoque integrador, Vigotski aborda tantos campos aparentemente díspares" (BRONCKART, 2008, p. 10).

Em relação à produção de Vigotski, Van der Veer e Valsiner (1991) organizaram três momentos de produção do autor: uma primeira fase, marcada pelos seus primeiros anos em Moscou (1924-1928) e uma segunda fase, da teoria Histórico-Cultural de forma mais sistematizada entre 1928-1932 e, por último, os últimos anos do autor (1932-1934) em Moscou, Carcóvia e Leningrado, que marca uma relação mais direta com a *pedologia*.

Para compreender a forma como Vigotski produziu sua teoria sob condições problemáticas e/ou adversas, Van Der Veer (1991) apresenta três elementos que necessitam ser considerados ao pensar no processo de produção do pensador bielorrusso:

1- Vigotski vivia com a esposa e duas filhas em um espaço de um único quarto em um apartamento lotado. Tais condições eram comuns naquele contexto revolucionário da época (VAN DER VEER, 1991).

2- Vigotski assumia diversas atividades, como o trabalho editorial e as aulas que ministrava, obrigando-o a se deslocar recorrentemente de Moscou a Leningrado, atual São Petersburgo, e Carcóvia (VAN DER VEER, 1991).

3- Por último, Vigotski sofria de uma condição recorrente de ataque de tuberculose. Em diferentes circunstâncias, médicos apresentavam uma sentença de vida de apenas alguns meses e, nesse meio tempo, Vigotski se submeteu a dolorosos e exaustivos tratamentos. Para exemplificar, um trabalho expressivo do autor de análise da crise da Psicologia foi elaborado nesse contexto mais agressivo da doença (VAN DER VEER, 1991).

Sobre a doença de Vigotski, durante as intervenções médicas o pensador bielorruso permanecia em instituições de saúde e relatou em carta à Luria, em 05 de Março 1926:

> [...] a minha volta existia uma situação assim a todo momento, que era vergonhosa e dificultava com que pegasse uma caneta na mão, sendo impossível pensar calmamente... Eu me sinto fora da minha vida, mais corretamente: entre a vida e a morte; Eu não estou ainda desesperado, mas eu já abandonei toda a esperança (VAN DER VEER, 1991, p. 13).

Há diferentes relatos sobre os últimos anos de vida de Vigotski, algumas personalidades próximas a ele relatam que o mesmo se encontrava acamado em estado depressivo. Sua filha dá um relato distinto, apresentando que seu pai se manteve ativo até o momento de sua morte. Em 11 de Junho de 1934, Vigotski, depois de repetidas

hemorragias decorrentes da tuberculose, falece em um sanatório, depois de ter lutado catorze anos contra essa doença (VAN DER VEER, 1991). De acordo com o autor à época dessa publicação, "[...] mais de cinquenta anos depois de sua morte, as ideias de Vigotski estão se tornando conhecidas no mundo científico – um processo que continua insuficientemente compreendido" (idem, p. 18). A partir da compreensão de Van Der Veer (1991), nos articularmos ao coletivo que vem buscando compreender as ideias de Vigotski no Brasil.

Nessa perspectiva, um elemento que aparece em Prestes (2010) e em Van Der Veer e Valsiner (1991) é a relevância da Revolução Russa para a construção teórica de Vigotski. A Psicologia Histórico-Cultural surge em um contexto de mudanças radicais reivindicadas na construção da União Soviética. No subitem seguinte buscaremos discorrer elementos em relação a este processo.

3.1.2 A Revolução Russa e a influência em Vigotski

Para compreender um autor e uma obra, o recurso de localizá-la historicamente é mais do que meramente uma formalidade. Partindo do princípio que a produção individual é, sobretudo, uma produção coletiva (MARX, 1998), discutir o contexto histórico a qual Vigotski se vincula nos parece uma tarefa de primeira ordem. Prestes (2010) sinaliza a complexidade dessa localização a partir das inúmeras transformações e turbulências dessa época que influenciou o desdobramento de diversos acontecimentos históricos posteriores. Vigotski situa-se em um período em que

> O final do século XIX e início do século XX são bastante conturbados no mundo. Na Rússia, em 1905, ocorre a primeira tentativa de realizar uma Revolução Socialista. Seu fracasso é avaliado como ensaio geral pelos seus líderes, pois a derrota serve de lições para o futuro e o ano de 1917 termina com a instalação do poder dos Soviets na Rússia (PRESTES, 2010, p. 27).

Inúmeros intelectuais da época e pesquisadores posteriormente produziram sínteses para explicar o desenvolvimento do processo revolucionário na Rússia. Destacamos os escritos de Leon Trotsky, em obras divididas em três volumes que visaram discorrer sobre a História da Revolução Russa e a obra de Rosa Luxemburgo, intitulada Revolução Russa, que foram uma referência para situar historicamente a Rússia e os desdobramentos da Revolução[61].

[61] Pela limitação da presente tese, não abordaremos as diferenças teóricas que recorta os autores de referência.

De acordo com Trotsky (2017), a Rússia era um país com um desenvolvimento lento e tardio, apresentando uma estrutura social com inúmeras vulnerabilidades e uma economia frágil, no qual as pessoas tinham acesso a um baixo nível de desenvolvimento cultural. Como base econômica estava a agricultura, pois "Tomava-se posse da natureza em extensão e não em profundidade" (TROTSKY, 2017, p. 31), sofrendo também em decorrência do clima do local. Diante de inúmeras contradições, o autor aponta elementos que estava relacionado ao desenvolvimento de outros países em nível mundial:

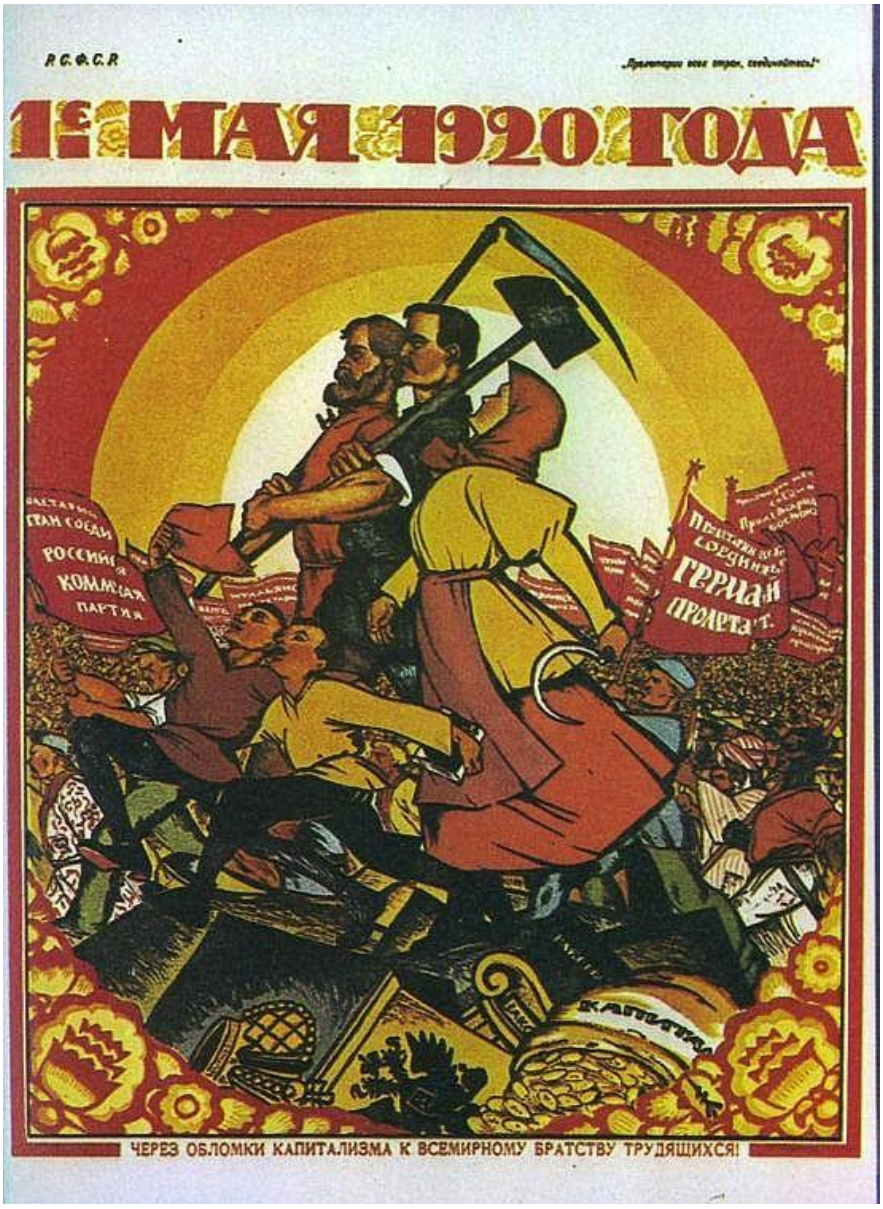
> Um país atrasado assimila as conquistas materiais e ideológicas dos países adiantados. Não significa isto, porém, que siga servilmente estes países, reproduzindo todas as etapas de seu passado. [...] O caráter provincial e transitório de todo *processus* admite, efetivamente, certas repetições das fases culturais em meio ambientes sempre novos. O capitalismo, no entanto, marca um progresso sob tais condições. Preparou e, em certo sentido, realizou a universalidade e a permanência do desenvolvimento da humanidade. Foi, assim, excluída a possibilidade de uma repetição das formas de desenvolvimento em diversas nações. Na contingência de ser rebocado pelos países adiantados, um país atrasado não se conforma com a ordem de sucessão: o privilégio de uma situação historicamente atrasada – e este privilégio existe – autoriza um povo ou, mais exatamente, o força a assimilar todo o realizado, antes do prazo previsto, passando por cima de uma série de etapas intermediárias. Renunciam os selvagens ao arco e à flecha e tomam imediatamente o fuzil, sem que necessitem percorrer as distâncias que, no passado, separaram estas diferentes armas (TROTSKY, 2017, p. 33).

Sem a pretensão de darmos conta de explicitar o processo que deflagrou uma Revolução na Rússia, cabe-nos compreender o contexto no qual se inseriu. Trotsky (2017) aponta que "Se, portanto, a Revolução russa tardou em rebentar, não foi tão somente por motivo cronológico: a culpa desta demora cabe também à estrutura social da nação" (p. 40). A Revolução marcada em outubro de 1917 não *nasce* neste ano. Desde 1905 vinha-se vibrando no interior da estrutura social russa uma indignação às condições que estavam postas, ao fortalecimento do proletariado e a insuficiência da burguesia nacional (TROTSKY, 2017).

Shuare (1990) aponta que, com a Revolução Russa, inicia-se um processo de reflexão científica sobre a natureza do psiquismo e sua definição histórica. Segundo a autora:

> Corresponde a L. S. Vigotski o mérito inestimável de ser o primeiro a aplicar criativamente o materialismo histórico e dialético na ciência psicológica e tê-la colocado, com ele, "sobre seus pés", provocando uma verdadeira revolução copernicana em Psicologia (SHUARE, 1990, p. 57).

Figura 3 – 1º de Maio de 1920 – Reprodução do pôster soviético



Fonte: Goldman (2014). *Através dos escombros do capitalismo à irmandade mundial dos trabalhadores*.

Luxemburgo (2017) apresenta que a Revolução Russa acontece em momentos de progressão ascendente, em que, sob certa medida, há objetivos que se radicalizam no decorrer do processo. Como reflexo de um momento inicial, a queda do absolutismo garantiu a união com as forças burguesas liberais russas. Todavia, em um segundo momento, as forças liberais opuseram-se aos objetivos buscados pelo movimento.

> Paz imediata e terra – esses dois objetivos implicavam a cisão no interior da falange revolucionária. A reivindicação de paz imediata estava em contradição absoluta com a tendência imperialista da burguesia liberal. [...] a questão

> agrária era, no início, um espantalho para a outra ala da burguesia, a nobreza proprietária de terras, mas, em seguida, foi considerada um atentado à sacrossanta propriedade privada em geral, tornando-se um ponto sensível para o conjunto das classes burguesas (LUXEMBURGO, 2017, p. 37-38).

Através da linha dos bolcheviques houve a coerência entre a organização da luta com os objetivos e demandas em que a massa de trabalhadores e camponeses que se mantiveram à frente do processo de reivindicação e luta. A luta dos *soviets* possibilitou, portanto, o desdobramento da luta revolucionária (LUXEMBURGO, 2017). Desse modo, "Depois de poucos meses, a situação real da Revolução Russa resumia-se à alternativa: vitória da contrarrevolução ou ditadura do proletariado" (LUXEMBURGO, 2017, p. 42).

Posteriormente, com a vitória dos *soviets*, houve a necessidade de implementação do programa discutido no decorrer do processo revolucionário, bem como da produção em meio acadêmico de respostas às demandas de construção de uma nova sociedade, na medida em que algumas proposições e caminhos anteriores deveriam ser modificados. Como exemplo, podemos citar, dentre outros, a educação, a compreensão do trabalho, o lugar da mulher na sociedade, o conceito de maternidade etc. Essas demandas exigiram conhecimentos voltados para formar um *novo* homem, pautado em relações sociais distintas das que se tinham até então. É nesse contexto que podemos situar a produção de Vigotski e da Psicologia Histórico-Cultural.

Prestes (2010) situa que em meados de 1925 e 1930 o grupo ao qual Vigotski estava à frente "[...] provocam uma revolução na interpretação da consciência como uma forma especial de organização do comportamento do homem" (p. 31) e integram o processo de formação da construção de uma nova escola.

Apesar do processo de censura que alguns conceitos desenvolvidos pelos autores sofrem durante o momento pós-revolucionário com a ascensão do stalinismo, a formulação das ideias sobre a consciência na Psicologia Histórico-Cultural parecia apontar para um caminho de estruturação e organização de uma nova sociedade.

No subitem seguinte buscaremos compreender como a obra de Vigotski chega ao Brasil e as decorrências das primeiras traduções nos estudos sobre o autor e sobre a Psicologia Histórico-Cultural.

3.2 Recepção de Vigotski no Brasil

No Brasil, o nome "Vigotski" no interior da Educação e/ou da Psicologia não nos causa grande desconhecimento ou espanto, isto porque pode ser comum termos contato

com algumas das ideias que se diz tratar deste autor. Menções às suas obras também são facilmente identificadas em artigos científicos, teses e dissertações das mais diferentes áreas, desde a Educação até à Psicologia.

Um exemplo dessa presença de Vigotski, em estudo realizado por Freitas (2004) analisando as publicações da ANPEd de 1998 a 2003, em que, pelo menos, dez Grupos Temáticos (GT) – o que equivale a metade dos GTs – apresentam Vigotski como um autor recorrentemente citado em trabalhos publicados.

Aparentemente, isto poderia indicar que Vigotski seja um autor bastante conhecido no Brasil. Todavia, em uma análise minuciosa às essas referências, Duarte (2001) e Prestes (2010) identificaram que a maioria das ideias que circulam sobre Vigotski não corresponde fidedignamente à sua teoria. Ou seja, estamos, conforme Duarte (2001) e Prestes (2010), diante da socialização de distorções e comprovações equivocadas à Vigotski. Para compreender sobre esse fenômeno, cabe refletirmos sobre como Vigotski chega e é apropriado no Brasil.

De forma geral, a complexa teoria de Vigotski e as sistematizações sobre o psiquismo humano, foram transcendidas – e transpostas – às diversas perspectivas pedagógicas existentes. Muitas dessas iam na contramão da teoria discutida pelo autor (DAVIS e OLIVEIRA, 1994), o que explicaria a sua presença/menção em projetos educacionais os quais não se aproximarim às ideias de Vigotski.

> A psicologia brasileira, por sua vez, inicia o processo de aproximação com o legado vygotskiano em meados da década de 80 do século XX, aproximação esta que se intensifica na década seguinte. Retrato dessa aproximação é o número de teses e dissertações defendidas junto a Programas Brasileiros de Pós-Graduação em Psicologia que utilizam o referencial do autor russo. A utilização dos aportes vygotskianos nas produções científicas da área psi parece, de certa forma, consolidada, apresentando-se como perspectiva teórico-conceitual que traz relevantes contribuições ao desenvolvimento da psicologia e suas variadas práticas (ZANELLA et al, 2007, p. 25).

De acordo com Duarte (2001) duas obras traduzidas do russo para o inglês e posteriormente para o português chegam ao Brasil e *apresentam* Vigotski à comunidade científica. Apesar das inúmeras críticas atribuídas às traduções das duas obras, estas ainda são citadas recorrentemente em trabalhos que dizem se referenciar em Vigotski. As obras com tal perfil de tradução, são: *A Formação Social da Mente*, publicada pela editora Martins Fontes em 1984 e *Pensamento e Linguagem*, em 1987. Ambos os livros têm recortes e alterações literais do texto original de Vigotski (PRESTES, 2010), bem como inauguram a possibilidade de vinculação de Vigotski às teorias pedagógicas do campo do

construtivismo, justamente pelo apagamento teórico-epistemológico profundo de Vigotski. Torna-se comum, portanto, visualizar textos em que Vigotski é tido como um sócio-interacionista, sócio-construtivista e responsável por fazer o adendo do social somando-se à teoria de Piaget (DUARTE, 2001).

> [...] muitos autores podem admitir que Vigotski tenha sido, de alguma forma, influenciado pelo marxismo e, mesmo assim, apresentarem uma leitura do pensamento desse autor que o afasta do universo político e ideológico de luta pela superação do capitalismo e pela construção de uma sociedade socialista, Muitos autores que admitem a influência do marxismo na psicologia vigotskiana acabam, no conjunto de sua interpretação, por relegar essa influência à condição de um detalhe periférico, acidental, mero resquício do discurso dominante existente no ambiente cultural no qual vivia Vigotski ou até mesmo uma concessão a pressões políticas externas e estranhas ao universo do pensamento vigotskiano (DUARTE, 2001, p. 22).

Podemos identificar, portanto, um deslocamento de Vigotski nas ideias que desenvolveu no que concerne a apropriação deste autor no Brasil. Um dos dificultadores dessa questão pode ser a falta de acesso aos originais, em russo, o que possibilitaria um enriquecimento ao entendimento dos textos de Vigotski. Além da questão do idioma dos originais escritos de Vigotski, Freitas (2004) pontua também outros elementos, como: a menção ao autor aparecer de forma acessória, deslocada da temática principal. Outro ponto é que são feitas citações e menções desarticuladas à totalidade do texto, através de recortes de Vigotski (FREITAS, 2004). Esses elementos produziram, portanto, uma lacuna de aprofundamento no pensamento de Vigotski em relevante parte das publicações.

É importante ressaltar um esforço coletivo de diferentes grupos de estudos e universidades no Brasil[62] para possibilitar apropriações e traduções fidedignas do russo, buscando pela referência nas obras de Vigotski de outras traduções do russo, como o espanhol e o francês. Todavia, Prestes (2010) sinaliza que, de forma geral, ainda impera no contexto brasileiro uma visão caricata deste pensador, reduzindo-o, muitas vezes, a determinados conceitos – como zona de desenvolvimento (PRESTES, 2010). Parece-nos que Vigotski ainda é um pensador, de certa forma, sob ponto de vista epistemológico, teórico e biográfico, desconhecido para pesquisadores brasileiros.

[62] Em uma busca no diretório de Grupos de Estudos registrados na CAPES pelo nome do grupo e/ou linha de pesquisa, é possível identificarmos, com o uso dos termos “Vigotski” e “Psicologia Histórico-Cultural”, pelo menos quarenta grupos de estudos localizados nas cinco regiões do Brasil.

No mesmo sentido, Tuleski (2000) aponta a necessidade de recuperar o contexto sócio, histórico e político de Vigotski para compreendê-lo e, nesse aspecto, lê-lo. Identificar-se-iam, assim, os fundamentos filosóficos que embasam sua teoria.

Almejando a superação dessa perspectiva *estranha* dos leitores de Vigotski, buscamos, no tópico seguinte, apresentar algumas obras de Vigotski conhecidas e traduzidas ao português, assim como outras que foram traduzidas para a língua espanhola, norteando, portanto, o caminho metodológico de obras orientadoras de nossa análise posterior.

3.3 Obras de Vigotski

De acordo com Yaroshevki (2017) a obra de Vigotski é um processo que não pode ser visto de forma homogênea e totalmente elaborado. Aponta-se, inclusive, que, ao final de sua vida, Vigotski escreve manuscritos e textos que apresentam um *novo* desenvolvimento de seu pensamento. Isto é, quando se interrompe a produção de suas obras devido à sua precoce morte, é que se encontram elementos filosóficos-psicológicos mais elaborados da teoria histórico-cultural. Para Yaroshevki (2017), "Vygotski se regia de maneira consciente e firme pela metodologia dialético-materialista, cujos princípios lhe serviam de bússola para determinar as perspectivas gerais da ciência psicológica" (p. 343). Nessa perspectiva, a escrita de Vigotski fora criticada explicitamente e chamou a atenção de diferentes interprétes, leitores e pesquisadores[63]. Yaroshevki (2017, p. 343) pontua, em seu olhar, uma característica de Vigotski:

> A pecularidade da "rota" que distinguia a busca de Vygotski vinha determinada por um estilo individual de seu pensamento, sua habilidade especial para correlacionar a situação na psicologia mundial com as possibilidades a que brindava aos investigadores da regulação psíquica da atividade sua interpretação filosófica marxista, que encerrava um novo conteúdo de princípios fundamentais da explicação cientifíca da naureza do homem: a determinação sociológica, o historicismo e o enfoque sistemático.

[63] O prefácio de Vera John-Steiner, Elle Souberman, Michael Cole e Sylvia Scribne na criticada tradução do inglês do livro *Formação Social da Mente* (PRESTES, 2010; DUARTE, 2004), ao justificar o processo de não apresentar os leitores a "[...] uma tradução literal de Vygotsky, mas, sim, uma tradução editada da qual omitimos as matérias aparentemente redundantes e à qual acrescentamos materiais que nos aparecem importantes no sentido de tornar mais claras as ideias de Vygotsky" (JOHN-STEINER, SOUBERMAN, COLE e SCRIBNER, 1991, p. X), os tradutores e organizadores do livro continuam, apresentando que o "[...] estilo de Vygotsky é extremamente difícil" (idem) e que "[...] muitos de seus manuscritos nunca foram adequadamente editados" (bidem). Isto é, mesmo leitores que deturparam a obra de Vigotski estavam diante de uma escrita singular e complexa.

Diferentes textos de Vigotski foram reunidos e organizados em obras publicadas em seis tomos. Inicialmente, fora publicado em russo, em 1982 a 1984, em inglês de 1997 a 1999 e espanhol publicado em duas coleções, a primeira publicada entre 1991 e 2001. A segunda coleção entre os anos de 2012 a 2017. Ressalta-se que na primeira coleção em espanhol não fora traduzido o Tomo VI, presente, portanto, somente na segunda coleção, com a publicação em 2017. No Brasil, verificam-se, a partir do Estado da Arte apresentado no capítulo 2 e no anexo II da presente tese, referências às traduções em espanhol – especialmente a primeira coleção – e, em menor número, referência às obras em inglês. Os seis tomos apresentam as seguintes temáticas: "Problemas de teoria e história da psicologia" (Tomo I), "Problemas de psicologia geral" (Tomo II), "Problemas do desenvolvimento da psique" (Tomo III), "Psicologia infantil" (Tomo IV), "Fundamentos de defectologia" (Tomo V), "Legado científico" (Tomo VI). Abaixo, apresenta-se a imagem da capa das Obras Escolhidas em sua publicação na Rússia.

Figura 4 – Capa das Obras Escolhidas de Vigotski publicadas na Rússia

Fonte: vigotski.org. Disponibilizado e organizado por Achilles Delari Junior.

Apesar não termos, até o presente momento, uma tradução para o português das Obras Escolhidas, alguns textos contidos nos tomos I e II[64] foram traduzidos e, inclusive, responsáveis pela socialização das ideias de Vigotski no Brasil. Citamos, por exemplo, o livro Pensamento e Linguagem[65] [66], contido no Tomo II das Obras Escolhidas.

Quadro 3 – Recorte de parte da bibliografia e anos de publicação

	OBRAS	ANO EM QUE FOI ESCRITO	ANO EM QUE FOI PUBLICADO NA UNIÃO SOVIÉTICA	ANO EM QUE FOI PUBLICADO NO BRASIL
1	*Obras Escogidas*: Tomo I	Textos entre 1925 a 1934	1982	Não há
2	*Obras Escogidas*: Tomo II	Textos entre 1930 a 1934	1982	Não há
3	*Obras Escogidas*: Tomo III	Textos entre 1928 a 1931	1983	Não há
4	*Obras Escogidas*: Tomo IV	Textos entre 1931 a 1933	1984	Não há
5	*Obras Escogidas*: Tomo V	Textos sem datas, de 1925 a 1934	1983	Não há[67]
6	*Obras Escogidas*: Tomo VI	Textos sem datas, de 1930 a 1933	1984	Não há
7	*Teoria das emoções: estudo histórico-psicológico*	Manuscrito entre 1931 a 1933	1984	Não há
8	*Psicologia da Arte*	1916	1925	1999

[64] Algumas traduções são do espanhol ou do inglês para o português e apenas um texto foi traduzido diretamente do russo para o português.

[65] Duarte (2001) e Prestes (2010) apontam que a tradução do inglês para o português do livro Pensamento e Linguagem lançada em 1987, com outras edições posteriores, não é uma tradução do texto integral, mas uma revisão do texto de Vigotski no qual há um corte aproximado de 60% do texto original, no qual os tradutores apresentam, deliberadamente, no prefácio, que farão ajustes, edições e exclusões ao texto de Vigotski a fim de torná-lo mais "*claro*". Todavia, a questão que está no fundo é a negação da concepção de mundo presente em Vigotski e às referências marxistas de sua obra. Em 2001 lança-se uma publicação do texto em português a partir da tradução do russo por Paulo Bezerra que buscou dirimir a problemática encontrada, trazendo o texto de Vigotski de forma integral e sem recortes de cunho conceitual e/ou filosófico. Para diferenciar-se da publicação anterior, o texto denomina-se "A Construção do Pensamento e da Linguagem". Duarte (2001) e Prestes (2010) apresentam a importância desta tradução para o estudo de Vigotski no Brasil, todavia, em análise minuciosa, Prestes (2010) propõe a necessidade de revisão desta tradução em elementos específicos. Para detalhes dessa discussão de fundo epistemológico, conceitual e filosófico, indicamos a leitura de Duarte (2001) e Prestes (2010).

[66] De acordo com Prestes (2010), a tradução mais coerente ao texto de Vigotski seria *Pensamento e Fala*.

[67] Em 2021 foi publicado o livro denominado "Problemas da Defectologia – Volume 1", organizado, editado, traduzido e revisado por Zoia Prestes e Elizabeth Tunes. O livro contém estudos de Vigotski sobre a Defectologia. Que, de acordo com as organizadoras "Demos prioridade, neste volume, à tradução de escritos que consideramos importantes para quem está iniciando os estudos nos campos da Pedagogia, da Psicologia e da Educação Especial" (EXPRESSÃO POPULAR, 2021). Informações disponíveis em: < https://www.expressaopopular.com.br/loja/produto/problemas-da-defectologia-volume-i/>.

9	*A história do comportamento: o macaco, o primitivo e a criança;*	1930	1930	1996
10	*Psicologia Pedagógica*	1924	1ª edição: 1926 2ª edição: 1991	2001
11	*A Transformação Socialista do Homem*;	1930	1930	2000
12	*Psicologia Concreta do Homem*;	1929	1929	2004
13	*Sete aulas de L.S Vigotski sobre os fundamentos da pedologia*	1933-1934	1933-1934	2018
14	*Imaginação e criatividade na infância*	1930	1930	Publicado em Portugal em 2012

Fonte: Prestes (2010) e vigotski.org[68], disponibilizado e organizado por Achilles Delari Junior.

Como podemos identificar as obras de Vigotski não se restringem às publicações organizadas nas Obras Escolhidas. Ainda no século XX, estima-se que haja mais de quatrocentos títulos escritos pelo autor, dentre livros, palestras, manuscritos, resenhas literárias, cartas, etc. Alguns desses títulos estão apenas na língua russa e há relatos de inúmeros trabalhos perdidos pela perseguição que Vigotski sofreu pelo stalinismo (SHUARE, 1990).

3.4 Caminho metodológico para análise da *consciência* na obra de Vigotski

Como apresentado no subitem anterior, a obra de Vigotski é bastante vasta e muitos de seus textos não foram traduzidos para outra língua, sendo encontrado somente em russo. Além disso, alguns de seus materiais não foram publicados em vida e perderem-se devido às restrições impostas à Vigotski e outros pesquisadores pelo stalinismo. Diante da limitação em abarcar a obra deste autor em sua totalidade, na presente tese, selecionamos para análise, enquanto textos principais, as seguintes obras de Vigotski:

1) *Obras Escogidas*, Tomo I;
2) *Obras Escogidas*, Tomo II;
3) *Obras Escogidas*, Tomo III;
4) *Obras Escogidas*, Tomo IV;

[68] Para acesso ver: < https://vigotski.org/427-titulos.html>. Acessado em 12 de Julho de 2021.

5) *Obras Escogidas*, Tomo V;

6) *Obras Escogidas*, Tomo VI;

7) Psicologia da Arte;

8) Sete aulas de L.S Vigotski sobre os fundamentos da pedologia

A partir do processo analítico, pretendemos responder: o que a consciência para Vigotski? Quais conceitos outros estão articulados à consciência? Qual o papel que a categoria consciência ocupa em sua obra? A formulação dessas respostas não é simples, direta ou linear, já que almejamos identificar e captar o movimento atribuído a essa categoria. Isto porque estamos nos referenciando em diversos textos e obras de tempos distintos de síntese. Ou seja, não estamos nos embasando em sínteses estáticas ou particulares, mas em como Vigotski vai construindo e enriquecendo teoricamente sua obra e, especificamente, essa categoria.

Desse modo, adotar esse entendimento implica, sobretudo, em incorporar a possibilidade de o autor apresentar contradições, incoerências, limites e também possibilidades para um desenvolvimento posterior. Esse olhar visa distanciar-se de uma visão dogmática da obra de Vigotski ou visualizá-lo como um mero reprodutor de concepções marxistas.

Em relação às obras investigadas, em posse das discussões já elaboradas sobre os equívocos de tradução, buscamos minimizá-los, fazendo o uso de obras que foram traduzidas do russo para o espanhol[69] e ou para o português, como é o caso de *Sete Aulas*. Em relação às *Obras Escogidas*, tomaremos como referência a segunda coleção traduzida para o espanhol. Pela pluralidade e densidade da obra de Vigotski, a discussão desenvolvida pelo autor bielorrusso é vasta. Para organizar o processo analítico de suas obras, levantamos dois aspectos:

(a) A obra de Vigotski sustenta-se através de uma articulação entre diferentes categorias, no qual, para o desenvolvimento de uma, necessariamente, relacionam-se com outras categorias. É como se Vigotski desenvolvesse sua teoria através de uma teia de articulações[70]. Dessa forma, é possível *ler* a obra de Vigotski a partir de diferentes categorias centrais, localizando-a dentre as demais.

[69] Embora Prestes (2010) tenha apresentado algumas incoerências também na tradução para o espanhol, considera-se que seja um caminho mais fidedigno de tradução a que se tem acesso.

[70] Algumas interpretações e leituras de Vigotski ignoraram essa trama de conceitos constituída. Dessa forma, já vem sendo colocado por Duarte (2004) e Prestes (2010) uma apropriação – seja ingênua ou intencional – da deturpação téorico-epistemológica do autor à medida que se retira um conceito (como Zona de Desenvolvimento Iminente, conceito apropriado na recepção de Vigotski no Brasil de forma

Na presente tese, a categoria que tomamos como referência é a categoria consciência. Dessa forma, a consciência será nossa categoria central no qual as demais servirão como uma espécie de correlação e sustentação. Além disso, existe uma relação dialética entre categorias em obras do porte das que Vigotski produziu. Do mesmo modo que a categoria consciência fundamenta as demais, àquela é fundamentada por estas. Ou seja, é um fio condutor que conduz e é conduzido pelos outros aspectos e categorias. Mais ainda, essa compreensão pode-nos ajudar a revelar, ainda que não plenamente, um avanço à totalidade do pensamento vigotskiano. Isso significa que buscar a consciência na obra de Vigotski não é olhar somente aos textos em que esta categoria aparece como elemento explícito de discussão, mas evidenciar o lugar desta em discussões implícitas, no desenvolvimento de outras categorias centrais.

(b) Há uma íntima relação entre consciência e concepção de homem. Isto é, o entendimento de consciência incorpora uma concepção de homem, ao mesmo tempo em que da concepção de homem deriva-se um entendimento sobre consciência. No desenvolvimento epistemológico de uma área, esses dois elementos sustentam outras sistematizações. Conforme nos apropriamos do desenvolvimento marxiano da concepção de homem e da consciência a partir das sistematizações de Marx e Engels, cabe olhar para a produção de Vigotski no sentindo de busca pelos seus fundamentos, ainda que não haja uma citação e/ou menção direta a estes autores. No capítulo dois apresentamos que a teoria de Marx e Engels estão imbricadas, e, portanto, a contribuição coletiva que sustenta a formulação da concepção de homem – e, também, da consciência – será tomado como fundamento teórico analítico das obras de Vigotski. Tal item de análise faz sentido, dado que há influência relevante nas formulações vigotskianas da teoria marxiana, inclusive referente à concepção de homem.

Com efeito, para análise das obras elencadas, buscamos imprimir uma concepção de *movimento* no interior da obra vigotskiana. Isto é, distanciamo-nos da relação entre cronologia e análise estanque das obras. Nesse sentido, delimitamos cinco (5) temáticas que visam agregar diferentes textos de diferentes momentos históricos. Essas temáticas foram escolhidas através da discussão principal de determinados textos/obras tornando possível o diálogo entre eles. Isto é, Vigotski retoma diferentes temáticas ao longo de sua produção. A ideia metodológica é que esse retorno seja apontado por nós, apresentando

equivocada), ignorando a teoria em sua totalidade e, portanto, distanciando-se daquilo que Vigotski desenvolve.

continuidades, rupturas e mudanças de textos a partir da temática geral. A tabela abaixo apresenta tal delineamento.

Tabela 1 – Organização das temáticas para análise

	TEMÁTICA	**CATEGORIAS RELACIONADAS À CONSCIÊNCIA**	**TEXTOS PRINCIPAIS**
1	*Emoções e Estética*	Emoções, Estética e Arte;	Teoria das Emoções (Tomo VI) Psicologia da criatividade do ator (Tomo VI) Psicologia da Arte
2	*Problemas teóricos e metodológicos da Psicologia e implicações experimentais*	Estudos sobre a consciência; Superação dos dualismos na Psicologia;	Primeira e segunda parte (Tomo I) O Significado histórico da crise da Psicologia (Tomo I) Estudos sobre a consciência (Tomo I) Metodologia de estudo das funções psíquicas superiores (Tomo VI)
3	*Funções Psíquicas Superiores*	Funções Psíquicas Superiores; Signos;	Tomo II História do desenvolvimento das Funções Psíquicas Superiores (Tomo III) Função dos signos no desenvolvimento dos processos psíquicos superiores (Tomo VI) Metodologia de estudo das funções psíquicas superiores (Tomo VI)
4	*Desenvolvimento humano*	Periodização do desenvolvimento; Desenvolvimento humano; Situação social de desenvolvimento;	Pedologia do Adolescente (Tomo IV) Psicologia Infantil (Tomo IV) O instrumento e o signo no desenvolvimento da criança (Tomo VI) Psicologia Pedagógica;
5	*Estudos sobre a defectologia*	Compensação, a coletividade como princípio de desenvolvimento;	Tomo V

Fonte: Elaboração própria.

Como podemos identificar pela tabela acima, as obras de Vigotski apresentam uma diversidade de questões latentes à Psicologia daquele momento histórico e, desse modo, articulam-se a diversas temáticas. Em alguns momentos, a exemplo da temática "Funções Psíquicas Superiores" verifica-se que há o aparecimento desta temática/categoria de forma transversal entre diferentes tomos e textos. Isso significa que

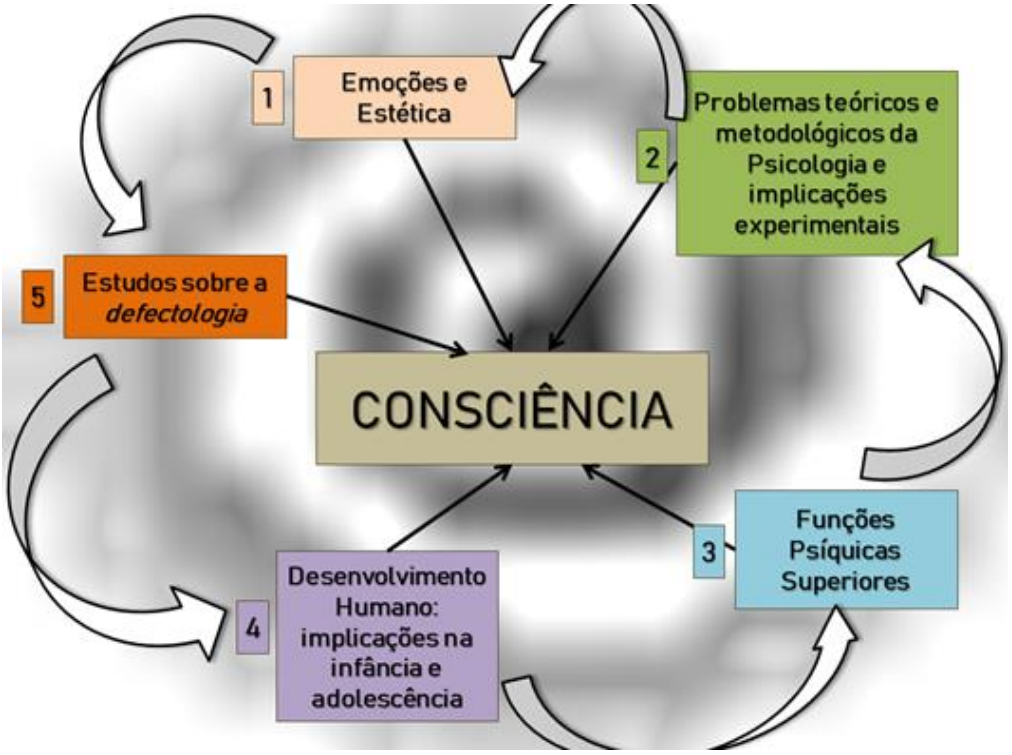
a possibilidade de que em um texto ou em uma obra esteja presente em mais de uma temática, seja como discussão principal ou correlacional.

Para análise da temática da consciência e das obras, delineamos a seguinte questão: **como a consciência na obra de Vigotski pode ser uma categoria que estrutura as demais do quadro teórico do autor e incorpora, desenvolve e amplia as referências presentes em Marx e Engels no que concerne à concepção de homem**?

Para nortear o processo investigativo, quatro questões podem servir como reflexão no decorrer da análise da obra de Vigotski, são elas: 1) De que forma cada uma das temáticas está relacionada ao entendimento e desenvolvimento da consciência? 2) O que essa temática amplia/desenvolve na questão da consciência? 3) O que é o homem para Vigotski? 4) O homem para Vigotski é o mesmo apresentado e discutido por Marx e Engels? Ainda que a busca pela resposta a essas questões não seja possível em sua totalidade, identificamos que estas são questões cuja resposta deve ser perseguida no decorrer da interpretação dos eixos temáticos.

Nesse modelo, a questão formulada busca nos orientar no processo analítico de leitura da obra, que são apresentados nos itens a seguir e levam o nome das cinco temáticas: Emoções e Estética; Problemas teóricos e metodológicos da Psicologia e implicações experimentais; Funções Psíquicas Superiores; Desenvolvimento humano; Estudos da defectologia. Essas temáticas foram organizadas na presente tese enquanto eixos que desenvolvem e, ao mesmo tempo, que são desenvolvidas pela categoria consciência. Ou seja, a consciência será a categoria central elegida para *ler* a obra de Vigotski. Isso significa que dentro de cada uma das temáticas e eixos existem conceitos e categorias desenvolvidos por Vigotski que podem explicar e explicitar o papel da consciência em sua obra. Para sistematizar esse processo, elaboramos a seguinte estrutura analítica:

Figura 5 – A relação dos eixos com a categoria consciência



Fonte: Elaboração da autora.

A figura 5 busca materializar o *movimento* que fizemos no sentido de busca da categoria consciência a partir dos cinco eixos delimitados e nas obras destacadas. Isto é, inicialmente há uma relação interdependente entre cada um dos eixos que ocorre entre relações em diferentes níveis e em sentidos (não somente naqueles em que a seta apresenta). Por exemplo, isso significa que há uma relação entre as categorias 1 a 5 de forma interdependente. O exemplo desse aspecto pode ser visto na busca a qual os textos de Vigotski privilegiam uma discussão e delimitação de método, o que implica em um diálogo íntimo com o eixo 2 (Problemas teóricos e metodológicos da psicologia e implicações experimentais). Da mesma forma, o eixo 3 (Funções psíquicas superiores) dialoga com o conceito de desenvolvimento humano, cuja síntese aparece no eixo 4 (Desenvolvimento Humano) e, além disso, as emoções (contida no eixo 1 Emoções e Estética) pode implicar em uma relação íntima com as funções psíquicas superiores.

Um segundo ponto está relacionado ao entendimento da categoria consciência. Em nossa perspectiva, Vigotski desenvolve os seus conceitos enquanto uma *rede*, ou seja, ao tratar de uma temática/categoria/conceito, acompanham-se outros. Isso significa que o desenvolvimento da consciência implica necessariamente no desenvolvimento dos cinco eixos, da mesma forma que a discussão sobre os eixos fornecem o desenvolvimento da consciência.

Por último, ao fundo da figura 5 identifica-se o desenho de um *espiral*, que funciona como uma espécie de caminho de compreensão de sucessivos aprofundamentos. Dessa forma, a discussão não é feita de forma temporal, buscando fragmentar a obra do autor bielorrusso. Isso significa que a articulação de cada eixo carrega o acúmulo desenvolvido nos demais.

Nesse sentido, nos debruçaremos no momento de compreensão dos cinco eixos escolhidos, quais sejam: (1) Emoções e Estética; (2) Problemas teóricos e metodológicos da Psicologia e implicações experimentais; (3) Funções Psíquicas Superiores; (4) Desenvolvimento humano; e por último, (5) Estudos sobre a defectologia.

3.5 Emoções e Estética

A temática "*Emoções e Estética*" é composta por textos e obras de Vigotski que discutem questões em comum no desenvolvimento de sua proposta histórico-cultural da ciência psicológica. A arte, de forma geral, esteve presente na vida de Vigotski mesmo antes de seu diálogo com a Psicologia. De acordo com Leontiev (2005), a arte ocupava um lugar privilegiado na vida do pensador. Nessa perspectiva, Vigotski desenvolve alguns estudos relacionados a esta questão, sendo eles: *Psicologia da Arte*, que reúne estudos de 1915 a 1922, o texto sobre a *Criação do Ator*, escrito em 1932 (integrado às Obras Escolhidas, Tomo VI), e *Teoria das Emoções*, seu manuscrito de 1931 a 1933 (integrada às Obras Escolhidas, Tomo VI)[71]. Dessa forma, em um primeiro momento, apresentaremos questões gerais sobre as três produções e, posteriormente, apresentaremos algumas ideias, de forma articulada entre os escritos que podem dialogar com a categoria consciência e *realçá-la*.

Psicologia da Arte é considerado um livro de transição entre os trabalhos iniciais de Vigotski e sua aproximação à referência marxista. Além disso, essa obra foi considerada por Vigotski enquanto uma obra inacabada, de caráter incompleto (LEONTIEV, 2005). Leontiev (2005, p. 13) chama atenção para tal fato: "[...] algumas das teses psicológicas do livre devem interpretar-se atualmente de forma distinta, desde as posições atuais de conceitos psicológicos sobre a atividade e a consciência humana". Todavia, o autor registra o lugar que a obra de Vigotski ocupa em relação à discussão sobre a arte na década de 1920 na União Soviética (LEONTIEV, 2005).

[71] Esses não são os únicos escritos sobre arte e estética em Vigotski, todavia, para o desenvolvimento do presente eixo, estes textos serviram como referência de análise.

Organizada em onze capítulos, Psicologia da Arte[72] foi traduzida do russo para o espanhol e também do russo para o português, através da tradução de Paulo Bezerra, em 1999 (1ª edição) e em 2001 (2ª edição) pela editora Martins Fontes. A 1ª edição da obra não conta com o anexo da monografia de Vigotski sobre Hamlet, denominada "*A tragédia de Hamlet, príncipe da Dinamarca, de W. Shakespeare*". Como objetivo da obra, Leontiev (2005) apresenta que seria "[...] compreender a função da arte na vida da sociedade e na vida do homem, como ente socio-histórico" (p. 13).

Já o texto "*Sobre a Psicologia da criatividade do ator*", escrito em 1932 e publicado pela primeira vez em livro denominado "Psicologia dos sentimentos cênicos do ator" de Yákobson. Nas Obras Escolhidas, o texto está presente no Tomo VI do Volume 2 da coleção *Machado Nuevo Aprendizaje*, publicado em 2017.

A obra[73] denominada *Teoria das emoções: estudo histórico-psicológico* (2004) foi produzida através de um manuscrito de Vigotski que posteriormente fora publicado em forma de livro (PRESTES, 2010). Embora não se tenha uma tradução para o português desta obra, atualmente diferentes pesquisadores vêm utilizando a obra enquanto uma forma de subsídio para a discussão sobre uma concepção da teoria das emoções na obra vigotskiana (COSTA e PASCUAL, 2012; MACHADO, FACCI e BARROCO, 2011; MAGIOLINO, 2010; WORTMEYER, SILVA e BRANCO, 2014; TOASSA, 2012, 2014; FREITAS, 2012).

Escrita entre 1931 e 1933, conforme apontam Machado, Facci e Barroco (2011), essa obra fora escrita no ano anterior de seu falecimento e verifica-se que foi um manuscrito incompleto (YAROSHEVKI, 2017), o que pode ter gerado interpretações equivocadas sobre as temáticas desenvolvidas pelo autor. Grosso modo, Vigotsky (2004) buscará a resposta para uma questão apresentada ao logo de sua obra: qual a natureza das emoções? Para tanto, estabelece um diálogo entre as teorias existentes em seu tempo histórico, em especial duas proposições que serão chamadas, ao longo da obra de *teoria organicista* e *teoria talâmica*. Para além da incorporação dessa discussão, Vigotsky (2004) convida para debate as referências filosóficas de Baruch de Spinoza[74] (1632 –

[72] Na presente tese, utilizamos como referência a obra traduzida do russo para o espanhol por Victoriano Imbert, em 2005 pela Coleção Argumentos da Editora Fontamara, do México.
[73] Inicialmente a obra Teoria das Emoções foi socializada em inglês e espanhol através de um livro a parte. Com o intuito de publicação das obras de Vigotski, o texto fora incorporado no Tomo VI das Obras Escolhidas. Para a análise da obra, utilizamos a edição da Akal publicada em espanhol em 2004 sob tradução de Judith Villaplana.
[74] Spinoza era um autor de interesse para Vigotski e aparece, em diferentes momentos, como referência para o autor bielorrusso.

1677), buscando demonstrar o que chama de *teoria das paixões*, colocando em evidência a obra *Ética* do filósofo supracitado. Esse elemento demonstra, de antemão, que Vigotski não dialogava e incorporava apenas elementos cuja fundamentação ancorava-se no marxismo.

O entendimento produzido sobre arte, estética e emoções é considerado enquanto uma "[...] tarefa de construir uma nova doutrina sobre o psiquismo do homem como um ser integral e em desenvolvimento em toda a plenitude de sua vida" (YAROSHEVKI, 2017, p. 351). Segundo este autor, a consciência era um problema enfrentado por Vigotski a partir de sua compreensão de que a constituição articulava funções psíquicas elementares e superiores e que, na história da Psicologia, carecia uma relação de definição que pensasse a relação entre ambas (YAROSHEVKI, 2017). A visão de Yaroshevki (2017), embora mecanicista em alguma medida, pode fomentar a discussão que se pretende ser realizado em nossa tese, à medida que fazemos o caminho de olhar a categoria consciência a partir de eixos e temáticas que, ao mesmo tempo em que desenvolvem novas categorias e conceitos, desenvolvem, na mesma medida, a consciência (conforme apresentado na figura 5).

Nas obras *Psicologia da Arte* (VIGOTSKY, 2005) e *Teoria das Emoções* (VIGOTSKY, 2004), Vigotski percorre um caminho semelhante. Em um primeiro momento, o autor bielorrusso busca apresentar os fundamentos metodológicos do problema que se debruçara. Respectivamente, indica a linha divisória das tendências psicológicas sobre a estética e localiza as questões que devem ser investigadas ao tratar das emoções. Em *Teoria das Emoções* essa estrutura perpassa o texto de forma geral, à medida que o objeto de Vigotsky (2004) é o de aprofundar teórica e historicamente teorias das emoções expressivas de sua época. *Em Psicologia da Arte*, Vigotsky (2005) faz apontamentos à Crise Histórica da Psicologia[75] à medida que apresenta a necessidade de que o estudo da psicologia da arte promova o que chama de "[...] saída do atoleiro" (VIGOTSKY, 2005, p. 26) através da eleição de novos métodos de investigação que permita um estudo científico da arte, sendo compreendida enquanto uma das funções vitais da vida em sociedade.

Desse modo, Vigotsky (2005) apresenta criticamente três teorias/ideários sobre a psicologia da arte que, de acordo com o autor, "Em Psicologia, inúmeras teorias avançaram, cada uma das quais explicava a sua maneira os processos de criação ou de

[75] Esse texto específico será discutido no subitem "Problemas teóricos e metodológicos da Psicologia e implicações experimentais".

percepção" (VIGOTSKY, 2005, p. 47). As que Vigotsky (2005) se debruça são: (1) Arte como conhecimento; (2) Arte como procedimento; (3) Arte pelo viés da psicanálise que apresentaremos no subitem seguinte.

3.5.1 Considerações sobre a *Psicologia da Arte*

Almejando uma análise de cunho marxista, Vigotsky (2005) pontua a necessidade de compreensão sobre a estética a partir da identificação e articulação com as teorias postas, sejam elas psicológicas, filosóficas ou sociológicas. Nesse recorte epistemológico, não há a proposição de "[...] explicar os fenômenos psíquicos como causas finais" (VIGOTSKY, 2005, p. 29), sem, contudo, desprezar a importância de estudos que apresentam tal perspectiva. No entendimento do autor bielorrusso, "A arte sistematiza uma esfera completamente particular da psique do homem social, a saber, a esfera de seus pensamentos[76]" (VIGOTSKY, 2005, p. 29).

Vigotsky (2005) desenvolverá essa ideia ao longo de sua argumentação, apresentando a relevância do estudo da arte à perspectiva psicológica justamente pela implicação ao psiquismo que a obra artística promove ao indivíduo e à sociedade. Aliás, a relação entre indivíduo-sociedade é perpassada pelo autor à medida que sente a necessidade em compreender o que é individual e o que é social. Isto é, "[...] a delimitação entre a psicologia social e a individual ao estudar os problemas da arte" (VIGOTSKY, 2005, p. 30). Nesse sentido:

> Em efeito o enfoque da psicologia social ou psicologia dos povos, tal como entendia Wundt, elegia como objeto de seu estudo a língua, os mitos, os costumes, a arte, os sistemas religiosos e as normas jurídicas e morais. Está claro que desde o ponto de vista que acabamos de citar, tudo isto já não é psicologia, mas condensação de ideologia. Língua, costumes, mitos, tudo isso representa o resultado da atividade da psique social e não seu processo. Por esta razão, quando a psicologia social se dedica a estas disciplinas, substitui a psicologia pela ideologia. É evidente que a premissa fundamental da velha psicologia social e da nova reflexologia coletiva que surge atualmente, a saber, que a psicologia individual não pode aplicar-se para compreender a psicologia social, se verá minada por novos supostos metodológicos (VIGOTSKY, 2005, p. 30).

[76] Pontuamos que na tradução para o português publicada na primeira edição pela Martins Fontes, Paulo Bezerra traduz os termos "esfera de pensamentos" para "campo de sentimentos" (Para detalhes conferir Vigotski (1999) p. 12). A diferença da tradução, como já apontado por Prestes (2010), produz um entendimento distinto da produção de Vigotski.

Na crítica à perspectiva atual de compreensão da psicologia social, Vigotsky (2005) pontua que a compreensão não marxista entende o "social" de forma empírica, enquanto meramente uma multidão. Ao contrário dessa perspectiva, o recorte epistemológico marxista compreende que o social não é meramente uma coletividade ou uma relação de respeito aos outros, mas que a sociedade é constituída por seres humanos que se articulam na atividade social do indivíduo. Nesse sentido, existiria ainda uma linha na psicologia acrítica que defende a individualização do ser social.

> Estes psicólogos não admitem a ideia de que o mais íntimo e pessoal movimento do pensamento, da sensação[77] etc., o inteiro psiquismo de um indivíduo isolado, segue sendo social e socialmente condicionado (VIGOTSKY, 2005, p. 31).

Nesse trecho é possível identificar uma ideia germinal de Vigotski na compreensão de formação do psiquismo que acompanhará o restante de sua obra. A perspectiva de formação social distanciava-se de outras concepções psicológicas à época de Vigotski, na Psicologia, bem como uma força teórica presente também em outras áreas, como a Filosofia. Essa *tese* defendida por Vigotski é feita a partir do diálogo com Marx e outros filósofos. Aliás, este é um elemento identificado largamente no livro *Psicologia da Arte*. Vigotsky (2005) não se furta do diálogo com a Filosofia, demonstrando seu aprofundamento e leitura de teóricos clássicos, a exemplo da citação direta a Marx quando discute a natureza humana e a impossibilidade de compreender o indivíduo meramente enquanto um *ser sociável*. A incorporação do autor, portanto, não é *meramente* mecânica, mas busca contribuir para as sínteses do autor bielorrusso. Na compreensão criticada por Vigotsky (2005, p. 30) "[...] a psicologia social aparece como uma psicologia da invidualidade coletiva". Nesses termos, o social é mais do que a soma do conjunto de indivíduos e, portanto, a psicologia social não pode ser a somatória de compreensão do homem isolado.

Segundo Vigotsky (2005) reside na Estética também uma crise instalada de método, tanto do ponto de vista da vertente introspectiva quanto uma ideia experimental. Vejamos uma primeira reflexão do autor:

> A vivência estética, por sua própria natureza permanece para o sujeito incompreensível e obscura em sua essência e razão. Nós não sabemos nunca ou não compreenderemos o porquê gostamos de uma obra

[77] Paulo Bezerra traduz o termo "sensações" por "sentimento" (VIGOTSKI, 1999).

> determinada. Tudo o que inventamos para explicar sua ação supõe uma reinvenção posterior, uma evidente racionalização de processos inconscientes. Mas a essência da vivência permanece para nós mesmos enigmática, como diz um provérbio francês: a arte consiste precisamente em ocultarmos a arte (VIGOTSKY, 2005, p. 34).

Nessa perspectiva, de antemão, as explicações dadas à ininteligibilidade no contato com a obra de arte não podem ser bem dirimidas pelas perspectivas existentes. A não compreensão de leis gerais produz, portanto, erros profundos no entendimento que se estabelece. Para Vigotsky (2005), em consonância com Marx, decerto que a arte está vinculada às formas de desenvolvimento social e, que, para Vigotski, portanto, essa complexidade não pode ser reduzida a um simples reflexo. Um exemplo da vinculação social é o fato de que os sentimentos despertados pela arte são *generalizados*. Por outro lado, as condições sociais de produção não conseguem prever, *a priori*, o que será da arte, pois não a determina de forma imediata e aparente (VIGOTSKY, 2005).

Embora a arte seja fruto de uma época específica constituída a partir de sujeitos que também refletem o contexto social, político e histórico existente, a arte não deve ser compreendida como a simples reprodução de acontecimentos atuais. A arte prevê uma criação, e, portanto, uma relação mediata com as condições sociais existentes. Como exemplo, Vigotsky (2005) aponta que: "[...] o nexo entre a arte e as relações econômicas que lhe causaram resulta extraordinariamente complexo" (p. 38).

Engels (1890/1978), em resposta à carta de Joseph Bloch[78], apresenta que há uma incoerência em compreender pelo materialismo histórico-dialético, as condições de produção enquanto determinante final da história dos homens. Dessa forma, o fator econômico não é o único elemento presente nas atuais condições de existência. Engels (1890/1978) apresenta, então, que o elemento econômico seria a *base*. Assim: "Nós mesmos é que fazemos a história, mas o fazemos sob condições e suposições definidas. Entre estas, os determinantes econômicos são, ultimamente, decisivos" (ENGELS, 1890/1978, p. 1). A nosso ver, esse é o entendimento de Vigotski ao defender que a arte não está determinada, em última instância, pelo aspecto econômico, embora se estabeleça uma relação com a arte bastante complexa.

Em relação à investigação da arte, Vigotsky (2005, p. 39) aponta que:

[78] A carta pode ser lida no *Marxists.org*. A fonte é de ENGELS, F. Letters on Historical Materialism. To Joseph Bloch. [1890]. pp. 760-765. in TUCKER, Robert C. (org.) The Marx-Engels reader. 2. ed. New York: W. W. Norton & Company, 1978. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/marx/1890/09/22.htm>.

> Até agora a investigação psicológica da arte vem se desenvolvendo em uma destas duas direções: ou se estudava a psicologia do criador-autor segundo se expressa em uma dada obra, ou se estudava a vivência do espectador-leitor que percebe esta obra. A imperfeitação e a esterilidade de ambos os métodos se resulta evidente.

Para o autor, conhecemos a arte de forma indireta, de interpretação por uma consciência imediata, ou seja, que conhecemos apenas aparentemente, através de analogias, deduções e hipóteses. O mesmo que ocorre com a arte acontece com outros fenômenos sociais e psicológicos. Imbuído de tal inspiração, Vigotsky (2005) discute criticamente com algumas ideias de sua época, como apontamos anteriormente. Abaixo se apresentam sínteses gerais das perspectivas:

Tabela 2 – Síntese dos principais apontamentos críticos de Vigotski às teorias sobre a Arte

Conhecimento	Arte que pressupõe uma sabedoria inerente à apropriação dos objetivos de uma criação artística; Analogia entre desenvolvimento de um idioma e a arte; Vinculação da arte aos processos de pensamento; Intelectualismo; Criação de imagens sensitivas que promove no psiquismo do contemplador (teoria da figuração);
Procedimento	Crítica ao *formalismo* no sentido no que consiste à obra de arte ser sua forma; Separação entre conteúdo e forma; Não especifica as sensações vivenciadas à finalidade posterior da criação artística; Ausência de conteúdo histórico na obra de arte;
Psicanálise	Prevalência do inconsciente no processo de constituição da arte sem vinculação da arte como social; Predominância no sentido da arte vinculada aos conflitos primários da infância; Psicanálise enquanto a única fonte de descoberta dos enigmas e mistérios da criação artística; Arte enquanto fantasia e forma de vivência consecutiva do destino de suas vivências na primeira infância e nas contradições postas;

Fonte: Elaboração da autora.

Olhemos agora de forma mais aprofundada para cada uma das perspectivas. A arte como conhecimento apresenta um ideário que "[...] põe no centro de sua atenção a análise objetiva da própria obra de arte e a partir desta análise reconstituem a psicologia que

corresponde" (VIGOTSKY, 2005, p. 48). Nessa perspectiva, a arte supõe um conhecimento objetivo e as características de cada obra de arte acionam de forma distinta de pensamento. Para se desenvolver essa perspectiva, os autores que defendem a ideia da arte como conhecimento buscam entender a arte tal como teorias da linguística. Assim, para essa perspectiva "[...] está completamente claro que operamos com uma teoria puramente intelectual. A arte exige unicamente um esforço da inteligência, do pensamento e o resto é meramente um fenômeno casual, acessório à psicologia da arte" (VIGOTSKY, 2005, p. 51).

Essa perspectiva é criticada por Vigotsky (2005) à medida que não consegue explicar a totalidade dos processos estéticos. Um exemplo da limitação dessa teoria diz respeito à incorporação das emoções no processo de criação da obra de arte:

> Resulta que a essência da arte lírica não possa reduzir-se aos processos do conhecimento, ao trabalho do pensamento, mas que o papel determinante correspondente na vivência lírica é desempenhado pela emoção, que pode ser separada de toda precisão de outras emoções acessórias que surgem no processo de criação filosófica e científica (VIGOTSKY, 2005, p. 52).

Diante do processo de argumentação da arte como produto do pensamento, Vigotsky (2005) começa a questionar uma fragmentação que esta ideia produz no interior da estética.

> Deste modo, toda uma enorme esfera da arte – toda a música, a arquitetura, a poesia – acaba excluindo por completo da teoria que explica a arte como trabalho do pensamento. Então seria preciso separar essas artes não somente em uma subespécie particular, mas inclusive em uma forma totalmente diferente de arte, igualmente estranha às artes baseadas na imagem, como a criação filosófica e científica, e situada à respeito a elas em uma mesma relação. Ocorre que é muito difícil traçar uma linha de demarcação entre o lírico e o não lírico dentro da própria arte. Em outras palavras, se reconhecemos que as artes líricas não exigem o esforço do pensamento, mas de algo distinto, devemos aceitar seguidamente que em qualquer outra arte existem enormes domínios que não podem reduzir-se em modo algum ao trabalho do pensamento (VIGOTSKY, 2005, p. 53).

Discutir esses elementos aproximam Vigotsky (2005) a sua tentativa de captar a essência daquilo que discute e critica. De acordo com o autor, essa perspectiva não consegue explicar a multiplicidade do papel da arte. Assim, para o autor, a arte vincula-se ao pensamento, todavia, é um *pensamento emocional* específico. Mesmo nessa definição, Vigotsky (2005) compreende que não se captam com precisão as leis que

determinam esse processo para a psicologia da arte e discute a teoria da arte como procedimento.

De acordo com o autor, nem o intelectualismo nem a teoria da figuração explicam o processo da arte. Enquanto uma reação ao intelectualismo surge uma teoria denominada de *formalismo*. Em termos gerais, essa perspectiva teórica visa recuperar a ideia da forma da obra de arte, apresentando que, sem ela, abandona-se seu caráter estético. Assim, "Entende-se por forma qualquer disposição artística dos elementos existentes de tal modo que produzem determinado efeito artístico. A isto se denomina procedimento artístico" (VIGOTSKY, 2005, p. 74). Nessa perspectiva também criticada pelo autor, a busca de análise para a compreensão da arte está em sua estrutura.

Vigotsky (2005) cita um exemplo de Hamlet: a perspectiva da arte como procedimento, a compreensão do motivo de o porquê de Hamlet demora a matar o rei não está vinculada à psicologia, isto é, a análise de sua indecisão ou à falta de vontade, mas nas leis da estrutura artística. Dessa forma: "[...] A demora de Hamlet não é mais do que um procedimento da tragédia e se Hamlet não mata imediatamente o Rei, isso se deve a que Shakespeare necessitava prolongar a ação trágica por causa das leis puramente formais" (VIGOTSKY, 2005, p. 75).

Na perspectiva formalista, há uma nova interpretação inclusive do papel que os sentimentos aparecem na obra de arte. Isto é, os sentimentos estão vinculados também a uma forma procedimental de representação, já que, em essência, a arte não é emocional (VIGOTSKY, 2005). Nesse sentido:

> Um dos seus fundamentos metodológicos consiste precisamente na renúncia a qualquer tipo de psicologismo ao estruturar a teoria da arte. Pretendem estudar a forma artística como algo totalmente objetivo e independente das ideias, sentimentos e demais materiais psicológicos que entra em sua composição (VIGOTSKY, 2005, p. 77).

De forma geral, a teoria formalista busca distanciar-se de qualquer princípio sociológico ou psicológico para sistematizar o entendimento sobre a arte. Vigotsky (2005) sinaliza que existem inúmeras contradições nessa compreensão, sobretudo quanto ao processo de criação e percepção da arte, em que os objetivos não passam por uma ordem estética de imediato. Isto é, apesar de existir um procedimento, há uma atividade prática que os formalistas não conseguem captar. Aliás, "[...] nem toda percepção da forma é obrigatoriamente um ato artístico" (VIGOTSKY, 2005, p. 82). Dessa forma, conclui o autor:

> Se desenvolvermos este pensamento, será preciso destacar que as tentativas em representar a forma isolada, desprovida de qualquer conteúdo, se chegariam a um fracasso psicológico, da mesma forma nas tentativas em criar um conteúdo artístico à margem da forma (VIGOTSKY, 2005, p. 83).

Conforme demonstrado por Vigotsky (2005), apesar dos méritos e contribuições, as teorias discutidas, até então, se apresentavam incapazes de discutir o conteúdo histórico da arte e que não conseguem explicar a psicologia da arte. Além disso, caminhando para a terceira teoria analisada, Vigotsky (2005) pontua que ambas as teorias reconheciam um limite se analisarmos a arte meramente pelos processos que tem lugar na consciência do indivíduo. O problema, portanto, manifesta-se quando o ato da criação e apreciação artística resulta de elementos aparentemente incompreensíveis, inexplicáveis e ocultos à consciência. Convidando a psicanálise, Vigotsky (2005) recorre a compreender como a psicanálise compreende a psicologia da arte e o inconsciente.

> Os psicólogos tendem a afirmar que o inconsciente, pelo próprio significado da palavra, é algo oculto de nós mesmos, algo que ignoramos, e consequentemente, por sua própria natureza, algo que nós não podemos conhecer. Desde o momento em que conhecemos o inconsciente, este deixa de ser tal e nos encontramos de novo diante de atos pertencentes a psique habitual (VIGOTSKY, 2005, p. 100).

Na psicanálise[79], o inconsciente é objeto de estudo. Indiretamente, este é estudado pelas "pegadas" que deixa em nosso psiquismo e, apesar do homem nessa perspectiva ser cindido, não há uma separação murada entre inconsciente e consciente. Isto é, alguns elementos do inconsciente podem emergir na consciência. Assim, "O inconsciente influi em nossos atos, se manifesta em nossa conduta e por estas vias e manifestações aprendemos a discernir o inconsciente e as leis que o regem" (VIGOTSKY, 2005, p. 100). Portanto, a obra de arte pode ser um fenômeno de manifestação do inconsciente, tal como os sonhos e os sintomas neuróticos. Leitor de Freud e de psicanalistas[80], Vigotsky (2005), analisando os escritos da psicanálise, aponta que a arte pode ocupar um lugar intermediário entre o sonho e os sintomas, no qual "[...] a obra de arte é para o próprio

[79] Em relação às referências para a construção das ideias, vemos Vigotski enquanto um leitor de Freud, que discute, elogia e critica determinadas posições do autor.
[80] No texto *Psicologia da Arte*, Vigotski não menciona explicitamente qual psicanalista dialoga para além de Freud. Apenas apresenta, na p. 101, que a arte aparece como forma de manifestação do inconsciente (VIGOTSKY, 2005).

poeta uma forma de satisfazer desejos insatisfeitos que na vida real não chegaram a realizar-se" (VIGOTSKY, 2005, p. 103).

Nessa perspectiva, à luz vigotskiana, a arte poderia ser uma forma de vazão e realizar desejos reprimidos em dois sentidos: (1) a arte produz um prazer superficial, pouco profundo, que coloca o espectador em uma tarefa difícil de reagir diante de seu inconsciente; (2) a arte como uma distração artificial, enquanto uma forma de mecanismo de defesa, que permite o indivíduo a manifestar seus desejos proibidos e assim enganar a censura da consciência. Nos dois sentidos, bem como os sonhos sofrem deformações, a arte seria essa possibilidade de entrada do inconsciente (VIGOTSKY, 2005). Assim, "[...] os psicanalistas distinguem dois momentos no prazer produzido pela obra de arte: um do prazer prévio e outro do prazer autêntico" (*idem*, p. 106).

Vinculado ao complexo de Édipo enquanto fundamento psicológico, Vigotsky (2005, p. 107) aponta:

> O sexual[81] subjaz na base da arte e determina tanto o destino do artista como o caráter de sua obra. Em semelhante interpretação, a função da forma artística resulta absolutamente incompreensível; esta se converte em uma espécie de apêndice insubstancial e sem importância, que de fato poderia ser dispensada. O prazer constitui unicamente a fusão simultânea de duas consciências opostas: vemos e vivemos a tragédia, mas no mesmo instante compreendemos que aquilo não sucede da realidade, que somente lhe aparenta. E neste passo de uma consciência a outra reside à fonte principal de prazer.

Vigotsky (2005), ao analisar textos de Freud, considera que a perspectiva da psicanálise reduz de forma considerável o papel social da arte e essa passa a ser apenas um recurso da humanidade para seus vícios, mas que não apresentaria nenhuma finalidade em nosso psiquismo além da descarga de *prazer-desprazer* do indivíduo. Para o autor bielorrusso a teoria psicanalítica não consegue captar o papel real da obra de arte. Além disso, aponta: "E, em efeito, os psicanalistas, ao assinalarem um papel particularmente importante do inconsciente, reduzem a nada toda a consciência" (VIGOTSKY, 2005, p. 109). Nessa ideia, o autor bielorrusso dialoga com uma citação de Marx que apresenta a consciência enquanto uma diferença fundamental entre o homem e o animal. A citação que faz a Marx encontra-se na obra *Ideologia Alemã*. Vejamos a citação a que se refere:

[81] Sinaliza-se que, para Freud, o material sexual e a sexualidade estão para além do ato sexual, diz respeito à forma como o ser humano relaciona-se com o seu corpo e com o outro (BEARZOTI, 1994).

> [...] a consciência da necessidade de entrar em relação com os indivíduos que o cercam marca, para o homem, o começo da consciência do fato de que, afinal, ele vive em sociedade. Este começo é tão animal quanto a própria vida social nesta fase; é uma simples consciência gregária e, aqui, o homem se distingue do carneiro pelo simples fato de que nele a consciência toma o lugar do instinto ou de que seu instinto é um instinto consciente (MARX e ENGELS, 1998, p. 25-26).

Vigotsky (2005) utiliza a citação a partir do exemplo com o carneiro. De fato, como discutido no capítulo três, a consciência na teoria de Marx e Engels aparece como uma condição para a produção das necessidades e na relação que o homem estabelece com a natureza, ou seja, de forma singular e distinta aos demais animais. Pelo diálogo de Vigotski com Freud, talvez a questão central do autor bielorrusso que o levou a buscar a citação seria de que, na ausência do papel da consciência na vida do homem, estaríamos limitados às relações mais imediatas e sensíveis com a natureza. Este elemento poderia nos levar a uma relação semelhante à do animal com a natureza.

A interpretação de Vigotski ao inconsciente freudiano parece apontar para uma definição determinista. Na visão de Vigotski, parece-nos que a sobredeterminação do inconsciente sobre o consciente produz uma desarticulação pela ótica dialética. Isto é, para Vigotski, consciente e inconsciente estão duplamente relacionados no contexto do ser social. Marx e Engels (2007) apontam, em diferentes passagens, o lugar da contradição na discussão sobre história e consciência. Isto é, ao mesmo tempo em que há consciência, há também o inconsciente em unidade dialética.

Em relação a esta aparente dualidade, vejamos a passagem a seguir sobre a constituição da história:

> [...] não de explicar a práxis partindo da ideia, mas de explicar as formações ideais a partir da práxis material e chegar, com isso, ao resultado de que todas as formas e [todos os] produtos da consciência não podem ser dissolvidos da obra da crítica espiritual, por sua dissolução na "autoconsciência" ou sua transformação em "fantasma", "espectro", "visões" etc., mas apenas pela demolição prática das relações sociais reais de onde provêm essas enganações idealistas; não é a crítica, mas a revolução a forma motriz da história (MARX e ENGELS, 2007, p. 43).

A consciência é, portanto, algo que o indivíduo desenvolve em contato com as relações sociais práticas, ainda que não queira e não se identifique a *origem* dessa formação. Portanto, há uma parcela inconsciente que emerge em nossa consciência

cotidianamente, ao, por exemplo, não conhecermos a nossa história e os caminhos de modificação desta. Nesse sentido, "as condições fazem os homens, assim como os homens fazem as circunstâncias" (MARX e ENGELS, 2007, p. 43). Desse modo, a constituição da história é um processo que se dá em articulação ao ambiente, à organização física que encontra, mas também é ampliada a partir da consciência dos homens.

Em *Psicologia da Arte*, ao pensar o campo psicanalítico, a consciência, nesse momento do texto, aparece também como um problema da psicologia da arte. Afinal, "Se os psicólogos antigos exageravam o papel da consciência, os psicanalistas desorbitam ao outro extremo, reduzindo o papel da consciência a zero" (VIGOTSKY, 2005, p. 110). Para o autor, a consciência na psicanálise seria um instrumento cego que serve ao inconsciente.

A leitura que Vigotski faz é de que o inconsciente é um objeto da psicanálise e, ao mesmo tempo, é também um campo de investigação. Conforme menção acima, o fato de a consciência ser um instrumento cego do inconsciente reside de (ao analisar a consciência) estarmos tratando também de um conteúdo inconsciente, embora não esteja explicitamente vinculado dessa forma. A crítica de Vigotsky (2005), embora pertinente e adequada a uma possível leitura de Freud, parece não considerar o sentido da consciência para este autor. Nesse sentido, nos parece que em Freud, ainda que haja a sobredeterminação do inconsciente nas ações cotidianas que o indivíduo nem sempre reconhece, a consciência tem um papel de *ser* – inclusive porque esse papel é o que garante e possibilita a realização da análise – a identificação e elaboração, pelo indivíduo, do outro que o habita, permitindo, assim, uma tentativa de o sujeito conhecer aquilo que lhe é desconhecido em si mesmo e, nesse mesmo sentido, identificar que, em si, há elementos da ordem do "*não sabido*" que constitui a todos nós, seres humanos. Ou seja, há um papel na consciência que não se remete apenas ao inconsciente, mas na elaboração e no entendimento desse homem.

Mesmo diante das críticas ao inconsciente freudiano, Vigotsky (2005) não desconsidera as contribuições da psicanálise. Pontua que essa teoria contribui de forma precisa às possibilidades de interpretação da psicologia da arte. Por outro lado, alguns conceitos deveriam, para ele, ser relativizados, tal como a ideia dos traumas infantis, do complexo de Édipo e do papel passivo que a consciência exerce nesse contexto. Para o autor bielorrusso, a consciência seria um mecanismo primordial da arte apontando que "A arte como inconsciente não é mais do que um problema; a arte como superação do

inconsciente, está aqui sua mais provável resposta" (VIGOTSKY, 2005, p. 114). Com isso, Vigotsky (2005) nos mostra que a arte não é determinada unicamente pelo inconsciente e que esta explicação não pode, de fato, alcançar a totalidade da arte, embora a sua produção conte, em certa medida, com elementos do inconsciente.

Vigotski desenvolve, ao longo de sua obra, essa relação entre consciente e inconsciente. Embora não apareça na discussão em *Psicologia da Arte*, será objeto do autor no Tomo I das *Obras Escogidas*, cuja síntese apresentaremos no eixo seguinte. É importante registrar que, mesmo nesse momento, não há uma divisão estática para Vigotski entre consciência e inconsciente. Aliás, a arte seria uma forma de *trânsito*, apontando que o que existe no inconsciente não é inacessível à consciência, da mesma forma como parte da consciência é também inconsciente. Ou seja, esses dois elementos não estão em oposição – tal como na teoria freudiana –, mas em unidade, compondo o mesmo sistema, com relações de interdependência.

Essa *inversão* conceitual que Vigotski propõe, alocando a arte na esteira de uma função consciente e com uma finalidade, caminha no sentido de o autor buscar os princípios fundamentais que compõem a arte. Assim, de acordo com Vigotsky (2005), a psicologia da arte opera com três esferas: a da percepção, a da sensibilidade e a imaginação ou fantasia. Apesar das três apresentarem certa interdependência para Vigotski, de acordo com o autor há autores que sustentam a psicologia da arte de forma predominante em apenas uma dessas esferas, tomando as outras de forma secundária. Por exemplo, a teoria da percepção seria uma perspectiva que privilegia a esfera da percepção e trata de forma acessória as demais (VIGOTSKY, 2005).

> O problema da percepção é uma das questões fundamentais da psicologia da arte, mas não é o seu problema central, já que, por sua vez, depende da solução que damos aos problemas restantes que estão no centro. Na arte, o ato de percepção sensorial tão somente inicia, mas de modo algum conclui a reação e, por esse motivo, o estudo da psicologia da arte deve iniciar-se não pelo capítulo que se trata das vivências estéticas elementares, mas pelos outros dois problemas: o da sensibilidade e o da imaginação (VIGOTSKY, 2005, p. 245-246).

Para o autor, a percepção fora densamente investigada, embora opere em caráter secundário. Conforme a citação anterior, o autor inicia uma discussão em seu texto sobre a categoria de *sentimento*. Embora houvesse estudos vinculados ao que ele chama de Psicologia do sentimento, de acordo com Vigotsky (2005), a relação entre os atos

emocionais e a fantasia continua sendo um aspecto não investigado e, portanto, "misterioso" à psicologia moderna.

Em relação ao sentimento, pontua que:

> [...] para a psicologia empírica o sentimento se encontrava fora da esfera da consciência, como tudo aquilo que não podia fixar-se no centro da atenção. Porém, uma série de psicólogos assinala outro traço, precisamente oposto, a saber, que o sentimento sempre é consciência e que a expressão 'sentimento inconsciente' representa em si mesma uma contradição (VIGOTSKY, 2005, p. 247).

Diante dessa perspectiva, Vigotski nos conduz diante de uma contradição para a psicologia de sua época que parece atual. Na mesma medida em que a arte aparece como fruto de uma construção inconsciente, no mesmo sentido o sentimento é interpretado. Vinculado às três esferas, o sentimento está relacionamento a uma possibilidade consciente, embora não se tenha uma clareza deste sentimento na consciência, isso não implica a possibilidade de existência de sentimentos inconscientes. O autor apresenta seu questionamento:

> [...] como devemos considerar o sentimento, como um gasto de energia psíquica? Considero este problema central para a psicologia do sentimento, posto que a solução que se ofereça dependerá de outro problema central da estética psicológica: o princípio da economia das forças (VIGOTSKY, 2005, p. 249).

Essa questão, evidentemente, persegue Vigotski no decorrer de sua obra. Apesar de ter elaborado uma resposta provisória em *Psicologia da Arte*, essa questão também será analisada pelo autor em *Teoria das Emoções*. A resposta que Vigotsky (2005) fornece é quantitativa e pode ser apresentada na passagem a seguir:

> Se recordamos o ato elementar de que todo sentimento representa um gasto psíquico e de que a arte sempre aparece relacionada com a suscitação de uma complexa combinação de emoções, comprovaremos imediatamente que a arte quebra com o princípio de economia de forças em sua ação imediata e que na estrutura de sua forma está sujeita precisamente ao seu inverso. Nossa reação estética se apresenta, sobretudo diante de nós não como uma reação salvadora, mas como uma reação que destrói nossa energia nervosa e lembra mais uma explosão do que a economia (p. 252).

Nessa perspectiva, os sentimentos estão vinculados a um processo de *gasto psíquico*. Apesar desta definição não romper com a lógica biológica, Vigotski questiona-se sobre a singularidade da emoção que a arte causa no ser humano e como a reação

estética se desenvolve em condição germinal e de favorecimento. Para dar conta de captar a singularidade, Vigotsky (2005) entra em acordo com dois tipos de sentimentos que se desenvolvem na arte: os *coafetos* e os *afetos* do próprio espectador. Ambas as emoções estariam vinculadas à fantasia.

Em termos gerais, os coafetos são sentimentos que se manifestam em conformidade com aquilo que o personagem transmite. Seria viver junto com o personagem sua dor, medo, terror, amor, dentre outros sentimentos, quase como se fossem transferidos ao espectador. Os afetos próprios seriam aqueles que se constituem a partir da relação na qual o personagem vive dentro de um contexto. Por exemplo, quando o espectador constata um perigo iminente ao personagem e que não foi percebido por este, desenvolve-se uma tensão no espectador que não existe materializada no personagem. Esse esclarecimento é relevante para compreender que a arte atua em uma perspectiva de representação. Ou seja, por meio da fantasia produz-se no espectador algo que não estava presente antes, criando novas condições de sensibilização (VIGOTSKY, 2005).

> Penso unicamente desde este ponto de vista que se pode examinar a arte, a qual parece suscitar em nós umas emoções extraordinariamente fortes, que, por outro lado, não se manifestam em nada. Essa enigmática diferença entre sentimento artístico e o sentimento habitual, deve, a meu juízo, entender-se no sentido de que se trata do mesmo sentimento, mas resolvido por meio de atividade altamente reforçada. Desta forma, adquirimos a unidade dos elementos dispersos que compõem toda reação artística (VIGOTSKY, 2005, p. 259-260).

Autores que discutem a Psicologia da Arte de Vigotski (DEL RÍO e ALVAREZ, 2007; MONTINHO e CONTI, 2010; SOUZA, DUGNANI e REIS, 2018; BARROCO e SUPERTI, 2014) apresentam a importância de compreensão das emoções como critério de entendimento da obra de arte. De acordo com Souza, Dugnani e Reis (2018) é fundamental compreender o papel das emoções no processo de significação que estas se desenvolvem ao longo do tempo e que se sistematizam no momento da contemplação de uma construção artística.

Ainda que as emoções ganhem um papel de destaque nesse momento da discussão, Vigotsky (2005) tem uma preocupação em apresentá-la para sistematizar o entendimento de arte para o autor da obra. Em termos gerais, Vigotski dialoga com as outras teorias e tece críticas, apresentando possibilidades e limites, mas ainda não sintetiza, nesse momento, o entendimento histórico-cultural sobre a arte.

Diante da constatação que a arte produz sentimentos no espectador (coafetos ou afetos), Vigotsky (2005) entra em acordo com pensadores como Müller-Freienfels, Schilder e outros, que apresentam a possibilidade de a arte não produzir apenas emoções harmônicas. Isto é, a vivência da tragédia pode suscitar comédia, bem como o contrário, em uma espécie de 'oposição'. Para explicar essa antítese, Vigotsky (2005) recorre à explicação de Darwin em que determinados movimentos voluntários suscitam impulsos para outros movimentos contrários.

> Esta lei notável, descoberta por Darwin, possui uma indubitável aplicação na arte e, seguramente, já não consistirá para nós um enigma do fato de que a tragédia, que suscita simultaneamente afetos de caráter oposto, atue, aparentemente, de acordo com o princípio de antítese e envie impulsos opostos a grupos opostos de músculos (VIGOTSKY, 2005, p. 262).

Como citado no terceiro capítulo da presente tese, Engels e Marx dialogam com a teoria darwinista por encontrar nela uma alternativa de interpretação materialista do processo de constituição filogenética da espécie vinculada na relação entre *ambiente-população*. Darwin promove, portanto, a ruptura do processo explicativo vinculado ao criacionismo. Analisando mais nitidamente essa compreensão:

> Já na Biologia, Darwin é o divisor de águas; antes da publicação de A Origem das Espécies, a maioria dos estudos tinha o indivíduo como foco. De modo geral, as ideias evolutivas do século XIX, diferentes das de Darwin, como a teoria da transmissão dos caracteres adquiridos por uso e desuso de Jean-Baptiste Lamarck, supõem que o indivíduo se adapta ao meio de maneira ativa, e a mudança da população ocorre devido à soma de transformações individuais. Darwin, por outro lado, propôs uma explicação selecional, segundo a qual o meio não provoca o aparecimento de novas características, mas seleciona naturalmente (e não ativamente, de maneira racional ou metafísica) indivíduos que apresentam de antemão uma determinada variação dentro de uma população, alterando assim a composição desta. Para o naturalista, a mudança da população não ocorre devido a uma soma de mudanças individuais independentes, mas em razão de uma transformação coletiva e conectada pelas relações estabelecidas entre os membros dessa população (SCHALL, 2014, p. 141).

Na esteira dessa compreensão, Vigotsky (2005) recorre também ao fundamento darwinista para pensar as questões relacionadas à estética e à arte. Dessa forma, embora a antítese tenha sido objeto de investigação de filósofos, como Sócrates e Platão, citados por Vigotsky (2005), o autor busca diálogo, nesse momento, com uma explicação biológica aos processos de ordem estética, no mesmo caminho em que faz com a reflexão sobre as emoções e sentimentos. Todavia, ao tomar essa ideia como referência, faz uma viragem conceitual que Darwin não desenvolve. Vejamos nas palavras do autor:

> As investigações anteriores nos têm levado a conclusão de que toda obra de arte – fábula, novela, tragédia – inclui forçosamente uma contradição afetiva, suscita séries de sentimentos opostos uns aos outros e provoca seu curto-circuito e destruição. Este pode considerar-se o verdadeiro efeito da obra de arte, com o qual abordamos plenamente o conceito de *catarse* (VIGOTSKY, 2005, p. 262).

Nesse sentido, a possibilidade de confirmação da antítese na esfera biológica, conduz Vigotsky (2005) a compreender a contradição enquanto a lei de reação estética. Ou seja, "[...] a *catarse*, quer dizer, a uma complexa transmutação de sentimentos" (p. 263). A arte, portanto, não deve ser compreendida enquanto a manutenção de coafetos, mas pela possibilidade que promove de permitir ao espectador, mesmo diante da tragédia, sentir compaixão e um pleno estado que a experiência estética pode contribuir para transmutar o homem para outro *lugar*. Assim, é na arte que convive a vida e a morte, a paixão e o ódio, o choro e o riso.

Como forma de elaborar uma metáfora sobre a arte, Vigotski retoma uma comparação feita entre a arte, uma construção humana, e a aeronave, uma máquina. Muito embora seja elucidativa e didática, pesa um cuidado analítico à medida que se comparam elementos de naturezas diferentes. Isto é, diante de uma leitura mecanicista poderia significar que Vigotski estabelece uma relação comparativa entre *homem-coisa*. Vejamos a citação:

> [...] é completamente certa a comparação que um investigador estabelece entre as obras de arte e as aeronaves. Disse que há duas classes de obras de arte, da mesma forma que existem dois tipos de aeronaves. O aeróstato eleva-se porque é mais leve que o ar e, de fato, não supõe uma vitória sobre os elementos, posto que simplesmente flutua no ar, sem vencer a sua resistência, se arrasta para cima, não se dirige ele. Enquanto o avião, máquina mais pesada que o ar, cada instante de sua elevação estão caindo, encontra a resistência, a vence, a repele e se eleva precisamente porque se cai. A verdadeira obra de arte nos recorda a uma máquina mais pesada que o ar. Seu material é sempre uma matéria mais pesada que o ar, quer dizer, algo que, em virtude de suas propriedades, parece contradizer o voo, não lhe permitindo desenvolver-se. Esta propriedade, o peso do material, se opõe sempre ao voo, arrasta-o para a terra e o autêntico voo surge pela superação desta resistência (VIGOTSKY, 2005, p. 279).

De fato, há uma singularidade da arte que não pode ser explicada pela metáfora. Todavia, o autor quer nos dizer que a obra de arte nos eleva rumo à tentativa de superação de uma resistência que, a princípio, parece intransponível. Desse modo, a obra de arte é um processo de *transgressão* que só ocorre dentro da sociedade. Isto é, não há como

produzir arte à margem do contexto social. Por este objeto, nos humanizamos. Através da *catarse*[82], a obra de arte nos produz prazer (VIGOTSKY, 2005).

Ao compreender o papel catártico da arte, Vigotsky (2005) questiona-se sobre qual o valor da arte enquanto parte constituinte da vida humana. De acordo com o autor, o papel que a arte exerce não é um consenso, já que diferentes teorias formulariam respostas distintas para essa questão. Vigotsky (2005) apresenta duas: as que defendem que a arte possuiria um grande valor e outras apresentam que funcionaria somente como uma forma de divertimento. Analisando ambas as proposições, Vigotsky (2005) se depara com uma compreensão em comum, qual seja, a arte seria uma forma de *contágio*.

Tabela 3 – Análise da arte como sensibilização

Princípio	Objetivo	Teórico	Análise de Vigotski
Arte como contágio	A arte é a capacidade de contagiar aos homens de sentimentos bons ou ruins.	Tolstoi	Reduz a arte a um vulgar emoção e não faz uma diferença essencial entre o sentimento produzido pela arte. A estrutura geral seria a de uma visão *ética*, de formulação do comportamento, que se estenderia de forma linear à estética.

Fonte: Elaborado pela autora.

De acordo com Vigotsky (2005) essa perspectiva presente no cenário da psicologia da arte remonta-se a uma ideia de que a existência da arte se explicara através da perspectiva de sensibilizar e contagiar o espectador. Assim, o autor faz diversas ponderações:

1) Esse ideário ignora que a arte não está baseada em um sentimento individual, mas que existe através daquilo que é social e capaz de ser generalizado pela arte enquanto *sentimento social*;

2) A arte não é explicada meramente por fazer emergir sentimentos, mas produzir transformações no homem.

> O milagre da arte nos recorda a outro milagre cristão, a conversão da água em vinho. A verdadeira natureza da arte leva em si sempre algo que transforma, que supera o sentimento comum: o mesmo medo, a mesma dor, a mesma emoção, quando suscitado pela arte, contém algo a mais daquilo que existia. E

[82] O papel da catarse para Vigotsky (2005) é condição fundamental para a existência da relação estética. Ou seja, sem a catarse, não existiria a arte. Portanto, Vigotski analisa diferentes expressões artísticas, como a poesia, a fábula, o teatro, a arquitetura, a escultura, a pintura etc., chegando a conclusão de que a *cartarse* é a 'lei' geral para todas as expressões.

> esse algo supera os sentimentos, os ilumina, converte sua água em vinho, e, deste modo, se realiza a finalidade mais importante da arte (VIGOTSKY, 2005, p. 299).

3) A arte pode ser uma forma de escape da vida cotidiana, colocando em movimento um aspecto do psiquismo que, por vezes, refere-se à uma antístese à própria vida;

4) "[...] a arte resolve e transforma certas tendências extremamente complexas do organismo" (VIGOTSKY, 2005, p. 300). Exemplificando a finalidade que a arte exerce no contexto do trabalho;

5) Arte, mesmo primitiva, como instrumento de luta pela existência que aparece pela necessidade de o homem organizar-se no trabalho. Assim, "[...] a arte surge [...] como um poderoso instrumento de luta pela existência e não se pode admitir que seu papel se limitaria a comunicar os sentimentos sem possuir domínio algum sobre eles" (VIGOTSKY, 2005, p. 301).

De forma geral, a arte pode ser compreendida como o elemento que coloca em movimento aquilo que é *novo* no homem, sendo decisiva para a formação do indivíduo e que "E as possibilidades para o futuro não se pode prever ou calcular, tanto para a arte, como para a vida" (VIGOTSKY, 2005, p. 317).

Marx (2011) ao discutir o processo de produção social, apresenta referências para analisar a discussão de Vigotsky (2005) em relação à arte. De acordo com o autor alemão, a necessidade social em comparação de um indivíduo para o outro não deve ser a mesma. Ou seja, se fosse a mesma necessidade, ambos sujeitos teriam materializado a mesma mercadoria como finalidade, o que não os poria em relação social. Ou seja:

> Ambos têm a necessidade de respirar; para ambos o ar existe como atmosfera; isso não os coloca em nenhuma relação social; como indivíduos que respiram, relacionam-se entre sia apenas como corpos naturais, não como pessoas. A diversidade de sua necessidade e de sua produção fornece unicamente a oportunidade para a troca e para sua igualação social (MARX, 2011, p. 186).

Nesse mesmo sentido, podemos refletir sobre a arte em nossa sociedade. Se esta estivesse vinculada a elementos eminentemente biológicos, não estaríamos diante de tamanha pluralidade: música, escultura, poesia, novela, fábula, artes plásticas, etc. A arte apresenta tamanha diversidade porque o indivíduo A e o indivíduo B apresentam necessidades diferentes, colocando-os sempre em relação social mediado pela *troca*. Assim, "[...] cada um, como *ser humano*, vai além de sua própria necessidade particular"

(MARX, 2011, p. 186). Nesse sentido, a relação social se estabelece quando "Cada um serve ao outro para servir a si mesmo" (MARX, 2011, p. 187).

Nesta relação, Marx (2011) apresenta três princípios:

1) O objetivo de um indivíduo só é alcançado à medida que sua ação serve também como objetivo para o *outro*.

2) O indivíduo é, ao mesmo tempo, meio para o outro e fim em si mesmo, o que chama de "ser para si".

3) Existe uma reciprocidade entre meio e fim, no qual, o fim só obtido através do meio e o meio só tem sentido a partir do fim.

Esses três princípios buscam, portanto, orientar de fato uma relação social. A produção humana, nesses aspectos, não se dá de forma desvinculada. Ou seja, não se produz arte por se produzir, a produção da arte só faz sentido à medida que é meio para um outrem e um fim para si.

A incorporação desta referência de análise nos permite a compreender o papel e função da arte através da vinculação ao entendimento de produção e estabelecimento das relações humanas que Vigotsky (2005) desenvolve. No subitem seguinte apresentamos uma síntese da leitura de Vigotski em relação às emoções que aparece, além em *Psicologia da Arte*, em *Teoria das Emoções*.

3.5.2 Sobre o estudo das emoções

Muito embora haja uma dificuldade em separar arte e emoções, justamente porque a emoção parece ser uma das funções da arte, de acordo com Leontiev (2005), a fundamentação de Vigotski sobre as emoções ainda está em construção nos argumentos em *Psicologia da Arte*. Nessa perspectiva, buscaremos discorrer sobre a obra *Teoria das Emoções*, escrita posteriormente, para compreender a investigação histórica a que Vigotski se debruça e, posteriormente, retomar a *Psicologia da Arte* com o diálogo às teorias da emoção.

Em *Teoria das Emoções*, Vigotsky (2004) argumenta sobre um possível distanciamento de uma referência filosófica das teorias que se anunciavam enquanto espinosistas, revelando o predomínio dualista e naturalista das teorias de sua época. Sobre a influência de Spinoza na obra de Vigotski, Toassa (2014) alerta que, além da censura, a aproximação de Vigotski ao filósofo Spinoza[83] foi negligenciada pelos pesquisadores

[83] Encontramos diferentes grafias para referir-se ao filósofo. Manteremos a grafia utilizada pela tradução ao espanhol que aparece na obra.

brasileiros à medida que houve uma predileção por vincular Vigotski ao construtivismo e à Piaget, bem como uma tentativa de olhar Vigotski enquanto um "[...] ventríloquo de Lênin, Marx ou Engels" (TOASSA, 2014, p. 49)[84].

Em *Teoria das Emoções*, organizado em vinte capítulos, aparece, recorrentemente, a elucidação da questão da consciência no que diz respeito ao controle, percepção e complexificação de emoções e sentimentos. Nesse sentido, buscaremos refletir, a partir dessa obra, o *lugar* da consciência nessa discussão. Para essa análise, seguimos a lógica argumentativa do autor, cuja apresentação das teorias de seu tempo histórico precede a análise e discussão da fundamentação filosófica. Deste modo, buscaremos apresentar, de forma geral, elementos das teorias das emoções estudadas pelo autor bielorrusso, apresentando ponto de convergência e distanciamento e, posteriormente, explicitaremos críticas fundamentais do autor em razão da base filosófica spinoziana. Ao olhar sobre a discussão das emoções e sentimentos, evidencia-se a necessidade de localizar o papel que a categoria consciência exerce no decorrer do processo argumentativo.

Para o desenvolvimento da obra *Teoria das Emoções*, Vigotski busca desenvolver dois objetivos centrais: (1) compreensão exata sobre a natureza dos afetos e (2) avaliação da doutrina filosófica das paixões. Sobretudo, pela necessidade da "[...] formação de uma ideia de homem que nos sirva como modelo da natureza humana" (VIGOTSKY, 2004, p. 59). Logo de antemão, vemos a preocupação expressa de Vigotski em encontrar uma proposição de natureza humana e, portanto, de homem. Para o desenvolvimento do primeiro ponto, Vigotsky (2004) apresenta a existência de teorias contemporâneas que discutem e sustentam um entendimento sobre as emoções. O processo investigativo do autor busca, a partir das teorias existentes, compreender a natureza das emoções, bem como as referências filosóficas que sustentam as teorias contemporâneas.

Durante o desenvolvimento dos capítulos, Vigotski recorre com precisão ao seu questionamento inicial, isto é, como a Psicologia pode explicar o homem concreto e vivo? Para caminhar na reflexão dessa questão, o autor bielorrusso perpassa por inúmeras propostas psicológicas, análises de teorias, autores e bases filosóficas. Enquanto método, reconstitui a discussão sobre as emoções buscando desvelar a fundamentação ontológica que orienta a discussão posta. Em vários sentidos, Vigotsky (2004) reafirma a discussão

[84] Compreendemos a importância do debate epistemológico que concerne essa discussão, todavia, devido às limitações da presente tese, não adentraremos nessa discussão. Para aprofundamento, indica-se a leitura de Toassa (2014) e de outros autores que vem fazendo essa discussão no cenário brasileiro.

que faz sobre a crise de método da Psicologia, afirmando os limites das teorias, "Portanto, a nova psicologia ocupa totalmente as mesmas posições a partir das bases em que se desenvolveu a antiga psicologia" (VIGOTSKY, 2004, p. 230). Grosso modo, identificamos que a categoria consciência opera como questão auxiliar, embora ganhe destaque no decorrer da discussão sobre as emoções. Isto é, apesar da consciência não ser objeto de investigação central, em diferentes momentos Vigotski perpassa por essa discussão, o que pode sugerir a impossibilidade de desvincular o entendimento da teoria das emoções para o entendimento da consciência. Tomando esse aspecto como referência, buscaremos, a partir da discussão sobre as emoções, identificar as definições de consciência existente que podem nos encaminhar no processo analítico dessa discussão.

Como dissemos, no decorrer de sua obra, Vigotsky (2004) analisa diferentes autores e diferentes teorias a fim de responder as questões supracitadas, isto é: qual a natureza das emoções? Qual a referência filosófica que sustenta essa discussão no âmago das teorias existentes? Esta investigação levará Vigotski a empreender esforços na apresentação e crítica de um campo de estudos da teoria das emoções denominado *Teoria Organicista*. Esse campo da teoria das emoções era composto por dois autores principais: Carl Georg Lange (1834-1900) e William James[85] (1842-1910), que ficou conhecida como teoria James-Lange[86] das emoções.

Vigotsky (2004) abre a discussão apresentando que Lange diz aproximar-se da teoria de Spinoza, colocando-a, portanto, como referência filosófica da teoria organicista a partir de uma das menções à Spinoza que apresenta, na aparência, uma similaridade com a defesa de James-Lange. Vigotsky (2004) pontua que para essa sustentação, Lange baseia-se na seguinte definição de Spinoza, trazida por Vigotski *ipsis litteris* através da obra de Spinoza: "Entende-se por afetos estados do corpo que aumentam ou diminuem a capacidade deste para ação, favorecendo a dita capacidade ou limitando-a, podendo favorecer ou não a consciência desses estados" (SPINOZA *apud* VIGOTSKY, 2004, p. 5)[87]. Nesse sentido, questiona-se se de fato a teoria organicista tem por referência a tese de Spinoza sobre as emoções e o mesmo manifesta-se no interior desta teoria, já que "O próprio James não reconhece, para dizer a verdade, como fez Lange, esta proximidade

[85] Autor citado em capítulos anteriores da presente tese.
[86] De acordo com Costa e Pascual (2012, p. 630), "James e Lange defenderam a ideia de que a causa das emoções residia nas reações orgânicas que as acompanham, o que possibilitou a compreensão das mesmas como simples reflexos das reações orgânicas (corpo) na consciência (mente). A vida emocional (restrita ao corpo) era, assim, considerada um "estado dentro de outro", no qual as emoções permaneciam isoladas de outros processos psíquicos, podendo somente ser percebidas pela consciência, mas não se integrar a esta".
[87] Vigotsky (2004) não apresenta de qual obra de Spinoza retirou o trecho citado.

histórica ou ideológica entre sua teoria e o estudo das paixões de Spinoza" (VIGOTSKY, 2004, p. 6).

Em termos gerais, a teoria James-Lange compreendia as emoções enquanto estados fisiológicos que determinam a ativação de determinada aparição de emoções. Isto é:

> [...] para explicar as emoções, esta teoria põe em primeiro plano sua base orgânica, por esse motivo se impõe como concepção estritamente fisiológica, objetiva e também como a única concepção materialista das emoções e das sensações (VIGOSTKY, 2004, p. 10).

Dessa forma, as emoções têm um caráter de precipitação instintiva do organismo diante de uma situação de defesa natural. Nessa condição, aparece na teoria de James-Lange a consciência das emoções para a tomada de decisão. Por exemplo,

> No momento em que aparecem emoções muito fortes, a excitação e o sentimento de força se fundem liberando a energia armazenada, e ignorada até esse momento e fazendo cobrar consciência de sensações inesquecíveis de uma possível vitória (VIGOTSKY, 2004, p. 15).

A consciência seria, nesses termos, provocada pela excitação e percepção do indivíduo levando-o a determinada emoção. Nessa perspectiva teórica, a consciência seria uma orientação para ação que pode, de alguma maneira, ser enviesada, confundida, através das emoções. As emoções, por si só não conduzem o indivíduo a um entendimento desse processo, mas a tomada de consciência das emoções é que interpreta e significa os reflexos. Há, portanto, uma íntima relação entre as emoções e a consciência. Nas palavras do autor:

> Uma vez que temos demonstrado que a causa das emoções está constituída por inumeráveis atos reflexos que aparecem por influência de objetos externos e que alcançam de maneira imediata nossa consciência, se compreende de imediato porque podem existir uma infinidade de emoções e porque, em certos indivíduos, os elementos que as constituem e os motivos que as suscitam podem variar infinitamente (VIGOTSKY, 2004, p. 23).

De antemão, Vigotsky (2004) sinaliza que, analisando a aparência da teoria James-Lange, não há como desvinculá-la até o momento, a teoria organicista da definição dada anteriormente por Spinoza, em especial na aproximação aos conceitos defendidos pela teoria de James-Lange. Por outro lado, no decorrer de sua obra, Vigotsky (2004)

buscará desvelar essa aproximação, sinalizando que a teoria organicista está ancorada não em Spinoza, mas em Descartes.

> [...] a teoria de James-Lange, e todo o sistema de estudos críticos que se implantou ao seu redor – estudos que segundo nossa opinião leva a construção de uma nova teoria das emoções – está diretamente unida, se se quer explicar a gênese de suas ideias e de suas bases metodológicas, não a teoria das paixões de Spinoza, mas às ideias de Descartes e Malebranche (VIGOTSKY, 2004, p. 201).

Nesse sentido, olhando para as bases de estruturação, Vigotsky (2004) compreende que as menções à Spinoza na teoria James-Lange aparecem apenas de uma forma desarticulada, *caricata*, em que não há uma preocupação de desenvolver a teoria sob essa base filosófica. No penúltimo capítulo apresenta que: "O próprio Lange compreendia confusamente que se equivocava estabelecendo um parentesco entre sua teoria e a de Spinoza" (VIGOTSKY, 2004, p. 233).

Seguindo a estrutura argumentativa do autor, Vigotsky (2004) analisa de forma mais aprofundada a teoria James-Lange, inclusive o processo histórico-psicológico de constituição dessa teoria, bem como autores que fizeram discussões sobre esta proposta, tal como Sherrington, F. Bard, Cannon, e J. Angell. Apesar de a teoria de James-Lange ser considerada enquanto uma convergência, há um espaço de discordância entre a teoria de James e a de Lange. Exemplo disso pode ser identificado através da transformação da teoria de James ao longo do tempo, a ponto que este reformula algumas de suas ideias buscando uma coerência ao núcleo ideológico e teórico, mesmo que esse processo tenha, segundo Vigotsky (2004), danificado a teoria de alguma forma. Vejamos:

> Quanto à mecânica fisiológica à qual James apela, ele quase disse sua palavra final sobre essa questão, e essa palavra não apenas falha em defender a hipótese de James, mas está em contradição irreconciliável com ela. Enquanto Lange afirma que a distinção entre emoções deve encontrar sua explicação na diferença nas reações vasomotoras e James considera que o ponto de vista que ele propõe explica a variedade surpreendente de emoções, a mecânica fisiológica estabelece o fato incontestável de que as mudanças orgânicas nas emoções surgem como uma reação padrão, uniforme para os mais diversos afetos, semelhante aos reflexos inatos de ordem inferior, entre os quais está, por exemplo, o reflexo do espirro. [...] Os experimentos que indicam a uniformidade das reações viscerais falam a favor do fato de que os fatores viscerais desempenham um papel insubstancial na origem das diferenças existentes nos estados emocionais (VIGOTSKY, 2004, p. 24).

Lange critica a teoria clássica das emoções que afirmam e veem as emoções enquanto entidades, substâncias e forças que se apoderam do indivíduo e, então,

determinam manifestações físicas e/ou mentais. Para contribuir, James apresenta que a excitação corporal segue diretamente a percepção daquilo que a provoca e a consciência que se tem dessa excitação. Para isso, elabora alguns exemplos que apresentam essa relação de ordem dos acontecimentos. Todavia, uma questão fundamental reside na necessidade em aparecer manifestações corporais[88] (VIGOTSKY, 2004).

> Como é bem sabido, para Lange e James a principal demonstração de sua teoria consistia não tanto no fato de que os estados emocionais são acompanhados por mudanças fisiológicas (o que já era conhecido pela teoria clássica), mas no fato de que sem mudanças fisiológicas pode haver sem mudanças fisiológicas adequadas. A partir disso, eles chegaram à conclusão de que a emoção é um resultado direto do que anteriormente era considerado por suas manifestações corporais. A verificação real desta tese não estava disponível para os autores desta teoria. Eles só podiam realizar mentalmente os experimentos necessários e antecipar teoricamente os resultados das investigações clínicas de casos utéis para confirmar ou negar sua teoria. Já citamos a conhecida tese de Lange: "Destruir em uma pessoa assustada todos os sintomas físicos do terror... o que então restará de seu terror?" (1896, p. 57). Também é ele quem possui a fórmula de que o sentimento não pode existir sem manifestações físicas (VIGOTSKY, 2004, p, 29-30).

Para dialogar com essa teoria, Vigotsky e outros autores apresentam questões que discutem a relação entre as emoções e os aspectos orgânicos. Tomando como exemplo o medo e a raiva, que são emoções completamente distintas, identifica-se que a alteração fisiológica é semelhante e não há como distinguir uma ou outra emoção apenas pelas manifestações corporais. Por exemplo: o choro de alegria é distinto do choro de tristeza, em contrapartida, o mecanismo fisiológico do ato de chorar é o mesmo. Nesses termos, há a tentativa de resposta de duas questões fundamentais: 1) É possível a aparição de uma emoção sem as manifestações corporais? 2) É possível provocar uma emoção apenas a partir de manifestações corporais de maneira artificial? (VIGOTSKY, 2004).

[88] A questão sobre as manifestações corporais era um estudo que vinha se desenvolvendo nas teorias contemporâneas à Vigotski e às clássicas. Em seu importante ensaio de 1890, James (2008, p. 670) apresenta que: “A minha teoria [...] é a de que as mudanças corporais se seguem diretamente à percepção do fato existente, e que a sensação causada por essas mudanças quando ocorrem é a emoção. Segundo o senso comum, perdemos a nossa fortuna, lamentamos e choramos; deparamo-nos com um urso, temos medo e fugimos; somos insultados por um rival, temos raiva e revidamos com violência. A hipótese a ser aqui defendida diz que essa ordem de sequência é incorreta, que um estado mental não é imediatamente induzido pelo outro, que, antes, as manifestações corporais devem a eles se interporem, e que a afirmação mais racional seria a de que nós lamentamos porque choramos, temos raiva porque revidamos, medo porque trememos, e não a de que choramos, revidamos ou trememos porque lamentamos, temos raiva, ou medo, segundo cada caso. Sem que os estados corporais se seguissem à percepção, o último estágio seria puramente cognitivo em sua forma, insípido, descolorido, destituído de calor emocional. Poderíamos então depararmo-nos com um urso, e julgarmos ser melhor fugir, ouvir um insulto e considerarmos como certo revidar, mas não verdadeiramente sentiríamos medo ou raiva”. Atualmente, no Brasil, o estudo do corpo e de manifestações corporais pode ser acessado através da produção que coletivos da Educação Física vêm elaborando ao longo dos anos.

De acordo com Vigotsky (2004), em relação à primeira questão colocada, em diálogo com outros pesquisadores, verifica-se que mesmo na ausência de manifestações corporais o cérebro continua produzindo reações emocionais. Em relação à segunda questão, apresenta-se que:

> [...] a injeção de adrenalina em doses suficientes para que apareçam todos os fenômenos orgânicos característicos das emoções fortes não provocam nos sujeitos a experiência emocional no sentido próprio do termo, apesar de que existem todas as manifestações corporais (VIGOTSKY, 2004, p. 38).

Dessa forma,

> A injeção de adrenalina provoca no ser humano as manifestações corporais típicas que acompanham as emoções fortes, mas essas manifestações se experimentam como sensações e não como emoções. Em certos casos, as sensações recordam uma experiência emocional anterior, mas não ressuscitam, nem atualizam algo de novo (VIGOTSKY, 2004, p. 40).

Diante das críticas, a teoria organicista busca vincular-se a uma definição geral e apresentar elementos que respondam aos dados verificados experimentalmente que foram pincelados através das citações anteriores. James sintetiza que "[...] a emoção é simplesmente a sensação de um estado corporal e está causada por um processo puramente fisiológico" (VIGOTSKY, 2004, p. 43). Em relação às causas e fonte das emoções, inicialmente, a teoria James-Lange localizava a existência das emoções nas modificações viscerais. Todavia, conforme investigações supõem-se que a causa de um estado emocional estaria vinculada às sensações de tensão e de movimento dos músculos oriundo de uma resposta fisiológica do organismo diante de uma percepção primitiva de perigo. Até então na lógica argumentativa da teoria discutida, o termo consciência parece estar vinculado ao processo de *tomar conhecimento* das ocorrências e modificações de ordem biológica.

Vygotski (2017), ao discutir sobre a *critividade do ator*[89], identifica a ausência de elementos psicológicos que tratem sobre a possibilidade de fingir emoções. Isto porque, de acordo com seu entendimento, a constituição do trabalho do ator tem permanecido em duas perspectivas. Uma perspectiva baseada no empirismo que partem das observações dos ensaios e de espetáculos e, a partir delas, fazem generalizações, e a perspectiva psicotécnica, que compreendem a atuação enquanto uma combinação especial de

[89] Ao tratar sobre o ator, Vygotski (2017) está se referindo ao ator de peças teatrais.

qualidades. Vygotski (2007) debruça-se no entendimento que o ofício do ator deva ser compreendido de forma concreta e não abstrata, e, dessa perspectiva "[...] o problema da psicologia do ator é uma questão totalmente nova e quase não investigada" (VYGOTSKI, 2017, p. 332). Questiona-se, por exemplo: como o ator representa intensas paixões, sentimentos e emoções, sem que isto lhe seja original, ou seja, uma encenação, e consegue a comoção de seu auditório? As discussões ao tempo histórico a que Vigotsky (2004) se debruça em *Teoria das Emoções* parece não conseguir explicar a complexidade desse processo.

Verifica-se que em *Teoria das Emoções* há um embasamento biológico para a interpretação das emoções como uma tentativa recorrente da teoria recorrente, a teoria James-Lange. Vigotsky (2004) busca demonstrar a insuficiência do entendimento de uma natureza do homem vinculado somente à biologia e aos processos biológicos. Esse elemento parece concordar com a teoria marxiana, como se pode ver a frente.

À luz da teoria de Marx e Engels (2007), o homem não é resultado de transformações naturais. Para sustentar essa tese, Marx e Engels reconstituem o processo histórico da formação e transformação do homem em homem e, mais especificamente, do homem em proletário. Este homem que é submetido a determinadas condições de vida e trabalho, perdeu a condição de existência que pudesse dar a ele qualquer tipo de controle, isto é, "[...] os proletários isolados não possuem nenhum controle" (MARX e ENGELS, 2007, p. 65). Seria possível, pois, as emoções serem consequências unicamente das determinações biológicas? E, nesse caso, o papel da consciência seria o de uma autoregulação interna?

A teoria marxiana nos apresenta que, apesar de imbricada com a natureza, a singularidade do homem reside não no processo de *tomar* aquilo que lhes fora apresentado, mas o de *produzir* meios de vida. A consciência, nessa perspectiva, não é apenas uma estrutura passiva, mas enquanto uma possibilidade de produção de sentido. Segundo Marx e Engels (2007, p. 93): "A produção de ideias, de representações, da consciência, está, em princípio, imediatamente entrelaçada com a atividade material e do intercâmbio material dos homens, com a linguagem da vida real".

Nesses termos, a consciência, nessa perspectiva, não é somente tomar conhecimento, mas produzida a partir das relações da atividade produtiva social e historicamente determinadas, sob a base social e de Estado, que não só apresentam as possibilidades, os pressupostos e as condições, mas, os limites dessa atividade (MARX e ENGELS, 2007).

No prosseguimento da argumentação de Vigotsky (2004), ele busca discutir elementos sobre a *teoria talâmica* de Cannon, que almejava a superação da teoria anterior – de James-Lange –, avançou muito e, ao mesmo tempo, muito pouco. Muito no sentido de refutarem teses existentes sobre as emoções e buscaram lançar luz ao significado biológico do estado emocional. Por outro lado, avançou muito pouco devido à reprodução da referência filosófica da teoria tradicional das emoções sistematizadas anteriormente à teoria James-Lange, que reproduziu erros semelhantes e distanciou-se da tarefa de, de fato, construir uma psicologia dos afetos dos seres humanos.

Nesse processo argumentativo, o autor passa a uma segunda tarefa de sua obra, colocando em ênfase o pensamento filosófico que referencia as teorias das emoções, pontuando que a filosofia fornece elementos fulcrais para servir ao desenvolvimento de teorias, mesmo às vinculadas à biologia, por exemplo. Assim, os próximos passos se resumem a "[...] descobrir por detrás da luta das teorias psicológicas concretas a das ideias filosóficas, de interpretação filosófica do problema psicológico dos afetos e, portanto, de abrir uma via para investigações futuras" (VIGOTSKY, 2004, p. 58).

Nesse panorama, Vigotsky (2004) defende que esta teoria de Spinoza pode representar para psicologia contemporânea, para além de um interesse histórico, a produção de um "[...] giro decisivo de toda a história da psicologia e seu desenvolvimento futuro" (p. 59). O autor bielorrusso identifica que há problemáticas[90] em relação à teoria de Spinoza, mas que a teoria pode ser um caminho interpretativo que pode resolver os problemas metodológicos identificados na Psicologia. Nessa perspectiva, Vigotsky (2004) lança mão da conclusão do capítulo que nos parece uma questão central que perpassa a obra de Vigotski, à medida que esse aponta a necessidade de que haja a "[...] formação de uma ideia de homem que nos sirva como modelo da natureza humana" (VIGOTSKY, 2004, p. 59).

Há um debate existente em relação a uma suposta influência de Spinoza sobre Marx. Bianchi (2014) identifica passagens em que Marx faz menção direta e indireta a Spinoza, todavia, isso demonstraria apenas a condição de Marx ter lido Spinoza. Uma das considerações preliminares é que algumas ideias defendidas por Marx possam ter como inspiração Spinoza. No âmbito dessa discussão, Feitosa (2021) aponta também as leituras que Marx fez de Spinoza. Vigotski parece ter se apropriado de ideias de Spinoza que influenciaram o seu entendimento em relação à Ética e às emoções.

[90] A nosso ver, Vigotski refere-se à aproximação, em determinado momento, de Spinoza às ideias de Descartes. Na sequência da discussão da obra, esse elemento torna-se fruto de investigação.

Em *Psicologia da Arte* Vigotsky (2005, p. 29) apresenta que:

> Este sistema sociológico – a filosofia do materialismo histórico – é, desde já, o que menos tende a explicar os fenômenos psíquicos como causas finais. Mas, em igual medida, esse sistema não tende a negar ou ignorar esse psiquismo e a importância de estudá-lo como mecanismo mediador através do qual as relações econômicas e o sistema político-social criam essa ou aquela ideologia.

Dessa forma, como podemos identificar, há uma preocupação latente em Vigotski de desenvolver uma teoria psicológica vinculada a uma concepção de homem, de tal forma que fosse possível compreender a essência do indivíduo, sua natureza.

Essa reflexão também aparece na obra de Marx e Engels (2007) à medida que analisam as ideias de Feuerbach. Na célebre passagem[91] sobre a consciência já reproduzida no capítulo dois da presente tese, de que a consciência é determinada pela vida, Marx e Engels (2007) apresentam a necessidade de subverter a filosofia alemã de sua época. Isto é, o que antes descia do céu para a terra, nesse momento, eleva-se da terra para o céu. Nas palavras dos autores:

> Quer dizer, não se parte daquilo que os homens dizem, imaginam ou representam, tampouco dos homens pensados, imaginados e representados para, a partir daí, chegar aos homens de carne e osso; parte-se dos homens realmente ativos e, a partir de seu processo de vida real, expõe-se também o desenvolvimento dos reflexos ideológicos e dos ecos desse processo de vida (MARX e ENGELS, 2007, p. 94).

Essa passagem pode nos evidenciar uma preocupação também na teoria marxiana em compreender a natureza do indivíduo, buscando um movimento teórico e de método que permita a apropriação deste conceito em suas múltiplas determinações. Há, portanto, uma vinculação de Marx e Engels e de Vigotski na preocupação em captar o fenômeno para além da aparência. Como expressa Netto (2011, p. 22):

> O objetivo do pesquisador, indo além da aparência fenomênica, imediata e empírica – por onde necessariamente se inicia o conhecimento, sendo essa aparência um nível da realidade e, portanto, algo importante e não descartável –, é apreender a essência (ou seja: a estrutura e a dinâmica) do objeto. Numa palavra: o método de pesquisa que propicia o conhecimento teórico, partindo da aparência, visa alcançar a essência do objeto.

[91] Referimos-nos à passagem que diz "Não é a consciência que determina a vida, mas a vida que determina a consciência" (MARX e ENGELS, 2007, p. 94).

Imbuído pela busca pela natureza humana, Vigotsky (2004) percorre duas proposições teóricas sobre as emoções (teoria de James-Lange e talâmica, de Cannon) para identificar o que há de verdadeiro e falso em ambas as teorias:

1) Por mais que haja distinção entre questões como a conceituação do que seria sentimento, as duas teorias veem um estreito parentesco entre sensações e emoções. Há a defesa desse posicionamento pelo viés fenomenológico e de base fisiológica. Na teoria talâmica, por exemplo, "[...] as emoções se originam como consequência da atividade do tálamo óptico" (VIGOTSKY, 2004, p. 63).

2) Mesmo nas diferenças entre a explicação das teorias, ambas apresentam fundamentos de maneira esquemática e simplificado aos mecanismos nervosos que fundamentam as emoções;

3) A teoria talâmica não seria uma saída para as problemáticas identificadas na teoria de James-Lange;

4) Nas palavras do autor:

> Tanto em uma como na outra estão implicados processos emocionais de qualidade de substrato fisiológico da consciência emocional, mas sua causa específica, sua fonte específica, capaz de explicar-nos em que se distinguem esses processos corticais de outros processos corticais, é um substrato intelectual e ambas as teorias as localizam distintamente (VIGOTSKY, 2004, p. 71-72).

5) Por último, o que sinalizamos como uma discussão importante, se deve a discussão em relação às possíveis diferenciações de emoções. As duas teorias, de acordo com Vigotsky (2004), investigam emoções *grosseiras*, instintivas, comuns entre os homens e os animais localizados em um primeiro estágio de desenvolvimento.

Podemos identificar que Vigotsky (2004) faz uma crítica às perspectivas dualistas na investigação sobre as emoções. Nessa proposição teórica há uma separação entre *mente* e *corpo*. A busca por Spinoza pode ser justamente no entendimento do *monismo*[92] enquanto referência teórica para resolução da fragmentação identificada. De acordo com o autor, "Nesse sentido Spinoza se opõe a toda a psicologia descritiva contemporânea como um adversário intransigente. Foi quem combateu o dualismo cartesiano, o espiritualismo e o teleologismo que se fazia renascer nesta teoria" (VIGOTSKY, 2004, p. 232).

[92] Spinoza defendia a concepção de que a existência das coisas era composta de uma única substância na natureza. Logo, a substância seria *causa sui* (FRAGOSO, 2004).

Enquanto a dúvida e o cogito (LIMA, 2007) correspondiam aos princípios de Descartes pela famosa expressão *Cogito, ergo sum* [Penso, logo existo], Descartes (2005) via a necessidade de separar mente e corpo, suspendendo qualquer que fosse o objeto de investigação, para desenvolver um pensamento científico.

> Há já algum tempo me apercebi de que, desde meus primeiros anos, recebera grande quantidade de falsas opiniões como verdadeiras e que o que depois fundei sobre princípios tão mal assegurados só podia ser muito duvidoso e incerto; de forma que me era preciso empreender seriamente, uma vez em minha vida, desfazer-me de todas as opiniões que até então aceitara em minha crença e começar tudo de novo desde os fundamentos, se quisesse estabelecer algo firme e constante nas ciências (DESCARTES, 2005, p. 29).

A valorização da mente, da razão, em detrimento do corpo, aparece mais especificamente na seguinte passagem, em que o autor sinaliza a necessidade de duvidar do conhecimento advindo de seus sentidos, já que eles poderiam enganá-lo, conforme vemos em: "Tudo o que recebi até o presente como mais verdadeiro e seguro, aprendi-o dos sentidos ou pelos sentidos; Ora, algumas vezes experimentei que tais sentidos eram enganadores, e é de prudência jamais confiar inteiramente naqueles que uma vez nos enganaram" (DESCARTES, 2005, p. 31). Na argumentação de Descartes, o que caracteriza o homem não é a sua existência material, isto é, seu corpo, mas o fato de pensar. É o pensamento, para ele, que garante a existência.

> Um outro [atributo] é pensar; e noto aqui que o pensamento é um atributo que me pertence. Só ele não pode ser desprendido de mim. Eu sou, eu existo: isto é certo: mas por quanto tempo? A saber, durante o tempo em que penso; pois talvez pudesse ocorrer, se eu cessasse de pensar, que cessasse ao mesmo tempo de ser ou de existir (DESCARTES, 2005, p. 46).

Contudo, o modelo racionalista sofre diferentes críticas na Filosofia e Vigotski apresenta determinados caminhos analíticos, como podemos ver a seguir: "Para Descartes a razão é limitada, posto que muitas coisas são inacessíveis a sua compreensão e que concebe muitas outras de maneira vaga e confusa" (VIGOTSKY, 2004, p. 153).

Empreendendo esforços na compreensão filosófica, Vigotsky (2004) retorna à menção inicial de Lange em que afirma que a teoria organicista estaria sob as bases da teoria espinosiana. Todavia, o autor aponta que "Ao estudar com precisão a gênese ideológica e a natureza filosófica da teoria James-Lange, se vê que não está vinculado em absoluto com a teoria das paixões de Spinoza, mas com as ideias de Descartes e de

Malebranche[93]" (VIGOTSKY, 2004, p. 83). Nesse processo, Vigotsky (2004) caminha diante de uma segunda problemática, isto é, há autores que vinculam Spinoza à teoria cartesiana, sinalizando uma ideia de que "Spinoza não só foi um cartesiano, mas que [...] nunca deixou de sê-lo" (VIGOTSKY, 2004, p. 85). A partir dessa afirmação, Vigotsky (2004) busca interpretar duas obras de Spinoza, *Tratado Breve* e *Ética*, para identificar se, de fato, se há procedência nessa compreensão.

No processo de argumentação, Vigotsky (2004) sinaliza um desacordo a esta compreensão de Spinoza enquanto um cartesiano, expressando que Spinoza, mesmo em Tratado Breve, já diverge consideravelmente de Descartes, apresentando uma concepção materialista do mundo:

> Se, em Descartes, o problema das paixões é, antes de tudo um problema fisiológico, assim como a interação entre alma e corpo, em Spinoza, por outro lado, esse mesmo problema é, desde o princípio, a relação existente entre o pensamento e o afeto, o conceito e a paixão. Em um sentido absoluto do termo, é a outra face da lua que não é visível na teoria de Descartes (VIGOTSKY, 2004, p. 89).

Santiago (2020), Ferreira (2010) e Chaui (2016) contribuem para a discussão de conceitos desenvolvidos na obra de Spinoza. Sem a pretensão de apresentar as contribuições do filósofo, buscamos meramente localizar a teoria.

> Espinosa tem desafiado filósofos e historiadores da filosofia ao longo dos últimos 300 anos. Duas têm sido as interpretações que formaram a tradição exegética do espinosismo: aquela, inaugurada no século 17 por Pierre Bayle, que identifica panteísmo e ateísmo e considera o espinosismo o fruto maldito do casamento entre o neoplatonismo e o cartesianismo; e aquela, iniciada com os românticos alemãs, que identifica panteísmo e misticismo, fazendo de Espinosa o "homem ébrio de Deus" (CHAUI, Folha de São Paulo, 9 de janeiro de 1994).

Nessa mesma oportunidade, Chaui (1994) aponta que Spinoza seria leitor de Descartes e a de Hobbes, todavia, há uma tendência intrínseca do autor no processo de ruptura, levando sua obra "[...] para além do cartesianismo e do hobbesianismo" (CHAUI, Folha de São Paulo, 9 de janeiro de 1994).

[93] Nicolas Malebranche (1638-1715) é um filósofo francês influenciado pelas ideias de Descartes. Seu ideário consiste na sustentação da distinção entre corpo e mente, razão e sensação, divino e natureza, Deus e o homem. Buscando desenvolver temáticas que Descartes não se aprofunda, Malenbranche se debruça em uma possibilidade mecânica de compreensão da Psicologia (LENNON, 1997). Apesar de citado por Vigotsky (2004) na passagem, não há um aprofundamento seguinte do autor em relação à Malebranche.

> A mudança na filosofia de Espinosa ocorre quando o filósofo redige o "Tratado Teológico-Político", descobrindo que a história e o social fundam e constituem a ontologia e não o contrário. Assim, a obra política é o núcleo da filosofia espinosana. A revolução filosófica espinosana é a inauguração do materialismo moderno: o histórico-social, isto é, a práxis, funda a ontologia; a ação humana funda o ser e o absoluto. Revolução filosófica porque Espinosa altera radicalmente a perspectiva teológico-metafísica da tradição e do século 17, baseada na essência infinita e perfeita de Deus e na criação do mundo ou das essências finitas pelo intelecto e vontade da divindade (CHAUI, Folha de São Paulo, 9 de janeiro de 1994).

Em semelhante perspectiva, Vigotsky (2004) conclui, portanto, que a teoria de Spinoza teve como ponto de partida a elaboração de Descartes, isto é, Descartes serviu como possibilidade de diálogo e argumentação à Spinoza. Todavia, há um aspecto anticartesiano que se manifesta na doutrina spinoziana, ficando mais evidente na obra a *Ética*. Em ênfase, um aspecto fundamental para o desenvolvimento da presente tese é na identificação de que a discussão de fundo se reflete na compreensão sobre a consciência. Isto é, busca-se o entendimento da natureza da consciência humana na luta entre a ideia cartesiana e na ideia spinoziana (VIGOTSKY, 2004).

De forma geral, a questão posta pelo autor estrutura-se através da crítica ao dualismo de Descartes, na separação entre alma e corpo e, portanto, da ruptura da consciência e da formação subjetiva. O processo que garantiria essa união pode ser visto na citação abaixo.

> Para Descartes o corpo humano é uma complicada máquina cujas diferentes partes se encontram em complexa interação umas com outras, pelo que constituem um todo único, em certa maneira, indivisível. Por isso, para Descartes, o organismo não é mais do que uma máquina articulada, um tipo particular de complicado mecanismo. Nesta complexa máquina, há um elemento que tem uma importância absolutamente excepcional. Este é a sede da alma, quer dizer, o órgão que comunica todo o organismo. Descartes tem por órgão da alma a glândula pineal. Situada no meio do órgão central dos nervos, constitui o lugar em que se dá uma verdadeira interação entre alma e corpo (VIGOTSKY, 2004, p. 114).

No processo de explicitação da teoria de Descartes sobre as emoções, são encontradas inconsistências por Vigotsky (2004). Pela perspectiva dualista, as emoções passam a ser algo que pretensamente estaria em desacordo com a teoria, já que apresentaria elementos vinculados ao corpo e à alma. Porém, Descartes elabora uma possibilidade de explicar uma teoria das emoções que Vigotsky (2004) denomina de *teoria mecanicista*. Isto porque "Descartes explica a origem da paixão de maneira puramente mecânica" (VIGOTSKY, 2004, p. 154). Assim, Descartes descreve uma natureza distinta do espírito que dividiria a alma em duas: uma superior e outra inferior.

Esta distinção estaria vinculada ao corpo, mediante a ação de espíritos animais e também da alma, por meio da vontade. Nesse sentido, as paixões:

> [...] atacam a vontade e provocam sua reação. A ação resulta de causas corporais. Dá-se com a força naturalmente necessária e se cumpre segundo as leis mecânicas. A força das paixões reside em sua intensidade; a reação é livre, atua como uma força espiritual impassível por natureza (VIGOTSKY, 2004, p. 154).

De acordo com a teoria de Descartes, existem seis paixões primitivas que originam todas as outras. Essas são: "[...] o espanto, o amor, o ódio, o desejo, a alegria e a tristeza" (VIGOTSKY, 2004, p. 158)[94]. Estas seriam as paixões principais que acarretam alterações na alma e no corpo. Desse modo, isso significava que "A paixão é a representante do corpo na alma, da mesma forma que a glândula cerebral é a representante da alma no corpo" (VIGOTSKY, 2004, p. 155). Nesses termos, verifica-se uma interatividade entre corpo e alma, de tal forma que a teoria mecanicista passará a compreender um poder absoluto da vontade sobre as paixões. Isto é, um predomínio da alma sobre as paixões que se constitui quase como algo sobrenatural no indivíduo. Esse será o ponto que Spinoza, de acordo com Vigotsky (2004), centrará sua maior crítica.

> Que Descartes recorre conscientemente ao milagre quando explica o poder absoluto da vontade sobre as paixões, que evita conscientemente toda elucidação natural e racional da questão e que, desta maneira, subordina conscientemente ao princípio naturalista ao princípio teológico, destaca claramente da distinção que estabelece, respeito ao poder da vontade sobre as paixões, entre uma possível explicação natural e a explicação natura que admite. Distante e confusa, a possibilidade dessa explicação natural se traduz em diferentes partes da teoria cartesiana (VIGOTSKY, 2004, p. 157).

De antemão, não se tem uma paixão negativa ou positiva por si. Esse elemento depende das implicações que determinada paixão gera para o indivíduo.

No decorrer do desenvolvimento da obra, há momentos em que Vigotski, ao discutir a teoria posta, apresenta alguns elementos que podem nos elucidar possíveis compreensões sobre a proposta histórico-cultural de compreensão das emoções. Em um primeiro ponto destacamos a crítica de Vigotsky (2004) em relação à compreensão do homem enquanto *mais um* animal, mesmo um *animal superior*. Em um segundo ponto,

[94] Dentre essas emoções, o espanto ocuparia um lugar diferente na teoria mecanicista, tal como havia para Aristóteles, que apresentava que a filosofia iniciara através do espanto, da vontade de conhecer (VIGOTSKY, 2004). Além disso, antes de Aristóteles, Platão já tinha o espanto como categoria central.

identifica-se a crítica em relação à desvinculação do sentido das emoções e de sua raiz social. Analisemos mais detidamente o segundo ponto:

> [...] como uma nova psicologia, que, [...] em um primeiro caso, para poder preservar a vida do sentimento, devemos rechaçar seu sentido. Em um segundo caso, para podermos preservar a vivência e seu sentido, devemos rechaçar a vida. Em ambos os casos devemos renunciar a toda esperança de chegar a compreender algum dia cientificamente ao homem e ao verdadeiro significado de sua vida interna (VIGOTSKY, 2004, p. 222).

Vigotsky (2004) critica as limitações às explicações científicas de sua época. Preocupado com a atividade consciente do homem, Vigotski apresenta a preocupação de que o entendimento do homem pelo viés científico não seja alcançado pela Psicologia. Nas palavras do autor: "[...] se trata de saber se é possível ou não conhecer cientificamente o que são as formas superiores da atividade consciente, se a psicologia do homem é possível ou não como ciência, e não como metafísica aplicada" (VIGOTSKY, 2004, p. 160). Como Chaui (1994) apresenta, Spinoza busca fundamentar-se em uma perspectiva histórico-social do entendimento da constituição das coisas e do próprio homem. Os afetos, portanto, também prescindiriam dessa explicação. Talvez seja, portanto, o motivo que Vigotski vincula-se à teoria spinoziana.

Vigotsky (2004) identifica um descompasso na teoria cartesiana, à medida que a explicação dada às paixões e às emoções parecem não dirimir a complexidade do ser humano. Desse modo,

> Fiel a seu princípio de que a experiência emocional carece de sentido, Descartes não encontra nenhum nexo inteligível, explicável, simplesmente possível e psicologicamente experimentado entre a emoção como tal e os estados sensoriais ou intelectuais (VIGOTSKY, 2004, p. 167-168).

Dessa forma, as emoções não são explicadas e/ou significadas pela consciência, existindo um distanciamento, assim, "[...] a paixão não é mais do que a sensação vaga, indiferenciada e global de um estado geral do organismo. Então parece claro que não existem mais paixões ou emoções, mas somente sensações" (VIGOTSKY, 2004, p. 169).

Apesar dos limites, a metafísica fundamenta diversas teorias na Psicologia – como demonstrado por Vigotski em *Teoria das Emoções* – mesmo que, no interior, apresentasse algumas contradições, Vigotsky (2004) discute que é uma perspectiva incorporada não só por James, mas também por Wundt, mesmo que houvesse um desacordo em ambas as teorias. Vejamos nas palavras do autor:

> James combateu a Wundt e a teoria das sensações centrais que lhe pareceu quimérica. Wundt rechaçava a teoria periférica das emoções de James. Em ambos os casos, uma parte da teoria de Descartes se rebelava contra a outra; o sistema cartesiano explodiu sob o efeito das contradições existentes, mas nem em um e nem em outro caso a psicologia fisiológica saiu do círculo vicioso de um sistema que parecia ser o limite fatal imposto ao desenvolvimento do pensamento psicológico. Esse limite nunca foi transpassado (VIGOTSKY, 2004, p. 177).

Visando caminhar no processo analítico, Vigotsky (2004) desenvolve e apresenta algumas das contradições internas da teoria de James (p. 180).

> O primeiro consiste na hipótese fundamental de James que somente admite a existência de emoções carentes de toda a base corporal no mundo intelectual e sim paixões dos espíritos puros, excluindo esta existência da vida do homem. Mas, em sua segunda teoria James considera as emoções superiores da alma como um produto da atividade do pensamento puro, que não tropeça com nenhum obstáculo, como um fenômeno independente do corpo, adota, portanto, as posições de um espiritualista puro, admitindo a presença, na consciência do homem, de emoções pertencentes exclusivamente a uma vida completamente espiritual (VIGOTSKY, 2004, p. 196).

A teoria James-Lange que inicialmente é compreendida com seu viés biologicista, em análise minuciosa de Vigotsky (2004) não se sustenta através de suas teses, sendo que, na verdade, essa teoria é antibiológica, das quais:

1) Há a ausência completa da ideia de desenvolvimento e impossibilidade de aplicação à esfera que pretendem-se referenciar;

2) Representação epifenomenológica da significação das emoções, negando a relação existente entre *corpo-mente*, o que implica um desenvolvimento no âmbito das emoções e toda a defesa do vínculo racional insustentável. Distanciando-se, portanto, em conjunto da relação entre emoções e consciência, entre paixões e vida real do homem. Assim, conclui-se:

> Isto é o que representa a teoria de James: não uma evolução, mas uma involução; não um desenvolvimento, mas uma redução; não um aumento da complexidade e uma transformação em formas superiores, mas uma atrofia e uma transformação em restos rudimentares; não funções progênicas, potenciais, mas funções em degeneração, arcaicas, vestígios de um passado distante (VIGOTSKY, 2004, p. 208).

Embora não seja possível encontrar em Vigotsky (2004) propriamente a elaboração de uma teoria das emoções e que, na mesma medida, não nos parece ser o papel predominante a exposição das ideias do autor, as discussões levantadas por Vigotski

chamam atenção sobre um problema metodológico da Psicologia. Isto é, no diálogo com os autores à sua época que produziam pesquisas e estudos sobre as emoções, tinha-se uma falsa ideia de que esses se fundamentavam na perspectiva de Spinoza. Todavia, em análise pormenorizada, Vigotski verifica que a fundamentação, muito embora com contradições, encontrava-se ancorada em Descartes. Podemos presumir diante das críticas de Vigotski que há uma predominância no entendimento das emoções – e, portanto, do homem – baseado em uma compreensão estritamente biológica, desconsiderando outras dimensões, como podemos verificar na citação a seguir em que Vigotski apreende uma interpretação da teoria cartesiana.

> A organização do corpo humano deve ser aprendida a partir de sua aparição, a partir da história do desenvolvimento do embrião, e esta, por sua vez, a partir da história da formação dos organismos animais. [...] Disseca animais e, desta maneira, se esforça em encontrar a solução de um problema fisiológico por via experimental (VIGOTSKY, 2004, p. 203).

Na citação anterior, podemos identificar uma interpretação do homem através de sua linearidade biológica. Isto é, o homem é referência para o estudo enquanto os animais em geral. Vigotsky (2004) reivindica, assim, "A questão da originalidade das emoções do homem em relação com as dos animais é a questão central de nosso estudo e está diretamente unida ao problema de desenvolvimento das emoções" (p. 211).

Na esteira desse entendimento, a consciência é um problema que Vigotsky (2004) se depara nas discussões teóricas sobre as emoções. Na teoria que analisa, a consciência também recebe uma conceituação vaga, compreendida enquanto uma estrutura que incorpora reflexos internos e externos de forma *passiva*,

> Considerando unicamente o estudo da origem fetal das paixões fundamentais de nossa alma, podemos avaliar com certeza toda a concepção de Descartes e compreender sua verdadeira relação com as atuais teorias viscerais das emoções. As paixões fundamentais da alma já estão presentes na vida fetal do homem, quer dizer, que existem antes do nascimento. Todas as paixões complexas e derivadas posteriormente não são mais do que variações e modificações dos estados do feto. Em sua carta sobre amor, Descartes diz decisivamente que as formas fundamentais dos desejos sensíveis, as paixões elementares e principais cujas mesclas e modificações dão lugar a todas as demais, se manifestam já em momento da nutrição na vida fetal, se enraízam nas necessidades nutritivas do organismo. Há aqui porque as ditas paixões não são mais do que simples reflexo na consciência de estados orgânicos complexos (VIGOTSKY, 2004, p. 205).

A definição em relação às emoções aparece em outro texto do autor, sobre a Criatividade do ator, em que este apresenta que:

> A psicologia ensina que as emoções não constituem uma exceção das restantes manifestações de nossa vida espiritual. Igualmente ao restante das funções psíquicas, as emoções não permanecem dentre a conexão em que foram dadas inicialmente devido à organização biológica do psiquismo. Durante o processo da vida social dos sentimentos, estas conexões anteriores se desenvolvem e se decompõem; as emoções estabelecem novas relações com outros elementos da vida espiritural, surgem novos sistemas, novas fusões de funções psíquicas, surgem uniões de ordem superior, dentro das quais predominam regularidades especiais, interdependentes, novas formas de conexão e movimentos (VYGOTSKI, 2017, p. 340).

Como podemos identificar pela citação anterior Vigotski estabelece um possível entendimento de uma perspectiva histórico-cultural das emoções. Estabelece que as relações que acontecem no psiquismo são interdependentes, isto é, as emoções fazem parte de um sistema interfuncional. Em Psicologia da Arte, esse elemento aparece de forma ainda incipiente, quando Vigotski relaciona o pensamento à arte e às emoções (VIGOTSKY, 2005).

Do ponto de vista da fundamentação explícita à teoria marxiana em *Teoria das Emoções,* Vigotsky (2004) não faz nenhuma citação direta ou indireta a algum texto de Marx e, explicitamente, faz duas menções ao texto de Engels, que, a nosso ver, não ocupam um papel central na discussão, apenas reforçam a compreensão de que a referência filosófica é imanente de qualquer discussão, mesmo àquelas negadas pelos naturalistas. Observamos a menção:

> É verdade que aqui também sucede aquilo de que falava F. Engels: querem ou não os naturalistas, são os filósofos quem os dirigem. Uma das tarefas fundamentais de nosso estudo é precisamente descobrir este pensamento filosófico que domina aos antigos e atuais naturalistas em suas teorias da vida afetiva (VIGOTSKY, 2004, p. 57).

É importante sinalizar que a mesma citação aparece em duas páginas distintas: 57 e 98. Esse elemento pode ser explicado já que o presente texto é fruto de um manuscrito e, portanto, podem ser dois momentos que, no estudo, Vigotski tenha recorrido ao entendimento de Engels. Inclusive, a fundamentação em Engels aparece em *Psicologia da Arte* na busca pelo entendimento da consciência, quando pontua que os aspectos ideológicos forjam uma falsa consciência tomada de forma inconsciente pelo homem. Dessa forma, reafirma-se a importância de compreensão da consciência oriunda das contradições da vida material (VIGOTSKY, 2005).

Em *Teoria das Emoções*, apesar de não termos encontrado outras citações diretas no decorrer do texto, a nosso ver, Vigotski busca dialogar com as referências de sua época através de uma defesa, *a priori*, da natureza das emoções e de homem, já que em *Psicologia da Arte*, texto escrito anteriormente, Vigotsky (2005) manifesta o fraterno e íntimo diálogo com Marx e Engels. O desdobramento dessa síntese pode ser visto na seguinte crítica:

> Em James e em Lange, pelo contrário, a teoria das emoções somente concerne ao homem na medida em que é um animal superior. Em um fundo, sua teoria é uma teoria zoopsicológica das emoções que somente se refere ao homem na medida em que este é um ser biológico (VIGOTSKI, 2004, p. 211).

.

Marx e Engels não negam a materialidade orgânica do homem, pelo contrário, apresentam que o indivíduo é fundamental para a alteração da realidade humana, mas, para transformar precisa, antes de tudo, estar vivo (MARX, 2004). Garantir a sobrevivência do ser humano, portanto, é também garantir o atendimento às necessidades da fantasia e também às do estômago (MARX, 1985).

Por outro lado, o homem não é apenas mais um ser vivo, comum às demais espécies. O indivíduo é *naturalmente* humano. Isto é, o homem faz parte da natureza que encontra, mas também a transforma radicalmente, produzindo novas formas de existência para si e para os demais. Tem, em si, as condições e as possibilidades determinadas, mas que só se desenvolvem, objetiva e subjetivamente, a partir daquilo que é apropriado (MARX, 2004).

Nesse aspecto, parece que Vigotski toma como referência este entendimento. Ou seja, as emoções não podem ser explicadas em sua totalidade através da herança filogenética. Como central à discussão sobre consciência, apresenta-se que, para a teoria James-Lange a consciência limita-se *inevitavelmente* a um epifenômeno, à medida que as emoções são consideradas enquanto um apêndice irrisório e sem utilidade para a atividade automática de nosso corpo. São, portanto, um reflexo passivo das transformações que se produzem internamente. A ponto de Vigotsky (2004, p. 197) questionar "[...] de que maneira estão vinculadas nossa consciência e nossa existência viva e real". Aliás, anos antes de escrever *Teoria das Emoções*, Vigotsky (2005) apresenta em *Psicologia da Arte*, mesmo que de forma germinal, uma crítica às teorias que discutiam as emoções na psicologia moderna. Segundo o autor, as teorias existentes eram problemáticas,

misteriosas e predominava-se uma perspectiva que carecia de investigação sistemática e científica.

Retomando a sua preocupação inicial, Vigotsky (2004) apresenta a necessidade de compreender o papel e o significado vital das paixões para o indivíduo. Nessa perspectiva, vemos mais um elemento da compreensão histórico-cultural das emoções. Diferente da teoria organicista, para o autor bielorrusso as paixões têm uma vinculação à consciência humana. A *alma*, portanto, não está deslocada da vida e não há como entender o homem através da segmentação mente-corpo, afinal defende-se a unidade. A teoria cartesiana compreende que "[...] a vida é totalmente absurda e as paixões carecem por completo de vida" (VIGOTSKY, 2004, p. 199). Desse modo, para a Psicologia Histórico-Cultural, ao negar as paixões, nega-se também a consciência.

Ainda sobre a existência das paixões, esse aspecto fica mais evidente no texto sobre a criatividade do ator (VYGOTSKI, 2017) quando este apresenta que:

> Ao se tratar de paixões e movimentos da alma idealizados, não são sentimentos naturais, reais de tal ou qual ator, são artificiais, resultando da força criadora do homem e devem ser considerados como criações artificiais da mesma forma que uma novela, uma composição musical ou uma estátua (p. 334).

Nesse sentido, o trabalho do ator é uma forma de produção também de uma *obra de arte* que mobiliza sentimentos, emoções e paixões que não são provenientes do indivíduo, ou seja, reais no sentido *estricto* (VIGOTSKY, 2005; VYGOTSKI, 2017). As emoções são, também, possibilidades criativas e, portanto, não podem ser explicadas através da raiz da biologia. De acordo com Vygotski (2007), a psicologia do ator é, inclusive, uma perspectiva histórica e de classe, conforme nos mostra a citação a seguir:

> A psicologia do ator é uma categoria histórica e de classe e não biológica. É precisamente nesta expressão onde se manifesta o pensamento de todas as novas investigações que determina o enfoque da psicologia concreta do ator. Por conseguinte, não são as regularidades biológicas as que determinam em primeiro lugar o caráter das vivências cênicas do ator. Estas vivências constituem parte de uma complexa atividade de criatividade artística, que tem uma determinada função social e de classe, condicionada historicamente por todo o estado de desenvolvimento espiritual da época e da classe. Assim, as leis de entrelaçamento entre as paixões, as leis de explicação e relação dos sentimentos no papel dos atores devem resolver-se, antes de tudo, no plano da psicologia histórica e não naturalista (biológica). Somente depois dessa resolução pode surgir a pergunta de como desde o ponto de vista das regularidades biológicoas do psiquismo é possível tal e qual forma histórica de interpretação do ator (VYGOTSKI, 2017, p. 335).

Podemos identificar que na discussão sobre a *Teoria das Emoções*, Vigotski faz uma crítica ferrenha ao entendimento do homem – e da consciência – determinada através de dicotomias e fragmentações. A busca por Spinoza reside em uma proposição que influenciou Vigotski (MAGIOLINO, 2014) a olhar para a *totalidade* e não para as *partes* no papel que as paixões exercem no sujeito. As emoções são fundamentais para o desenho de Vigotski em relação ao psiquismo, fator que nos leva a considerar de que a consciência possa ser um *problema* enfrentado teoricamente pelo autor na sistematização da compreensão histórico-cultural das emoções.

Nessa perspectiva, identifica-se uma relação entre a concepção de homem em Vigotski e em Marx e Engels. Vigotsky (2004) chama atenção para a compreensão das emoções do homem em vida, que a reinvindicação de Marx (2001, p. 143, grifos do autor) para o "[...] ser *objetivamente real, vivo*". Dessa maneira, o homem é um ser social, histórico que se objetiva em sua vida concreta.

Nessa perspectiva, Vygotski (2017) aponta que não há como compreender as paixões humanas que se manifestam no trabalho do ator através de sentimentos individuais, mas, coletivos, do contexto que denomina de "*psicoloógico-social*" (idem, p. 336). Há, portanto, nessa compreensão, uma definição de consciência, afinal, ao entender que as emoções produzidas no auditório são artificiais e, portanto, não são do ator, fazem um processo que Vygotski (2007, p. 336) chama de "flutuação no ar" que se manifestam em uma consciência social. Por essa relação, não há como pensar as emoções apartadas do entendimento de consciência. Para compreendermos esse elemento é fundamental retomar o entendimento da Psicologia da Arte. Vejamos o exemplo a que se refere Vygotski (2017, p. 336):

> A angústia das "As Três Irmãs" de Chéjov[95], reconstituída em cena pelos artistas do Teatro de Artes, se converte em uma emoção de toda a sala porque constitui em algum grau de estruturação cristalizada do estado de ânimo de amplos círculos sociais, para quem suas expressões cênicas é, como diz-se, o meio de reconhecer-se e interpretar-se artisticamente a si mesmo.

Recorrendo à *Psicologia da Arte* (VIGOTSKY, 2005) e à definição de arte, a arte nos sensibiliza, nos afeta e produz algo no ser social que não existia anteriormente. Produz

[95] Anton Pavlovitch Tchekhov, em espanhol Antón Pávlovich Chéjov e em russo Анто́н Па́влович Че́хов (1860-1904), foi um médico, dramaturgo e escritor russo. Em seu percursso histórico, criou alguns contos que o garantiram como um grande contista (FRÓES, 2010), dentre eles, As Três Irmãs, a que Vigotski se refere. Escrita em 1900 e encenada pela primeira vez em 1901, o enredo apresenta-se através da história de três irmãs (Olga, Irina e Macha) que, com questões específicas, dialogam com a perspectiva de melhoramento da vida, casamento, lugar da mulher, etc (TCHEKOV, 1982).

catarse e dialoga com uma esfera que arte mobiliza no indivíduo, diferente de outros fenômenos sociais cotidianos. Nesse sentido, "Para explicar e compreender uma vivência, há que sair dos seus limites, há que esquecê-la por um minuto e abstrair-se dela" (VYGOTSKI, 2017, p. 338). Desse modo, a arte não é simplesmente uma *sensibilização*, é o contato genuíno do indivíduo com o genêro humano, que nos coloca em direta relação com a geração que nos antecedeu, a atual e a que está por vir. É, nesses termos, uma forma de humanização. No subitem posterior, buscaremos apresentar elementos que Vigotski relaciona entre *arte* e *ética*, mobilizando, por meio da arte, uma forma do indivíduo agir no mundo.

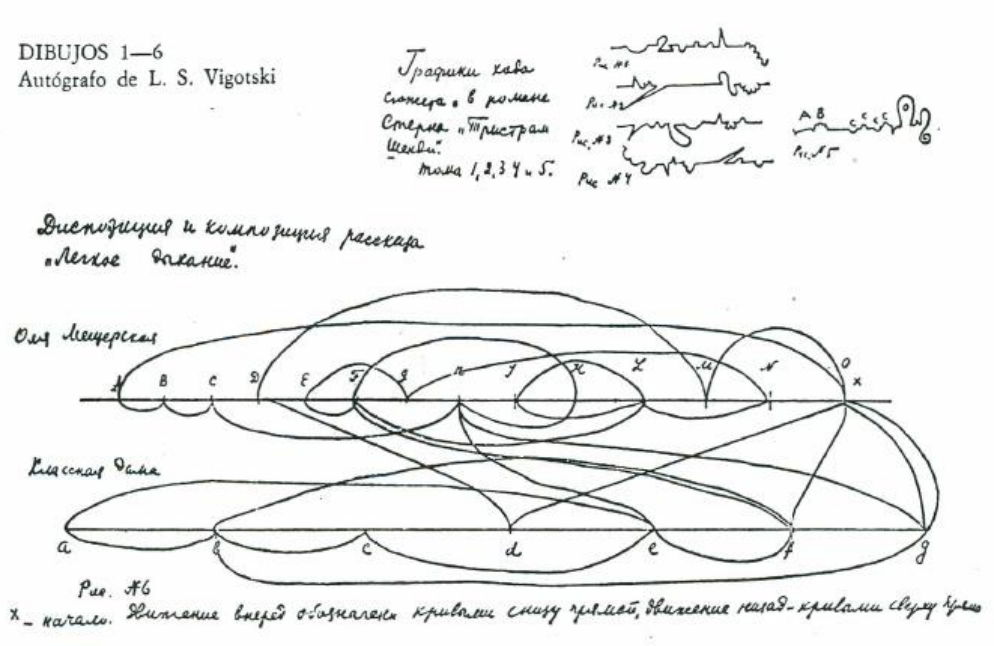
3.5.3 A arte enquanto forma de conduta

Em *Psicologia da Arte,* Vigotsky (2005) elabora dois questionamentos de suma importância à ideia do papel que a arte ocupa na vida dos seres humanos. São elas: (1) Que relações existem entre a reação estética e as demais reações do homem? (2) Como se determina o papel e o valor da arte na conduta do indivíduo?

Essas questões, apesar de apontarem a uma preocupação de Vigotski com a ética, demonstram o movimento que o autor realiza no sentido de dirimir questionamentos em relação a duas posições sobre o papel da arte para o homem apresentadas no subitem anterior. Isto é, em uma primeira perspectiva, apresenta-se que a arte possuiria um valor imenso ao indivíduo e, em outra perspectiva, que a arte seria apenas uma forma de entretenimente e divertimento. Para o autor, nenhuma das proposições explica o papel catártico que a obra de arte excerce na vida. Isto é, a arte é a condição que proporciona transformações nos homens, tal como a analogia cristã simboliza que a ação e finalidade da arte seria a de transformar a água em vinho. Em nossa vida, portanto, a arte não teria o papel de apenas mobilizar sentimentos ou contagiar os espectadores, mas de ser um elemento catártico entre algo que existe e algo que está *por vir* que não estava presente anteriormente. Por essa razão, a arte não é de domínio individual, mas, essa transformação é necessariamente fruto do genêro humano e, portanto, social.

Como forma de exemplificação, vejamos a análise de Vigotsky (2005) em relação à narrativa que ocorre em uma novela:

Figura 6 – Gráfico do desenvolvimento da fábula



Fonte: Retirado de *Psicologia da Arte*, Vigotsky (2005).

Por meio desse esboço, Vigotsky (2005) apresenta a ideia de que a arte, em especial a narrativa da fábula, estrutura-se através de consequentes saltos, isto é, "[...] na narração os acontecimentos não se desenvolvem em uma linha reta, como sucederia na vida, mas em saltos" (VIGOTSKY, 2005, p. 195). A estrutura artística, portanto, não se propõe a se desenvolver em uma linearidade lógica, mas, justamente nas incursões, idas e vindas é que se produz uma série de confrontos e conflitos que se manifestam para o espectador.

A função da arte, de acordo com Vigotsky (2005), vai além de uma relação acessória. Isto é, para o pensador, a arte é a possibilidade de estabelecimento de equilíbrio[96] do indivíduo e do meio em que vive. É uma forma pela qual a arte excerce também um domínio biológico, no qual se estabelece uma relação entre conduta e ambiente. Nas palavras do autor:

> O sistema nervoso recorda, desde modo, um campo de batalha permanente e nossa conduta realizada representa unicamente uma ínfima parte do que existe em forma de possibilidade e que há sido convocado para a vida, mas não conseguiu realizar-se (p. 303).

[96] Vigotsky (2005) menciona uma interpretação semelhante de Freud, em que a arte seria um processo de "conciliação de princípios hostis: o princípio de prazer e o princípio de realidade" (idem, p. 303). Apesar de não haver uma citação à Piaget, o mesmo desenvolve o conceito de equilibração, como uma tendência ao equilíbrio interno, que aparece como referência de seu entendimento sobre desenvolvimento cognitivo (PIAGET, 1976).

Apesar de Vigotsky (2005) apresentar um posicionamento do papel entre *arte-indivíduo-meio*, faz uma crítica a ideia que reduz a arte enquanto meramente uma função biológica. Todavia, não desconsidera o papel biológico que a arte exerce, como, por exemplo, "[...] apesar de ser uma explosão e uma descarga, a arte estrutura e ordena nossos gastos anímicos, nossos sentimentos" (VIGOTSKY, 2005, p. 305).

Embora o estudo das ciências naturais não seja ignorado por Vigotsky (2005), a perspectiva dada à interpretação dos aspectos biológicos visa aproximar-se da concepção dialogada por Engels (1999) em que se busca olhar para o todo, incorporando a dinamicidade própria dos elementos naturais e sociais. Os problemas da ordem natural, com fundamento biológico, para o autor, também apresentam os seus conflitos.

> [...] nem é fácil tampouco determinar rigidamente o momento da morte, uma vez que a fisiologia demonstrou que a morte não é um fenômeno repentino, instantâneo, mas um processo muito longo. Do mesmo modo, todo ser orgânico é, a qualquer instante, ele mesmo e outro; a todo instante, assimila matérias absorvidas do exterior e elimina outras do seu interior; a todo instante, morrem certas células e nascem outras em seu organismo; e no transcurso de um período mais ou menos demorado a matéria de que é formado renova-se totalmente, e novos átomos de matérias vêm ocupar o lugar dos antigos, por onde todo o seu ser orgâncio é, ao mesmo tempo, o que é e outro diferente. Da mesma maneira, observando as coisas detidamente, verificamos que os dois pólos de uma antítese, o positivo e o negativo, são tão inseparáveis quanto antiéticos um do outro e que, apesar de todo o seu antagonismo, se penetram reciprocamente (ENGELS, 1999, p. 84-85).

Como podemos identificar na citação acima, Engels (1999) apresenta que o estudo da natureza biológica também demanda do pesquisador uma abordagem de método dialético, que compreenda e capte o *movimento* do objeto em análise. Vemos essa preocupação de Vigotski ao longo dos escritos de buscar, através da arte, a função que excerce na totalidade. Isto é, seria reducionista pensar que Vigotsky (2005) defenderia uma visão biologizante da arte, tal como que se remete apenas à perspectiva culturalista e social da arte. Parece-nos que há uma tentativa de abarcar a totalidade do indivíduo – seus preceitos sociais, sem ignorar a ordem biológica existente. Isto é, o materialismo não pode ignorar os elementos oriundos das Ciências Naturais.

Dessa forma, enquanto formulação, Vigotski considera que as teorias que defendem que a arte é somente entretenimento não se sustentam nas investigações realizadas pelo autor. Isto porque a arte exerce, no centro, dois papeis fundamentais: uma função biológica e uma função social no indivíduo. Assim, seria "[...] o meio de

estabelecer o equilíbrio entre o homem e o mundo nos elementos mais críticos e responsáveis da vida" (VIGOTSKY, 2005, p. 316).

Em termos gerais, portanto, a arte existiria para o indivíduo enquanto uma condição essencial de existência humana, que, não só equilibra e dá vazão às pulsões, como preconizava Freud, mas, possibilita ainda colocar o homem em contato com seu gênero humano, isto é, com a condição de generalidade social responsável pela produção artística, produzindo saltos, avanços, retrocessos e catarses de diferentes ordens. Por fim, no próximo subitem apresentaremos uma síntese da leitura das obras e os desdobramentos para o entendimento do autor, do estudo da consciência e para a formulação da concepção de homem.

3.5.4 O conceito de vivência (*perejivânie*): apontamentos preliminares

Diante da discussão sobre a arte (VIGOTSKY, 2005), Vigotski nos chama atenção ao processo de sensibilização que se produz quando o indivíduo é, de alguma forma, *tocado*, afetando e mobilizando emoções no indivíduo que não existiam anteriormente. Estamos diante, portanto, da vinculação entre dois conceitos de suma importância: a catarse e a vivência, ambos vinculados à emoção. A vivência vem sendo um conceito explorado por diversos pesquisadores (BITTENCOURT e FUMES, 2021; TOASSA, 2009; ROBERTI, 2019).

Diferente da ideia de experiência, para Vigotsky (2005) a vivência é um aspecto singular do homem, que, em função de sua conduta superior, possibilita apreender elementos de forma mediata que o conduzem a incorporação de elementos objetivos e subjetivos. Dessa forma, diante de uma obra artística, um bebê ou um adulto que não tenha se apropriado dessas condições culturais, pode-se não instituir uma experiência estética, a ponto de o indivíduo não ser sensibilizado ou mobilizado. A arte recruta, portanto, o que há de mais elaborado no homem.

O conceito de vivência é trabalhado pelo autor também quando discute o processo e o curso do desenvolvimento humano e a situação social de desenvolvimento[97]. Em relação à arte e à estética, é importante destacar que a ideia de vivência estaria atrelada a uma possibilidade de o homem ter contato e *emprestar* o psiquismo do artista para se apropriar de forma mais totalizante da obra que estaria diante dele. Por exemplo, ao nos depararmos com uma obra literária, tomamos os personagens como parte de nós –

[97] Trabalhamos o conceito de vivência também no eixo quatro do presente capítulo.

representamos o diálogo em nosso pensamento e fala, racionalizamos diante da situação, rimos ou choramos junto a eles. Essa seria uma vivência possível pela condição de articulação entre artista e espectador. Todavia, ao nos depararmos com uma obra que não compreendemos, não há estabelecimento de vínculo e, portanto, não há vivência. A vivência artística não é o mero contato sensível com a obra – embora a sensibilidade seja um dos elementos constitutivos de apropriação artística.

Desse aspecto podemos desdobrar uma possível relação entre a consciência e a vivência. A formação da consciência é de foro coletivo, isto é, por se constituir por meio da existência, necessariamente está relacionada à inserção do indivíduo nas relações sociais, e, portanto, diante de possibilidades de vivência. Para Vigotski, o homem se constitui através do outro. Esse outro pode estar, inclusive, encarnado em uma produção artística ou em um objeto, por exemplo. Os elementos existentes na cultura não surgiram imediatamente ou de *forma natural*, mas foram processos intencionais de criação humana. Portanto, o homem em contato com o objeto está em relação com a humanidade que o antecedeu, embora esse aspecto não esteja contido na aparência. A apropriação do outro, em qualidade, requalifica a vivência do indivíduo. A consciência, nesses termos, é, ao mesmo tempo, constituída e constituinte da vivência.

Diante desse entendimento, a experiência artística e a sensibilização são processos intimamente relacionados à constituição da consciência. Em caráter sintético, apresentamos ao leitor, no item subsequente, uma possibilidade de compreensão do eixo *Estética e Emoções*.

3.5.5 Síntese preliminar sobre o desenvolvimento da estética e das emoções

Através da leitura, interpretação e análise dos três textos de Vigotski: *Psicologia da Arte*, *Teoria das Emoções: um estudo histórico-psicológico* e *sobre a psicologia da criatividade do ator*, tecemos algumas considerações em relação à contribuição da presente temática para o desenvolvimento da consciência e do homem defendido pelo autor bielorrusso.

I) Em *Psicologia da Arte* estamos diante do acúmulo conceitual de Vigotski à vida cultural e literária de sua época. Em diversas passagens do texto, Vigotski cita exemplos de diferentes autores, personagens, nas mais diversificadas expressões artísticas, dialogando filosoficamente sobre os conhecimentos oriundos da cultura. Dessa forma, encontramos inúmeras transcrições de peças teatrais, fábulas, poesias e descrição de pinturas e esculturas acompanhadas da análise de Vigotski e de outros pesquisadores. Há,

portanto, além da crítica às teorias psicológicas, a busca por uma fundamentação filosófica. Aliás, Vigotski não se furta do debate com a Filosofia. Encontram-se passagens de menção direta à Marx, Aristóteles, Platão, Nietzsche e Schopenhauer, por exemplo.

II) Em *Psicologia da Arte* há um diálogo fraterno de Vigotski com Freud, em que o autor, apesar de tecer críticas à psicanálise, faz elogios ao campo freudiano e considera os avanços propostos por essa teoria no que diz respeito à Estética. Cabe observar e desenvolver no campo científico possível aproximações entre os dois autores, elemento que é carente na discussão sobre a Psicologia Histórico-Cultural.

III) Em *Teoria das Emoções* observamos uma compreensão mais elaborada de Vigotski no que diz respeito às emoções. Em *Psicologia da Arte* o autor defende, em determinadas passagens, uma visão que parece determinista biologicamente dos sentimentos. Em *Teoria das Emoções* fica demonstrada a crítica que Vigotski faz à teoria organicista, apontando seus limites. Esse aspecto apresenta um desenvolvimento do pensamento de Vigotski e o percurso de alargamento de suas ideias.

IV) O marxismo pode ser visto nos três textos enquanto referência estruturante, enquanto um tratamento de método dado aos textos. Todavia, o diálogo de Vigotski não é restrito à Marx e Engels ou a autores marxistas. Não encontramos, por outro lado, citações utilizadas de forma mecanicista ou grosseira, tampouco, de outra forma, sistemáticas e presentes ao longo dos textos. Marx aparece como referência global à construção do texto. Observamos que Vigotski almeja alcançar considerações semelhantes e epistemologicamente coerentes ao marxismo, sem, todavia, limitar-se ao diálogo com estes autores. Encontramos, portanto, em *Teoria das Emoções*, uma relação mais próxima com Spinoza. Por outro lado, o fato de Vigotski dialogar com esses autores, como Spinoza, não torna Vigotski um spinoziano. Retomando a citação de Toassa (2014), nossa observação é de que, de fato, Vigotski não é uma reprodução de Marx e Engels, mas, não se distancia na fundamentação global desses autores e o fato de dialogar com outros autores, como Spinoza, não o torna *menos* ou *mais* marxista.

V) Vigotski apresenta ao leitor inúmeras questões que estão vinculadas à conduta ética, a forma como determinado conhecimento e/ou fundamento desdobra-se socialmente. Por exemplo, em *Psicologia da Arte* o autor questiona-se sobre qual a finalidade e valor social da arte. Já em *Teoria das Emoções* questiona a busca pela natureza humana das emoções e no texto *Sobre a criatividade do ator*, a tentativa de compreender a personalidade do ator, a forma como esse sensibiliza o espectador e o

significado e sentido social. Ressalta-se ainda que discussões como ideologia atravessam o texto de Vigotski explícita e implicitamente.

VI) Estamos diante de escritos do autor que estão além da comum apropriação de Vigotski pelo seu viés e contribuição pedagógica. Por vezes, o autor é reduzido enquanto um psicólogo voltado para o desenvolvimento e a aprendizagem. Contudo, os escritos sobre Estética e Emoções vinculam-se a outra estrutura conceitual que não tratam especificamente da educação, embora a formação do homem, como dissemos no item V, é uma preocupação constante.

VII) Ainda que a consciência não fosse objeto de análise e discussão predominante em *Psicologia da Arte*, *Teoria das Emoções* e *Criatividade do Ator*, observamos que os conceitos demandavam a necessidade de o autor discorrer, em alguma medida, sobre a questão da consciência. Em *Psicologia da Arte* Vigotski questiona-se se a arte é uma ação organizada através do consciente ou do inconsciente. Em diálogo com a Psicanálise, Vigotski formula algumas sínteses sobre o papel da consciência no ato de criação da arte e também o papel que ela exerce no espectador. Em *Teoria das Emoções*, a discussão aparece acompanhada da argumentação sobre a gênese da manifestação das emoções e a perspectiva racionalista de Descartes que almejava explicava a consciência e as emoções de maneira diversa ao entendimento de Vigotski, requisitando que o autor fizesse algumas discussões. Por último, em *Criatividade do Ator*, questiona-se como o ator sensibiliza e toca o espectador e em que medida esse processo solicita uma ação consciente na realidade.

VIII) Em relação a concepção de homem, Vigotski apresenta, em termos gerais, um viés epistemológico em consonância com a perspectiva de Marx e Engels. Ressalta-se nos textos que almeja a superação do viés biológico como princípio explicativo do homem, ou seja, Vigotski busca nortear o processo de formação e constituição através das condições de existência em que o ser social se insere. Tanto para a arte, como para as emoções e para a criatividade do ator, o que se evidencia são elementos de ordem social, sem desconsiderar a materialidade do indivíduo. Marx (2011, p. 183) pontua que "A natureza não produz nenhum dinheiro, da mesma maneira que não produz taxa de câmbio ou banqueiros", da mesma forma podemos fundamentar a arte nesse panorama. Ou seja, a arte não se encontra pronta e acabada na natureza. O que podemos encontrar na natureza é matéria-prima para a arte, assim como o ouro e a prata são para o dinheiro. Todavia, quem torna ouro e prata dinheiro são as relações sociais e, portanto, a arte também está colocada nessa mesma condição.

O ser social, nesse sentido, não está pronto e acabado através daquilo que é dado *naturalmente*, o ser social se constitui: forma emoções que não existem *à priori*, sensibiliza-se diante das situações que o cercam e materializa-se através da obra de arte. O ser humano, portanto, encontra nas emoções e na arte uma *função social*.

IX) Nos três textos investigados, evidencia-se a preocupação de Vigotski em formular uma proposição que possa constituir-se de uma *Psicologia Geral*, ou seja, há a tentativa de busca pela formulação de leis gerais para explicar os fenômenos investigados, seja a arte, as emoções ou o ator. Esse mesmo aspecto torna-se evidente à medida que Vigotski reserva uma parte da escrita para o estabelecimento de uma estrutura metodológica de investigação.

Partindo do último ponto, buscaremos discutir o próximo item de nossa análise, que diz respeito aos textos de Vigotski em que o autor busca apresentar alguns problemas específicos para a Psicologia, bem como os elementos de caráter metodológico. Para o item subsequente, discutiremos, em especial, o Tomo I das *Obras Escolhidas* de Vigotski, em que Vigotski discute, de forma mais íntima, com as teorias da Psicologia de sua época, dentre as quais, destacamos a *refloxologia* que exerce, em certa medida, uma influência na compreensão do problema da consciência que o autor buscará desenvolver.

3.6 Problemas teóricos e metodológicos da Psicologia

O presente item apresenta um diálogo de Vigotski com as questões vinculadas a método de investigação, no qual o autor busca apresentar pressupostos constitutivos de sua teoria no que diz respeito à estrutura explicativa de fenômenos psicológicos. Nessa perspectiva, Vigotski estava preocupado com a elaboração epistemológica da Psicologia, na materialização de um método de investigação científica para o psiquismo. Sob seu olhar, as propostas psicológicas de sua época apresentavam limitações e lacunas, encaminhando à Psicologia à impossibilidade de manutenção de sua existência enquanto ciência (VYGOTSKI, 2013).

Esse eixo nos reforça a preocupação de Vigotski não somente com os problemas em sua ordem *prática*, mas também com o desenvolvimento teórico-conceitual das referências analíticas utilizadas para a interpretação dos fenômenos. Por esta razão, não há como segmentar prática e teoria, já que esses elementos aparecem de forma interligada e interdependente. Nesse sentido, este eixo não se propõe a discutir os aspectos teóricos, mas, com ênfase, na relação prática-teórica em relação à estruturação de um método de investigação que permita analisar os fenômenos psicológicos presentes no cotidiano.

Álvarez (2013, p. XXI) apresenta que:

> A obra de Vigotski é um exemplo realmente modelador deste enfoque construtivo que obra a avançar na articulação entre teoria e prática, na explicação da mente humana e de suas estruturas através de sua construção. Se unimos a isso sua tese sobre o caráter externo e o papel do meio social na construção do meio interno e da consciência, nos encontramos em uma articulação de duas perspectivas atuais mais relevantes – e menos integradas – da Psicologia atual: a psicologia cognitiva e a psicologia social.

Embora tenhamos acordo com Álvarez (2013) no que diz respeito aos esforços de Vigotski na produção de uma teoria que rompesse com o dualismo na Psicologia, a nosso ver, o papel social que Vigotski se dispõe está mais vinculado a oferecer uma interpretação ontológica de homem – e dos limites da Psicologia de sua época para tal tarefa – do que propriamente a uma mera contribuição para a Psicologia Social e Cognitiva na constituição do psiquismo. Ou seja, não se trataria de uma articulação entre duas vertentes, mas de produção de uma interpretação do psiquismo ancorado sob uma perspectiva de concepção de realidade e de ciência. Em *Psicologia da Arte*, Vigotski nos apresenta a uma definição de ciência que seria um "[...] domínio mais amplamente sistematizado de conhecimento de uma parte da realidade" (VIGOTSKY, 2005, p. 31). Isso significa que a ciência seria um caminho de enriquecimento constante que visa incorporar aspectos da realidade social almejando o desenvolvimento em função da totalidade existente. Essa perspectiva também encontramos na teoria marxista, de que a apreensão do real, como a atividade científica, aproxima-se sempre de uma parcela da realidade, ainda que a realidade concreta seja sempre mais enriquecida em razão do movimento constante de produção e objetivação da atividade humana. Assim, a ciência visa, constantemente, captar, através dos fenômenos analisados, os movimentos e mudanças que se dão continuamente.

Nesse panorama, encontramos no *Tomo I* das Obras Escolhidas (VYGOTSKI, 2013) um conjunto de escritos do autor que esclarecem possibilidades de interpretações do método em Psicologia. Neste tomo, reúnem-se estudos do autor sobre diversas categorias e conceitos, em que o autor faz um esforço teórico de detalhar a sistematização do campo referente à categoria investigada. O que nos chama atenção é que, no Tomo I, estão reunidos os textos em que a categoria consciência ganha destaque enquanto área de investigação, tanto na perspectiva histórico-cultural, quanto a formulação desta por outras propostas psicológicas. Além desses estudos, encontramos também a reconhecida tese de Vigotski sobre uma crise de método existente na Psicologia.

Em nossa investigação neste tomo de Vigotski (VYGOTSKI, 2013), buscaremos refletir sobre a seguinte questão geral: *o que as formulações teórico-metodológicas de Vigotski lançam luz à categoria consciência?* Diante da síntese de seus textos e também do diálogo com a teoria marxiana, foi possível destacar três subitens de discussão, que serão explorados neste tópico. São eles: (a) estudos da consciência, (b) o inconsciente vigotskiano; e (c) A crise teórico-metodológica da Psicologia; posteriormente à apresentação dos subitens, apresenta-se uma síntese sobre possíveis respostas preliminares à questão geral levantada, acrescida de análises sobre o desenvolvimento conceitual de Vigotksi.

Embora os textos contidos no Tomo I apresentem, em certa medida, flutuações entre os subitens, bem como compreensões que lançam luz a mais de um subitem, no decorrer de cada discussão apresentamos uma tabela que pode nortear didaticamente ao leitor na organização dos textos que foram utilizados para as análises, conforme mostra-se abaixo.

Tabela 4 – Textos de Vigotski utilizados no eixo *Problemas teóricos e metodológicos da Psicologia*

	Título do texto em português	***Localização do texto***	***Ano em que foi escrito***
Eixo II: Problemas teóricos e metodológicos da Psicologia	Os métodos de investigação reflexológicas e psicológicos	Tomo I Primeira Parte	1924
	A consciência como problema da psicologia do comportamento		1925
	Sobre o artigo de K. Koffka "A introspecção e o método da psicologia". A modo de introdução		1926
	A psique, a consciência, o inconsciente		1930
	Prefácio do livro de A. N. Leontiev: Desenvolvimento da memória		1931
	O problema da consciência		1933
	A Psicologia e a teoria da localização das funções psíquicas		1934

	O problema do desenvolvimento na psicologia estrutural: estudo crítico	Tomo I Segunda parte	1934
	O significado histórico da crises da Psicologia: uma investigação metodológica	Tomo I Terceira parte	1927

Fonte: Elaborado pela autora.

4.6.1 Estudos da consciência

A discussão sobre consciência, embora perpasse a obra de Vigotski em sua totalidade, apresenta alguns textos específicos a que temos acesso pela tradução espanhola e para o português, em que o autor discute especificamente a consciência. Esses são os textos referenciados pela maioria dos trabalhos que tratam desta categoria na obra do autor, conforme identificado no capítulo dois. Estes trabalhos estão localizados no Tomo I das Obras Escolhidas, conforme tabela abaixo:

Tabela 5 – Textos de Vigotski que tratam da consciência

ANO EM QUE FOI ESCRITO	TÍTULO EM PORTUGUÊS
1925	*A consciência como problema da psicologia do comportamento*
1926	*Métodos de investigação reflexológicos e psicológicos*
Desconhece-se o ano em que foi escrito. Publicado em 1930	*A psique, a consciência, o inconsciente*
1933	*O problema da consciência*

Fonte: Retirado das Obras Escolhidas, Tomo I (VYGOTSKI, 2013). Elaboração própria.

Em posse desses três textos em que a consciência é categoria central de investigação, bem como de outros escritos que Vigotski faz incursões e menções à discussão sobre a consciência, este subitem se dedica a sistematizar as principais ideias do autor sobre a consciência. Assim, encontramos algumas definições e reflexões que se transformam ao longo do tempo devido ao movimento teórico-metodológico que Vigotski

sofre no decorrer de suas sistematizações. Apesar de temporalmente próximas, cabe destacar que Vigotski, em seus poucos e intensos anos de produção e sistematização, como veremos na exposição, apresenta compreensões que serão superadas por ele mesmo em textos seguintes.

Em manuscrito denominado "*O problema de consciência*[98]", de 1933, Vigotski apresenta que embora a psicologia se reivindique enquanto uma ciência da consciência, o conhecimento acumulado que esta área tinha sobre a consciência era praticamente nulo (VYGOTSKI, 2013). Diante desta lacuna, diferentes pensadores propuseram um entendimento sobre a consciência. Embora Vygotski (2013) aponte que, nessas incursões, mantinha-se um problema essencial que não fora resolvido: a consciência era ora identificada enquanto um sistema de funções, ora como um sistema de fenômenos, proveniente de uma crise metodológica que a Psicologia sofrera ao longo de sua história.

Neste quadro teórico, Vygotski (2013) busca desenvolver manuscritos, artigos e escritos publicados e socializados à sua época e outros que só foram conhecidos postumamente, em que apresentasse seu entendimento sobre a consciência e sobre a perspectiva metodológica que a consciência vinha sendo estudada na Psicologia a que teve acesso. Em 1924, Vigotski escreve um artigo denominado *Metodologia de investigação em reflexologia e psicologia*[99] para apresentação no II Congresso Nacional de Psiconeurologia que aconteceu em São Petesburgo – à época a cidade era chamada de Leningrado – e publicado, posteriormente, em 1926 em uma coleção organizada por Kornílov.

Apesar de o texto apresentar referências metodológicas da Psicologia, situa-se no sentido de desenhar caminhos para trabalhos do autor que tratarão da questão da consciência. O autor inicia a discussão apresentando que a reflexão sob a base reflexológica apresenta limites, apontando que a reflexologia estaria voltada aos "[...] estudos das relações mais elementares do homem com o meio ambiente" (VIYGOTSKI, 2013, p. 3), do que propriamente a investigações mais complexas, que pudessem, de fato, decifrar o comportamento humano e suas leis.

Nesse sentido, Vygotski (2013, p. 3) pontua que "A reflexologia clássica manteve suas investigações dentro de um princípio científico universal darwiniano, reduzindo tudo ao mesmo denominador". Como vimos anteriormente na discussão sobre a arte e as emoções e retoma-se neste eixo, Vigotski não desconsidera as contribuições de Darwin.

[98] Em russo "*Probliema soznania*".
[99] Em russo "*Métodika refleksologuícheskogo i psijologuícheskogo issliédovania*".

Pelo contrário, apresenta explicitamente as possíveis contribuições deste pensador para a Psicologia. Todavia, estrutura críticas que reduzem o comportamento humano e ao homem a uma explicação biológica linear. Em relação aos limites que encontra na teoria reflexológica, aponta na necessidade de busca de outros conhecimentos na Psicologia visando à superação dessas lacunas. Para o autor, nesse momento, a busca para o desenvolvimento da teoria poderia estar na fusão entre a reflexologia e a psicologia experimental.

> Portanto ou renunciamos a estudar o comportamento da pessoa em suas formas mais transcendentais ou introduzimos obrigatoriamente em nossos experimentos o controlo de reflexos não manifestos. A reflexologia está obrigada também a levar em conta os pensamentos e a totalidade da psique se quer compreender o comportamento. A psique é unicamente um movimento inibido e não somente o que objetivamente se pode tocar e qualquer um pode ver (VYGOTSKI, 2013, p. 8).

A citação acima demonstra que, para Vigotski, seria fundamental a incorporação de outros métodos a fim de compreender o homem, já que o que é objetivamente captado pela reflexologia não explicaria a totalidade e a complexidade dos processos psicológicos. Para ilustrar, o autor nos apresenta a discussão sobre os reflexos e de sua atuação em um sistema conjunto que determinam o comportamento do ser humano. Isto é, "[...] em um reflexo qualquer, sua própria parte reativa (movimento, secreção) se converte em um excitante de um novo reflexo do mesmo sistema ou de outro sistema" (VYGOTSKI, 2013, p. 9). Isso significa que um reflexo desempenha um papel de mediador – tal como a palavra – como excitante de outro reflexo. É fundamental, portanto, compreender a forma pelo qual um reflexo torna-se condicionante de outro reflexo e, essa investigação, levaria a identificação de reflexos não manifestos objetivamente.

Embora a Psicologia Subjetivista também tenha produzido críticas semelhantes, para Vigotski, a busca pelos reflexos não manifestos ou inibidos não se daria através da introspecção. Mas, ao mesmo tempo, em discordância à reflexologia, o caminho para a compreensão do homem também não estaria na negação da existência daquilo que não se materializa objetivamente (VYGOTSKI, 2013). Nesse panorama, Vigotski sintetiza um entendimento de consciência, vejamos:

> [...] a própria consciência ou a tomada de consciência de nossos atos e estados devem ser interpretados como *um sistema de mecanismos transmissores de uns reflexos a outros que funcionam corretamente em cada momento consciente*. Quanto maior seja o ajuste com que qualquer reflexo interno em qualidade de excitante provoque uma nova série de reflexos procedentes de outros sistemas

> ou se transmita a outros sistemas, mais capazes seremos de levarmos em conta a nós mesmos de nossas sensações, de comunicá-las aos demais e de vivê-las (VYGOTSKI, 2013, p. 10, grifos nossos).

Encontramos, portanto, uma primeira definição de consciência para Vigotski. Para o autor, a consciência teria uma explicação possível dentro dos limites da psicologia de sua época, sendo fundamental considerá-la enquanto esse sistema que interliga diversos reflexos a um único sistema e aos demais sistemas. O inconsciente, pelo contrário, seria o processo em que alguns reflexos não transmite para outros sistemas. Nesses termos, "[...] a consciência é a sensação das sensações" (VYGOTSKI, 2013, p. 10). Para o autor, portanto, a consciência seria explicada através do processo de transmissão entre sistemas de reflexos[100].

A identificação da ideia da consciência como um sistema de sensações está presente em Wundt, como premissa da Psicologia Experimental (MARCELLOS e ARAUJO, 2011). Como discutido no primeiro capítulo, os estudos sobre a consciência perpassam diferentes áreas, como o questionamento filosófico e também psicológico. A compreensão desta via psicológica de interpretação da consciência como sensação presente em Wundt e, também, em certo peso, em Vigotski, parte de uma premissa que os elementos psíquicos deveriam ser compreendidos através de métodos semelhantes às ciências naturais.

Embora esse caminho tenha sido perseguido nas análises psicológicas de Wundt, Vigotski rompe com tal perspectiva, sendo possível ver um *movimento* de construção conceitual sobre a consciência que se aproxima, em termos filosóficos, à perspectiva marxiana, isto é, de que a chave para compreender a consciência humana não está no aparato fisiológico do cérebro e suas conexões nervosas, mas na compreensão da produção social de uma determinada sociedade.

Marx (2011), ao pensar sobre o indivíduo, não desconsidera as implicações biológicas de existência. Ou seja, para existir, o indivíduo deve estar *vivo*. E, nesses termos, para estar vivo, há a necessidade de sanar também as necessidades fisiológicas. Todavia, a discussão para o autor se centra que, para o indivíduo viver, mesmo biologicamente, precisa se submeter a uma forma de existência garantida pela produção material da vida. Essa produção objetiva da vida é o que garante a existência do indivíduo

[100] Como veremos no decorrer deste subitem, essa definição de consciência não é estática na obra de Vigotski. Na produção de outros estudos sobre a consciência entre os anos de 1925 e 1930, o autor sintetiza novas possibilidades de entendimento.

– inclusive de sua consciência. Desse modo, a consciência não seria meramente uma *sensação*, mas a apropriação, em termos de abstração, da realidade concreta. Vejamos a citação do autor:

> [...] o trabalhador só precisa trabalhar meio-dia de trabalho, p. ex., para viver um dia inteiro; e, consequentemente, para poder começar de novo o mesmo processo no dia seguinte. Em sua capacidade de trabalho – na medida em que existe nele como ser vivo ou instrumento de trabalho vivo – está objetivado somente meio-dia de trabalho. O dia vital completo (dia de vida) do trabalhador é o resultado estático, a objetivação de meia jornada de trabalho. O capitalista, à medida que se apropria da inteira jornada de trabalho por meio da troca com o trabalho objetivado no trabalhador – i.e, por meia jornada de trabalho –, e que em seguida a consome no processo de produção, aplicando-a à matéria da qual consiste seu capital, cria o mais-valor de seu capital – no caso suposto, meia jornada de trabalho objetivada (MARX, 2011, p. 263).

Essa citação nos apresenta de que o ser humano, no capitalismo, vive (um dia inteiro) e reproduz as condições necessárias para sua existência em detrimento de meia jornada de trabalho. Embora trabalhe uma jornada completa, isto é, produz um mais-valor sobre seu trabalho. Todavia, esse trabalho empregado não permite com que viva dois dias, por exemplo, já que parte de seu trabalho é expropriada pelo capitalista. O que isso pode nos fornecer de reflexão sobre a constituição do homem e de sua consciência? Se nos referenciarmos pela definição de Vigotski dada à consciência em 1924, perderíamos o olhar a este trabalhador – que tem um dia de vida usurpado pelo capitalista –, e, portanto, não estaríamos tendo como referência o indivíduo concreto, permeado por relações sociais contraditórias que modulam sua existência e consciência. Vigotski, ao nosso ver, supera tal definição dada até então.

Em seu artigo denominado "*A consciência como problema da psicologia do comportamento*"[101] escrito em 1925 e publicado no mesmo ano no livro de Kornílov, *Psicologia e Marxismo,* Vigotski apresenta outros elementos para entendimento da consciência. O autor expressa que este ensaio serviu enquanto proposta de levantar questões sobre o problema da consciência de modo a estruturar um estudo sobre esta categoria. Para o autor, a proposta seria a de "[...] formular a tarefa; depois resolvê-la" (VYGOTSKI, 2013, p. 59).

A nosso ver, o autor desenvolve a ideia de consciência, distanciando, em certa medida, das referências reflexológicas, embora essas ainda estejam presentes na discussão. O ponto de partida é semelhante ao seu texto de 1924, ou seja, de que a

[101] Em russo: "*Soznanie kak problema psijologuii povedienia*" (VYGOTSKI, 2013).

Psicologia ignora uma parte fundamental do comportamento humano, no qual, "Nossa literatura científica evita insistente e intencionadamente o problema da natureza psicológica da consciência e trata de não dar-se conta dele" (VYGOTSKI, 2013, p. 39). Para desenvolver essa ideia, Vigotski elabora seis teses que vemos a seguir.

(1) A Psicologia ignora o problema da consciência e não consegue explicar o comportamento humano em seus aspectos de menor e maior complexidade, buscando compreender princípios universais que expliquem ao homem, ao animal e qualquer estrutura existente. Em termos gerais, esse entendimento apaga qualquer diferença do comportamento animal para o comportamento humano (VYGOTSKI, 2013).

(2) A negação da consciência provém da tentativa de negá-la enquanto conceito psicológico. Ignora-se, portanto, que o homem possa se organizar por algo que não está aparente, ou seja, pouco conhecido (VYGOTSKI, 2013).

(3) Ao se apagar a diferença entre homem e animal, a biologia sobressai diante da sociologia e à fisiologia passa a ser determinante no lugar da psicologia. A explicação reflexológica recorre a duas leias: a lei da extinção[102], desenvolvida por Pavlov, e a lei dos dominantes[103], formulada por Ujtomski (VYGOTSKI, 2013).

(4) A exclusão da consciência no âmbito da teoria psicológica reforça o dualismo existente na área: a defesa de um comportamento sem psique e, de outro lado, de uma psique sem comportamento (VYGOTSKI, 2013).

(5) Eliminando a consciência inviabiliza-se também a investigação psicológica, já que a psique aparece como um elemento de segunda ordem e secundária, como um *epifenômeno* (VYGOTSKI, 2013).

(6) O reflexo tem sido estudado, metodologicamente, enquanto um conceito abstrato. Para manter-se nessa concepção, o comportamento aparece resumido a um conjunto de reflexos, bem como outros *problemas* da Psicologia. Isto é, as sensações, a linguagem, os gestos, as mímicas, instintos, sonhos, entre outros, são reduzidos a reflexos. Essa redução, além de não explicitar conceitualmente reflexo, também se torna falho para explicar, concretamente, o que seriam sensações, linguagem etc. Desse modo, o que

[102] Segundo Vygotski (2013), a lei da extinção se daria através da desvinculação de um reflexo condicionado a um reflexo incondicionado. Ou seja, para a existência do reflexo condicionado é necessário o reforço através de um reflexo incondicionado para engendrar-se enquanto comportamento. Em exemplo do experimento de Pavlov, se o som da campainha (reflexo condicionado) não fosse reforçado pela salivação (reflexo incondicionado), a campainha deixaria de exercer qualquer papel do comportamento do animal por não ter sido reforçado constantemente.

[103] A lei dos dominantes está voltada para o estabelecimento de que existem determinados focos de excitação no sistema nervoso que atraem outros focos, como excitações subdominantes que, por sua vez, exercem uma alteração no sistema nervoso (VYGOTSKI, 2013).

aparentemente resolveria questões de ordem metodológica, apenas lançam uma penumbra sobre os fenômenos psicológicos investigados (VYGOTSKI, 2013).

A partir das seis teses elencadas, Vygotski (2013) discute que as problemáticas presentes na reflexologia apenas aproximaram-se de uma possível explicação do homem, mas ainda não conseguem formular um entendimento adequado à totalidade e complexidade do ser humano. Portanto, ao ignorar a consciência – entendendo-a como um fenômeno de introspecção – ou compreendê-la enquanto um reflexo qualquer, não seria possível captar ao sujeito. Nas palavras de Vygotski (2013, p. 52):

> É, pois, preciso que na metodologia de investigação psicológica se execute o experimento através de reações secundária da consciência. O comportamento do homem e o estabelecimento nele de novas reações condicionadas vão determinar não somente por reações complexas, manifestas e totalmente explícitas, mas também pelas não reveladas externamente, que não podem ser vistas a simples vista.

Para compreender a ideia de consciência enquanto um sistema de reflexo de ordem secundária, Vigotski apresenta que há um conjunto de reflexos não manifestos que conduzem o comportamento do ser humano. Por exemplo, ao nos depararmos com a palavra "trovão", é possível formularmos um pensamento interno relacionado ao "relâmpago". Trovão, nesse sentido, funciona como um reflexo condicionado para a chamada de outro reflexo. Nesse exemplo, o relâmpago. Ainda que a palavra relâmpago não seja externalizado através da fala, o fato de existir no pensamento apresenta que há algo de *não manifesto* e, que, portanto, não pode ser captado pelo observador, mas que constitui parte do comportamento do ser humano.

> Não é possível levar até o fim uma divisão tal da psique. O que, por sua vez, significa que a consciência não pode ser dirigida a si mesmo e que constitui um fenômeno secundário. Não se pode pensar o próprio pensamento, captar o mecanismo específico da consciência, precisamente porque não é um reflexo, quer dizer, não pode ser objeto de vivência, excitante de um novo reflexo, mas que é um mecanismo transmissor entre sistemas de reflexos. Por outro lado, assim que o pensamento termina, isto é, o reflexo se fecha, ele pode ser observado conscientemente (VYGOTSKI, 2013, p. 55).

Esse entendimento a que Vygotski (2013) apresenta concordância visa dialogar com duas perspectivas: a primeira é de que a consciência não é um mero reflexo e, segundo, que a consciência deve ser incorporada ao fenômeno de estudo psicológico de interpretação e compreensão do ser humano e, que, portanto, a análise deve estar para além do que o observador pode captar.

Refletindo sobre a articulação entre linguagem e consciência, Vygotski (2013) se depara com a seguinte questão: os reflexos que emergem no ser humano não são inatos, postos de forma incondicionada, mas, são criados pelo homem. Isto é, "A palavra escutada é um excitante; a pronunciada, um reflexo que cria esse mesmo excitante" (p. 56). Nesse entendimento, um reflexo não é tácito e permanente, pode ser reversível dependendo do emprego social da palavra. Diante dessa questão, Vygotski (2013, p. 56) nos apresenta que "Estes reflexos reversíveis, que criam a base do comportamento social, servem de coordenação coletiva do comportamento". Diante dessa concepção, o autor define que a consciência, na verdade, está vinculada a uma dimensão que é social, explicada através de três elementos fundamentais: a *experiência histórica*, a *experiência social* e a *experiência duplicada*.

De antemão, esses três elementos são encontrados de forma singular na relação que o sujeito estabelece com o mundo. Ou seja, difere-se por completo do comportamento animal. A experiência histórica está relacionada à experiência que é herdada pelo ser humano. Assim:

> O homem não se serve unicamente da experiência herdada fisicamente. Toda nossa vida, o trabalho, o comportamento, se baseiam na amplíssima utilização da experiência de gerações anteriores, quer dizer, de uma experiência que não se transmite de pais a filhos através do nascimento (VYGOTSKI, 2013, p. 45).

Esta concepção do ser humano apropriar-se da experiência histórica engendrada na realidade encontra respaldo em Marx (2001, 2011) e Marx e Engels (2007). Em uma visão histórico-dialética da história humana, o ser humano não existe desvinculado das demais relações que o antecederam. Isto é, a atividade humana se estabelece através da atividade anterior objetivada socialmente. Nas palavras de Duarte (2013, p. 37): "[...] o indivíduo, para se constituir como um ser singular, único, precisa se apropriar dos resultados da história".

Vygotski (2013) não ignora o fato de que o comportamento humano, portanto, seja determinado historicamente através da história do gênero humano. Segundo Marx (2004), a atividade vital humana, o trabalho, garante que a apropriação da experiência histórica seja possível para a formação do ser *singular*.

> É exatamente na atuação sobre o mundo objetivo que [o] homem se manifesta como verdadeira ser genérico. Esta produção é a sua vida genérica ativa. Por meio dela, a natureza nasce como a sua obra e a sua realidade. Em consequência, o elemento do trabalho é a objetivação da vida genérica do

> homem: ao não se reproduzir somente intelectualmente, como na consciência, mas ativamente, ele se duplica de modo real e percebe a sua própria imagem num mundo por ele criado (MARX, 2001, p. 117).

Junto à experiência histórica, Vygotski (2013) nos apresenta a experiência social enquanto outro elemento constitutivo do comportamento do homem. A experiência social seria a condição de, além da experiência particular que ocorre "[...] entre os reflexos condicionados e elementos isolados do meio, mas também das numerosas conexões que são estabelecidas das experiências de outras pessoas" (VYGOTSKI, 2013, p. 45). Essa experiência seria caracterizada pela apropriação da vivência de outras pessoas que constituem parte integrante do nosso comportamento. Para exemplificar esse processo, podemos conhecer um país sem nunca ter ido até ele através da experiência de outras pessoas, materializadas em relatos, fotos, desenhos etc.

Por último, a outra forma de experiência é denominada de *experiência duplicada*. Para a síntese desse entendimento, Vygotski (2013) recorre à citação à Marx que abre o presente ensaio, que discute a diferença entre o trabalho humano e a atividade instintiva de animais na natureza. Através da intencionalidade de sanar necessidades específicas, o ser humano não se adapta naturalmente ao contexto em que se encontra, mas produz a condição de reprodução da existência humana. Esse processo, portanto, não é instintivo.

Vygotski (2013) sinaliza que essas três formas de experiência não constituem algo psicologicamente distinto, já que não há como separar e segmentar essas experiências que se apresentam unidas no comportamento do indivíduo. A consciência, portanto, pode ser compreendida através dessas formas estruturantes. Dessa forma, a consciência que temos de nós mesmo é formada porque temos consciência do *outro*. Nas palavras do autor: "Tenho consciência de mim mesmo somente na medida em que para mim sou outro" (idem, p. 57). Em seguida, apresenta que:

> [...] como consequência da adoção da hipótese proposta se seguirá diretamente a socialização de toda a consciência, disso se desprende que o reconhecimento, a prioridade temporal e efetiva pertence a vertente social e à consciência. A vertente individual se constrói como derivada e secundária sobre a base do social e segundo seu modelo exato (VYGOTSKI, 2013, p. 57).

A partir desta síntese entre a constituição social e individual, Vygotski (2013) identifica os avanços da teoria de Freud em considerar a existência de um "eu" e de um "outro" no ser humano. Vigotski chega a semelhante entendimento ao considerar que há

uma dupla consciência instituída a partir da relação entre *social-individual* que se estabelece.

Essa concepção de Vigotski aproxima-se ao que fora desenvolvido por Marx e Engels (2007). Na concepção marxiana em relação ao homem, este é permeado pela história de forma dinâmica e objetiva, em que os indivíduos não são meramente "*criaturas*" que vivem (e se constituem) de forma isolada, mas, criadores que se relacionam. Em diálogo com o idealismo de sua época, os autores pontuam que:

> Eles separam a consciência de determinadas esferas de vida historicamente condicionadas dessas mesmas esferas de vida e medem pela consciência verdadeira, absoluta, isto é, pela consciência filosófica alemã. De modo bem coerente, eles transformam as relações desses indivíduos determinados em relações "do homem", explicam para si mesmos as ideias que esses indivíduos bem determinados têm sobre suas próprias relações como sendo ideias sobre "o homem" (MARX e ENGELS, 2007, p. 438).

A fragmentação do ser humano também se manifesta na divisão do indivíduo entre biológico e social. Como vimos no segundo capítulo, segundo Marx e Engels (2007) há uma falsa oposição entre natureza e a sociedade, de tal forma que não há como compreender o homem através da segmentação desses aspectos. Em certa medida, Vigotski perpassa por esse questionamento em relação à consciência. Isto é, quais elementos devem explicar a consciência: o aparato biológico ou os aspectos sociais? Como veremos pelos textos do autor, Vigotski encontra uma solução semelhante ao que fora discutido por Ilienkov (2007) em seu texto denominado "*O Biológico e o Social no Sujeito*" [104], que apresenta:

> Isso significa que qualquer função social, qualquer ação e manifestação da vida social no homem são possibilitadas por mecanismos biológicos — acima de tudo, por mecanismos do sistema nervoso. Por outro lado, todas as funções biológicas do organismo humano estão subordinadas ao desempenho de suas funções sociais, no qual a biologia torna-se apenas uma forma de manifestação de um princípio distinto da natureza (p. 64-65).

Dessa forma, ainda que Vigotski não negue o aparato biológico e os achados advindos da reflexologia, sobretudo no entendimento dos reflexos e a correlação com o sistema nervoso, vemos a preocupação do autor em entender a biologia *em função* do

[104] Agradecemos às traduções do autor para o espanhol e inglês acessadas através do sítio https://www.marxists.org/ e à tradução do presente texto para o português, disponibilizada no sítio do *Kátharsis*, pela tradução de Bruno Bianchi, que contribuiu para o cotejamento da versão disponibilizada na língua inglesa.

processo histórico-social de constituição do indivíduo. Assim, a constituição individual está sob determinação da vertente social. Este movimento de construção da categoria consciência acompanha o autor em seus escritos.

Embora no texto de 1924 "*Metodologia de investigação em reflexologia e psicologia*", Vigotski não tivesse como tarefa central a definição de consciência, esta categoria ganha ênfase quando se materializa na principal crítica de Vigotski em relação à reflexologia. O texto de 1925 "*A consciência como problema da psicologia do comportamento*", como podemos ver pela tabela acima, ainda é um diálogo de Vigotski com a reflexologia e o behaviorismo. Todavia, nota-se um avanço do autor a considerar outros elementos, como a contribuição de Freud e a busca pelos fundamentos filosóficos de Marx para diferenciar o comportamento humano do comportamento animal, diferentemente da trajetória da reflexologia.

Dessa forma, ainda que o conceito de reflexo ainda ganhe destaque na discussão do autor, seria incoerente considerá-lo meramente enquanto um reflexologista. O diálogo que Vigotski faz com a psicologia materialista seria a de considerar possíveis avanços e, sobretudo, limites.

Ainda sobre os ensaios que discutem sobre a consciência, elencamos outros dois textos que lançam luz a como Vigotski desenvolve esta categoria ao longo de seus estudos e de sua obra. O primeiro denominado "*A psique, a consciência e o inconsciente*" de 1930 e o segundo "*O problema da consciência*"[105], de 1933.

Vygotski (2013, p. 95) aponta que o estudo do psiquismo, da consciência e do inconsciente "[...] representam não somente três questões psicológicas centrais e fundamentais, mas que são em um grau mais elevado, questões metodológicas, quer dizer, questões relativas aos princípios de estruturação da própria ciência psicológica". O autor apresenta, então, que essas questões não podem ser resolvidas experimentalmente e que estaríamos "Antes de tudo, diante de uma questão filosófica que é preciso resolver teoricamente antes que possamos ocuparmo-nos de explicar atos concretos" (VYGOTSKI, 2013, p. 95).

As propostas psicológicas à época de Vigotski formularam questões e respostas distintas às três problemáticas encontradas. Sobretudo, a psicanálise ancorava-se no

[105] Em russo, respectivamente, "*Psíjika, soznanie, bessoznátelnoe*", publicado em 1930, e "*Problemia soznania*", que reúnem comentários de Vigotski em uma reunião de trabalho publicado pela primeira vez somente em 1968, no livro "*Psicologia da gramática*".

conceito de inconsciente, e, enquanto isso, a psicologia empírica tradicional estudava, exclusivamente, os fenômenos conscientes (VYGOTSKI, 2013).

> Basta relembrar que a psicologia objetiva de I. P. Pavlov e dos behavioristas norte-americanos, que excluem por completo os fenômenos psíquicos do círculo de suas investigações e compará-los com os partidários da denominada psicologia compreensiva ou descritiva, cuja única tarefa consiste em analisar, classificar e descrever os fenômenos da vida psíquica sem recorrer, em absoluto, às questões da fisiologia e do comportamento. Basta relembrar tão somente tudo isto para convencer-se de que a questão da psique, consciente e inconsciente, tem um valor metodológico determinante para qualquer sistema psicológico. O próprio destino de nossa ciência depende de como se resolve esta questão, fundamental para ela (VYGOTSKI, 2013, p. 96).

De modo geral, Vygotski (2013) se depara com um problema intransponível pela Psicologia de sua época: o dualismo. Nessa perspectiva, havia uma separação abrupta entre corpo e mente, que se desdobra em uma compreensão do psiquismo também de forma dual. O comportamento é interpretado apartado do psiquismo, tal como o psiquismo também é compreendido, por outras vertentes, deslocado do comportamento. Assim, para a perspectiva histórico-cultural:

> A profunda diferença entre os problemas psíquicos e fisiológicos resulta totalmente insuperável para o pensamento metafísico, enquanto que a irredutibilidade de uns a outros não constitui obstáculo algum para o pensamento dialético, acostumado a analisar os processos de desenvolvimento, por um lado, como processos contínuos e, por outro, como processos que são acompanhados de saltos, com a aparição de novas qualidades (VYGOTSKI, 2013, p. 99).

Vygotski (2013) localiza algumas teorias que visam compreender a consciência, apresentando os limites de seus fundamentos, como podemos identificar no quadro a seguir.

Quadro 4 – As teorias psicológicas e as propostas explicativas

FUNDAMENTO EXPLICATIVO	TEORIA PSICOLÓGICA	COMPREENSÃO DE CONSCIÊNCIA
Construção da psicologia de forma puramente **psicológica**;	*Teoria descritiva*	O psíquico seria sinônimo à consciente, no qual, o que é psíquico corresponde integralmente ao consciente.

	Teoria psicanalítica	O conceito de psicologia é o inconsciente, que é possível de ser identificado a partir de lacunas na vida psíquica, ao mesmo tempo em que estabelecem conexões ao que falta.
Divisão entre psicologia e fisiologia. No qual, o comportamento deve ser explicado através da **fisiologia**;	*Reflexologia*	Renunciar, por completo, ao estudo da psique.

Fonte: Síntese do texto de Vygotski (2013) a partir de elaboração da autora.

Rompendo com as demais perspectivas psicológicas existentes, Vygotski (2013) apresenta a necessidade de compreensão dos processos em sua *unidade*. Dessa forma, o psiquismo não seria algo que está *para além* da natureza, mas é uma *parte* da natureza, ligada diretamente às funções cerebrais e sociais que são constituídas enquanto possibilidade ao conjunto dos homens.

Dessa forma:

> Em algum lugar, em um determinado nível de desenvolvimento dos animais, se produziu uma mudança qualitativa no aperfeiçoamento dos processos cerebrais que, por um lado, havia sido preparado por todo trajeto precedente do desenvolvimento e, por outro, constituía um salto em seu curso, já que representava a aparição de uma nova qualidade que não podia ser reduzida mecanicamente a fenômenos mais simples. Se aceitarmos esta história natural da psique, compreenderemos também a segunda ideia: a psique não deve ser considerada como uma série de processos especiais que existem em algum local em qualidade de complementos por cima e aparte dos cerebrais, mas como expressão subjetiva destes mesmos processos, como uma face especial, uma característica qualitativa especial das funções superiores do cérebro (VYGOTSKI, 2013, p. 100).

Através da citação de Vigotski, podemos extrair uma proposta histórico-cultural para a Psicologia, no qual o método de investigação não deve segmentar o fenômeno em suas partes, mas, deve-se fazer o esforço para compreendê-lo em sua totalidade. A constituição de uma unidade objetivo-subjetiva é condição necessária para compreender os processos subjetivos e também os objetivos.

> A psicologia dialética renuncia a uma ou outra identificação, não confunde os processos psíquicos com os fisiológicos, reconhece o irredutível da singularidade qualitativa da psique e afirma unicamente que os processos

> psicológicos são únicos. Chegamos, por conseguinte, ao reconhecimento de processos psicofisiológicos singulares e únicos, que constituem as formas superiores de comportamento do homem, aos quais propomos denominar de processos psicológicos, a diferença dos psíquicos e por analogia com os chamados processos fisiológicos (VYGOTSKI, 2013, p. 101).

Vygotski (2013) está diante de um problema metodológico na Psicologia. Até então, a explicação dada aos processos psíquicos estava posta de forma antidialética, considerando os aspectos biológicos em contraposição aos aspectos subjetivos. Para o autor, essa divisão não se sustenta justamente pela necessidade de interpretação do objeto de forma integral. Vigotski nos apresenta, então, uma visão *monista* do psiquismo, tendo como referência a integralidade do comportamento humano.

> [...] a tarefa fundamental da psicologia dialética consiste precisamente em descobrir a conexão significativa entre as partes e o todo, em saber considerar o processo psíquico com conexão orgânica no marco de um processo integral mais complexo (VYGOTSKI, 2013, p. 103).

Diante da fragmentação de determinadas abordagens psicológicas, encontramos na discussão de Vigotski uma referência direta a Marx no para esclarecer a relação entre o *todo* e a *parte*. Mencionando a diferença entre aparência e essência, Vygotski (2013) apresenta concordância de que a investigação científica se faz necessária pela lacuna existente entre a realidade e o fenômeno imediatamente observado.

> Se levarmos em conta de que o objeto da psicologia é o processo psicológico integral do comportamento, parece por completo evidente que não se pode definir este como um componente exclusivamente psíquico, que, além do mais, seria interpretado mediante uma determinada autopercepção. De fato, a introspecção nos proporciona sempre dados da autoconsciência que podem deformar, e inevitavelmente o fazer, os dados da consciência. Estes últimos, por sua parte, nunca desvelam completa e diretamente as propriedades e tendências de todo o processo integral de qual fazem parte. As relações entre os dados da autoconsciência e da consciência estruturam-se em processos idênticas às relações entre fenômeno e realidade (VYGOTSKI, 2013, p. 104).

Diante dessa concepção, Vygotski (2013) apresenta a possibilidade de que a autoconsciência nem sempre se estabelece de forma fidedigna à realidade. Isto é, há a possibilidade dessa compreensão apresentar distorções próprias das lacunas existentes entre aparência e essência. Nesse sentido, o autor nos apresenta três possíveis princípios e leis de constituição da consciência humana:

1) Variabilidade de conexões e relações interfuncionais que se estabelecem. Nessa perspectiva, nenhuma função está vinculada a uma atividade cerebral específica. A consciência é produto, portanto, de uma atividade integrada.

2) A consciência se constitui através da formação de sistemas dinâmicos complexos que se desenvolvem ao longo da história do homem, sem, contudo, desconsiderar as funções elementares que continuam presentes no psiquismo.

3) A consciência seria produto de uma reflexão generalizada sobre a realidade (VYGOTSKI, 2013).

Marx (2001) nos chama atenção para o processo de assimilação que se estrutura a partir dos sentidos historicamente atribuídos e da relação que se estabelece entre outros homens. Seria esse processo que formaria "[...] órgãos sociais, na forma da sociedade" (MARX, 2001, p. 142). Nessa condição, há conversão da objetividade, isto é, daquilo que é externo ao indivíduo para a subjetividade. Embora esse processo não produz uma segmentação entre subjetivo e objetivo, conforme apresentado pelo autor:

> [...] só quando a realidade objetiva se torna em toda parte para o homem na sociedade a realidade das faculdades humanas, a realidade humana, e deste modo, a realidade de todas as suas faculdades humanas, é que todos os objetos se tornam para ele a *objetivazação de si mesmo*. Os objetos confirmam e realizam então a sua individualidade, eles são os seus próprios objetos, quer dizer, o homem torna-se pessoalmente o objeto (MARX, 2001, p. 143, grifos do autor).

Nesse aspecto, evidencia-se que o processo de objetivação é, também a encarnação do indivíduo – e de sua subjetividade – na realidade. Seria essa a afirmação do indivíduo no mundo objetivo. Desse modo interfuncional, Marx (2001) aponta que "Não é, por conseguinte, só no pensamento, mas por meio de todos os sentidos, que o homem se afirma no mundo objetivo" (p. 143).

Como podemos identificar ao longo dos textos de Vigotski, há um *movimento* de síntese sobre a consciência. Em determinados textos, estamos diante de definições mais próximas à teoria de sua época, como a reflexologia, e, no decorrer do processo de construção da argumentação, vemos Vigotski distanciar-se dessa concepção e estabelecer um entendimento histórico-cultural desta categoria, como podemos ver através da tabela abaixo.

Tabela 6 – Síntese sobre a definição de consciência nos textos de 1924 a 1934

ANO	DEFINIÇÃO GERAL	TEXTO ENCONTRADO
1924	A consciência seria a relação que se estabelece entre *reflexos* e *sistemas de reflexos*, em que consciente é aquilo que se transmite em qualidade de excitante para outros sistemas e produz, nesse processo, uma resposta. A consciência seria o reconhecimento daquilo que nos sensibiliza e nos mobiliza.	*Metodologia de investigação em reflexologia e psicologia*
1925	A consciência não é somente explicada a partir dos reflexos, já que o homem, diferente dos animais, vivenciam três tipos de experiências que lhe são singulares: a experiência histórica, a experiência social e a experiência duplicada.	*A consciência como problema da psicologia do comportamento*
1925	Consciência como mecanismo de comportamento através de experiência histórica, social e duplicada.	*A consciência como problema da psicologia do comportamento*
1925	Consciência como vivência das vivências (reconhecimento das sensações). Transmissão de reflexos a outros sistemas. A consciência seria, portanto, um *fenômeno secundário*.	*A consciência como problema da psicologia do comportamento*
1925	Baseado em Pavlov, a consciência seria uma refração de múltiplos reflexos.	*A consciência como problema da psicologia do comportamento*
1925	Consciência enquanto elemento social. Isto é, só conheço a mim porque vejo a mim no outro. Há a existência, portanto, de uma dualidade na consciência: o eu e o outro (diálogo com Freud). A consciência seria uma expressão da experiência social.	*A consciência como problema da psicologia do comportamento*
1930	O inconsciente é potencialmente consciente.	*A psique, a consciência e o inconsciente*
1930	Impossibilidade de existir um "psiquismo inconsciente". Tudo o que é psíquico, é consciente.	*A psique, a consciência e o inconsciente*
1930	Existência da consciência em graus distintos: uns vivem mais conscientes, outros menos. Há coisas que estão quase sempre no campo da consciência e outras estão menos presentes e vivas em nossas	*A psique, a consciência e o inconsciente*

	vivências. Algo não se torna menos psíquico por ser menos inconsciente.	
1930	Limites da consciência: há coisas que temos uma ideia clara, outras aparecem de forma vaga.	*A psique, a consciência e o inconsciente*
1930	Ideia de vida psíquica como luta entre manifestações conscientes e tentativas de tornar-se consciente. Ideia de descolamento do campo da consciência.	*A psique, a consciência e o inconsciente*
1930	Relação entre consciência e sistema nervoso. Pavlov compreendia a consciência como uma mancha luminosa que se moveria entre os hemisférios cerebrais em razão da excitação nervosa.	*A psique, a consciência e o inconsciente*
1930	Impossibilidade de existir um "psiquismo inconsciente". Tudo o que é psíquico, é consciente.	*A psique, a consciência e o inconsciente*
1930	Ideia de vida psíquica como luta entre manifestações conscientes e tentativas de tornar-se consciente. Ideia de descolamento do campo da consciência.	*A psique, a consciência e o inconsciente*
1933	Definição das leis formais da consciência: sua continuidade, sua relativa claridade, sua unidade, sua identidade e a ideia de *fluxo* da consciência.	*O problema de consciência*
1933	A consciência é, desde o começo, algo integral e que determina o destino do sistema (explicação *interfuncional*);	*O problema de consciência*
1933	A consciência está estruturada como um sistema.	*O problema de consciência*
1934	Três leis da consciência: a) sistema interfuncional; b) integralidade às funções elementares; c) reflexão da realidade;	*A psicologia e a teoria de localização das funções psíquicas*

Fonte: Elaboração própria.

Em posse do diálogo com a concepção de homem em Marx e Engels e a análise do movimento que a categoria consciência passa ao longo dos textos, consideramos importante abrir um parêntese em razão da definição da consciência enquanto um reflexo psíquico, como defendido por Leontiev (2021) e recorrentemente citado por pesquisadores no Brasil. Em termos gerais, o autor esclarece que o reflexo não se reduz a uma visão passiva de constituição do psiquismo e que este se estrutura a partir de níveis mediante a relação do indivíduo com a realidade. Assim, Leontiev (2021, p. 146)

estabelece que “A consciência em seu caráter imediato é um quadro do mundo que se revela ao sujeito no qual estão incluídos ele próprio, suas ações e estados”.

Em nossa análise consideramos que Vygotski (2010) parte de um entendimento semelhante ao de Leontiev (2021). A partir da incorporação da teoria reflexológica, Vygotski (2010) discute o papel do reflexo na constituição do psiquismo. Todavia, consideramos que o autor tenha superado por incorporação esse modelo explicativo que remeta a definição de consciência como um reflexo subjetivo da realidade.

No decorrer de seus textos, o processo de conversão do real em subjetivo se complexifica, a tal ponto do autor instituir a consciência enquanto um *problema*, que não poderia ser plenamente explicada pelas teorias desenvolvidas até então. O conceito de reflexo apresenta, também, limitações nessa explicação. O autor, ao identificar essa problemática, recorre à ideia da consciência então enquanto um *sistema* – e não mais um reflexo. Mesmo assim, faz incursões a outros fundamentos buscando conceituar a consciência e o processo de tomada de consciência. A chave para o autor estaria, portanto, na reflexão e subjetivação da experiência social e histórica.

Nesse sentido, a consciência não seria apenas, mesmo em um nível imediato, a constituição de uma imagem, de um reflexo (tal como a analogia ao espelho), já que por trás da sensação e percepção, os elementares, há a incorporação de um todo complexo que integram a apropriação do real, ainda que essa não seja uma síntese acessível ao indivíduo. Isto é, em nossa consciência há, ao mesmo tempo, as limitações de apropriação do real e a possibilidade de síntese mais articulada e fidedigna ao real. Por isso que para Vygotski (2010) não há separação entre consciência e inconsciente.

Nessa perspectiva, ao discutir e refletir sobre a consciência, Vigotski se depara com a existência deste dualismo. Este dualismo existente nas demais ciências psicológicas eram incorporadas também no modelo de interpretação da consciência e da necessidade de existência de seu polo oposto, nesse caso, o inconsciente. Ao longo de sua obra, Vigotski buscará romper com a ideia de opostos e, em diálogo com método marxista, emprega uma visão de unidade e totalidade. No item subsequente, buscaremos apresentar brevemente apontamentos do que seria, então, o inconsciente para Vigotski.

3.6.2 O inconsciente vigotskiano

A discussão sobre o inconsciente já atravessa a obra de Vigotski na discussão sobre Emoções, Estética e Arte, como vimos no eixo analítico anterior. Embora seja no texto “*A psique, a consciência e o inconsciente*” que Vigotski apresenta elementos para

um entendimento histórico-cultural deste conceito, ainda que, para Santos (2015) haja uma lacuna em sua definição. Olhando para a história da Psicologia, recorrentemente, encontramos em pensadores da Psicologia a estruturação de dois polos opostos que não se encontram plenamente: o *consciente* e o *inconsciente*.

Esse dualismo ganha maior ou menor ênfase em diversas teorias psicológicas. No entendimento de Skinner (1976; 1982), a ideia de consciência está vinculada a *estar ciente*, conhecer as contingências ambientais que determinam o comportamento. Por outro lado, o inconsciente seria o conjunto de reforçamento que o indivíduo recebe ao longo da vida de que não tem ciência e, portanto, não identifica em suas práticas a vinculação existente. Na Psicanálise também há um dualismo existente, embora o sentindo de consciência e inconsciente não se limite à ciência do indivíduo. Para Vigotski, o inconsciente não é o contrário de consciente e, portanto, não estão em dualismo, mas em *unidade*. Isto é, o que é inconsciente tem, potencialmente, condição em se tornar consciente, não havendo uma "disputa" entre conteúdos em duas estruturas contrárias.

Alguns estudos realizados nos auxiliam a explorar este conceito na obra de Vigotski (AITA e TULESKI, 2021; SANTOS, 2015; SOUZA, 2020; SANTOS e LEÃO, 2012, 2014; GONZALEZ, 2011; PESSANHA, 2015). De acordo com Aita e Tuleski (2021) os estudos clínicos de Vigotski são pouco explorados no Brasil, tal como o conceito de inconsciente, sendo fundamental esse esforço de análise téorico-conceitual da obra do autor. Analisando os textos de Vigotski, chegam à conclusão de que:

> [...] não existe uma barreira intransponível que separe os conteúdos conscientes dos conteúdos inconscientes. Existe uma relação dinâmica entre estas esferas, na qual conteúdos inconscientes podem tornar-se conscientes e vivências conscientes podem ser deslocadas para o inconsciente (AITA e TULESKI, 2021, p. 64).

Santos (2015) apresenta acordo à interpretação de Aita e Tuleski (2021) e situa a relação consciente-inconsciente através de uma perspectiva dialética, e, portanto, *contraditória*. Nesses termos, a consciência não é ausência do inconsciente. Sendo necessário, portanto, compreender a gênese destes processos.

Vygotski (2013) nos situa diante de um problema existente na Psicologia. Historicamente, há uma interpretação de que tudo o que é psíquico, é consciente. Essas duas estruturas são tomadas como sinônimos e, portanto, uma estaria sobreposta à outra. Diante de tal argumentação, o que seria o inconsciente? Algo não psíquico? Em termos do autor, tratar essa sobreposição e apresentar a proposta de existência de um psiquismo

inconsciente seria, entre os termos utilizados, uma contradição, algo incoerente, como seria se nos referíssemos a um "quadrado redondo".

Essa concepção contraditória convoca a produção de um novo entendimento na Psicologia. Já que, até então, a Psicologia tradicional oscilava na compreensão entre inconsciente como algo meramente psíquico ou como algo fisiológico, perpetuando a dualidade entre consciente e inconsciente.

Para Vygotski (2013), uma das teorias mais complexas sobre o inconsciente é a da Psicanálise, através de Freud. Todavia, pontua que, mesmo no desenvolvimento de uma teoria que tem como campo de investigação o inconsciente, a dualidade continuaria presente nesta teoria. Afinal, não haveria um encontro entre consciência e inconsciente, exceto pelas temáticas que emergem na consciência e são, cotidianamente, recalcadas para permanecerem em estado inconsciente. O papel da análise, portanto, seria de identificar a origem do que não pode ser explicado – e acessado – através da consciência.

> O problema merece ser estudado, posto que, dentre todas as concepções de inconsciente, a teoria de Freud é uma das mais complexas. Como veremos, para Freud o inconsciente é, por um lado, algo real, que provoca de fato um ato obsessivo, não é simplesmente uma etiqueta ou uma forma de expressão. [...] mas, por outro lado, não explica qual a natureza deste algo inconsciente (VYGOTSKI, 2013, p. 107).

Vygotski (2013) aponta a existência de uma teoria abstrata em Freud, que, embora apresente a materialidade do inconsciente, não consegue explicá-lo. Buscando essa discussão, Santos (2015) recorre à obra *Totem e Tabu* de Freud e apresenta que, para Freud, a base de estruturação do inconsciente seria vinculado à negação de seus desejos sexuais (ambivalência entre atração pela mãe e hostilidade com o pai) e a impossibilidade de manifestação desses desejos de forma consciente e explícita devido ao tabu social existente. Dessa forma, o incesto desejado pelo indivíduo encontra saída através da repressão. Essa repressão levaria este conteúdo ao inconsciente, o que não significa, para Freud, que deixaria de existir, pelo contrário. Para o psicanalista, a impossibilidade de acesso a esse conteúdo se materializa nas relações cotidianas em que o indivíduo perpetua a existência daquilo que não fora elaborado, seja através de sonhos ou sintomas.

Dessa forma, para Vygotski (2013), em sentido distinto ao que se manifesta em Freud, o inconsciente é aquilo que é possível de se tornar consciente. Vejamos nas palavras do autor:

> Gostaríamos de assinalar a diferença entre este ponto de vista e o de Freud. Para este conceito de inconsciente é, como já tínhamos dito, por um lado um procedimento de descrição dos atos e, por outro, algo real, que gera atos diretamente. Aqui está justamente o problema. A última pergunta pode surgir assim: admitimos que o inconsciente é psíquico e goza de todas suas propriedades, ainda que não constitua uma vivência consciente. Mas, os fenômenos psíquicos conscientes podem produzir diretamente ações? Porque, como temos dito anteriormente, em todos os casos a que se atribuem ações aos fenômenos psíquicos, nos referimos a que este tenha sido realizado pelo processo psicofisiológico integral e não tão somente por sua parte psíquica. Por conseguinte, o próprio caráter do inconsciente, que consiste em que influi os processos conscientes e o comportamento, existe que se reconheça como um fenômeno psicofisiológico (VYGOTSKI, 2013, p. 108).

Assim, Vygotski (2013) não nega a existência do inconsciente, mas nega a colocação de dois polos como se fossem processos duais, incompatíveis e dissociados. Prevê, portanto, o inconsciente enquanto parte de um processo integral. Para o autor, o inconsciente é uma estrutura psicológica que se manifesta como fenômeno do comportamento, "[...] já que consideramos todos os fenômenos do comportamento como processos integrais" (VYGOTSKI, 2013, p. 109). Tal integralidade pode ser desdobrada em três princípios:

1) Existem diferentes *graus* de consciência. Alguns indivíduos viveriam mais conscientes e outros menos conscientes. O conteúdo que compõe nossa consciência também está vinculado a determinados limites. Existem coisas que saem, portanto, do nosso campo consciente e isso não torna este conteúdo "menos psíquico" na medida em que se torna menos consciente.

2) Existe uma luta de conteúdos inconscientes tornarem-se conscientes, tendendo, por vezes, a uma repetição inoportuna que marcam a nossa representação sobre as coisas.

3) A vida psíquica é composta por diversos fragmentos, alguns dos quais continuam existindo mesmo quando estão fora de nossa consciência (VYGOTSKI, 2013).

Apesar de não haver uma definição explícita sobre o inconsciente na obra de Marx e Engels, é possível estabelecermos algumas relações com os conceitos forjados na concepção de sociedade e de homem desenvolvida pelos autores. Para os autores, na discussão e debate com a filosofia hegeliana, o idealismo sofre uma crítica em termos de sua concretude. Isto é, para Marx (2010, p. 74) "A aparência contradiz a essência". Isso significaria a possibilidade de existência de uma estrutura aparente, que está imediatamente perceptível, e, portanto, consciente, enquanto coexiste uma essência diferente, inconsciente, que não se apresenta para o indivíduo de forma imediata.

O mesmo processo de não identificação entre aparência-essência se manifesta no entendimento do autor sobre a mercadoria (MARX, 2011), no qual a mercadoria seria a objetivação do trabalho humano que satisfaz necessidades, embora não apareça concretamente na mercadoria a natureza de sua *origem*. Dito de outra forma, na aparência, o homem é apagado do processo e da finalidade da produção. Da mesma forma se estabelece o trabalho. Em qualquer sociedade, o trabalho é a condição essencial para a transformação da natureza e hominização das relações existentes. No capitalismo, o interesse no trabalho passa a ser relevante pela extração da mais-valia que garante o lucro do burguês, ainda que, o sentido essencial do trabalho não deixe de existir, inclusive de forma contraditória ao trabalhador.

> [...] o próprio trabalhador é absolutamente indiferente à determinabilidade de seu trabalho; o trabalho enquanto tal não tem interesse para ele, mas tão somente na medida em que é trabalho em geral e, enquanto tal, valor de uso para o capital. Ser portador do trabalho enquanto tal, do trabalho como valor de uso para o capital, constitui, portanto, seu caráter econômico; é trabalhador por oposição ao capitalista (MARX, 2011, p. 230-231).

Nesses aspectos, o contexto social está permeado de contradições e elementos que não fazem parte, imediatamente, de nossa consciência. Se assim o fosse, provavelmente, poderíamos construir outra forma de relação humana. A produção da existência humana sob determinação do capital é chamada por Engels (2010) como uma condição de assassinato:

> Quando um indivíduo causa a outro um dano físico de tamanha gravidade que lhe causa a morte, chamamos esse ato de homicídio; se o autor sabe, de antemão, que o dano será mortal, sua ação se designa por assassinato. Quando a sociedade põe centenas de proletários numa situação tal que ficam obrigatoriamente expostos à morte prematura, antinatural, morte tão violenta quanto a provocada por uma espada ou um projétil; quando ela priva milhares de indivíduos do necessário à existência, pondo-os numa situação em que lhes é impossível subsistir; quando ela os constrange, pela força da lei, a permanecer nessa situação até que a morte (sua consequência inevitável) sobrevenha; quando ela sabe, e está farta de saber, que os indivíduos haverão de sucumbir nessa situação e, apesar disso, a mantém, então o que ela comete é assassinato. Assassinato idêntico ao perpetrado por um indivíduo, apenas mais dissimulado e pérfido, um assassinato contra o qual ninguém pode defender-se, porque não parece um assassinato: o assassino é todo mundo e ninguém, a morte da vítima parece natural, o crime não se processa por ação, mas por omissão – entretanto não deixa de ser um assassinato (ENGELS, 2010, p. 135-136).

Essas relações da existência humana a que somos alienados compõem, portanto, a uma parte que poderíamos designar de nossa inconsciência. Isto é, como expresso por

Vygotski (2013), um conteúdo que apesar de ser apreendido por nós, não é colocado para uso consciente, embora isso não signifique que, em determinados momentos, o que é inconsciente não possa se tornar consciente.

Para Vygotski (2013), como observado também por Santos (2015), uma das críticas centrais ao método de investigação em Psicologia é a perspectiva de que a ciência psicológica deve ter como objeto a consciência ou o inconsciente, fragmentando os fenômenos psicológicos e, portanto, não sendo possível compreendê-los em sua totalidade. Nesse sentido, qualquer fenômeno estudado na Psicologia apresenta limites, o que se reflete também no estudo da consciência e do inconsciente. Dessa forma, o subitem seguinte busca discutir sobre a crise de método na Psicologia.

3.6.3 A crise teórico-metodológica da Psicologia

"*O significado histórico da crise da psicologia: uma investigação metodológica*[106]" foi um importante obra escrita em 1927 por Vigotski que só foi publicada na primeira versão das Obras Escolhidas em Espanhol[107] (VYGOTSKI, 2013). Nesta obra, Vigotski apresenta de forma consolidada os apontamentos que vinha fazendo desde em seus textos iniciais. Para o autor, a investigação na Psicologia sobre os fenômenos psicológicos estava, de forma geral, fadada a limitações devido ao dualismo de método empregado para análise e interpretação. Organizado em catorze capítulos, Vygotski (2013) tem como ponto de partida de que há algo essencial que foi desconsiderado pelos pensadores em Psicologia, o que chama pela analogia de uma "*pedra angular*" que fora rechaçada pelos construtores.

Nessas circunstâncias, Vygotski (2013) pontua que há uma perspectiva na Psicologia, através do ponto de vista de Pavlov, que estuda os fenômenos psicológicos através da psicologia animal. Desse pressuposto, surgiria a psicologia do comportamento que teria "[...] como ponto de partida da análise objetiva do psíquico e posto que esta ciência seria estritamente uma ciência biológica" (p. 261). Vygotski (2013) analisa essa compreensão e apresenta que estaríamos diante de uma inversão de papeis, conforme

[106] Em russo "*Istorícheskii smysl psijologuícheskogo krízisa*".
[107] Cotejamos a leitura também da edição publicada na Argentina traduzida do russo por Alejandro Ariel González que buscou atribuir citações e recuperar modificações e cortes que o texto sofreu em sua publicação na União Soviética em 1982, sob a seguinte referência: VIGOTSKI, Lev. *El significado histórico de la crises de la psicología*: seguido de la transformación socialista del hombre y el pensamiento. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Ediciones IPS, 2022.

apresentado por Marx e Engels. Nessa perspectiva, a partir de tal referência Vygotski (2013) apresenta o seguinte entendimento:

> Só podemos compreender completamente uma determinada etapa de no processo de desenvolvimento – ou inclusive, o próprio processo – se conhecemos o resultado a qual se dirige esse desenvolvimento, a forma final que adota e a maneira que o faz. Unicamente se trata, por suposto, de transferir em um plano metodológico categorias e conceitos fundamentais do superior ao inferior e não extrapolar sem mais observações e generalizações empíricas (VYGOTSKI, 2013, p. 262).

Em continuação, o autor apresenta que:

> Esse é um dos possíveis caminhos metodológicos e há uma série de ciências em que se está suficientemente justificado. É aplicável à Psicologia? Pavlov, partindo precisamente de um ponto de vista metodológico nega o caminho do homem ao animal. Não se trata de que os fenômenos humanos sejam essencialmente diferentes dos animais, mas que não se pode aplicar aos animais as categorias e conceitos psicológicos humanos. Seria estéril – desde um ponto de vista cognitivo – fazê-lo. Por isso, Pavlov defende o caminho contrário: do animal ao humano, por considerá-lo como um caminho de investigação mais direto e que repete o seguido pela natureza (idem, p. 262).

A análise de Vygotski (2013), conforme já identificado por Duarte e Minini (2022), concebe duas referências, em especial. Uma delas seria a busca pela fundamentação no método inverso de Marx, que aparece, em certa medida, enquanto referência para a discussão sobre a reflexologia na citação anterior. Marx (1988), em *O Capital*, trata da mercadoria a partir de suas determinações enquanto valor de uso, valor de troca e trabalho socialmente necessário, característico no modo de produção capitalista para, posteriormente, retroceder na história, retomando, por exemplo, a Idade Média. O emprego do método inverso é o que inspira Vygotski (2013) a defender a impossibilidade de compreensão do ser humano através do animal pela ausência de determinações que expliquem o homem. Isto é, o homem pode ser princípio explicativo para o animal, mas o animal não pode servir como elemento de digressão para o homem. Vygotski (2013) também se ancora na perspectiva desenvolvida por Engels em *Dialética da Natureza (*DUARTE e MININI, 2022).

Embora a crítica não se reduza à reflexologia, Vygotski (2013) identifica que não há um consenso no objeto de estudo da Psicologia e que se dão respostas distintas aos fenômenos psicológicos observados. Reconhecem-se, naquele momento, três grandes sistemas psicológicos: a *psicologia subjetiva*, o *behaviorismo* e a *psicanálise*, dos quais a definição do objeto da ciência seria: o psíquico e suas propriedades, o comportamento e

o inconsciente, respectivamente. Desse modo, não existiria na Psicologia uma *Psicologia Geral*, mas três "ciências", com ramos heterogêneos de saber.

> A tendência a generalizar e integrar os conhecimentos se transforma assim em uma tendência e explicá-los e o caráter de integração do conceito generalizador o transforma em princípio explicativo, porque explicar significa estabelecer uma conexão entre vários atos ou vários grupos de atos; explicar é referenciar uma série de fenômenos a outra; explicar significa para a ciência definir termos de causas. Enquanto a integração tem lugar no seio de uma disciplina, a explicação levará a cabo mediante a conexão causal de fenômenos que estão dentro de um mesmo domínio. Mas, enquanto elevamos nossas generalizações por cima de disciplinas particulares, unificamos atos de diferentes domínios, isto é, estabelecemos generalizações de segundo grau. Devemos buscar de imediato uma explicação de grau superior, quer dizer, a conexão de todos os âmbitos do conhecimento em questão com atos que estão fora deles. Desta maneira, quando buscamos um princípio explicativo nós saímos dos limites da ciência particular e nos vemos obrigados a situar esses fenômenos em um contexto mais amplo (VYGOTSKI, 2013, p. 268).

A discussão sobre a crise da Psicologia, para Vygotski (2013), em seu texto *Psicologia geral e experimental*[108], não se inicia propriamente na Psicologia, mas está, sobretudo, na *herança* da Psicologia a determinadas raízes filosóficas, como a metafísica e o idealismo, que impossibilitaria "[...] um terreno favorável e cômodo para a criação de um sistema único da psicologia como uma das ciências naturais" (VYGOTSKI, 2013, p. 29).

Nesses termos, Vygotski (2013) apresenta que qualquer descoberta de qualquer domínio explicativo dos fenômenos psicológicos exigem a Psicologia a sair dos limites que impõe e buscar domínios mais amplos de conhecimento. Para tal, é fundamental estabelecer-se uma metodologia de investigação científica que tenha uma base histórica, baseado em três elementos: (1) como produto sociocultural de uma época; (2) a partir das leis e condições gerais do conhecimento científico e; (3) com as exigências que o conhecimento científico a partir de seus fenômenos estuda.

Assim, o autor nos conduz a uma reflexão acerca da constituição de uma proposta metodológica que adote como critério de investigação científica uma base diferente das propostas psicológicas existentes até o momento. Vygotski (2013), então, incorpora o que denomina de processo de desenvolvimento dos conceitos e ideias, apresentando os princípios de que o conhecimento não seria estático e a apreensão do real, ou seja, desta compreensão que existe uma realidade que precisa ser aprendida e explicada através do

[108] Esse texto de Vigotski foi escrito como prólogo da terceira edição do livro de Alexander Fedorovich Lazursky (1874-1917), médico e psicólogo russo.

conhecimento científico deve ser aprendida a partir de uma maior atenção no *movimento* ao mesmo tempo em que estabelece critérios para este desenvolvimento.

Diante disso, metodologicamente, como ponto de partida deve-se olhar para a realidade e identificar as ideias e conceitos sistematizados, que constituem os processos explicativos dos fenômenos e, a partir de tais relações históricas, observar o que está dado e analisar a partir do contexto social que se encontra e que se aparecem condições de desenvolvimento naquele dado momento. Ou seja, ter como referência aquilo que seria a tese, e questionar-se se, de fato, se esta elaboração posta explica os fenômenos sistematizados. O segundo passo seria analisar criticamente o quanto esta ideia explica o fenômeno observado e nos permite elaborar o processo de *generalidade*. De mesmo modo, neste processo torna-se válido que modifiquemos ideias e conceitos, tendo isto como referência na realidade concreta (VYGOTSKI, 2013).

O terceiro momento embasa-se na compreensão de que ideia que fora formulada e/ou sistematizada consiga integrar de forma clara e específica os princípios explicativos da Psicologia. Por último, deve-se ter como referência de que a discussão dos conceitos se aponta para a articulação da Psicologia com outras áreas do conhecimento, incorporando fundamentos que darão sentido e significado para este conceito desenvolvido. Há o que se chama, assim, de *complexificação* (VYGOTSKI, 2013).

Vygotski (2013) nos aponta que as ideias surgem através de determinada necessidade científica e também pela forma que se manifesta em alguma etapa do conhecimento, ou seja, "[...] pela natureza da ciência e, em últimos termos, pela natureza da realidade psíquica que estuda essa ciência" (VYGOTSKI, 2013, p. 273). Desse modo, a história da ciência teria a capacidade de explicar qual a necessidade destas novas ideias dentro dos estágios do desenvolvimento, interligando fatores externos à história da ciência.

Além disso, o autor também nos aponta que o conhecimento científico é o conhecimento da natureza e da atividade do homem social, ou seja, o conhecimento científico seria pautado em um processo que se institui entre *homem-natureza*.

> [...] os fenômenos psíquicos, enquanto fenômenos naturais (ou seja, não modificados), não podem explicar o desenvolvimento, o movimento, as mudanças na história da ciência. Esta é uma verdade evidente (VYGOTSKI, 2013, p. 273).

Analisando o conhecimento científico produzido na Psicologia, Vygotski (2013) nos apresenta quatro conjunto de ideias existentes que, apesar de produzir conhecimento sobre a vida psíquica, o faz com determinados limites e, de certa forma, não avança no que já está acontecido, sobretudo a partir de um problema metodológico.

Quadro 5 – Ideias existentes no campo da Psicologia discutido por Vigotski

PSICANÁLISE	Nasceu a partir das descobertas sobre o campo da neurose. De forma geral, compreende que diversos fenômenos psíquicos estão determinados pelo inconsciente e pela sexualidade que se oculta na atividade humana. A psicanálise se constitui de uma própria teoria do conhecimento e de uma própria metafísica.
REFLEXOLOGIA	Surge a partir do estudo da salivação de cachorros. Mas, devido aos desdobramentos de seus achados sobre o reflexo incondicionado, estendeu-se também a outros fenômenos e conquistou um destaque na discussão sobre a psicologia animal. De acordo com esta teoria, todo sonho, pensamento, trabalho ou criação seria um reflexo.
GESTALT	Surge de pesquisas psicológicas concretas sobre os processos de percepção da forma. Provavelmente, por ter nascido na mesma época que a psicanálise e a reflexologia, realiza um caminho bastante semelhante, buscando aplicar os princípios também aos animais e desenvolveu estudos sobre a psicopatologia infantil. Converte-se em uma forma lógica de interpretação da realidade e busca explicar o mundo através da Gestalt.
PERSONALISMO	Surge a partir de pesquisas da psicologia diferencial. Buscando explicar o princípio da personalidade, expandiu-se primeiro ao longo da Psicologia e depois ultrapassou esta ciência. Enfocou estudos

	atitudinais a partir do conceito de individualidade, incluindo não somente os homens, mas também animais e plantas.

Fonte: Elaboração própria.

Essas quatro escolas, embora com as devidas diferenças, é o que Vygotski (2013, p. 276) denomina de "[...] quatro gotas da mesma chuva", que desenvolvem as suas ideias por um mesmo caminho. Essas quatro escolas receberam, ao longo dos anos e de diferentes, diversas críticas, no quais Vygotski destaca algumas. Em relação à Psicanálise, compreende-se que o princípio da sexualidade inconsciente é capaz de explicar as neuroses histéricas, mas não lança luz alguma sobre a estrutura do mundo nem sobre o desenvolvimento da história. A Reflexologia comete o erro lógico de atribuir e simplificar todos os processos aos reflexos, enquanto não seria possível compreender a totalidade dos fenômenos sob esta perspectiva. A Gestalt, apesar de trazer um conjunto de conhecimentos valorosos ao campo, compreende-se a existência de uma essência comum de qualquer processo, seja este orgânico, físico ou mesmo do pensamento humano. O personalismo recairia sobre esse mesmo aspecto, a busca de um denominador comum.

O caminho e lugar comum a que essas teorias buscaram fora o de estabelecer uma lei universal, através da construção de *axiomas*. A busca pela constância percorre diversos conceitos e evidencia que esse caminho está predeterminado pela necessidade objetiva de um princípio explicativo. Assim, a psicologia percebe que seria uma questão fundamental encontrar um princípio explicativo geral e, nesse processo, Vygotski (2013) identifica que essa vinculação conceitual às vezes aponta para uma aproximação falsa.

Nesse entendimento, a definição de princípios gerais para a Psicologia permitiria que essa se estabelecesse no âmbito enquanto uma ciência geral. Do ponto de vista conceitual, "[...] para interpretar a totalidade do saber como uma categoria particular que existe entre toda uma série de categorias, isto é, nos leva aos últimos e mais gerais princípios, que são essencialmente princípios filosóficos" (VYGOTSKI, 2013, p. 277). Assim, uma investigação geral deve abarcar um conteúdo mais abstrato. Essa definição de ciência nos auxilia a compreender a perspectiva do autor, vejamos:

> A qualquer ciência chega antes ou depois o momento em que deve ter consciência de si mesma como um conjunto, compreender seus métodos e transferir a atenção a certos atos e fenômenos aos conceitos que utiliza. Mas desde este momento, a ciência geral passa a distinguir-se do particular, não

> porque tenha um âmbito mais amplo, maior conteúdo, mas porque está organizada qualitativamente de outra forma (VYGOTSKI, 2013, p. 277-278).

Neste sentido, Vygotski (2013) elabora duas teses:

1) Qualquer conceito científico, por maior que seja seu grau de abstração em caráter empírico, concentra sempre um sedimento, isto é, um grau de realidade. Por mais fictício que seja, há uma relação com os processos reais existentes. Em menção à Engels e Marx, Vygotski (2013) retrata uma passagem que discute, a exemplo, a matemática, que, em sua máxima possibilidade de abstração, também encontra uma expressão na realidade. Essa reflexão se distancia de uma ideia equivocada de que as criações matemáticas, como qualquer produto da humanidade, são puramente ideais, imateriais.

2) A segunda, enquanto tese contrária, estabelece que qualquer ato científico-natural, por mais simplista e isolado, ainda assim concentra um processo de abstração primária. Nas palavras do autor:

> Quando nos esbarramos em algo com que denominamos de vaca e dissemos "isto é uma vaca", o ato de perceber une-se ao de pensar, incluindo a mencionada percepção de um conceito geral. Uma criança, ao nomear pela primeira vez as coisas, realiza autênticas descobertas. O que se vê não é, em realidade, uma vaca. As vacas não são vistas. O que se vê é algo grande, preto, que se move, muge etc., e se compreende que é uma vaca. [...] A palavra é germe da ciência e, neste sentido, cabe dizer que no começo da ciência estava a palavra (VYGOTSKI, 2013, p. 281).

Vygotski (2013) está defendendo, em diálogo com fundamentos marxistas, de que a ciência, enquanto atividade, não é outra coisa senão do que produto do pensamento humano, pensamento este que se estrutura também em virtude da prática social, ou seja, da materialidade. Em suma, a realidade é cognoscível e a verdade se modifica mediante as abstrações e sistematizações que são feitas ao longo do tempo, embora pontue que os fenômenos existem apartados do conhecimento que temos sobre eles. Isto é, a interpretação da realidade através de conceitos e método é uma atividade humana, que exige um processo de abstração que é, ao mesmo tempo, *material-ideal*.

O entendimento que Vygotski (2013) incorpora para a ciência visa estruturá-la sob uma base de interpretação ainda não sistematizada na Psicologia, o que levou ao autor se deparar com questões em relação ao geral e particular na ciência, bem como sobre conceitos e fatos.

> [...] em relação ao seu objeto de análise, a diferença entre as ciências gerais e as empíricas é puramente quantitativo e não conceitual: se trata de diferentes

> graus e não de diferentes naturezas de um fenômeno. As ciências gerais não se ocupam de objetos reais, mas de abstrações; não estudam as plantas e os animais, mas a vida: seu objetivo são os conceitos científicos. Mas a vida é também parte da realidade e estes conceitos têm protótipos na realidade. As ciências particulares têm como objetos fatos reais com existência efetiva: não estudam a vida em geral, mas classes e grupos reais de plantas e animais (VYGOTSKI, 2013, p. 282).

Nesses termos, em perspectiva de ciência, é fundamental o lugar dos conceitos. Para Vygotski (2013) a ciência não é algo estática em razão do movimento que os conceitos realizam ao longo da história. Isto é, os conceitos visam explicar de forma mais detalhada e fidedigna os fenômenos existentes. Todavia, os conceitos "[...] como todos os instrumentos de trabalho, se desgastam com o uso, se deterioram, necessitam ser revisados e, com frequência, substituídos" (VYGOTSKI, 2013, p. 283). Nesse movimento de análise, abstração e síntese, novos conceitos são incorporados, sistematizados e recolocados, o que gera novos conhecimentos sobre os próprios conceitos e sobre os fenômenos existentes.

O autor concluir que "Finalmente, qualquer descobrimento na ciência, qualquer passo adiante na ciência empírica é sempre, ao mesmo tempo, um ato de crítica do conceito" (VYGOTSKI, 2013, p. 284). Para a fundamentação dessa discussão, Vigotski incorpora o entendimento que tem sobre método em Spinoza par apontar uma direção na discussão entre ciência geral e ciência particular. Aponta que:

> Por isso, a relação entre ciência geral e ciência particular é a mesma que existe entre a teoria desta ciência particular e uma série se leis particulares suas. Quer dizer, trata-se de uma diferença em função do grau de generalização dos fenômenos a estudar. A ciência geral surge da necessidade de continuar o trabalho das ciências particulares de onde essas terminaram. A relação entre a ciência geral e as teorias, leis, hipóteses e método das ciências particulares é a mesma que existe entre estas e os fatos da realidade que estudam (VYGOTSKI, 2013, p. 288).

A ciência de acordo com Vygotski (2013) apresenta uma estrutura lógica que possui um papel histórico. Desse modo, "Este novo enfoque nos leva a que a realidade determina nossa experiência, que a realidade determina o objeto da ciência e seu método" (idem, p. 289). Para sustentar essa perspectiva, o autor dialoga com uma passagem de Engels, de que a ciência seria um reflexo da metodologia da realidade. A subjetividade, nesse aspecto, não é ignorada.

> Podemos dar um passo a mais e dizer que as preposições subjetivas de que parte o processo de conhecimento se manifesta sempre em nosso modo de

> expressar as leis da natureza e de relacionar diferentes conceitos. Hão de se levar em conta, mas sempre como reflexo da dialética objetiva (VYGOTSKI, 2013, p. 290).

Nesse sentido, embora a ciência seja uma construção determinada na e pela realidade, estão presentes elementos singulares na interpretação dos conceitos e na própria aplicação dos instrumentos científicos. A ciência geral deve, de modo geral, fundamentar discussões particulares, ser parte da ciência particular enquanto referência.

Trazendo a discussão para Psicologia, o autor considera a importância de reflexões provisórias, ainda que não se tenha uma clareza total do problema que está enfrentando. Para Vigotski seria uma analogia do enfrentamento à crise na Psicologia. Vygotski (2013) aponta o caráter provisório também de sua análise, já que essa investigação continua em andamento. Vemos tal elemento de forma concreta em outros textos do autor (VYGOTSKI, 2012a, 2012b) em que há, enquanto organização metodológica, a recuperação da discussão sobre determinada temática. Isto é, Vygotski (2013) recupera o que fora produzido e seus textos originam perguntas, reflexões e, em certa medida, proposições são alocadas nesse caráter dialógico entre Vigotski e as teorias de sua época.

Ao Vygotski (2013) *olhar* para a Psicologia, considera que existem dois movimentos. Há um primeiro grupo que incorpora o que o autor denomina de *intenção eclética*. Esses visam conjugar elementos heterogêneos de diversas naturezas e origens científicas. Carecem, portanto, de um fundamento epistemológico sistemático e rigoroso. São os exemplos desse movimento as aproximações à Psicanálise freudiana que se distanciam de Freud, relação entre psicanálise e marxismo[109] e Freud e a reflexologia. Nas palavras do autor: "Geralmente, o que resulta é um conglomerado de teorias científicas e fatos embutidos com arbitrariedade dentro dos limites das ideias que os une" (VYGOTSKI, 2013, p. 294). O segundo movimento existente é o de associação de ideias próximas de forma semelhante, na tentativa de sobrepor conceitos e, se coincidirem, são unidos através de um sistema. Assim, são identificados pontos em comum e divergências. Os elementos comuns são unidos, enquanto as divergências são desconsideradas. O que Vygotski (2013) critica nesse movimento é que, por vezes, nessa aproximação por semelhança, são desconsiderados conceitos e categorias estruturantes de uma

[109] Há esforços teóricos de articulação entre marxismo e a psicanálise. Pela limitação existente na presente tese, nos limitaremos à reprodução das palavras de Vygotski (2013, p. 302): "Não quero dizer de nenhuma maneira que a psicanálise inteira se contradiz ao marxismo. Não é este o problema que aqui me preocupa. O que me preocupa é destacar como se devem unir dois sistemas de ideias (metodologicamente) e como não se devem unir (sem espírito crítico)".

determinada teoria e, nas palavras do autor: “Cabe aceitar um sistema sem seu centro?” (VYGOTSKI, 2013, 297).

Este movimento analisado por Vygotski (2013) recebe um tratamento mais alongado. Para o autor, um dos problemas epistemológicos da Psicologia está vinculado a essa sobreposição conceitual que apaga os princípios metodológicos das diversas teorias psicológicas. Cita-se o exemplo de aproximação do marxismo às ideias de Freud e Pavlov. Para Vygotski (2013) a incorporação do marxismo de forma mecânica à Psicologia transforma, simultaneamente, o marxismo e a teoria psicológica, em sua essência, naquilo que não são. Tomando como exemplo a incorporação do marxismo na teoria freudiana, Vygotski (2013, p. 299) sinaliza:

> [...] em seus trabalhos práticos, a psicanálise mostra suas tendências profundamente estáticas e não dinâmicas, conservadoras, antidialéticas e antihistóricas. Reduz os processos psíquicos superiores – individuais e coletivos – diretamente a raízes que evoluíram pouco, primitivas e, em essência, pré-históricas e pré-humanas, sem deixar espaço para a história.

Em nossa perspectiva, para Vygotski (2013), o problema não está na psicanálise *em si*, mas no uso que é feito da teoria, vinculando-a outras perspectivas que apresentam uma oposição de ideias. Em outras palavras, a vinculação de duas teorias transforma uma proposta psicológica naquilo que ela não é, tampouco se propõe. Estamos diante, portanto, não somente de uma crítica epistemológica, mas também enquanto princípio, uma crítica ontológica, que se relaciona diretamente à concepção de homem. Como exemplo, retomemos a crítica que Vygotski (2013) faz à psicanálise.

> [...] é muito mais difícil avaliar com acerto e descobrir a verdadeira natureza das metodologias inconscientes, que se formam espontaneamente, contraditoriamente, sob as mais diversas influências, às quais pertencem precisamente a psicanálise. Por isso, exige-se uma análise metodológica particularmente escrupulosa e crítica, e não a ingênua superposição de traços de dois sistemas distintos (p. 301).

Vê-se a crítica do autor (1) em relação à concepção de inconsciente, que, para Vygotski (2013) há uma visão organicista de formação de uma estrutura *a priori*, contrário as ideias que defende sobre a estruturação consciente-inconsciente; (2) uma crítica em relação a junção de dois sistemas que são distintos e, portanto, uma aproximação não é capaz de captar a essência da proposta psicológica, tornando-se inóspito. Essas duas críticas, embora apresentem ordens de naturezas distintas, aproximam um o autor da sua potente crítica para a Psicologia: há uma crise

epistemológica, mas, também, uma crise ontológica. Por isso, a Psicologia não consegue dar respostas e operar enquanto ciência psicológica. Em um sentido porque não concebe o homem em sua integralidade e recai em dualismos insolúveis e, nessa mesma direção, porque não possui o método e os instrumentos para acessar os fenômenos de origem psicológica.

> [...] carecemos do fundamental: da compreensão de seu fundamento metodológico, que é o único que pode levar a valorização correta do conhecimento que respeita seu caráter demonstrável e indubitável [...]. E, segundo esta regra, duvidar de tudo, não crer em nada pela sua face aparente, exigir a toda tese seus fundamentos e suas fontes de conhecimento (VYGOTSKI, 2013, p. 301).

Para o autor, a Psicologia buscou, para superar as suas contradições internas, a fusão de sistemas distintos, almejando uma proposta científica que fosse homogênea. Dessa forma, há um problema de método e de princípio. Isso não significa, por exemplo, que os estudos realizados por Freud não devem ser tomados como referência. Pelo contrário. Em diferentes passagens da obra de Vigotski, vemos um diálogo bastante franco com a psicanálise freudiana e, no presente texto, visualizamos também a relevância que Vigotski concede aos estudos da psicanálise. Um exemplo disso é a menção do autor ao livro "*Além do princípio de prazer*" (FREUD, 1920/2020). Nesse livro, Freud ensaia e propõe uma alteração na sua teoria pulsional e apresenta, de forma densa, o conceito de pulsão de morte. Vygotski (2013) relata que, ao elaborar um prefácio para a tradução deste livro, questiona a concepção de morte de Freud e a coloca sob análise, o que, para autor, é o caminho para a ciência.

> Creio que a ciência também tem necessidade de semelhantes livros: livros que não descubram verdades, mas que ensinem a buscar a verdade, ainda que não a tenham encontrado. Ali dizia claramente que a importância do livro não depende da comprovação de sua autenticidade: em essência, levanta a questão corretamente (VYGOTSKI, 2013, p. 303).

Analisando de forma mais aprofundada as teorias psicológicas existentes, Vygotski (2013) identifica um diálogo amplo da psicanálise e da reflexologia, em especial, com outras ciências. Nessa concepção, para Vigotski, a aproximação e o estudo dos fundamentos de uma ciência geral podem favorecer e permitir o desenvolvimento da ciência particular a partir do processo de relação e apropriação de conceitos de outras áreas do conhecimento. Nesse sentido, a Psicologia pode *tomar* conceitos de outras

ciências e, assim, diminuir a possibilidade de cometer erros na compreensão desenvolvida (VYGOTSKI, 2013).

Para esse processo de construção teórica é fundamental que haja um *tratamento* do que fora analisado por outras áreas da ciência. Nas palavras de Vygotski (2013, p. 308): "[...] como a importação procede, deste caso de outras ciências, o material resulta mais estranho, mais heterogêneo, desde o ponto de vista metodológico e as condições de sua assimilação se tornam mais difíceis".

Em relação aos estudos desenvolvidos por diferentes áreas da Psicologia, Vygotski (2013) apresenta um desacordo ao entendimento de que a Psicologia só pode estudar aquilo que está contido na experiência. De acordo com o autor bielorrusso, os estudos podem analisar também em vestígios do passado, interpretação e reconstrução daquilo de que não se tem acesso via experiência sensível. Vigotski faz, portanto, uma crítica à perspectiva empírica, tendo como princípio de que a experiência direta não é o único método de compreensão científica.

A crítica de Vygotski (2013) ao empirismo tem uma íntima relação com a compreensão do autor sobre a consciência. Um dos princípios a que o autor recorre para compreender a formação da consciência está na superação da ideia de que a consciência se forma somente por aquilo que o indivíduo viveu por si mesmo.

A discussão sobre a experiência leva Vygotski (2013) a compreender um ponto de aproximação entre as duas bases epistemológicas que sustentam a Psicologia. Observando e analisando os estudos experimentais, objetivistas e aos estudos subjetivistas, vê-se um critério em comum elegido pelos autores. Para essas teorias, há uma particular aproximação a ideia de introspecção. Grosso modo, essas teorias limitam-se à experiência do indivíduo e, portanto, a partir da sua experiência seria possível explicar e captar todos os dados do real.

Na discussão sobre a crise na Psicologia, o que se evidencia entre as bases epistemológicas são aproximações e limitações no caráter explicativo da natureza da ciência psicológica. Isto é, embora existam divergências, as teorias seguem uma mesma linha de análise, o que seriam as gotas da mesma chuva a que o autor se refere. Diante da dissolução da crise na Psicologia, Vygotski (2013) incorpora uma metáfora de Spinoza em relação a um enfermo e estabelece uma relação entre as teorias psicológicas e os caminhos para a saída da crise:

> A partir da análise do inconsciente, estudamos o começo, a natureza, a ação e o procedimento da difusão da infecção, a penetração a partir dos fatos de uma ideia, a conquista do organismo e a alteração das funções deste. Ao passar logo a análise da biogênese temos podido estudar a reação do organismo, a luta contra a infecção, a tendência dinâmica a absorver, a expulsar, a neutralizar e assimilar o corpo estranho e regenerar-se, mobilizando forças contra o contágio: falando em termos médicos, a produzir anticorpos e produzir imunidade. Chega a última e terceira etapa: separar os fenômenos da doença e as reações: o são e o enformo, os processos de infecção e de recuperação. Abordaremos este, como na análise da terminologia científica, na terceira e última digressão, para passar daqui diretamente a formular um diagnóstico e um prognóstico de nosso doente: a natureza, o sentido e a saída da crise que está se desenvolvendo (VYGOTSKI, 2013, p. 323).

Para nortear o leitor na profundidade da crise na Psicologia, Vygotski (2013) apresenta como as teorias psicológicas compreendem a questão da linguagem psicológica, as opções de nomenclaturas e terminologias utilizadas. Outras áreas, como a Física e a Química, teriam uma linguagem mais bem desenvolvida, o que, para a Psicologia, notava-se essa ausência devido a "[...] influência da tradição, da crítica, da criatividade terminológica utilizadas pela própria sociedade e congressos científicos" (VYGOTSKI, 2013, p. 324). Para o autor, a linguagem científica, por exemplo, é capaz de expressar o nível de desenvolvimento de uma determinada ciência, à medida que manifesta o conjunto de operações que conseguiu desenvolver ao longo de determinado período. A Psicologia seria uma ciência que ainda não desenvolveu *sua linguagem*, como uma forma de explicitar uma confusão e uma crise também interna. Vygotski (2013) identifica três grupos organizados na Psicologia:

1) Adoção de termos e palavras vagas que advém do cotidiano e são pensadas através da atividade prática.
2) A existência de termos e palavras filosóficas que perderam o seu vínculo com o fundamento que expressa, tornando-se distanciada de seu significado original.
3) Os vocábulos que são incorporados das ciências naturais que são empregadas também enquanto uma forma de "enganação" da relação com determinado conceito, já que encobre o seu sentido científico. Por exemplo, quando um psicólogo se refere à energia ou à excitação.

   Assim:

> Seria errôneo pensar que os psicólogos não se deram conta da miscelânea, da inexatidão e do caráter mitológico de sua linguagem. Não encontramos quase nenhum autor que não tenha se detido a uma ou outra forma no problema da terminologia (VYGOTSKI, 2013, p. 325).

Nesse panorama, a linguagem pode expressar inclusive os limites de uma determinada ciência a partir daquilo que não está formalizado. Ou seja, a confusão que se expressa na linguagem da Psicologia nada mais é do que a confusão da própria Psicologia (VYGOTSKI, 2013).

Essa confusão pode se manifestar pela compreensão, por um lado, reducionista da linguagem, à medida que não vê a diferença entre o uso de determinadas terminologias, tomando-a enquanto sinônimos. Da mesma forma em que a linguagem pode manifestar um ecletismo, quando se misturam diferentes escolas filosóficas a partir dos termos empregados. Dessa forma: "[...] a palavra, ao nomear um fato, proporciona ao mesmo tempo a filosofia do fato, sua teoria, seu sistema" (VYGOTSKI, 2013, p. 326).

Como forma de exemplificação, os autores que têm consciência da significação que está por trás da escolha de determinado termo/palavra, são divididos por Vygotski (2013) em dois grupos: ecléticos puros e os ecléticos. Vejamos a organização através da tabela abaixo:

Tabela 7– Síntese organizativa de Vygotski (2013)

ECLÉTICOS PUROS	Misturam os velhos e os novos vocábulos e fazem disso uma "lei eterna".	Exemplo: *Koffka*;
ECLÉTICOS	Apresentam que a junção de vocábulos se dá por necessidade e procuram a síntese de um idioma único e singular.	Exemplo: *Thorndike*;

Fonte: Elaboração própria.

Para Vygotski (2013) o grupo em que não se vê presente uma preocupação com a linguagem, que utilizam termos cotidianos sem o devido tratamento científico, indeterminados e confusos, reduzem a Psicologia sem compreendê-la em sua fundamentação e clareza filosófica. Esse elemento expressa que são teóricos que não compreendem, com precisão, o seu objeto de estudo. Já aqueles que apresentam uma preocupação, os ecléticos (puros e não puros) fazem o uso de duas linguagens de forma concomitante. De forma geral, Vygotski (2013) identifica uma falta de unidade na ciência, que, para o autor, é entendida enquanto um processo de relação entre os aspectos metodológicos que compõem uma linha teórica.

Embora possa parecer uma vaidade desnecessária, identifica-se que Vygotski (2013) almeja um rigor científico à Psicologia, como podemos ver nas palavras do autor:

“Chamar as coisas de uma ou outra forma não é, pois, algo indiferente. O pedantismo está justificado quando está respaldado pela investigação ou a filosofia, porque é consciente de que um erro nas palavras implica um erro na compreensão” (p. 329).

Essa preocupação de Vygotski (2013) é, também, um princípio teórico. Isto é, a linguagem não está apartada do pensamento. A ausência de precisão na definição terminológica expressa, também, uma confusão teórica. A adoção de um termo em detrimento de outro expressa uma perspectiva, um fundamento.

Nas palavras do autor:

> Um investigador na medida em que for somente um técnico, um registrador e um executor, é sempre um filósofo, que durante a investigação e a descrição pensa no fenômeno e sua forma de pensar se reflete nas palavras que utiliza (VIGOTSKI, 2013, p. 331).

Dessa forma, é fundamental que a Psicologia tome para si o compromisso de formular e desenvolver-se cientificamente na adoção de uma terminologia e nomenclatura que supere o pedantismo e esteja em coerência com seu caráter epistemológico e ontológico.

Diante da síntese do autor, notam-se alguns elementos: (a) a Psicologia está reduzida à referências epistemológicas que são insuficientes para tratar e compreender a natureza psicológica; (b) Essas bases epistemológicas, embora apareçam em oposição, apresentam elementos em comum, dentre eles a dificuldade de localizar o seu objeto de estudo; (c) A Psicologia, tal como se estrutura, está restrita a explicação dos processos psicológicos através de dualismos; (d) A fragmentação decorrente desta visão dual não é capaz de desenvolver e ampliar as possibilidades da Psicologia em seu rigor científico. Diante dessas questões, Vygotski (2013) sistematiza alguns problemas a serem investigados, como: qual etapa de desenvolvimento que a Psicologia se encontra? Qual a natureza da crise que está posta? E, nesses termos, qual a possibilidade que a Psicologia pode alcançar? Em uma compreensão dialética, a ciência se desenvolve a partir de um movimento, em um aspecto dinâmico, e, é nessa perspectiva que o significado da crise deve ser interpretado.

A ideia de crise na Psicologia não foi desenvolvida por Vigotski, embora o autor tenha colocado este problema em outro lugar de análise. Ainda assim, o autor apresenta algumas interpretações que pensadores fizeram desta crise.

1) Existem psicólogos que negam a existência da crise da Psicologia. Nessa perspectiva, a crise não é algo de suma importância e que vem de fora da Psicologia, sendo, portanto, desconsiderada. Essa área é criticamente analisada por Vygotski (2013), na medida em que essas teorias não têm uma compreensão específica sobre a fundamentação filosófica que existe na Psicologia.
2) Uma outra área visualiza a crise, mas desdobram um valor subjetivo a esta crise. A própria crise demonstrou o pensamento que fragmenta a Filosofia em dois polos que não dialogam. Para esse campo, portanto, a crise da Psicologia se dá a partir da diferença explicativa dos fenômenos existentes, no qual há *inimigos* e *amigos* de uma vertente ideológica.
3) Há quem considere a crise na Psicologia enquanto uma crise que ocorre em qualquer ciência. Essa conclusão segue uma perspectiva anti-histórica e antimetodológico.
4) Há quem nota a existência da crise, como os estudos de N. N. Langue[110] estudandos por Vigotski. Todavia, Vygotski (2013) aponta que seria mais uma sensibilização do que propriamente uma compreensão.

Vygotski (2013) aponta, em caráter conclusivo, alguns elementos que podem servir como ponto de análise da crise instaurada. Uma primeira hipótese é de que não há uma compreensão homogênea sobre o lugar da Psicologia enquanto ciência, de tal forma que cada teoria desenvolva conceitos próprios e veja a Psicologia de uma forma distinta. Um segundo elemento é de que a crise seria uma condição de desenvolvimento, isto é, produziria benfeitorias para área, ainda que, em seu caráter dialético e contraditório, possibilite o avanço através da destruição de um arcabouço e/ou perspectiva teórica. O terceiro ponto é que para pensar uma reestruturação, é fundamental a delimitação dos alicerces dessa ciência. Por último, é fundamental a criação de uma nova teoria enquanto tarefa coletiva.

Em nossa perspectiva, Vygotski (2013) evidencia que a Psicologia de sua época não fora capaz de superar o dualismo. Há um embate instaurado, do ponto de vista epistemológico e ontológico, encarnado na perspectiva teórica subjetivista e objetivista, embora ambas as proposições dão um tratamento dual a diversos fenômenos psicológicos, como: corpo e mente, consciente e inconsciente, social e biológico. Para Vygotski (2013) a explicação do psiquismo através de dualismos não capta a totalidade do homem, e,

[110] N. N. Langue é referenciado por Vygotski (2013) diversas vezes ao longo de seu texto. Conforme referências, o autor consutou seu livro *Psicologuia*, em russo, publicado em 1914.

portanto, não serviria para explicar a complexidade do indivíduo. Isso porque os processos que são colocados como opostos seriam, na verdade, processos que ocorrem em unidade, associados e de forma integral.

Nesse sentido, para Vygotski (2013), a Psicologia busca referenciar-se nas ciências naturais sem uma distinção sobre as diferenças de natureza entre os objetos das duas ciências. Isto é, em posse do empirismo, analisam-se fenômenos *não-naturais* através das mesmas leis e estrutura de fenômenos naturais. Essa análise leva Vygotski (2013) a considerar de que não há *psicologias*, mas dois campos da Psicologia que estruturam a crise. O que existem são variações entre perspectivas e escolas distintas. A Psicologia Geral não é, portanto, a junção dessas perspectivas, mas a ruptura. Em resumo, Vygotski (2013) chega a duas conclusões: (1) o empirismo na Psicologia surge de premissas idealistas e materialistas; (2) o empirismo se divide em psicologia idealista e materialista.

> Esses fatos mostram, finalmente, como essa luta de duas psicologias, embora não coincida com a de muitas concepções e escolas psicológicas, está por trás delas e as determina; que enganosas são, enfim, as formas exteriores da crise e como é preciso comprovar o verdadeiro significado que se oculta em seu interior (VYGOTSKI, 2013, p. 372).

Esse dualismo na Psicologia produz duas explicações distintas aos mesmos fenômenos, produzindo um largo distanciamento. Vygotski (2013) verifica então a existência de um problema que parte de duas análises distintas: o problema *ontológico* e o problema *epistemológico*.

No último ponto de análise, Vygotski (2013) se questiona se, de fato, conseguiu encontrar e analisar tudo que fora esperado pelo autor. De todo modo, apresenta que mesmo que não tenha conseguido tratar da totalidade, chegou "às margens" (p. 392). O autor bielorrusso retoma análises que realizou em capítulos anteriores buscando fechar a discussão posta. Nesse sentido, retoma o princípio explicativo da dualidade entre as propostas psicológicas existentes. Assim, desdobra duas considerações: 1) o materialismo dialético pode ser o caminho para a essência de toda a ciência psicológica; 2) a nova Psicologia não ignora sua história, apagando tudo o que veio anteriormente, mas, toma para si todo o caminho que a fez chegar até esse momento.

Em relação à primeira proposição, Vygotski (2013) considera que o uso do marxismo não deve ser algo como se fosse previsto em manual, no uso de citações desvinculadas de um panorama integral. Desse modo: "Os *maestros* do marxismo não são

a solução da questão [da crise] e nem se quer uma hipótese de trabalho (porque esta se obtém sob a base da própria ciência), mas um método de construção" (VYGOTSKI, 2013, p. 391).

Sob o segundo ponto, Vygotski (2013, p. 441) elabora tal síntese:

> O nome de nossa ciência tem, portanto, um só herdeiro. Mas será por acaso possível que renuncie a sua herança? Em absoluto. Somos dialéticos e não pensamos, de modo algum, que o caminho de desenvolvimento das ciências ande em linha reta. E se nele há ziguezagues, retrocessos ou mudanças de direção compreendemos seu significado histórico e os consideramos [...] como elos necessários de nossa corrente, etapas inevitáveis de nosso trajeto.

Por fim, Vygotski (2013) aponta alguns caminhos para a superação dessa crise, como, por exemplo, a necessidade de explicitação das correntes, escolas e perspectivas, a separação dos conceitos científicos dos não-científicos com a finalidade de construir uma Psicologia capaz de dar unidade a todos os estudos realizados. Nesse caminho, a ciência deve possibilitar a identificação, interpretação e análise dos fenômenos da realidade e esse processo deve permitir a identificação da essência e não da aparência. Vygotski (2013) propõe, enquanto tarefa coletiva, a construção dessa ciência psicológica, conforme se identifica na citação a seguir:

> Na futura sociedade a Psicologia será, em realidade, a ciência do homem novo. Sem ela, a perspectiva do marxismo e da história da ciência seria incompleta. Mas, porém, essa ciência do homem novo será também Psicologia. Por isso já hoje manteremos suas rédeas em nossas mãos. Não há necessidade de dizer que essa Psicologia se parecerá tão pouco a atual (VYGOTSKI, 2013, p. 406).

Como podemos identificar, a crise na Psicologia, para Vygotski (2013), continha, ao mesmo tempo, o germe de sua superação e, também, uma possibilidade de catapultar a ciência psicológica, almejando o seu amplo desenvolvimento. Identifica-se em termos de fundamento que a crítica de Vigotski dirige-se à visão dualista que se estabelece na Psicologia através das correntes de maior destaque. Nessa perspectiva, do ponto de vista do método, o homem tem sido interpretado de forma fragmentada e, portanto, limitada.

No percurso de desenvolvimento da economia política e das definições do socialismo científico, Engels e Marx atravessam a necessidade de tecer críticas a pensadores que discutem o homem sob prismas diversos. Em relação a perspectiva dualista, a perspectiva marxiana lança luz a uma compreensão universalista e, nessa

direção, visa superar uma visão antagonista. Engels (1999), em determinada passagem, aponta que:

> [...] desde o momento mesmo em que nasceu, a burguesia conduzia em suas entranhas a sua própria antítese, pois os capitalistas não podem existir sem os operários assalariados, e na mesma proporção em que os mestres de ofícios das corporações medievais se convertiam em burgueses modernos, os oficiais e os jornaleiros não agremiados transformavam-se em proletários. E se, em termos gerais, a burguesia podia arrogar-se o direito de representar, em suas lutas com a nobreza, além dos seus interesses, os das diferentes classes trabalhadoras da época, ao lado de todo grande movimento burguês que se desatava, eclodiam movimentos independes daquela classe que era precedente mais ou menos desenvolvido do proletariado moderno (p. 58-59).

Compreende-se que, para Engels (1999), não há como interpretar burguesia apartada da ideia de proletariado porque se fundem elementos em comum que se relacionam a partir do movimento social existente. Não são, portanto, elementos em antítese ou opostos, mas, elementos que existem *em si*. Marx (1985) ao fazer uma crítica a Proudhon identifica também questões de fundo epistemológico e ontológico, problema esse que Vygotski (2013) também se depara. Uma das críticas de Marx (1985) é o deslocamento de conceitos para serem compreendidos de forma estática, sem vinculação às relações sociais historicamente estabelecidas e, portanto, a uma perspectiva de totalidade.

> Os economistas exprimem as relações da produção burguesa, a divisão do trabalho, o crédito, a moeda etc., como categorias fixas, imutáveis, eternas. [...] Os economistas nos explicam como se produz nestas relações dadas, mas não nos explicam como se produzem essas relações, isto é, o movimento histórico que as engendra (MARX, 1985, p. 102).

Para a teoria marxista e o emprego da dialética, tomando como princípio a totalidade, torna-se um caminho para a compreensão dos fenômenos, almejando a superação dos dualismos. Isto é, embora seja possível a interpretação do real através de seus elementos em oposição, essa perspectiva capta uma face da realidade com uma capacidade de abstração diminuída quando comparada a perspectiva universalista de interpretação da realidade.

> Somente no contexto social é o que o subjetivismo e objetivismo, o espiritualismo e o materialismo, a atividade e a passividade, deixam de ser e de existir como contradições. A resolução das contradições teóricas somente é provável por intermédio dos meios práticos, por meio da energia prática do homem. Por isso, a sua resolução não constitui de modo algum apenas um problema de conhecimento, mas é um problema real da vida, que a filosofia

> não conseguiu resolver, justamente porque a considerou só como problema puramente teórico (MARX, 2001, p. 144).

Olhando para a tarefa desenvolvida por Marx (1985, 2001), Vygotski (2013), mesmo vivendo um tempo histórico distinto, se depara com questões semelhantes ao olhar para a Psicologia. O desenvolvimento da crise na Psicologia é a demonstração dos limites da elaboração científica quando o aporte teórico é permeado por contradições, explicações dualistas e fragmentadas do indivíduo. Vigotski identifica que, na Psicologia, não haveria sustentação enquanto uma ciência, mas que a estruturação a partir das abordagens, coloca a Psicologia enquanto um desdobramento, sem ampliar e sintetizar um arcabouço teórico-prático de conhecimentos mais profundos de suas referências e de seu objeto de forma unificada.

No subitem subsequente apresentamos uma síntese preliminar da leitura dos textos de Vigotski tendo como referência a teoria marxiana de concepção de homem.

3.6.4 Síntese do item Problemas teóricos e metodológicos da Psicologia

O Tomo I das *Obras Escogidas* de Vigotski encontram-se textos de destaque na investigação do autor que é realizada no Brasil. Na primeira parte, encontramos os textos sobre a consciência que, de forma geral, são referenciados na maioria das dissertações, teses e artigos que discutem essa questão. Estaríamos, portanto, diante da defesa e sistematização do que Vigotski compreende por consciência? A nossa ver, essa resposta apresenta uma dupla possibilidade: *sim* e *não*. Em certa medida sim porque Vigotski vislumbra a necessidade de contribuir com um problema identificado na Psicologia: a questão da consciência. Identifica que na gênese da discussão por diversas matrizes teóricas não há um consenso no tratamento desta categoria, a ponto de que ela *desapareça* enquanto investigação científica de algumas propostas psicológicas ou receba um tratamento secundário, sobre determinado por outras instâncias psicológicas.

Vemos, portanto, o movimento de Vigotski recolocá-la em um lugar de destaque, apontando a necessidade de que a Psicologia retome a centralidade e unidade no tratamento dado a consciência. Esse elemento aparece nos estudos sobre a consciência e também na discussão de método, quando Vygotski (2013) discute a crise da Psicologia.

Como segunda possibilidade, identificamos também a necessidade da leitura de Vigotski a partir do contexto histórico de sua produção. Isto é, Vigotski desenvolve, ao longo dos anos, a Psicologia Histórico-Cultural, o que significa que seus textos e as categorias tratadas passam por um *movimento* de sistematização. Isto é, Vigotski elabora

e reelabora a sua compreensão de consciência ao longo dos anos. Algumas de suas definições podem ser identificadas a um fundamento reflexológico que buscou ser superado pelo autor em outros momentos de sua produção. Nesse sentido, descolar citações de Vigotski, deslocando frases do contexto pode gerar definições rasas sobre a consciência, remetendo a uma visão estática da categoria, não captando a complexidade de definição da consciência própria da condição de movimento e sucessivas aproximações e definições mediante o desenvolvimento de outros conceitos estruturantes.

Assim, a partir da leitura, interpretação e análise dos textos de Vigotski, olhados à luz da teoria marxiana, identificamos os seguintes pontos em relação ao presente eixo:

I) Consideramos que estamos diante de um autor marxista. Ainda que essa afirmação pareça deslocada e, em certo sentido para determinados interlocutores do autor soe uma afirmação desnecessária, consideramos que, a partir da análise dos textos de Vigotski, identificamos uma leitura, compreensão e uso da teoria marxiana enquanto um dos fundamentos da construção de seu arcabouço teórico, embora não seja a única referência teórica de Vigotski. Nas citações formais ao longo dos textos, Vigotski faz menções recorrentes à Marx e Engels, mas também convida outros pensadores para o debate, como o Freud, Pavlov e Spinoza. Mesmo que as citações e menções diretas sejam apenas uma referência, visualizamos que a concepção ontológica e epistemológica de Vigotski está aproximada à perspectiva de Marx e Engels, na mesma medida em que se veem esforços de utilizar o marxismo enquanto conhecimento fundante da Psicologia Histórico-Cultural.

II) Uma clara definição de método e organização estrutural para a exposição das ideias é fundamental para Vigotski. Recorrentemente nos deparamos com o autor recorrendo a literatura de sua época, não somente em forma de revisão do assunto discutido, mas uma preocupação de diálogo com as diversas teorias, buscando, a partir das definições e avanços existentes, um método de investigação para compreender determinado fenômeno. Método não recebe, portanto, um tratamento secundário ou protocolar no texto do autor. Ocupa, portanto, um local de destaque. Esse processo fica ainda mais evidente quando Vigotski estrutura o texto sobre a crise na Psicologia.

III) Para Vigotski, a consciência parece uma categoria que recebe um tratamento questionável pelas teorias de sua época. Tal ponto que o autor menciona, em diversas passagens, o *problema* da consciência. Percebemos que para o autor, a consciência seria uma categoria central, embora seja negligenciada enquanto objeto ou em complexidade pelas principais perspectivas teóricas existentes. Ao longo de sua produção, faz diversas

definições de consciência. Consideramos que o mais adequado seria captar as definições e o quanto uma definição subsequente complexifica a ideia de consciência. Por exemplo, na definição Vygotski (2010, p. 10-11) diz que: [...] a consciência não é um reflexo, [...] mas é um mecanismo de transmissão entre sistemas de reflexos" e, em outro texto, aponta que "[...] a consciência é a vivências das vivências" (VYGOTSKI, 2010, p. 50). Enquanto síntese, aponta que o mecanismo da consciência consistiria em que "[...] a reação secundária pode reforçar ou interromper a primitiva" (VYGOTSKI, 2010, p. 51). Vê-se, portanto, que ao longo dos textos, Vygotski (2010) articula uma compreensão sobre a consciência que se modifica e se amplia.

A nosso ver, para compreender a categoria consciência na obra de Vigotski é relevante incorporar o princípio de movimento, isto é, identificar como essa categoria se requalifica e se transforma. Ou seja, em nossa visão, embora exista a afirmativa do autor de que a consciência seria *uma transmissão entre sistemas reflexos*, o tratamento que essa categoria recebe se complexifica, a ponto de não ser possível explicá-la pelo viés do reflexo. Nesse mesmo sentido, a consciência também se articula com outros conceitos, como o de emoções, desenvolvimento, funções psicológicas superiores e outros, necessitando a definição das demais categorias para compreensão da consciência.

IV) A questão da consciência não aparece somente nos textos específicos que tratam dela. Não raro, diversas exemplificações ao longo de sua obra, o autor recorre ao entendimento sobre a consciência para tecer determinadas ideias. Identificamos que ao discutir a crise na Psicologia, o autor cita exemplos de como outras propostas veem e interpretam a consciência. Aliás, vê-se Vigotski dialogando com as grandes teorias psicológicas de seu tempo, como a psicanálise, a reflexologia, a Gestalt, a Psicologia Experimental e outras. Em seus escritos, o autor parece confortável em expor suas impressões e análises. Essas críticas, em muitos aspectos, continuam sendo referência e são desenvolvidas para outros pensadores posteriores à Vigotski. De todo modo, reforça-se a defesa da presente tese de que a categoria consciência seria central na obra do autor.

V) Em relação à concepção de homem, a categoria consciência parece ser a superação do tratamento dualista dirigido ao homem. A teoria marxista fornece uma explicação universalista. A concepção de homem na teoria de Marx e Engels é, portanto, um sujeito *indivisível*, que se constitui na condição de apropriação e objetivação de si na realidade. Tomemos como exemplo a mercadoria. Para a análise de alguns pensadores é possível separar a mercadoria do homem. Já a perspectiva marxiana, a substância comum

existente na mercadoria é o trabalho objetivado em sua constituição. Há, portanto, uma compreensão comum entre matéria e ideia, sujeito e objeto. Assim:

> Como deve existir como trabalho no tempo, vivo, só pode existir como sujeito vivo, no qual existe como capacidade, como possibilidades; logo como trabalhador. Por isso, o único valor de uso que pode constituir uma antítese ao capital é o trabalho (MARX, 2011, p. 212).

Vigotski se depara com explicações psicológicas que segmentam o indivíduo e colocam determinadas funções em oposição. Como vimos neste eixo, separa-se consciência e inconsciente, bem como se estruturam outros dualismos: corpo-mente[111] e biológico-social[112]. Desse modo, a categoria consciência parece ser a chave de superação dos dualismos psicológicos.

VI) Vigotski busca uma articulação orgânica com o marxismo, elaborando críticas para determinadas sistematizações psicológicas que utilizam a teoria de Marx e Engels apenas como um conjunto de citações deslocadas, sem uma incorporação epistemológica e ontológica. Recorrer a teoria marxiana, para Vigotski, é a tentativa de estabelecer uma *Psicologia Geral* que pudesse sintetizar os fenômenos psicológicos.

VII) Em relação à concepção de homem de Marx e Engels, Vigotski empreende esforços na compreensão do indivíduo enquanto síntese de um processo histórico, que incorpora as relações sociais de sua época. Isto é, trata-se de um indivíduo que é parte constituinte de uma coletividade de um determinado tempo histórico, que possui uma materialidade biológica, mas que desenvolve suas faculdades humanas tendo acesso às possibilidades já desenvolvidas pela atividade humana.

3.7 Funções Psicológicas Superiores

As funções psicológicas superiores na obra de Vigotski fora objeto de estudo de diversos pesquisadores em diferentes níveis de aprofundamento, dentre artigos, teses, dissertações, etc., nos quais identificamos algumas leituras, como os estudos de Martins (2021), Tosta (2012), Bernardes e Asbahr (2007), Aita e Tuleski (2017) e Paes (2020). Há incursões também na compreensão das funções psicológicas superiores no entendimento da consciência, como o artigo de Aita e Tuleski (2017) e Aguiar (2001). Além dessas investidas, há inúmeros trabalhos que se dedicam a estudar isoladamente

[111] Discutiremos esse dualismo no item subsequente, sobre as *Funções Psicológicas Superiores*.
[112] Discutiremos esse dualismo no eixo sobre a *Defectologia*.

determinadas funções, como a linguagem, pensamento, atenção, memória, emoções, etc. O nosso interesse ao tratar das funções psicológicas enquanto eixo é apreender como Vigotski articula a discussão sobre as funções psicológicas superiores e a consciência. Os textos utilizados no presente eixo podem ser identificados na tabela abaixo:

Tabela 8 – Textos de Vigotski utilizados no eixo *Funções psicológicas superiores*

	Título do texto em português	***Localização do texto***	***Ano em que foi escrito***
Eixo III: Funções Psicológicas Superiores	O método instrumental em Psicologia	Tomo I Primeira Parte	1926
	Sobre os sistemas psicológicos		1930
	Pensamento e linguagem	Tomo II Primeira parte	1934
	O problema da vontade e seu desenvolvimento na idade infantil	Tomo II Segunda Parte	1932
	História do desenvolvimento das funções psíquicas superiores	Tomo III	1931

Fonte: Elaborado pela autora.

A partir dos textos analisados, organizamos a leitura em três subitens, sendo eles: (a) O psiquismo enquanto sistema; (b) Desenvolvimento das funções psicológicas superiores e os signos e; (c) O desenvolvimento das funções psicológicas superiores e a consciência.

3.7.1 O psiquismo enquanto sistema

A defesa de organização e estruturação do psiquismo enquanto um sistema, em nossa análise, apresenta duas frentes. Uma de ordem ontológica e epistemológica e uma segunda de ordem prática. Em relação à primeira frente, Vygotski (2012c) apresenta em seu texto "*Pensamento e Linguagem*", na apresentação do método, aponta que a análise psicológica tem se baseado na decomposição dos fenômenos a partir de elementos. Essa

elaboração, de acordo com o autor, "[...] consiste que obtém como resultado produtos de natureza distinta ao do conjunto analisado" (VYGOTSKI, 2014, p. 18). A decomposição em elementos distancia-se da totalidade, perdendo o princípio básico. Vygotski (2014) dá o exemplo da água: na decomposição da água enquanto molécula de oxigênio e hidrogênio, e, tomando esses elementos em separado, não há como compreender a água. Isto é, uma análise que decompõe em elementos perde as propriedades inerentes do conjunto. Essa visão é transposta, por exemplo, ao tratar-se das funções psicológicas superiores, como a linguagem e o pensamento. Assim, nas palavras do autor:

> [...] uma análise deste gênero aplicado a entidades psicológicas integrais não pode explicar toda a diversidade real nem todas as propriedades das relações entre a palavra e o pensamento que encontramos nas observações cotidianas (VYGOTSKI, 2014, p. 18).

Dessa forma, o psiquismo não seria a junção de funções psicológicas em separado, pois essa visão estaria vinculada a uma visão de decomposição em elementos. O psiquismo consistiria em um conjunto, um sistema, que, no processo analítico, "Teria que ser uma análise que segmentasse o complicado conjunto em unidades" (VYGOTSKI, 2014, p. 19). Na unidade pode ser encontrado "[...] *todas as propriedades fundamentais características do conjunto* e constitui uma parte viva e indivisível da totalidade" (idem, p. 19, grifos do autor). Nesse entendimento, o psiquismo enquanto sistema, e, portanto, conjunto, deve ser decomposto em unidades que garantam a existência da totalidade na parte.

A nosso ver, a incorporação da análise pela unidade parece ser um movimento de Vigotski que recorre aos fundamentos de uma leitura marxiana. Marx (2011), no capítulo "*O método da economia política*" apresenta a necessidade de encontrar no real os pressupostos para compreensão do fenômeno. A retirada de uma categoria pode, através do processo de abstração, representar as relações ampliadas que remetem ao fenômeno em sua totalidade. A unidade seria o elemento que apresenta uma síntese de múltiplas determinações. Essa definição é uma distinção em relação ao método idealista que o real seria o resultado do pensamento. Para Marx, "[...] o método de ascender do abstrato ao concreto é somente o modo do pensamento de apropriar-se do concreto, de reproduzi-lo como um concreto mental" (2011, p. 54-55).

Esse aspecto da leitura marxiana não seria um entendimento que se reduz à questão de método, mas que também interfere diretamente na concepção de homem

existente na proposta teórica e na conceituação de consciência proveniente da leitura de Marx e Engels. Vigotski, ao incorporar essa teoria como fundamento, busca pensar os fenômenos psicológicos a partir da relação concreto-abstrato, almejando tratar do complexo a partir de unidades que representam a totalidade investigada.

Por exemplo, em sua visão analítica, Vygotski (2013) identifica que as funções psicológicas superiores têm sido, reiteradamente, reduzidas pelas abordagens da Psicologia às funções primitivas, elementares. Embora o autor não negue a existência de funções primitivas, oriundas do homem no sentido filogenético, compreende que o acesso às funções superiores deve ser feito não através da redução a uma ou outra função, mas ao estudo da personalidade do homem. Esse achado nos remete à questão de segunda ordem: olhar para uma função isoladamente faz com que se perca a complexidade do funcionamento do psiquismo enquanto sistema. Ou seja, o desenvolvimento de uma função altera e modifica a relação do homem com outras funções, bem como com a sua relação com o mundo externo.

> A ideia principal (extraordinariamente simples) consiste em que durante o processo de desenvolvimento do comportamento, especialmente no processo de seu desenvolvimento histórico, o que se modifica não são tanto as funções, tal como havíamos considerado anteriormente (esse era nosso erro), nem sua estrutura, nem seu padrão de desenvolvimento, mas o que se transforma e se modifica são precisamente as relações, quer dizer, o nexo das funções entre si, de maneira que surgem novos agrupamentos desconhecidos em um nível anterior (VYGOTSKI, 2013, p. 72).

A essas modificações de relações e nexos, Vygotski (2013) chamará de *sistema psicológico*. Através de experimentos empíricos, Vygotski (2013) e outros pesquisadores da Psicologia Histórico-Cultural, como Luria, identificam que, no processo de desenvolvimento da criança, há um processo de interiorização que estabelece uma inter-relação e uma dependência de uma função a outra. Por exemplo, o desenvolvimento do pensamento e da atenção voluntária altera a forma de percepção. Por exemplo: "Quando dizemos que o homem é dono de seu comportamento e que o dirige, estamos explicando coisas simples (como a atenção voluntária ou a memória lógica) através de outras mais complexas, como a personalidade" (VYGOTSKI, 2012c, p. 71).

Além disso, a investigação isolada de uma função impede a alcançar o seu processo dinâmico de funcionamento. Isto é:

> Ao estudar os processos das funções superiores nas crianças temos chegado a uma conclusão que nos surpreendeu. Toda a forma superior de comportamento

> aparece em cena duas vezes durante seu desenvolvimento: primeiro como forma coletiva do mesmo, como forma interpsicológica, como um procedimento externo de comportamento (VYGOTSKI, 2013, p. 77).

Dessa forma, antes de uma função psicológica superior se constituir enquanto um instrumento psicológico do homem de modo intrapsíquico, se institui como forma de organização interpsicológica, através das relações sociais de foro coletivo. O ponto de partida do estudo de uma função é, portanto, como essa se manifesta no contexto social. Em relação a linguagem, por exemplo, Vygotski (2012c, 2013) identifica os avanços de Piaget ao compreender que a fala aparece primeiro na coletividade.

O entendimento do psiquismo enquanto sistema único também implica na visão do autor sobre a consciência. A consciência se modifica também na medida em que as funções passam a se inter-relacionar de forma autônoma e voluntária pelo homem. A esse aspecto Vygotski (2013) se refere à autoconsciência, ou seja, pela condição do homem em elaborar uma autorreflexão e dirigir sua conduta.

O tratamento sistêmico dado ao psiquismo também se reflete a como Vigotski compreende o desenvolvimento das funções psicológicas superiores. Segundo o autor, um dos problemas identificados na Psicologia é que a análise é feita através da decomposição em elementos isolados (VYGOTSKI, 2014). Dessa forma, ao pensar a organização, estrutura e função da conduta superior do homem, visa entendê-la em seus nexos e relação de interdependência. A ideia de sistema também é incorporada pelo autor ao pensar a questão do cérebro.

Para Vigotski, o cérebro reúne as funções psicológicas superiores e é o elemento materializador da consciência humana. Todavia, aponta a impossibilidade de atribuir uma interpretação localizacionista das funções, mediante a identificação de que as funções se desenvolvem em relação uma com as outras (VYGOTSKI, 2013). Posteriormente, quem dará continuidade aos estudos sobre o cérebro será Luria.

Partindo do princípio da organização do psiquismo enquanto um sistema, no subitem subsequente buscamos discutir como se desenvolvem as funções psicológicas superiores, em especial nas discussões contidas no Tomo III das Obras Escolhidas, relacionando também o processo de constituição de signos.

3.7.2 Desenvolvimento das funções psicológicas superiores e os signos

O texto de Vigotski "*História do desenvolvimento das funções psíquicas superiores*", que inspira o nome do presente eixo, foi publicado pela primeira vez em

1960, embora tenha sido escrito em 1931. A abertura do texto é uma menção ao livro *Dialética da Natureza* de Engels, em que aponta que a lei da natureza vai se convertendo em leis históricas (VYGOTSKI, 2012c). A citação parece explicar a constatação de Vygotski (2012c) de que o estudo sobre o desenvolvimento das funções psicológicas superiores é praticamente inexistente na Psicologia, embora seja para Vigotski um conceito central que, em sua época, recebia um tratamento ambíguo e confusa na área.

Nas palavras de Vygotski:

> Dizemos que a concepção tradicional sobre o desenvolvimento das funções psíquicas superiores é, sobretudo, errônea e unilateral porque é incapaz de considerar esses atos como atos de desenvolvimento histórico porque são processados unilateramente como processos e formações naturais, confundindo o natural com o cultural, o cultural e o histórico, o biológico e o social no desenvolvimento psíquico da criança. Dito brevemente tem uma compreensão radicalmente errônea da natureza dos fenômenos que estuda (2012c, p. 12).

O problema aparece ao autor quando identifica que as funções psíquicas superiores e as complexas formas culturais da conduta, com todas as peculiaridades específicas de funcionamento, desde a aparição até a completa maturação, permanecem à margem da visão do investigador. Assim, ao invés de esclarecer a gênese das funções psíquicas, centram-se a análise em aspectos isolados destas funções, tomando como fonte de análise sua face aparente. Dessa forma, afasta-se de uma concepção de unidade do sistema interfuncional (VYGOTSKI, 2012c). É nesse sentido que Vigotski evidencia que o tratamento dado às funções psicológicas se centram nas suas funções primitivas, e não nas complexas. Portanto:

> O desejo de conhecer as leis fundamentais do desenvolvimento a base das relações simplistas e a comparação entre o desenvolvimento psíquico da criança como embriológico demonstram com plena evidência que a psicologia tradicional analisa o desenvolvimento do comportamento por analogia com o desenvolvimento embrional do corpo, quer dizer, como um processo totalmente natural, biológico (VYGOTSKI, 2012c, p. 17).

Vygotski (2012c) não refuta a linha biológica de desenvolvimento, como discutiremos no eixo seguinte, mas, critica a a linha biológica enquanto processo determinante de desenvolvimento. Para Vigotski, ao longo do processo de desenvolvimento, a criança passaria de uma sobredeterminação biológica para a social. Isso é, nas funções elementares, há o germe de desenvolvimento de formas culturais de desenvolvimento, reorganizando o processo de desenvolvimento. Dessa forma, uma investigação que se centra somente no plano biológico pode captar parte do

desenvolvimento da criança, mas, estará afastado da totalidade das relações, do *processo* de desenvolvimento (VYGOTSKI, 2012c).

> [...] a psicologia tradicional analisa o desenvolvimento da conduta por analogia com o desenvolvimento embrionário do corpo, quer dizer, como um processo totalmente natural, biológico. Essa tese se sustenta na realidade em um fato bem conhecido e sem dúvida fundamental, de que o desenvolvimento intensivo do cérebro nos três primeiros anos de vida – durante os quais aumenta sobretudo seu peso – coincide com o desenvolvimento das principais e elementares funções psíquicas da criança nesses mesmos anos (VYGOTSKI, 2012c, p. 17).

O autor nos mostra, portanto, como outras perspectivas na psicologia passam a compreender o psiquismo. Em geral, as propostas centram-se na divisão entre o biológico e o cultural, à medida que entendem que o desenvolvimento das funções psíquicas superiores são ocorrem através do biológico ou no processo de internalização do que é de fora. Contudo, a teoria vigotskiana apresenta que "[...] o desenvolvimento histórico é o desenvolvimento da sociedade humana e não do puro espírito humano, que o espírito humano tem-se desenvolvido a par do desenvolvimento da sociedade" (VYGOTSKI, 2012c, p. 27). Isso quer dizer que não é a compreensão da formação do ser humano em sua individualidade, mas, a formação que ocorre sob a base coletiva, da incorporação das relações sociais como forma de constituição do próprio homem e na reprodução de sua existência.

Recorrendo aos processos históricos de estudo e investigação às funções psicológicas superiores, Vygotski (2012c) verifica que o material oriundo da crise na Psicologia (trabalhada na presente tese no item anterior), também se desdobra nessa temática específica, o que o levou a elaboração de um método científico de estudo que refutaria a organização epistemológica da área até então.

De acordo com Vygotski (2012c), nenhuma das proposições conseguiria superar a aparência do fenômeno em direção à essência. Por exemplo,

> [...] o método E-R quando aplicado por igual a todas as formas de conduta, inferiores e superiores, resulta insuficiente para o estudo das funções superiores e inadequadas a sua natureza que capta nelas o que tem de comum com os processos inferiores, e não suas qualidades específicas (VYGOTSKI, 2012c, p. 59-60).

Além da perspectiva reflexológica, o autor nos apresenta também a determinados fundamentos da Psicologia descritiva e da Psicologia tradicional. A Psicologia descritiva:

> era chamada as vezes analítica, contrapondo assim sua concepção a psicologia científica contemporânea. De fato, o método analítico se aproximava ao fenomenológico e a tarefa delimitada a investigação psicológica se reduzia por isso a fracionar o complicado conjunto das vivências ou dos dados diretos da consciência em seus elementos componentes (VYGOTSKI, 2012c, p. 97).

No que diz respeito a psicologia tradicional "Se baseava na ideia atomística, segundo a qual os processos superiores se formam mediante a suma de certos elementos isolados" (VYGOTSKI, 2012c, p. 97). Nesse sentido, se compreende que ambas as perspectivas apresentam problemas teóricos. A psicologia descritiva, de acordo com Vygotski (2012c), apresenta o entendimento da impossibilidade de explicar cientificamente os processos psíquicos na forma de tratamento dado ao fenômeno. Isto é, ao fracionar e tratar de elementos, perde-se a noção de conjunto. Da mesma forma como a psicologia tradicional compreende que todo o processo superior se estrutura mediante a soma associativa de vários processos elementares. Nesse sentido, tanto uma perspectiva quanto a outra, permanece na aparência do fenômeno estudado, o que impede o desenvolvimento das funções psicológicas superiores.

Nesses termos, Vygotski expõe que:

> [...] a tarefa que se levanta uma análise assim se reduz a apresentar experimentalmente toda forma superior de conduta não como um objeto, mas como um processo e estudá-lo em movimento, para não ir do objeto a suas partes, mas do processo aos seus momentos isolados" (2012c, p. 101).

Deste modo, o ponto de partida da análise deixa de ser estático e passa a ser compreendido através de seu movimento dialético. Somente na apreensão do processo em movimento é que se permite verdadeiramente ir além da imediaticidade do fenômeno e de sua aparência. No qual expõe que:

> A análise fenomenológica ou descritiva toma o fenômeno tal como é externamente e supõe com toda ingenuidade que o aspecto exterior ou a aparência do objeto coincide com o nexo real, dinâmico-causal que constitui sua base (p. 102).

No processo de explicação dos fenômenos, portanto, para esclarecer a verdadeira origem e seus nexos dinâmicos causais, é necessário abarcar no momento da análise as condições que o compõe e como se insere socialmente, não somente em seu aspecto interno ou externo. Nesse sentido, o ponto final do processo só é interessante como referência, mas, que, por si só não pode apresentar todos os elementos do

desenvolvimento do processo em análise (VYGOTSKI, 2012c). Isso vai ao sentido da tese marxiana de que se a essência coincidisse com a aparência do fenômeno, a ciência teria pouco a contribuir, já que o que está a ser compreendido já se apresenta no ponto final do comportamento.

Dirigir a análise somente aos aspectos estáticos e elementares do homem enquanto espécie impediria uma análise do homem enquanto ser social, coletivo e hominizado. O autor, portanto, aborda algumas distinções entre o homem e a animal para buscar evidenciar as diferenças entre o comportamento e, desse modo, a diferença do processo de decisão do homem em contrapartida ao do animal. Durante uma decisão difícil, a escolha de crianças ou de pessoas que cresceram em condições de atraso cultural, é comum tomá-la utilizando o recurso da sorte ou azar. Tomar uma decisão utilizando a sorte já é um estímulo criado pelo indivíduo para nortear o seu comportamento e, desse modo, já é um salto qualitativo em relação a uma decisão instintiva. A conduta humana, portanto, torna-se diferente da primitiva a partir do momento que o indivíduo cria estímulos artificiais para dominar o próprio comportamento (VYGOTSKI, 2012c).

O uso de estímulos artificiais pode ser identificado na conduta humana em aspectos mais simples, como, por exemplo, "Contar com os dedos foi, em seu tempo, uma conquista cultural importante da humanidade serviu de ponte para o homem passar da aritmética natural a cultural, da percepção das quantidades a percepção" (idem, p. 81). Depois, no processo de contar, criam-se estímulos artificiais para facilitar o processo de percepção. É através da criação do estímulo que o indivíduo começa a fazer as primeiras relações. Assim:

> [...] a criação e emprego dos estímulos artificiais em qualidade dos meios auxiliares para dominar as reações próprias precisamente é a base daquela nova forma de determinar o comportamento que diferencia a conduta superior da elementar e cremos que a existência simultânea dos estímulos dados e criados é o traço distintivo da psicologia humana (VYGOTSKI, 2012c, p. 82).

Esses meios artificiais introduzidos pelo indivíduo para conduzir seu próprio comportamento e/ou de outros são chamados de *signos*. Os signos podem ser compreendidos enquanto um instrumento, um sistema cultural apreendido pelo homem para mediatizar a relação com o mundo externo. Dessa forma, os signos têm um papel essencial na psicologia histórico-cultural porque é efetivamente o que garante o salto do psiquismo primitivo ao psiquismo humano. É por meio do signo que o ser humano se relacione com o real não em sua imediaticidade, mas, o signo faz o processo de mediação

entre o indivíduo e a realidade, permitindo ao homem compreender o mundo ao seu redor e participar ativamente das objetivações humanas. Assim em Vygotski (2012c):

> Mas a conduta humana se distingue precisamente pelo ato de que é o homem quem cria os estímulos artificiais de sinais, e, antes de tudo, o grandioso sistema de sinais da linguagem, dominando assim a atividade de sinais dos grandes hemisférios se a atividade fundamental e mais geral dos grandes hemisférios nos animais e nos homens é a sinalização, a atividade mais geral e fundamental do ser humano, o que o diferencia em primeiro lugar o homem dos animais desde o ponto de vista psicológico é a significação, quer dizer, a criação e emprego dos signos. Tomamos essa palavra em seu sentido mais literal e exato. A significação é a criação e o emprego dos signos, quer dizer, dos sinais artificiais (p. 84).

O homem introduz estímulos artificiais que conferem significado a sua conduta e cria com ajuda dos signos, atuando desde fora, novas conexões no cérebro. Partindo desta tese, introduz-se como suposto na investigação um novo princípio regulador da conduta, uma nova ideia sobre a determinação das relações humanas – em princípio de significação – segundo o qual é o homem quem forma desde fora conexões no cérebro, dirige-o, e, através dele, governa seu próprio corpo (VYGOTSKI, 2012c). A medida que o homem foi aprendendo a transformar a natureza, complexificou-se o desenvolvimento do psiquismo, o que implicou na necessidade de estímulos "[...] artificialmente criados, destinados a influir na conduta e formar novas conexões condicionadas no cérebro humano" (idem, p. 85). O emprego do signo contribui para o desenvolvimento, por exemplo, de memorização, comparação de algo, eleição etc.

Vygotski (2012c) traça uma importante relação entre as ferramentas e os signos. As ferramentas, segundo o autor, são utilizadas como meios de trabalho que sirvam para dominar os processos da natureza no seu processo de transformação a fim de sanar as necessidades coletivas, enquanto o signo funciona para sanar processos psicológicos buscando dominar a própria conduta ou a conduta do outro. Estabelece, portanto, três teses:

(1) A primeira tese apresenta a semelhança entre o signo e a ferramenta, no qual se baseia a função mediadora, como dita anteriormente.

(2) A segunda tese é a da diferença essencial entre o signo e a ferramenta no qual a divergência se dá pela orientação. Ou seja, a ferramenta está dirigida para fora (modificar a natureza). Enquanto o signo não modifica nada no objeto externo é o meio de que se vale o homem para influir psicologicamente, bem em sua própria conduta, bem nas dos demais, é um meio para sua atividade interior, dirigida a dominar o próprio ser humano: o signo está orientado para dentro.

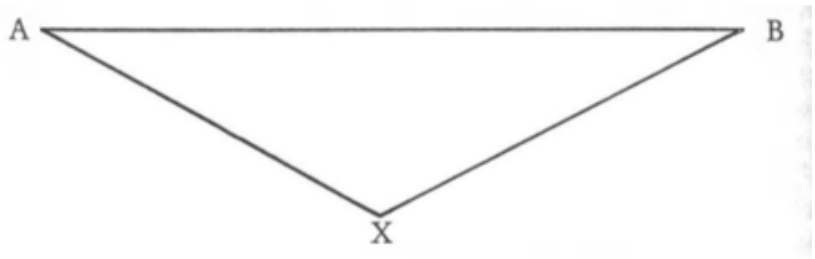
(3) A terceira e última tese é a relação existente, no qual "[...] O domínio da natureza e o domínio da conduta estão reciprocamente relacionados, como a transformação da natureza pelo homem implica também a transformação de sua própria natureza" (VYGOTSKI, 2012c, p. 94).

Discutindo especificamente a questão dos signos, no texto de Vigotski denominado "*O método instrumental*[113]" apresentado em 1930, em uma conferência da Academia de Educação comunista Nadezhda Krupskaia[114] – embora sua primeira publicação tenha acontecido apenas em 1960 através das Obras Escolhidas –, Vigotski pontua distinções de elementos da teoria reflexológica fundamentais para uma proposição histórico-cultural do psiquismo humano. Organizado em vinte e quatro pontos em que formula teses explicativas o autor apresenta, inicialmente, que "No comportamento do homem surgem uma série de dispositivos artificiais dirigidos ao domínio dos próprios processos psíquicos" (VYGOTSKI, 2013, p. 65). Esses dispositivos artificiais são denominados de ferramentas ou instrumentos psicológicos.

Embora haja certa analogia com as ferramentas de trabalho com o processo de domínio – neste caso, domínio dos processos individuais e de outros –, Vygotski (2013) aponta que os instrumentos psicológicos seriam criações artificiais e, portanto, sociais, que modificam as funções psíquicas, configurando uma superação de mecanismos orgânicos e individuais. Dessa forma, os instrumentos psicológicos seriam "[...] um produto da evolução história e são a forma específica de comportamento do homem" (VYGOTSKI, p. 65-66).

De modo esquemático, Vygotski (2013) apresenta o seguinte diagrama:

Figura 7: Diagrama de Vigotski



[113] Em russo "*Instrumentalnyi metodo v psijologuii*".

[114] Nadezhda Krupskaia (1869-1939) foi uma importante militante revolucionária russa que buscou contribuir para o debate e construção de um sistema educacional socialista. Educadora, Krupskaia empreendeu esforços para a incorporação da teoria marxista no contexto pedagógico. Dentre as propostas, visualizava-se o acesso a uma educação gratuita e obrigatória, luta em defesa dos mesmos direitos para homens e mulheres, construção de bibliotecas e salas de leituras, bem como a realização de cursos para capacitação (LODI-CORRÊA, 2018).

Fonte: Extraído de Vygotski (2013, p. 66).

O autor demonstra, através do diagrama, que teríamos uma relação direta entre A – B, denominado enquanto uma conexão associativa direta. Isto é, entre um reflexo qualquer, haveria uma resposta. Com o emprego do instrumento psicológico (X), a relação entre estímulo-resposta passa a ser precedido pela mediação de um recurso artificial, socialmente constituído, dando origem às relações A – X e X – B (VYGOTSKI, 2013). Por isso:

> Por estar inserido no processo de comportamento, o instrumento psicológico modifica globalmente a evolução e estrutura das funções psíquicas e suas propriedades determinam a configuração do novo ato instrumental do mesmo modo que o instrumento técnico modifica o processo de adaptação natural e determina a forma das operações laborais (VYGOTSKI, 2013, p. 65).

Para Vygotski (2013) o emprego e o uso dos instrumentos particularmente humanos seriam o resultado de uma construção que tende a substituir o uso de processos naturais, imediatos. Conforme o diagrama aponta, o processo natural (A-B) não deixa de existir no indivíduo, embora a mediação do X passa, em determinados sentidos, a reestruturar a relação de A-B.

A questão de emprego dos instrumentos como forma de organização das relações entre o homem e a realidade concreta, isto é, os signos, são questões que Marx (2011) perpassa, embora em *outra* ordem. Vygotski (2013; 2012c) se depara com o uso dos signos para organização da atividade psicológica e Marx (2011) identifica que as relações sociais estabelecidas, sobretudo no contexto de produção, necessitam de um denominador comum para estabelecer relações de troca. Marx (2011) identifica, então, que este seria o dinheiro. É possível depreender dois princípios explicativos:

(I) A relação que o homem estabelece com o seu meio social não é imediata, ou, conforme dito por Vygotski (2013), não é um processo natural e linear entre dois estímulos isolados (A-B). Assim, a mediação é uma criação cultural, oriunda das relações sociais existentes.

(II) A mercadoria, enquanto valor de troca, encontra um denominador comum (socialmente estabelecido) que almeja alcançar uma condição de troca universal, não perecível, em que seja possível relacionar e estabelecer comparação entre objetos de valores distintos. Na sociedade capitalista, Marx (2011) analisa que seria "[...] o dinheiro a mercadoria imortal" (p. 98).

Em ambos os pontos há um automatismo vinculado à internalização de processos culturais que aparentemente se manifestam na aparência como uma estrutura *dada* e imutável.

> Surge a necessidade de um meio de troca universal, de um meio de troca que seja independente da produção específica de cada um. No dinheiro, o valor das coisas está separado de sua substância. O dinheiro é originalmente o representante de todos os valores; na práxis, as coisas se invertem e todos os produtos e trabalhos reais devêm os representantes do dinheiro. [...] O dinheiro só pode superar as dificuldades inerentes ao escambo na medida em que as generaliza, as torna universais (MARX, 2011, p. 98).

Para Marx (2011) o dinheiro seria então o mediador de relações de troca e baliza a estruturação do trabalho no modelo do capital. O salário, por exemplo, é também uma forma de universalizar o tempo de trabalho necessário para a produção de uma mercadoria. O dinheiro não seria algo inato ou natural, mas surge historicamente a partir de determinadas condições sociais, embora a necessidade de um mediador comum seja oriunda do desenvolvimento de uma sociedade, afastando o homem da organização imediata (A-B). Aliás, o próprio manejo do dinheiro exige a apropriação e desenvolvimento de signos e de funções superiores específicas.

As possibilidades psicológicas a partir do emprego do signo, para Vygotski (2013), requalificam a ação do homem na realidade. Isto é, há uma abstração que compõe uma relação material-intelectual com a atividade humana que não poderia ser desenvolvida por meio do reflexo A-B.

Assim, o método instrumental compreende, portanto, o papel do reflexo em duas frentes distintas. Em determinados momentos, o reflexo estaria na condição de objeto, no qual "[...] se dirige ao ato de comportamento para resolver uma ou outras das tarefas colocadas ao indivíduo (recordar, comparar, eleger, valorar, etc)" (VYGOTSKI, 2013, p. 67). Outra possibilidade o reflexo estaria na categoria de ferramenta psicológica, que auxiliaria na execução de operações psíquicas. Esse novo emprego do reflexo reorganiza o comportamento em estrutura e função de forma qualitativa, possibilitando que "Qualquer ato de comportamento se converta então em uma operação intelectual" (VYGOTSKI, 2013, p. 67). Nas palavras do autor:

> A inclusão do instrumento no processo de comportamento provoca em primeiro lugar a atividade de toda uma série de funções novas, relacionadas com a utilização do mencionado instrumento e de seu manejo. Em segundo lugar, suprime e faz desnecessária toda uma série de processos naturais, cujo trabalho passa a ser desempenhado pelo instrumento. Em terceiro lugar,

> modifica também o curso e as distintas características (intensidade, duração, sequência, etc.) de todos os processos psíquicos que fazem parte do ato instrumental, substituindo umas funções por outras. Quer dizer, recria e reconstrói por completo toda a estrutura do comportamento, de igual modo que o instrumento técnico recria totalmente o sistema das operações de trabalho (VYGOTSKI, 2013, p. 67).

Em linhas gerais, Vygotski (2012c) apresenta que o desenvolvimento de formas superiores não exclui as formas elementares do processo de desenvolvimento. Isso significa que não se trata de excluir as formas primitivas da compreensão das funções psíquicas superiores, mas, entendê-las a partir das formas mais complexas de desenvolvimento. Assim:

> O novo é o ato de substituir uma conexão por outras duas, o novo é a construção ou combinação dos nexos nervosos, o novo é a direção de um determinado processo de fechamento da conexão com ajuda do signo; o novo é a estrutura de todo o processo da reação e não dos elementos (idem, p. 117).

As bases biológicas, portanto, sustentam e ganham sentido a partir do desenvolvimento cultural. Nas palavras de Vygotski (2012c, p. 118): "[...] poderíamos dizer que os processos elementares e as leis que o regem estão enterradas na forma superior do comportamento, quer dizer, aparecem nela subordinadas e ocultas". A superação, assim, significa ao mesmo tempo, negar e conservar. Ao mesmo tempo em que o desenvolvimento cultural *nega* as formas primitivas, as *conservas*.

Isso significa que, dialeticamente, não há exclusão de uma forma pela outra, mas, a conservação de uma em outra. Ou seja, as funções psicológicas superiores engendram as funções elementares, que continuam existindo e exercendo uma função subordinada ao desenvolvimento cultural do homem. Desse modo, "Toda forma superior de conduta é impossível sem as inferiores, mas a existência das inferiores ou acessórias não se esgota a essência do superior" (VYGOTSKI, 2012c, p. 119). Em consonância aos fundamentos de Marx e Engels, não há uma oposição entre biológico e social, o homem é *natureza* e é *ser social* e, portanto, as funções psicológicas elementares e superiores articulam-se na relação que se dá entre homem e realidade.

Na direção desse entendimento, Vygotski (2012c) busca identificar como se estruturam as funções psicológicas superiores. Para tal, apresenta dois momentos fundamentais em que as funções se estruturam. O primeiro estaria vinculado à um elemento primitivo.

> Chamaremos primitivas as primeiras estruturas; se trata de um todo psicológico natural, determinado fundamentalmente pelas peculiaridades biológicas da psique. As segundas estruturas que nascem durante o processo de desenvolvimento cultural, as qualificaremos como superiores, enquanto representam uma forma de conduta geneticamente mais complexa e superior (VYGOTSKI, 2012c, p. 121).

O segundo momento de estruturação das funções seria através da incorporação do signo como mediador da atividade. Assim, o que permite o salto qualitativo entre a estrutura superior e a estrutura primitiva é o emprego do signo. Isso quer dizer que as funções psíquicas elementares se organizam através do estímulo-objeto, sem mediação. A ação, portanto, é realizada sem mediação, o que prevalece o caráter biológico da ação humana, o instinto. As funções psíquicas superiores promovem uma diferenciação essencial: produz a mediaticidade. Isto é, o estímulo não reage diretamente ao objeto, mas é mediado pelo signo. O signo, portanto, é o traço cultural que permite mulheres e homens o domínio de sua própria conduta e a de outros, fator que permite efetivamente o comportamento humanamente sintetizado na atividade (VYGOTSKI, 2012c). Nas palavras do autor:

> No segundo caso [estímulo-objeto] a atividade do organismo está determinada pelo conjunto geral de toda a situação, pela lógica dessa estrutura, enquanto em primeiro caso [estímulo-signo] é o próprio homem quem cria o nexo e as vias de sua reação; é o homem quem modifica a estrutura natural e condicional a seu poder ou processo de sua própria conduta com ajuda dos signos (idem, p. 124-125).

Nesse sentido, portanto, o domínio da própria conduta é um processo mediado por estímulos auxiliares criados pelo próprio indivíduo. De antemão, é necessário pontuarmos que o processo de criação dos estímulos promove uma diferença qualitativa no psiquismo. O ser humano quebra o vínculo de se relacionar com o real imediatamente, o que permite o processo de abstrair sobre a realidade e tornar sua atividade consciente.

Em relação à gênese das funções psicológicas superiores, existem concepções na psicologia que compreendem que estas funções já são intrínsecas ao indivíduo, ou seja, já são estruturas pré-formadas de forma inata. Com o tempo, portanto, o processo de desenvolvimento é meramente o aumento quantitativo de proporções já contidas desde o início do embrião. A transformação em um organismo maduro é fruto de um processo de maturação biológica. Vygotski (2012c) evidência, nesse caso, que essa concepção não compreende a especificidade das funções psíquicas superiores, já que nessa perspectiva há o reducionismo não só do processo de desenvolvimento que nesses termos parece

linear, mas, do próprio ser humano, à medida que já tem em si todas as potencialidades, mas, que não o diferenciam dos demais animais.

> Cabe dizer, portanto, que passamos a ser nós mesmos através de outros; esta regra não se refere unicamente a personalidade em seu conjunto, mas a história de cada função isolada. Neste radica a essência do processo de desenvolvimento cultural expressado em forma puramente lógica. A personalidade vem a ser para si o que é em si, através do que significa aos demais. Este é o processo de formação da personalidade (VYGOTSKI, 2012c, p. 149).

No que diz respeito à gênese das funções psíquicas superiores, Vygotski (2012c) demarca que o surgimento das funções psicológicas superiores se daria a partir da relação social, do convívio com o outro e na incorporação da cultura como forma de produção da vida humana. Retoma, portanto, a tese que chama de *lei genética geral de desenvolvimento cultural* (VYGOTSKI, 2012c), que seria: toda função em desenvolvimento cultural da criança aparece em cena duas vezes, em dois planos. Primeiro aparece no plano social e depois no psicológico. Isto é, em princípio surge no exterior, entre os homens como categoria interpsíquica, e logo no interior da criança como categoria intrapsíquica. Nesses termos, todas as funções psicológicas superiores são relações interiorizadas da ordem social, da forma como mulheres e homens produzem coletivamente a sua existência.

Essa delimitação diferencia Vygotski (2012c) de outros pensadores da Psicologia. A subjetividade, embora tenha um caráter singular, do indivíduo não seria algo individual, proveniente unicamente das experiências do homem. O psiquismo humano seria um processo de incorporação das relações sociais existentes. Utilizando como analogia uma tese conhecida de Marx, Vygotski (2012c) coloca:

> [...] poderíamos dizer que a natureza psíquica do homem vem a ser um conjunto de relações sociais transferidas para o interior e convertidas em funções da personalidade e em formas de sua estrutura. Não pretendemos dizer que essa seja, precisamente o significado da tese de Marx, mas vemos nela a expressar mais completa de todo o resultado da história do desenvolvimento cultural (p. 151).

Dessa forma, podemos refletir alguns elementos em relação à consciência. Através da natureza social do psiquismo, podemos compreender que há uma dimensão social e cultural da consciência que se institui através do estabelecimento de relações mediadas por ferramentas psicológicas: os signos. Isto é, a relação do homem com o objeto na

realidade não se dá imediatamente, mas o uso de intermediários na relação requalifica não somente a atividade na realidade, mas, inclusive, os processos subjetivos.

3.7.3 O desenvolvimento das funções psicológicas superiores e a consciência

No bojo da discussão sobre as funções psicológicas superiores, aparecem determinados aspectos que nos impelem a compreender como, na perspectiva vigotskiana, o homem torna-se homem. Dito de outra forma, nas funções psicológicas superiores parece estar a *chave* para o entendimento da concepção de homem desenvolvida pelo autor. Sobretudo porque é a partir do desenvolvimento social das funções psicológicas superiores que seria possível o homem assumir a condução de suas vivências na realidade, autodominar a sua própria conduta e qualificar a vivência no mundo externo.

Em relação à explanação da especialização das funções psicológicas superiores, Vygotski (2012c) nos apresenta algumas possibilidades nos Tomos II, III e IV: percepção, memória, atenção, linguagem, pensamento, emoções e imaginação[115]. Embora o autor cite e discuta separadamente essas funções, atribui a elas a terminologia de *sistema psicológico*, por compreender que esse seria a terminologia mais adequada para dar conta "[...] sua complicada estrutura funcional. São características deste sistema as conexões e relações interfuncionais que predominam dentro dele" (VYGOTSKI, 2014, p. 436).

De forma geral, as funções psicológicas, ou seja, o sistema psicológico, estaria relacionada a forma do indivíduo relacionar-se com a realidade, desenvolver-se e dominar a sua própria conduta e a do outro. Cada uma dessas funções estabelece uma interrelação com outra, ou seja, cada função se reorganiza e requalifica a partir do desenvolvimento e ampliação de outra função – por isso a atribuição da ideia de sistema.

Em relação ao processo de interrelação, vejamos o exemplo dado por Vigotski sobre a percepção:

> Nossa percepção se caracteriza antes de tudo porque qualquer que seja o lugar de onde dirigirmos os olhos, percebemos um quadro mais ou menos constante, ordenado, coerente. Se decompomos este problema em momentos isolados, deveremos nomeá-los segundo uma ordem determinada (VYGOTSKI, 2014, p. 355).

[115] Não temos como propósito pormenorizar a estrutura, função e sentido de cada uma das funções psicológicas superiores, apenas apresentar linhas gerais de condução à consciência e ao comportamento superior. Para quem tiver interesse, sugerimos a leitura de textos contidos nos Tomos II e III de Vigotski. Para a leitura de intelocutor, sugerimos a produção de Martins (2011).

Olhando para essa definição de Vygotski (2014) vemos que um bebê e um adulto não percebem a realidade da mesma forma. A condição de apropriação do todo e de organização do todo através do método de identificação da unidade na diversidade (MARX, 2011), nos leva a crer que as funções se reestruturam não somente pela sua evolução isolada, mas pelo desenvolvimento de outras funções. Por exemplo, a apreensão da linguagem verbal/escrita para a criança alfabetizada permite uma orientação e percepção na realidade qualitativamente superior a uma criança não alfabetizada e sem o domínio da linguagem verbal/escrita. Nas palavras do autor:

> [...] no processo de desenvolvimento infantil observamos a cada passo o que se costuma chamar de transformação das conexões e relações interfuncionais. No processo de desenvolvimento infantil surge uma conexão entre as funções de percepção e de memória fotográfica e com ele surge um novo conjunto único, em cuja composição a percepção atua como sua parte interna. Surge a fusão imediata entre as funções do pensamento visual e as da percepção, e essa fusão é tal que não podemos separar a percepção categorial da imediata, quer dizer, a percepção do objeto como o sentido e significado deste objeto. A experiência mostra que surge aqui uma conexão entre a linguagem ou a palavra e a percepção, que no curso normal da percepeção na criança muda olhando a paerceção através do prisma da linguagem (VYGOTSKI, 2014, p. 365).

Em relação à memória, Vygotski (2014) aponta um problema no processo de investigação desta. Em algumas correntes da Psicologia, a memória é tomada como princípio explicativo do psiquismo, como ponto central da Psicologia associativista. Já a Psicologia estruturalista buscava compreender como a memória se relacionada ao conjunto e à tarefa específica. Vygotski (2014) cita estudos de Lewin e também os de Köhler, realizado com chimpanzés. Para Vygotski (2014) a solução do problema da memória deve ser na compreensão de como o homem cria condições para memorização.

> A análise torna manifesto que a criança memoriza com ajuda de material auxiliar organiza a operação em um plano distinto que a criança que memoriza de forma imediata, porque a criança que utiliza signos e operações auxiliares não se exige tanto da memória como a habilidade para criar novas conexões, para criar novas estruturas, mas que se exige que possua uma imaginação rica, às vezes uma forma de pensamento desenvolvido, quer dizer, umas qualidades psíquicas que na memorização imediata não julgam um papel importante (VYGOTSKI, 2014, p. 378).

Para Vygotski (2014) a memorização superior seria o que autor chama de memorização mediada, quando o hoem cria procedimentos e controla o curso da memorização, tornando-a cada vez mais volitiva e "[...] mais específicas da consciência humana" (VYGOTSKI, 2014, p. 378). Por isso, a memória verbal desempenharia esse

papel superior de organização da atividade do homem na realidade. Há a interrelação entre memória, pensamento e linguagem.

Em relação à atenção, Vygotski (2012c, p. 213) pontua que "A história da atenção da criança é a história do desenvolvimento de sua conduta organizada". Para o autor, o desenvolvimento começaria no momento do nascimento, isto é, através da inserção do homem nas relações sociais e culturais.

> O desenvolvimento cultural da atenção começa também, no estrito sentido da palavra, na idade mais inicial da criança, quando se produz o primeiro contato social entre ela e os adultos em seu entorno. Igualmente a todo desenvolvimento cultural que é, ao mesmo tempo, social. O desenvolvimento cultural de qualquer função, inclusive a atenção, consiste em que o ser social, no processo de sua vida e atividade, elabora uma série de estímulos e signos artificiais. Graças a eles, orienta a sua conduta social da personalidade; os estímulos e signos assim formados se convertem no meio fundamental que permite o indivíduo dominar seus próprios processos de comportamento (VYGOTSKI, 2012c, p. 215).

Como ponto de partida, Vygotski (2012c) apresenta a existência de uma atenção primária vinculada aos processos e funcionamento do sistema nervoso. Posteriormente, em função da inserção do homem na cultura, uma linha de desenvolvimento do processo cultural da atenção começa a se desenvolver. Para o autor, a conduta superior da atenção seria a atenção voluntária que se converte em operação interna ou, como dito pelo autor, a "[...] segunda natureza" (idem, p. 219) do homem.

Em relação ao processo de constituição da linguagem e pensamento, Vigotski se discute profundamente esses processos, dedicando parte de sua obra a essa produção. Traduzido como *Pensamento e Linguagem*, o livro reúne os apontados do autor sobre esses processos. Em nossa perspectiva, a linguagem e o pensamento parecem ser funções psicológicas que, de forma mais presente, determinam a condução das demais funções enquanto importância de organização da conduta humana. A capacidade de fala, de escrita e de abstração é o que autor aponta como condição *sui generis* de desenvolvimento da conduta superior.

Grosso modo, o autor identifica que as linhas de desenvolvimento da linguagem e do pensamento iniciam-se de forma desarticuladas e de distintas razízes, a ponto de existir, em forma primitiva, uma linguagem pré-intelectual e um pensamento pré-linguístico, embora, posteriormente, as linhas de desenvolvimento se encontram e permanecem imbricadas ao longo do processo de desenvolvimento, e "[...] desde então o pensamento se faz verbal e a linguagem, intelectual" (VYGOTSKI, 2014, p. 105). O autor

pontua que a palavra, não enquanto som, mas enquanto sentido, parece ser a unidade explicativa entre a linguagem e o pensamento, sendo, portanto, "[...] a unidade dos processos afetivos e intelectuais" (VYGOTSKI, 2014, p. 25).

Vygotski (2014) reflete a questão da constituição da palavra nos processos de estruturação da linguagem e do pensamento. Como ponto de partida, compreende-se que a palavra é uma generalização. Enquanto generalização, constitui um ato do pensamento e da linguagem. A palavra, portanto, não seria apenas um som solto e desarticulado de sentido, mas, apresenta um significado e assim é um fenômeno também do pensamento.

> O que distingue a palavra de qualquer outro objeto e a estrutura da palavra de qualquer outra estrutura, o modo que a palavra representa o objeto na consciência, o que faz da palavra uma palavra (VYGOTSKI, 2014, p. 293).

Para a discussão e embasamento sobre pensamento e linguagem, Vygotski (2014) dialoga com Piaget e a teoria genética. Há momentos de concordância pontuadas por Vigotski, em que aponta que Piaget trouxe luz para questões que não tinham suficientemente esclarecidas. Uma das questões estaria relacionada ao que o autor chama de linguagem egocêntrica e o pensamento autista. Vygotski (2014) concorda com os achados de Piaget, embora para Vygotski (2014) os processos teriam uma natureza distinta. Para Piaget seriam processos não sociais, voltados para o indivíduo e para Vygotski (2014) ambos os processos seriam sociais, redirecionados para a organização do homem nas relações sociais em que está inserido.

> [...] a linguagem egocêntrica da criança pode não somente não refletir o pensamento egocêntrico, mas ademais exercer uma função totalmente oposta a essa forma de pensamento, a função do pensamento realista, confundindo-se não com a lógica das ilusões e dos sonhos, mas com dos atos conscientes e o pensamento racional (VYGOTSKI, 2014, p. 55).

Vê-se que, para Vygotski (2014), a linguagem antes de ser individual, é social. Ou seja, a criança só pode falar consigo mesmo porque antes falava com os outros. Nesse mesmo sentido seria o "pensar em voz alta". A finalidade seria a organização do indivíduo e instrumento de controle da própria conduta. A linguagem egocêntrica, para o autor, seria a transição da linguagem externa para a linguagem interna. Assim: "A verdadeira direção do processo de desenvolvimento do pensamento da criança não vai do individual ao socializado, mas do social ao individual" (VYGOTSKI, 2014, p. 59).

A palavra, portanto, faria o processo de mediação entre a linguagem externa e o pensamento, embora a linguagem e a fala não deixam de existir na perspectiva interior. Isto é, linguagem interna não deixa de ser linguagem, ou, como dito por Vygotski (2014, p. 339) "[...] pensamento relacionado com palavras". O estudo da linguagem e do pensamento demonstram, para Vygotski (2014), uma possibilidade de aproximação ao estudo da consciência ou a sua *chave*. Nas palavras do autor:

> Temos tentado estudar experimentalmentemente a transição dialética da sensação ao pensamento e mostrar que a realidade se reflete no pensamento de forma distinta que as sensações, que o traço diferenciador fundamental da palavra constitui o reflexo generalizador da realidade. Mas, com isso temos tocado em uma faceta da natureza da palavra cujo significado sobrepassa os limites do pensamento como tal e que somente pode estudar-se em toda sua plenitude dentre de um problema mais geral: a palavra e a consciência (VYGOTSKI, 2014, p. 146).

A discussão de Vygotski (2014) sobre as emoções é, em certa medida, a retomada de seu livro Teoria das Emoções, explorada no primeiro eixo da presente tese. Em caráter sintético, o autor apresenta uma modificação no tratamento atribuído às emoções, que era visto como uma espécie de desajuste.

> [...] segundo a interpretação biológica primitiva e naturalista das emoções humanas, resulta totalmente incompreensível porque estas adaptações biológicas tão antigas como o próprio homem, tão necessárias como a necessidade de alimentos e água, porque estas mesmas emoções são fontes de pertubarção tão complicadas na consciência humana (VYGOTSKI, 2014, p. 417).

Para Vygotski (2014) a emoção seria uma parte inseparável da personalidade e conduta do homem. Na perspectiva vigotskiana, seria um processo da organização e formação da estrutura psicológica da personalidade que auxiliaria e dá sentido à formulação do pensamento.

Vigotski apresenta uma concordância com Claparède de que há uma diferenciação entre emoções e sentimentos. As emoções seriam processos advindos de reações biológicas úteis, enquanto os sentimentos surgiriam em outra ordem, mediante uma abstração diante de determinada situação, colocando em movimento uma perspectiva distinta da de uma reação biológica (VYGOTSKI, 2014).

Em relação à imaginação, Vygotski (2014) em seu texto "*A imaginação e seu desenvolvimento na idade infantil*" apresenta elementos centrais para a compreensão da consciência. Como ponto de partida, Vigotski apresenta como a Psicologia de sua época

concebia a questão da consciência. De forma geral, uma das linhas teóricas analisadas concebe a imaginação como uma reprodução da memória, em que seria uma atividade psíquica de reconstrução de imagens, consistentes com a forma como esse aspecto se daria na consciência, como combinações de elementos isolados. Para a teoria de Wundt a imaginação seria uma condição especial que "[...] nasce porque nossa consciência "sonhadora" se encontra em condições francamente especiais: é surda e muda das impressões do mundo exterior" (VYGOTSKI, 2014, p. 425).

O idealismo incorporaria a ideia de que a consciência teria uma propriedade criativida de primeira ordem, que inclui a imaginação enquanto uma atividade primária da consciência. Vygotski (2014) também analisa as ideias de Piaget, que compreende que a atividade primária da imaginação e do pensamento não se dirigem para a realidade.

Para avançar na compreensão, Vygotski (2014) reorganiza as ideais de Piaget, que encontra também referências freudianas, reconstruindo os principais momentos de desenvolvimento da consciência na primeira infância e três diferenças entre a imaginação e a consciência:

(1) A forma primária da imaginação seria constituinte de uma atividade subconsciente que é diferente do pensamento realista, voltado para uma atividade consciente. Compreende-se que o pensamento realista estaria voltado para tarefas e motivos que se manifestam na ação, enquanto a imaginação é regida pela fantasia que não tem consciência das tarefas, motivos e finalidades. A primeira diferença é que o pensamento realista é consciente e a fantasia é subconsciente (VYGOTSKI, 2014).

(2) A segunda diferença consiste na relação da atitude com a realidade. A consciência estaria voltada para a organização da nossa atividade tendo como critério a realidade, enquanto a imaginação seria uma atividade dominada exclusivamente pelo princípio de prazer, com a função de realizar desejos (VYGOTSKI, 2014).

(3) A terceira diferença seria de que o pensamento realista, por ser consciente, pode ser comunicado e transmitido com palavras, por sua natureza social e verbal. A imaginação estaria associada ao pensamento autista, que seria um pensamento individual, servindo para os próprios desejos e nada teria em comum com a atividade social do home. Portanto, seria um pensamento sem palavras, apenas com imagens (VYGOTSKI, 2014).

> [...] estes autores consideram que a imaginação em suas formas primárias como uma atividade subconsciente, como uma atividade que serve não ao conhecimento da realidade, mas a obtenção do prazer, como uma atividade não social de caráter não comunicável (VYGOTSKI, 2014, p. 430).

Podemos identificar que há nas abordagens da Psicologia um distanciamento entre imaginação e realidade e, portanto, entre a imaginação e consciência, a ponto de serem elementos que não dialogam ou coincidem. Vygotski (2014) dará outro tratamento a questão da imaginação, sobretudo por compreender que a imaginação é uma forma de organização da consciência e "[...] a forma fundamental de atividade coletiva social da consciência infantil" (idem, p. 433). Assim, o autor verifica que há uma intrínseca relação entre imaginação e linguagem, a tal ponto que o desenvolvimento da linguagem amplia as possibilidades de imaginação e crianças com dificuldade na linguagem apresentam uma imaginação limitada ou pobre, o que difere dos achados de Piaget. O segundo ponto é que a imaginação, para Vygotski (2014), é uma pontente fonte organizadora da atividade:

> Se finalmente tomamos a denominada imaginação construtiva da criança, toda a atividade criativa da consciência, relacionada com a transformação real, digamos com a atividade técnico-construtiva, ou da edificação, veremos por todos os lugares que para os verdadeiros inventores a imaginação é uma das funções principais, cuja ajuda trabalha e que em todos os casos de atividade, a fantasia está extraordinariamente dirigida, que desde o princípio até o fim está orientada para um objetivo determinado que persegue o indivíduo. O mesmo se implica nos planejamentos de comportamento da criança que se referem ao futuro, etc (VYGOTSKI, 2014, p. 433-434).

Desse modo, a imaginação é uma condição de *organização* da consciência e enquanto antecipação, em pensamento, da atividade social do homem. Vygotski (2014) verifica que a imaginação mobiliza emoções e sentimentos que despertam no homem uma vinculação mais profunda, significativa e mais forte frente a atividade. Sendo possível distanciar-se intencionalmente do real e criar algo *novo*. Assim:

> [...] a imaginação se caracteriza não por uma melhor conexão com o aspecto emocional, não por um grau menor de consciência, não por um grau menor nem maior de concreção; essas particularidades se manifestam também nas distintas etapas do desenvolvimento do pensamento. Para a imaginação é importante a direção da consciência, que consiste em afastar-se da realidade, em uma atividade relativamente autônoma da consciência, que se diferencia da cognição imediata da realidade (VYGOTSKI, 2014, p. 437).

Vygotski (2014) relaciona a imaginação com a possibilidade de liberdade e com o retorno a realidade na possibilidade de uma penetração mais profunda do homem. Por isso, além da relação com a linguagem, Vygotski (2014) verifica também uma aproximação entre imaginação e pensamento.

A partir da discussão geral das funções enquanto sistema psicológico, verificamos algumas questões. A primeira delas é que há, portanto, uma íntriseca relação entre as funções psicológicas superior e o curso de desenvolvimento humano. O segundo ponto é que Vygotski (2014; 2012c) não trata das funções de forma isolada, mas, a todo momento, apresenta como outra função está relacionada à totalidade. O terceiro ponto é de que o desenvolvimento da consciência se daria a partir da atividade do homem e, sobretudo, na condição de apropriação da atividade através de uma conduta superior. Ou seja, a formação da consciência não se restringe a uma mera experiência na realidade. No Tomo IV, Vygotski (2012a) aponta que haveria quatro estágios para o desenvolvimento cultural das funções psicológicas superiores:

1. O primeiro estágio seria relacionado à conduta de caráter mais elementar ou primitivo. Isto é, para sobreviver o homem utiliza determinadas condutas e formas de apreensão do real na qualidade mais *natural*. Seria, por exemplo, a realização de operações aritméticas que a criança, através da percepção e da sensação, elabora. Por exemplo, o tamanho de um objeto passa a estar relacionado às características da aparência, sem estabelecer relações entre os objetos em diferentes contextos.

2. O segundo estágio é o que Vygotski (2012a) chama de *psicologia ingênua*, quando a criança acumula uma certa experiência através das relações sociais que está inserida, mas ainda não consegue operar com essas relações, mesmo em nível externo. Todavia, vê-se um caráter que não existia no estágio anterior. Por exemplo, a criança já é capaz de imitar determinadas ações, embora não apreenda o sentido de sua ação.

3. No terceiro estágio de desenvolvimento seria a incorporação dos signos para utilização nas relações sociais. Isto é, a criança se apropria dos meios da conduta cultural e faz uso desses meios, operando de forma assertiva em determinada ação. É quando a criança faz contas usando os dedos, por exemplo.

4. O quarto e último estágio de desenvolvimento cultural das funções superiores seria a incorporação do signo em caráter intrapsíquico, quando a ação passa a ser interiormente e intencionalmente mediada. Por exemplo, a criança não precisa mais fazer uso das mãos para calcular, é possível fazer o cálculo mental (VYGOTSKI, 2012a).

Nesses quatro estágios de desenvolvimento, fica evidente que o desenvolvimento de um estágio não apaga o anterior. Assim, embora o quarto estágio predomine no contexto da atividade do homem e de sua organização na relação *homem-mundo*, os três anteriores continuam *existindo* e manifestos na atividade cotidiana.

3.7.3.1 Autodomínio da conduta e a vontade

Na consciência parece haver também a condição de autoregulação e autorreflexão. Em relação a esses aspectos, Vygotski (2012c) busca um exemplo de uma atividade simples do cotidiano, como o processo de escolha.

> Temos comprovado a complexidade dos motivos, a dificuldade de escolha e, sobretudo, a existência de momentos emocionalmente muito atraentes ou repelentes que contribuem para que a criança utilize com maior frequência da "sorte"; o mesmo ocorre quando em ambas séries os motivos estão muito diversificados e resultam de difícil comparação entre si, quando a apreciação emocional parece estar situado em planos distintos, quer dizer, quando os motivos se dirigem a distintas instâncias da personalidade da criança, a escolha natural se retém e a criança confere de bom grado sua decisão para os dados (idem, p. 287).

Quando analisamos a conduta humana, precisamos analisar os motivos que determinam, sensibilizam e mobilizam o homem para determinadas escolhas em função de outras. Os motivos, portanto, estão relacionados diretamente ao sentido atribuído a uma atividade na realidade. A ideia de motivo e sentido são fundamentais para a compreensão da consciência. Vygotski (2012c) aponta que a vontade não é livre, e depende diretamente de motivos externos. Assim, a liberdade humana "[...] consiste precisamente em que pensa, quer dizer, em que toma a consciência da situação criada" (VYGOTKSI, 2012c, p. 288).

Nesse sentido, a livre vontade não pode ser compreendida como estar livre dos motivos externos, mas, a liberdade consiste essencialmente quando o indivíduo toma consciência da situação, sendo capaz, portanto, de analisar o real e abstraindo sobre as condições existentes, norteando as suas ações em função desse contexto. Ao tomar consciência da necessidade de escolha e o motivo que se impõe, a liberdade de homens e mulheres no caso, é o processo de dominar sua reação eletiva (VYGOTSKI, 2012c).

Vigotski explora:

> É por admitir que nosso domínio sobre os processos do próprio comportamento se constroem em essencial, da mesma maneira que nosso domínio sobre os processos da natureza, já que o homem que vive em sociedade está sempre sujeito à influências de outras pessoas. A linguagem, por exemplo, é um desses poderosos meios de influência sob a conduta de outros e, como é natural, o próprio homem no processo de desenvolvimento chega a dominar a eles mesmos, meios que utilizam os outros para orientar seu comportamento (2012c, p. 290).

O ser humano, ao empregar suas funções superiores, passa a criar estímulos auxiliares para dominar a sua própria conduta que exercem a função de instrumento. Paulatinamente, este processo torna-se fossilizado e automatizado, como por exemplo o uso de símbolos para recordar uma questão específico, ou o uso de um objeto para conduzir nossa atividade, como o despertador. Em geral, a atividade do homem não é linear e há conflito entre os motivos e as necessidades, levando o indivíduo a fazer escolha mediante a análise do contexto em que se encontra. Assim:

> A vontade, nesse sentido, significa o domínio sobre a ação que se realiza por si mesma; nós criamos unicamente condições artificiais para que a ação se cumpra; por isso a vontade nunca é um processo direto, imediato (VYGOTSKI, 2012c, p. 298-299).

À medida que o ser humano domina a natureza, torna-se possível ao indivíduo dominar a sua própria conduta. Portanto, o salto qualitativo entre os primeiros homens surgidos no mundo animal não possuía as condições objetivas e subjetivas de terem uma liberdade. Assim, com o desenvolvimento cultural, o indivíduo alcançou a liberdade de transformar a natureza afim de sanar as suas próprias necessidades. O que, efetivamente, permitiu a liberdade dos homens.

Nas palavras de Vygotski (2012c):

> [...] a vontade se desenvolve, é um produto do desenvolvimento cultural da criança. O autodomínio, os princípios e meios deste domínio não se diferencia, em fundamento, do domínio sobre a natureza circundante. O homem é parte da natureza, seu comportamento é um processo natural, a dominação do homem se estrutura como qualquer domínio da natureza (p. 300).

3.7.3.2 Formação de conceitos e o processo de generalização

Como desenvolvimento ontogenético, o homem desenvolve a capacidade de eleger, analisar, abstrair, refletir e a generalizar. Vigotski identifica que a criança, desde o nascimento, quando incluída nas relações sociais, tem contato com os conceitos através dos adultos e, posteriormente, passa a fazer o uso de conceitos. Todavia, Vygotski (2014) apresenta que esse processo não é inato, mas se estrutura por meio do desenvolvimento do pensamento, que acontece somente em uma fase tardia na criança. Ou seja, embora o conceito exista enquanto comunicação, em sua condição interna passa a organizar a atividade da criança somente mais tarde.

Superando a via evolutiva de que o intelecto seria um desenvolvimento filogenético, Vygotski (2014) constata que a mudança não é oriunda de um processo quantitativo, mas, qualitativo, em que:

> [...] a linguagem, que é um dos componentes principais da estrutura das formas superiores de atividade intelectual, não se incorpora nestas associativamente, como uma função que se desenvolve em pararelo, mas funcionalmente como um instrumento usado racionalmente (VYGOTSKI, 2014, p. 135).

Por isso, a passagem de um grau elementar ao superior não seria pelo aumento do número de conexões nervosas de associações, como supunha Thorndike, mas pelo desenvolvimento da atividade intelectual, sobretudo a partir da apropriação e formação de conceitos. Sobre essa questão, Vygotski (2014) apresenta três fases principais em uma primeira etapa:

1. A primeira fase de formação de conceitos, em que há a acumulação de conceitos de forma desorganizada, não havendo ainda um fundamento interno suficiente de relação. Mostra-se uma primeira organização difusa e não dirigida ao significado da palavra. Seria a construção de conceitos através da percepção da criança. É um momento que Vygotski (2014) denomina de sincrético, já que seriam conceitos frágeis e instáveis, oriundo de relações superficiais com a realidade. Há uma relação direta entre a prática e o conceito.

> Nesta fase de desenvolvimento de conceitos, o significado aparente de qualquer palavra infantil pode recordar na realidade o significao dessa palavra para o adulto. A criança se comunica com os adultos usando palavras com sentido. Entre as numerosas conexões sincréticas estabelecidas com as palavras, estes agrupamentos de objetos sincréticas e desorganizadas são também em grande parte o reflexo de relações objetivas, na medida que essas relações objetivas coincidem com os vínculos criados pelas impressões e percepções da criança. Por isso em muitos casos o significado de suas palavras pode coincidir com o significado dessas mesmas palavras na fala dos adultos, sobretudo quando se referem a objetos concretos entorno da criança (VYGOTSKI, 2014, p. 136).

2. A segunda fase é um momento em que a criança continua se orientando através de conexões subjetivas oriundas de sua percepção e não propriamente pelas relações objetivas que estão objetivadas nas coisas.

3. A terceira fase é um momento de transição para a segunda etapa de formação de conceitos, cuja imagem sincrética é equivalente ao conceito que se fundamenta em uma base mais complexa, se apiando em elementos de diferentes agrupamentos perceptivos, ampliando a compreensão da criança diante das coisas. Embora ainda seja uma

organização sincrética, é oriundo de diversas percepções. Esse momento de transição seria a passagem do sincrético para a formação de conceitos por complexos.

A segunda fase de desenvolvimento dos conceitos – por complexos – ocorre uma mudança fundamental na estrutura e função do pensamento. Nesse mesmo, Vygotski (2014, p. 137-138) aponta que: "[...] tende a formação de conexões, ao estabelecimento de relações entre diferentes impressões concretas, a união e a generalização de objetos distintos, ao ordenamento e sistematização da experiência da criança".

Na segunda fase, denominada por Vygotski (2014) de pensamento por complexos, há um processo de generalização que não existia anteriormente. A generalização, portanto, é um critério de desenvolvimento e ampliação da consciência, mediante a organização, estruturação e sistematização de elementos isolados para agrupamentos em conjuntos sob determinada lógica organizativa.

> A transição ao novo tipo de pensamento consiste em que, em lugar da "coerência incoerente", característica da imagem sincrética, a criança começa a reunir figuras homegêneas em um mesmo grupo, formando com elas complexos acorde com as relações objetivas que começa a descobrir nas coisas (VYGOTSKI, 2014, p. 138).

O pensamento por complexos seria um pensamento coerente e objetivo, mas ainda não caractertizado pelo pensamento conceitual. A diferença estaria em que essas conexãoes ainda não seriam abstratas e lógicas, mas atribuídas de forma individual a determinados componentes, oriundos da experiência imediata. Os complexos são generaziações, mas a relação que constitui essa generalização seria através de vínculos reais. Assim: "[...] os complexos não pertencem ao plano do pensamento lógico-abstrato, mas real-concreto e por isso tanto as conexões que lhe servem de base como as que se estabelecem com sua ajuda carecem de uniformidade" (VYGOTSKI, 2014, p. 139).

No pensamento por complexos, Vygotski (2014) identifica cinco formas de generalização: i. associativo, ii. coleções, iii. cadeia, iv. difuso, v. pseudoconceito. Para o primeiro, o complexo associativo há a escolha de qualquer elemento de associação para fazer a conexão entre os objetos. Por ser qualquer relação, é uma generalização heterogênea, difusa e desordenada. O segundo complexo, por coleções seria a identificação de um determinadao atributo que seriam complementares de objetos. A diferença entre o primeiro e o segundo grupo seria de que, na coleção, não necessariamente se incluiria dois objetos com o mesmo atributo, isto é, a forma de organização não é por semelhança, mas por contraste (VYGOTSKI, 2014).

O terceiro complexo, por cadeia, há a "[...] união dinâmica e sequencial de relações individuais em uma única cadeira e a transferência de significados através de sucessivas relações da cadeia" (VYGOTSKI, 2014, p. 142). Percebe-se que essa generalização característica seria embasada por seu caráter perceptivo-figurativo concreto, em que há um núcleo estruturante da cadeia. Todavia, é possível que os elementos não tenham nada em comum com outros elementos e mesmo assim pertencer a mesma cadeia.

O quarto tipo de complexo, difuso, estariam os objetos organizados por uma generalização baseada na afinidade funcional que os elementos possuem entre si. Então "[...] o pensamento da criança é uma espécie de família de coisas com as faculdades de crescer ilimitadamente incorporando mais e mais novos objetos concretos ao grupo principal" (VYGOTSKI, 2014, p. 145). O quinto e última forma de generalização por complexos é o pseudoconceito. Isto porque, de forma aparente, externa, a organização dos conceitos é semelhante aos conceitos utilizados pelo pensamento intelectual do adulto, embora a natura psicológica seja bastante diferente.

> Uma análise atenta desta última etapa de desenvolvimento do pensamento complexo nos revela um complexo composto por uma série de objetos concretos, que fenotipicamente, quer dizer, por suas características externas, coincide plenamente com o conceito, mas em sua natureza genotípica, por suas condições de aparação e desenvolvimento e pelas conexões casuais dinâmicas que lhe servem de base, não é de modo algum um conceito. No aspecto externo, nos encontramos frente a um conceito; no interno, frente a um complexo. Por isso o denominamos de pseudoconceito (VYGOTSKI, 2014, p. 146).

Vygotski (2014) dá um exemplo dessa forma de generalização. Em caráter experimental, quando a criança está diante de um triângulo amarelo e elege, dentre as figuras, os demais triângulos, aparentemente estaria orientado pela ideia de triângulo e, portanto, a um conceito, quando, na verdade, o que mobiliza a atividade da criança seria por uma conexão aparente, baseando-se em uma simples associação e, portanto, ficando vinculado ao campo perceptivo-visual.

> Reconhecer a fronteira que separa o pseudoconceito do verdadeiro conceito é extraordinariamente difícil, quase inacessível a análise puramente formal, fenotípica. A julgar por sua semelhança externa, o pseudoconceito se parece tanto a um verdadeiro conceito, como a baleia a um peoxp. Mas se formos a "origem das espécies" das formas intelectuais e animais, não duvidamos em incluir o pseudoconceito no pensamento por complexos como incluímos a baleia entre os mamíferos (VYGOTSKI, 2014, p. 149).

Para pensar a questão de formação de conceitos, é fundamental a incorporação de um método de análise, tal como a referência que Vigotski faz à Darwin a se referir ao livro *Origem das Espécies*. Para Vygotski (2014) a chave desse entendimento consistiria na incorporação da perspectiva histórica desenvolvida por Marx e Engels. Para incorporar essa perspectiva histórica, o autor busca compreender o conceito não somente a partir do pensamento, mas da formação da linguagem e no uso das palavras, oriundo da relação estabelecida pela sociedade.

> O conceito, em sua forma natural e desenvolvida, pressupõe não somente a união e a generalização de elementos isolados, mas também da capacidade de abstrair, de considerar por separado esses elementos, fora das conexões reais e concretas dadas. O pensamento por complexos é incapaz disto. Sua essência é a superabundância de conexões e a ausência de abstração. No pensamento por complexos, o processo de separação de atributo é extraordinariamente débil. Ao contrário, o conceito genuíno se apoia tanto no processo de análise como de síntese (VYGOTSKI, 2014, p. 165).

Posteriormente ao pensamento por complexos e a generalização através de pseudoconceitos, Vygotski (2014) apresenta uma fase seguinte, que seria a de conceitos potenciais. O autor pontua que seria um momento mais rico e mais pobre do que dos pseudoconceitos. Considera mais enriquecida porque parte de uma forma de abstração, embora essa construção seria extremamente limitada e vaga, e, portanto, mais empobrecida do que a do pseudoconceito.

> Somente sob o domínio do processo de abstração, junto com o desenvolvimento do pensamento por complexos, é capaz de conduzir a criança a formar conceitos genuínos. A formação dos verdadeiros conceitos constitui a quarte e última etapa desta fase de desenvolvimento do pensamento infantil (VYGOTSKI, 2014, p. 169).

O pensamento por conceitos, a última forma de desenvolvimento do pensamento, não anula as demais formas de generalização e formação de conceitos anteriores. Há uma ideia de que o pensamento se produz através de vários níveis de generalização, onde seria possível identificar uma prevalência e um domínio de uma ou outra forma nas diversas esferas da vida do homem (VYGOTSKI, 2014).

Através da via interpretativa dialética, é possível que o homem desenvolva sua consciência de com aproximação ou distanciamento do conceito. Assim, não há uma coincidência em sua organização e funcionamento. Para Vigotski, o homem analisa e opera com conceitos antes da incorporação dos próprios conceitos. Dessa forma, antes do

pensamento por conceitos, o homem já forma a sua consciência mediante as condições objetivas reveladas e apropriadas até então.

Ao discutir a questão da conscientização, Vygotski (2014) se depara com um problema. O autor verifica que, durante a idade escolar, a criança passa por um processo de transmutação entre o conceito cotidiano, espontâneo, para o conceito científico. Esse processo também teria uma materialidade na própria construção do pensamento. O conceito cotidiano opera-se através de um pensamento prático, perceptivo, oriundo das experiências difusas e caóticas do homem. O conceito científico exige um grau e um nível de abstração, elevando a condição do pensamento e, sendo, portanto, um processo intencional e consciente.

> [...] o caráter a-consciente significa a falta de generalização, quer dizer, a falta de desenvolvimento do sistema de relações de comunidade. Portanto, a espontaneidade e o caráter a-consciente do conceito, a espontaneidade e a carência de sistema são sinônimos. E vice-versa: os conceitos científicos não espontâneos, devido tão somente a que sua natureza os converte em não espontâneo, devem ser conscientes desde o primeiro momento (VYGOTSKI, 2014, p. 277).

Essa discussão nos auxilia a refletir alguns pontos sobre a questão da consciência:
(a) Na consciência há um grau de generalização que permite o indivíduo a apreender e organizar o todo caótico que identifica no real. A formação de conceitos auxilia nesse processo de agrupamento e sistematização, bem como amplia as possibilidades de pensamento e de linguagem do homem, além de voltar-se também para a requalificação das demais funções superiores;
(b) A educação pode estar voltada para um processo de *conscientização*, cuja relação se estabelece através do professor colocar o aluno em contato com o conceito científico e *emprestar* o psiquismo a seus alunos, mediante a apresentação de instrumentos intrapsíquicos;
(c) Consciência e conscientização, embora relacionadas, não são processos iguais, de tal modo que é possível a coexistência de níveis distintos de generalização do homem para as mais diversas possibilidades de inserção nas relações sociais;

Diante desses aspectos identificados, compreende-se que a formação da consciência depende e se constitui por meio da existência não somente enquanto caminho metodológico, mas, sobretudo, pela determinação do processo de hominização que ocorre mediante a incorporação da cultura. Desse modo, as funções psicológicas superiores apresentam uma relevante correlação nesse processo de desenvolvimento. O subitem

seguinte visa sintetizar as principais ideias analisadas da obra de Vigotski especificamente nesse eixo.

4.7.4 Síntese do eixo *Funções Psicológicas Superiores*

A discussão sobre as *Funções Psicológicas Superiores* perpassa os diferentes tomos das Obras Escolhidas. Vigotski demonstra uma preocupação latente em identificar e analisar o que há de singular no homem e, portanto, a análise da personalidade e da conduta superior através das funções psicológicas superiores parece ser o caminho perseguido pelo autor para sustentar sua análise.

No Tomo I verificamos que o autor introduz, pelo viés do método e dos processos metodológicos, a questão da organização do psiquismo através de um sistema e, posteriormente, refere-se às funções enquanto sistema psicológico. No Tomo II há a apresentação dos estudos de Vigotski sobre Pensamento, Linguagem, Atenção, Memória, Emoções e Imaginação. No Tomo III, Vigotski desenvolve a história das funções psicológicas superiores, apresentando pontos da investigação, tanto do ponto de vista de sua estrutura como de sua gênese no homem. No Tomo IV, Vigostski relaciona as funções psicológicas superiores ao curso do desenvolvimento, apresentando quais funções aparecem em qual momento do desenvolvimento. No Tomo V Vigotski preocupa-se em como a questão das funções superiores formam-se no homem com deficiência. Essa discussão também é encotrada no texto "*Análise das funções psíquicas superiores*" no Tomo I. No Tomo VI, encontramos a discussão sobre a estética e as emoções.

Ao tratar das funções psicológicas superiores e o seu processo de desenvolvimento e estruturação, Vigotski destaca a questão da consciência como uma discussão articulada ao processo de desenvolvimento das funções superiores e, portanto, central. Desse modo, os pontos abaixo visam sintetizar esse entendimento no presente eixo:

I) A discussão sobre as funções psicológicas superiores incorpora o diálogo e análise de Vigotski em relação às teorias psicológicas de sua época e, em especial, com Jean Piaget, a quem Vigotski explicitamente pontua a importância e relevância da teoria para a apreensão dos fenômenos psicológicos, em especial, do pensamento e da linguagem. Há menção também à Piaget para discutir atenção, memória, imaginação e emoções. Como ponto de partida, registra-se o estudo de Vigotski da teoria de Piaget para identificar possibilidades e limites no desenvolvimento de seu arcabouço teórico. Todavia, para refutar a tese do construtivismo, mesmo Vigotski identificando a importância da Psicologia Genética e os avanços alcançados por Piaget em suas

investigações, Vigotski pontua explicitamente uma divergência em relação ao entendimento das teses de Piaget. Grosso modo, a diferença categórica de Vigotski estaria na inversão dos processos: para Vygotski (2014) o caminho de desenvolvimento das funções psicológicas superiores é do contexto social para o contexto individual – e não o oposto, tal como desenvolvido por Piaget.

Esse movimento inverso de Vygotski (2014) não é apenas uma questão de segunda ordem ou acessória. Essa compreensão reside no entendimento de que a condição do homem *ser* homem não é dado por sua natureza ou pela linha de desenvolvimento filogenética. Isto porque, na compreensão vigotskiana, o homem se constitui a partir da incorporação do social para o individual, e, assim, as funções psicológicas superiores aparecem primeiro nas relações sociais e, posteriormente, são incorporadas como ferramentas psicológicas no homem. É o que o autor chama de processo interpsíquico para intrapsíquico. Assim, os processos psicológicos e de constituição da subjetividade formam-se a partir de um processo que é social, coletivo, sendo fundamental a incorporação da cultura inerente das relações sociais.

II) Em relação a consciência, a definição, estruturação e sistematização das funções psicológicas superiores permite Vigotski apresentar algumas conceituações relevantes para o entendimento da consciência. A primeira delas estaria relacionada que o processo de desenvolvimento das funções superiores possibilita atos de generalização. Para o autor, a generalização é a condição que permite a organização do todo caótico da realidade externa que, quando sintetizado, o todo desorganizado passa a se constituir, ao mesmo tempo, uma *unidade*. Todavia, essa unidade não é estática, mas móvel. À medida que o homem se desenvolve, caminha em generalizações mais organizadas, abstratas e lógicas. Esse elemento também se apresenta como condição na consciência.

Outra caractertização seria de que a formação das funções psicológicas superiores garante ao homem a condição de dominar a própria conduta, bem como a conduta do outro, a partir do uso de signos como elemento mediador do comportamento do homem, além de permitir ao homem desenvolver vontades por meio das vivências e conhecê-las, podendo realizar possibilidades de objetivação de si no mundo da cultura. A criação artística, por exemplo, seria uma das possibilidades de emprego das funções superiores para a materialização do homem na *coisa* que passa a ser apropriada por outros homens.

O trabalho, tal como compreendido por Marx e Engels, seria também uma atividade de objetivação do homem que implica na necessária constituição de uma

conduta superior. Ou seja, o ato de transformar a natureza em função das demandas sociais é um proveniente da incorporação das relações sociais existentes.

III) Outro elemento a ser considerado pelo processo de constituição das funções psicológicas superiores é de que elas se estruturam enquanto um sistema. Isto é, o sistema psicológico não é explicado apenas pelo desenvolvimento de uma ou outra função de forma desarticulada. O desenvolvimento de uma função impulsiona a reorganização do sistema como um todo, alterando o nexo e a interrelação existente entre as funções.

IV) Tomando esse entendimento das funções organizadas como um sistema psicológico, Vygotski (2014, p. 346) pontua que "[...] o pensamento e a linguagem são a chave para compreender a natureza da consciência humana". A palavra teria, então, um papel fundamental no desenvolvimento da consciência, cujo autor afirma que funcionaria como um microcosmo da consciência (VYGOTSKI, 2014), nas palavras do autor:

> [...] a palavra desempenha papel central no conjunto da consciência e não somente nas suas funções isoladas. A palavra representa a consciência, em termos de Feuerbach, o que é absolutamente impossível para uma pessoa e possível para duas. É a expressão mais direta da natureza histórica da consciência humana. [...] A palavra significativa é o microcosmos da consciência humana.

Essas citações são recorrentemente mencionadas em produções acadêmicas sobre a consciência em Vigotski. Em nossa análise, não há como tomar um trecho isolado como critério de entendimento da consciência, já que essa perspectiva desenvolvida por Vygotski (2014) só pode ser compreendida através do viés sistêmico atribuído ao psiquismo. Nas discussões sobre formação do pensamento e da linguagem, Vygotski (2014) também relaciona às demais funções. Por exemplo, uma das análises sobre a consciência de Vigotski é de que a predominância da percepção enquanto função organizadora dos processos psicológicos constitui um tipo de consciência, enquanto a predominância do pensamento formaria outro tipo de consciência. Não há distinção em qualidade, já que ambos os processos são de fundamental importância no movimento de constituição da consciência.

V) Em relação à concepção de homem, a conceituação das funções psicológicas superiores parece confirmar o fundamento marxiano nas produções de Vigotski. O processo de constituição e estruturação das funções perpassa pela ideia de homem natural, isto é, existe uma face elementar nas funções que são oriundas de uma linha de formação filogenética, do homem enquanto espécie. Todavia, a incorporação do homem nas

relações sociais e a inserção na cultura requalifica e orienta o processo de formação para outro caminho, sobretudo, incorporando e superando as funções elementares. Essa atuação conjunta é o que constitui o homem em unidade: ao mesmo tempo natural e social.

Considerando o processo de estruturação das funções psicológicas superiores, Vygotski (2013, 2014) aponta a formação no decurso da formação do homem. Desse modo, a conceituação do desenvolvimento humano para Vigotski parece ampliar o entendimento de como se constituem as funções superiores e a questão da consciência. No tópico seguinte, adentramos na discussão do quarto eixo, o desenvolvimento humano.

3.8 Desenvolvimento humano

O conceito de desenvolvimento humano na teoria vigotskiana é amplamente discutido e tomado como referência para reflexões na área da educação no Brasil. Duarte (2004) e Prestes (2010) apontam a *popularização* de alguns conceitos, embora apresentem questões de fundo epistemológico que merecem atenção, como o conceito de *zona de desenvolvimento real* e *iminente* ou *próxima*. De forma geral, os estudos sobre desenvolvimento humano do autor não se localizam em apenas uma obra de Vigotski e perpassam os seus textos enquanto orientação teórica e metodológica.

O Tomo IV das *Obras Escogidas* apresentam textos sobre a psicologia infantil e a pedologia do adolescente. Dos textos contidos nesta presente obra, alguns foram publicados de forma inédita. Elkonin (2012b), no epílogo, diz que esta obra de Vigotski reúne os estudos do autor sobre o desenvolvimento psíquico nos diferentes períodos da infância, aspectos sobre a periodização do desenvolvimento e estrutura do decurso do processo de desenvolvimento de diferentes períodos.

Especificamente em nossa leitura e análise, encontramos, no entorno da discussão sobre o desenvolvimento humano, a categoria consciência como central, mediante a determinadas questões que Vigotski se questiona e elabora diante da periodização do desenvolvimento. Uma questão fundamental a que o autor se faz é: a partir de quando a criança possui consciência? Esse questionamento parece conduzir a elaboração teórica do autor. Diante deste quadro, destacamos quatro eixos de discussão, são eles: (a) conceito de desenvolvimento; (b) a periodização do desenvolvimento e o papel das crises; (c) a consciência no curso do desenvolvimento na infância; (d) situação social de desenvolvimento. Esses eixos foram construídos através dos seguintes textos estudados:

Tabela 9 – Textos de Vigotski utilizados no eixo *Desenvolvimento humano*

	Título do texto em português	***Localização do texto***	***Ano em que foi escrito***
Eixo IV: Desenvolvimento humano	Desenvolvimento do interesse na idade de transição	Tomo IV Primeira Parte	1931
	Dinâmica e estrutura da personalidade do adolescente		1931
	O problema da idade	Tomo IV Segunda Parte	1932
	O primeiro ano		1932
	Crise do primeiro ano de vida		1933
	A primeira infância		1933
	Crise dos três anos		1933
	Crise dos sete anos		1933
	Primeira aula. O objeto da pedologia Segunda aula. A definição do método na pedologia Quinta aula. Leis gerais do desenvolvimento psicológico da criança.	Sete aulas de L. S. Vigotski sobre os fundamentos da Pedologia	Não se sabe

Fonte: Elaborado pela autora.

No subitem seguinte apresentamos a concepção geral de desenvolvimento sistematizado por Vigotski, localizando-a no cerne das teorias existentes em sua época, que levou o autor a desenvolver aproximações e críticas à perspectiva existente na Psicologia até então.

3.8.1 Aproximação ao conceito de desenvolvimento

O conceito de desenvolvimento humano para Vigotski é desenvolvido em diferentes momentos de sua obra. O autor apresenta uma preocupação recorrente em analisar os fenômenos psicológicos pela via do desenvolvimento e em processo de formação. Especificamente em alguns textos o autor dedica-se a apresentar uma proposição histórico-cultural do desenvolvimento, discutindo leis gerais de

desenvolvimento. Além disso, reiteradamente estamos diante de um autor que dialoga junto a outras teorias psicológicas.

Em seu texto "*O primeiro ano*"[116], Vigotski apresenta algumas teorias de sua época que produziram determinados conhecimentos em relação ao primeiro ano de vida do bebê. Ainda que o autor busque inserir essa estruturação para subsidiar a sua compreensão sobre o primeiro ano de vida e, portanto, apontar possibilidades e limites com as teorias, é importante compreender o cenário posto em relação à compreensão de desenvolvimento humano em sua época. As informações foram incorporadas no quadro a seguir.

Quadro 6 – Teorias do desenvolvimento humano analisadas por Vigotski

PRINCIPAIS TEORIAS SOBRE O PRIMEIRO ANO	
Teoria reflexológica	O bebê seria um ser de reflexos incondicionados cujo conteúdo do desenvolvimento de sua personalidade estaria restrito à formação posterior de reflexos condicionados. Vigotski concorda que o bebê passa pelo processo de formação de reflexos condicionados, todavia, compreende que este seria um processo transitório que daria lugar à fenômenos mais complexos na organização do processo de desenvolvimento do indivíduo. Para o autor, a reflexologia recai em uma simplificação do desenvolvimento humano e do psiquismo do bebê, não sendo capaz de diferenciar as leis inferiores das superiores e, assim: "Seu mecanismo se manifesta, sobretudo, em que não pode captar a diferença do princípio entre o desenvolvimento social da criança e desenvolvimento do animal" (VYGOTSKI, 2012a, p. 311)
Teoria dos três níveis	Busca englobar em uma única lei o desenvolvimento dos animais e dos seres humanos, tal como a teoria reflexológica. Segue por uma linha semelhante, mas apresenta distinções importantes. Estudo os instintos e os hábitos, mas também pensa o adestramento e o nível intelectual. Para Vigotski, só pode ser válida essa teoria até o primeiro ano. O problema dessa teoria estaria no erro de subestimar a natureza social do ser humano.
Teoria estruturalista	Apresenta corretamente elementos em relação ao primeiro ano como pondo de partida, bem como consegue captar

[116] Esse texto será trabalhado no subitem posterior, ao tratar da periodização do desenvolvimento humano através da teoria de Vigotski.

	determinadas peculiaridades do desenvolvimento do bebê. Todavia, essa teoria tem um ponto inicial e final bastante semelhante, não incorpora o novo no processo de desenvolvimento. Tal como as teorias anteriores, também busca um princípio geral de desenvolvimento do homem e do animal.
Teoria subjetivista	Essa teoria compreende que o bebê recém-nascido seria um ser fechado a si mesmo, consumido inteiramente por muito subjetivismo que, ao longo de tempo, passa a desenvolver também o mundo objetivo. A dinâmica seria do eu para o mundo exterior.
Teoria do solipsismo	Para o autor, seria uma teoria que leva ao extremo o aspecto subjetivista. O autor que se destaca nessa teoria seria Piaget. "Para ele, a consciência do bebê é um enigma; considera que o sistema regressivo é mais um meio para penetrá-la" (VYGOTSKI, 2012a, p. 313).
Teoria psicanalítica	Para Vigotski, Freud desenvolve o conceito de narcisismo e compreende que estaria no centro das relações, tal como na teoria solipsista. Paulatinamente, o indivíduo desenvolveria o pensamento e sua consciência e, através da socialização com o mundo exterior, diminuiria o solipsismo.

Fonte: Elaborado pela autora com base em Vygotski (2012a).

Ao analisar as teorias existentes em sua época, Vygotski (2012a) reconhece que essas estariam organizadas, basicamente, em duas concepções fundamentais:

(1) A primeira concepção geral seria a de que o desenvolvimento não seria mais que a realização, combinação e mudança de capacidades que são inatas ao homem. O que há de novo no desenvolvimento, portanto, poderia ser aferido e medido, como o crescimento. Essa concepção busca, através do mesmo princípio explicativo, compreender o homem e o animal.

(2) Para o segundo campo de teorias, o desenvolvimento seria um processo contínuo de *automovimento* que se distingue pela formação e aparição do novo que não existia em estágios anteriores. Para autor, nesse campo teórico seria possível desenvolver uma compreensão dialética do desenvolvimento, superando uma visão etapista e linear, caminhando no sentido de compreensão do desenvolvimento enquanto processo.

A partir das teorias de sua época, Vigotski visa construir uma perspectiva de desenvolvimento humano que tivesse um diferente ponto de partida, sobretudo compreendendo o curso do desenvolvimento a partir das relações sociais estabelecidas. No livro "*Sete aulas de L. S. Vigotski sobre os fundamentos da Pedologia*"[117] as duas primeiras aulas apresentam importantes sínteses sobre a compreensão de desenvolvimento humano de Vigotski.

Inicialmente, Vigotski (2018) apresenta que a Psicologia deve desenvolver-se na área da pedologia. Pedologia, para o autor, seria a ciência da criança, isto é, uma área que estuda a criança no curso de seu desenvolvimento. Em termos gerais, Vigotski (2018) trata o desenvolvimento como surgimento do *novo*. Embora essa definição pareça bastante ampla e pouco elucidativa, o autor trata o novo enquanto o surgimento de possibilidades, da interrelação entre funções e da requalificação da atividade do homem na realidade que não existia anteriormente como critério de compreensão deste novo e, portanto, força motriz de desenvolvimento.

Esse novo não seria apenas um dado quantitativo, mas, precisamente qualitativo. Para esta teoria, o desenvolvimento não ocorre de forma linear e regular, tampouco é um processo organizado temporalmente de modo simples. Ou seja, o desenvolvimento é um elemento complexo que não está necessariamente associado ao ritmo do tempo cronológico.

> [...] em cada etapa da idade encontramos sempre uma nova formação central como uma espécie de guia para todo o processo de desenvolvimento que caracteriza a reorganização de toda a personalidade da criança sobre uma base nova. Em torno à nova formação central ou básica da idade dada se situam e agrupam as restantes novas formações parciais relacionadas com facetas isoladas da personalidade da criança, assim como os processos de desenvolvimento relacionado com as novas formações de idades anteriores. Chamaremos de linhas centrais de desenvolvimento da idade dada aos processos de desenvolvimento que se relacionam de forma mais ou menos imediata com a nova formação principal, enquanto que todos os demais processos parciais, assim como as mudanças que se produzem na dita idade receberiam o nome de linhas acessórias de desenvolvimento. Assim, se entende que os processos que são linhas principais de desenvolvimento em uma idade se convertem em linhas acessórias de desenvolvimento na idade seguinte e vice-versa (VYGOTSKI, 2012a, p. 262).

[117] Prestes e Tunes (2018) apontam que esse livro é constituído a partir de textos estenografados de aulas ou palestras que, em sua maioria, não passaram pela revisão de Vigotski e, inclusive, só foram publicadas e socializadas após a sua morte.

Para exemplificar a questão das linhas centrais e acessórias de desenvolvimento, recorremos à exemplificação dada por Vigotski (2018) ao discutir as diferenças qualitativas e quantitativas no desenvolvimento. Há um determinado momento, quando recém-nascido, que o dado como massa corporal tem grande relevância no curso do desenvolvimento. Todavia, o mesmo dado massa corporal teria pouco a dizer em outros momentos do desenvolvimento. Assim, os aspectos fisiológicos e biológicos ocupam, em certo momento, uma linha central e, em outros, uma linha acessória. O mesmo pode se dizer em relação à hereditariedade. Ao analisar determinas questões, vê-se que com o passar do tempo a hereditariedade passa a ser uma questão central. Então, questiona, então, sobre a hereditariedade. Vigotski (2018, p. 69) resolve essa questão da seguinte forma: "O papel da hereditariedade no desenvolvimento mudou; o peso específico da influência hereditária se alterou".

Dessa forma, é preciso considerar ambas as linhas para pensar o desenvolvimento e seu curso. Vigotski (2018) também aponta que o desenvolvimento seria composto por mudanças qualitativas e quantitativas no desenvolvimento. Por exemplo, o bebê cresce em termos quantitativos: em altura, massa corporal e outros índices. Todavia, o desenvolvimento da fala não pode ser quantitativamente analisado. A análise da fala exige uma apreensão qualitativa, buscando compreender como se estabelecem os nexos entre a criança e a realidade concreta. Para o autor, embora as duas linhas sejam consideradas como desenvolvimento, a segunda relação explicaria melhor o desenvolvimento e o seu curso. Isto porque os índices que são aferidos só seguem um caminho: seu aumento quantitativo.

Embora este também seja um critério de desenvolvimento para esta teoria, Vigotski (2018) compreende que o desenvolvimento se dá por ondulações, retrocessos, ou seja, o desenvolvimento ocorre por ciclos em que pode haver períodos de aceleração, outros de desaceleração e retração, em que "[...] o desenvolvimento se considera como um processo que se distingue pela unidade do material e o psíquico, do social e do individual, à medida que a criança vai se desenvolvendo" (VYGOTSKI, 2012a, p. 254).

Conforme identificado nos outros eixos, Vigotski recorrentemente busca a unidade como critério de explicação da organização e funcionamento psicológico. A nosso ver, mais do que um caráter metodológico, a unidade é para este autor um critério ontológico, apontando na direção de como Vigotski compreende e concebe o homem.

Marx e Engels (2007) e Marx (2011) empreendem esforços para constituir uma teoria social embasada na unidade do homem, apontando que a superação do idealismo e

do materialismo mecanicista seria compreender a relação entre homem e natureza, no qual coexistem elementos sociais e biológicos, organizados, sobretudo, no contexto de uma história social. A existência objetiva, portanto, é critério de verdade através das condições materiais sob as quais se desenvolvem o homem e a humanidade. No capitalismo, a contradição emerge como condição de sobrevivência deste sistema econômico. Marx (2011) analisa, por exemplo, que o capital vê o trabalhador, ao mesmo tempo, como força de trabalho e como consumidor. Porém:

> [...] se o capital, por um lado, faz do trabalho excedente e de sua troca por trabalho excedente condição do trabalho necessário, e, consequentemente, faz da posição da capacidade de trabalho centro de troca – sob esse aspecto, portanto, já restringe e condiciona a esfera da troca –, por outro, é igualmente essencial para o capital limitar o consumo do trabalhador ao necessário para a reprodução de sua capacidade de trabalho – fazer do valor expressando o trabalho necessário o limite da valorização da capacidade de trabalho e, com isso, da capacidade de troca do trabalhador, e procurar reduzir a um mínimo a relação entre esse trabalho necessário e o excedente (MARX, 2011, p. 345-346).

Desse modo, embora o capital necessite de ampliação do consumo, ao trabalhador é fundamental que se imponha um limite de consumo mediante ao mínimo necessário para manutenção e reprodução de sua condição de força de trabalho. Essa contradição se apresenta em função também de reorganização da ordem social e, diante dessa contradição fundamental, é que se forjam as condições de desenvolvimento do homem e a transformação deste em ser social. A teoria de Vigotski visa tomar como ponto de partida essa determinação histórica.

Vigotski (2018) apresenta três leis do desenvolvimento: a primeira lei é de que o desenvolvimento é um processo histórico que ocorre dentro de um tempo, embora não esteja organizado no tempo a ponto de seguir um ritmo linear e organizado. O tempo cronológico, portanto, não é capaz de dizer o nível de desenvolvimento da criança, isto porque tempo e conteúdo são coisas distintas. Esse elemento significa que o desenvolvimento ocorre na forma de um espiral, com inúmeras idas e vindas em diferentes ciclos (VIGOTSKI, 2018).

A segunda lei é de que a criança é um ser complexo e as suas particularidades isoladas não se desenvolvem de modo regular e proporcional. Por exemplo, em determinado momento o ganho de peso é fundamental e em certo estágio é insignificante. Ou seja, os parâmetros de referência de desenvolvimento modificam ao longo do tempo.

Assim, há o aumento de funções e também da relação entre elas que se dá de forma irregular. Nas palavras do autor:

> [...] então, em cada degrau determinado, ocorre não apenas um maior ou menor crescimento de aspectos isolados, mas também a reestruturação, o reagrupamento das relações entre as diferentes particularidades do organismo, ou seja, a própria estrutura do organismo e da personalidade muda em cada novo degrau (VIGOTSKI, 2018, p. 25).

A terceira lei seria a da metamorfose no desenvolvimento infantil. Esta significa que o desenvolvimento não é exclusivamente a mudanças ou crescimento quantitativo, mas, em especial as transformações qualitativas (VIGOTSKI, 2018). Nas palavras do autor:

> A criança é um ser que se difere do adulto qualitativamente pela estrutura de todo o organismo e de toda a personalidade. Por isso, a transformação da criança em adulto não é um simples crescimento do pequeno adulto que está dado desde o início, mas o trajeto de uma série de mudanças qualitativas pelas quais deve passar até atingir certo grau de amadurecimento (VIGOTSKI, 2018, p. 29).

Vygotski (2012a) aponta que, em termos gerais, o desenvolvimento seria vinculado à mudança que aparece no homem, o novo que não existia anteriormente. Esse elemento nos coloca frente a outro conceito do autor, o de neoformação. Embora Vygotski (2012a) não apresente detalhadamente esse conceito, há determinados espaços que o autor apresenta o que entende por esse conceito.

> Entendemos por formações novas o novo tipo de estrutura da personalidade e de sua atividade, as mudanças psíquicas e sociais que se produzem pela primeira vez em cada idade e determinam, em aspecto mais importante e fundamental, a consciência da criança, sua relação com o meio, sua vida interna e externa, todo o curso de desenvolvimento em um dado período (VYGOTSKI, 2012a, p. 254-255).

Cabe considerar e refletir o que essa teoria do desenvolvimento nos apresenta de novo e suas possíveis implicações na concepção de homem. Como ponto de partida, Vigotski pensa no desenvolvimento humano enquanto um processo que está diretamente relacionado às relações sociais que a criança se insere desde os primeiros momentos de sua vida. Ou seja, o novo só existe como condição de desenvolvimento porque há algo a ser internalizado pela criança que não lhe é inato ou pré-concebido. Essas seriam, portanto, as condições objetivas para o desenvolvimento, alheias a uma definição fisiológica. Paulatinamente, o homem se constitui em função e por meio das relações

sociais. Assim, embora algumas teorias apontem que o desenvolvimento seria um curso individual, para Vygotski (2012c) é um processo coletivo. Sobre essa questão, vejamos o que Marx e Engels (2007) apontam sobre a questão da *vontade*:

> O mesmo vale para as classes dominadas, de cuja vontade tampouco depende a existência da lei e do Estado. Por exemplo, enquanto as forças produtivas não tiverem se desenvolvido a ponto de tornar supérflua a concorrência e, por essa razão, reiteradamente provocarem a concorrência, as classes dominadas quererão algo impossível se tiverem a "vontade" de eliminar a concorrência e, junto com ela, Estado e lei. Aliás, só mesmo na imaginação dos ideólogos essa "vontade" surge antes que as condições tenham evoluído a ponto de poder produzi-la. Depois que as condições evoluíram o suficiente para produzi-la, o ideólogo pode imaginar essa vontade como algo simplesmente arbitrário e, consequentemente, identificável em todas as épocas e sob todas as circunstâncias (p. 318).

Analisando a passagem, vemos que tanto Marx e Engels (2007) quanto Vygotski (2012c), em momentos históricos distintos e com as devidas diferenças, se deparam com uma proposta explicativa do homem – o idealismo – que careceria de fundamento para compreender esse homem, já que inverte o processo de interpretação: do individual ao social, o que, na perspectiva marxiana e de Vigotski é uma leitura equivocada do processo de constituição da existência. Desse modo, o desenvolvimento não explica o indivíduo, mas as condições objetivas existentes que possibilitam o homem a se *hominizar* sob determinados aspectos.

Como síntese, compreende-se que as produções do autor (VIGOTSKI, 2018; VYGOTSKI, 2012c) visam tratar e conceber o desenvolvimento em *movimento*, em processo de constituição, recuperando a historicidade e os determinantes objetos como critério de explicação do homem. As neoformações são condições relativas ao processo do *de vir*. Ainda na esteira do entendimento de desenvolvimento para Vigotski, buscaremos compreender como o autor elabora seu entendimento sobre o movimento característico na periodização do curso do desenvolvimento.

3.8.2 Periodização do desenvolvimento e o papel das crises

Em "*O problema da idade*" estamos diante de um capítulo que é parte constituinte de um livro que Vigotski vinha trabalhando nos últimos anos de sua vida, entre 1932 e 1934. Neste texto, o autor nos introduz a uma perspectiva de periodização do desenvolvimento humano sob uma base histórico-cultural. Esse elemento será estudado e discutido por outros autores, dos quais destacamos as ideias de Daniil Elkonin (1904-1984).

Vygotski (2012a) apresenta que estudiosos desenvolveram as bases teóricas da periodização. Para análise e diálogo, o autor dividirá essas teorias em três grupos. O primeiro grupo é composto pelas teorias que buscam periodizar a infância sem fracionar o processo de desenvolvimento da criança e fazem um escalonamento de processos auxiliares para compreender o desenvolvimento infantil. Um exemplo de teorias deste grupo seria a periodização baseada ao princípio biogenético.

> A teoria biogenética pressupõe a existência de um paralelismo rigoroso entre o desenvolvimento da humanidade e o desenvolvimento da criança, afirma que a ontogênese se reproduz em forma breve e restrita à filogênese (VYGOTSKI, 2012a, p. 251).

Além da visão biogenética, há também as teorias que periodizam a infância a partir das etapas da educação, conforme aponta o autor.

> [...] a periodização da infância não se faz sobre a base de fracionamento interno do próprio desenvolvimento, mas sobre a base dos estágios de educação e ensino. Aqui é onde se encontra o erro. Porém, como os processos de desenvolvimento infantil estão muito vinculados com a educação da criança e a educação dividida em etapas, conta-se com enorme experiência prática e é natural que a classificação da infância de acordo com o princípio pedagógico nos aproxime de sua verdadeira classificação em períodos isolados (VYGOTSKI, 2012a, p. 251).

O segundo grupo de teorias elegem algum indício como critério para orientar a periodização infantil. São os esforços de Pavel Petrovich Blonski (1884-1941), que utiliza o elemento da dentição para critério de desenvolvimento. Um dos elementos que essas teorias pretendem seria: (a) indicar o período de desenvolvimento que a criança se encontra; (b) ser facilmente acessível à observação; (c) ser uma classificação objetiva.

Além da teoria de Blonski, Vygotski (2012a) também menciona a de desenvolvimento baseado nos aspectos sexuais de K. Stratz e de Wilhelm Stern (1871-1938), que periodiza através de critérios psicológicos (atividade lúdica, estudo consciente, dependência do indivíduo etc.).

> Os esquemas deste grupo são, em primeiro lugar, subjetivos, embora propõe como critério para a periodização da idade um indício objetivo. Este indício se analisa subjetivamente em dependência aos processos que chamam mais atenção. A idade é uma categoria objetiva e não convencional, nem elegida voluntariamente, nem fictícia. Por isso, os signos de separação da idade não podem colocar-se em qualquer ponto da vida da criança, mas tão somente naquelas onde acaba objetivamente uma etapa e inicia outra (VYGOTSKI, 2012a, p. 252).

A outra crítica de Vygotski (2012a) para este grupo é a de que há a escolha de um critério único que, ao longo do desenvolvimento, apresenta uma mesma significação que para um estágio anterior do desenvolvimento não parece mais fazer sentido. O exemplo que o autor dá é em relação à maturação sexual. Vygotski (2012a) considera que esse indício pode fazer algum sentido no período da adolescência, mas não é tão significativo em idades anteriores. Deste modo "Os esquemas assinalados não levam em conta a reorganização do próprio processo de desenvolvimento" (idem, p. 252).

Vygotski (2012a) considera que o desenvolvimento apresenta uma complexidade sob a qual haveria um impeditivo de ser determinado ou classificado através de um único indício, sobretudo um indício externo, aparente, que não necessariamente estaria de acordo com a essência interna do processo. O autor recorre a uma menção à Marx e Engels que aparece em outras obras, parecendo ser uma busca recorrente de Vigotski à compreensão deste fenômeno, que seria a ideia de que a ciência se justifica porque não há a coincidência entre o objeto e sua essência. A nosso ver, essa compreensão do fenômeno talvez ocupe uma espécie de bússola de Vigotski para olhar aos fenômenos psicológicos. Vejamos a síntese do autor:

> O sintoma é um indício. Dizer que a psicologia estuda os complexos de sintomas de diversos períodos, fases e estágios de desenvolvimento infantil, significa dizer que estuda seus indícios externos. Porém, a verdadeira tarefa consiste em investigar o que se oculta por trás dos ditos indícios, aquilo que os condiciona, quer dizer, o próprio processo de desenvolvimento infantil com suas leis internas. Em relação com o problema da periodização infantil isso significa que devemos renunciar a toda tentativa de classificar as idades por sintomas e passar, como o fizeram em seu tempo outras ciências, a uma periodização baseada na essência interna do processo estudado (VYGOTSKI, 2012a, p. 253).

Um terceiro grupo de teorias busca passar da perspectiva sintomática e descritiva para a discriminação das peculiaridades essenciais do desenvolvimento infantil. Todavia, Vygotski (2012a) considera que essas teorias apresentam um limitador de ordem metodológica. Olham para o desenvolvimento em uma perspectiva antidialética e dualista, fragmentando o processo de desenvolvimento, ao invés de olhá-lo como um processo único. O exemplo citado pelo autor é a teoria de Arnold Gesell (1880-1961).

> Gesell divide toda a infância em períodos isolados ou ondas rítmicas de desenvolvimento internamente unidas pela constância do ritmo ao longo do dito período e separados de outros pela evidente mudança do mesmo. Gesell representa a dinâmica do desenvolvimento infantil como um processo gradual de desaceleração do crescimento. A teoria de Gesell se inclui no grupo daquelas teorias modernas que, segundo sua própria confissão, converte a

> primeira infância em critério supremo para interpretar a personalidade e sua história. Para Gesell o mais importante e principal no desenvolvimento infantil acontece nos primeiros anos, inclusive nos primeiros meses de vida (VYGOTSKI, 2012a, p. 253).

Para Vygotski (2012a) a teoria de Gesell estrutura-se a partir de uma concepção evolucionista de desenvolvimento humano, já que há uma ideia linear, no qual o desenvolvimento seria um desdobramento do crescimento, sem que haja o surgimento de algo *novo* no processo do desenvolvimento, tampouco é um autor que estaria voltado e atento às mudanças qualitativas. Para a perspectiva vigotskiana de desenvolvimento humano, há de se estar atento não somente as mudanças externas, aparentes, mas, sobretudo às alterações qualitativas. Assim, a chave para a compreensão do desenvolvimento estaria nas modificações internas.

> Os órgãos e as funções elementares básicas amadurecem mais cedo que as superiores. Porém, é um erro supor que todo o desenvolvimento se limita ao crescimento das funções elementares, essenciais, que são as premissas das facetas superiores da personalidade. Se investigarmos as facetas superiores o resultado seria inverso; o ritmo, a cadência de sua formação seria mínima nos primeiros atos do drama geral de desenvolvimento e máximo ao final do mesmo (VYGOTSKI, 2012a, p. 254).

Embora o conceito de neoformação seja fundamental para a compreensão do desenvolvimento humano, não é suficiente para proceder uma periodização científica do desenvolvimento infantil. Segundo Vygotski (2012a) deve-se encontrar a dinâmica e o movimento do processo que consiste na transição de uma idade para outra. Pavel Blonski (1884-1941) compreendia que, na passagem de uma idade para outra, produzia-se uma mudança violenta, crítica e, ao mesmo tempo, mudanças graduais e lentas. Este autor dividiu os estágios de desenvolvimento através de crises mais violentas, chamadas de etapas e outras menos violentas, chamadas de estágios (VYGOTSKI, 2012a). Essa visão de Blonski parece inspirar também a estruturação da periodização de desenvolvimento de Vigotski que aponta: “Nenhum investigador pode negar a existência desse peculiar período no desenvolvimento infantil; inclusive os de espírito menos dialético reconhecem a necessidade de admitir [...] a presença de crises no desenvolvimento da criança” (VYGOTSKI, 2012a, p. 255).

Do ponto de vista da periodização para Vygotski (2012a) há a definição de que o desenvolvimento seja compreendido por idades estáveis e idades críticas.

> Em idades relativamente estáveis, o desenvolvimento se deve principalmente às mudanças microscópicos da personalidade da criança que se vão acumulando até um certo limite e se manifestam mais tarde como uma repentina formação qualitativamente nova de uma idade. Se consideramos a infância desde o ponto de vista cronológico veremos que a quase toda ela lhe corresponde esses períodos estáveis. Se se compara a criança ao princípio e o término de uma idade estáveis se verá claramente que enormes mudanças se vão produzindo em sua personalidade, mudanças às vezes não visíveis, já que o desenvolvimento vai por dentro, diria por uma via subterrânea (VYGOTSKI, 2012a, p. 255).

De acordo com Vygotski (2012a), "As crises foram descobertas por vias puramente empíricas, não foram sistematizadas ou incluídas na periodização geral do desenvolvimento infantil" (p. 255). Apesar das diversas teorias considerarem a existência da crise, muitas vezes olham para esse processo enquanto períodos "problemáticos", que seriam desvios de um desenvolvimento normal. Outras teorias compreendem o momento da crise enquanto uma "enfermidade" no interior do desenvolvimento. Deste modo, o autor propõe uma periodização que incorpore as crises, porém imbuída de uma condição desenvolvente, não enquanto um caráter desviante do processo de desenvolvimento.

As idades críticas são aquelas em que "[...] ao longo de um tempo relativamente curto [...] se produzem bruscos e fundamentais mudanças, deslocamentos, modificações e rupturas na personalidade da criança" (VYGOTSKI, 2012a, p. 256). Esse desenvolvimento brusco e impetuoso é caracterizado enquanto modificações revolucionárias no curso do desenvolvimento, em ritmo acelerado e tido enquanto pontos de viragem no desenvolvimento infantil. Esse aspecto pode ser traduzido em crises agudas.

> Como é natural, as condições exteriores determinam o caráter concreto em que se manifestam e transcorrem os períodos críticos. Distintos nas diversas crianças, condicionam as variantes extremamente díspares e multiformes da idade crítica. Porém, o estudo dos índices relativos nos convence de que a lógica interna do próprio processo de desenvolvimento é o que provoca a necessidade de ditos períodos críticos, de viragem, na vida da criança e não na presença ou ausência de condições específicas exteriores (VYGOTSKI, 2012a, p. 256-257).

Sobre as crises no desenvolvimento e as idades críticas, o autor faz algumas pontuações:

(a) Há uma indefinição em relação aos limites de começo e final da crise e as idades seriam parâmetros flexíveis. Isto é, há uma dificuldade em precisar o início e o final da crise (VYGOTSKI, 2012a).

(b) As idades críticas serviram como referência e ponto de partida para o estudo empírico do desenvolvimento infantil. Assim, durante um período crítico no desenvolvimento, as crianças são difíceis de serem educadas (VYGOTSKI, 2012a).

(c) A produção do conhecimento existente sobre os períodos de crise circunscritos às idades críticas aponta que este momento seria caracterizado por ser mais destrutivo do que criativo, ao contrário da idade estável. Alguns autores chegam a denominar essa fase como "rebelde". Para Vygotski (2012a), esses momentos são permeados por conflitos, embora seja um momento fundamental para a manutenção do novo. Assim:

> Nas idades críticas, o desenvolvimento da criança geralmente vem acompanhado de conflitos mais ou menos agudos com as pessoas de seu entorno. Na sua vida interna a criança pode sofrer dolorosas vivências e conflitos íntimos (VYGOTSKI, 2012a, p. 256).

De acordo com Vygotski (2012a) a idade crítica seria um momento de "[...] extinção e duplicação, decomposição e desintegração de tudo o que foi formado na etapa anterior e caracterizava a criança dessa idade" (VYGOTSKI, 2012b, p. 257). É um momento pelo qual a criança perde elementos que antes eram orientadores de sua atividade. Este período seria aparentemente uma "perda", em que a criança deixa de se ocupar e ter atenção as coisas que tinha anteriormente. De forma geral, modifica-se a relação da criança com o mundo exterior e também interior. Nessa perspectiva, Vygotski (2012a), recuperando suas referências literárias, faz uma menção a Lev Nikolaevitch Tolstói (1828-1910), que, definiu um momento de idade crítica com *deserto da adolescência*.

Essa busca literária por Tolstói parece caracterizar o que Vygotski (2012a) visualiza enquanto uma ambivalência na idade crítica. Seria um momento que o homem não se vê na fase anterior e tampouco se identifica com as pessoas que estão em um momento posterior. Por exemplo, a criança de sete anos, que, em seu período de crise, não se identifica a uma criança pré-escolar, mas também não se enxerga na adolescência.

Na perspectiva vigotskiana o desenvolvimento da criança seria ininterrupta criação do novo. Em suas palavras: "O desenvolvimento não interrompe jamais sua obra criativa e mesmo nos momentos críticos se produzem processos criativos" (VYGOTSKI, 2012a, p. 259). Para tentar captar este movimento, o autor recorre a uma ideia de Engels

de que, na vida coexiste a sua possibilidade de extinção. Ele se reproduziria no desenvolvimento, já que o surgimento do novo implica na erradicação do velho no desenvolvimento. Isso se contrapõe a ideia presente na produção do conhecimento, na rebeldia como entendimento para a idade crítica.

> A investigação na realidade demonstra que o conteúdo negativo do desenvolvimento nos períodos críticos é tão somente a face inversa ou velada das transformações positivas da personalidade que configuram o sentido principal e básico de toda idade crítica (VYGOTSKI, 2012a, p. 259).

Vygotski (2012a) enfatiza que a crise ocupa um papel fundamental na organização interna do desenvolvimento que, muitas vezes, não se manifesta na aparência do fenômeno.

> Os períodos de crises que se intercalam entre os estáveis configuram pontos críticos, de viragem no desenvolvimento, confirmando mais uma vez que o desenvolvimento da criança é um processo dialético no qual a passagem de um estágio a outro não se realiza por via evolutiva, mas revolucionária (VYGOTSKI, 2012a, p. 258).

Diante desses aspectos apontamos, Vygotski (2012a) divide a apresentação da periodização, didaticamente, em dois aspectos: os aspectos estruturais e dinâmicos da periodização das idades. Em relação aos aspectos estruturais, sintetizamos algumas características apontadas pelo autor no processo de organização da periodização do desenvolvimento:

1) O desenvolvimento humano é um processo bastante complexo e dinâmico, composto por idade estáveis e idades críticas. As idades estáveis seriam binárias, com o primeiro e segundo estágio. A idade crítica seria estruturada por um trinômio, no qual, há a existência de três momentos: pré-crítico, crítico e pós-crítico.

2) Vygotski (2012a) não compreende o desenvolvimento uterino como critério para a periodização, embora reconheça os processos de crescimento biológico do feto no momento de gestação;

3) Diferente de outros autores, para Vygotski (2012a) o período da puberdade seria uma idade estável e não crítica.

4) Após o período de dezessete e dezoito anos, para Vygotski (2012a) alcançaríamos uma fase definitiva de *maturação*.

Dessa forma, cada idade estável estaria vinculada e entremeada por idades críticas, com a existência de crises que acontecem em três momentos. Isso significa que a idade e

a duração de cada uma das idades, inclusive durante períodos de crise, não há uma duração definida, ou seja, não são dados estáticos e necessitam ser discutidas também pela concepção da dinâmica do desenvolvimento. Para Vygotski (2012a), além das idades, há de se levar em consideração a relação entre a personalidade da criança e a realidade social, no qual, em cada momento aparece uma exigência específica que coloca em movimento um tipo específico de atividade.

> [...] em cada etapa da idade encontramos sempre uma nova formação central como uma espécie de guia para todo o processo de desenvolvimento que caracteriza a reorganização de toda a personalidade da criança sobre uma base nova. Em torno à nova formação central ou básica da idade dada se situam e agrupam as restantes novas formações parciais relacionadas com facetas isoladas da personalidade da criança, assim como os processos de desenvolvimento relacionado com as novas formações de idades anteriores. Chamaremos de linhas centrais de desenvolvimento da idade dada aos processos de desenvolvimento que se relacionam de forma mais ou menos imediata com a nova formação principal, enquanto que todos os demais processos parciais, assim como as mudanças que se produzem na dita idade receberiam o nome de linhas acessórias de desenvolvimento. Assim, se entende que os processos que são linhas principais de desenvolvimento em uma idade se convertem em linhas acessórias de desenvolvimento na idade seguinte e vice-versa (VYGOTSKI, 2012a, p. 262).

Por isso, embora estruturalmente Vygotski (2012a) apresente a periodização tendo como referência também a idade da criança, há de se considerar como se estruturam as linhas centrais e acessórias de desenvolvimento no interior do processo de desenvolvimento da criança. Assim, as linhas centrais e acessórias modificam-se ao longo de desenvolvimento pelas mudanças da relação do homem com a realidade externa.

Isto posto, cabe evidenciarmos que a nomeação de Vygotski (2012a) às divisões do desenvolvimento, bem como a estruturação dos momentos de crise, é remetida à idade cronológica. Esse elemento nos chama atenção para a condição de que, ainda que o autor buscasse superar uma divisão estática – e etapista – do desenvolvimento, a busca pela organização em função da idade parece engessar a sua proposição. Em nossa análise, a periodização da idade deve servir como uma das possíveis referências, garantindo que os devidos ajustes sejam feitos em razão do momento de escrita do autor e o desenvolvimento posterior da humanidade. Isso nos leva a pensar que a criança de três anos estudada por Vigotski no contexto da União Soviética talvez não seja a *mesma* criança de três anos de um país ocidental.

O texto de Vigotski (VYGOTSKI, 2012a) visa evidenciar essas possíveis problemáticas. O autor analisou proposições que, inevitavelmente, talvez tenha sido uma

possível resolução do problema da periodização, embora Vigotski fizesse críticas à essa concepção de desenvolvimento humano. Nesse sentido, nosso olhar à periodização de Vigotski busca: (i) pontuar divergências e limites à luz da concepção de homem de Marx e Engels a uma proposição que se baseia na idade cronológica como critério de organização; (ii) reconhecendo os limites de Vigotski em determinadas questões, verificar como o autor incorpora no interior da periodização a concepção de homem e a definição de consciência;

Em relação ao primeiro ponto, parece que o próprio Vygotski (2012a) caminha no sentido de sua solução. O autor aponta em relação a vivência na realidade e o impacto no desenvolvimento que:

> O estudo teórico e prático do desenvolvimento infantil tropeça em uma de suas maiores dificuldades quando se dá uma solução errônea ao problema do meio e seu papel na dinâmica da idade. Quando o entorno é considerado como algo externa na relação com a criança, como uma circunstância do desenvolvimento, como um conjunto de condições objetivas, independentes, sem relação com ele, que pelo simples fato de sua existência influencia sob a criança. Não se pode aplicar a teoria do desenvolvimento infantil a mesma concepção de meio que foi formada na biologia a respeito da evolução das espécies animais (VYGOTSKI, 2012a, p. 264).

Nesse sentido, Vygotski (2012a) introduz outro conceito fundamental para o entendimento da periodização do desenvolvimento que seria a situação social do desenvolvimento. Esse aspecto será trabalhado com maior profundida no subitem posterior. Esse elemento aponta que a realidade, para Vygotski (2012), não ocupa um lugar secundário ou externo ao homem. Ao pensar o seu processo de desenvolvimento, pensa-se no indivíduo imbricado às relações sociais que está inserido. E, portanto, o movimento social permite considerarmos que as relações sociais que se modificam ao longo do processo histórico, modifica também o próprio homem.

Em relação ao segundo ponto, buscaremos demonstrar como a consciência aparece na discussão de Vigotski sobre a periodização do desenvolvimento. Grosso modo, para o autor, ao longo do processo do desenvolvimento, alteram-se não somente as funções intrapsíquicas do homem, mas também a sua própria existência social, que, nesse aspecto, reestruturam a relação do indivíduo com o mundo e também a sua consciência.

Aprofundando-se na concepção da periodização do desenvolvimento de Vigotski, apresenta-se a seguir uma esquematização de nossa interpretação da estrutura da periodização para o autor.

Figura 8 – Estrutura da periodização do desenvolvimento com base em Vygotski (2012a)

Fonte: Elaborado pela autora

Diante da esquematização apresentada, vemos que o autor compreende seis idades enquanto idades estáveis. A presença da vida adulta seria uma dissolução da resolução da crise que ocorre entre os dezessete e dezoito anos. Assim, o autor apresenta que, após esta crise, alcançaríamos uma fase de maturação *definitiva*. Nas demais idades, vemos a presença também de idades críticas, que seriam os momentos que são acompanhados por uma crise constituída por três fases: período pré-crítico, crítico e pós-crítico. A crise, para Vygotski (2012a, p. 384) seria "[...] um momento de viragem: a criança passa de umas vivências de seu entorno para outras". A nosso ver, a crise, além de ser um momento característico da idade estável que se vincula, também é um processo que caminha na direção de uma próxima idade estável. Em razão desse processo, Vygotski (2012a) não delimita uma duração para as idades, estáveis ou críticas. Esse processo ocorreria através da dinâmica do desenvolvimento, em que:

> A estrutura de cada idade anterior se transforma em uma nova que surge e se forma à medida que a criança se desenvolve. A relação entre o todo e as partes, tão essencial para entender a estrutura, é uma relação dinâmica que determina as mudanças e o desenvolvimento tanto do todo como das partes. Devemos entender por dinâmica do desenvolvimento o conjunto de todas as leis que regulam a formação, a mudança e o nexo das novas formações de estrutura em cada idade (VYGOTSKI, 2012a, p. 263).

A organização do desenvolvimento para Vygotski (2012a) não apresenta um caráter linear ou de etapas. A partir da citação acima, fica evidente que a passagem para uma idade posterior não significa o apagamento do processo de desenvolvimento tido até então. Vygotski (2012a) aponta que a idade cronológica seria apenas um identificador do curso do desenvolvimento. Na passagem, o autor apresenta um de seus sociabilizados no âmbito da educação, qual seja, ao conceito de desenvolvimento real:

> [...] somente sobre a base de um estudo profundo e amplo do curso sucessivo do desenvolvimento infantil, de todas as peculiaridades de cada idade, estágios e fases dos tipos fundamentais do desenvolvimento normal e anormal, de toda a múltipla estrutura e dinâmica do desenvolvimento infantil. Portanto, o simples estabelecimento do nível real de desenvolvimento e a representação quantitativa da diferença entre a idade cronológica e a padronizada ou de suas relações expressadas no coeficiente de desenvolvimento supõe tão somente o primeiro passo no caminho do diagnóstico do desenvolvimento (VYGOTSKI, 2012a, p. 266).

O nível de desenvolvimento real seria apenas uma parte do curso do desenvolvimento, "[...] uma parte do quadro geral do desenvolvimento, quer dizer, as funções, propriedades e processos já maduros naquela época" (VYGOTSKI, 2012a, p. 266). Nesse sentido, trata-se de um nível de desenvolvimento já acabado, o resultado de uma etapa de como decorreu o desenvolvimento, mas não apresenta como está o desenvolvimento no presente, tampouco aponta o que está por vir.

> [...] o psicólogo que se limita a determinar o que já está maduro, deixando de lado o que está no processo de maturação, jamais disporá de uma visão completa e verídica do estado interior de todo o desenvolvimento e não poderá, por conseguinte, passar do diagnóstico sintomático ao clínico (VYGOTSKI, 2012a, p. 267).

Para avançar no processo de diagnóstico do desenvolvimento, Vygotski (2012a) aponta que seria preciso identificar o que não está maduro, isto é, que se encontraria em processo de formação. A esse aspecto, o autor denomina de zona de desenvolvimento próxima. Essa zona estaria vinculada ao que a criança realiza através de colaboração. Pode-se dizer que, em situação de colaboração, há o "empréstimo" do psiquismo de outrem em função da tarefa, possibilitando, em certa medida, que a criança ultrapasse a sua idade mental. Estudos empíricos do autor apontaram que crianças de nove anos, em situação de colaboração, conseguiam resolver tarefas de crianças de doze anos.

> Isso quer dizer que quando esclarecemos as possibilidades da criança para realizar a prova em colaboração, estabelecemos ao mesmo tempo a área de suas funções intelectuais no processo de maturação que darão seus frutos no próximo estágio de desenvolvimento; desse modo chegamos a precisar o nível real de desenvolvimento intelectual. Portanto, ao investigar o que pode fazer a criança sozinha, investigamos o dia anterior, mas quando investigamos o que pode fazer em colaboração determinamos o seu desenvolvimento amanhã (VYGOTSKI, 2012a, p. 268-269).

Por isso que para Vygotski (2012a) a idade cronológica e mental é apenas uma referência, já que:

> [...] o meio social origina todas as propriedades especificamente humanas da personalidade que a criança vai adquirindo; é a fonte de desenvolvimento social da criança que se realiza no processo de interação das formas "ideais" e efetivas (idem, p. 270).

Nesse sentido, estamos diante de uma concepção de desenvolvimento e de periodização que almeja superar o princípio explicativo do homem através de sua idade. Através das pesquisas da União Soviética, verificou-se que a zona de desenvolvimento próxima desloca o indivíduo para outra possibilidade de desenvolvimento e esse deslocamento não é vinculado à idade, mas às condições sociais de desenvolvimento a que o indivíduo tem acesso.

Esses conceitos de zona de desenvolvimento real e próxima são incorporados na discussão sobre o ensino e, assim, gostaríamos de fazer uma pontuação mediante a leitura de Vigotski. Embora o autor aponte elementos que se aproximam, em alguma medida, a possibilidades de interpretação e uso na prática pedagógica de seus conceitos, Vygotski (2012a) aponta que é preciso fazer o diagnóstico clínico. Em nossa perspectiva, trazendo os escritos do autor para os dias atuais e bem como a não existência de uma formação em pedologia em nível superior, seria uma passagem que se aproxima mais ao trabalho psicológico do que pedagógico. Vejamos o que Vygotski (2012a) compreende:

> Os esquemas de desenvolvimento nos proporcionam as medidas do desenvolvimento. O diagnóstico, no verdadeiro sentido da palavra, deve basear-se em uma interpretação crítica e prudente dos dados obtidos de fontes diversas; há de se apoiar em todas as manifestações e fatos do processo de maturação. A concepção sintética, dinâmica, do conjunto de manifestações que chamamos de personalidade entra totalmente no quadro de investigação. [...] Se nos limitamos somente a determinar e medir os sintomas de desenvolvimento, jamais sairemos dos limites de uma constatação puramente empírica de tudo que é conhecido pelas pessoas que observam a criança. No melhor dos casos, poderemos somente precisar ditos sintomas e comprová-los pela medição, mas não poderemos explicar os fenômenos que observamos no desenvolvimento da criança nem prever o curso posterior do desenvolvimento

> ou apontar que medidas de caráter prático há de aplicar-se à criança (VYGOTSKI, 2012a, p. 271-272).

A citação de Vigotski aponta que a detecção do curso do desenvolvimento não é tão simples quanto observar a forma aparente dos sintomas. É preciso, então, analisar o interior da periodização para compreender o que há de novo, de singular, que reestrutura o desenvolvimento e o seu curso. Isso significa dizer que esse conceito pode ser mais psicológico do que propriamente pedagógico, ainda que com as devidas mediações podem ser incorporados e tomados como referência para a organização do processo educativo.

A partir da estrutura de periodização proposta por Vygotski (2012a) apresentamos, no item subsequente, como o autor compreende determindas idades críticas e estáveis.

3.8.3 A consciência no curso do desenvolvimento na infância

Uma das questões colocadas por Vigotski é como se estrutura a consciência ao longo das idades. De forma didática, embora a segmentação não seja capaz de explicar o todo do desenvolvimento do homem, apresentamos, em seguida, algumas características gerais dos momentos da vida apresentado por Vygotski (2012a), tendo como referência a formação da consciência e a relação homem-realidade.

3.8.3.1 Nascimento e crise pós-natal

Vygotski (2012a) diferencia-se dos demais pesquisadores a tomar como ponto de partida o nascimento ao invés do desenvolvimento embrionário, todavia, apresenta que após o nascimento "O período pós-natal vem a ser o enlace entre o desenvolvimento uterino e extrauterino, pois coincidem trações de um e de outro" (p. 275). Dessa forma, o autor chama atenção que seria a passagem de uma forma de desenvolvimento a outra fundamentalmente distinta.

Em nossa análise, o sentido de a referência ser o nascimento está de encontro à orientação teórica que o autor dirige a sua compreensão de desenvolvimento. Vygotski (2012a) faz críticas a ideia de desenvolvimento que se remete apenas a critérios quantitativos, visualmente observáveis. Tratando-se do desenvolvimento embrionário, os aspectos novos que surgem seriam oriundos de uma via evolutiva e, portanto, para Vigotski, embora reconheça a materialidade anatômica-fisiológica, o ponto de partida

para o desenvolvimento humano se daria com o bebê inserido no mundo e, sobretudo, diante da crise pós-natal.

> Nesta etapa, a criança se degrada até em seu desenvolvimento físico: perde peso nos dias posteriores ao seu nascimento. A adaptação a uma nova forma de vida exige tanto da capacidade vital do recém-nascido que, segundo expressão de Blonski, nenhuma pessoa está mais perto da morte do que na hora de nascer [...]. Evidentemente, nesse período mais que em qualquer outro se faz presente que o desenvolvimento é um processo de formação e surgimento do novo (VYGOTSKI, 2012a, p. 259-260).

Para o autor, nos primeiros dias e semana de vida se observa formações completamente novas e o momento de crise do período pós-natal reside nas dificuldades próprias dessa complexa forma de viver no mundo externo, já que,

> A singularidade principal desta idade radica na peculiar situação de desenvolvimento, já que a criança, fisicamente separado da mão no momento do parto, continua ligada a ela biologicamente (VYGOTSKI, 2012a, p. 275).

Vygotski (2012a) atribui algumas características no desenvolvimento em decorrência das modificações após o nascimento do bebê que produzem uma mudança considerável na estrutura do desenvolvimento, quais sejam:

(a) A forma de alimentação: embora haja a manutenção do vínculo entre mãe-bebê e o bebê se alimente através da mãe, não há mais a ligação direta entre mãe-bebê. Para o autor, a forma de alimentação apresenta uma linha biológica e outra social. Do ponto de vista biológico, o bebê recebe os estímulos externos e responde através de movimentos que o ajudam a obter o alimento. Para tal, são desenvolvidas condições do sistema digestório e também as funções sensório-motoras.

(b) O papel do sono no desenvolvimento: o recém-nascido passa, de acordo com as investigações de Vygotski (2012a), aproximadamente 80% do tempo dormindo. Assim, o bebê encontra-se em um estado de adormecimento que autores interpretam como o prosseguimento do desenvolvimento uterino.

(c) Os movimentos: Em geral, o movimento do bebê se dá a partir de reflexos incondicionados. A esses movimentos arcaicos e primitivos se dá a condição de que o bebê tem uma dependência biológica com a mãe e seus cuidadores.

Diante das características observadas, Vygotski (2012a) compreende que o desenvolvimento nos primeiros meses de vida do bebê seria ainda um processo vinculado ao desenvolvimento intrauterino. Mesmo diante dessa perspectiva, o autor faz uma

provocação às pesquisas que desconsideram a linha do desenvolvimento social que perpassa as características levantadas, já que, para Vygotski (2012a), embora a linha biológica esteja presente no desenvolvimento do bebê, o período pós-natal é uma ruptura com um desenvolvimento anterior e o início de algo novo. Aponta:

> [...] consideramos errônea a conclusão dos partidários da teoria evolucionista sobre o desenvolvimento infantil. O nascimento, um ato tão evidente e indubitável de desenvolvimento qualitativo, é para eles uma simples etapa da evolução sucessiva do desenvolvimento uterino e extrauterino. Os partidários da dita concepção admitem o caráter sucessivo e a relação entre os estágios de desenvolvimento, mas não reconhecem o salto dialético que supõe para a criança o passo de um tipo de desenvolvimento a outro (VYGOTSKI, 2012a, p. 278-279).

Para Vygotski (2012a) o salto dialético e a neoformação presente no recém-nascido seriam o estabelecimento da vida psíquica individual do bebê, possibilitando, mais tarde, o desenvolvimento da personalidade.

> [...] o novo que surge no período pós-natal é que essa vida se converte em existência individual, se separa do organismo em cujo ventre ela foi gerada e, como toda existência individual do ser humano, está imersa na vida social das pessoas que a rodeiam. Este é o primeiro momento. O segundo consiste em que essa vida individual por ser a primeira forma de existência da criança, a mais primitiva socialmente, é, ao mesmo tempo, psíquica, já que somente a vida psíquica pode ser parte da vida social das pessoas que rodeiam a criança (VYGOTSKI, 2012a, p. 279).

O segundo achado do autor, em relação à existência psíquica, é bastante questionado pelos pensadores da Psicologia de sua época em várias áreas das ciências em razão da impossibilidade de verificação de seu conteúdo. Ao tratar dessa questão, vemos Vygotski (2012a) citando pensadores de outras áreas que conferem um papel complexo e pessimista ao recém-nascido, como os filósofos Arthur Shopenhauer (1788-1860) e Immanuel Kant (1724-1804), além de William Shakespeare (1564- 1616) ao trazer um exemplo do dramaturgo sobre o choro do bebê ao nascer. Embora o autor não se detenha a esse aspecto, apenas assinala que seria uma questão de interesse comum à filosofia e à arte. Na Psicologia:

> Os investigadores da escola reflexológica negam a existência de toda a vida psíquica do recém-nascido. Consideram que é um autômato vivo que percebe e atua em virtude exclusivamente de certas conexões nervosas, que carece por completo de tudo que possa parecer psíquico (VYGOTSKI, 2012a, p. 280).

A partir da reflexologia, Vygotski (2012a) aponta que existiriam teses que argumentam sobre a vida psíquica dos recém-nascidos. Nessa discussão, a questão da consciência aparece como central para determinar a existência da vida psíquica e o grau desta. Vejamos como o autor constrói a sua linha argumentativa.

> A imaturidade do sistema nervoso central do recém-nascido é indubitável. Porém, há dois momentos que nos obrigam a reconhecer como inconsistente o dito argumento. Estamos habituados a considerar que o córtex cerebral é um habitáculo de todas as manifestações da consciência e como no recém-nascido esse órgão ainda não funciona, deduzimos que o bebê carece de toda consciência. Nossa dedução seria correta se estivesse demonstrado que todas as manifestações da nossa consciência estão relacionadas com o córtex cerebral, mas os fatos que dispomos demonstram que esse não é de todo certo. O córtex cerebral está relacionado, segundo os achados, tão somente com as manifestações das formas superiores da atividade consciente, mas a vida de nossas atrações, instintos e afetos mais simples depende, provavelmente, de forma mais direta dos centros subcorticais, que, em certa medida, já funcionam no recém-nascido (VYGOTSKI, 2012a, p. 280).

Assim, na continuação de sua argumentação, o autor pontua:

> [...] o estado do sistema nervoso do recém-nascido não exclui em absoluto a possibilidade de que tenha vida psíquica; obriga-nos a supor a existência de rudimentos psíquicos, ainda que totalmente distintos da psique desenvolvida do adulto e das crianças maiores (VYGOTSKI, 2012a, p. 281).

Essa argumentação de Vygotski (2012a) retoma a discussão feita no eixo I em seu livro *Teoria das Emoções*, em que Vigotski dialoga com Descartes na formação das vontades e, portanto, da consciência. Não obstante, é importante relembrar que o texto que trata do *O Primeiro Ano* (VYGOTSKI, 2012a) é escrito por volta de 1932 e a *Teoria das Emoções* fora escrito entre os anos de 1931 e 1933, o que demonstra uma proximidade temporal entre os textos, explicando, em certa medida, a argumentação oferecida pelo autor. As notas da edição russa do texto buscam contemporizar os escritos do autor, apontando que em sua época havia poucos escritos relativos ao período pós-natal e ao primeiro ano, em sua maioria vinculada aos pesquisadores da área da reflexologia (VYGOTSKI, 2012a).

O caminho do desenvolvimento cerebral é a argumentação buscada por Vygotski (2012a) para sustentar seu argumento de (1) existência da vida psíquica no recém-nascido, no qual, a existência individual seria o elemento que demarcaria este momento de idade crítica; e (2) a existência de uma consciência rudimentar, que opera, em certa medida, na

atividade do bebê no mundo. Na defesa desses dois pontos, distancia-se de uma visão inatista do desenvolvimento psíquico. Vejamos a argumentação do autor:

> [...] somente podemos falar do estado rudimentar da vida psíquica do recém-nascido; devemos excluir dela fenômenos propriamente intelectuais e volitivos da consciência. Não existe no recém-nascido ideias inatas nem percepção real, quer dizer, a compreensão dos objetos e processos externos nem, finalmente, apetências ou aspirações conscientes. O único que podemos admitir com algum fundamento é a existência de estados de consciência nebulosos, confusos, nos quais o sensitivo e emocionam se encontram fundidos a tal ponto que caberia qualificá-los de estágios sensitivos-emocionais ou estados de sensações mercadas emocionalmente (VYGOTSKI, 2012a, p. 281).

Essa discussão apresenta algo *novo* no desenvolvimento da categoria consciência no autor. Apresenta-se que a consciência é também desenvolvida e ampliada ao longo do curso do desenvolvimento do ser humano. Isto é, não é algo dado ou garantido pela condição anatomofisiológica do homem enquanto espécie.

Para Vygotski (2012a) a vida psíquica do recém-nascido seria a existência de vivências não fragmentadas em que se funde atração, afeto e sensação, bem como demarca a não separação, em nível psíquico, de objetos sociais e físicos.

> As percepções iniciais da criança produzem uma impressão indivisível do conjunto da situação onde não somente não se diferenciam os momentos objetivos isolados da situação, mas que tampouco estão diferenciados ainda os elementos da percepção e dos sentidos. Vale a pena notar que o recém-nascido, muito antes de reagir aos elementos isolados da situação, percebidos separadamente, reage a um todo complexo de matriz emocional (VYGOTSKI, 2012a, p. 282).

Assim, esse elemento explicaria por que os movimentos expressivos da mãe produziriam uma reação no bebê ao invés deste avaliar os aspectos de forma separada. Isso porque as impressões do recém-nascido apresentariam uma vinculação afetiva e estaria atento à essas relações do que aos elementos objetivos da realidade. Esse aspecto conduziria, de forma primitiva, ao desenvolvimento da consciência.

O período pós-natal, para Vygotski (2012a), seria, então, o de uma idade crítica em que a existência de um psiquismo individual não modifica o fato de que o comportamento social do recém-nascido seria bastante peculiar, praticamente inexistente. É o que o autor denomina de "[...] passividade total", inclusive na consciência (VYGOTSKI, 2012a, p. 283). Paulatinamente, o bebê, passando por essa idade crítica, modifica a sua forma de relação com o mundo, desenvolvendo o comportamento social e entrando em uma nova etapa da idade.

Deste modo, "[...] o critério para delimitar qualquer idade deve ser tão somente a nova formação básica e central típica para um determinado estágio de desenvolvimento social da personalidade da criança" (VYGOTSKI, 2012a, p. 284). A partir das modificações sociais no bebê, como o grito em reação a outra criança ou o sorriso como resposta da voz humana, passa-se o que o Vygotski (2012a) nos apresenta como primeiro ano.

3.8.3.2 Primeiro ano e crise do primeiro ano

As teorias existentes sobre o primeiro ano de vida do bebê consideravam-no como "[...] um ser meramente biológico carente de propriedades especificamente humanas e, sobretudo, a principal delas: a sociabilidade" (VYGOTSKI, 2012a, p. 284). Vigotski elabora críticas sobre essa ideia de "ser associal", apontando algumas características e peculiaridades do bebê que refutam essa visão predominante.

A primeira característica identificada por Vigotski é a de que o bebê necessita que o adulto supra suas necessidades elementares e vitais. Isto é, o bebê só sobrevive com ajuda de seus cuidadores. É a partir do adulto que o bebê desenvolve sua atividade e, portanto, a conduta do bebê é vinculada ao adulto. Dessa forma, é eminentemente social. Esse aspecto tem uma influência direta na consciência do bebê, já que:

> O bebê depende dos adultos que lhe cuidam em todas as circunstâncias; devido a isso se configuram relações sociais muito peculiares entre a criança e os adultos a sua volta. Tudo o que poderá fazer a criança mais tarde por si mesmo, durante o processo de sua adaptação individual, agora, pela imaturidade de suas funções biológicas, pode ser executado somente através de outros, somente na situação de colaboração. Portanto, o primeiro contato da criança com a realidade (inclusive quando atende as funções biológicas mais elementares) está socialmente mediado (VYGOTSKI, 2012a, p. 285).

A vinculação e mediação do adulto na atividade do bebê constitui uma dependência singular: o bebê conhece o mundo em função do adulto. Por exemplo, é o adulto que aproxima e distância objetos de seu campo de visão ou possibilita o toque, o adulto que retira algo que está incomodando o bebê, assim como produz possibilidades de aconchego e conforto. Assim, Vygotski (2012, p. 285) aponta que "[...] a relação da criança com a realidade circundante é social desde o princípio". Ao contrário das teorias, portanto, o bebê não seria um ser associal, mas maximamente social. Esta relação íntima com o adulto seria uma caracterização da situação social do desenvolvimento nessa idade.

A segunda peculiaridade seria que, ainda que esse momento seja caracterizado por uma máxima socialização da criança e o bebê esteja imerso nas relações sociais existentes, este carece de qualquer forma de comunicação da linguagem humana. A vinculação dessa aparente contradição entre a primeira e segunda peculiaridade seria a caracterização da situação social de desenvolvimento da criança em seu primeiro ano de vida (VYGOTSKI, 2012a).

Segundo Vygotski (2012) não há uma idade específica que caracterize a passagem da crise pós-natal para o primeiro ano. O que o autor aponta é que, ao final da crise pós-natal, modificam-se as relações do bebê com a realidade externa.

> Nesta fase se manifestam novas formas de conduta: a experimentação lúdica, o balbucio, a atividade inicial dos órgãos sensoriais, a primeira reação ativa de postura, a primeira coordenação de dois órgãos que atuam simultaneamente, as primeiras reações sociais que se manifestam em gestos expressivos de prazer ou surpresa (VYGOTSKI, 2012a, p. 286).

O primeiro ano seria marcado, então, pela transformação da passividade do recém-nascido em um interesse ativo do bebê frente ao mundo. Esse interesse receptivo pode ser compreendido como "[...] a atenção aos estímulos sensoriais, aos próprios movimentos, próprios sons, em geral, ao som da presença de outra pessoa" (VYGOTSKI, 2012a, p. 286). Para a construção dessas ideias, Vigotski não as defende de forma isolada, dialoga com Charlotte Bühler (1893-1974) e com Henry Wallon (1879-1962).

> [...] o início do período mencionado desperta na criança um determinado interesse pelo mundo exterior e a possibilidade de ultrapassar em sua atividade os limites de suas atrações diretas e tendências instintivas. Dir-se-ia que para a criança surgiria o mundo exterior. Essa nova atitude frente a realidade marca o advento do ano, melhor dizendo, de seu estágio inicial (VYGOTSKI, 2012a, p. 287).

O segundo momento deste primeiro ano estaria marcado por uma nova mudança na relação do bebê com o mundo. É um momento em que o bebê passa a vocalizar sons e gritos, ir atrás de objetos, manifestar e expressar as primeiras ideias de suas vontades e desejos. Uma característica fundamental a esse momento seria o surgimento da imitação. Seria, então, a passagem do interesse receptivo, ao interesse ativo. Dessa forma, o autor divide o primeiro ano em "[...] período de passividade, período de interesse receptivo e período de interesse ativo" (VYGOTSKI, 2012a, p. 287).

Após o interesse ativo, por volta do décimo mês de vida, se instala uma forma de comportamento mais complexa, a utilização de ferramenta e o emprego de palavras para

expressar seu desejo. Esse período marcaria a crise do primeiro ano que aproxima a une as idades do primeiro ano e a primeira infância (VYGOTSKI, 2012a).

Nesse ponto, é importante fazer uma ressalva aos escritos do autor. Embora Vygotski (2012a) apresente que não seria possível localizar temporalmente essas mudanças, o autor continua usando como critério a idade cronológica para explicar esses momentos. Esse aspecto pode remeter-se a uma dificuldade em romper com a lógica posta para as teorias do desenvolvimento de sua época, ainda que a perspectiva de Vigotski fizesse uma contraposição às abordagens existentes, sobretudo na qualificação do processo social como condição de desenvolvimento, inclusive dos períodos de crise.

Nessa perspectiva de compreensão da relação entre homem-realidade no curso do desenvolvimento, Vigotski faz um esforço teórico de localização da crise enquanto desdobramento inerente à vivência da criança. Assim, a crise não seria um momento de divisão do desenvolvimento, mas um desenrolar que aproxima, ao mesmo tempo, a idade anterior e o que está por vir. Vejamos como o autor apresenta a questão do afeto:

> O afeto inicial do recém-nascido limita sua vida psíquica a estreita margem do sono, alimentação e do choro. Já no primeiro estágio do primeiro ano, o afeto adota, fundamentalmente, a forma de um interesse receptivo pelo mundo exterior e se transforma, no segundo estágio dessa idade, em um interesse ativo pelo entorno. E, finalmente, a finalização do primeiro ano desemboca na crise do primeiro ano que como todas as idades críticas se distinguem por um desenvolvimento impetuoso da vida afetiva e pela aparição do afeto da personalidade própria, que constitui o primeiro passo no desenvolvimento da vontade infantil (VYGOTSKI, 2012a, p. 299).

O afeto tomado como fenômeno de análise por Vigotski revela uma concepção de homem e de consciência defendida pelo autor que vai sendo apresentada ao leitor ao longo de seus textos sobre a periodização da infância e da adolescência. A nosso ver, a amarração feita pelo autor revela, reiteradamente, a sua preocupação em compreender *o que é o homem* no curso de seu desenvolvimento. Analisando a sua proposição para o primeiro ano, evidenciamos que esse homem é explicado através da relação com a realidade que vai se modificando em razão da apreensão do mundo através das vivências sob condições sociais de desenvolvimento delimitadas.

Analisemos a concepção de homem de Vygotski (2012a, p. 300) embasado em Bühler:

> [...] todos os modos de atuar com sentido dos animais e dos homens, quer dizer, objetivamente orientados a um fim, veremos que de cima abaixo há uma estrutura muito simples e claramente diferenciada de três níveis: instinto,

> adestramento e intelecto. O instinto é o nível inferior e, ao mesmo tempo, a base sobre a qual se forma todo o superior. No ser humano não há somente uma zona nem forma de atividade que não se apoie de algum modo no instinto.

Em posse dessa compreensão dos três níveis, Vigotski busca articular esse aspecto ao primeiro ano de vida do bebê. Reconhece que o primeiro estágio de conduta seria uma forma instintiva de atividade. Essa forma instintiva, embora se aproxime de uma estrutura também dos animais, o aspecto instintivo humano possui características singulares. No bebê, em razão das limitações de sobrevivência na realidade, os mecanismos instintivos não estariam completamente formados no ser humano e, portanto, impediria a ação dos instintos de forma plena e integral na ação. O homem, portanto, necessita, desde o nascimento, da condução do adestramento e, em definitivo, da formação do intelecto para conduzir a atividade na realidade. Assim, o instinto para o bebê seria apenas ponto de partida. Nas palavras do autor: "Isso significa que o peso específico das formas de conduta instintiva da criança é muito inferior ao dos animais" (VYGOTSKI, 2012a, p. 300).

O período de adestramento seria o momento em que há o acúmulo de experiências pessoais incorporadas na atividade através da aprendizagem que se sobrepõem à herança filogenética. O estágio intelectual aparece no bebê no terceiro momento de seu desenvolvimento. Ainda que em estruturas simples, ou, como denominado pelo autor de "intelecto prático" (VYGOTSKI, 2012a, p. 301), verifica-se:

> [...] nos primeiros movimentos racionais e orientados a um fim de suas mãos, que não são inatos nem aprendidos, mas que surgem de uma situação dada e estão relacionados com o uso mais simples das vias colaterais e com a utilização de ferramentas. A criança é capaz de usar uma corda ou um objeto em qualidade de ferramenta para aproximar outro objeto (VYGOTSKI, 2012a, p. 301).

Analisando de forma mais detida os processos de organização do comportamento do bebê, Vygotski (2012a) se vê frente, novamente, ao problema da consciência. Para constituir o entendimento de origem da consciência, o autor retoma ao princípio fundamental do desenvolvimento social do bebê em seu primeiro ano de vida. Na perspectiva do autor, "O adulto é o centro de qualquer situação no primeiro ano" (VYGOTSKI, 2012a, p. 304). Desse modo, o bebê satisfaz as suas necessidades e constitui novas necessidades a partir da relação que estabelece com o adulto. Em certa medida, o adulto *empresta* parte de sua estrutura psíquica para o bebê.

Assim: “A atividade da criança em presença do adulto se realiza sempre através dele [adulto]. Por este motivo, a outra pessoa é para o bebê o centro psicológico de toda a situação” (VYGOTSKI, 2012a, p. 304). A nosso ver, o caminho que Vygotski (2012a) percorre para responder à questão do surgimento da consciência e, retomando os três níveis do comportamento conforme discutido pelo autor, ele apresenta que existiria, a priori, uma consciência instintiva no bebê que estaria centrada e garantiria a ação para as atividades vitais.

A consciência, portanto, surge no indivíduo mediado pela experiência social e as vivências que se constituem ao longo da vida. Após o nascimento, o bebê não possui a autoconsciência de sua existência, tampouco do mundo ao seu redor. Há o que chama, então, de comunidade psíquica, em que a mãe ocupa um papel regulador na consciência do bebê.

> No momento do parto a criança se separa fisicamente da mãe, mas biologicamente a separação não se produz, a criança continua ligada a ela até o final do primeiro ano, até que aprender a caminhar por si mesmo. Sua emancipação psicológica da mãe, sua própria exclusão da primitiva comunidade com ela tem lugar no final do primeiro ano e na primeira infância. Por ele, a nova formação principal no primeiro ano pode determinar-se melhor mediante o término introduzido na literatura alemã para designar a comunidade psíquica do bebê e da mãe, comunidade que serve de ponto de partida para o desenvolvimento posterior da consciência. O primeiro que surge na consciência do bebê pode ser denominado de maneira mais correta como “*Ur-wir*”, quer dizer, “você-nós”. Essa consciência primária da comunidade psíquica, que antecede a aparição da consciência da própria personalidade (quer dizer, a consciência do “eu” diferenciado e separado) é a consciência de “nós”, na qual se inclui o “eu” que em idades posteriores figura como um antepassado distante (VYGOTSKI, 2012a, p. 306).

Essa síntese de Vygotski (2012a) implica na conceituação da consciência enquanto um sistema que se reorganiza no homem e para o homem. Isto é, a diferenciação entre “nós”, “você” e “eu” parecem acompanhar o processo de desenvolvimento do bebê e posteriormente da criança. Há, portanto, uma consciência primária que não necessariamente ocupa-se na atividade da função que assume posteriormente.

Vygotski (2012a) explica o funcionamento da consciência “*ur-wir*” através de duas características nos bebês no primeiro ano de vida. O primeiro elemento foi estudado também por Wallon. Neste princípio, não há uma divisão entre o bebê, seu corpo e o mundo dos objetos que o rodeiam. Isso é, não há uma diferenciação do “eu” em relação ao mundo. Na verdade, antes de perceber a si mesmo, isto é, desenvolver a sua autoconsciência, a criança perceberia os objetos. No processo de conhecimento de si

mesmo e do seu próprio corpo, exemplo, os pés, o bebê os tomam inicialmente também enquanto objeto e não como parte de si. Há, portanto, uma ausência no centro da consciência, o que reivindica Vygotski (2012a) a ancorar-se em estudos spinozianos sobre a passividade. Esse elemento nos conduz a identificar que a referência a Spinoza não se centra apenas nos estudos sobre Emoções e Estética, mas, perpassa, em certa medida, seu entendimento sobre a consciência – sobretudo em sua primeira forma: a consciência passiva, primária.

> Se compreendermos o termo passiva no sentido dado por Spinoza – quem classifica os estados psíquicos em passivo e ativo – podemos afirmar que a consciência inicial do bebê carece por completo de atividade, quer dizer, que interiormente não está determinada pela personalidade. Cabe dizer que, neste sentido que a criança passa, no período estudado, por um estado acomodado em seu desenvolvimento, que se distingue pela ausência da consciência de sua própria atividade e personalidade (VYGOTSKI, 2012a, p. 307).

O primeiro elemento relativo a impossibilidade de identificação do "eu" está vinculada à segunda característica apontada pelo autor, a vinculação entre as relações sociais e o acesso aos objetos exteriores. Inicialmente, identifica-se que o bebê se relaciona com o objeto que é possível de ser captado pelo seu campo de contato sensorial. Isto é, o que está em proximidade imediata. Todavia, mediante a relação que a criança estabelece com o adulto, é possível que este medeie o contato do bebê com o mundo. Isso implica que estão fundidos, para o bebê, o caráter social e objetal de sua atividade (VYGOTSKI, 2012a).

> Ambas as considerações: 1) o desconhecimento por parte da criança de seu próprio corpo e 2) a dependência de sua atração afetiva pelas coisas, da possibilidade de uma vivência conjunto da situação com outra pessoa confirma por inteiro e plenamente a supremacia do "você-nós" na consciência do bebê (VYGOTSKI, 2012a, p. 309).

Essa visão de consciência "você-nós" aproxima Vigotski de uma perspectiva de desenvolvimento e o distancia de perspectivas que simplificam o desenvolvimento do bebê e veem esse momento de forma *associal*. O autor defende que, para o bebê, seria fundamental o desenvolvimento de duas linhas que se acompanham. De um lado estaria a linha de crescimento orgânico e maturação, no qual, é fundamental o valor energético como premissa posterior a comunicação com os adultos e manifestação de sua atividade. De outro lado, a situação social de desenvolvimento, que orienta a atividade do bebê e que coloca o bebê inserido nas relações sociais, exigindo que a sua forma de contato e

experimentação do mundo perpasse através da presença e condução de um adulto. Deste modo, o bebê se desenvolve "[...] em espiral, vinculado às mudanças qualitativas da própria situação" (VYGOTSKI, 2012a, p. 305).

A definição de Vygotski (2012a) de uma consciência primitiva como "*ur-wir*" analisada sob o ponto de vista da concepção de homem de Marx (2004) pode ser aproximada a primeira forma de constituição da consciência, uma *consciência em si*. Para Marx e Engels (2011) a consciência enquanto produto das relações sociais existentes, em sua primeira constituição, está vinculada ao meio sensível e as primeiras relações mais imediatas com a natureza.

> [...] a consciência é, antes de mais nada, apenas a consciência do meio sensível mais próximo e de uma interdependência limitada com outras pessoas e outras coisas situadas fora do indivíduo que toma consciência; é ao mesmo tempo a consciência da natureza que se ergue primeiro em face dos homens como uma força fundamentalmente estranha, onipotente e inatacável, em relação à qual os homens se comportam de um modo puramente animal e que se impõe a eles tanto quanto aos rebanhos; é, por conseguinte, uma consciência da natureza puramente animal (religião da natureza). (MARX e ENGELS, 2011, p. 25).

Desse modo, a consciência primitiva apontada por Vygotski (2012a) parece incorporar as primeiras relações estabelecidas com o mundo perceptível. Ao analisar a concepção piagetiana e freudiana de desenvolvimento, Vygotski (2012a) identifica que essas teorias ignoram a consciência "você-nós", isto é, não identificam a comunidade psíquica existente na consciência. Por outro lado, aponta que a criança seria "[...] um ser presocial, submergido por inteiro ao mundo do pensamento de tipo de devaneios, sujeitos a interesse afetivo por si mesmo" (VYGOTSKI, 2012a, p. 314). Para o autor o erro da teoria de ambos os pensadores seria o caráter dual empregado para duas tendências: a satisfação das necessidades em contraposição à adaptação na realidade, seja pelo princípio de prazer e de realidade de Freud, seja pela ideia de Piaget de pensamento autista e pensamento lógico. Vygotski (2012a) pontua que não há contradição entre esses elementos e, em especial no primeiro ano, esses elementos praticamente coincidem. Dessa forma:

> Tão pouco o pensamento lógico e o autista, o afeto e o intelecto, são dois polos reciprocamente excludentes, mas duas funções psíquicas estreitamente vinculadas entre si e inseparáveis, que em cada etapa da idade se constituem um todo indivisível (VYGOTSKI, 2012a, p. 314).

Ainda que Vygotski (2012a) dirija críticas à perspectiva piagetiana, dialoga com as pesquisas realizadas por este pensador e apresenta determinadas concordâncias aos achados. Uma das questões que apresentam em comum seria a ideia da mediação do adulto na atividade da criança no primeiro ano. Piaget aponta que a criança não teria consciência dessa mediação e Vygotski (2012a) endossa essa perspectiva ao analisar a consciência "você-nós".

Nesses termos, o processo de formação dessa consciência primária e o contato social do bebê com o adulto permite que este se desenvolva através de imitações. A imitação, para o autor, seria uma questão peculiar ao fenômeno humano. Essa imitação, diferente dos achados com os chimpanzés dos estudos de Köhler, é uma imitação que depende de um nível racional de estruturação que está para além da zona de possibilidades do bebê. Ou seja, através da imitação, a criança adquire "[...] novas formas de comportamento inexistentes anteriormente" (VYGOTSKI, 2012a, p. 311). Na imitação residiria a nova formação essencial para o primeiro ano.

Mediante o desenvolvimento do primeiro ano de vida, Vygotski (2012a) nos apresenta ao conceito de crise no primeiro ano de vida e estabelece uma relação com a unidade ser e não ser com três características peculiares da idade e do momento de crise. A primeira seria o ato de andar ou não andar. O andar para a criança tem um aspecto que merece atenção já que, a partir do andar, torna-se "[...] a forma principal do seu deslocamento no espaço" (VYGOTSKI, 2012, p. 319).

O segundo momento analisado pelo autor é a linguagem. Mediante a mesma analogia, a criança é também um ser que fala e que não fala. O terceiro momento seria os afetos e à vontade. "[...] na criança aparecem os primeiros atos de protesto, de oposição, de contraposição aos demais e de 'imoderação' como dizem os partidários da educação familiar autoritária" (VYGOTSKI, 2012a, p. 319). Inclusive, algumas vezes, devido à condução familiar, essas manifestações podem ser agudas e de grande intensidade.

Vygotski (2012a, p. 320), então, pontua:

> Abordaremos o estudo da dita crises antes de tudo pelo aspecto da linguagem, deixando de lado os outros dois momentos. Elegemos a linguagem porque está mais vinculada com a aparição da consciência infantil e com as relações sociais da criança.

Essa preocupação do autor é um indicativo da presente tese defendida, da categoria consciência sendo uma questão central e, na mesma medida, uma espécie de chave e categoria aglutinadora de outras desenvolvidas por Vigotski.

Para tratar da questão da linguagem, Vygotski (2012a) apresenta as teorias existentes e possíveis concordâncias e discordâncias com o que fora desenvolvido até então[118]. A partir da referência de outros pensadores, Vygotski (2012a) reconhece um período pré-linguístico na criança que "[...] antes de dominar nossa articulação e fonética domina certos rudimentos de palavras e de significados não coincidentes com os nossos" (p. 328). Seria o que o autor chama de linguagem autônoma[119]. Essa linguagem autônoma da criança tem uma vinculação estreita aos objetos. Assim, é possível a comunicação dos adultos com a criança utilizando os objetos como mediação da comunicação, tornando-a compreensível. O uso da linguagem autônoma seria, então, um período fundamental de desenvolvimento da criança. Além disso, é a forma pela qual a criança passa do período pré-linguístico ao verbal. O autor identifica quatro momentos nessa estruturação linguística:

1) Em caráter articulatório, as palavras utilizadas, muitas vezes, são constituídas a partir de fragmentos das palavras utilizadas pelo meio social. Em alguns casos, um mesmo termo utilizado pela criança é repetido a mais de uma situação ou objeto.

2) Não há uma coerência entre o significado da linguagem autônoma com a linguagem do meio social.

3) Ao utilizar a linguagem autônoma, a criança passa a compreender também as palavras do meio social. Há, assim, a coexistência entre a linguagem social e a linguagem autônoma.

4) Essa linguagem autônoma é elaborada a partir da atividade ativa da criança. Isso significa que há contornos singulares nessa proposição.

> É um fato demonstrado que cada criança passa em seu desenvolvimento por um período de linguagem autônoma. Seu princípio e fim marcam o início e fim da crise do primeiro ano de vida. Resulta impossível determinar se a criança se expressa em sua linguagem autônoma tem ou não tem linguagem, já que não tem linguagem no sentido que nós atribuímos a essa palavra, mas tampouco está em um período não verbal porque apesar disso ele fala (VYGOTSKI, 2012a, p. 331).

[118] Para detalhamento dessa questão, sugerimos a leitura do texto "Crise do primeiro ano de vida".

[119] Vygotski (2012a) faz uma crítica a essa denominação já que esse processo não é automático e decorre mediante a necessidade de comunicação da criança com o meio social. Porém, o autor utiliza por ser um termo "[...] já introduzido na ciência e na literatura moderna" (idem, p. 329).

No levantamento desses momentos, Vigotski compreende uma relação direta entre a linguagem autônoma e o pensamento. Dessa forma, esse momento seria não apenas de desenvolvimento da linguagem, mas também do pensamento (VYGOTSKI, 2012a).

> Significa isso que para nós a linguagem autônoma infantil é a nova formação central da idade crítica? Opino que assim é. Porém, se trata de uma tese pouco elaborada e por isso as conclusões sobre a natureza da nova formação em uma ou outra idade crítica há de ser elaborada com extrema cautela. Em todo caso, a aparição da linguagem autônoma infantil como forma de transição da etapa sem linguagem à verbal é um dos fatos mais importantes (VYGOTSKI, 2012a, p. 336).

Posteriormente, Vigotski retoma a questão inicial da consciência. Vejamos as palavras do autor:

> Creio que o desenvolvimento da criança, analisado desde o ponto de vista das etapas do desenvolvimento da personalidade, desde o ponto de vista das relações da criança com seu entorno, desde o ponto de vista da atividade fundamental em cada etapa, está vinculado estreitamente com a história do desenvolvimento da consciência infantil. Se quiser responder formalmente a esta pergunta, citaria a conhecida frase de K. Marx de que 'a consciência é a relação com o meio'. É totalmente certo que a relação da personalidade com o meio determina de modo mais imediato à estrutura de sua consciência; creio, portanto, que o estudo das etapas da idade, de suas formações novas, desde o ponto de vista da consciência, logicamente nos aproxima a solução do dito problema. Fazê-lo oferece substanciais vantagens porque a ciência moderna não sabe, todavia, estudar os fatos que caracterizam a consciência. É indubitável que a linguagem está estreitamente relacionada com a consciência e não quero comer o erro – ao falar da relação com o meio, a consciência e a linguagem – a reduzir tudo a linguagem (VYGOTSKI, 2012a, p. 338).

A citação de Vygotski (2012a) elucida algumas questões de fundamental importância para a presente tese em relação à centralidade da categoria consciência. Analisemos estes pontos:

(a) Há menção direta à ideia de consciência em Marx e o autor apresenta um total acordo com a determinação da existência sobre a consciência. Vigotski utiliza o termo "imediato" para pensar essa relação. Cabe considerar quais seriam os processos não imediatos que consistiriam nessa formulação.

(b) Vigotski defende que o princípio analítico do desenvolvimento deve estar atrelado ao nível de desenvolvimento da consciência em determinado período. Para o autor isso resolveria o problema da periodização. Assim, indagamos: a periodização que temos como referência de sua teoria atende ao critério organizativo da consciência?

(c) Acertadamente a nosso ver, Vygotski (2012a) sinaliza a importância da linguagem enquanto parte de um processo, mas, não determinada a formação da consciência à linguagem.

Em certa medida, para algumas questões, não encontraremos uma resposta fechada no texto do autor. Esses textos tinham um caráter introdutório da questão da periodização e do desenvolvimento que, em vida, Vigotski não pode retomar e avançar seus estudos e reflexões.

A linguagem autônoma para Vygotski (2012a) seria um exemplo do desenvolvimento dialético do desenvolvimento que irá acompanhar a criança na primeira infância. Na primeira infância, o autor vai buscar compreender o surgimento do novo na idade subsequente.

3.8.3.3 Primeira infância e crise dos três anos

No início do texto sobre a primeira infância, Vigotski anuncia a sua questão central que já aparecera no momento texto sobre o primeiro ano de vida da criança, qual seja: "Qual é a principal formação nova na primeira infância, quer dizer, o que se cria durante o desenvolvimento e que constitui a base para o seguinte período de desenvolvimento?" (VYGOTSKI, 2012a, p. 341). Esse é o elemento que será respondido pelo autor.

Antes de tudo, Vygotski (2012a) se detém a analisar os aspectos que caracterizam relação da criança com a realidade. Apoia-se em estudos empíricos de K. Lewin que apontam:

> [...] é como se cada objeto emanasse um afeto de atração ou repulsão que é o motivo que estimula a criança. O objeto "atrai" a criança para que o toque, o tome em suas mãos, o maneje, como o contrário, a impulsiona a evitar seu contato (VYGOTSKI, 2012a, p. 342).

Assim, diferente do primeiro ano de vida em que a criança era conduzida na realidade pelo adulto, no primeiro momento da primeira infância parece que o objeto seria o que incita e orienta a ação da criança frente a realidade. Esse objeto que conduz a atividade da criança deve estar aparente, concretamente colocado na situação. Assim, Vygotski (2012a) aponta: "A dependência da criança do campo visual-direto indica, provavelmente, a peculiar atividade da consciência da criança na situação dada" (p. 343).

Entremeando os elementos sintetizados por Vygotski (2012a) com a concepção de homem de Marx e Engels, cabe-nos pontuar que o papel ocupado pelos objetos não significa o apagamento das relações sociais na condução do processo de desenvolvimento. Marx faz um esforço de elaboração teórica que aponta a necessidade de vir à consciência do homem o processo de produção de objetos – no caso, a mercadoria. O objeto não *surge* na realidade concreta. Para tal exposição, apresentamos dois elementos. Vygotski (2012a) apresenta, explicitamente, o segundo elemento. Todavia, consideramos fundamental partir do primeiro elemento como condução central. Assim, como primeiro elemento, o objeto é concebido e construído através de trabalho humano, oriundo também do processo abstrativo e imaginativo do homem. Deste modo, embora não aparente, há no objeto a materialização e encarnação do homem em matéria. Esse apagamento da humanidade contida na matéria seria um desdobramento do processo de alienação do homem do produto de seu trabalho. O segundo elemento a ser considerado é que a criança tem acesso aos objetos através dos adultos, como apontado por Vygotski (2012a, p. 348):

> [...] quando nos encontramos em uma situação exterior, os objetos dominam a criança, mas quando a criança se mostra ativa em uma situação dada, isso está relacionada com a intervenção de outros, com a invocação dos adultos.

Isto é, se a criança é ainda refém de uma organização visual, a apresentação e retirada dos objetos do ambiente, tanto em seu aspecto material, isto é, na permanência e ausência, bem como na qualidade de existência deste objeto para a criança. A esse último fazemos menção à apresentação do objeto mediada e conduzida pelo adulto.

A partir desta unidade na vivência da relação entre *criança-adulto-objeto*, a vinculação entre sensação e percepção parece conduzir a consciência da criança neste momento da primeira infância.

> O primeiro que caracteriza a consciência da criança é o surgimento da unidade entre as funções sensoriais e motoras. A criança deseja tocar em tudo que vê. Se observarmos a uma criança de dois anos deixada à sua livre vontade, veremos que sua atividade é infinita; que mexe, constantemente; sua atividade, porém, está circunscrita a uma situação concreta, ou seja, se faz tão somente aquilo que sugere os objetos circundantes (VYGOTSKI, 2012a, p. 343).

A unidade sensório-motora, que antes se acreditava estar vinculada a um reflexo incondicionado enquanto resposta fisiológica, é, para Vygotski (2012a) elemento que se dá na primeira infância em função da relação da criança com o mundo, sendo, portanto,

nesse momento, a peculiaridade da consciência nesse momento do desenvolvimento. Além dessa relação, é fundamental compreender também o papel do afeto. Nesse sentido, não há como deslocar e fragmentar o sentimento deste processo entre sensação e aspecto motor. Na verdade, o afeto é o que garante essa unidade. Assim, esses seriam os elementos que possibilitam a criança a atuar na situação posta.

> Nós enfrentamos um sistema de consciência muito peculiar onde a percepção está diretamente unida à ação. Por conseguinte, se queremos caracterizar o sistema da consciência desde o ponto de vista de suas funções principais e conjuntas na primeira infância, devemos reconhecer que se trata da unidade da percepção afetiva, do afeto com a ação (VYGOTSKI, 2012a. p. 344).

Desse modo, há uma relação que se estabelece entre as funções, não sendo possível tratá-las individualmente na ação. A explicação desse processo para Vygotski (2012a) é motivado pela não diferenciação e independência das funções nesse momento do desenvolvimento, fazendo com que elas atuem integralmente na consciência, vinculando-as ao aspecto visual-direto, tanto o pensamento, a atenção, a memória, e as demais funções. Em relação à memória, o autor faz algumas reflexões em relação às lacunas na lembrança em relação ao primeiro ano e à primeira infância. O autor parece atribuir esse esquecimento ao papel secundário que a memória ocupa na consciência.

> Habitualmente não se conservam na consciência recordações coerentes com a primeira infância, já que a memória tem uma organização peculiar e participa pouco em toda a atividade da consciência. É em idade posteriores que a memória passa ao primeiro plano e teríamos razão se dissermos que para a criança na primeira infância pensar significa orientar-se nas relações afetivas dadas e atuar de acordo com a situação externa que se percebe. Na idade mencionada [primeira infância] impera a percepção visual-direta, afetivamente colocada, que se transforma de imediato em ação (VYGOTSKI, 2012a, p. 345).

O autor compreende que, dependendo do momento de desenvolvimento, uma ou outra função exercem um papel predominante, enquanto outras ficariam em segundo plano. Na primeira infância, a memória exerce um papel secundário e, talvez por isso, registros desse momento da vida não sejam habitualmente acessados posteriormente. Nessa perspectiva, a função que aparece em primeiro plano seria a percepção. Vygotski (2012a) apresenta duas peculiaridades da percepção nesse momento da vida:

(1) Há um caráter afetivo vinculado à percepção. Em concordância com I. M. Séchenov, seria uma percepção “apaixonada”, em que a criança apresenta uma conexão com o objeto que se depara no meio externo (VYGOTSKI, 2012a).

(2) Compreende-se que a percepção é a função predominante no processo de organização da consciência da criança na primeira infância. Assim:

> [...] isto significa que a percepção se encontra em condições extremamente propícias para seu desenvolvimento. Como toda a consciência atua sobre a base da percepção primeiramente, esta se desenvolve antes de todas as demais funções; este fato guarda relação com duas leis fundamentais do desenvolvimento infantil que me permito recordar aos meus leitores. De acordo com a primeira, as funções, igualmente como partes do corpo, não se desenvolvem de maneira proporcional e uniforme, cada idade tem uma função predominante. A segunda lei diz que as funções mais importantes, as mais necessárias ao princípio, que servem de fundamento para outras, se desenvolvem antes (VYGOTSKI, 2012a, p. 345).

Ademais, o autor apresenta um elemento fulcral para a compreensão do funcionamento da consciência nessa idade:

> Se toda a consciência funciona em benefício da percepção, se a percepção é o novo na idade dada, resulta evidente que a criança alcança seus mais importantes êxitos não na esfera da memória, mas no terreno da percepção (VYGOTSKI, 2012a, p. 345).

Esse aspecto nos aponta a algumas compreensões em relação à consciência. Embora não seja possível que a consciência se estruture a partir de uma única função dada isoladamente, dependendo do curso do desenvolvimento, uma ou outra função apresenta um aspecto primordial para a consciência. Deste modo, sendo a consciência constituída a partir da existência concreta do homem, a função predominante será aquela que permitirá ao indivíduo a condição de uma apropriação da realidade e das relações sociais que se complexifica ao longo do processo de desenvolvimento. A percepção reforça a vinculação visual-direta da criança nesse momento.

> Em termos da velha psicologia poderíamos dizer que a criança dessa idade carece de toda imaginação, quer dizer, que nem em sua mente nem em sua imaginação pode figurar-se uma situação distinta daquela que se apresenta diretamente. Se analisarmos a relação da criança com a realidade exterior veremos que é um ser realista em alto grau, que se diferencia da criança de maior idade por sua dependência à situação, por estar plenamente sujeito ao poder que as coisas têm diante de si naquele momento. Não existe um afastamento da realidade (VYGOTSKI, 2012a, p. 346).

Vygotski (2012a), após detectar o papel dos objetos e da percepção mediante diálogo com outros autores, se propõe a discutir outra característica da primeira infância, que seria a forma que se dão as relações com as pessoas em seu entorno. Na primeira

infância seria a construção da ideia de estar separado da mãe e o "eu" começa a se tornar evidente nas relações que se estabelecem.

> Os investigadores alemães consideram que os estágios em que se divide a primeira infância podem delimitar-se da seguinte maneira. O primeiro estágio chamado por eles de "*Ur-wir*", "você-nós", é a consciência que antecede a compreensão do "eu", no qual o "eu" apenas começa a se destacar. Em efeito, segundo demonstram numerosos fatos, a criança não é consciente do que ele entende e do que outros compreendem. J. Piaget apontou certeiramente que para a criança parece que os adultos conhecem todos seus desejos [...]. Diz "*pu-fu*" e crê que devem dar-lhe o que pede (VYGOTSKI, 2012a, p. 347).

Nessa passagem, Vygotski (2012a) dialoga, com concordância, de determinadas ideias de Piaget. Para o autor a criança "[...] não diferencia o que está em sua consciência e o que está na consciência do adulto" (p. 347). Desse modo, aponta que a existência da consciência "você-nós" seria uma consciência primária que, no curso do desenvolvimento, permite com que a criança forme uma ideia sobre si mesmo. Essa formação do "eu" é o que caracterizaria o segundo momento da primeira infância.

> A expressão "*só eu*" aparece no segundo estágio da primeira infância. Os investigadores geralmente denominam o segundo estágio como "o estágio do 'eu' exterior", neste "nós", e neste estágio, a criança contrapõe suas ações independente às ações que realiza conjuntamente com os adultos. Por exemplo, a criança segura a colher e tenta comer sozinho, se nega que lhe deem de comer. Mas quando se trata de sua consciência, da compreensão por parte dos adultos, da faceta interna do processo, a criança continua imerso no estágio do "*Ur-wir*", "você-nós" (VYGOTSKI, 2012a, p. 347-348).

Vinculado ao processo de desenvolvimento da consciência na primeira infância, Vygotski (2012a) analisa também outras atividades fundamentais na atividade infantil. Incorpora, então, algumas reflexões sobre o jogo, embora aponte que algumas dessas teses são iniciais, destacando os estudos iniciais de D. B. Elkonin[120] sobre essa questão. De forma geral "[...] o jogo é uma relação peculiar com a realidade que se caracteriza por criar situações fictícias, transferir as propriedades de um objeto para outro" (VYGOTSKI, 2012a, p. 349). As investigações demonstram que um jogo primário se apresenta de forma rudimentar no final da primeira infância, já que a estruturação do jogo está vinculada ao

[120] D. B. Elkonin elabora uma obra denominada de *Psicologia do Jogo*. No Brasil, o seu reconhecimento se dá em função dessa obra, embora Lazaretti (2011, p. 9) aponte que, para além de seu livro Psicologia do Jogo, "[...] esse autor apresenta um legado de estudos sobre a dinâmica e as características dos períodos do desenvolvimento humano, que envolvem a atividade de comunicação emocional direta, a atividade objetal manipulatória, atividade jogo de papeis, atividade de estudo, atividade de comunicação íntima pessoal e atividade profissional – de estudo".

desenvolvimento da imaginação, que ocorreria mais tardiament65e no curso do desenvolvimento. Assim: "[...] a investigação tem demonstrado que na primeira infância as crianças não sabem criar situações fictícias no verdadeiro sentido da palavra" (idem, p. 349).

Dessa forma, na primeira infância o jogo se manifesta como algo que *parece* jogo, mas é uma organização rudimentar em razão da criança não estar consciente deste processo e da condução ativa do jogo. Analisando o jogo mais elaborado, nas palavras do autor: "Quando os pré-escolares brincam de papai e mamãe ou de trem sabem portar-se corretamente no plano da situação lúdica, quer dizer, atuam de acordo com a lógica da situação que se desenvolve" (VYGOTSKI, 2012a, p. 350). O jogo primário carece, portanto, desta lógica interna que a criança na primeira infância não detém, inclusive na leitura do real que expressa as regras sociais de organização da brincadeira. No interior do jogo, Vygotski (2012a) situa a necessidade de compreensão de outra função que apresenta novas formações aos indivíduos. No primeiro momento da primeira infância, o autor identifica a percepção. Para o segundo momento seria a linguagem.

> [...] a linguagem quebra de imediato a unidade sensório-motora, incide na dependência situacional da criança. A medida que a criança vai se desenvolvendo não somente se modifica a sua relação com os elementos novo em seu entorno, mas também com os velhos, já que transforma o caráter de sua influência sobre a criança. A situação social de desenvolvimento existente no começo da idade se modifica, e uma vez que a criança fica diferente, se destrói a velha situação social do desenvolvimento e começa um novo período de idade (VYGOTSKI, 2012a, p. 350).

Diante das modificações da criança, Vygotski (2012a) verifica uma alteração na linguagem como meio de comunicação e o nível de apreensão da linguagem dos que rodeiam as crianças. O desenvolvimento da linguagem, tanto em nível de comunicação como de apreensão, passa a ser a linha central de desenvolvimento da criança no segundo momento da primeira infância, modificando de forma concreta as relações da criança com a realidade.

> Cabe dizer que que o desenvolvimento da linguagem infantil não se deve ao aumento das dificuldades fisiológicas e físicas, mas para o desenvolvimento de significados funcionais na linguagem. As dependências das peculiaridades fisiológicas, no caso de existir, se devem a que estas, por si mesmas, dependem dos significados funcionais (VYGOTSKI, 2012a, p. 353).

Ao discutir com as teorias sobre linguagem[121] de sua época, o autor verifica que o fonema se converteria na unidade da linguagem humana e no desenvolvimento da linguagem infantil. Na primeira infância "[...] o desenvolvimento da linguagem infantil se realiza por meio do sistema de fonemas e não pela acumulação de sons isolados" (VYGOTSKI, 2012a, p. 354). Vinculado ao processo de linguagem, o autor introduz a importância do conceito de generalização.

Para Vygotski (2012a), o desenvolvimento da linguagem é oriundo de uma necessidade proporcionada pelo meio externo e pela inserção dos indivíduos nas relações sociais. A linguagem existiria pela necessidade de os homens comunicarem-se entre si. Para haver a comunicação é imprescindível que haja generalização. Assim "Qualquer elemento linguístico que a criança compartilha com o adulto, ou melhor, recebe dele, é uma generalização, ainda que seja primitiva ou incompleta" (idem, p. 355). Na primeira infância, mediante a relação estreita da criança com o mundo externo através da organização visual-direta, a criança generaliza em função da existência concreta do objeto em seu campo visual. À medida que modifica a relação da criança com o meio, a generalização se complexifica e perde a necessidade da presença do objeto.

> O ato da comunicação origina o desenvolvimento da generalização. Ao longo de toda a infância se conserva o predomínio da linguagem passiva sobre a ativa. A criança aprende a compreender a linguagem antes de generalizar. Portanto, ao falar de assimilação da linguagem, não cabe dizer que a criança inventa as palavras, mas que a deforma, mutila as palavras que escuta dos adultos, quer dizer, se trata de uma compreensão deformada por parte da criança da linguagem dos adultos. Isso significa que a criança se desenvolve como um todo social, como um ser social (VYGOTSKI, 2012a, p. 355-356).

No interior desse processo se institui as possibilidades de desenvolvimento da consciência. Vygotski (2012a) apresenta que o curso do desenvolvimento da linguagem – e do processo de generalização – estaria vinculada ainda a consciência "*Ur-wir*". Seria a condição de passagem de uma linguagem autônoma para o momento em que a criança acalcaria um nível de comunicação que apaga a necessidade de utilização da linguagem autônoma. Assim:

> A principal nova formação central da primeira infância está vinculada a linguagem, graças a que a criança estabelece relações distintas como o meio

[121] O autor discute o processo de aquisição da linguagem através de dois tipos de análise: a decomposição em elementos, que para o autor destruiria as propriedades do topo e o segundo tipo que seria a dissociação de tudo em unidades e o estudo desta unidade que conservaria uma relação com o todo. Para detalhes, ver Vygotski (2012a), p. 353-354.

> social que o bebê, quer dizer, modifica sua atitude frente a unidade social da que ele mesmo faz parte (VYGOTSKI, 2012a, p. 356).

O avanço da generalização e da modificação visível na situação social de desenvolvimento, exigindo uma nova forma de comunicação é o que caracterizaria a passagem de uma idade estável para uma idade crítica. O autor, então, incorpora a predominância de duas funções na primeira infância, a percepção e a linguagem. Inclusive, o desenvolvimento da percepção seria a possibilidade da criança, posteriormente, indagar os adultos ao seu redor em relação à realidade, estruturando as primeiras perguntas infantis (VYGOTSKI, 2012a). Nessa condição, há um desenvolvimento comum entre percepção e linguagem, no qual a percepção seria a primeira condição de generalização que coaduna no significado da palavra.

No bojo da discussão sobre linguagem na primeira infância, Vygotski (2012a) apresenta dois conceitos que considera como fundamental para o entendimento da consciência no homem. Segundo o autor, a consciência, enquanto sistema, seria constituída por uma estrutura semântica e sistêmica. A linguagem seria a possibilidade da criança de tomada de consciência do meio circundante.

> Por estrutura sistemática da consciência deve compreender-se, em meu juízo, a peculiar relação recíproca das funções isoladas, quer dizer, que em cada período da idade funções determinadas se inter-relacionam e formam um determinado sistema da consciência (VYGOTSKI, 2012a, p. 362).

Posteriormente aponta que:

> [...] a estrutura sistêmica da consciência pode denominar-se estrutura externa da consciência, enquanto a estrutura semântica, o caráter da generalização – sua estrutura interna. A generalização é um prisma no qual se refratam todas as funções da consciência. Se unimos a generalização com a comunicação veremos que a primeira atua como função de toda a consciência e não somente do pensamento. Todos os atos da consciência são uma generalização, sendo esta a estrutura microscópica da consciência. Como tese geral direi que a mudança do sistema de interrelações das funções que se faz estreita e diretamente vinculada com o significado das palavras, com o fato de que o significado das palavras começa a mediar os processos psíquicos. Se analisamos o significado da palavra infantil na dita idade veremos que o significado da palavra infantil inclui uma percepção generalizada, quer dizer, a estrutura do grupo de objeto entre os quais se inclui o objeto em questão (à diferença do gesto indicador que se refere a qualquer objeto ou quase todos. A criança pensa quase sempre com percepções generalizadas, quer dizer, a percepção geral é a primeira forma destacada da estrutura do significado da palavra infantil (VYGOTSKI, 2012a, p. 362-363).

De acordo com o autor, portanto, o processo de generalização seria condição fundamental para a estrutura e desenvolvimento da consciência, bem como das funções psicológicas superiores. Na primeira infância, a criança, embora se comunique, não teria consciência do processo da fala, tampouco elege voluntariamente as palavras e o sons de que precisa. Isto porque o que há presente na criança dessa idade seria a "[...] estrutura geral das palavras que pronuncia sistematicamente" (VYGOTSKI, 2012a, p. 364). Não há, portanto, a diferença entre o objeto e a palavra. Vygotski (2012a) faz algumas indagações que podem apontar no sentido de entendimento da consciência, vejamos:

> Qual é o resultado da transformação da estrutura da consciência? No período da primeira infância aparecem generalizações primárias que desembocam em um tipo de generalização determinada e apontam uma certa correção de funções. Como percebe a criança o mundo exterior e como atua nele? A percepção, que é a função básica dessa idade, amadurece logo e se produzem nela mudanças importantíssimas: a percepção se diferencia das vivências interiores, aparece uma certa constância de magnitude, forma, etc (VYGOTSKI, 2012a, p. 364).

A percepção possibilita a interrelação entre o sistema semântico e sistêmico da consciência, requalificando a ação das demais funções no modo de organização do indivíduo frente a relação que estabelece com o meio externo. Segundo Vygotski (2012a):

> Creio que a aparição da consciência sistêmica, já mencionada por mim, é o momento central e característico da consciência, pois o essencial para o ser humano não é simplesmente o fato de perceber o mundo, mas de compreendê-lo e sua consciência se move sempre no plano de algo atribuído de sentido. Dizer que o homem atua conscientemente e que suas ações estão atribuídas de sentido não é o mesmo. Isto me permite supor que a nova formação central na primeira infância é justamente o surgimento da consciência no verdadeiro sentido da palavra. Creio que nos encontramos, claramente – e pela primeira vez – com a consciência em seus momentos característicos, que diferenciam o homem da vida psíquica dos animais e dos estados psíquicos humanos pouco conscientes e formados (VYGOTSKI, 2012a, p. 365).

Dialogando com a concepção de consciência de Marx e a relação que se estabelece com a linguagem, Vigotski aponta que, em acordo com a teoria marxiana, o momento em que a criança começa a compreender verbalmente os objetos e a sua atividade, estabelecendo uma comunicação direta com outras, seria o momento característico da primeira infância, "[...] a etapa na qual surge a estrutura semântica e sistêmica da consciência, quando surge a consciência histórica do ser humano existente para outros e, por conseguinte, para a própria criança" (VYGOTSKI, 2012a, p. 366).

Frente a condição do curso do desenvolvimento que permite o surgimento de uma percepção com sentido, da generalização, elemento característico da percepção e da elaboração da linguagem como forma de comunicação da criança com o mundo no seu entorno, estamos diante do nascimento da consciência humana. Nesse aspecto, adentramos na discussão sobre a *crise dos três anos*, objeto tratado por Vygotski (2012a) em conferência ocorrida entre 1933 e 1934.

No tratamento à crise dos três anos, Vigotski reconhece que seria ainda um ensaio teórico inicial, que almejava contemplar as verificações empíricas. Por isso, é um texto relativamente curto que não se articula diretamente à idade estável, ou seja, às características identificadas na primeira infância.

Para tratar da crise dos três anos, Vigotski apresenta que os elementos da crise se agrupariam entorno de uma nova formação de caráter transitório, que proporciona o surgimento de sintomas na idade específica que conduzem a um aspecto novo e desaparecem ao final do período. Além dessa análise, é preciso considerar as linhas de desenvolvimento, central e acessórias do desenvolvimento, bem como avaliar a zona de desenvolvimento próxima. Para abarcar essas questões, Vygotski (2012a) levanta quatro pontos/sintomas existentes na crise dos três anos:

(1) O *negativismo*: sintoma que caracteriza o início da idade crítica. O negativismo não seria uma desobediência corriqueira da criança, mas o processo de se opor a qualquer proposta vinda dos adultos. Nas palavras do autor:

> Uma manifestação de negativismo é quando a criança não quer fazer algo pelo simples fato da proposta por parte de um adulto, quer dizer, não se trata de uma reação contra o conteúdo da mesma, mas por vir do outro (VYGOTSKI, 2012a, p. 369).

Diferente de uma desobediência em que a criança deseja impor suas vontades, no negativismo, muitas vezes, a criança vai contra um desejo pela proposição vir do adulto. Não está relacionado, portanto, a querer ou não querer fazer algo, isto é, com o conteúdo da solicitação, mas o negativismo é, sobretudo, uma atitude social dirigida a uma pessoa. É um momento em que a criança, inclusive, age contra o seu próprio desejo. Desse modo, "O negativismo é uma reação, uma tendência, cujo motivo está à margem da situação" (VYGOTSKI, 2012a, p. 370).

(2) A *obstinação*: Diferente da perseverança, "A obstinação é uma reação infantil quando a criança exige algo não por desejá-lo intensamente, mas porque exigiu. Insiste em sua

exigência" (VYGOTSKI, 2012a, p. 370-371). A obstinação seria a característica da criança manter-se sob determinada exigência como uma forma de contrapor à tendência social e manter-se vinculado a sua posição inicial. Por exemplo: "Digamos que lhe chamem [à criança], dizem para voltar para a casa, ela [a criança] se nega, lhe aduzem razões que a convencem, mas como havia negado, não obedece" (idem, p. 371).

(3) A *idade da rebeldia*[122]: Diferente do negativismo, a rebeldia não está dirigida ao adulto, mas seria algo contrário às normas que são estabelecidas para a criança enquanto modo de vida. Assim: "[...] se manifesta em um peculiar descontentamento infantil expressado em gestos e palavras depreciativas com as que responde a criança a tudo que lhe é proposto" (VYGOTSKI, 2012a, p. 371).

Desse modo, não seria um descontentamento com o adulto, mas com a organização da vida da criança que se constituiu até os três anos. Em uma família autoritária, a rebeldia seria o sintoma principal, já que uma criança "dócil" e "obediente", passaria a ser descontente com as questões postas a ele.

(4) A *insubordinação, voluntariedade*: a criança aspira sua independência e quer realizar todas as atividades sozinha, por si mesmo (VYGOTSKI, 2012a).

De forma geral, esses quatro elementos analisados estariam organizados em um aspecto central da idade crítica, embora Vigotski também cite outras características que aparecem de forma secundária. O primeiro deles seria o protesto violento. É um momento em que a criança parece estar permanente conflito com os que o rodeiam. Outro ponto identificado pelo autor, em especial nas famílias em que há um único filho, a criança passa a exigir que as coisas ao seu redor se organizem em função dele. Quando há mais de um filho na família, verifica-se também esse aspecto conduzido aos irmãos. Exemplo dado pelo autor é quando a mãe não consegue ausentar-se de casa em função do desejo da criança. Na explicação, Vygotski (2012a, p. 372) aponta que:

> A criança busca milhares de meios para pôr de manifesto seu poder sore os demais, tenta recuperar a situação que tinha em sua primeira infância, quando de fato se cumpriam todos os seus desejos e ela era a senhora da situação.

Diante dos aspectos apresentados, a crise dos três anos seria, para o autor, uma espécie de idade de motim, ou, ainda um protesto frente a uma educação autoritária.

[122] Vygotski (2012a) considera que o termo adequado seria, em alemão, *"Trotz*".

Assim, é o momento em que há uma crise instaurada na imagem e na concepção de "bebê" para uma criança independente, com desejos e posições contrárias às de seus cuidadores.

> Estes sintomas fazem parece a criança como difícil de educar. Em que antes não procurava cuidados, nem dificuldades, de repente se tornou um ser complicado para os adultos. Se tem a impressão de que a criança mudou muito em pouco tempo. De um "bebê" que levavam nos braços se converteu em uma criança rebelde, teimoso, negativo, contestador, ciumento e despótico (VYGOTSKI, 2012a, p. 372).

A rebeldia analisada por alguns autores enquanto um momento de emancipação é, para Vygotski (2012a) a confirmação de uma mudança considerável: até a primeira infância, mãe e filho ainda não haviam se separado psicologicamente. Nessa idade crítica, portanto, há uma tendência de a criança buscar por sua independência. Os conflitos que surgem são oriundos da conflituosa relação que se manifesta na criança tanto do ponto de vista externo, como também interno.

A crise dos três anos seria, para o autor, uma resposta às relações sociais que estão em seu entorno. As quatro características (negativismo, obstinação, rebeldia e voluntariedade) verificadas por Vygotski (2012a) seria uma forma da criança opor-se e fazer o contrário do que lhe solicitam para fazer valer a sua independência. Durante essa crise haveria "[...] a reestruturação das relações sociais recíprocas entre a personalidade da criança e as pessoas em seu entorno" (idem, p. 375). De motivação social, a crise dos três anos estaria voltada para a construção do "eu", que se estrutura de forma conflituosa em razão dos limites que se tinha até então na primeira infância.

3.8.3.4 Crise dos sete anos

No Tomo IV não há um texto específico que discuta as características fundamentais da idade pré-escolar e o aspecto novo no curso do desenvolvimento, que seria uma preocupação recorrente do autor ao pensar a questão da idade. Diante disso, há um salto entre a crise dos três anos e a crise dos sete anos. Todavia, em seu texto "*A crise dos sete anos*", Vygotski (2012a) introduz sinteticamente o cenário social da criança pré-escolar e o momento social no qual se dá a crise dos sete anos. Para o autor, a crise se estabelece através da não identificação da criança, em termos de atividade e personalidade, ao momento pré-escolar e ao escolar, considerando, portanto, essa idade crítica enquanto uma espécie de *não-lugar* do homem.

A característica mais relevante da crise da criança pré-escolar seria "[...] a perda de repente de sua ingênua espontaneidade" (VYGOTSKI, 2012a, p. 377). Ou seja, até então, havia uma espontaneidade na criança entendida enquanto uma não diferenciação entre interior e exterior. Desse modo, as vivências da criança, seus desejos e sua atividade não estariam ainda diferenciada, marcando por situações, de modo a exemplificar, em que a criança verbaliza o que lhe vem à cabeça, sem uma distinção ou censura evidentes. Desse modo: "O traço mais importante da crise dos sete anos é, em nossa opinião, a diferenciação incipiente da faceta interior e exterior da personalidade da criança" (idem, p. 378).

Essa espontaneidade identificada pode ser explicada pela manifestação externa das questões internas da criança, sem que haja uma espécie de "*filtro*". Isso é, há uma transmutação direta entre um e outro. Diante desse aspecto, evidencia-se que essa espontaneidade é bastante incomum nos adultos, que, por estabelecerem uma clara distinção entre exterior e interior, controlam determinadas situações. Quando essa espontaneidade se manifesta, causa estranhamento e riso (VYGOTSKI, 2012a).

> A perda da espontaneidade significa que incorporamos a nossa conduta o fator intelectual que se insere entre a vivência e o ato direto, o que vem a ser o polo oposto da ação ingênua e direta própria da criança. Não queremos dizer que com a crise dos setes anos passa da vivência direta, ingênua e não diferenciada ao extremo oposto. Dizemos que em cada vivência, em cada uma de suas manifestações aparece, em efeito, um certo momento intelectual (VYGOTSKI, 2012a, p. 378).

A incorporação do elemento intelectual na atividade social da criança permite com que haja certo grau de abstração na atividade, que possibilita a criança a diferenciar e designar os elementos de origem interna e externa. Desse modo, a vivência da criança nas relações sociais em que está inserida avança em razão da significação da percepção generalizada que vinha se desenvolvendo desde as idades anteriores.

Para entender esse aspecto, Vygotski (2012a) faz uma analogia com o jogo de xadrez. Em idades anteriores, a criança olha para o tabuleiro sobre determinados aspectos, ainda simplistas, sem considerar a totalidade das relações possíveis que estariam em jogo. Com a incorporação das funções superiores requalificadas pelo desenvolvimento social da criança, determinadas situações que passariam despercebidas passam a ser consideradas. Assim:

> O traço essencial da percepção é sua estrutura, quer dizer, a percepção não se forma de átomos isolados, mas que constitui uma imagem, dentro da qual existem diversas partes. Segundo seja a posição das figuras no tabuleiro, o verá de maneira distinta (VYGOTSKI, 2012a, p. 379).

A construção de uma *imagem* do real não explica a consciência. Conceituar a consciência à construção de uma imagem subjetiva seria reduzi-la à uma parcela da estrutura da percepção. Ademais, a percepção não capta o real de forma segmentada, mas identifica "[...] seus vínculos e relações semânticas" (VYGOTSKI, 2012a, p. 379). O homem capta o *movimento* e a dinâmica das relações sociais.

> Há uma grande diferença entre a sensação de fome e o conhecimento de ter fome. A criança da primeira idade não conhece suas próprias vivências. Aos sete anos se forma na criança uma estrutura de vivência que permite compreender o que significa "estou alegre", "estou com nojo", "estou cansado", "sou bom", "sou mau", quer dizer, nele surge a orientação consciente das próprias vivências (VYGOTSKI, 2012a, p. 379-380).

A identificação dos afetos e sentimentos que urge na criança na crise dos setes anos é também acompanhada por uma autopercepção melhor estruturada no indivíduo. Até então, a criança pré-escolar fazia generalizações mais simplistas em relação às situações vivenciadas. Há, nesse sentido, uma reorganização do homem em relação ao seu entorno. Seus desejos, vontades, sensações e possibilidades aparecem de forma mais organizada, permitindo o indivíduo reconhecer-se a si mesmo diante de seu entorno. Nesse processo, há a superação da dualidade interior e exterior. Para Vygotski (2012a) o entorno do indivíduo é, também, parte do próprio homem e de seu interior. Por isso, o entendimento de Vygotski (2012a) sobre o "*meio*" não se refere somente a suas experiências, mas as relações sociais que o indivíduo está inserido que modifica também sua condição de ser.

> Dizer que na crise dos sete anos as vivências pré-escolares se transformam tão somente em escolares equivale a dizer que há se formado uma nova unidade de elementos situacionais e pessoais que fazem possível uma nova etapa do desenvolvimento, quer dizer, a idade escolar. Se dissermos que a relação da criança com o meio se modificou, significa que o próprio meio já é distinto e que, portanto, transformou o curso do desenvolvimento da criança (VYGOTSKI, 2012a, p. 381).

Isso significa dizer, do ponto de vista da concepção de homem, que o que constitui o indivíduo não é apenas relativo a si. Tratar do homem é vinculá-lo às relações sociais que se estabelecem e, portanto, à própria humanidade. Na superação do dualismo interior-

exterior, mesmo quando nos referimos à sua condição psicológica – e, portanto, a própria consciência –, há sempre a encarnação das relações sociais no próprio homem. Desse modo, o meio social não é apenas um aspecto a ser considerado no desenvolvimento, na *hominização* e na formação da consciência ao lado de outras linhas de desenvolvimento. Isto porque a modificação das relações sociais altera o curso do desenvolvimento da criança e a própria relação da criança com o mundo.

Em relação às crises, Vygotski (2012a) identifica que os pesquisadores atribuem às determinantes biológicos os períodos de crise. Por isso, a densa maioria considera a puberdade enquanto uma idade crítica, enquanto, para Vigotski, a puberdade seria uma idade estável, cuja linha biológica seria apenas um elemento acessório. Para o autor, as modificações mais profundas na adolescência estariam vinculadas à mudança de relação com o mundo. Na adolescência o homem passaria do pensamento prático-concreto para o conceitual (VYGOTSKI, 2014). Essa modificação *aparente* revela uma transformação categórica na forma como o adolescente se coloca diante das relações ampliadas.

Nesse sentido, um elemento de fundamental compreensão para as ideades estáveis e críticas é o contexto social de desenvolvimento. Isto é, Vygotski (2012a), incorporando a teoria marxiana, compreende que o processo de hominização e desenvolvimento humano ocorrem a partir de determinadas condições culturais, históricas e sociais. Isto é, compreender a formação do homem seria estabelecer as relações com a totalidade (sociedade) e, nesse entendimento, direcionar uma análise à estrutura produtiva vigente (MARX e ENGELS, 2011). Para alcançar essa discussão, no subitem seguinte discutimos o entendimento para Vigotski da situação social de desenvolvimento e o papel das vivências.

3.8.4 A situação social de desenvolvimento e a vivência no curso do desenvolvimento

Para compreender a visão de desenvolvimento de Vigotski é fundamental a conceituação do que o autor designa por "situação social de desenvolvimento". Em termos gerais, a definição de desenvolvimento para Vigotski seria o surgimento do novo. Esse novo não seria apenas vinculado às mudanças quantitativas ou aparentes, mas mudanças, sobretudo qualitativas, na transformação dos nexos, sentidos e motivos da relação do homem com o mundo. Portanto, pensar o desenvolvimento humano seria compreender a situação social de desenvolvimento. Como definição, a situação social de desenvolvimento seria o contexto social, que designa formas e dinâmicas singulares na relação da criança com aquilo que a rodeia.

> Denominamos essa relação como situação social de desenvolvimento na dita idade. A situação social do desenvolvimento é o ponto de partida para todas as transformações dinâmicas que se produzem no desenvolvimento durante o período de cada idade. Determina plenamente e por inteiro as formas e a trajetória que permitem a criança adquirir novas propriedades da personalidade, já que a realidade social é a verdadeira fonte de desenvolvimento, a possibilidade de que o social se transforme em individual. Portanto, a primeira questão que devemos resolver, ao estudar a dinâmica de alguma idade, é compreender a situação social de desenvolvimento (VYGOTSKI, 2012a, p. 264).

Desse modo, para Vygotski (2012a), o elemento que conduz o desenvolvimento e formação do homem emerge da realidade social. Assim: "A situação social de desenvolvimento, específica para cada idade, determina, regula, estritamente todo o modo de vida da criança ou sua existência social". (VYGOTSKI, 2012a, p. 264).

Ao tratar sobre a situação social de desenvolvimento, Vygotski (2012a) não está se referindo propriamente a uma ideia de *meio social* ou *ambiente social*. Essa confusão teórica e conceitual parece inspirar perspectivas que tratam a teoria vigotskiana como interacionista ou sócio-interacionista (PRESTES, 2010; DUARTE, 2004). Embora a incorporação do "meio" como fundamento do desenvolvimento não seja exclusiva de determinados autores, o sentido dado a este conceito sofre inúmeras variações. Por exemplo, olhando diferentes abordagens psicológicas, como a Análise do Comportamento e a Psicologia Genética de Piaget, ainda que ambos tratem a questão do meio e do ambiente são questões tratadas e compreendidas de formas distintas. Na mesma medida, reduzir a situação social de desenvolvimento de Vigotski ao "meio" seria uma deturpação teórica de sua obra.

Cabe-nos compreender o que Vigotski trata ao utilizar o termo "meio" em suas obras. Vejamos:

> O meio não deve ser estudado como um ambiente de desenvolvimento que, por força de conter determinadas qualidades ou características, já define pura e objetivamente o desenvolvimento da criança. É sempre necessário abordá-lo do ponto de vista da relação existente entre ele e a criança numa determinada etapa de desenvolvimento. Isso pode ser afirmado como uma regra geral que se repete com frequência na pedologia: é necessário passar dos indicadores absolutos do meio para os relativos, ou seja, para esses mesmos indicadores na sua relação com a criança (VIGOTSKI, 2001, p. 74).

A passagem de Vigotski (2018) demonstra que ao tratar do meio, o autor refere-se a uma forma de relação existente. O meio não é algo dado, ou absoluto, conforme

apresentado na passagem anterior. O meio é constituído a partir de relações. Essas relações também se modificam no curso do desenvolvimento.

> Uma vez conhecida a situação social de desenvolvimento existente a princípio de uma idade, determinada pelas relações entre a criança e o meio, devemos esclarecer seguidamente como surgem e se desenvolvem em dita situação social as novas formações próprias da idade dada. Essas novas formações, que caracterizam em primeiro lugar a reestruturação da personalidade consciente da criança, não são uma premissa, mas um resultado ou o produto do desenvolvimento da idade. As mudanças na consciência da criança se devem a uma forma determinada de sua existência social, própria da idade dada. Por isso as novas formações maturam sempre ao final de uma idade e não no começo (VYGOTSKI, 2012a, p. 264).

Verifica-se uma íntima relação entre o homem e meio, de tal maneira que com o passar da idade, a forma e a estrutura das relações modificam-se radicalmente (VYGOTSKI, 2012a). Isso significa dizer que a situação social de desenvolvimento se altera, se requalifica, muito embora aparentemente o meio seja o "mesmo". Esse elemento aparece de forma mais potente nas idades críticas em que se questiona o que mudou *na* criança, não observando, de forma geral, as modificações existentes na relação da criança com o meio. Desse modo: "[...] a relação entre a criança e o meio não é jamais uma relação puramente externa, tomado por isolado" (VYGOTSKI, 2012a, p. 382). Assim, há uma unidade de constituição entre personalidade e meio.

Em razão da situação social de desenvolvimento, é preciso fazer duas pontuações às definições de desenvolvimento elaboradas por Vigotski no início da década de 1930:

1) As condições sociais e as possibilidades de estabelecimento de relações existentes no mundo atual sofreram uma alteração considerável no que concerne o próprio desenvolvimento do capitalismo e das forças produtivas. Isso significa dizer que a situação social de desenvolvimento da criança deste século apresenta distinta demandas, necessidades e possibilidades, muitas das quais Vigotski não vislumbrava ou identificava na sociedade de sua época. Com isso, queremos pontuar que é necessário ampliar estudos no sentido de atualização da teoria, almejando a confirmação ou superação dos elementos que Vigotski identificou em idades específicas;

2) A compreensão da situação social de desenvolvimento não deve ser reduzida às relações cotidianas e aparentes que o homem estabelece em seu convívio íntimo. Ao incorporar as relações sociais como força motriz do desenvolvimento, o homem se apropria das determinações sociais que organizam a existência humana. Por isso, não se trata de uma experiência sensível no meio social. Vejamos nas palavras do autor:

> Não devemos esquecer que a situação social de desenvolvimento não é mais do que o sistema de relações da criança em uma idade dada e a realidade social; se uma criança se modificou de maneira radical, é inevitável que essas relações se reestruturem. As anteriores situações de desenvolvimento se desintegram à medida que a criança se desenvolve e se configura em traços gerais proporcionalmente ao seu desenvolvimento. A nova situação social de desenvolvimento passa a converter-se em ponto de partida para a idade seguinte. A investigação demonstra que essa reestruturação da situação social de desenvolvimento constitui o conteúdo principal das idades críticas (VYGOTSKI, 2012a, p. 265).

No bojo da situação social de desenvolvimento, urge outro conceito fundamental para a apreensão do entendimento de Vigotski ao desenvolvimento e formação humana: o conceito de vivência. A requalificação e alteração da situação social de desenvolvimento coloca o homem em contato com novas possibilidades e novas formações que o modificam em termos de personalidade e consciência. Essa transformação não se encerra em si mesmo, mas torna-se força propulsora para a condição do *vir a ser* do homem.

> Até mesmo quando o meio se mantém pouco alterado, o mero fato de a criança mudar, no processo de desenvolvimento, faz com que se modifiquem o papel e o significado dos momentos do meio que parecem permanecer inalterados. Um evento que tem determinado significado desempenha um papel numa idade específica. Todavia, dois anos depois, começa a ter outro significado e a desempenhar outro papel por força de mudanças da criança. Ou seja, a relação da criança com aqueles eventos do meio mudou. Valendo-nos de exemplos que vimos quando analisamos crianças, podemos dizer, com mais precisão ou exatidão, que os momentos essenciais para definição da influência do meio no desenvolvimento psicológico, no desenvolvimento da personalidade consciente, são a vivência. A vivência de uma situação qualquer, de um componente qualquer do meio define como será a influência dessa situação ou meio sobre a criança. Ou seja, não é esse ou aquele momento, tomado independentemente da criança, que pode determinar sua influência no desenvolvimento posterior, mas o momento refratado através da vivência da criança (VIGOTSKI, 2001, p. 75).

O conceito de vivência aparece na obra vigotskiana em diferentes momentos. Uma dessas passagens diz respeito à construção da experiência estética para Vigotski abordada no eixo I da presente tese. Para Vygotski (2012a), a vivência reflete a relação do homem com a realidade na forma do "eu", em que se manifestam as propriedades do indivíduo constituídas ao longo do desenvolvimento. Desse modo, a vivência na realidade seria a condição determinante para o desenvolvimento. Por outro lado, o próprio processo de desenvolvimento possibilita uma vivência mais complexa e integral, implicando também na *qualidade* da vivência. Isto é, a vivência não é sinônimo de experiência, em que o mero

contato com o meio seria desenvolvente para o homem. Para Vigotski é como se a vivência fosse enriquecida pelo processo de hominização e desenvolvimento das funções superiores, produzindo a possibilidade do estabelecimento de outras atividades e relação do homem com a realidade.

> [...] toda vivência está respaldada por uma influência real, dinâmica, do meio com relação à criança. Deste ponto de vista, a essência de toda crise reside na reestruturação da vivência interior, reestruturação que radica na mudança do momento essencial que determina a relação da criança com o meio, quer dizer, na mudança de suas necessidades e motivos que são motores de seu comportamento. O incremento e a mudança dessas necessidades e apetências são a parte menos consciente e voluntária da personalidade e na medida em que a criança passa de uma idade a outra nascem novos impulsos, novos motivos, ou, dito de outro modo, os propulsores de sua atividade experimentam um reajuste de valores. O que era antes essencial para a criança, valioso, apetitoso, se torna relativo e pouco importante na etapa seguinte (VYGOTSKI, 2012a, p. 385).

No processo de apreensão da realidade e significação das vivências, o homem passaria, no curso de seu desenvolvimento, a estabelecer uma relação com seu entorno de modo a penetrar na situação social de forma intencional e direta, passando então, a situação social de desenvolvimento enquanto orientador da conduta. Portanto:

> A reestruturação de necessidades e motivos, a revisão de valores é o momento essencial na passagem de uma idade para outro. Ao mesmo tempo em que se modifica também o meio, quer dizer, a atitude da criança frente ao meio. Começa a interessar-se por coisas novas, surgem novas atividades e sua consciência se reestrutura, se entendemos a consciência como a relação da criança com o meio (idem, p. 385-386).

A incorporação do conceito de situação social de desenvolvimento parece ser a chave de Vigotski para operacionalizar a questão da existência objetiva do homem no mundo social. Retomando a ideia marxiana de determinação da consciência pela existência, é fundamental qualificar a visão de existência para Vigotski, sobretudo como essa se institui ao longo das idades. Isto é, há uma realidade concreta que existe para qualquer homem. Porém, a apreensão e captação do real e a transformação deste real para propulsão de desenvolvimento é singular para cada fase da vida mediante determinadas condições. Assim, o mundo *é* e *não é* o mesmo quando olhada pelo adulto ou pelo bebê. Diferente de uma visão subjetivista, a diferença no mundo não está para o sujeito pela sua criação particular, mas pelos limites impostos na incorporação das relações sociais para o nível psíquico e de constituição de formas mais elaboradas de ver, sentir, pensar,

comunicar, atentar-se e memorizar o mundo, formas essas que só se configuram a partir do social que passa a existir no homem.

3.8.5 Síntese do eixo *desenvolvimento humano*

Como discutido no presente eixo sobre o *Desenvolvimento Humano*, compreende-se que Vigotski dialoga com as teorias psicológicas de sua época, mas se posiciona em uma visão distinta das demais abordagens. Ao incorporar o princípio dialético e de movimento, Vigotski rompe com uma tradição biologizante de explicação do processo de desenvolvimento humano, ao mesmo tempo em que se distancia do subjetivismo e do inatismo. Portanto, trata-se de um desenvolvimento determinado pelas condições sociais, culturais e históricas de determinada sociedade. A idade para o autor não apresenta, assim, uma visão cronológica de tempo, mas como as relações entre homem e realidade e, sobretudo, na apreensão do real, revoluciona a estruturação psicológica do ser humano e o coloca diante de novas possibilidades de desenvolvimento a partir do desenvolvimento do sistema psicológico.

Nesse panorama, apresentamos os seguintes pontos enquanto elementos a serem considerados ao pensar a relação entre a produção de Vigotski, a consciência e o desenvolvimento humano:

I) De forma geral, o uso que se faz de Vigotski na área da educação e o uso de determinados conceitos aponta para um desconhecimento da obra do autor. Esse elemento pode ser revelado quando Vygotski (2012a) insere alguns conceitos que podem trazer possíveis mediações para o contexto educativo, como a questão da zona de desenvolvimento real e iminente. Ambos os conceitos, tirados de contexto, parece apontar para um imediatismo na condução pedagógica a ponto de desenvolverem análises simplistas em relação à ideia de *cooperação* para a construção da atividade.

Quando o autor nos apresenta a este conceito, tem a preocupação de localizar possíveis parâmetros para refletir sobre o curso do desenvolvimento da criança. Isto é, se para Vygotski (2012a) o desenvolvimento não é explicado através da idade cronológica e nem mesmo às divisões da infância. Assim, o autor precisaria, então, encontrar um elemento que indicasse as possibilidades e limites da criança, apontando para qual nível de desenvolvimento a criança se encontra. O autor compreende que esse apontamento estaria, então, na atividade. Embora Vygotski (2012a) sinalize que a atividade não é apenas aquilo que a criança já realiza, mas aquilo que estaria em vias de formação e, sob um processo de intervenção, a criança consegue "emprestar" o aparelho psíquico de

outrem para desenvolver a atividade. Para nós esses conceitos visam garantir o entendimento dialético do processo de desenvolvimento. Isto é, o desenvolvimento humano não é estático, mas está *em movimento*. As zonas de desenvolvimento visam indicar esse processo.

II) O tomo IV das Obras Escolhidas reúnem alguns estudos de Vigotski sobre a *pedologia*. A pedologia é um campo de interesse de Vigotski e outras produções, como *Pensamento e Fala* e *Sete Aulas de L.S Vigotski*, refletem o interesse do autor em pensar e elaborar questões sobre a pedologia. Especificamente sobre o desenvolvimento humano, Vigotski está se questionando sobre o ritmo e o processo de desenvolvimento da criança. Tunes e Prestes (2017) apontam algumas questões em relação ao contexto cultural e acadêmico na época de produção teórica de Vigotski. O autor recebe determinadas críticas que colocam sua produção em contraposição ao momento stalinista da União Soviética. Embora não seja possível discorrer na presente tese sobre tais determinações históricas, cabe pontuar que uma parte considerável da produção de Vigotski em relação à pedologia não fora socializado e, portanto, não temos acesso.

III) Os textos contidos no presente tomo IV são produções localizadas próximoo ao ano de falecimento de Vigotski e, portanto, um de seus últimos escritos ainda em vida. Isso pode nos apontar a alguns elementos: o primeiro deles é que são textos em que Vigotski encontra um nível de aprofundamento na teoria, articulando elementos que foram trabalhados anteriormente e assumindo posições sobre de forma mais evidente, como a ideia de que o desenvolvimento segue o curso de internalização do *social* ao *individual*, cuja atividade do homem na realidade conduz o seu processo de desenvolvimento. Outro elemento seria assumir o dualismo presente na Psicologia e almejar superar o dualismo através de uma teoria universalista, e, portanto, Vigotski faz o uso de conceitos e categorias já desenvolvidos em anos anteriores, como o conceito de vivência e das funções psicológicas superiores. Assim, Vigotski articula e sistematiza tais conceitos no curso do desenvolvimento.

O terceiro ponto é que havia uma lacuna de produção acadêmica na Psicologia sobre a questão do curso do desenvolvimento humano, sobretudo em uma perspectiva dialética. As estruturas existentes até então, analisadas pelo próprio Vigotski, remetem-se a uma organização etapista, em que um estágio posterior apaga o anterior, sem fazer a devida suprassunção, tal como proposto por Vigotski. De tal forma, identificamos que Vigotski visa superar a ideia de idade cronológica, embora, ao definir as crises, encontre referências no tempo cronológico.

Levando em consideração a proposição e objetivo da presente tese, não buscamos outros autores da Psicologia Histórico-Cultural. Todavia, gostaríamos de pontuar que o entendimento de desenvolvimento humano da Psicologia Histórico-Cultural não se finda com a produção de Vigotski. Há outros autores que desenvolvem questões referentes ao desenvolvimento humano, inclusivo do ponto de vista da periodização, como sinalizado pelo próprio Vygotski (2012a) ao mencionar Elkonin. O desenvolvimento teórico da teoria, portanto, buscou avançar e reorganizar o quadro teórico de Vigotski, apresentando outros caminhos a serem perseguidos.

IV) Em relação à consciência, vemos que os escritos do autor visam trazer a tona o seguinte questionamento: quando a consciência se forma no homem? Quando ela aparece? A forma de resolução dessa questão fundamenta-se em elementos de Marx e Engels e, também, nos estudos do próprio Vigotski. Vigotski aponta que, por um lado, a consciência existe enquanto possibilidade desde que o homem se insere nas relações sociais, ou seja, desde o nascimento, em que os processos de socialização são incorporados paulatinamente pelo bebê. Embora nessa primeira fase do desenvolvimento, o autor verifica que a linha biológica ainda exerceria grande influência no desenvolvimento. Assim, aponta que a consciência se estabeleceria, de forma primitiva, à medida que o homem passa a estabelecer uma relação mais direta com as pessoas em seu entorno. Seria, então, a consciência "*você-nós*", em que o homem reconhece a existência de um outro e começa a se reorganizar nesta relação, buscando identificar a si mesmo no outro.

Gradualmente, através da atividade na realidade e o desenvolvimento do sistema psicológico, a criança requalifica a sua consciência em níveis mais profundos, sendo possível a captação e percepção do real de forma qualitativamente distinta dos processos anteriores.

V) A questão da generalização é um elemento de fundamental importância para a constituição da consciência e no decurso da formação do sistema psicológico. O processo de organizar a realidade externa e o *todo caótico*, avançando no processo de sistematização e ordenação do real é elemento constituinte da consciência humana. Nessa perspectiva, a criança passaria por vários níveis de organização, que se complexificam quando incorporam as funções psicológicas superiores. Ou seja, quando a linguagem torna-se interna possibilita o avanço da percepção, da memória, da atenção, etc., que, se desdobram em níveis e graus maiores de consciência em relação a outros momentos do processo de desenvolvimento.

Consideramos que o desenvolvimento humano para Vigotski apresenta elementos relativos ao processo de *hominização* e, ao mesmo tempo, o fundamento da concepção de homem em que as relações sociais imperam no contexto de constituição do homem. Dessa forma, o desenvolvimento humano é um processo conduzido pela linha de apropriação da cultura, em que os aspectos filogenéticos exercem um papel assessorado pela apropriação das relações sociais. Ou seja, o homem se desenvolve pela e na atividade que exerce na realidade, e, portanto, necessidade do outro no processo de constituição de si mesmo. Dessa forma, a consciência precisa do outro para ser constituída e estruturada. A identificação de si e do mundo é oriunda da incorporação das relações sociais.

Na continuação do processo de discussão, Vigotski apresenta uma preocupação também em discutir o desenvolvimento humano do homem com deficiência. Uma questão geral é: a criança com deficiência se desenvolve da mesma forma que uma criança sem deficiência? Os estudos sobre a defectologia nos auxiliam a compreender esse processo, bem como a forma pela qual Vigotski caracteriza a deficiência.

3.9 Estudos sobre a *defectologia*

A trajetória de Vigotski é demarcada pela elaboração teórico-conceitual dos preceitos psicológicos e indicações pedagógicas para o desenvolvimento da criança com deficiência. O campo de estudo denominado de *defectologia* ganha um lugar de destaque na teoria vigotskiana com publicações que vão de 1924 até 1935. A defectologia também foi um campo de estudos na Rússia, então parte da União Soviética, recebendo tratamento científico vinculado à perspectiva marxista ao qual o autor se referencia em seus outros trabalhos. De acordo com Bein *et al* (2012) o interesse de Vigotski para o indivíduo com deficiência inicia desde quando Vigotski encontra-se em Gomel e dedicava-se a ministrar cursos sobre a infância difícil e o atraso mental. Nas palavras dos autores:

> Vygotski examinou criticamente as teorias sobre o desenvolvimento psíquico da criança normal e da anormal, e analisou os diversos tipos de anomalias de desenvolvimento. Sua análise estava orientada a descobrir a essência mais profunda da patologia: desde a gênese dos defeitos primários até a aparição, no curso do desenvolvimento, dos sintomas secundários e terciários, e, mais tarde, na base dos nexos e relações interfuncionais até a compreensão das particularidades das estruturas da personalidade integral da criança anormal (BEIN *et al*, 2012, p. 365).

Nessa perspectiva, Vigotski compreende que determinadas leis de desenvolvimento apresentam certa regularidade, mesmo na discussão sobre crianças com

deficiência. Embora na deficiência o desenvolvimento ocorra em um ritmo e tempos de desenvolvimento singulares, de forma geral, o autor "[...] Demonstrou que a influência social e, em particular, a pedagógica, constituem uma fonte inesgotável de formação dos processos psíquicos superiores, tanto na normalidade como na patologia" (BEIN *et al*, 2012, p. 366). Há um consenso dos pesquisadores da obra de Vigotski de que, embora a hereditariedade tenha um papel no curso do desenvolvimento, as determinações da conduta, da personalidade e da qualidade do processo de desenvolvimento, ocorrem a partir do meio cultural em que a criança está inserida. Assim: "Vygotski destacava que era preciso estudar não somente os sintomas de uma ou outra deficiência, mas também a essências das transformações, o caráter das novas formações" (BEIN *et al*, 2012, p. 368).

Vygotski (2012b) aponta que, historicamente, a defectologia era considerada como uma área de investigação menor, em que a maioria dos estudos de crianças deficientes baseava-se em uma concepção quantitativa do desenvolvimento infantil e, portanto, a deficiência aparecia enquanto um complicador. Embora essas teorias buscassem apontar a insuficiência do desenvolvimento do indivíduo, visualiza-se uma limitação na compreensão da própria deficiência e como essa se relaciona com a personalidade do indivíduo. Assim, na defectologia, iniciou-se "[...] a calcular e medir, e não a experimentar, observar, analisar, diferenciar e generalizar, descrever e definir qualitativamente" (VYGOTSKI, 2012b, p. 11). Diante deste argumento da insuficiência da discussão na área e das críticas apontadas, Vigotski se debruça no estudo da *defctologia*.

Os estudos sobre a *defectologia* de Vigotski reúnem-se, sobretudo, no Tomo V de suas Obras Escolhidas[123]. Essa temática vem sendo explorada por diferentes pesquisadores no Brasil em artigos, teses e dissertações (BARROCO, 2007; LIMA, ROSSETTO e CASTRO, 2020; NETTO e LEAL, 2013).

Nos textos do Tomo V, Vigotski incorpora um modelo metodológico de exposição que discute com pensadores de sua época sobre a compreensão de diversas teorias em relação à deficiência e, no interior desse diálogo, apresenta uma perspectiva histórico-cultural de análise deste fenômeno. O primeiro apontamento em relação aos escritos do autor é que estes pairam entre os anos de 1930. Nessa condição, aparece uma

[123] Em russo há a publicação do livro *Problemi Defektologuii*, organizado e publicado por Tamara Mirrailovna Lifanova que contém praticamente a totalidade dos textos publicados por Vigotski sobre a temática. Esse livro fora recentemente traduzido para o português e publicado por Zoia Prestes e Elizabeth Tunes em seu Volume 1, com alguns desses textos.

compreensão sobre a deficiência que, em certos aspectos, vem sendo superada pelos estudos mais atuais da área. Para esta compreensão, portanto, é fundamental olhar e discutir os textos à luz do momento histórico de Vigotski e das teorias e produções acumuladas até então. Nos textos, evidencia-se o diálogo do autor com as teorias de sua época, no qual, situa-se uma compreensão da deficiência através dos princípios teóricos da Psicologia Histórico-Cultural.

Nesse modelo, Vigotski defende uma concepção de homem e de desenvolvimento humano que, indiretamente, dialoga com a categoria consciência. Com essa preocupação, buscamos extrair de seus escritos elementos que nos conduzem a *olhar* o homem sob a perspectiva epistemológica que Vigotski se orienta.

Nos textos analisados, Vigotski trata a questão da *defectologia* como uma unidade. Isto é, desenvolve conceitos como o de desenvolvimento, de funções psicológicas, de ensino, etc., de forma articulada. Como organização didática, recortamos alguns elementos para conduzir a presente análise no diálogo que os textos da *defectologia* podem oferecer esclarecimentos à categoria consciência. Assim, definimos os seguintes pontos: i) o conceito de compensação; ii) a coletividade como princípio de desenvolvimento; iii) a superação do dualismo: unidade como princípio explicativo do homem. Para o desenvolvimento do presente eixo, utilizamos os textos do autor conforme discriminado na tabela abaixo.

Tabela 10 – Textos de Vigotski utilizados no eixo *defectologia*

	Título do texto em português	***Localização do texto***	***Ano em que foi escrito***
Eixo V: Estudos sobre a defectologia	Introdução: os problemas fundamentais da defectologia contemporânea	Tomo V Primeira parte	1929
	O defeito e a compensação		1924
	Princípio da educação das crianças fisicamente deficientes		1924
	Acerca da psicologia e da pedagogia da defectividade infantil		1924
	Princípios da educação social das crianças surdas-mudas	Tomo V	1925

	Acerca dos processos compensatórios no desenvolvimento da criança com deficiência intelectual	Segunda parte	1931
	A infância difícil		1928
	A moral *insanity*		Sem data
	Acerca da dinâmica do caráter infantil		1928
	A defectologia e a teoria do desenvolvimento e educação da criança anormal		Sem data
	O desenvolvimento da criança difícil e seu estudo	Tomo V Terceira parte	1928
	Teses fundamentais do plano para o trabalho pedológico de investigação no campo da infância difícil		1929
	A coletividade como fator de desenvolvimento da criança deficiente		1931
	O problema da deficiência intelectual		1934
	Diagnóstico do desenvolvimento e clínica pedológica da criança difícil		1931

Fonte: Elaborado pela autora.

Os textos elencados para análise integram, de forma geral, o entendimento de Vigotski em aspectos gerais e específicos sobre a deficiência. A questão a que o autor se depara está, justamente, na formação dos processos superiores, tipicamente humana, de indivíduos que apresentam alguma deficiência, isto é: a formação da criança deficiente ocorre da mesma forma? Como a deficiência impacta no indivíduo? Quais os processos de desenvolvimento a que uma criança com deficiência vivencia?

Por fim, ainda cabe indagar a seguinte questão de fundo relacionado à consciência: como esta se constitui no indivíduo com deficiência?

Para encontrar as respostas em Vygotski (2012b) sinalizamos que autor incorpora uma lei geral tomada enquanto condição ontológica e epistemológica: o ser humano não se humaniza por meio de sua estrutura orgânica e biológica, mas através da incorporação de elementos culturais que promovem: a) as funções psicológicas superiores que

permitem a atividade humana na realidade; b) a consciência enquanto *estado*; c) a conscientização, enquanto processo dialético das condições de existência do indivíduo como elemento constitutivo da consciência via relações sociais.

Diante desses três elementos que se interrelacionam, a discussão sobre a o desenvolvimento humano, a exemplo do pensamento e da linguagem, é fundamental para o autor. Além disso, para o processo de conscientização, o ensino parece ser a chave para Vygotski (2012b).

Desse modo, iniciamos a análise a partir do conceito de compensação, que, em certa medida, garantem a existência desses três elementos em unidade. Compreendemos o conceito de compensação levando-se em consideração de que a estrutura subjetiva ao qual o próprio Vigotski está vinculado na medida da construção da sua teoria não pode ser totalmente apreendida.

3.9.1 O conceito de compensação

Vygotski (2012b) demonstra seu interesse em compreender a deficiência logo em seus primeiros estudos. Para muitos autores, a deficiência seria um impeditivo do processo de socialização do homem. Talvez essa justificativa se constitua enquanto uma visão hegemônica da deficiência. Ao pensar sobre ela, pensamos no indivíduo "anormal" que deve viver distante dos demais da sociedade. Tais perspectivas, sob a perspectiva da teoria vigotskiana, não captava a verdadeira chave da deficiência: a deficiência não é individual, mas social. Pensando nisso, Vygotski (2012b) se apropria e desenvolve o conceito de compensação.

O estudo sobre compensação está diretamente atrelado ao entendimento da *defctologia* que Vigotski elabora. Em diálogo com as teorias existentes até então, verifica que a perspectiva dominante na explicação da defectologia pautava-se na compreensão que limita a investigação em um viés quantitativo, no qual, se expressa no exemplo trazido pelo autor de que "[...] o desenvolvimento intrauterino da criança se reduz exclusivamente a um crescimento e aumento quantitativo das funções orgânicas e psicológicas" (VYGOTSKI, 2012b, p. 12).

Por princípio, as teorias defectológicas e pedológicas[124] encontravam um consenso de que a criança não seria um adulto em miniatura. Assim, paulatinamente, as

[124] *Pedologia* pode ser definida enquanto uma ciência que investiga a criança e de seu desenvolvimento. Vigotski (2018) aponta que o significado de pedologia seria a ciência da criança, embora isso não expresse a complexidade e os elementos que esta ciência produz. Dessa forma, corrige apontando que a pedologia

teorias defectológicas passaram também a "[...] experimentar, observar, analisar, diferenciar e generalizar, descrever e definir qualitativamente" (VYGOTSKI, 2012b, p. 11). Como princípio geral, o autor compreende que "[...] a criança cujo desenvolvimento está complicado pelo defeito, não é simplesmente uma criança menos desenvolvida do que as crianças de sua idade, mas um desenvolvimento *de outro modo*" (VYGOTSKI, 2012, p. 12). Nesse sentido, o autor busca identificar as leis gerais, a diversidade de deficiências, fases e processos deste desenvolvimento que ocorre, segundo ele, de outro modo. Assim, ele apresenta a seguinte compreensão:

> O ato fundamental que encontramos no desenvolvimento agravado pelo defeito é um duplo papel que desempenha a insuficiência orgânica no processo deste desenvolvimento e na formação da personalidade da criança. De um lado, a deficiência é o "menos", a limitação, a debilidade, a diminuição do desenvolvimento. Por outro, precisamente porque cria dificuldades, estimula um avanço elevado e intensificado. A tese central da defectologia atual é a seguinte: toda deficiência cria estímulos para elaborar uma compensação. Por isso, o estudo dinâmico da criança deficiente não pode limitar-se a determinar o nível e gravidade da insuficiência, mas que inclui, obrigatoriamente, a consideração dos processos compensatórios, quer dizer, substitutivos, superestruturado e niveladores no desenvolvimento da conduta da criança (VYGOTSKI, 2012b, p. 14).

Vygotski (2012b) faz uma crítica às concepções que limitam o indivíduo com deficiência tendo como referência sua limitação biológica. Para o autor, a compensação social se dá mediante a perspectiva dialética de que as necessidades sociais mobilizam demandas que atuam no nível do desenvolvimento humano. Embora não ocorra de forma mecânica, a deficiência e a limitação incorporam também, enquanto *possibilidade*, a superação via compensação social. Assim, a deficiência é, ao mesmo tempo, o que limita e o que impulsiona o indivíduo para o processo de desenvolvimento. Desse modo,

> [...] o conflito cria também altas possibilidades e estímulos para a compensação e supercompensação. O defeito se converte, por conseguinte, em ponto de partida e principal força motriz de desenvolvimento psíquico da personalidade (VYGOTSKI, 2012b, p. 15).

Para o autor, a deficiência é acompanhada também as tendências e forças de superação desta. Além disso, tamanha é a relevância da compensação que, para Vygotski (2012b, p. 136), "[...] os processos de compensação estão ligados ao funcionamento da

tem como objeto imediato o desenvolvimento da criança. Dessa forma: "As investigações psicológicas de Vygotski concernente à criança se denominaram pedológicas. O próprio Vygotski escreveu a cerca da necessidade de que existisse uma ciência particular sobre as crianças, a qual, durante o período de sua criação científica, se denominou pedologia" (BEIN *et al*, 2012, p. 375).

consciência". Diferente de outras perspectivas que veem a deficiência enquanto limitação para o ser humano, portanto, Vygotski (2012b) sinaliza que o curso do desenvolvimento se dará de forma criativa, com caminhos novos e distintos para os indivíduos. Nessa perspectiva, a deficiência não determina o futuro do sujeito, em uma visão fatalista e/ou assistencialista. Nas palavras do autor:

> [...] o destino dos processos compensatórios e de processos de desenvolvimento em seu conjunto depende não somente do caráter e gravidade da deficiência, mas também da realidade social do defeito, quer dizer, das dificuldades que leve a deficiência do ponto de vista da posição social da criança (VYGOTSKI. 2012b, p. 136).

A compensação para Vigotski, nesses termos, não está relacionada aos aspectos orgânicos, ou seja, não é um aspecto que acontece de forma automática a partir de relações anatomofisiológicas, mas seria um aspecto que se desenvolve a partir do contexto social e das relações sociais em que o homem está inserido. Mais especificamente, o tratamento social dado à deficiência é um impedimento e uma limitação das possibilidades de compensação, já que a sociedade instaura outro tipo de sociabilidade, em um viés capacitista, o que impede a apropriação das condições culturais de existência do homem pertencente ao gênero humano. A compensação, portanto, é um aspecto social que se apresenta enquanto possibilidade do indivíduo se desenvolver sob condições diferentes e alcançar o mesmo objetivo de humanização e desenvolvimento dos demais.

> A peculiaridade positiva da criança deficiente não se deve, em primeiro plano, no fato de que desapareçam funções observáveis em uma criança normal, mas que a desaparição de funções faz nascer novas formações que representam em sua unidade a reação da personalidade ao defeito, a compensação no processo de desenvolvimento. A criança cega ou surda pode alcançar o desenvolvimento da mesma forma como a criança normal, mas as crianças com deficiência alcançam de um modo distinto, por um caminho diferente, com outros meios e para o pedagogo é importante conhecer a peculiaridade do caminho pelo qual deve conduzir a criança (VYGOTSKI, 2012b, p. 17).

Vygotski (2012b) esclarece que esse processo não ocorre de forma natural, ou enquanto uma resposta fisiológica. Isto porque, segundo o autor, há uma compreensão de que indivíduos com deficiência desenvolvem outras funções por um critério *inatista*, tal como a compreensão de que o cego teria o tato "apurado". Para Vigotski esse processo não encontra raiz na estrutura orgânica, mas nos processos sociais que conduzem o

desenvolvimento de outras funções. Em diálogo com as ideias de Wilhelm Stern (1871-1938)[125], Vygotski (2012b) cita alguns exemplos:

> [...] um cego não se eleva, compensatoriamente, a capacidade de diferenciação ao tato, a causa de um aumento real da excitabilidade nervosa se dá através de um exercício da observação, avaliação e reflexão das diferenças, do mesmo modo que no campo das funções psíquicas a menos valia de uma capacidade se compensa por completo, ou em partes, com o intenso desenvolvimento de outra. Uma memória frágil, por exemplo, se compensa com a compreensão elaborada, que serve para a capacidade de observar e recordar (idem, p. 14-15).

A ideia defendida sobre a compensação solicita uma visão de desenvolvimento conduzida em função da *necessidade*. Isto é, a realidade exige a mobilização psíquica de determinadas funções que, em razão de alguma deficiência que altere o funcionamento do psiquismo, torna-se força motriz para movimentos compensatórios em prol da apropriação do real e subjetivação do indivíduo na realidade que se encontra. Vygotski (2012) dialoga com Alfred Adler (1870-1937)[126], apontando que "A sensação de insuficiência dos órgãos, segundo palavras de Adler, é para o indivíduo um estímulo constante ao desenvolvimento da psique" (VYGOTSKI, 2012b, p. 15).

A compreensão da necessidade como condição para o desenvolvimento social e transformação da natureza fora um elemento analisado por Marx e Engels a partir da compreensão das determinações existentes. Como ponto de partida, teríamos as necessidades básicas de sobrevivência, de manutenção da existência. Isto é, necessidade de alimentar-se, de abrigar-se, aquecer-se, entre outros. Embora essas sejam as necessidades básicas, a forma pela qual essas necessidades serão sanadas, depende, sobretudo, da organização da produção (MARX, 2011).

Para Marx (2011), inerente à necessidade, atrela-se também o valor de uso. Dessa forma, explica-se, por exemplo, a produção de mercadorias, que, torna possível a coexistência entre valor de uso, consumo e produção. Assim:

> A produção não apenas fornece à necessidade um material, mas também uma necessidade ao material. [...] A necessidade que o consumo sente do objeto é criada pela própria percepção do objeto. O objeto de arte – como qualquer

[125] Wilhelm Stern fora um pensador alemão que produziu ideias psicológicas e filosóficas, em especial, desenvolvendo estudos na área do personalismo crítico, no desenvolvimento infantil e sobre a inteligência (MOLINARI, 2020).

[126] Alfred Adler, austríaco, inicia suas discussões na Psicologia vinculando suas ideias às de Freud. Posteriormente, Adler apresenta oposições teóricas à psicanálise freudiana e desenvolve o que ele denominou de Psicologia Individual. Para este autor, o ser humano possui uma personalidade que contempla o indivíduo em sua totalidade, indivisível. Dessa forma, a Psicologia deveria se dedicar ao estudo do homem em totalidade, seja na sua expressão consciente ou inconsciente (LEAL e MASSIMI, 2017).

> outro produto – cria um público capaz de apreciar a arte e de sentir prazer com a beleza (MARX, 2011, p. 47).

À medida que se encarna valor de uso na mercadoria, essa passa a ser responsável por satisfazer as necessidades humanas – no mesmo movimento em que a necessidade também conduz a produção de diversas mercadorias. Nas palavras do autor:

> A mercadoria é, antes de tudo, um objeto externo, uma coisa, a qual pelas suas propriedades satisfaz necessidades humanas de qualquer espécie. A natureza dessas necessidades, se elas se originam do estômago ou da fantasia, não altera nada na coisa. Aqui também não se trata de como a coisa satisfaz a necessidade humana, se imediatamente, como meio de subsistência, isto é, objeto de consumo, ou se indiretamente, como meio de produção (MARX, 1988, p. 45).

Recorrendo a compreensão de Marx (1988, 2011), a utilidade da mercadoria – seu valor de uso – proporciona condições para o emprego de meios e possibilidades de produção desta. A necessidade não existe enquanto condição *a priori*, mas se materializa mediante as condições de organização social. Desse modo, a forma pelo qual a mercadoria é produzida, sua utilidade e necessidade são também conduzidas como critério da sociedade vigente. Assim, "A produção cria o material para o consumo como objeto externo; o consumo cria a necessidade como objeto interno, como finalidade para a produção" (MARX, 2011, p. 48).

Vygotski (2012b) defende que essa necessidade não é inata ou biológica, e, por isso, também depende das condições objetivas da existência. Ao mesmo tempo, a necessidade impõe um conflito para o desenvolvimento psíquico no que concerne à apropriação das condições sociais existentes.

> [...] este conflito cria também altas possibilidades e estímulos para a compensação e supercompensação. O defeito se converte, por conseguinte, em ponto de partida e principal força motriz para o desenvolvimento psíquico da personalidade (VYGOTSKI, 2012b, p. 15).

O que vemos, a partir da concepção de Vigotski, é que a deficiência não é um limitador para o indivíduo, mas uma possibilidade. No decorrer do processo de formação, o ser humano desenvolve condições e tendências para superação ou nivelamento da deficiência (VYGOTSKI, 2012b).

O que podemos desprender dessa leitura de Vygotski (2012b) interposta pela discussão de Marx (2011) é que a necessidade teria uma gênese comum, ou seja, seria uma necessidade proveniente das condições objetivas e sociais da existência humana.

Nesse mesmo sentido, a necessidade é também ponto de partida para desenvolvimentos posteriores. Isso nos permite compreender que o processo compensatório, portanto, não tem um ponto final e reorganiza-se mediante a incorporação de novas possibilidades de desenvolvimento engendradas em um desenvolvimento anterior.

A necessidade para Marx (2011) também apresentaria um duplo caráter. Ao mesmo tempo em que é vinculada ao valor de uso, existe enquanto valor de troca. Já que "Na troca, a mercadoria é demandada em virtude de suas propriedades naturais, das necessidades das quais é objeto" (MARX, 2011, p. 96). Sob domínio do capital, a necessidade conduz, ao mesmo tempo, a produção cultural da humanidade, isto é, a transformação da natureza por meio do trabalho, e também a necessidade de "[...] transformar o produto ou a atividade dos indivíduos na forma de valor de troca, no dinheiro, e o fato de que só nessa forma *coisal* adquirem e comprovam seu poder social" (MARX, 2011, p. 106).

Conforme a concepção de Marx (2011), a necessidade apresenta uma íntima relação com a produção social e "[...] os indivíduos produzem tão somente para a sociedade e na sociedade" (MARX, 2011, p. 106). Nesses termos, a satisfação de necessidades apresenta uma perspectiva social, as necessidades de autoconservação da espécie. É a sociedade que qualifica a necessidade e as condições para saná-las, em aspectos sociais, históricos e culturalmente determinados.

Vygotski (2012b) ao incorporar a ideia de compensação como força motriz do desenvolvimento da criança com deficiência considera-a enquanto uma perspectiva positiva à condição da necessidade, ainda que, apresente que a necessidade também é conduzida através do meio social. A necessidade de desenvolvimento de determinadas funções exigida culturalmente pela sociedade forja a criação de uma *segunda natureza*[127] no indivíduo. A segunda natureza seria a constituição de elementos para a possibilidade de existência do sujeito no meio social. Vejamos o exemplo que o autor nos dá em relação aos cegos.

> [...] a cegueira, a menos valia orgânica, impulsiona os processos de compensação, que levam, a sua vez, a formação de particularidades na psicologia do cego e que reorganizam todas suas funções desde o ângulo do objetivo vital fundamental. Cada função do aparato neuropsíquico do cego possui particularidades, com frequência muito consideráveis em comparação com o vidente. Abandonado a sua própria sorte, este processo biológico de formação e acumulação de particularidade e desvios do tipo normal levaria,

[127] A ideia de segunda natureza é uma incorporação de estudos de Karl Bürklern sobre a cegueira, embora Vigotski apontasse divergência na compreensão sobre as possibilidades da criança cega.

> inevitavelmente, a criação de uma espécie particular de homens. Mas em função da pressão de exigências sociais idênticas para cegos e videntes, o desenvolvimento das particularidades se conforma de tal modo que a estrutura da personalidade do cego, em seu conjunto, tenha tendência para alcançar determinado tipo social normal (VYGOTSKI, 2012b, p. 17-18).

Diante da perspectiva apresentada, a deficiência não é analisada *per se*, desvinculada das relações sociais existentes. Vygotski (2012b) aponta que, na verdade, a condição da deficiência não produz, estritamente, uma dificuldade para o indivíduo. O que produz uma dificuldade é a condição social de existência. Isso porque, a dificuldade que o sujeito sente e se depara não é a diretamente sua deficiência, mas, uma dificuldade secundária, decorrente de como a sociedade compreende e lida com a existência da deficiência. Em nossa sociedade, o indivíduo com deficiência é subestimado, e, portanto, a dificuldade secundária da deficiência é a posição social que o sujeito ocupa. Deste modo:

> O que decide o destino da pessoa, em última instância, não é o defeito em si mesmo, mas suas consequências sociais, sua realização psicossocial. Os processos de compensação tampouco estão orientados a completar diretamente o defeito, no que, na maior parte das vezes é impossível, mas a superar as dificuldades que o defeito cria. Tanto no desenvolvimento como na educação da criança cega não tem tanta relação com a cegueira em si mesmo, como com as consequências sociais da cegueira (VYGOTSKI, 2012b, p. 19).

Como podemos identificar, a *necessidade* a que se refere Vygotski (2012b) no sentido da compensação está vinculada a duas questões: a primeira é como a deficiência é compreendida socialmente e desdobramento da deficiência para a socialização do indivíduo. Em um segundo aspecto, como a compensação possibilita a estruturação de um indivíduo voltado para atender às demandas do homem em sociedade. Assim:

> Daqui deriva a dupla perspectiva de passado e futuro no estudo do desenvolvimento agravado por uma deficiência. Já que o ponto inicial e final deste desenvolvimento estão socialmente condicionados, é necessário compreender cada um de seus momentos não só em relação com o passado, mas também em relação ao futuro. Com o conceito de compensação, no caminho até o futuro e todo o processo se apresenta como um processo único que tende a avançar como uma necessidade objetiva orientada até um ponto final criado de antemão por exigências da existência social (VYGOTSKI, 2012b, p. 20).

A compensação, portanto, é um conceito que trata do desenvolvimento em movimento, ou seja, como uma perspectiva do indivíduo para o futuro, ao *devir*. Consideramos que a aproximação de Vygotski (2012) à teoria de Marx e Engels

apresenta-se, sobretudo, enquanto orientação de método. Assim como a análise da realidade identificada por Marx e Engels não parte do que ela deveria ser, mas, do que efetivamente ela é, considera-se caminho semelhante que percorre Vigotski. No que concerne ao indivíduo com deficiência e ao estruturar o conceito de compensação, Vygotski (2012b) toma como ponto de partida as exigências da realidade social e a (re)organização subjetiva do indivíduo ao incorporar tal prática social. Nas palavras do autor "O grau da deficiência e sua normalidade dependem do resultado da compensação social, quer dizer, da formação final de toda sua personalidade" (VYGOTSKI, 2012, p. 20). Diante dessas circunstâncias, o autor afirma que a deficiência é, portanto, uma questão sociológica e psicológica e não biológica.

> A deficiência, ao criar um desvio do tipo humano biológico estável do homem, ao provocar a perda de algumas funções, a insuficiência ou deterioração de órgãos, a reestruturação mais ou menos substancial de todo o desenvolvimento sobre novas bases, segundo o novo tipo, perturba, logicamente, o curso normal do processo de enraizamento da criança na cultura, já que a cultura está acomodada para uma pessoa normal, típica, está adaptada a sua constituição e o desenvolvimento atípico condicionado pela deficiência não pode ser enraizada direta e imediatamente na cultura, como sucede com a criança normal (VYGOTSKI, 2012b, p. 27).

Nota-se, a partir da síntese do autor, que a sociedade se organiza mediante uma visão de ser humano, em termos de uma estrutura social, cultural e biológica de indivíduo. A deficiência, nesses termos, desvia-se desse "*tipo*" que é estabelecido socialmente. Encontra-se nessa diferenciação, dependendo da deficiência, uma inviabilidade do indivíduo apropriar-se culturalmente do que é desenvolvido que garantem, ao longo do seu processo de desenvolvimento, a condição de formação em sujeito. A compensação, portanto, é uma possibilidade de o indivíduo desenvolver-se de outra forma almejando objetivar-se das relações sociais que permeiam a realidade concreta.

Vygotski (2012b) em seu texto "*a deficiência e a compensação*" escrito em 1924 e publicado em 1927 discute uma ideia existente de Adler na Psicologia Individual, que identificava uma força que residia na debilidade. O autor discute e reflete sobre as relações que vinham sendo feitas sobre o estudo de Adler. Essa perspectiva de compensação era entendida enquanto uma força motriz do ser vivo, condição inata, do ponto de vista biológico. Dessa forma, Vygotski (2012) dialoga que discussões são feitas e que incursões nas ciências biológicas compreendem que esse fenômeno de supercompensação seria, também, uma condição orgânica do indivíduo.

Para essa teoria, a compensação seria um efeito automático, como o dado pelo autor, sobre a vacina. Isto é, a imunidade é alcançada através de uma vacina que produz uma leve enfermidade, permitindo que "O organismo possa elaborar uma antitoxina em maior escala do que a toxicidade inicial existente na vacina" (VYGOTSKI, 2012b, p. 41). Assim, o estudo da compensação fora incluído no contexto de diversas teorias.

Embora Adler se fundamente na biologia, defenderia, segundo Vygotski (2012), um movimento dialético comum a outras ciências. Para Adler, a ideia de compensação está vinculada a um processo de que a deficiência conduziria a sua compensação, da mesma forma que o racional e superior surgiria a partir do irracional e do inferior, respectivamente. Para argumentar em relação a esta ideia, Vygotski (2012b) cita os estudos de Darwin em que a seleção natural garantiria a manutenção da espécie e de Marx, em que no capitalismo reside o germe do comunismo, enquanto processos automatizados, que aconteceriam de forma passiva, independente de uma ação contrária. Vejamos nas palavras do autor:

> [...] Darwin ensinava que a adaptação surge da inadaptação, da luta, da morte e da seleção. E Marx, em diferenciação ao socialismo utópico, ensinava que o desenvolvimento do capitalismo conduz inevitavelmente, através da superação do capitalismo pela ditadura do proletariado, ao comunismo (VYGOTSKI, 2012b, p. 44).

Embora Vigotski considere a teoria de Adler e a sua potência, pontua críticas a essa relação com a compensação em quatro pontos. O primeiro é que essa teoria considera a deficiência como força motriz para a compensação, mas não discute de que forma a compensação se dá no contexto social. Segundo o autor, nesse caso, "[...] Uma compensação frustrada se converte em uma luta defensiva com ajuda da enfermidade" (VYGOTSKI, 2012b, p. 49). Outro ponto a ser analisado seria o de que essa visão da compensação – e, consequentemente, da deficiência – pode gerar uma visão mística e religiosa do sofrimento, apontando que:

> [...] a nova teoria não valoriza positivamente o sofrimento em si, mas sua superação; não a resignação diante da deficiência, mas a rebelião contra ele. Não a debilidade em si, mas os impulsos e fontes de energia que contem (VYGOTSKI, 2012b, p. 49).

O terceiro ponto que Vygotski (2012b) discute seria a da relação com a compensação baseado no princípio explicativo de uma teoria biológica. Ainda que o autor considere tal presunção científica, considera que essa teoria não pode ser tomada como

referência de modo ingênuo ou distorcida. Nesse sentido, encontram-se achados de que, na ausência da função de um órgão, há a tentativa de compensar essa função por outra estrutura, todavia, esse não é um processo automático. A crítica do autor reside na condição de que a tomada dessa tese como referência pode apagar a complexidade desse processo em termos psicológicos e sociais. Nas palavras de Vygotski (2012b, p. 50):

> [...] qualquer deficiência não se limita a perda isolada de uma função, mas implica em uma reorganização radical da personalidade e põe em vigência novas forças psíquicas, impondo a elas uma nova direção.

O quarto aspecto se dá pela relação entre a teoria de Adler e os encaminhamentos pedagógicos que ocorriam na União Soviética à luz da reflexologia. Para Vigotski, existiria uma visão equivocada de que a criança deficiente deveria ser ensinada de forma diferente da criança normal, apresentando uma visão linear de que a deficiência se compensaria de forma direta, imediata e naturalmente, sem que exigisse um caminho de desenvolvimento e ensino. Por isso, para o autor "[...] não existe diferença essencial alguma entre a educação da criança com deficiência e a educação da criança sem deficiência" (VYGOTSKI, 2012b, p. 62).

Os acordos entre Vigotski e Adler estão vinculados a tentativa de elaboração de um pensamento dialético em duas premissas. A primeira é de que a personalidade possuiria uma base social e, a segunda, a condição social que orientaria o processo de constituição da personalidade. Do ponto de vista do indivíduo com deficiência, este elemento não seria o ponto a determinar a vida do sujeito e a constituição de sua personalidade, mas as consequências sociais que a deficiência produz. Assim, a condução da conduta do indivíduo e de sua personalidade não se dá por meio de uma perspectiva individual, em que se relacionam passado e futuro de forma dialética. Aliás, vemos em Vygotski (2012, p. 45) uma aproximação ao método de Marx e Engels, quando apresenta que "[...] a exigência dialética de compreender os fenômenos em eterno movimento, descobrir suas tendências e seu futuro determinado pelo presente".

Diante desses aspectos vemos em Vigotski a preocupação no desenvolvimento das condições subjetivas superiores a todos, indivíduos com deficiência ou não. Para o autor, não basta que a compensação sirva para *cobrir* uma determinada função, mas, que, de fato, a compensação possibilite o indivíduo com deficiência a elaborar, sintetizar e se apropriar dos meios superiores da existência humana. Desse modo, não basta, para o autor, ensinar a criança cega a ler ou a criança surda a se comunicar, mas como os

processos compensatórios permitirão o desenvolvimento da linguagem e do pensamento em suas máximas possibilidades. Essa condição caminha no sentido de permitir que o indivíduo, com ou sem deficiência, se desenvolva e exerça sua condição ativa na realidade que se insere, já que, por exemplo: "[...] a linguagem faz possível a comunicação do surdo com as pessoas normais e serve como instrumento de elaboração do pensamento e da consciência" (VYGOTSKI, 2012b, p. 63).

Nessa passagem fica evidente o desenvolvimento e elaboração da consciência enquanto um aspecto de fundamental importância para a humanização na concepção vigotskiana, o que explica, em certa medida, a preocupação dispendida por Vigotski ao pensar a questão da consciência. Para Vygotski (2012b) a deficiência não deve ser observada apenas por seu caráter orgânico, mas pelas relações sociais que se estabeleçam e tornam-se obstáculos para o indivíduo com deficiência alcançar essa proposta de humanização. Ou seja, para o autor "O defeito orgânico se realiza como anormalidade social de conduta" (VYGOTSKI, 2012b, p. 73). A questão discutida, portanto, merece alcançar um elemento social em detrimento de individual, conforme discutido no item subsequente.

3.9.2 A coletividade como princípio de desenvolvimento

As questões relacionadas à deficiência vinham sendo discutidas e pensadas enquanto um problema biológico (VYGOTSKI, 2012b). A compensação, nesse entendimento, estava voltada para o aspecto biológico, isto é, constituir possibilidades para ouvir, ver ou se deslocar, tratando-se das deficiências motoras. Todavia, Vygotski (2012b, p. 74) aponta que:

> [...] o olho e o ouvido do ser humano não são somente órgãos físicos, mas também órgãos sociais, porque entre o homem e o mundo está o meio social que refrata e orientada todo que parte do homem ao mundo e do mundo ao homem.

A perspectiva de órgãos sociais também aparece em Marx (2001) que apresenta que a sua função está vinculada "[...] a atividade em direta associação com os outros se tornou um órgão de manifestação de vida e um modo da assimilação da vida humana" (p. 142). Nessa perspectiva, Vygotski (2012b) aponta a necessidade de discussão do tratamento social que é atribuído à deficiência. Um exemplo dado pelo autor é de que a realidade social é construída por homens videntes e para alguém com cegueira, deve-se

aprender a viver em um mundo como esse. Desse modo, o autor vai nos apresentar o entendimento da coletividade para compreensão da deficiência e das suas possibilidades de desenvolvimento mediante os aspectos sociais.

No rol das diferentes teorias psicológicas, o estudo do comportamento humano e do ser humano decorreu de diversos matizes de interpretação. Anterior aos estudos vigotskianos, identifica-se autores e pensadores que demarcaram e desenvolveram teorias visando compreender este homem. Assim, o estudo da coletividade enquanto categoria e condição de desenvolvimento já se faziam presente em outras teorias psicológicas de formas diversas.

Lane (1994), por exemplo, aponta que a Psicologia busca, de forma ampliada, individualizar o comportamento humano e identificar as leis gerais que regem o desenvolvimento. Nesse processo, precisa reconhecer o "outro" que existe no "eu", ou, dito de outra forma, o social que se apresenta no indivíduo e em seu comportamento. Dessa forma, a Psicologia se deparou com algumas questões, como: O que é o social no comportamento do indivíduo? O que é individual no comportamento? A coletividade, portanto, foi um elemento de destaque na investigação de pensadores. Uma área que gostaríamos de chamar atenção são os estudos da Psicologia Social, que, de acordo com Lane (1994, p. 8) seria "[...] estudar o comportamento de indivíduos no que ele é influenciado socialmente".

Autores da Psicologia que Vigotski dialoga ao longo de suas obras, como Freud, Pavlov (e o campo da reflexologia) e Piaget, por exemplo, são autores que compreendem a coletividade de distintas formas. Grosso modo, para Freud (1930/2010), em *O Mal-Estar na Civilização*, apresenta que o Eu não é construído em princípio, mas que se forma em relação a um mundo exterior. Este mundo exterior é, na mais tenra idade, desprendido como a existência de algo que existe fora do sujeito e que, diversas vezes, podem produzir sensações desagradáveis como dor e desprazer, exemplo que Freud (1930/2010) dá do bebê que reconhece o objeto de seu prazer – o peito materno – como algo fora do Eu. Assim, compreendemos que a coletividade – ou o Outro, em termos psicanalíticos – existe e constitui também do Eu.

Em uma perspectiva mais geral, a Psicologia Social compreende que:

> [...] desde o primeiro momento de vida, o indivíduo está inserido num contexto histórico, pois as relações entre o adulto e a criança recém-nascida seguem um modelo ou padrão que cada sociedade veio desenvolvendo e que considera correta. São práticas consideradas essenciais, e, portanto, valorizadas; se não forem seguidas dão direito aos" outros"; de intervirem direta ou indiretamente.

> E, quando se fala em "dar o direito", significa que a sociedade tem normas e/ou leis que institucionalizam aqueles comportamentos que historicamente vêm garantindo a manutenção desse grupo social. Em cada grupo social encontramos normas que regem as relações entre os indivíduos, algumas são mais sutis, ou restritas a certos grupos, como as consideradas de "bom-tom", outras são rígidas, consideradas imperdoáveis se desobedecidas, até aquelas que se cristalizam em leis e são passíveis de punição por autoridades institucionalizadas (LANE, 1994, p. 13).

Assim, compreendemos que há um lugar para o estudo da coletividade para outras ênfases psicológicas. Buscamos, portanto, empreender esforço para identificar como a coletividade se manifesta na obra de Vigotski e em que medida esse conceito fornece possibilidades para compreensão da consciência.

Em seu texto denominado "*A coletividade como fator de desenvolvimento em crianças anormais*" (VYGOTSKI, 2012b), Vigotski busca refletir o papel da coletividade no processo de desenvolvimento. Segundo o autor, o ser humano desenvolve seus processos superiores e mais complexos através da incorporação do meio social em sua atividade cotidiana. Vejamos o exemplo do autor quando se refere ao desenvolvimento da linguagem egocêntrica.

> [...] se se pergunta de onde nascem, como se formam e de que modo se desenvolvem os processos superiores do pensamento infantil, devemos responder que surgem no processo de desenvolvimento social da criação por meio da translação a si mesmo das formas de colaboração que a criança assimila durante a interação com o meio social que o rodeia. Vemos que as formas coletivas de colaboração precedem as formas individuais da conduta (VYGOTSKI, 2012b, p. 219).

No decorrer da discussão, Vygotski (2012b) apresenta uma *lei geral* de desenvolvimento das funções psicológicas superiores que aparece em diferentes textos do autor. Isto é, as funções psicológicas superiores não são estruturas inatas e existentes no indivíduo *a priori*. Mas, constituem-se de estruturas que aparecem de forma duplicada: inicialmente, como elemento oriundo da conduta coletiva, da colaboração existente entre a criança e as pessoas próximas a ela e da experiência social. Posteriormente é que estas funções se tornam formas individuais de conduta. Nesse processo se institui aquilo que Vygotski (2012b) chamará de *dependência*. Ao mesmo tempo em que para existir a função de forma individualizada é necessária incorporação da coletividade, os processos de incorporação da função em termos intrapsíquicos também garantem *outro* acesso à coletividade em termos de qualidade.

Deste ponto, o autor nos conduz para a discussão sobre a criança com deficiência. Normalmente, quando esta criança apresenta alguma alteração nos processos psicológicos elementares, reflete-se a possibilidade de existência de alguma alteração de ordem biológica. Todavia, o desenvolvimento incompleto das funções psicológicas superiores residiria na relação que se estabelece com a coletividade. Isto porque, a criança com deficiência apresentaria complicações não apenas primárias, mas secundárias, terciárias e outras que não estão diretamente relacionadas à deficiência (VYGOTSKI, 2012b).

Historicamente, Vigotski nos apresenta que, pedagogicamente, fora priorizado o ensino das funções psicológicas elementares. "Essa doutrina se expressou com máxima claridade na teoria e prática da educação sensório-motora, no adestramento e educação das sensações isoladas" (VYGOTSKI, 2012b, p. 222). Dessa forma, o autor faz uma crítica à perspectiva reflexológica que se baseava na tentativa de atuar nas funções elementares, como a sensação e a percepção. Segundo Vygotski (2012b), em crianças com deficiência intelectual, a atuação de natureza reflexológica não ensinava a criança a pensar, mas fazer a diferenciação de cores e sons.

No curso do desenvolvimento da decfectologia, essa visão parece ter sido superada por diferentes autores. Em certa medida, era uma visão que visava uma reparação da deficiência – ou, ainda, o que Vygotski (2012b) chamara de tentativas em *eliminar a deficiência*[128].

Na visão de Vygotski (2012b) o desenvolvimento ocorre em termos dialéticos, não pautados pelo tempo e ritmo cronológicos, no qual:

> A lei do desenvolvimento infantil consiste em que nem sempre observamos processos apenas progressivos, que seguem em frente, mas também um desenvolvimento reverso de especificidades ou de aspectos próprios da criança numa etapa inicial. Normalmente, essa lei é formulada de modo que qualquer evolução no desenvolvimento infantil seja também uma involução, isto é, um desenvolvimento reverso. É como se os processos de desenvolvimento reverso ou inverso estivessem entrelaçados no curso da evolução da criança (VIGOTSKI, 2018, p. 27).

[128] Neste ponto, cabe fazermos um esclarecimento em relação aos estudos da defectologia. No momento em que o texto fora escrito, no ano de 1931, havia um acúmulo de discussão no campo de estudos da deficiência que, nos dias atuais, avançou consideravelmente. Termos utilizados pelo autor como "anormal" ou "defeito", encontram hoje, na Língua Portuguesa, outros termos para a tradução mais aproximados a superação de uma visão *capacitista*. Atualmente, a discussão sobre a deficiência e os marcos históricos que recolocam a discussão sobre deficiência como pauta do Estado – e não do indivíduo – é recente no cenário internacional. Visando superar a ideia se segregação e, posteriormente, a da integração, a discussão sobre a deficiência vem sendo ampliada nos círculos das Políticas Públicas e Educação.

A criança com deficiência, embora possua especificidades, também segue a esta lei geral de desenvolvimento. O autor se questiona, portanto, porque a criança sem deficiência desenvolve determinadas funções psicológicas e a criança com deficiência não. No caminho da resposta, Vygotski (2012b) apresenta que, como a coletividade é fundamental para o desenvolvimento, ou, nas palavras do autor:

> No processo de desenvolvimento cultural, a criança vai assimilando não somente o conteúdo da experiência cultural, mas também os métodos e modos da conduta cultural e do pensamento: vai dominando os particulares meios culturais criados pela humanidade no curso do desenvolvimento histórico, por exemplo, a linguagem, os símbolos aritméticos, etc. A criança aprende a empregar funcionalmente determinados signos como meio para executar tal ou qual operação psicológica. De tal maneira, as formas elementares e primitivas de conduta se convertem em atos e processos culturalmente mediados (VYGOTSKI, 2012b, p. 347).

O elemento que apresenta limitações para a criança com deficiência não é a sua deficiência em si, mas como esta deficiência se insere no processo de socialização nas relações sociais imediatas na qual a criança está inserida. Muitas vezes, em uma visão reducionista, a pessoa com deficiência é afastada dos processos e instrumentos culturais existentes. Já que, é fundamental identificar e permitir "[...] a vida social da coletiva da criança, a sociabilidade de sua conduta, em quais encontra o material para construir as funções internas que se originam no processo de desenvolvimento compensatório" (VYGOTSKI, 2012b, p. 137). Assim:

> O afastamento da coletividade ou dificulta o desenvolvimento social e a sua vez determinada o desenvolvimento incompleto das funções psíquicas superiores, as quais, quando é normal no curso das coisas, surgem diretamente em relação com o desenvolvimento da atividade coletiva da criança (VYGOTSKI, 2012b, p. 223).

A questão da coletividade também é discutida por Marx e Engels (2007) quando buscam compreender o que, ou quem, é o *homem*. Em sua crítica a Feuerbach, Marx e Engels (2007) apontam que para compreender o homem seria necessário identificar as conexões sociais existentes em meio à determinada condição de vida. Ou seja, o homem em *movimento*, nos termos "[...] que fizeram deles o que eles são" (MARX e ENGELS, 2007, p. 32). Dessa forma, para olhar o homem é fundamental voltar-se para a coletividade em que esse está inserido, na condição de ser e atividade sensível. Assim, o homem não existe apenas enquanto ser humano, mas, sua existência é também social, enquanto *ser social*, na condição que sua ação está, de um lado, voltada para as

necessidades sociais e o instrumento de alteração na realidade é também uma condição historicamente constituída. Assim, quando o homem *age* no espaço cotidiano, o faz enquanto ser social.

Encontramos, em termos de fundamento, a perspectiva marxiana de ser social nos textos de Vygotski (2012b). A coletividade, para Vygotski (2012b), seria uma condição *sui generis* na condução do processo de desenvolvimento e formação de indivíduos com ou sem deficiência. A deficiência discutida de forma mais ampla nos textos do Tomo V (VYGOTSKI, 2012b) aponta que a coletividade exerceria um papel ainda mais especial para indivíduos nessa condição, já que além da deficiência orgânica, se dão desdobramentos que afetam a sociabilidade dos sujeitos com deficiência. A defesa de Vigotski, portanto, se insere em um movimento de que a o indivíduo com deficiência necessita estar inserido nos espaços sociais, ao invés de segregados da convivência dos demais[129].

Embora possamos encontrar em Marx e Engels (2007) a coletividade como condição de desenvolvimento do indivíduo de forma genérica – tal qual nos textos de Vygotski (2013) – é necessário apontar que os autores também diferenciam formas de coletividade. Isto é, no capitalismo, sob domínio do capital, o indivíduo está diante de uma coletividade *parcial* que não permite com esse se expresse como indivíduo em sua máxima possibilidade. Isso se explica, também, pela impossibilidade do sujeito em desfrutar daquilo que fora produzido, ou, em outros termos, exercer a sua liberdade. Uma coletividade que permitiria ampla participação do indivíduo é uma sociedade em que não tivesse dividida em classes sociais. Vejamos nas palavras dos autores:

> [...] a relação coletiva em que entraram os indivíduos de uma classe e que era condicionada por seus interesses comuns diante de um terceiro foi sempre uma coletividade à qual os indivíduos pertenciam apenas como indivíduos médios, somente enquanto viviam nas condições de existência de sua classe; uma relação na qual participavam não como indivíduos, mas como membros de uma classe. Ao contrário, com a coletividade dos proletários revolucionários, que tomam sob seu controle suas condições de existência e as de todos os membros da sociedade, dá-se exatamente o inverso: nela os indivíduos participam como indivíduos. É precisamente essa associação de indivíduos (atendendo, naturalmente, ao pressuposto de que existam as atuais forças produtivas desenvolvidas) que coloca sob seu controle as condições do livre

[129] Buscando contemporizar Vigotski como um autor do início e meados do século XX, gostaríamos de ressaltar a importância de suas ideias naquele contexto. No Brasil, apenas em 2001, isto é, setenta anos após o texto de Vigotski é que fora aprovado a lei N.10.216/2001 que demarca o movimento da Luta Antimanicomial, que tem como uma de suas bandeiras, a luta pelos direitos de pessoas com doenças mentais estabelecendo cuidados e assistência para o tratamento visando a reparação dos direitos humanos e da dignidade do indivíduo, buscando fortalecer os laços sociais do indivíduo – e não enfraquecê-los (GUIMARÃES, 2018).

> desenvolvimento e do movimento dos indivíduos – condições que, até agora, estavam entregues ao acaso e haviam de autonomizado em relação aos indivíduos singulares justamente por meio de sua separação como indivíduos (MARX e ENGELS, 2007, p. 66-67).

Em outra passagem, em *A Questão Judaica*, Marx (2005) estabelece uma relação entre coletividade e liberdade. Na sociedade burguesa e nesta forma de coletividade a "Sociedade que faz que todo homem encontro noutros homens não a realização de sua liberdade, mas, pelo contrário, a limitação desta" (MARX, 2005, p. 36). Isso implica que, na sociedade burguesa o indivíduo não apresente uma preocupação com os demais, mas, apenas consigo mesmo. Isto é, "[...] para seu interesse particular, em sua arbitrariedade privada e dissociado da comunidade" (MARX, 2005, p. 37). Estamos diante, portanto, de uma contradição. Elucidando tal contradição, refletimos no sentido de que o ser humano não se constitui individualmente, isto é, a formação humana exige a incorporação da coletividade, na mesma medida em que a coletividade é incorporada e incorpora-se na atividade humana. Todavia, sob domínio do capital, a coletividade constitui-se em um processo de voltar o homem a si mesmo, e, portanto, distanciar-se de demandas coletivas.

Vygotski (2013) também se depara com essas questões, ao identificar que há um problema na prática social de formação do indivíduo com deficiência que não está relacionado diretamente à deficiência, mas a limitação coletiva de compreensão desta. Nessa perspectiva, o ser humano, distanciado das relações de ensino, acaba mantendo-se no nível elementar de desenvolvimento.

> Por isso as aquisições da criança com atraso mental profundo são alcançadas mediante ao resultado da influência da educação, do ponto de vista do desenvolvimento, os valores fundamentais que o homem pode adquirir e sem os quais se vê forçado a permanecer em um estado semianimal. [...] Com ajuda da educação, a criança com um atraso profundo cumpre o processo de formação do homem (VYGOTSKI, 2012, p. 243).

Nesse sentido, identificamos que, para Vigotski, o processo de *hominização* se constitui através de espaços sociais e a educação, precisamente o ensino, ocupam um local específico nesse processo de formação. A organização subjetiva e o desenvolvimento do psiquismo para Vygotski (2012) devem estar vinculadas a uma lei geral de formação, que parte da existência, como meio para as relações sociais, e, posteriormente, passa a operar como instrumento psicológico no indivíduo. Vejamos:

> [...] toda função psicológica superior, em processo de desenvolvimento infantil, se manifesta duas vezes, a primeira como função da conduta coletiva,

> como organização da colaboração da criança com o ambiente; depois como função individual da conduta, como capacidade interior de atividade do processo psicológico no sentido estrito e exato da palavra. Do mesmo modo também a linguagem se transforma de meio de comunicação a meio de pensamento (VYGOTSKI, 2012b, p. 139).

Vê-se que para Vygotski (2012b) há uma relação interfuncional entre as funções psicológicas superiores e uma relação intrínseca da formação subjetiva com as apropriações e objetivações da atividade social do indivíduo na realidade. Isto é, a atividade social medeia a condição de desenvolvimento das funções psicológicas superiores.

> Deste modo, vemos que a conduta coletiva da criança não somente ativa e adestra suas funções psicológicas, mas que é a origem de uma forma de conduta completamente nova, a qual surgiu em um período histórico de desenvolvimento da humanidade e que na estrutura da personalidade se apresenta como função psicológica superior. A coletividade é a fonte do desenvolvimento destas funções (VYGOTSKI, 2012b, p. 140).

A complexidade do homem tomado como referência por Vygotski (2012b) também foi centro de investigação de Marx. Ao mesmo tempo que o indivíduo se constitui por meio da coletividade também constrói essa coletividade, em uma relação de interação constante. Conforme defendido por Marx (2011, p. 25-26):

> Os homens fazem a sua própria história; contudo, não a fazem de livre e espontânea vontade, pois não são eles quem escolhem as circunstâncias sob as quais ela é feita, mas estas lhes foram transmitidas assim como se encontram. A tradição de todas as gerações passadas é como um pesadelo que comprime o cérebro dos vivos. E justamente quando parecem estar empenhados em transformar a si mesmos e as coisas, em criar algo nunca antes visto, exatamente nessas épocas de crise revolucionária, eles conjuram temerosamente a ajuda dos espíritos do passado, tomam emprestados os seus nomes, as suas palavras de ordem, o seu figurino, a fim de representar, com essa venerável roupagem tradicional e essa linguagem tomada de empréstimo, as novas cenas da história mundial.

A consciência, nesse aspecto, não é mera reprodução ideal do que fora identificado na existência e interpretado pelo indivíduo. O processo de subjetivação é, sobretudo, um ato coletivo. Assim, Marx (2001) nos apresenta a ideia de *consciência universal* e *consciência genérica*. Inicialmente esclarece que o entendimento de "sociedade" não pode ser compreendido enquanto um antagonismo em relação ao indivíduo. Isto porque o indivíduo é *sociedade* enquanto ser social. Ou seja, a existência do homem só o é porque este é ser social. Dessa forma, a vida e a existência estão vinculadas a uma proposição

comunitária, ainda que a manifestação da atividade não esteja diretamente vinculada à coletividade. A exemplo do capitalismo que, apesar de organizado tendo suas forças produtivas a serviço do indivíduo, reproduzindo desigualdades, também impõe limites ao próprio desenvolvimento social.

> O espírito social e a atividade social não existem apenas na forma de uma atividade diretamente comunitária e de um espírito imediatamente comunal, embora a atividade e o espírito comunais, ou melhor, a atividade e o espirito que se exprimem e confirmam diretamente na associação real com os outros homens, ocorrem em toda parte em que a imediata expressão da sociabilidade decorre do conteúdo da atividade ou corresponde à característica do espírito. Mesmo nos momentos em que eu sozinho desenvolvo uma atividade científica, uma atividade que raramente posso levar ao fim em direta associação com outros, sou social, porque é como homem que realizo tal atividade. Não é só o material da minha atividade – como também a própria linguagem que o pensador emprega – que me foi dado como produto social. A minha própria existência é atividade social. Por conseguinte, o que eu próprio produzo é para a sociedade que o produzo e com a consciência de agir como ser social (MARX, 2001, p. 140).

A consciência universal seria uma abstração da vida real de forma teórica, isto é, e, enquanto produto, identifica-se a existência teórica do homem enquanto ser social. A consciência genérica é a reprodução, no pensamento, da existência do ser social, que se confirma para si, na universalidade, enquanto ser pensante (MARX, 2001). Para Marx (2001) e para Vygotski (2012b), somente a partir da colaboração dentro das relações sociais é que permite e torna possível o desenvolvimento e a formação das faculdades humanas mais complexas.

Assim, Vygotski (2012b) aponta que a compreensão da natureza dos fenômenos psicológicos do ser social reside na necessidade em compreender como se estabelece a colaboração entre a coletividade que se constitui parte do processo de desenvolvimento, bem como da personalidade do sujeito. Aponta, portanto, que "A pedagogia comunista é a pedagogia da coletividade" (VYGOTSKI, 2012b, p. 234).

Diante das sistematizações de Vygotski (2012b), aponta-se que a coletividade é condição essencial para: (a) o desenvolvimento da criança, com ou sem deficiência, já que as funções psicológicas superiores se constituem mediante a relação social que se estabelece no íntimo das diversas apropriações culturais que se estabelecem entre o indivíduo e os outros; (b) para o estabelecimento da compensação, em indivíduos com deficiência, que encontram na coletividade os impasses e as possibilidades de superação dos efeitos secundários da deficiência; (c) para a constituição da segunda natureza, que requalifica a atividade do indivíduo na realidade; e (d) para a constituição da consciência,

já que a existência do indivíduo é permeada por determinações sociais. Assim, a realidade e a apreensão do real não se manifestam imediatamente, enquanto imagem subjetiva, ao indivíduo, mas há um processo de interpretação e síntese a partir de sucessivas aproximações ao real conduzido pela coletividade.

Ao Marx (2001) afirmar que o indivíduo não existe *per se*, aponta-se que "[...] o caráter social é o caráter universal de todo o movimento; assim como a sociedade produz o homem, enquanto homem, assim ela é por ele produzido" (MARX, 2001, p. 139). Para Vygotski (2012b), identificamos um movimento de análise que garanta uma visão em unidade, universalista, tal como o tratamento dado à ideia de sujeito e de coletividade. Desse modo, o indivíduo explica sua existência por meio da coletividade, na mesma perspectiva que a coletividade existe enquanto construção pelo sujeito.

No item subsequente, apresentamos a tentativa em Vygotski (2012b) apresentar elementos para a superação de dois dualismos: a relação biológico e social e também afeto e cognição.

3.9.3 Superação do dualismo: a unidade como princípio explicativo do homem

Vygotski (2012b) ao discutir o processo de desenvolvimento da criança com deficiência apresenta duas perspectivas que nos auxiliam a olhar o ser humano em unidade: (a) *biológico-social*, em que a relação orgânica, material e fisiológica do indivíduo não pode ser segmentada das relações sociais que estabelecem estreita relação com a condição humana; e a relação (b) *afeto-intelecto*, a partir do princípio de compreender as funções psicológicas superiores enquanto um sistema interfuncional, em que afeto e intelecto estabelecem nexos fundamentais entre si. Vygotski (2012b) em seu texto "*O problema do atraso mental*" debate as ideias e compreensões elaboradas por Kurt Lewin (1890-1947), apresentando uma íntima relação entre a superação da perspectiva dualista para o entendimento da consciência, já que para Lewin haveria uma separação intransponível entre pensamento e ação, entre afeto e cognição (VYGOTSKI, 2012b).

Em relação ao dualismo biológico-social, podemos considerar que a teoria vigotskiana empreende esforços para compreender *o que* e *quem* é o homem, suas possibilidades materiais e subjetivas. De antemão incorpora o fundamento materialista de que o homem apresenta uma estrutura biológica e, em certa medida, apresenta um modo de funcionamento vinculado às funções primitivas que garantem a sua sobrevivência imediata. Por outro lado, desde a mais tenra idade, o indivíduo é incluído em uma

organização social e em um espaço cultural que passa a orientar e guiar o seu desenvolvimento. O papel da inserção cultural não apenas modifica o indivíduo em termos quantitativos, mas, requalifica suas possibilidades qualitativas. Assim, o indivíduo com determinada deficiência que acomete uma estrutura orgânica, encontra na cultura uma condição de desenvolvimento que não está dada pela base biológica. Isto é:

> [...] o desenvolvimento cultural é a esfera fundamental de onde resulta possível a compensação da insuficiência. De onde resulta impossível um desenvolvimento orgânico posterior, se abre ilimitadamente o caminho do desenvolvimento cultural (VYGOTSKI, 2012b, p. 187).

Em sua *Primeira Aula*, no livro "Sete aulas de L.S Vigotski sobre os fundamentos da pedologia", Vigotski (2018) aponta que, no curso do desenvolvimento, a incorporação da cultura e o desenvolvimento biológico não ocorrem em linhas separadas, mas, ao longo de tempo, a cultura também reestrutura determinadas relações orgânicas que impulsionam o desenvolvimento e permitem o avanço de uma ou outra função. Assim, "[...] porque precisamente no processo de desenvolvimento, o primário, que aparece na etapa inicial de desenvolvimento, é "superado" reiteradamente pelas novas formações qualitativas que se originam" (VYGOTSKI, 2012, p. 133).

Isto é, a cultura impacta também na reestruturação dos nexos interfuncionais que se estabelecem. Por isso não há como analisar o "biológico" apartado do "social", da mesma forma como esse princípio responde a determinadas críticas à teoria de Vigotski que a aproximam da teoria de Piaget, como se o aspecto "social" em Vigotski pudesse ser deslocado das determinações biológicas e transposto para outra teoria.

Em relação às pessoas com deficiência, Vygotski (2012b) compreende que o tratamento dado à deficiência é social, ou seja, a sociedade organiza-se e privilegia uma forma de funcionamento do ser humano que se baseia num modelo de homem "normal".

> Todo o aparato da cultura humana (da forma exterior de comportamento) está adaptado à organização psicofisiológica normal do homem. Toda nossa cultura pressupõe um homem que possui determinados órgãos – mãos, olhos, ouvidos – e determinadas funções do cérebro. Todos nossos instrumentos, toda a técnica, todos os signos e símbolos estão destinados para um tipo normal de pessoa. Daqui deriva a ilusão de que se dá uma convergência, uma transição espontânea das formas naturais às culturais, que em realidade não pode existir pela própria natureza das coisas (VYGOTSKI, 2012, p. 185).

Vygotski (2012b) pontua que o que pode ser naturalizado como modo de vida e de funcionamento é proveniente de um modelo de organização da vida social. A

impossibilidade de acesso de uma pessoa a essas condições postas deve levar a reflexão não para o indivíduo, delegando a responsabilidade de sua condição aos aspectos individuais e biológicos, mas é fundamental olhar esse processo pela via social. O autor faz uma crítica em relação à ideia de educação tendo como viés o aspecto biológico, já que

> Se supunha que, em presença de deficiências biológicas, as crianças se desenvolvem "por caminhos biológicos" e que para eles podem ser suprimidas a lei de desenvolvimento e formação social que determina o desenvolvimento de qualquer criança normal. Esta concepção mecânica é metodologicamente inconsistente. (VYGOTSKI, 2012b, p. 133).

A perspectiva de a linha biológica ser uma via determinante no processo de desenvolvimento não nasce na Psicologia. Os estudos de Darwin, por exemplo, influenciaram diversos pensadores das mais diversas áreas. A importância deste autor é marcada explicitamente por Freud (1917/2013) quando aponta que a perspectiva evolucionista de Darwin seria a segunda afronta ao narcisismo geral da humanidade. Nas palavras do autor:

> Todos nós sabemos que há pouco mais de meio século as pesquisas de Charles Darwin, de seus colaboradores e precursores, puseram fim a essa presunção do ser humano. O homem não é algo diferente nem melhor que os animais; é ele próprio de origem animal, mais aparentado a algumas espécies, mais distante de outras. Suas conquistas posteriores não puderam apagar testemunhos da equivalência, tanto na estrutura do corpo como na disposição psíquica. Esta é a segunda afronta, aquela biológica, ao narcisismo humano (FREUD, 1917/2013, p. 184).

A origem do homem através da evolução dos animais, para Freud (1917/2013), implicou na mudança de perspectiva do homem ocupar um papel central nas relações. Através dos estudos de Darwin, o homem seria o desdobramento da evolução biológica dos animais. Para Engels (2020) a teoria darwiniana explicaria o antepassado, mas não propriamente o surgimento do homem. Reside nesse aspecto a diferenciação entre a interpretação de Engels (2020) para a de Freud (1917/2013), por exemplo. Engels (1876/2006, p. 1) diz que:

> É de supor que, como consequência direta de seu gênero de vida, devido ao qual as mãos, ao trepar, tinham que desempenhar funções distintas das dos pés, esses macacos foram-se acostumando a prescindir de suas mãos ao caminhar pelo chão e começaram a adotar cada vez mais uma posição ereta. Foi o passo decisivo para a transição do macaco ao homem.

O uso das mãos dos homens não é algo dado de forma inata, organicamente. A ação dos antepassados na natureza alterou a configuração do ambiente e a função deste órgão, através do uso das ferramentas para o trabalho (ENGELS, 1876/2006). Vygotski (2012b) toma esse aspecto como ponto de partida para pensar a questão do homem. Com isso podemos desdobrar que a atividade humana na realidade não pode ser explicada através de sua estrutura orgânica, mas como a condição anatômica do homem é posta no interior da manutenção e reprodução das relações sociais. É por isso que, para Vygotski (2012b), o problema da deficiência não está na deficiência *em si*, mas como a deficiência ou o comprometimento de uma estrutura e/ou função se manifesta no interior nas relações sociais e o impacto na reprodução da vida humana na estrutura dada culturalmente. Desta forma:

> Assim, desde o ponto de vista psicológico, o defeito físico provoca a perturbação das formas sociais de conduta, o sistema de reações adaptativas ao meio, então as modificações deste sistema se manifestam, antes de tudo, na reestruturação e substituição dos vínculos e condições sociais no que se cumpre e se realiza ao processo normal da conduta. Absolutamente todas as peculiaridades psicológicas da criança deficiente tem em sua base não um núcleo biológico, mas social (VYGOTSKI, 2012b, p. 80-81).

Em uma sociedade alienada e reificada (MARX, 2001), o lugar que o ser social ocupa está permeado por sua condição de produzir mercadoria e, nesse processo, torna-se mercadoria. Nesses termos, não é estranho que a definição e caracterização de alguém que fuja de uma pretensa normalidade seja socialmente significado enquanto deficiente. Para Vygotski (2012b), em uma sociedade que essa visão de homem seja superada, um cego e surdo, a exemplo do autor, seriam apenas cegos e surdo e não *deficientes*. Além da perspectiva da influência da organização social na condição de existência – inclusive orgânica – do indivíduo, Vygotski (2012b) também pontua que a deficiência – e seus desdobramentos psicológicos – se manifestam de distintas formas dependendo do contexto cultural em que o indivíduo está inserido. Por exemplo:

> A cegueira para a filha de um granjeiro norteamericano, para o filho de um tenente ucraniano, para uma duquesa alemã, um camponês russo, um proletário sueco, são fatos psicologicamente muito distintos (VYGOTSKI, 2012b, p. 81).

Dessa forma, Vygotski (2012b) visa superar o dualismo biológico-social por duas frentes: (a) a primeira no sentido de que a deficiência, embora seja em determinadas circunstâncias, uma alteração biológica de estrutura e funcionamento do indivíduo, a

determinação de como a deficiência irá se apresentar depende, necessariamente, das condições sociais que estão postas. Na sociedade capitalista em que a venda do trabalho do homem e, portanto, de parte de si, garante a sua subsistência, um indivíduo que necessita se desenvolver por caminhos diferentes e não se enquadra a esse viés mercadológico é visto enquanto um *problema*, um desarranjo e recai sobre ele discursos capacitistas e/ou religiosos, responsabilizando o indivíduo por esta condição; e (b) a deficiência é uma questão inerente às relações sociais e, portanto, a deficiência que acomete indivíduos em condições sociais de desenvolvimento distintos não se manifesta da mesma maneira, e, portanto, não podem ser vistas de forma isolada. Por exemplo, a deficiência na classe trabalhadora apresenta um nível de comprometimento, enquanto o homem que se encontra na classe burguesa, através das vias compensatórias para o desenvolvimento colateral, apresenta um nível de comprometimento menor em razão do acesso que tem a outras possibilidades de inserção social.

Imbuído dessa concepção de homem, Vygotski (2012b) aponta que a deficiência pode ser superada e é importante frisar que a ideia de superação para a Psicologia Histórico-Cultural não está vinculada à visão capacitista e/ou de cura. Nas palavras do autor:

> [...] do ponto de vista dialético [...] no processo de desenvolvimento, o primário, que aparece em uma etapa inicial do desenvolvimento é "superado" reiteradamente por novas formações qualitativas que se originam. Com respeito ao conceito de "superação" das regularidades, permitam-me dizer algo. O termo superação [*sniatie*] às vezes é traduzido de forma incorreta. Está palavra provém da alemã "*aufheben*" [*sjoronit*: guardar, esconder], mas em alemão essa palavra tem duplo significado, assim como a palavra "*sjoronit*" tem em russo. Quando se diz "*sjoronit*" a propósito de uma regularidade orgânica, não significa que há deixado de existir, mas que está conservada em alguma parte, que está em segundo plano. Está contida dentro de alguma coisa, regrediu a um plano posterior em comparação com as regularidades biológicas, [...] estão escondidas, não eliminadas, mas "superadas" no processo de desenvolvimento (VYGOTSKI, 2012b, p. 133-134).

A visão conceitual da ideia de superação enquanto um princípio da dialética hegeliana inspira Vygotski (2012b) a considerar que, embora oculta, a superação das funções biológicas não desaparecem no indivíduo, o que ancora a sua visão da unidade do homem em termos biológicos e sociais. Marx (2004, p. 126-127) fundamenta uma visão de homem em que não há como separar biológico do social, bem como objetivo e subjetivo. Vejamos:

> Quando o homem efetivo, corpóreo, com os pés bem firmes sobre a terra, aspirando e expirando suas forças naturais, assenta suas forças essenciais objetivas e efetivas como objetos estranhos mediante sua exteriorização (*Entäusserung*), este [ato de] assentar não é o sujeito; é a subjetividade de forças essenciais objetivas, cuja ação, por isso, tem também que ser objetiva. O ser objetivo atua objetivamente e não atuaria objetivamente se o objetivo não estivesse posto em sua determinação essencial. Ele cria, assenta apenas objetos, porque ele é assentado mediante esses objetos, porque é, desde a origem, natureza.

A citação de Marx (2004) aponta que, em determinado momento do desenvolvimento do homem, o aspecto biológico, objetivo, deixa de existir em si e sua existência passa a ser incorporada ao mundo criado pela humanidade. Isto é, as relações sociais que constituem a *natureza* deste homem. Em outra passagem, o autor faz a seguinte afirmação: "Indubitavelmente, o pensamento e o ser são diversos, mas formam ao mesmo tempo uma unidade" (MARX, 2001, p. 141). Essa unidade também é buscada por Vygotski (2012b) ao conceituar este homem para a Psicologia. Aponta que: "As consequências sociais do defeito acentuam, alimentam e consolidam o próprio defeito. Neste problema, não existe aspecto algum de onde o biológico pode ser separado do social" (VYGOTSKI, 2012b, p. 93) e em outros textos, apresenta a necessidade de uma compreensão dependente entre afeto e intelecto, distanciando-se de teorias sobre a deficiência intelectual que segmentam um aspecto do outro.

Desse modo, na teoria vigotskiana as funções *tipicamente* humanas e, portanto, superiores, não nascem no indivíduo, mas vão se constituindo no decorrer da incorporação do mundo da cultura. Em outros termos, os objetos externos passam a desempenhar um papel fundamental na organização intelectual e afetiva do ser humano. Aprendemos, ao longo do tempo, a nos sensibilizar diante de uma obra de arte e a refletir sobre determinadas situações cotidianas. Assim, a perspectiva que nega essa unidade, na verdade:

> Não conhece a regra dialética de que no curso do desenvolvimento a causa e o efeito mudam de lugar, que as funções psicológicas superiores, uma vez surgidas sobre a base de certas premissas dinâmicas, exercem uma influência inversa nos processos que as geraram, o que é inferior é substituído pelo o que é superior, que com o desenvolvimento modificam-se não somente as funções fisiológicas em mais, mas em primeiro lugar transformam-se os nexos e as relações interfuncionais entre processos singulares, em particular entre intelecto e afeto (VYGOTSKI, 2012b, p. 262).

Neste texto, "*O problema do atraso mental*", Vygotski (2012b) critica a teoria de Kurt Lewin, que, segundo o autor, cometerá um erro metodológico de separar a dinâmica

do funcionamento do intelectual e não estabelecer nexo entre intelecto e afeto. Nessa perspectiva: "[...] qualquer etapa do desenvolvimento psicológico se caracteriza por uma estrutura peculiar própria dos sistemas dinâmicos, semânticos, como uma unidade integral e indivisível" (VYGOTSKI, 2012, p. 268). A visão integral e indivisível do psiquismo é um princípio fundamental para a teoria vigotskiana explicar o homem e o seu funcionamento psicológico. Esse elemento também conduz o movimento do autor em explicar a atividade do homem na realidade e a consciência.

Ao mencionar Marx e Engels na página 268 (VYGOTSKI, 2012b), Vigotski busca se fundamentar na perspectiva de que há traços particularmente humanos que se diferem das dos animais, dentre eles ação intencional do sujeito e a liberdade para a ação do homem que nenhum animal possui. Para Vygotski (2012b) essa evolução do psiquismo se deu não através de uma característica evolutiva na função intelectual no homem, mas pelas condições sociais que a atividade humana produziu ao longo do tempo, em especial, através do trabalho, que modificou radicalmente o intelecto e o afeto. Assim:

> Uma função consciente adquire também distintas possibilidades de ação. Tomar consciência significa em certa medida dominar. No mesmo grau é própria das funções psicológicas superiores uma natureza intelectual distinta e uma natureza afetiva distinta. Tudo reside no fato de que o pensamento e afeto representam partes de um todo único – a consciência humana (VYGOTSKI, 2012b, p. 268).

A consciência para o autor está relacionada, então, a possibilidade de ação na realidade. Em relação à formação da consciência, Vygotski (2012b) diferencia dois processos: a tomada da consciência e a consciência enquanto domínio, embora esses sejam processos interdependentes que compõem um sistema dinâmico. Ao apresentar essa diferenciação, Vygotski (2012b) não se aprofunda nessa discussão no texto, desdobra sua atenção a conceituar o que seria do domínio da consciência e o papel da relação intelecto-afeto nessa condição. Tomando a compressão de Marx e Engels, Vygotski (2012b, p. 269) afirma categoricamente: "Por certo que a vida determina a consciência", mas aponta também o papel do pensamento na organização e transformação da conduta do homem.

> [...] a vida pensante determina a si mesma através da consciência. Enquanto separarmos o pensamento da vida, da dinâmica e da necessidade, o privamos de toda atividade, fechamos todos os caminhos até a revelação e o esclarecimento das propriedades e da missão mais importante do pensamento: determinar o modo de vida e conduta, modificar nossas ações, dar-lhes uma

> direção e libertar-nos da dominação da situação concreta (VYGOTSKI, 2012b, p. 269).

Assim, Vygotski (2012b) reconhece um papel do pensamento que está voltado para a ação, mas adverte ao leitor que pensamento e afeto seriam um todo único que não podem ser analisados de forma estanque e distanciados. Em relação à dominação de uma função por outra na ação, Vygotski (2012b) identifica que há determinados momentos de sobredeterminação e que o desenvolvimento de um aspecto impulsiona o de outrem.

> O pensamento pode ser escravo das paixões, seu servo, mas também pode ser seu mestre. Como se sabe, os sistemas cerebrais que estão ligados diretamente com as funções afetivas se dispõem de modo sumamente peculiar. [...] o passo das formações afetivas inferiores às superiores está vinculado a mudança das relações entre afeto e intelecto (VYGOTSKI, 2012b, p. 272).

Com a citação acima de Vygotski (2012b) aponta a uma ideia comum no cotidiano de que os afetos inundam os pensamentos e os controlam. Todavia, o autor recorre a essa afirmativa cotidiana para trazer outro aspecto, do domínio do afeto pelo pensamento, possibilitando a reorganização do afeto em um parâmetro superior. Assim, Vigotski apresenta que a realidade não é transformada pelo pensamento que temos dela, mas o pensamento é fundamental para organizar a ação do homem na realidade. Essa ação é permeada por afetos que estão ligados à função intelectual. Essa totalidade é que constitui da consciência e da tomada de consciência. Por isso essa perspectiva seria a chave para a discussão da deficiência intelectual: a unidade afeto-intelecto é o que garantiria ao sujeito a sua máxima possibilidade de ação no mundo, isto é, a formação de sua consciência.

> [...] que no curso do desenvolvimento, se modificam não tanto as propriedades e estruturas do intelecto e do afeto, quanto as relações entre os mesmos. Mais ainda, as mudanças do afeto e do intelecto estão em dependência direta da transformação de seus nexos e relações interfuncionais do lugar que estes ocupam na consciência nas diferentes etapas de desenvolvimento (VYGOTSKI, 2012b, p. 272).

A busca de Vigotski para conceituar e incorporar a ideia de unidade como princípio explicativo do homem é um esforço teórico do autor ao longo de suas obras. Como vimos no Eixo II, em relação à crise na Psicologia, o que estava em evidência era a falência de uma organização teórica e epistemológica que não conseguia superar os dualismos postos e, nesses termos, recaia a explicações fragmentadas de sujeito, que não respondem às demandas psicológicas. Esse parece ser o encontro de Vigotski à Spinoza

e ao monismo spinoziano, bem como à orientação marxiana que está presente. Em relação à concepção de homem, ainda que se traga a unidade como princípio explicativo, Vygotski (2012b) parece não incorporar claramente a contradição que cinde o indivíduo pela ideia de alienação desenvolvida por Marx (2001).

Para Marx (2001) a ação do indivíduo na realidade não explicaria, em totalidade, as suas possibilidades de consciência, já que o capital produziria uma espécie de fragmentação da unidade do homem, onde há uma desvinculação proposital entre ação, pensamento e afeto. Vejamos a citação do autor:

> O trabalhador é a manifestação subjetiva do fato de que o capital é o homem absolutamente perdido para si mesmo, assim como o capital é a manifestação objetiva do fato de que o trabalho é o homem integralmente perdido para si próprio. Apesar disso, o trabalhador tem o infortúnio de ser um capital vivo e, consequentemente, com necessidades, que em cada momento em que não trabalha perde os seus juros e, portanto, a existência (MARX, 2001, p. 123).

O homem, no capital, estaria alienado de sua condição de ser social. A tal ponto que balizaria a sua existência através da reprodução contínua de um modo de produção que segmenta a si em função da valorização da *coisa*.

> Enquanto capital, o valor do trabalhador varia de acordo com a procura e a oferta, e a sua existência física, a sua vida, foi e é avaliada como uma oferta de mercadorias, parecida como qualquer outra mercadoria. O trabalhador produz o capital, o capital produz o trabalhador. Deste modo, ele se produz a si mesmo, o homem como trabalhador, como mercadoria, constitui o produto como trabalhador, as suas qualidades humanas existem apenas para o capital, que é para ele estranho (MARX, 2001, p. 123).

Por isso a questão da consciência para Marx (2001) implica em considerar a existência de determinantes que, ao mesmo tempo em que permitem a identificação do sujeito enquanto ser social, o alienam de sua condição de homem, transformando-o em coisa para apropriar-se de coisas que seu próprio trabalho – estranhado – produziu. Esse estranhamento conduz o indivíduo a uma desvinculação entre a sua ação no mundo e a sua constituição social.

Assim, de acordo com Marx (2001, p. 124):

> A produção não produz somente o homem como mercadoria, a mercadoria humana, o homem sob a forma de mercadoria; de acordo com tal situação, produz ainda a ele como um ser espiritual e fisicamente desumanizado.

Esse processo de *desintegração* do homem perante o capital rompe com a unidade não em princípio, mas de forma concreta, que impacta diretamente em sua existência enquanto ser social, a ponto que o homem não se visualize enquanto tal, submetendo-se à venda de sua força de trabalho sem ter acesso ao que produziu. Desconectado de sua própria produção, consume em forma de mercadoria o produto do seu trabalho.

> Uma vez que o trabalho e o capital são reciprocamente estranhos, relacionando-se apenas entre si de modo externo e acidental, este caráter estranho tem de revelar-se na realidade. Assim que o capital – por acontecimento necessário ou voluntário – deixa de existir para si mesmo, não tem trabalho, nem tampouco salário, e uma vez que exclusivamente existe como trabalhador, e não como homem, pode assim se deixar sucumbir à fome, enterrar-se, etc. O trabalhador só existe como trabalhador a partir do momento em que existe como capital para si mesmo, e só existe como capital quando há um capital para ele. A existência do capital é a sua existência, a sua vida, já que este, independentemente dele, determina o conteúdo da sua vida (MARX, 2001, p. 123-124).

Ao fato de Vigotski não discutir o conceito de alienação de forma explícita podemos apresentar algumas hipóteses: (a) a obra de Marx e Engels não era inteiramente conhecida e divulgada no mundo, bem como na União Soviética. Podemos apenas devanear sob quais leituras Vigotski teve acesso; (b) Vigotski, no desenrolar da revolução soviética, vivia um tempo histórico distinto de Marx e Engels, que pode tê-lo conduzido a pensar aspectos gerais para a construção do homem concreto de uma sociedade que almejava superar a contradição entre as classes sociais e que, portanto, não estivesse sob domínio do capital enquanto modo de produção, alterando a perspectiva de análise de Vigotski; (c) ainda que não haja uma relação explícita, o conceito de inconsciente para Vigotski discutido no Eixo II parece apontar para um princípio explicativo da alienação que permeia as relações sociais existentes na forma de atividade do homem e que existe no *não conhecido* ou no *não percebido* pelo homem, embora exista e apresente determinantes para a vida do indivíduo.

Consideramos que a consciência para Vigotski exerce um papel de articulação e significação diante da existência do indivíduo e de suas vivências cotidianas, em uma relação de unidade entre intelecto-afeto. Afinal, um elemento que sustenta a tese que defendemos sobre a centralidade da categoria consciência na obra de Vigotski pode ser encontrado quando o autor discute as impossibilidades de desenvolvimento e formação humana do indivíduo com deficiência que não tem disponível os instrumentos psicológicos para o amplo desenvolvimento.

Deste modo, Vygotski (2012b, p. 83) aponta que para o indivíduo cego "O importante é aprender a ler e não simplesmente ver as letras" e, além disso, cabe considerar que, para quem possui cegueira, a representação do mundo se constitui de forma diferente já que "O mundo está representado na consciência do homem predominantemente como fenômeno visual" (VYGOTSKI, 2012b, p. 87). Nessa discussão, Vygotski (2012b) apresenta a importância da linguagem para a constituição da consciência.

> [...] a linguagem não somente é um instrumento de comunicação, mas também um instrumento do pensamento; a consciência se desenvolve, sobretudo, com ajuda da linguagem e surge da experiência social [...] em outros termos, sem linguagem não há consciência e nem autoconsciência. Podemos nos convencer com facilidade de que a consciência surge da experiência social precisamente com o exemplo dos surdos-mudos (VYGOTSKI, 2012b, p. 88).

Identificamos, portanto, dois elementos: o papel da linguagem no processo de constituição da consciência e, portanto, da relevância do desenvolvimento da linguagem para constituição da consciência e a restituição da condição humana para o indivíduo com deficiência a quem são negados determinadas condições em forma de uma sociabilidade limitada. Por isso, é fundamental a comunicação com as pessoas. O segundo ponto encontra-se, então, na experiência social.

> A velha psicologia conhecia tanto quanto a nova psicologia o fato da unidade da consciência e das conexões de todas as funções entre si. Sabia que a memorização sempre está ligada a atenção e à percepção, enquanto que a percepção está vinculada com o reconhecimento e a compreensão. Mas creio que o nexo das funções entre si, a unidade da consciência e a primazia da estrutura da consciência como um todo sobre a estrutura das suas funções singulares é uma magnitude constante, que não muda nada no desenvolvimento das funções singulares e que, por isso, sem causar prejuízo algum, pode ser tirada fora dos parênteses como fator psicológico comum, não utilizado na operação que realiza o investigador com as funções singulares restantes. Este postulado da velha psicologia, que separava a consciência de suas funções e considerar as funções como elementos da consciência isolados e independentes, é refutado de inteira e plenamente pela psicologia moderna, a qual a demonstrado que a variabilidade dos nexos e relações interfuncionais, a reorganização dos sistemas da consciência em sentido da aparição de novas correlações entre funções constituem um conteúdo fundamental de todo o desenvolvimento psicológico das crianças normais e anormais (VYGOTSKI, 2012b, p. 272).

Nesta citação de Vygotski (2012b) identificamos outro elemento da definição de consciência para o autor. Além dos pontos anteriores que aparecem no texto "*Sobre a psicologia e a pedagogia da defectividade infantil*", de 1924, no texto de 1935, em "*O*

problema do atraso mental", Vygotski (2012b) apresenta que a consciência não pode ser compreendida de forma apartada das demais funções psicológicas, assim, há a estruturação de um sistema da consciência. Assim, a ampliação e variação dos nexos e relações interfuncionais que se estabelecem, dentre elas a relação entre intelecto e afeto, contribui para o desenvolvimento do sistema da consciência. Esse elemento supera a visão metafísica que vê de forma isolada afeto e intelecto através de essências independentes. O autor conclui o texto apontando que:

> [...] para passar do estudo metafísico ao estudo histórico dos fenômenos: é necessário examinar as relações entre intelecto e afeto, que constituem o ponto central de todo o problema que nos interessa não enquanto coisa, mas enquanto um processo (VYGOTSKI, 2012b, p. 273).

Podemos concluir, portanto, que a superação dos dualismos para Vygotski (2012) não é meramente um aspecto metodológico em sua obra, mas, sobretudo, é tomado enquanto um aspecto fundamente na teoria histórico-cultural. Não há, então, como conceber os processos e fenômenos psicológicos, inclusive a consciência, a partir de dualismos de qualquer ordem. A superação dos dualismos seria, então, um caminho para garantir uma análise do homem em sua totalidade e ser possível compreender a subjetividade em sua complexidade, ou seja, os processos psicológicos não atuam em oposição, de forma independente ou apartada das relações sociais existentes.

A partir destas discussões dispostas, apresentamos o subitem seguinte com as principais pontuações e sínteses realizadas a partir da análise dos textos de Vigotski presentes no Tomo V das *Obras Escogidas* e cotejo com a obra de Marx e Engels.

3.9.4 Síntese do eixo *defectologia*

Os textos sobre a *defectologia* de Vigotski revelam o profundo interesse de Vigotski em empreender esforços para compreender o ser social em suas singularidades. O estudo de crianças deficientes tem uma relevância para pensar como ocorre o processo de desenvolvimento, isto é, como ocorre a *hominização* do indivíduo deficiente a quem se apresentam dificultadores sociais em razão da forma de organização da vida humana. A partir dessa concepção geral, pontuamos que:

I) Diante dos textos contidos no Tomo V, identificamos que Vigotski se dispõe a discutir a *defectologia* enquanto área, buscando abordar a especificidade de determinadas deficiências e o impacto destas no desenvolvimento e formação humana. A partir da

análise destes textos, evidenciam-se questões que podem argumentar, em certa medida, a favor de nossa tese, qual seja de que a consciência é uma categoria central para Vigotski e, portanto, está desenvolvida de forma transversal em sua obra, dialogando com outros conceitos e questões, como em textos que discutem questões específicas sobre a deficiência e a infância difícil. Esses textos a que nos referimos, como visto no capítulo um em nosso Estado da Arte, não aparecem como textos estudados quando os pesquisadores visam apresentar os aspectos sobre a consciência presentes em Vigotski.

Desse modo, aparecem algumas questões no autor para constituir a categoria consciência:

a) A consciência não está dada para o homem. Precisa ser constituída a partir da experiência social. O indivíduo com deficiência apresenta uma condição desigual na sociedade não por sua condição orgânica, mas pelos desdobramentos sociais de sua deficiência. Portanto, os processos deficitários de sociabilidade afetam o indivíduo não apenas em tarefas cotidianas, mas, sobretudo, no processo de formação de sua consciência.

b) A consciência deve ser entendida enquanto um sistema. Ou seja, não é estruturada a partir de uma função psicológica específica. Ela se compõe através da relação interdependente e interfuncional com as funções psicológicas superiores. Essa relação se organiza no homem durante toda a sua vida, no qual se alteram, a partir dos processos formativos, os nexos e relações que as funções estabelecem entre si, e, portanto, na consciência.

c) A consciência parece suprassumir a questão do dualismo, já que o estudo da consciência aponta para a superação entre biológico e social, corpo e mente, intelecto e afeto, etc.

II) Os estudos de *defectologia* de Vigotski apontam uma preocupação do autor em empreender esforços para entender o homem e como este se desenvolve. A questão central do que é o homem fica evidente quando o autor dialoga e reflete sobre como os processos, funções e sob quais condições se desenvolve o indivíduo com deficiência no sentido de alcançar às máximas possibilidades humanas. Essa visão de Vigotski *anticapacitista*, olhando para o homem em sua singularidade, mas sem reduzi-lo à deficiência, é algo que demonstra um autor a frente do seu tempo na compreensão desta questão.

III) Além da compreensão sobre o desenvolvimento, Vigotski também apresenta uma preocupação na questão da emancipação, isto é, quais seriam as máximas

possibilidades de *hominização* do homem, no sentido de superação de condições limitantes. Ao tratar da deficiência, Vigotski mostra-se contrária à segregação, apontando que a condição humana só se constitui a partir das experiências sociais – e não quaisquer experiências – mas àquelas que almejam o desenvolvimento humano e de suas funções psicológicas superiores. Deste modo, Vigotski apresenta algumas considerações sobre o ensino e sobre os processos pedagógicos em nível psicológico, embora não aponte caminhos ou uma estruturação didática.

IV) Vigotski visa mapear e contribuir com o entendimento de algumas deficiências, como: a deficiência intelectual, a cegueira e a surdez. Alguns estudos também apontam ensaios do autor sobre a loucura e a esquizofrenia, embora identifiquemos que seriam textos iniciais, que, provavelmente teriam sido desenvolvidos na possibilidade de uma vida de maior longevidade de Vigotski.

V) Diferente da perspectiva existente em sua época, Vigotski desloca a questão e o problema da deficiência do homem para o social. Isto é, apresenta uma compreensão social da deficiência, apontando que seu acometimento e desdobramentos no indivíduo não ocorrem em função da alteração fisiológica, mas, sobretudo, a partir da visão social que se tem da deficiência e o papel social atribuído às pessoas com deficiência. Por isso, o autor dirá que a deficiência *não é a mesma* deficiência em qualquer lugar do mundo. Ou seja, estaria diretamente relacionada às questões de ordem cultural que demarcam a existência.

Assim:

> Não somente é importante saber que enfermidade tem uma pessoa, mas também que pessoa tem determinada enfermidade. O mesmo é possível com respeito à insuficiência e aos defeitos. Resulta-nos importante saber não somente exatamente que defeitos foram identificados na criança, que coisa está afetada nela, mas também em que criança se dá essa deficiência, quer dizer, que lugar ocupa a insuficiência no sistema da personalidade, que tipo de reestruturação se está operando, como a criança corrige sua insuficiência (VYGOTSKI, 2012, p. 134).

VI) Conforme apontado no item III, a discussão sobre o ensino e os seus processos ocorre por um desdobramento de sua teoria. A nossa ver, Vygotski (2012) necessita apresentar questões relacionadas ao ensino devido à natureza da formação e desenvolvimento humano que concebe. Isto é, se sua teoria aponta que o desenvolvimento do ser humano não ocorre naturalmente, mas necessita do estabelecimento de apropriação através da atividade do homem, os processos de ensino – formal, na escola e em outros

espaços informais – passam a ser elementos de suma importância para a humanização. Estamos, portanto, diante de um autor que reitera a importância dos processos educativos, mas não categoriza ou apresenta elementos de fundo eminentemente pedagógico. Assim, preza-se por uma aproximação cuidadosa entre Psicologia e educação. Isto porque, em Vigotski, a natureza de sua discussão é psicológica e sua aproximação ao ensino é um caráter de manutenção de sua coerência teórica. O homem aprende a ser homem e, para aprender, necessita de processos educativos que conduzam a formação de suas funções e possibilidades a um nível superior das relações elementares que estão postas.

VII) Para Vigotski abordar a defectologia, distancia-se de uma visão ancorada em perspectiva hospitalar ou medicamentosa. Como dissemos anteriormente, o autor estava mais preocupado nos desdobramentos da deficiência do que o motivo pelo qual ela ocorre em si. Para nós, essa questão reside no fato de que, para o autor, o problema e a chave para análise da defectologia estaria nos aspectos sociais, não orgânicos.

VIII) A defectologia é estruturada e tratada por Vigotski de forma também metodológica, enquanto um campo de investigação da Psicologia e, nos termos de proposição vigotskianos, a defectologia enquanto uma área de atuação de uma Psicologia Geral.

IX) Como um aspecto recorrente de Vigotski em outros eixos, vemos um diálogo fraterno e profundo do autor com outros pensadores de sua época e também com outras abordagens teóricas. A discussão sobre compensação, por exemplo, dialoga diretamente com os fundamentos psicanalíticos de Adler. Em outros momentos, Vigotski discute com as teorias reflexológicas, da Gestalt, entre outros.

X) A busca pela unidade de análise do homem e a superação dos dualismos aparece enquanto uma relevante condução na compreensão das questões a que o autor se dedica. Novamente vemos a crítica de Vygotski (2012b) à visão metafísica, almejando a superação de uma visão dual.

Diante da discussão sobre a defectologia, compreendemos que há dois movimentos: (1) em certa medida, o homem com deficiência demanda processos singulares de formação e desenvolvimento, embora (2) há linhas de definição gerais que funcionam também como referência para o homem, com ou sem deficiência, como o princípio da coletividade e de superação dos dualismos. Diante dessas aspectos, buscamos articular a discussão desenvolvidas nos eixos anteriores.

3.10 Compreensão da obra de Vigotski em *movimento*: sínteses preliminares

No capítulo quatro da presente tese, apresentamos ao leitor uma interpretação e análise do movimento da categoria consciência na obra de Vigotski a partir dos cinco eixos definidos: *Emoções e Estética*, *Problemas teóricos e metodológicos*, *Funções Psicológicas Superiores*, *Desenvolvimento Humano* e *Defectologia*. Inicialmente sentimos necessidade de contextualizar Vigotski e sua obra, delimitando os textos que seriam objeto de análise. A partir desta análise dos textos, buscamos encontrar desdobramentos em cada um dos eixos com a preocupação de: (1) compreender as questões específicas que Vigotski desenvolveu e, em especial, (2) em que medida as questões específicas que Vigotski trata se desdobram em um entendimento da consciência.

Em determinados textos que compõem os diferentes textos (e Tomos) analisados, a questão da consciência parecia estar somente enquanto um exemplo ou uma preocupação residual. Ao analisarmos os textos em forma de "parte de uma obra", encontramos não mais tal preocupação residual, mas, de forma geral, a presença da categoria consciência em todos os textos analisados. Ao nos depararmos com os textos da obra de Vigotski, a maioria deles centraliza tal categoria e impõe sua manutenção enquanto preocupação efetiva. Esse aspecto reflete que a definição que Vigotski dá à consciência é mais complexa e mais elaborada do que costuma ser apresentado por comentadores em seus textos sobre a consciência, recorrentemente citados para entender esta categoria no autor. Há, inclusive, textos nos quais a categoria consciência nem mesmo é mencionada ou relacionada. É comum que o aspecto da materialização da consciência – a conscientização –, apareça como função ética ou estética, quer no trabalho docente, quer no aprendizado de alunos (ensino-aprendizagem).

Com isso, defendemos que,

1- Por ser uma categoria central, a consciência também se modifica a partir do desenvolvimento e ampliação teórica do próprio autor ao longo dos anos.
2- Pode haver um praticismo (ou imediatismo) na apropriação da obra de Vigotski, em especial, como está colocado no presente estudo, na categoria consciência, pelos aspectos gnosiológicos que obrigam ao leitor de sua obra a uma compreensão ao mesmo tempo abrangente e específica. Abrangente porque requer conexões teóricas e entrelaçamentos entre categorias. Específica, porque é necessária uma compreensão da categoria consciência para espalhamentos da ordem da práxis.

No que concerne à concepção de homem, de fato, encontramos enquanto fundamento a teoria de Marx e Engels, mas, a teoria marxiana não seria o único ponto de

discussão e de fundamento de Vigotski. Vigotski dialoga com outros autores da Filosofia e da Psicologia. Da Filosofia vemos menções acessórias à Aristóteles e Schopenhauer, embora seu diálogo mais íntimo seja como Spinoza. Da Psicologia há uma aproximação a autores da Reflexologia, da Psicologia Gestalt, de Piaget e, em especial, ao longo de sua obra, inúmeros espaços de discussão com Freud. Certamente, com as devidas diferenças e pesos, há influência dessas perspectivas diversas na obra de Vigotski.

O nosso olhar à Vigotski, imbuído de nosso referencial teórico, é buscar e apreender o Vigotski marxista. Embora, a nosso ver, a fundamentação em outras bases epistemológicas e diálogo íntimo de Vigotski com outras perspectivas não o faz *menos* marxista, ainda que possibilite uma leitura por outros vieses. Se Vigotski sofreu com a censura de sua obra na tradução para o inglês em que lhe foi retirado sua fundamentação marxiana, não queremos desconsiderar outros diálogos que esse autor tem com outras fontes filosóficas.

Em relação à concepção de homem, a argumentação do autor não abre possibilidades para outro viés interpretativo senão de que há um papel preponderante nas relações sociais que o homem está inserido na sociedade para a constituição de suas faculdades humanas, ou seja, o homem para Vigotski é um homem que se hominiza, ou seja, que se torna homem. Dependendo das condições sociais e do nível de apropriação da cultura, tem acesso a níveis de desenvolvimento mais ou menos elaborados, que se desdobram também em uma consciência com resquícios maiores ou menos resquícios de uma organização primitiva ou não.

Nesses termos, no capítulo quatro à frente apresentamos ao leitor a nossa síntese sobre a definição de consciência na obra de Vigotski, bem como na incorporação da concepção de homem à luz da teoria marxiana.

CAPÍTULO QUATRO – O RETORNO DO *PROBLEMA*: SÍNTESE DA CONSCIÊNCIA E HUMANIZAÇÃO EM VIGOTSKI

No decorrer do desenvolvimento do presente trabalho destacamos a categoria consciência como elemento chave para a compreensão das determinações sociais existentes. Como buscamos demonstrar no capítulo um, o desenvolvimento do capital vem conduzindo a escalada de perspectivas e bandeiras de características da extrema-direita no Brasil e no mundo, o que se desdobra em formas de sociabilidade cada vez mais precarizadas e alienantes. O avanço de notícias falsas, do ódio por determinados grupos indenitários e do aumento da miséria convocam aos pesquisadores a tarefa teórico-prática de pensar as possibilidades de superar a disseminação total da barbárie, característica do modo de produção capitalista na sua essência. Para nós, o estudo da consciência é fundante para munir diversas áreas de uma visão conceitual do processo pelo qual o homem *vai se tornando* homem. Ainda que o estudo da consciência não seja uma temática nova para a ciência, continua sendo essencial para a compreensão do ser humano.

Uma das teorias psicológicas que desenvolve conceitualmente a categoria consciência é a Psicologia Histórico-Cultural, sobretudo a partir de Vigotski, embora esse não tenha sido o único autor desta perspectiva teórica a elaborar estudos sobre a consciência. Alexei Leontiev e Rubinstein são pensadores que também fazem esforços para a sistematização dessa categoria. Pela limitação da presente tese, não faremos uma discussão da consciência nos demais autores da teoria sobre essa categoria.

Em relação à Vigotski, uma problemática identificada no estado da arte, que pode ser encontrado também no anexo II, é que apesar de Vigotski ser um autor recorrentemente citado como um dos proponentes de uma visão histórico-cultural da consciência, há apenas os estudos de Delari Junior (2000) e Lordelo (2007), referente às teses e dissertações e artigos publicados por Aguiar (2000), Toassa (2006), Leão (2007), Lordelo e Tenório (2010), Ricci e Tuleski (2012), Pedrosa (2013), Clot (2014) e Carmo e Gonçalves (2016) que foram até suas obras e resgataram o sentido da categoria consciência em seus textos. Os demais trabalhos analisados operam com uma materialização da consciência. Ademais, de forma geral, os trabalhos que trazem uma conceituação sobre consciência, normalmente buscam outros autores.

A partir dos resultados analíticos da obra de Vigotski confirma-se a tese que temos de que a categoria consciência é central na obra de Vigotski e é elaborada mediante a incorporação da concepção de homem de Marx e Engels. Essa centralidade é vista, inclusive, quando o autor recorre e enxerta na definição de consciência outros elementos fundamentais para a

compreensão dessa categoria. Isto é, para compreender a complexidade necessária para apreensão da categoria da consciência é fundamental captar conjuntamente como o autor opera com as demais categorias em sua obra.

Sob o aspecto metodológico, no capítulo três mapeamos algumas produções de Vigotski organizada em suas Obras Escolhidas (Tomos I ao VI) e o texto Psicologia da Arte que foram divididos de forma expositiva para análise no presente em cinco eixos, sendo eles: *Emoções e Estética*, *Problemas teóricos e metodológicos da Psicologia*, *Funções Psíquicas Superiores*, *Desenvolvimento Humano* e *Defectologia*. A partir de cada um dos eixos, fora possível identificar linhas e princípios gerais para a compreensão da consciência que sustentam a tese apresentada e defendida ao longo dos capítulos anteriores.

No presente capítulo apresentamos sínteses a partir das análises realizadas, oferecendo ao leitor e à comunidade científica nossa leitura e interpretação da categoria consciência em Vigotski mediante vinculação ao referencial teórico de Marx e Engels. Inicialmente, retomaremos os princípios gerais que conduziram e fundamentaram nossa análise. No segundo momento, retomamos as sínteses de cada um dos eixos, apresentando apontamentos gerais sobre a questão da consciência e, no terceiro e último momento, apresentamos algumas considerações acerca da questão da consciência e como essa tem sido lido por pensadores e pesquisadores da área.

4.1 A concepção de homem de Marx e Engels como balizador da consciência em Vigotski

Diante da leitural do material bibliográfico de Marx e Engels realizados no capítulo dois da presente tese e no consequente cotejamente e possível diálogo entremado com a teoria de Vigotski realizada no capítulo três, identificamos que a fundamentação marxiana é uma das referências teóricas, epistemológicas e ontológicas de Vigotski. A partir da análise de sua obra vemos, reiteradamente, uma tentativa de Vigotski não somente em operar com o método marxista, mas incorporá-lo enquanto ponto de partida e de chegada. Isto é, incorporar a concepção de homem de Marx e Engels enquanto princípio explicativo de sua teoria. Para isso, estabelecemos alguns pontos de aproximação entre Vigotski e a teoria marxiana.

Marx (2004) busca apreender a essência humana. Dito de outra forma, há uma preocupação latente no autor de conceituar o homem sob referências distintas da perspectiva idealista e do materialismo mecanicista. Desse modo, é um reducionismo olhar para a obra de Marx e Engels e reduzir estes autores à uma discussão econômica, sobretudo porque o viés econômico, para esses autores, tem implicações filosóficas. Isto é, o capitalismo não é somente

uma forma de produção da vida material, mas demarcadamente produz uma repercussão na constituição subjetiva do indivíduo.

De modo geral, retiramos que a concepção de homem em Marx e Engels apresentam:

1. A caracterização de um *homem natural*. Ou seja, o homem é um ser natural que precisa satisfazer as suas necessidades de existência a partir de objetos que existem fora deste homem e que são apropriados para a manutenção da própria existência. Dessa forma, suas carências são saciadas em função da relação que estabelece com o mundo exterior. O homem é, então, "[...] um ser corpóreo" (MARX, 2004, p. 124), sensível, que se manifesta e se constitui pelos objetos. Isso significa que o homem não é apenas parte da natureza, mas *é natureza*.

> Um ser que não tenha a sua natureza fora de si não é nenhum ser natural, não toma parte na essência da natureza. Um ser que não tenha nenhum objeto fora de si não é nenhum ser objetivo. Um ser que não seja ele mesmo objeto para um terceiro ser não tem nenhum ser para seu objeto, isto é, não se comporta objetivamente, seu ser não é nenhum [ser] objetivo. Um ser não-objetivo é um não-ser (MARX, 2004, p. 127).

Nesse entendimento, o homem é composto por forças vitais, ser real, vivo, existente para si mesmo.

2. O homem não existe apenas para si mesmo, pois não é somente ser natural, é também um "[...] ser genérico (MARX, 2004, p. 128). O fundamento que se constitui do homem e dos objetos que existem na realidade não é natural, mas encontra a sua existência na história. Trata-se, então, de um homem histórico, que, ao mesmo tempo, se constitui e é constituído em função da história do homem. Um exemplo desse processo é a própria formação de sua consciência.

3. Além de histórico, o homem é também *ser social* que está em relação com o outro.

4. Esse homem é um ser ativo na natureza, que trabalha e transforma a suas condições objetivas de existência.

Esses quatro elementos desdobram-se para a constituição da consciência. Ou seja, a consciência é também natural, histórica, social e ativa. Não existe no homem *à priori*, como condição *a-histórica*, nem se constitui meramente como uma "imagem subjetiva". A consciência é uma condição de exteriorização do homem. Nesse sentido, nos deparamos com uma questão trazida por Marx (2004) que é o *estranhamento*. A existência do homem é uma existência estranhada. Sob domínio do capital, portanto:

1. O homem é distanciado e tratado de forma apartada das demais relações sociais, como se lhe fosse único, desvinculado de uma totalidade, sendo esse aspecto reiteradamente ampliado pela concepção de propriedade privada;

2. Pela desvinculação ao coletivo, o homem é também um ser que busca sanar as suas próprias necessidades ao invés de voltar-se para o interesse dos demais. É, portanto, um indivíduo egoísta.

3. Nas relações que se estabelecem sob domínio do capital, o homem é transformado em coisa. Ao homem trabalhador "[...] a vida mais pobre possível, faz do trabalhador um ser despojado de sentidos e de necessidades, da mesma maneira que transforma a sua atividade em simples abstração de toda a atividade" (MARX, 2001, p. 151). Esse aspecto de coisificação do homem impede que ele se aproprie de sua própria atividade.

> Quanto menos cada um for, quanto menos cada um expressar a sua vida, mais terá, maior será a sua vida alienada e maior será a poupança de sua vida alienada. Tudo o que o economista lhe retira da vida e da humanidade, dará retorno em dinheiro e em riqueza. Tudo o que ele não pode por si mesmo, conseguirá o dinheiro em seu lugar: pode comer, beber, ir ao baile, ao teatro. Sabe adquirir a arte, a cultura, os tesouros históricos, o poder político; pode viajar, apropriar todas estas coisas, comprar todas as coisas. [...] O trabalhador deve apenas ter o que lhe é necessário para querer viver e deve querer viver unicamente para isso ter (MARX, 2001, p. 152).

Essa visão do trabalhador de forma coisificada prioriza a coisa em detrimento do homem, transformando o homem em uma mercadoria tão dispensável como outras mercadorias.

4. No desdobramento a essa questão, as relações sociais instituídas também passam a ser coisificadas, a ponto que o homem se relaciona com o outro não em função de sua condição de ser social, mas, sobretudo, na relação entre *coisas*. A coisa, com seu valor de uso e de troca, se sobressai na organização das relações sociais instituídas.

Nessa perspectiva, a partir dos quatro elementos subsequentes, é o mesmo homem, com a mesma gênese, porém, sob domínio do capital, a consciência que se forma no homem é, também, uma consciência alienada.

> [...] como poderei ser virtuoso, se não existo, e como poderei ter uma boa consciência, se não sei nada? A característica da alienação implica que cada esfera me propõe normas diferentes e contraditórias, uma a moral, outra a economia política, porque cada uma delas constitui uma determinada alienação do homem: cada uma concentra-se num círculo específico de atividade alienada e encontra-se alienada em relação à outra alienação (MARX, 2001, p. 153).

Do ponto de vista da teoria vigotskiana, identificamos que os quatro elementos da concepção de homem marxiana estão presentes de forma explícita quando Vygotski (2013) apresenta os elementos da consciência a partir do viés histórico, social e da atividade duplicada, mas também enquanto fundamento, de forma implícita, quando Vygotski (2012a) apresenta uma consciência primitiva constituída pela relação *nós-você*. A discussão sob a égide do capital

não aparece na obra do autor de forma explícita. Embora enquanto fundamento geral, o que Vygotski (2012c) compreende depende, necessariamente, dos aspectos culturais que o homem está inserido e, portanto, abre possibilidades de diálago com a teoria marxiana.

Vygotski (2012c, p. 303) aponta que:

> Durante muito tempo se supôs que os processos de "crescimento" vegetal com suas mais elementares relações entre o organismo e o meio, eram à base do desenvolvimento. Por este motivo os processos de manter a criação, na cultural não se consideravam, por regra geral, como processo de desenvolvimento, mas bem como uma simples assimilação mecânica de uma série de hábitos ou uma aquisição de conhecimentos diversos.

Nesse sentido, para o autor, estamos nos referindo ao homem que:

1. Não é concebido somente através de um embasamento biológico, oriundo de processos e funções elementares. As relações do homem com o meio externo necessitam, de forma decisiva, de um desenvolvimento cultural, que constituem formas superiores de organização da conduta humana, a ponto do autor compreender que:

> [...] uma criança abandonada a sua própria sorte, privada inclusive de todo ensino, compromete o caminho do desenvolvimento cultural, ou melhor dito, no desenvolvimento natural psicológico da criança e em seu meio circundante subjace todos os dados imprescindíveis para que se produza como uma espécie de autoignição do desenvolvimento cultural e a criança passe por si mesmo do desenvolvimento natural ao cultural (VYGOTSKI, 2012c, p. 312).

Para condução desse processo é fundamento que o homem domine "[...] os meios externos da cultura tais como a linguagem, a escrita, a aritmética, como pela melhoria interna das próprias funções psíquicas" (VYGOTSKI, 2012c, p. 313). Isso significa dizer que para o homem se constituir enquanto homem, a biológica e os processos filogenéticos não são suficientes.

2. Ao Vigotski apontar a necessidade de incursão do homem na cultura como condição para o desenvolvimento, é possível pensarmos limitações no modo de produção capitalista nos processos de desenvolvimento, já que o homem trabalhador não teria acesso a uma parte de sua produção humana.

3. Vygotski (2012c; 2012b) compreende o homem através de suas possibilidades no curso do *de vir*. Isto é, olha para o homem no movimento do curso de seu desenvolvimento. Por isso, a deficiência não é um limitador para este autor.

4. A constituição da consciência perpassa por esses aspectos supracitados por Marx e Engels e especificamente pelos processos discutidos por Vigotski dos fenômenos psicológicos que toma como referência para uma proposição histórico-cultural.

Em posse dos princípios gerais que nos orientam, retomaremos os cinco eixos investigados (*Emoções e Estética, Método, Funções Psicológicas Superiores, Desenvolvimento Humano e Defectologia*), apresentando os elementos gerais que puderam ser observados e desdobrados para entendimento da questão da consciência.

4.2 O *retorno* à consciência: uma síntese dos eixos investigados

No presente trabalho nossa tese é de que a consciência seria uma categoria central na obra de Vigotski, cuja formulação encontra fundamento na concepção de homem de Marx e Engels. A confirmação dessa tese passou por alguns passos metodológicos. Como ponto de partida, diante da obra de Vigotski, identificamos que a consciência era uma questão que aparecia de forma consistente em seus textos, seja de forma explícita ou mesmo de forma implícita. Além disso, ao Vigotski desenvolver outros conceitos, retornava à questão da consciência e apresentava uma nova possibilidade de compreensão. No segundo momento, em posse do material da obra de Vigotski, analisamos à luz do referencial teórico de Marx e Engels e verificamos, sobretudo, o uso da teoria enquanto *bússula*, isto é, enquanto finalidade ontológica no desenvolvimento conceitual da Psicologia Histórico-Cultural.

Diante do recorte que fizemos na obra de Vigotski[130], identificamos a seguinte articulação entre a definição de consciência e a concepção de homem, apresentado em forma de tabela:

Tabela 11 – Síntese das análises dos eixos

EIXO	ENTENDIMENTO DE CONSCIÊNCIA	IMPLICAÇÃO NA CONCEPÇÃO DE HOMEM
Eixo I	a) A questão da vivência; b) Superação do dualismo intelecto-afeto; c) Sensibilização e transformação das significações a partir da arte;	Há uma função social na arte de sensibilização do indivíduo;

[130] Além da limitação da presente tese, no terceiro capítulo da presente tese apresentamos alguns registros biográficos da perda de material de produção de Vigotski, bem como o dificultador para a tradução dos materiais produzidos em russo para o português.

Eixo II	a) Definições de consciência; b) Experiência histórica, social e duplicada; c) Crise da Psicologia; d) Desconhecimento da Psicologia no tratamento à questão da consciência;	Fundamentação ontológica, epistemológica e metodológica enquanto condução da formação do homem, almejando um diálogo com sua totalidade;
Eixo III	a) A consciência enquanto um sistema que apresenta uma interdependência entre as funções em desenvolvimento;	Menção à formação do homem histórico e social que encontra as funções psicológicas primeiro no âmbito social, coletivo e, posteriormente, como ferramenta apropriada pelo indivíduo;
Eixo IV	a) A consciência se desenvolve no percurso do desenvolvimento; b) Consciência "você-nós" e consciência do "eu";	O homem se hominiza mediante as relações sociais existentes. No decursso, o homem amplia as suas possibilidades de compreensão de si e da realidade externa;
Eixo V	a) Consciência enquanto um sistema que se relaciona com as demais funções, alterando-se e complexificando-se a partir das mudanças de nexos e vínculos que se estabelecem; b) O homem em unidade; c) A coletividade como princípio de desenvolvimento;	O homem se torna homem a partir da apropriação das condições objetivas e subjetivas que estão encarnadas nas relações sociais existentes;

Fonte: Elaboração da autora.

No decorrer do eixo I, *Emoções e Estética*, centramos os estudos do autor sobre a Arte e as Emoções. Vigotsky (2004; 2005) apresenta o caráter social das emoções e do papel da arte como papel de catarse diante dos sentimentos humanos. A vivência de uma experiência estética estaria diretamente relacionada com o grau de desenvolvimento superior do indivíduo e de sua consciência. Afinal, a arte busca excercer o papel de modificação de um sentimento, de sensibilizar e espantar o homem para algo novo que não estava presente ou mobilizado. A apreciação artística, portanto, não decorre da possibilidade biológica dos sentidos, mas das

condições de vivência mediante a incorporação do homem nas relações sociais. Marx (2001) estabelece um diálogo com o contato do homem com a arte:

> O sentido musical do homem só é acordado pela música. A mais bela música nada significa para o ouvido completamente não-musical, não constitui nenhum objeto, porque o meu objeto só pode ser a ratificação de uma das minhas capacidades. Assim, só pode existir para mim na medida em que a minha capacidade existe para ele como habilidade subjetiva, porque para mim o significado de um objeto só vai até onde chega o meu sentido (só tem significado para um sentido que lhe corresponde). Consequentemente, os sentidos do homem social são diferentes dos do homem não-social (p. 143).

Da discussão de Vigotski, mediante diálogo com Marx (2001), pode-se despreender que as relações sociais teriam um papel decisivo na vivência estética. Isto é, o homem, naturalmente, não possui a capacidade de se apropriar dos elementos da obra artística, isso precisa ser constituído por meio das condições objetivas existentes e da apropriação da cultura. Assim:

> Só por meio da riqueza objetivamente desenvolvida do ser humano é que em parte se cultiva e em parte se cria a riqueza da sensibilidade subjetiva humana (o ouvido musical, o olho para a beleza das formas, em resumo, os sentidos capazes de satisfação humana e que se confirmam como capacidades humanas). (MARX, 2001, p. 143).

Há um consenso sobre a natureza humana para apreciação e apropriação da obra artística que são comuns à Marx (2001) e à Vigotsky (2005). Além dos sentidos para captação, Vigotsky (2005) aponta um segundo elemento, que seria a condição da obra nos sensibilizar, nos mobilizar sentimentos que não estavam presentes concretamente e objetivamente antes do contato com a obra. É o exemplo que Vigotsky (2005) apresenta ao leitor de uma encenação de tristeza comover o espectador. Sobre isso, Marx (2001, p. 143-144) diz:

> Certamente, não são apenas os cinco sentidos, mas também os chamados sentidos espirituais, os sentidos práticos (vontade, amor etc.), ou melhor, a sensibilidade humana e o caráter humano dos sentidos, que vêm à existência mediante a existência do seu objeto, por meio da característica humanizada. A formação dos cinco sentidos é a obra de toda a história mundial anterior.

A obra artística, portanto, não mobiliza apenas os sentidos humanos, mas, há uma relação direta com a produção de sentimentos e emoções. Vigotsky (2004) apresenta que essas emoções se estruturaririam a partir da história social do homem. Isto é, não aprendemos apenas a *ver*, mas também a sentir. A consciência também tem um papel fundamental nesse processo. É na consciência que o homem entende o seu sentimento, o distingue dos demais. Por exemplo, sabe que está sentindo algo que é distinto de outras sensibilizações, mesmo que não consiga

nomear o afeto que o mobiliza. A vivência estética, a experiência do homem com a arte e com as emoções dependem, portanto, do nível e da complexidade do desenvolvimento das condições superiores que qualificam a nossa existência.

Para um psiquismo primitivo ou em vias de constituição, a mais bela obra de arte não nos diria nada, tampouco nossos sentidos estariam aguçados para captar as notas de uma bela música. É fundamental, nesses termos, discutirmos a estrutura da sociedade capitalista e o impacto na apropriação da obra de arte. Marx (2001) aponta que, na organização capitalista, a arte é atribuída a classe burguesa e limitada seu acesso ao trabalhador, já que como princípio de manutenção da alienação, ao trabalhador não é necessário que tenha tempo ou condição para apreciação da arte. Assim, o trabalhador é restrito dessa possibilidade, tendo apenas acesso a formas mais elementares de manutenção de sua existência, não enquanto *homem*, mas enquanto *coisa*.

Isto é, para Vigotsky (2005) a arte é condição fundamental para humanização. Ou seja, o homem precisa da arte. Diferente da leitura decorrente da arte como *passatempo*, para Vigotski, a arte não seria uma forma de lazer ou de fruição, mas uma condição de hominização. Assim, o homem deseja a arte, deseja estar em contato com essa síntese, embora o capital limite o acesso a essas possibilidades, transformando a arte em um caráter acessório e como propriedade privada à burguesia, limitando o acesso a arte enquanto objeto e também enquanto possibilidade de desenvolvimento da subjetividade. Em decorrência desse processo, a limitação da subjetividade desdobra-se também como um limite para o desenvolvimento da própria consciência.

Desse aspecto, podemos considerar que, em relação à consciência, a arte existe como condição de seu amplo desenvolvimento. Através da sensibilização e da vivência artística, o homem aproxima-se do gênero humano e dialoga, em princípio, com o artista que concebeu a obra artística. Ao mobilizar sentimentos diante do contato com uma obra de arte, uma música, um livro, um artesanato, etc., o homem está em contato com um *objeto* que encarna, ao mesmo tempo, afeto-intelecto, rompendo com o dualismo existente na organização social capitalista.

Em relação à concepção de homem, a arte coloca o homem em contato com a sua essência. Ou seja, a arte dialoga em três esferas: (1) remete-se ao homem histórico, em que a arte é um desdobramento de uma forma de organização cultural, que encarna, em função do artista, o coletivo *uno* e fundido no objeto; (2) remete-se ao homem social, posta no interior das relações sociais existentes; (3) remete-se ao homem ativo, que dialoga com a obra artística, a modifica e transforma a natureza na produção e reprodução da arte. A tabela seguinte visa sintetizar esse entendimento:

Tabela 12 – Relação entre arte, consciência e concepção de homem

ARTE	Através das emoções e da apreciação, consiste na formação da **unidade entre intelecto-afeto**, mobilizando **emoções**, **afetos** e sentimentos, sensibilizando o homem diante das condições objetivas que está inserindo e produzindo abstrações;	Coloca o homem em contato com sua essência: o homem histórico, social e ativo.

Fonte: Elaborado pela autora.

Como visto em Vigotsky (2005) e em Marx (2001), a arte não se desenvolve de forma apartada e está diretamente relacionada às funções do ser social. Essas funções estão diretamente imbricadas às Funções Psicológicas Superiores, discutidas por Vygotski (2012c). Isso significa dizer que a incorporação da cultura e o avanço às funções superiores é o que garante a experiência estética, de tal forma que estamos diante de um intercruzamento entre os conceitos desenvolvidos pelo autor.

Figura 9 – Intercruzamento entre arte e funções psicológicas superiores

Fonte: Elaborado pela autora

Dessa forma, as funções psicológicas superiores redefinem a relação do homem com o meio externo. Vygotski (2012c) apresenta que, inicialmente, as funções psicológicas superiores não existem no homem enquanto condição *a priori*, isto é, do homem é exigido e colocado em contato com as formas superiores de conduta em função do contexto social. Esse processo

chama, portanto, outro conceito desenvolvimento pelo autor e trabalhado no eixo quatro, o desenvolvimento humano.

No processo de desenvolvimento, o homem passa a perceber e apropriar-se da função social da linguagem, da memória, da percepção, da atenção, do pensamento, etc., e, paulatinamente, tornam tais funções intrapsíquicas. Nesse entendimento, o contato com a forma superior de comportamento não ocorre só na fase adulta, mas acompanha todo o processo de desenvolvimento, desde o seu nascimento. O mesmo podemos dizer do contato com a arte e a experiência estética. Algumas correntes da Psicologia apontam que o contato com a arte deve ocorrer somente quando o homem tiver a condição de compreender. Para Vigotski, enquanto o homem não for espantado e provocado pela conduta superior, mesmo na tenra idade, maiores limitações apresentará no decurso do seu desenvolvimento. Ou seja, de imediato, o homem não compreende as relações que estão ao seu redor, todavia, é precisamente essa condição que levará a sua consequente apropriação.

Figura 10 – Intercruzamento entre arte, funções psicológicas superiores e desenvolvimento humano

Fonte: Elaborado pela autora

A partir da figura 10, verifica-se que há uma interdependência entre os eixos desenvolvidos, de tal modo que a consciência aparece como centralidade do processo de estruturação da relação entre homem e realidade. Como ponto de partida, o desenvolvimento

das funções psicológicas seria a superação do dualismo entre biológico e social, elementar e superior. Dessa forma, Vygotski (2012c) concebe o homem como um *ser social-natural* que foi ignorado pelas demais vertentes psicológicas, já que estudavam o homem ou através de seu desenolvimento biológico ou através de seu desenvolvimento cultural. Para Vygotski (2012c), as funções psicológicas superiores correspondem a um processo único.

> O enraizamento de uma criança normal na civilização geralmente está estreitamente fusionado com os processos de sua maturação orgânica. Ambos os planos de desenvolvimento – o natural e o cultural – coincidem e se amalgamam em um com o outro. As mudanças que têm lugar em ambos planos se intercomunicam e constituem em realidade um processo único de formação biológico-social da personalidade da criança (VYGOTSKI, 2012c, p. 36).

Em relação com o processo de desenvolvimento humano, retoma-se que a situação social de desenvolvimento é condição para o avanço nos dois planos. Isto é, o bebê, ao nascer, se depara, ao mesmo tempo, com a necessidade de desenvolvimento biológico e social. Esses dois planos cruzam-se e tornam-se interdependentes. Até que "[...] o desenvolvimento cultural adequire um caráter muito peculiar que não pode comparar-se com nenhum outro tipo de desenvolvimento" (VYGOTSKI, 2012c, p. 36). Em nossa interpretação, o desenvolvimento cultural passa a dar sentido ao desenvolvimento biológico.

Vygotski (2012c) aponta que não há uma diferença, em termos biológicos, do homem primitivo para o homem moderno, embora a forma de produção e reprodução da vida e as condições objetivas sejam completamente diferentes. O que explicaria, então, esse processo de reorganização já que as funções elementares seriam idênticas? Para o autor seria o emprego das ferramentas em forma de função superior que englobaria as funções elementares, reorganizando-as e possibilitando a criação de um mundo consideravelmente distinto. Isto é, a qualidade das funções superiores também alteraria o processo de transformação da realidade. Nesses termos, "É a sociedade e não a natureza que deve figurar em primeiro lugar como o fator determinante da conduta do homem. Nisto consiste toda a idea de desenvolvimento cultural da criana" (VYGOTSKI, 2012c, p. 89).

Assim, os conceitos de funções psicológicas superiores e desenvolvimento humano aparecem imbricados, como apresentado na tabela 13.

Tabela 13 – Relação entre funções psicológicas superiores, desenvolvimento humano, consciência e concepção de homem

FUNÇÕES PSICOLÓGICAS SUPERIORES	Os **processos elementares** estão fossilizados nas formas superiores de conduta. Entra em **cena duas vezes**, primeiro nas relações sociais e depois como função subjetiva. **Organiza a conduta e o comportamento do homem** no meio externo. Por meio de seu desenvolvimento, **apropria, concebe e transforma a realidade**.	Identificação do homem enquanto **ser social-natural**;
DESENVOLVIMENTO HUMANO	Coincidência entre as **linhas de desenvolvimento** cultural e biológico, que permitem a existência de órgãos e funções **especificamente humanas**.	Mudança na concepção de homem no sentido de captar e **ver o homem** e não meramente os processos biológicos para a determinação da conduta humana. Ex: ver o homem se movimentando e não o músculo contraindo.

Fonte: Elaborado pela autora.

Ao tratar de deficiência, Vygotski (2012b, 2012c) busca compreender como se dá o desenvolvimento e a formação da conduta superior frente à deficiência. Como discutino no eixo cinco, para o autor, a deficiência, por si, não é limitadora do processo de hominização, mas a forma pela qual a deficiência é tratada em contexto social. Desse modo, para o homem com deficiência é fundamental que se busque e tenha como objetivo o mesmo processo de desenvolvimento, embora isso possa ocorrer por meios distintos. Esses meios distintos seriam definidos pelas linhas coleterais e pelo processo de compensação.

> [...] junto a linguagem fônica de toda a humanidade, foi criado o idioma de gestos para os surdosmudos, a datilologia, quer dizer, o alfabeto das mãos, que substitui a linguagem oral pelo escrito no ar. Os processos de domínio destes sistemas culturais auxiliares e sua utilização, distinguem por suas profundas preculiaridades em comparação com a utilização de meios habituais da cultural. Ler com as mãos, como se faz a criança cega e fazê-lo com os olhos constituem processos psíquicos diferentes apesar de que tanto um como o outro cumprem função cultural no comportamento da criança e tem sua base um mecanismo fisiológico similar (VYGOTSKI, 2012c, p. 43).

Assim, a defectologia apresenta dois processos fundamentais que embaseiam a formação e desenvolvimento de homens com ou sem deficiência: a coletividade e a superação dos dualismos enquanto condição de desenvolvimento.

Tabela 14 – Relação entre defectologia, consciência e concepção de homem

DEFECTOLOGIA	A **coletividade** é princípio de desenvolvimento que explica o terreno da formação, constituição e **desenvolvimento do ser social**. Para tal, é fundamental a **superação dos dualismos**: corpo e mente, biológico e social, afetivo e cognitivo.	O homem não é um recorte da sociedade, mas uma **unidade**, que está sempre dirigida e vinculada a **totalidade**. No mesmo sentido, não há como fragmentar e tratar do homem em parte segmentadas: o homem é **uno**.

Fonte: Elaborado pela autora.

Na figura 11, apresentamos uma possível leitura que relacionam os eixos investigados:

Figura 11 – Intercruzamento entre defectologia, arte, funções psicológicas superiores e desenvolvimento humano

Fonte: Elaborado pela autora.

Todo esse processo interpretativo não ocorre de forma isolada, mas é organizado por Vigotski através de uma concepção de ciência, de desenvolvimento epistemológico, metodológico e ontológico. Para o autor, a explicação dos fenômenos psicológicos e da subjetividade deve estar vinculada à superaração dos limites impostos pelas teorias idealistas e materialistas mecanicistas. Marx (2001) pontua que a ciência deve incorporar a sensibilidade que orienta seu objeto. Enquanto fundamento de compreensão do *homem*, Vygotski (2013)

busca a sua unidade, que, para nós, estaria encarnado na consciência. Por isso o autor busca apresentar reflexões e sínteses sobre a consciência, que apontamos abaixo:

a) A consciência é um sistema interfuncional de reflexos que se estrutura a partir da atividade do homem na realidade que acontece em três níveis: experiência história, experiência social e experiência duplicada.

b) Consciência seria a vivência das vivências: um processo secundário de reconhecimento e mobilização da realidade externa.

c) Consciência é uma estrutura que se constitui a partir das relações sociais e da existência;

d) A consciência em unidade consciente-inconsciente. Não há duas estruturas separadas, interdependentes, mas a possibilidade de intercâmbio entre consciente e inconsciente.

e) Por isso, a consciência se dá também em níveis;

f) A consciência se daria em pelos aspectos de continuidade, unidade, identidade e em fluxo característico. Há a incorporação do elementar, se estrutura de forma interfuncional e garante possibilidade de reflexão e apreensão do real.

g) Existência de uma consciência primitiva "nós-você" que se constitui anteriormente a formulação da ideia de "eu";

Nesse sentido, identificamos que há uma pluridade de definições e aspectos que denotam o movimento que a categoria consciência adquire na obra de Vigotski. No subitem seguinte, faremos algumas considerações sobre o entendimento da consciência.

4.3 Uma definição inacabada de consciência?

Como ponto de partida e abertura do presente item, gostaríamos de dialogar com a ideia de que a teoria de Vigotski seria uma teoria inacabada, sobretudo a partir de sua precoce morte aos trinta e sete anos. De fato, há obras do autor em que, pelo que se sabe, ele expressaria objetivamente ser uma obra inacabada, como o livro *Teoria das Emoções* contido no Tomo VI das Obras Escolhidas. É necessário pontuar, recorrendo à explicitação biográfica do autor contida no capítulo três da presente tese, de que há uma grande parcela de sua obra ainda desconhecida, permanenco apenas na língua russa e materiais que foram destruídos. Então, é evidente de que não conhecemos a totalidade da produção de Vigotski. Aliás, a presente tese também faz o recorte de algumas de suas obras, então, seria imprudente de nossa parte apresentar de forma categórica a defesa de que há algo inacabado em sua produção.

Diante dos materiais que tivemos acesso e fizemos a análise, mais do que uma sensação de algo inacabado, dá-se uma sensação de vontade de continuação da discussão. Em diversos

textos de conferências das Obras Escolhidas, os aspectos conclusivos de Vigotski pairavam para uma continuação que nos aguça e nos leva para um lugar de tentar avançar na leitura, compreender melhor como o autor pensava e como resolveu algumas das indagações que fazia ao final de seus textos. Por exemplo, vejamos como Vygotski (2013, p. 59) conclui seu texto *A consciência como problema da psicologia do comportamento*:

> Neste ensaio temos apontado rapidamente e de pronto tão somente algumas ideias de caráter prévio. Porém, me parece justamente a partir daqui deverá iniciar-se o estudo da consciência. [...] Cremos que o momento atual segue sendo ainda importante definir com precisão o que buscamos demonstrar.

Leontiev (1991) parte do entendimento de que a teoria não fora terminada, sobretudo, em razão da questão da consciência. Leontiev (idem) diz que Vigotski, no processo de desenvolvimento das funções psicológicas superiores, retoma um problema capital de sua obra: o problema da consciência e que Vigotski poderia dar uma resposta mais precisa às questões levantadas e, em decorrência de sua morte, "[...] não conseguiu terminar este trabalho" (p. 445).

Se estas seriam, então, as ideias de caráter prévio e feitas de forma rápido, como se desenvolveria essa questão? A partir de outros textos de Vigotski é possível vermos como ele modifica seu viés interpretativo da consciência, mas não encontramos outro momento específico em que o autor chama para uma discussão explícita a questão da consciência. Portanto, consideramos que não há uma definição de consciência na obra de Vigotski, mas, *diversas*, que reestruturam, reorganização e dão outro entendimento para uma definição anterior. Dessa forma, em nossa perspectiva, estamos diante de uma teoria "acabada", ou melhor, uma teoria sistematizada diante do que é inacabado. Isto porque nenhuma teoria é de fato acabada. A morte de um proponente não é algo esperado e, principalmente, fazendo uma analogia da teoria à arte e incorporando a perspectiva de Vigotski sobre a produção artística, depois de sistematizado uma obra artística, essa deixa de ser apenas de seu produtor, mas, passa a excercer um papel ativo do interlocutor na criação artística.

Isso significa dizer que cabe também ao leitor de Vigotski a continuidade da tarefa posta e, desse modo, somente há algo acabado-inacabado. O que não podemos deixar de pontuar é a precoce morte de Vigotski que interrompeu uma possível continuação de desenvolvimento a partir da vida acadêmica de Vigotski, mediante o aprofundamento de seus estudos acessórios, bem como de suas proposições, enquanto um relevante pensador e sistematizador de uma perspectiva da Psicologia de sua época.

Diante disso, apresentamos alguns pontos que, a partir da definição de consciência, nos levam a pensar a estrutura de organização desta categoria na obra do autor:

I) Em diversas passagens e, de forma mais evidente no texto sobre a *Crise da Psicologia*, Vigotski defende a construção de uma ciência psicológica pela via de uma Psicologia Geral que deveria orientar, unificar e organizar as linhas de investigação e de estudo dos fenômenos psicológicos. Em nossa leitura, a consciência seria objeto da ciência psicológica. Isso se evidencia à medida que o autor apresenta a unidade entre a consciência e o inconsciente, bem como da relação de interdependência entre consciência e o desenvolvimento humano, as funções psicológicas superiores e as vivências.

Enquanto categoria central e unificadora, a consciência enquanto sistema parece apontar para os processos singulares do homem e de sua *hominização*, sendo, então, tarefa da ciência psicológica a incorporação desta totalidade para pensar e discutir as questões de ordem específica.

II) Como desdobramento do ponto anterior, verificamos uma impossibilidade de compreender a consciência a partir de recortes de textos de Vigotski. A consciência é uma categoria transversal que atravessa a sua obra. Isso significa que em determinados textos, ainda que não houvesse a preocupação expressa de discutir a consciência, Vigotski conceitua a consciência e a movimento no sentido de sua reelaboração constante mediante o avanço conceitual em outras áreas. Dessa forma, seria reducionista apontar textos em que a consciência aparece, já que, enquanto gênese fundante, ela se apresenta em qualquer discussão fornecida por Vigotski.

III) Leontiev (2013), ao apresentar a obra de Vigotski, aponta que a consciência para o autor seria "[...] um problema filosófico-metodológico de colossal transcendência, a pedra angular do futuro edifício da ciência psicológica" (p. 426). Olhando para os textos do autor, apresentamos uma concordância com Leontiev (2013), sobretudo por identificar que a consciência aparece enquanto *chave* de entendimento e construção ontológica da concepção de homem defendida pelo autor. Portanto, não é apenas uma categoria que recebe um tratamento metodológico. Leontiev (2013) apresenta que em sua interpretação de Vigotski, a consciência para o autor seria "[...] uma realidade psicológica de enorme importância em toda a atividade vital do homem e merecedora de um estudo específico" (p. 426). Na continuação, Leontiev (19991) apresenta que há trabalhos importantes do autor que definem as linhas gerais da consciência, que seriam:

- (1) *Pensamento e Linguagem*, em espcial, o último capítulo (1932).

- (2) A exposição: *Problema do desenvolvimento e desintegração das funções psíquicas superiores* (1934)

- (3) A conferência: *O jogo e seu papel no desenvolvimento psíquico da criança* (1933)

- (4) O manuscrito inacabado: *A doutrina de Spinoza e Descartes sobre as paixões à luz da psiconeurologia atual* (1934).

- (5) A tese: *A psicologia e a doutrina sobre a localização das funções psíquicas* (1934).

- (6) *História do desenvolvimento das funções psíquicas superiores*;

- (7) *A exposição: Sobre os sistemas psicológicos* (1930)

Dentre os textos citados, não tivemos acesso ao texto ": *Problema do desenvolvimento e desintegração das funções psíquicas superiores*" de 1934. Contextualizando o texto de Leontiev (2013) que busca fazer uma introdução e também uma síntese da produção de Vigotski para ser apresentada aos leitores das Obras Escolhidas, destacar determinados textos pode ser um caminho didádico de aproximação à teoria de Vigotski. Embora, em nossa análise, identificamos que a categoria consciência seria transversal na obra de Vigotski e, portanto, ela se constitui mediante a definição também de outros conceitos fundamentais da teoria. Dessa forma, captar a consciência seria apreender esse movimento que este autor faz ao longo de sua produção.

IV) Em nossa perspectiva, mediante o movimento de sistematização da consciência em sua obra, identificamos que apreender a consciência implica em tomar como fundamento uma concepção de homem omnilateral e universal, partindo de um princípio totalizante e integral de apropriação do homem. Vigotski, portanto, ao desenvolver a consciência caminha também na tentativa de superação de uma visão fragmentada e dualista de homem, seja pelo viés cartesiano, idealista ou biologizante que era atribuído ao entendimento da consciência até então.

V) Identificamos nos textos do autor um cuidado teórico em diferenciar consciência e tomada de consciência/conscientização. Para Vigotski esses processos não ocorram de forma interdependentes ou apartadas, isto é, não há como pensar a constituição da consciência descolada do processo de tomada de consciência e autoconsciência e o contrário também. Todavia, há uma diferença entre esses processos que, muitas vezes, são desconsideradas quando fazemos a operacionalização desse conceito para outras áreas, como, por exemplo, a educação. O processo de constituição da consciência não necessariamente produz, no mesmo nível, conscientização. A consciência seria um *estado de,* enquanto a conscientização seria um *processo de* constituição.

VI) Encontramos na bibliografia a atribuição à Vigotski de que a consciência seria a imagem subjetiva da realidade objetiva, ou, que haveria uma concordância da definição dada

por Leontiev (2021) de consciência enquanto reflexo psíquico da realidade. Em nossa leitura, não encontramos aproximação de Vigotski com essa visão. Há uma discussão em Leontiev (2021) de que tratar como imagem não implicaria a reduzir a consciência a um processo passivo. Porém, a discordância que pontuamos é que, a partir da leitura de Vigotski, não há menção da consciência como reflexo. Pelo contrário. Mesmo sob a referência da reflexologia, o autor aponta que a consciência não seria um reflexo, mas um sistema (VYGOTSKI, 2013).

VII) Goldmann (1967) apresenta uma interpretação da consciência para Marx que pode nos fornecer subsídios para essa discussão em Vigotski. Na leitura de Goldmann (1967), Marx compreende que existe o homem e a organização de grupos que se remetem a totalidades. A essa totalidade, não seria possível fazer recortes ou secções. Esse aspecto também é trabalhado por Vygotski (2014) quando sinaliza que a análise deve ser a partir da decomposição em unidades, não em elementos.

Nesse entendimento, Marx não desloca o homem da sociedade, isto é, de sua totalidade. Da mesma maneira em que comportamento, afetividade e pensamento estão vinculados entre si e constituem uma unidade. Esses processos também não ocorreriam apartados da consciência. Porém, o homem está vinculado também a uma forma de organização da existência que a estrutura uma produção de vida. Assim, Goldmann (1967) aponta que essa estrutura apresentaria mediações em que o homem não é ou é muito pouco consciente. Em nossa leitura é a definição de Marx (2011) de *estranhamento*.

> [...] as condições objetivas do trabalho assumem uma autonomia cada vez mais colossal, que se apresenta por sua própria extensão, em relação ao trabalho vivo, e de tal maneira que a riqueza social se defronta com o trabalho como poder estranho e dominador em proporções cada vez mais poderosas (MARX, 2011, p. 705).

Marx (2011) faz menção então ao ser-estranhado, ser-alienado e ser-venalizado. Desta maneira, podemos retirar que, embora na essência humana o homem é, naturalmente, um ser coletivo, a sociedade capitalista faz uma inversão de isolamento do homem de sua totalidade. Separa o homem de sua produção e há um lugar de não pertencimento, tanto de sua produção, quanto da totalidade das objetivações que estão sistematizadas na realidade através do que fora produzido pelo gênero humano. O capital, portanto, transformaria o homem em *coisa*, em mercadoria, que alienado e estranhado das condições objetivas, aliena-se de si mesmo.

> Isto é o fenômeno social fundamental da sociedade capitalista: a transformação das relações humanas qualitativas em atributo quantitativo das coisas inertes, a manifestação do trabalho social necessário empregado para produzir certos bens como valor, como qualidade objetiva desses bens; a reificação que consequentemente se

> estende progressivamente ao conjunto da vida psíquica dos homens, onde ela faz predominar o abstrato e o quantitativo sobre o concreto e o qualitativo (GOLDMANN, 1967, p. 122).

Estamos, então, diante de uma contradição. Ao mesmo tempo em que a existência determina a consciência do homem (MARX e ENGELS, 2007), a existência estranhada produz o homem alienado de sua condição.

> O trabalhador naturalmente não pode produzir sem as condições objetivas do trabalho. Ora, tais condições, no capital, são separadas dele, são autônomas diante dele. Ele só pode relacionar-se com elas como condições do trabalho na medida em que seu próprio trabalho foi antes apropriado pelo capital. Do ponto de vista do capital, as condições objetivas do trabalho não aparecem como necessárias para o trabalhador, mas parece que existem independentemente dele – sua separação delas, sua apropriação pelo capitalista –, e que a supressão dessa separação só se dá quando o trabalhador cede sua força produtiva ao capital, em troca da qual este último o conserva como capacidade de trabalho abstrata, justamente como simples capacidade de produzir, no capital, a riqueza como um poder que a domina (MARX, 2011, p. 697).

A incorporação da reificação, alienação e fetichismo como conceitos de compreensão do desenvolvimento da consciência encontram lugar na teoria de Marx à medida que o autor aponta, reiteradamente, que há uma contradição entre a essência da concepção de homem de caráter generalista e o estranhamento que concebe a formação e concepção de homem para atender outras necessidades, não as da coletividade. Esses elementos parecem não ter sido incorporados por Vigotski como critério de desenvolvimento da consciência – embora quando o autor trate da vivência esteja, indiretamente, tocando sob esses aspectos.

De forma geral, consideramos que a categoria consciência em Vigotski parece ser a unidade explicativa do homem. Nesses aspectos, pensar a aplicação e a materialização da Psicologia Histórico-Cultural para contextos mais ampliados exige, em certa medida, a identificação da consciência na obra do autor enquanto *chave* de olhar ao homem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho objetivou compreender e analisar como Vigotski desenvolve a categoria consciência ao longo de sua obra, captando o movimento de conceituação da consciência a partir da relação que o autor estabelece com a sistematização de outros conceitos. Em nossa perspectiva, elencamos a consciência enquanto uma categoria para *olhar* para a produção de Vigotski, embora seja possível destacar outras categorias para investigação. A tese que tomamos como ponto de partida e que se confirma após o processo analítico é de que a consciência seria uma categoria central na obra do autor e transversaliza suas produções, bem como que se constitui, enquanto fundamento, em função da concepção de homem de Marx e Engels.

Nosso problema de estudo é *como Vigotski desenvolve a categoria consciência?* Para responder a essa questão e abordar nosso problema de estudo, didaticamente, organizamos a tese em quatro capítulos. O primeiro capítulo é o momento dedicado à apresentação do estudo, composto por uma breve problematização que visa nortear, do ponto de vista das relações sociais e da estrutura econômica, a opção pelo objeto que nos inspira na realização desta pesquisa. Ao leitor que tenha interesse em avançar nos aspectos desenvolvidos por nós, convidamos para a leitura do anexo 1, que traz a discussão da consciência na Filosofia e na Psicologia. Posteriormente, trazemos o estado da arte para identificar como se dá o estudo da consciência em Vigotski nas produções do Brasil. O anexo 2 apresenta o caminho completo que percorremos. Como resultado do estado da arte identificamos que há uma lacuna em estudos de natureza teórica sobre a obra de Vigotski no que diz respeito ao tratamento dado à consciência. Isto é, a minoria das produções acadêmicas identifica a consciência na obra de Vigotski.

De forma geral, vê-se um uso praticista da categoria consciência, sendo utilizada como desdobramento para a discussão de outros conceitos e ainda como forma de operacionalização, com uma preocupação voltada aos processos de conscientização. Em posse dessa identificação do estado da arte, ao final do primeiro capítulo, apresentamos os procedimentos metodológicos incorporados no processo analítico.

No segundo capítulo apresentamos o referencial teórico da concepção de homem em Marx e Engels, de forma a desdobrar a consciência tendo como referência a concepção de homem desenvolvida pelos autores. Retiramos alguns princípios que se desdobram na concepção de homem sob fundamento marxiano e que nos apontam para uma possibilidade de interpretação da consciência na obra de Vigotski.

No terceiro capítulo inicialmente localizamos Vigotski e sua obra, incorporando elementos biográficos para compreender a sua produção de forma mais efetiva. Posteriormente, apresentamos os textos que foram analisados e os procedimentos metodológicos. Para organização didática e forma/método de exposição e análise, dividimos sua obra em cinco eixos entrelaçados e interdependentes: *Emoções e Estética*, *Procedimentos Metodológicos*, *Funções Psicológicas Superiores*, *Desenvolvimento Humano* e *Defectologia*. Em cada um dos eixos, sintetizamos as ideias de como Vigotski desenvolve esses aspectos em seu texto e desdobramos para evidenciar a categoria consciência. Isto é, como a consciência aparecia em seus textos? Quais conceituações atribuídas à consciência? A reflexão sobre essas questões nos inspirou na organização de subitens dentro de cada um dos eixos que parecem apontar para um entendimento da consciência. A partir do recorte e análise do texto de Vigotski, incorporamos elementos da teoria marxiana para o diálogo. Ao final, para cada eixo, apresentamos uma síntese de nossa compreensão.

No eixo *Emoções e Estética*, Vigotski nos traz a possibilidade de pensarmos a a arte e a constituição das emoções enquanto processos singulares do homem e da formação humana. Assim, desenvolve conceitos como os de vivência, da contemplação e da experiência estética, apontando elementos relativos à construção da arte e o afeto que o contato com a obra artística propicia no homem. A arte é uma experiência que demanda um nível de desenvolvimento superior, no qual o homem pode tomar contato com uma produção objetivada que mobiliza em si emoções e afetos que são coletivos. Do ponto de vista da consciência, a experiência estética só se concretiza a partir da condição do homem em dialogar e interagir com tal produção. Esse aspecto não se desenvolve de forma aleatória ou inata, mas ocorre mediante a incorporação das relações sociais.

No eixo *Procedimentos Metodológicos* verificamos os textos que tratam da consciência de forma explícita e Vigotski apresenta algumas conceituações que nos auxiliam a entender o papel dessa categoria em sua obra. Vigotski anuncia o problema da consciência a partir do tratamento epistemológico dado a ela pelas teorias idealistas e materialistas biologicistas. Em função do dualismo posto, Vigotski considera que não há um entendimento aprofundado da consciência, sendo necessário produzir conhecimento sobre. A superação do dualismo corpo-mente, consciente-inconsciente, social-biológico parece ser o caminho interpretativa da consciência e a chave de leitura ontoepistemológica de Vigotski. Assim, para a definição de consciência, supera-se a ideia da consciência enquanto um reflexo e discute-se que a consciência é constituída no homem a partir de três experiências: a experiência histórica, a experiência social e a experiência duplicada.

No eixo *Funções Psicológicas Superiores* Vigotski nos apresenta elementos para compreender os processos superiores e singulares do homem. Na teoria desenvolvida pelo autor, o processo de constituição das funções superiores é do intrapsíquico ao interpsíquico, isto é, primeiro as funções aparecem nas relações sociais circundantes e posteriormente são incorporadas pelo homem. As funções atuam enquanto um *sistema* de interdependência, de tal forma que a alteração de uma função, modifica as demais pelos nexos e relações que estabelecem entre si. Em relação à consciência, o autor aponta que, pela predominância de uma ou outra função, constitui-se um tipo de consciência com um nível de aprofundamento específico.

No eixo *Desenvolvimento Humano* Vigotski nos apresenta a compreensão de desenvolvimento humano na perspectiva histórico-cultural, apontando as leis que organizam o percurso do desenvolvimento, bem como a ideia de periodização. Para tal, o autor sintentiza idades estáveis e idades críticas e o conceito de crises. Para a formação da consciência, destaca-se que Vigotski discute, na infância, como as idades estáveis e críticas modificam a relação do homem com o meio externo e, portanto, sua atividade. Vigotski nos apresenta a existência de uma consciência primitiva "você-nós" que se modifica a partir da apreensão da realidade

No eixo *Defectologia*, estamos diante da discussão sobre a formação do homem com deficiência. Vigotski conceitua a ideia de compensação, a superação dos dualismos para compreensão da deficiência apresentando uma nova perspectiva da deficiência, isto é, que não há como segmentar o aspecto biológico do aspecto social e, por último, discute a coletividade como condição de desenvolvimento. Esse último ponto parece retomar a linha desenvolvida por Vigotski desde o primeiro eixo discutido. Para o autor, nós nos tornamos homens através da incorporação das relações sociais e da cultura. Esse processo de humanização conduz também a formação de nossa consciência.

Como visto anteriormente, a consciência discutida na presente tese é conceituada e ocupa-se nos cinco eixos trabalhados. Esse aspecto demonstra que o desenvolvimento da categoria consciência para Vigotski não ocorre somente em um determinado momento ou vinculado a um ou outro conceito. Entende-se a consciência enquanto um amálgama, constituída pela totalidade do arcabouço teórico de Vigotski. À medida que o autor insere um conceito em sua teoria, reorganiza o entendimento da consciência, relocaliza-a e essa modificação das interrelações apontam para a existência de uma transversalidade conceitual.

Para dar conta da transversalidade, no quarto e último capítulo articulamos os cinco eixos e como esses fornecem possibilidades de explicitação da categoria consciência. Como resultado do processo analítico, identificamos que Vigotski trata da consciência enquanto uma

categoria que se apresenta em unidade no entendimento do homem e fundamento de explicitação da concepção de homem existente. Nesses termos, Vigotski parece apontar a consciência como objeto da ciência psicológica. Isto porque o entendimento de consciência não se reduz a uma estrutura ou a uma função, mas uma articulação entre a relação do homem com a realidade e os processos superiores que se articulam na caractertização do homem. De forma geral, no movimento de conceituar a consciência, incorpora a teoria marxiana e a utiliza enquanto balizadora de sua teoria. Embora no processo de conceituação de consciência, não incorpore de forma direta *estranhamento* discutido por Marx e Engels como critério de desenvolvimento da consciência.

Enquanto um resultado de nossa análise, Vigotski apresenta diferentes conceituações da consciência, de tal forma que a elaboração de um conceito ou categoria desenvolve e amplia também a ideia de consciência. Assim, há uma relação de interdependência entre a consciência e outros conceitos investigados e desenvolvidos. Estritamente em nossa pesquisa, vemos uma relação entre a conceituação da consciência e a crise metodológica, a arte, as funções psicológicas superiores, o desenvolvimento humano e as linhas de desenvolvimento da defectologia.

Diante da presente pesquisa, apresentamos os seguintes achados: 1) Vigotski identifica uma impossibilidade em conceituar a consciência ao fundamentá-la através de linhas teóricas e epistemológicas dualistas, que fragmentam ao homem e os processos subjetivos, segmentando a totalidade do fenômeno e desintegrando-o em elementos. Assim, a superação do idealismo e do materialismo mecanicista é fundamental para produzir conhecimento sobre a consciência e entendê-la na totalidade; 2) A consciência é um sistema que opera em processos interfuncionais que se estabelecem através da relação com o mundo exterior. Isto é, mediante a incorporação das relações sociais, o homem constitui a sua consciência. Especificamente, as relações sociais são traduzidas por Vigotski enquanto a experiência histórica, social e duplicada; 3) a consciência não se manifesta como uma mera vivência, mas pode ser conceituada enquanto uma vivência em caráter elevado, capaz de condensar outras vivências; 4) A consciência é também uma unidade com aquilo que não é conhecido, isto é, consciência é, também, inconsciência. O estranhamento e as relações de alienação parecem se apresentar nessa unidade explicativa do homem; 5) A consciência se apresentaria em níveis, no qual, mediante a apropriação de instrumentos psicológicos, reorganizaria a ação da consciência no mundo, bem como a organização interna do homem; 6) Para a constituição da consciência, precede uma construção do outro em função do eu.

Diante desses pontos elencados, em nossa perspectiva, a discussão teórica sobre a consciência pode fornecer subsídios e fundamentos para posterior materialização em outros contextos, como a educação. Subjacente a esse ideário, os aspectos de formação humana e *hominização* norteiam a ideia de conscientização. Ou seja, operar com a consciência não é somente atentar-se a possíveis processos de esclarecimento ou ciência, mas compreender o complexo processo no qual o homem se torna homem. Por isso, a formação da consciência não é um processo pontual ou simplista e ancora-se em teorias e perspectivas de conceituação de uma concepção de homem. Em nossa leitura, há uma orientação da teoria marxiana nos escritos de Vigotski, embora Vigotski dialogue e articula sua teoria com autores para além de Engels e Marx. Esse diálogo, a nosso ver, enriquece a teoria vigotskiana e não se constitui enquanto um ecletismo teórico.

Outro aspecto a ser considerado é que a investigação da categoria consciência apesar de ser constantemente referenciada na Psicologia Histórico-Cultural e receber uma atribuição importante na tradição marxista, revela para nós um aspecto pouco conhecido da obra de Vigotski que, ainda que seja um autor recorrentemente citado, também se apresenta enquanto uma obra no Brasil ainda pouco explorada. Esse elemento dialoga com os achados dos pesquisadores que vem apontando incoerências na leitura e na interpretação de Vigotski. Dessa forma, na presente tese almejamos um estudo específico de obras do autor para extrair o movimento de Vigotski na definição, elaboração e conceituação da categoria consciência.

É factível reparar o entrelaçamento possível entre os cinco eixos trabalhados, ainda que para conforto e organização didática, assim como método de exposição e análise, em razão da obra de Vigotski compor uma unidade teórica. Os propósitos de elaboração de uma Psicologia unam impactam diferentes áreas do conhecimento, as quais podem fundamentar-se a partir de Vigotski. Nesse caso, destacamos as possibilidades para a Educação, sem perder de vista outras áreas, como a própria Psicologia, especificamente à docência, ou seja, tal como conhecemos os diversos ramos de atuação do professor em interface com outros domínios específicos. Pensamos aqui na elaboração em sala de aula, mas também na docência em quaisquer espaços possíveis aonde o ensino-aprendizagem sistemático possa estar ocorrendo, privilegiadamente os espaços educacionais para isso criados.

Em forma diversa, a unidade proposta na teoria vigotskiana traz também a intensa e complexa vida e influências teóricas do autor na busca por elementos que fariam sentido na sua construção teórica. Quanto a isso, não há linearidade absoluta, mas sim alguns objetivos definidos por Vigotski na busca pelo enfrentamento e superação da maneira de ver a Psicologia, a formação humana e o que o homem pode fazer para aprimorar sucessivamente em termos de

conhecimento e humanismo. Dito de outro modo, o homem pode de forma transitória e objetiva se autoconhecer e se auto aprimorar tanto como indivíduo como quanto sociedade de forma interdependente superando as formas opressivas e reativas que o fazem operar de forma injusta e desigual.

Nesse sentido, procuramos mostrar que, para nós, fundamentados na teoria marxiana e marxista, resta clara a possibilidade de superação das formas opressivas do homem pelo próprio homem, assim como da relação deletéria do homem com a natureza, como podemos verificar na atualidade.

Entendemos que um trabalho acadêmico não pode constituir-se como finalístico em relação às questões trabalhadas. Por um lado, em razão da ligação entre conhecimento e verdade, submetidos aos ditames da história e da historicidade. Por outro lado, as aproximações realizadas por meio da ordem da dialética devem ser sucessivas e permanentes enquanto a organização social permanece presente e exige a perscrutação e ampliação da teoria elaborada.

De outro modo, como em todo trabalho, aparecem limites diversos percebidos e orientados que permanecem não só sem resposta, mas também merecem desdobramentos e novos estudos. Assim, como limitações do presente trabalho, apontamos:

1. *Impossibilidade de estudo da obra do autor em sua totalidade*. Esse elemento implica em que há outras produções teóricas de Vigotski já socializadas em português, espanhol ou inglês que não foram incorporadas na presente tese. Sugere-se, portanto, estudos ampliados das demais obras para identificação da confirmação ou refutação da consciência enquanto categoria central.

2. *Impossibilidade de verificar como a consciência foi desenvolvida pelos demais autores da Psicologia Histórico-Cultural*. O objetivo e o problema de nossa tese estão restrito à Vigotski, embora, é relevante destacar que outros autores operam com a teoria deixada por Vigotski e cabe refletir em possíveis avanços ou reorganização do entendimento de consciência para outros autores que continuaram produzindo após a morte de Vigotski. No capítulo quatro trouxemos alguns elementos de Leontiev, embora esse não tenha sido o único autor que pensou a consciência na obra de Vigotski.

3. *Impossibilidade de discussão aprofundada de outras referências teóricas utilizadas por Vigotski*. A investigação da obra de Vigotski demontrou um fundamento do autor não somente nas referências de Marx e Engels, mas, inclusive, no debate íntimo do autor com outras correntes filosóficas, como o Spinoza e Descartes. Da Psicologia, situamos a influência dos estudos de Freud, de Piaget e de autores da refloxologia que levam Vigotski a determinadas conclusões, considerações, concordâncias ou discordâncias. Um estudo aprofundado de suas

referências pode dirimir e identificar o movimento teórico que Vigotski faz com base em outras perspectivas epistemológicas.

Dessa maneira, identificamos que o estudo da consciência em Vigotski ainda encontra muitas possibilidades de avanço, de modo que possa oferecer um entendimento mais fidedigno dessa categoria a ser utilizada como referência para outros âmbitos e áreas afins.

REFERÊNCIAS

ABIB, José Antônio Damásio. Epistemologia pluralizada e história da psicologia. *Scientiae studia*, v. 7, n. 2, p. 195-208, 2009.

AGUIAR, Wanda Maria Junqueira. Consciência e Atividade: categorias fundamentais da Psicologia Histórico-Cultural. In: BACK, A; GONÇALVES, M. FURTADO, O (Orgs). *Psicologia Sócio-Histórica: uma perspectiva crítica em psicologia*. 3ª ed – São Paulo: Cortez, 2007. p. 95-112.

AGUIAR, Wanda Maria Junqueira. Reflexões a partir da psicologia sócio-histórica sobre a categoria "consciência". *Cadernos de Pesquisa*, n. 110, p. 125-142, 2000.

ALMEIDA, Melissa Rodrigues de. *A relação entre a consciência individual e a consciência de classe:* uma análise das contribuições de Vigotski sobre a consciência da classe trabalhadora. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2008, 131f.

ALMEIDA, Melissa. ABREU, C. ROSSLER, J. Contribuições de Vigotski para a análise da Consciência de Classe. *Revista Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 16, n. 4, p. 551-560, out./dez. 2011.

ALMEIDA, Antônio Lúcio Campos. Pós-modernismo, pós-estruturalismo e nova história: a recusa da razão totalizante. *Pro-posições*, v. 8, n. 2, p. 85-91, 1999.

ALMEIDA, Argus Vasconcelos de. A introdução dos Grundrisse de 1857: o método de pesquisa marxiano em contraposição às posições pós-modernistas. *Revista Eletrônica Arma da Crítica*, n. 10, 2018.

ÁLVARES, Lucas Parreira. *Flechas e Martelos*: Marx e Engels como leitores de Lewis Morgan. Dissertação (Mestrado em Direito e Justiça) – Universidade Federal de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Direito e Justiça. Belo Horizonte: 2019, 231f.

AMATUZZI, Mauro Martins. Psicologia fenomenológica: uma aproximação teórica humanista. *Estudos de psicologia (Campinas)*, v. 26, p. 93-100, 2009.

ANDRADA, Paula Costa de. SOUZA, Vera Lúcia. Corpo e docência: a dança circular como promotora do desenvolvimento da consciência. *Revista Quadrimestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*, SP. Volume 19, Número 2, Maio/Agosto de 2015: 359-368.

ANTUNES, Ricardo. Trabalho e precarização numa ordem neoliberal. In: GENTILI, Pablo; FRIGOTTO, Gaudêncio. *A cidadania negada*: políticas de exclusão na educação e no trabalho. Buenos Aires: CLACSO, 2000.

AITA, Elis Bertozzi. *O conceito de inconsciente para L. S. Vigotski*: primeiras aproximações. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Estadual de Maringá, Departamento de Psicologia, Pós-Graduação em Psicologia, 2014, 163f.

AITA, Elis Bertozzi; TULESKI, Silvana Calvo. O conceito de inconsciente para Vigotski: primeiras aproximações. *Fractal: Revista de Psicologia*, v. 33, p. 62-71, 2021.

AITA, Elis Bertozzi; TULESKI, Silvana Calvo. O desenvolvimento da consciência e das funções psicológicas superiores sob a luz da Psicologia Histórico-Cultural. *Perspectivas em Diálogo*: revista de educação e sociedade, v. 4, n. 7 (2017), p. 97-111, 2017.

ARAUJO, Saulo de Freitas. Uma visão panorâmica da psicologia científica de Wilhelm Wundt. *Scientiae Studia*, v. 7, n. 2, p. 209-220, 2009.

ARISTÓTELES. *Metafísica*. In: *Os Pré-Socráticos*. Trad. José Cavalcanti de Souza et al. São Paulo: Abril, 1989 (Coleção Os Pensadores).

AZZI, Rodolpho. Skinner: Vida e Obra. In: SKINNER, Burrhus F. *Coleção Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

BARROCO, Sonia Mari Shima; SUPERTI, Tatiane. Vigotski e o estudo da psicologia da arte: contribuições para o desenvolvimento humano. *Psicologia & sociedade*, v. 26, p. 22-31, 2014.

BATISTA, Pablo de Araújo. A função biológica da consciência: William James e Erwin Schrödinger. *COGNITIO-ESTUDOS: Revista Eletrônica de Filosofia*. São Paulo: Volume 7, Número 2, julho- dezembro, 2010, pp. 174-184.

BEARZOTI, Paulo. Sexualidade: um conceito psicanalítico freudiano. *Arquivos de Neuro-Psiquiatria*, v. 52, n. 1, p. 113-117, 1994.

BEIN, E. S. *et al*. Epílogo. In: VYGOTSKI, Lev Semiónovic. *Obras Escogidas*. Tomo V. Madrid: Machado Libros. 2012.

BIANCHI, Bernardo. As astúcias da cumplicidade: Sobre a suposta influência de Spinoza sobre Marx. *Cadernos Espinosanos*, n. 30, 2014.

BITTAR, Marisa; FERREIRA JUNIOR, Amarilio. A concepção de homem em Marx e Engels e o programa socialista do século XXI. *Cadernos Cemarx*, v. 2, n. 2, p. 68-78, 2005.

BIRMAN, Joel. *Freud e a filosofia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

BOITO JUNIOR, Armando. Por que caracterizar o bolsonarismo como neofascismo. *Crítica marxista*, v. 1, n. 50, 2020.

BORBA, Siomara; PORTUGAL, Adriana Doyle; SILVA, Sérgio Rafael Barbosa da. Pesquisa em educação: A construção teórica do objeto. *Ciência & Cognição*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, p. 12-20, 2008.

BRONCKART, Jean Paul. Vigotsky, el devenir de una obra. In: SCHNEUWLY, Bernard; BRONCKART, Jean Paul (Orgs.). *Vigotsky hoy*. Editorial Popular: Madrid, 2008.

BRUNO et al. Apresentação. In: BRUNO et al (Orgs.) *Tecnopolíticas da vigilância*: perspectivas da margem. São Paulo: Boitempo, 2018.

BUENO, José Lino Oliveira. Corpo, consciência e psicologia. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 10, n. 1, p. 147-154, 1997.

CAMILO-DE FERNANDES, Jo. *Consciência de classe e transformação social*: uma reflexão sobre os limites dos estudos empíricos em Psicologia. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da Universidade de São Paulo – São Paulo, 2018, 117f.

CARI, Claudio David. *O currículo científico com o povo indígena Tupinikim*: a tomada de consciência dos instrumentos socioculturais. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Educação. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2008, 171 f.

CARAMALAC, Moriele Córdoba. *O ensino superior reduzido à formação para o trabalho amplia a consciência ou o inconsciente? Uma avaliação com a Psicologia Sócio-Histórica*. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS. Programa Pós-Graduação em Psicologia – Campo Grande, 2015, 81p.

CARMOS, Francisca Maurilene do. GONÇALVES, Ruth Maria de Paula. Reflexões iniciais sobre os fundamentos ontológicos da consciência em Vigotski. *Revista Eletrônica Arma da Crítica*, número 7/dezembro 2016.

CARIBÉ, José Carlos Rebello. Uma perspectiva histórica e sistêmica do capitalismo de vigilância. *Revista Inteligência Empresarial*, v. 41, p. 5-13, 2019.

CASTELLAR, Sonia Maria Vanzella. Educação geográfica: a psicogenética e o conhecimento escolar. *Cadernos Cedes*, v. 25, n. 66, p. 209-225, 2005.

CHAUI, Marilene. O desafio filosófico de Espinosa. *Folha de São Paulo*. São Paulo, domingo, 9 de janeiro de 1994. Disponível em: < https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1994/1/09/mais!/16.html>. Acessado em: 04 de Novembro de 2021.

CHAUI, Marilene. *A nervura do real. Imanência e Liberdade em Espinosa*. São Paulo: Companhia das Letras, vol. II, 2016.

CHAUI, Marilene. *Introdução à História da Filosofia*: Dos pré-socráticos a Aristóteles. Volume 1. São Paulo: Cia das Letras, 2002.

CHRISTOVAM, Cynthia Gomes dos Reis Guidoni. *O lúdico como mediador da consciência*: resultados da aplicação de um jogo em portadores de HIV/AIDS. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2005, 93 f.

CLOT, Yves. Vygotski: a consciência como relação. RAMOS, M (Trad). *Revista Psicologia & Sociedade*, 26(n. spe. 2), 124-139, 2014.

COELHO, Henrique Leão. *Teoria marxiana e consciência de classe*: para uma Crítica das Ideologias Marxistas Adstringidas. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Administração da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Minas Gerais – Belo Horizonte, 2018, 143f.

COLUSSI, Lisiane Gruhn. *Contribuições dos jogos de papéis para o desenvolvimento das funções psicológicas superiores*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação – Cascavel, 2016, 154f.

CORREA, Jane. De Freud a Piaget: algumas considerações acerca da noção de subjetividade. *Arquivos brasileiros de psicologia*, v. 42, n. 3, p. 58-65, 1990.

COSTA, Áurea Júlia de Abreu; PASCUAL, Jesus Garcia. Análise sobre as emoções no livro Teoría de las emociones (Vigotski). *Psicologia & Sociedade*, v. 24, p. 628-637, 2012.

COSTA, Selma Aparecida Ferreira da. Um estudo sobre o desenvolvimento da função simbólica da consciência e o processo de humanização da criança na educação infantil. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual Paulista, Programa de Pós-Graduação em Educação – Marília, 2019, 253f. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/191310>.

COSTA, Pablo João Canal da et al. Desenvolvimento do pensamento crítico por meio do estudo de lógica argumentativa na alfabetização científica. *Revista Insignare Scientia-RIS*, v. 4, n. 5, p. 123-139, 2021.

COSTA NETO, Pedro Leão da Costa. Notas introdutórias sobre a publicação das obras de Marx e Engels. *Revista Crítica Marxista*. SP: Unesp, n. 30, p. 49-65, 2010.

CUNHA, Antônio. *Dicionário etimológico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

DAMÁSIO, Antônio. *O mistério da consciência*: do corpo e das emoções ao conhecimento de si. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

DAVIS, Cláudia; OLIVEIRA, Zilma de. *Psicologia na educação*. São Paulo/SP: Cortez, 1994.

DE GAULEJAC, Vincent; TAKEUTI, Tradução de Norma Missae. O âmago da discussão: da sociologia do indivíduo à sociologia do sujeito. *Revista Cronos*, 2004.

DEL RÍO, Pablo; ALVAREZ, Amelia. La psicología del arte en la psicología de Vygotski. *La tragedia de Hamlet & Psicología del arte*, p. 7-37, 2007.

DESCARTES, René. *Meditações*. Introdução de Gilles-Gaston Granger. Os Pensadores, São Paulo: Abril Cultural, 1979.

DESCARTES, *René. Meditações metafísicas*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

DUARTE, Juan; MININI, Pablo. Prólogo: rescatando las piedras angulares del marxismo de Vigotski. In: VIGOTSKI, Lev. *El significado histórico de la crises de la psicología*: seguido de la transformación socialista del hombre y el pensamiento. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Ediciones IPS, 2022.

DUARTE, Newton. *Vigotski e o "aprender a aprender"*: crítica às apropriações neoliberais e pós-modernas da teoria vigotskiana. 2. ed. rev. e ampl. Campinas: Autores Associados, 2001.

DUARTE, Newton. A anatomia do homem é a chave da anatomia do macaco: a dialética em Vigotski e em Marx e a questão do saber objetivo na educação escolar. *Educação & sociedade*, v. 21, p. 79-115, 2000.

ENGELS, Friedrich. O Capital de Karl Marx. Demokratischen Wochenblatt, Leipzig, 21 e 28 de Março de 1868 [Trad. de José André Lôpez Gonçâlez]. *Marxists.org*. Disponível em: < https://www.marxists.org/portugues/marx/1868/03/28-ga.htm>. Acessado em 13 de Julho de 2021.

ENGELS, Friedrich. *A Dialética da Natureza*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

ENGELS, Friedrich. *A Origem da Família, da propriedade privada e do Estado.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984.

ENGELS, Friedrich. *Do socialismo utópico ao socialismo científico*. Fonte digital: Ebook, Rocket Edition. Disponibilizado por Marxist Internet Archive, 1999.

ENGELS, Friedrich. *Uma breve biografia de Karl Marx*. São Paulo: Boitempo, 2019.

ENGELS, Friedrich. O papel do trabalho na transformação do macaco em homem (1876). *Revista Trabalho Necessário*, 4(4), 2006. https://doi.org/10.22409/tn.4i4.p4603. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/trabalhonecessario/article/view/4603/4239>.

ENGELS, Friedrich. *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*. Tradução B. A. Schumann; supervisão, apresentação e notas José Paulo Netto. - [Edição revista]. São Paulo: Boitempo, 2010.

FEITOSA, Enoque. Marx e Spinoza: Um diálogo (im) possível?(parte i). *Problemata: Revista Internacional de Filosofía*, v. 12, n. 1, p. 143-167, 2021.

FERNANDES, Florestan. *A Revolução burguesa no Brasil*: ensaio de interpretação sociológica. São Paulo: Globo, 2006.

FERREIRA, Ana Eliza Andrade. *Implicações do pensamento dialético e da formação de conceitos científicos para a constituição da consciência de classe*. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Maringá, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, área de concentração: Constituição do Sujeito e Historicidade, 2017, 138f.

FERREIRA, Clarice Regina Catelan. *As contribuições da psicologia histórico-cultural aos psicólogos que trabalham junto às Políticas Públicas de assistência social voltadas às crianças entre zero e seis*. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Maringá, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, área de concentração: Constituição do Sujeito e Historicidade, 2010. 162 f.

FERREIRA, Maria Luísa Ribeiro. Espinosa e a relação todo/partes. *Revista Conatus-Filosofia de Spinoza* (ISSN 1981-7509), v. 4, n. 8, p. 83-98, 2010.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. As pesquisas denominadas "estado da arte". *Educação & sociedade*, v. 23, n. 79, p. 257-272, 2002.

FIANS, Guilherme Moreira. Cidadãos do Mundo: uma discussão sobre o nacional e o internacional no Esperanto. *Revista Habitus*: revista eletrônica dos alunos de graduação em Ciências Sociais - IFCS/UFRJ, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1 , p. 50 - 63, agosto. 2012. Semestral.

FLACH, Pâmela Ziliotto Sant'anna; BECKER, Fernando. Biologia, conhecimento e consciência: articulações possíveis na construção da aprendizagem. *Educação*, v. 39, n. 1, p. 74-82, 2016.

FOUCHÉ, Fidéla. Is the phenomenological reduction of use to the human scientist? *Journal of Phenomenological Psychology*, 15(2), 107–124 1984.

FRAGOSO, Emanuel Angelo da Rocha. A Definição de Deus na Ética de Benedictus de Spinoza. *Kalagatos – Revista de Filosofia do Mestrado Acadêmico em Filosofia da Universidade Estadual do Ceará- UECE*- v.1, n,1. Fortaleza: EDUECE, 2004.

FRANCO, Renata Maria da Silva. *Formação continuada de professores para práticas inclusivas*: contribuições da psicologia histórico-cultural. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Alfenas, Alfenas, MG, 2018, 175 f.

FREITAS, Lia Beatriz de Lucca. Autonomia moral na obra de Jean Piaget: a complexidade do conceito e sua importância para a educação. *Educar em revista*, n. 19, p. 11-22, 2002.

FREITAS, Flávio Luiz de Castro. *Pressupostos filosóficos da crítica histórico-psicológica*: um comentário à teoria das emoções de Vigotski. Dissertação (Mestrado Interdisciplinar Cultura e Sociedade) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2013, 137f.

FREITAS, Maria Teresa de Assunção. O pensamento de Vygotsky nas reuniões da ANPEd (1998-2003). *Educação e pesquisa*, v. 30, p. 109-138, 2004.

FREUD, Sigmund. O Mal-Estar na Civilização (1930). In: FREUD, Sigmund. *O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos*. Obras Completas número 18. São Paulo: Companhia das Letras, 1930/2010.

FRÓES, Leonardo. Lapidador do dia a dia: Tchekhov retrata a gangrena social da Rússia. In: *Folha de São Paulo*, 2010. Disponível em: < https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2010/07/761128-lapidador-do-dia-a-dia-tchekhov-retrata-a-gangrena-social-da-russia.shtml>. Acesso em 16 de Novembro de 2021.

GARCIA, Izabelle Cristinne Rizental. *Alienação do desenvolvimento psíquico do adulto*: o trabalho como atividade dominante alienada. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Humanas – Curitiba, 2018, 122f.

GIARETTON, Francielly Lamboia. *A teoria da atividade como referencial teórico metodológico para uma prática pedagógica indispensável à formação humana*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Programa de Pós- Graduação Stricto Sensu em Educação – Cascavel, 2014, 131f.

GOLDMAN, Wendy. *Mulher, Estado e revolução*: política familiar e vida social soviéticas, 1917-1936. São Paulo: Boitempo: Iskra Edições, 2014.

GOLDMANN, Lucien. *Dialética e Cultura*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

GOLDMANN, Lucien. *Epistemologia e Filosofia Política*. Lisboa: Presença, 1978.

GOMES, Patrícia Wallerstein. *Gestalt terapia*: herença em re-vista. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) - Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2001, 123 f..

GOMES, Rafael Pereira. Perspectivas e desafios da relação Psicologia Histórico-Cultural e Educação: um estudo a partir das publicações na ANPEd entre os anos de 2000 e 2017. 2018. 104 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Alfenas, Alfenas, MG, 2018.

GOMES, Gilberto. A Teoria Freudiana da Consciência. *Revista Psicologia: Teoria e Pesquisa*. Mai-Ago, Vol. 19 n. 2, pp. 117-125, 2003.
GONÇALVES, Maria da Graça M. *Psicologia, subjetividade e políticas públicas*. São Paulo: Cortez, 2010.

GONZÁLEZ, Cristo Manuel Marrero. Acerca de Henry Lewis Morgan (1818-1881) y su obra "Ancient Society". *Revista científica de la Asociación de Historia y Antropología de los Cuidados* (Universidad de Alicante). 1º Cuatrimestre. Año XXIV. nº 56, 2020.

GOULART, Iris B; GUIMARÃES, Renata Fraga. Cenários Contemporâneos do Mundo do Trabalho. In: GOULART, Iris B (Org.). *Psicologia Organizacional e do Trabalho*: teoria, pesquisa e temas correlatos. (pp. 17-36). São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

GRAMSCI, Antonio. *Concepção dialética da História*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

GUARESCHI, Pedrinho. Ética e paradigmas. In: PLONER, Kátia; MICHELS, Lísia; SCHLINDWEIN, Luciane; GUARESCHI, Pedrinho (orgs.). *Ética e paradigmas na psicologia social*. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008. p. 18-38.

GUIMARÃES, Ingrid Soledade. *A loucura na cidade*: 30 anos da Reforma Psiquiátrica e 17 anos da lei antimanicomial no Brasil. 2018. 187 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2018.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Crítica Moderna*. In: *Os Pré-Socráticos*. Trad. José Cavalcanti de Souza et al. São Paulo: Abril, 1989 (Coleção Os Pensadores).

HEIDBREDER, Edna. *Psicologias do século XX*. São Paulo: Editora Mestre Jou., 1981.

HOBSBAWM, Eric John. *História do marxismo* – O marxismo no tempo de Marx. v. I. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

HOEVELER, Rejane Carolina. A reorganização da extrema direita latino-americana no ascenso bolsonarista: fóruns e redes organizativas. In: FARIA, Fabiano Godinho;

HOLANDA, Adriano. Princípios de Gestalt e a teoria da forma. In: TOURINHO, Carlos; SAMPAIO, Renato (orgs.). *Estudos em Psicologia*: uma introdução. Niterói: Proclama Editora, 2009.

HUWS, Ursula Elin. Vida, trabalho e valor no século XXI: desfazendo o nó. *Caderno CRH*, v. 27, p. 13-30, 2014.

ILIENKOV, Evald Vasilievich. The Biological and the Social in Man. *Journal of Russian and East European Psychology*, vol. 45, no. 4, July–August 2007, pp. 64–68.

JAMES, William. As emoções (1890). Tradução realizada por Daniela Cerdeira e por Gallia Bronowski, de uma seção de "The Emotions", capítulo XXV de The Principles of Psychology, publicado originalmente por Henry Holt and Company, em 1890. *Rev. Latinoam. Psicopat. Fund.*, São Paulo, v. 11, n. 4, p. 669-674, dezembro 2008.

JANTON, Pierre. *Esperanto*: Language, Literature and Community. New York: Sunypres, 1993.

JOHN-STEINER, Vera; SOUBERMAN, Ellen; COLE, Michael; SCRIBNER, Sylvia. Prefácio dos organizadores da obra. In: VYGOTSKY, Lev. *A Formação Social da Mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1991, p. IX-XI.

KINOUCHI, Renato Rodrigues. Ainda existe consciência?. *Revista Scientiae Studia*: vol.2 no.3 São Paulo jul./set. 2004.

KOFFKA, Kurt. Perception: An introduction to the Gestalt-theorie. *Psychological Bulletin*, 19, p. 531-585.

KÖHLER, Wolfgang. Gestalt Psychology Today. *American Psychologist*, 14, p. 727-734, 1959.

KONDER, Leandro. *A derrota da dialética*: a recepção das ideias de Marx no Brasil, até o começo dos anos 30. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

KOPNIN, Pável Vasílievich. *A Dialética como lógica e teoria do conhecimento*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

KOSIK, Karel. *Dialética do Concreto*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

LANE, Silvia T. Maurer. *O que é psicologia social*. São Paulo: Brasiliense, 2006. — (Coleção primeiros passos).

LASHLEY, Karl S. The behaviorist interpretation of consciousness. *Psychological Review*, 30, 237-272, 1923.

LEAL, Zaira de Fatima de Rezende Gonzalez. *Educação escolar e constituição da consciência*: um estudo com adolescentes a partir da psicologia histórico-cultural. Tese (Doutorado) – Programa de Pós- graduação em Psicologia da Universidade de São Paulo – São Paulo, 2010, 371f.

LEAL, Daniela; MASSIMI, Marina. ALFRED ADLER (1870-1937): Uma breve biografia. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, v. 17, n. 2, p. 796-814, 2017.

LEÃO, Inara Barbosa. Um método para investigar a consciência: do intrapsicológico ao interpsicológico. *Revista Psicologia & Sociedade*; 19, Edição Especial 2: 67-75, 2007.

LENIN, Vladimir Illích. *O imperialismo, fase superior do capitalismo* (ensaio popular). Brasília: Nova Palavra, 2007.

LENNON, Thomas M. *Introduction*. In: MALEBRANCHE, Nicolas. The Search after Truth. Traduzido e editado por Thomas M. Lennon e Paul J. Olscamp. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

LEONTIEV, Alexei Nikolaevich. Prólogo. In: VIGOTSKY, Lev Semionovitch. *Psicología del Arte*. México: Fontamara, 2005. p. 7-13.

LEONTIEV, Alexei Nikolaevich. Atividade. Consciência. Personalidade. Bauru-SP: Mireveja, 2021.

LEONTIEV, Alexei Nikolaevich. Artigo de introdução sobre o trabalho criador de L. S. Vygotski. In: VYGOTSKI, Lev Semionovitch. *Obras Escogidas*. Tomo I [*Sobrania Sochinenii Tom pervyii*. *Voprosy teorii ístorii psijologuii*]. Madrid: Machado Libros, 2013.

LESSA, Sérgio. *Trabalho e Proletariado no Capitalismo Contemporâneo*. São Paulo: Cortez, 2007.

LIMA, Orion Ferreira. *Uma discussão do problema mente-corpo em Descartes e Espinosa, a partir da neurofilosofia de Antonio Damásio*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília (SP), 2007, 127f.

LIMA, Fatima Maria de Holanda. *Apropriação de Vigotski nas políticas para a educação infantil*: uma crítica ancorada na ontologia marxiana. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, Fortaleza (CE), 2018, 157f.

LODI-CORRÊA, Samantha. Nadezhda Krupskaia: por uma educação revolucionária. *Germinal: Marxismo e Educação em Debate*, v. 10, n. 3, p. 236-244, 2018.

LOPES, Tiago Camarinha. Continuidade e ruptura em economia política ou quantidade e qualidade na teoria do valor. *Economia e Sociedade*, v. 23, p. 697-730, 2014.

LORDELO, Lia da Rocha. *A consciência como objeto de estudo na psicologia de L.S. Vigotski*: uma reflexão epistemológica. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Bahia. Universidade Estadual de Feira de Santana. Programa de Pós-Graduação em Ensino, Filosofia e História das Ciências. Salvador: 2007, 158f.

LORDELO, Lia da Rocha. TENÓRIO, R. A consciência na obra de L. S. Vigotski: análise do conceito e implicações para a psicologia e a educação. *Revista Psicologia Escolar e Educacional*. Vol.14 no.1 Campinas Jan./June, 2010.

LOWY, Michael. *Método dialético e teoria política*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

LUKÁCS, György. *História e Consciência de Classe*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

LUKÁCS, György. *Para uma Ontologia do Ser Social I*. São Paulo: Boitempo, 2018.

LUKÁCS, György. *Para Uma Ontologia do Ser Social II*. Tradução: Nélio Schneider, Ivo Tonet, Ronaldo Vielmi Fortes. São Paulo: Boitempo, 2013.

LUXEMBURGO, Rosa. *A revolução russa*. São Paulo: Fundação Rosa Luxemburgo, 2017.

MACHADO, Letícia Vier; FACCI, Marilda Gonçalves Dias; BARROCO, Sonia Mari Shima. Teoria das emoções em Vigotski. *Psicologia em Estudo*, v. 16, n. 4, p. 647-657, 2011.

MAGIOLINO, Lavínia Lopes Salomão. *Emoções humanas e significação numa perspectiva histórico-cultural do desenvolvimento humano*: um estudo teórico da obra de Vigotski. Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, 2010.

MAGIOLINO, Lavínia Lopes Salomão. A significação das emoções no processo de organização dramática do psiquismo e de constituição social do sujeito. *Psicologia & sociedade*, v. 26, p. 48-59, 2014.

MALINA, André; MACIEL, Caroline Correia; DIAS, Leon Ramyssés Vieira; AZEVEDO, Ângela Celeste Barreto de. Pra frente Brasil Bolsonarista e o discurso midiático aproximado ao anti-intelectualismo e a enunciados do nacional-socialismo. *Revista Temática*, ano XVII. n. 07. Julho/2021–NAMID/UFPB, 2021.

MARCELLOS, Cíntia Fernandes; ARAUJO, Saulo de Freitas. A questão da consciência na Psicologia de Wilhelm Wundt. *Estudos e pesquisas em psicologia*, v. 11, n. 1, p. 311-332, 2011.

MARQUES, Mauro Luiz Barbosa (Org.). *Giros à direita*: análises e perspectivas sobre o campo líbero-conservador. Sobral-CE: Editora SertãoCult, 2020, p. 71-89.

MARTINS, Lígia Márcia. *O desenvolvimento do psiquismo e a educação escolar*: contribuições à luz da psicologia histórico-cultural e da pedagogia histórico-crítica. Autores Associados: Campinas, 2021.

MARINHO, Arthur Leandro da Silva. Uma Discussão Filosófica a Respeito da Consciência. *Revista Ágora Filosófica*, v. 20, n. 1, p. 27-60, 2020.

MARTINEZ, Vinício Carrilho. Fascismo. O pior crime contra a democracia (Fascism: The worst crime against democracy). *Revista Eletrônica de Educação*, v. 14, p. 4050148, 2020.

MARX, Melvin. H. HILLIX, William. A. *Sistemas e teorias em psicologia*. São Paulo: Editora Cultrix, 1973.

MARX, Karl. *O 18 de Brumário de Luís Bonaparte* [Tradução e notas Nélio Schneider; prólogo Herbert Marcuse]. São Paulo: Boitempo, 2011.

MARX, Karl. *O Capital*: crítica da economia política. Livro I. O Processo de Produção do Capital. São Paulo: Boitempo, 2011

MARX, Karl. *Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos escolhidos* (Coleção Os pensadores). São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MARX, Karl. *A Questão Judaica*. São Paulo: Centauro, 2005.

MARX, Karl. *A miséria da filosofia*. São Paulo: Global, 1985.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã*. São Paulo: Boitempo, 2007.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Manifesto Comunista*. São Paulo: Boitempo, 2005.

MAYER, Gustav. *Friedrich Engels*: uma biografia. São Paulo: Boitempo, 2020.

MEZZOMO, Renata Cristina. *Práticas pedagógicas*: contribuições de Piaget à educação de alunos com déficit cognitivo. Artigo Monográfico (Especialização em Educação Especial) – Universidade Federal de Santa Maria. Passo Fundo: 2010, 34f.

MININ, Junior Cesar. *"Ainda somos tão jovens"*: um estudo em Psicologia Histórico-Cultural sobre consciência e ato infracional na adolescência. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Fundação Universidade Federal de Rondônia/UNIR. Núcleo de saúde Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Porto Velho: 2014, 201f.

MOLINARI, Victoria. Psychoanalyzing intelligence. *Dynamis: Acta Hispanica ad Medicinae Scientiarumque Historiam Illustrandam*, v. 40, n. 2, p. 375-398, 2020.

MONTEIRO, Patricia Verlingue Ramires. *A unidade Afetivo-Cognitiva*: aspectos metodológicos e conceituais a partir da Psicologia Histórico-Cultural. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Humanas – Curitiba, 2015, 192f.

MOREIRA, Ana Regina de Lima. Algumas considerações sobre a consciência na perspectiva fenomenológica de Merleau-Ponty. *Estudos de Psicologia*, 2(2), p. 399-405, 1997.

MOUTINHO, Karina; CONTI, Luciane De. Considerações sobre a psicologia da arte e a perspectiva narrativista. *Psicologia em Estudo*, v. 15, p. 685-694, 2010.

MUELLER, Fernand-Lucien. *Historia de la Psicologia*: De la antigüedad a nuestros días. México: Fondo de Cultura Econômica, 2003.

MULLER-GRANZOTTO, Marcos José; GRANZOTTO, Rosane Lorena. Gênese Fenomenológica da Noção de Gestalt. *Revista do X Encontro Goiano da Abordagem Gestáltica*, número 10, 2004.

MUNIZ, Vera Cristina Rabelo. *Educação e consciência em Vigotski*: contribuições à formação do educador. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual do Ceará. Centro de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. Fortaleza: 2018, 108f.

NASCIMENTO, Ruben de Oliveira. *Um estudo da mediação na teoria de Lev Vigotski e suas implicações para a educação*. 2014. 416f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2014.

NETTO, Joé Paulo. *Karl Marx*: uma biografia. São Paulo: Boitempo, 2020.

NETTO, José Paulo. *Introdução ao estudo do método de Marx*. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

NEVES, Barbara Coelho; BORGES, Jussara. Por que as fake news têm espaço nas mídias sociais?: uma discussão à luz do comportamento infocomunicacional e do marketing digital. *Informação & Sociedade: estudos*. João Pessoa. Vol. 30, n. 2 (abr./jun. 2020), p. 1-22, 2020.

NUNES, Rodrigo Lima. Atividade do jogo e desenvolvimento infantil: implicações sociais para a construção da consciência da criança na escola. 2013. 149 f. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Tecnologia, 2013. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/92233>.

OLIVEIRA, Carlos Heber de. *Consciência da ausência do trabalho – mediação estabelecida entre a política de assistência social e um morador de rua*. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS. Programa Pós-Graduação em Psicologia – Campo Grande, 2017, 239f.

OLIVEIRA, Mariana Corrêa Pitanga de. *A escolarização de alunos com deficiência intelectual à luz da perspectiva histórico- cultural*: avaliação mediada e apropriação conceitual. 2016. 133 f. Dissertação (Mestrado em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares). Instituto de Educação, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2016.

OLIVEIRA, Betty. As relações entre conhecimento e valoração no trabalho educativo. *Perspectiva*, v. 11, n. 19, p. 29-46, 1993.

ORENGO, Fabiane Villatore; HOLANDA, Adriano Furtado; GOTO, Tommy Akira. Fenomenologia e psicologia fenomenológica para psicólogos brasileiros: Uma compreensão empírica. *Psicologia em estudo*, v. 25, 2020.

OVIEDO, Gilberto Leonardo. La definición del concepto de percepción en psicología con base en la teoría Gestalt. *Revista de estudios sociales*, n. 18, p. 89-96, 2004.

PAES, Paulo Cesar Duarte. Funções psicológicas superiores e o enraizamento da cultura na individualidade. *Brazilian Journal of Development*, v. 6, n. 7, p. 43489-43500, 2020.

PAVLOV, Ivan Petrovich. *Reflexos Condicionados, Inibição e outros Textos*. Lisboa: Editorial Estampa. 1976.

PAVLOV, Ivan Petrovich. Textos escolhidos. In: PAVLOV, I. P. *Os pensadores*. São Paulo: Abril Cultural. 1984.

PEDROSA, C. O Conceito de consciência em Vigotski: uma aproximação pela comparação de duas leituras. *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*, SP. Volume 17, Número 2, Julho/Dezembro de 2013: 233-238.

PENNA, Antonio Gomes. Consciência e existência (sobre a teoria da consciência de Marx). *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, v. 36, n. 1, p. 3-10, 1984.

PIAGET, Jean. *Problemas de psicologia genética*. Rio de Janeiro, Forense, 1973.

PIAGET, Jean. *A equilibração das estruturas cognitivas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

PIAGET, Jean. *A formação do símbolo na criança*: imitação, jogo e sonho, imagem e representação. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.

PIAGET, Jean. *A Epistemologia Genética*. Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

PIERETTI, Eduardo; ORTIZ, Caroline Arnaldo; MALINA, André. A teoria marxiana valor-trabalho como fundamento explicativo do trabalho do professor de Educação Física: das determinações históricas à atividade profissional em Educação Física. In: AZEVEDO, Ângela C. B; MALINA, André (orgs.). *Formação profissional e formação humana em Educação Física*: apontamentos críticos. Campo Grande: Editora UFMS, 2017. p. 17-44.

PINHEIRO, Milton. Fundamentos da atual conjuntura brasileira. *Blog da Boitempo,* 29 de maio de 2021. Disponível em: <https://pcb.org.br/portal2/27337/fundamentos-da-atual-conjuntura-brasileira/>.

PINTO, Álvaro Viera. *O conceito de tecnologia*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.

PINTO, Eduardo Costa *et al*. A economia política dos governos Dilma: acumulação, bloco no poder e crise. *XXI Encontro Nacional de Economia Política*, 2016.

POLITZER, Georges. *Princípios Elementares de Filosofia*. Lisboa: Bp12, 1971.

PORTA, Mario Ariel González. *Psicologia e Filosofia*: Estudos sobre a querela em torno ao psicologismo. São Paulo: Edições Loyola, 2020.

POTER, Giordano Bruno; SOUTO, Carla. Capitalismo de vigilância. *Seminário de Tecnologia gestão e educação*, v. 1, n. 2, p. 31-34, 2019.

PRADO JUNIOR, Caio. Teoria marxista do conhecimento e método dialético materialista. *Discurso*, v. 4, n. 4, p. 41-78, 1973.

PRESTES, Zoia Ribeiro. *Quando não é quase a mesma coisa*: uma análise de traduções de Lev Semionovitch Vigotski no Brasil – repercussões no campo educacional. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

RAMOS, Santiago Daniel Hernandez Piloto. *A dimensão formativa do cinema e a catarse como categoria psicológica*: um diálogo com a Psicologia Histórico-Cultural de Vigotski. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Educação da Universidade Federal do Espírito Santo – Vitória, 2015, 191f.

RICCI, Paulo Sérgio Pereira. TULESKI, Silvana Calvo. A concepção de Pavlov e de Vygotski acerca da consciência. *Revista Eletrônica Arma da Crítica*, número 4/dezembro 2012.

RIOS, Camila Fernanda Moro. *Trabalho como atividade principal na vida adulta*: contribuições ao estudo da periodização do desenvolvimento psíquico humano sob o enfoque da psicologia histórico-cultural. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Humanas – Curitiba, 2015, 137f.

ROSE, Júlio César Coelho de. BEZERRA, Mariana Souto L. LAZARIN, Tales. Consciência e Autoconhecimento. In: HÜBNER, Maria Martha Costa. MOREIRA, Márcio Borges (Eds.). *Temas Clássicos da Psicologia sob a ótica da Análise do Comportamento* (pp. 188-207). São Paulo: Ed. Guanabara-Koogan, 2012.

RUBINSTEIN, Serguei Leonidovich. *O ser e a consciência*. Lisboa: Portugalia Editora, 1968.

SABEL, Samantha Carla. A psicologia de Vigotski e o materialismo histórico dialético de Marx e Engels: relações arqueológicas. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Curso de Mestrado, Centro de Filosofia e Ciências Humanas – Florianópolis, 2006, 137f.

SANTIAGO, Homero. Introdução a uma leitura de Espinosa. *Discurso*, v. 50, n. 1, p. 239–260-239–260, 2020.

SANTOS, C. L; WELLINGTON. Dicionário da Língua Portuguesa. São Paulo-SP: Nova Cultural, 1992.

SANTOS, José dos Santos. *Antropologia para quem não vai ser antropólogo*. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2005.

SANTOS, Lívia Gomes dos. LEÃO, Inara Barbosa. O inconsciente sócio-histórico: aproximações de um conceito. *Psicologia & Sociedade*, 26(n. spe. 2), 38-47, 2014.

SAVIANI, Dermeval. Debate sobre educação, formação humana e ontologia a partir da questão do método dialético. In: SAVIANI, Dermeval; DUARTE, Newton (orgs.). *Pedagogia histórico-crítica e luta de classes na educação escolar*. Campinas: Autores Associados, 2012. p. 121-148.

SCHALL, Brunah. Darwin e Marx, Durkheim e Weber: relações entre a forma de pensar evolução na biologia e na sociologia. *Revista da Universidade Federal de Minas Gerais*, v. 21, n. 1 e 2, p. 138-149, 2014.

SCHEWINSKY, Sandra Regina. *Imaginação criativa, memória e consciência*: estudo com pessoas que sofreram traumatismo crânio encefálico. Tese (Doutorado). Porgrama de Pós-graduação em Psicologia Social. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2008, 207 f.

SCHÜHLI, Vitor Marcel. *A dimensão formativa da arte no processo de constituição da individualidade para-si*: a catarse como categoria psicológica mediadora segundo Vigotski e

Lukács. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Humanas – Curitiba, 2011, 170f.

SCHULTZ, Duane P; SCHULTZ, Sydney Ellen. História Da Psicologia Moderna. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2014.

SHUARE, Marta. *La psicologia soviética tal como yo la veo*. Moscú: Progresso, 1990.

SEQUEIRA, Manoel. Contributos e limitações da teoria de Piaget para a educação em ciências. In: *Congresso Internacional organizado pelo Instituto Piaget: "Piaget e os novos Desafios nas Ciências e na Educação"*. Universidade de Lisboa, julho de 1989.

SILVA, Adriana Brito da et al. A extrema-direita na atualidade. *Serviço Social & Sociedade*, n. 119, p. 407-445, 2014.

SILVA, Rafael Iglesias Menezes da. *Sobre Psicologia e Ideologia na obra de L.S. Vigotski*. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, 2015.

SILVEIRA, Léa. A psicologia é sua própria crise? Sobre o sentido epistemológico da presença da filosofia no cerne da psicologia moderna. *Fractal: Revista de Psicologia*, v. 30, n. 1, p. 12-21, 2018.

SIMÕES, Jéssica Priscila. Atividade de estudo e consciência crítica do professor: processo de intervenção formativa histórico-cultural. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual Paulista, Programa de Pós-Graduação em Educação – Presidente Prudente, 2019, 123f.

SINGER, André et al. Por que assistimos a uma volta do fascismo à brasileira. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, v. 9, 2020.

SIQUEIRA, Rafael Sousa. *O método da crítica da economia política*: a ciência de Marx na "Introdução" dos Grundrisse de 1857. Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-Graduação do Departamento de Filosofia, Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília. Brasília, 2015, 142f.

SKINNER, Burrhus F. *Contingências do reforço*: uma análise teórica. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

SKINNER, B Burrhus F. *Ciência e comportamento humano*. Coleção biblioteca universal. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

SKINNER, Burrhus Frederic. *Ciência e Comportamento Humano*. São Paulo: EDART, 1976.

SKINNER, Burrhus Frederic. *Sobre o Behaviorismo*. São Paulo: Cultrix, 1982.

SOUZA, Ana Lúcia Martins de. *Não iguala e ainda diferencia*: as implicações do programa de apoio ao estudante da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul na consciência dos acadêmicos. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS. Programa Pós-Graduação em Psicologia – Campo Grande, 2014.

SOUZA, Juberto Antonio Massud de. *Sociedade, Classe e Individuo*: a consciência enquanto representação do movimento real. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS. Programa Pós-Graduação em Psicologia – Campo Grande, 2015, 132p.

SOUZA, Vera Lúcia Trevisan de; DUGNANI, Lilian Aparecida Cruz; REIS, Elaine de Cássia Gonçalves dos. Psicologia da Arte: fundamentos e práticas para uma ação transformadora. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, v. 35, p. 375-388, 2018.

SOUZA JUNIOR, Eustaquio Jose de. *Reflexologia soviética e psicologia histórico-cultural*: uma análise das interlocuções entre o pensamento de Vigotski e o Pavlovianismo. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Minas Gerais – Belo Horizonte, 2008, 171f.

SPIRKIN, Alexander. El concepto general de la conciencia. In: MARTÍN-BARÓ, Ignacio (Org.). *Psicologia, Ciencia e Conciencia*. São Salvador: UCA, 1977.

STRAPASSON, Bruno Angelo. A caracterização de John B. Watson como behaviorista metodológico na literatura brasileira: possíveis fontes de controle. *Estudos de Psicologia* (Natal), v. 17, n. 1, p. 83-90, 2012.

TCHEKOV, Anton. *As Três Irmãs*/Contos. Traduzido por Maria Jacintha e Boris Schnaiderman. São Paulo: Abril, 1982.

TEIXEIRA, Adriano Lopes Almeida. Mais-Valia ou Mais-Valor?. *Economia Ensaios*, Uberlândia, 34(2), Jan./Jun, 2020.

TODES, Daniel Philip. *Ivan Pavlov*: a russian life science. Oxford University Press: New York, 2014.

TOSTA, Cíntia Gomide. Vigotski e o desenvolvimento das funções psicológicas superiores. *Perspectivas em Psicologia*, v. 16, n. 1, 2012.

TOASSA, Gisele. Consciência e atividade: um estudo sobre (e para) a infância. 2004. 271 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências – Marília, 2004. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/91250>.

TOASSA, Gisele. Conceito de Consciência em Vigotski. *Revista Psicologia USP*, 2006, 17(2), 59-83.

TOASSA, Gisele. Vigotski contra James-Lange: crítica para uma teoria histórico-cultural das emoções. *Psicologia USP*, v. 23, p. 91-110, 2012.

TOASSA, Gisele. Vigotski: notas para uma psicologia geral e concreta das emoções/afetos. *Cadernos Espinosanos*, n. 30, 2014.

TROTSKY, Leon. *A história da Revolução Russa*. (Tradução de E. Huggins). Edição do centenário. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2017. 3 v. – (Edições do senado Federal ; v. 240 A-C).

TULESKI, Silvana Calvo. Para ler Vygotsky: recuperando a historicidade perdida. In: *REUNIÃO ANUAL DA ANPEd*, 23., 2000, Caxambu. Anais... Caxambu: ANPEd, 2000. 1CD-ROM.

VAN DER VEER, René. Lev Vygotsky. In: VAN DER VEER, René; VALSINER, Jaan. *Understanding Vygotsky*: a quest for synthesis. Cambridge: Blackwell, 1991.

VASCONCELOS, Francisco Antonio de. A dialética em Marx. *Saberes Interdisciplinares*, v. 7, n. 13, p. 99-120, 2017.

VERESOV, Nikolay. Marxist and non-Marxist Aspects of the Cultural-Historical Psychology of L. S. Vygotsky. *Psychology Review*. Moscow State University of Psychology and Education, n. 1, 2011.

VIANA, Nildo. *A mercantilização das relações sociais*: modo de produção capitalista e formas sociais burguesas. Curitiba: Appris, 2018.

VIGOTSKI, Lev Semenovitch. Manuscrito de 1929 [Psicologia Concreta do Homem]. *Educação & Sociedade*, ano XXI, no 71, Julho/00. p. 21- 44, 1929/2000. [trad. do Russo: Alexandra Marenitch].

VIGOTSKI, Lev Semenovitch. A transformação socialista do homem. *Portal PSTU*, 1930/2006. [trad. do espanhol: Roberto Della Santa Barros]. Disponível em: < http://www.estmir.net/lsv_1930_2--_trans-socialista_b.pdf>.

VIGOTSKI, Lev Semenovitch. *Psicologia Pedagógica*. [Tradução de Paulo Bezerra]. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

VIGOTSKI, Lev Semionovich. *Sete aulas de L.S. Vigotski sobre os fundamentos da pedologia*. Organização e tradução Zoia Prestes, Elizabeth Tunes; tradução Cláudia da Costa Guimarães Santana. - 1. ed. - Rio de Janeiro: EPapers, 2018.

VIGOTSKY, Lev. *Teoría de las emociones*: estudio histórico-psicológico. [Traducción: Judith Villaplana]. Madrid: Akal, 2004.

VIGOTSKY, Lev Semionovitch. *Psicología del Arte*. [Traducción: Victoriano Imbert] México: Fontamara, 2005.

VYGOTSKI, Lev Semionovitch. *Obras Escogidas*. Tomo I [*Sobrania Sochinenii Tom pervyii*. *Voprosy teorii ístorii psijologuii*]. Madrid: Machado Libros, 2013.

VYGOTSKI, Lev Semionovitch. *Obras Escogidas*. Tomo II [*Sobrania Sochinenii Tom pervyii*. *Problemi obshei psijologuii*]. Madrid: Machado Libros, 2014.

VYGOTSKI, Lev Semionovitch. *Obras Escogidas*. Tomo III [*Sobrania Sochinenii Tom pervyii*. *Problemi Razvitia Psijiki*]. Madrid: Machado Libros, 2012c.

VYGOTSKI, Lev Semionovitch. *Obras Escogidas*. Tomo IV [*Sobrania Sochinenii Tom pervyii*. *Detskaya Psijologuia*]. Madrid: Machado Libros, 2012a.

VYGOTSKI, Lev Semionovitch. *Obras Escogidas*. Tomo V [*Sobrania Sochinenii Tom pervyii*. *Osnovi Defektologuii*]. Madrid: Machado Libros, 2012b.

VYGOTSKI, Lev Semionovitch. *Obras Escogidas*. Tomo VI. Madrid: Machado Libros, 2017.

WERTHEIMER, Max. Laws of Organization in Perceptual Forms. Untersuchungen zur Lehre Von der Gestalt II. *Psycologische Forschung*, 4, 301-350. Tradução de Ellis, W. London: Routledge & Kegan Paul, 1938.

WILBER, Ken. *O espectro da consciência*. São Paulo: Cultrix, 2007.

WORTMEYER, Daniela Schmitz; SILVA, Daniele Nunes Henrique; BRANCO, Angela Uchoa. Explorando o território dos afetos a partir de Lev Semenovich Vigotski. *Psicologia em estudo*, v. 19, p. 285-296, 2014.

ZANELLA, Andréa Vieira et al. Questões de método em textos de Vygotski: contribuições à pesquisa em psicologia. *Psicologia & Sociedade*, v. 19, p. 25-33, 2007.

ZILIO, Diego. Consciência verbal, não-verbal e fenomênica: uma proposta de extensão conceitual no behaviorismo radical. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*. Vol. XIII, nº 1,4-19, 2011.

ZIMERMAN, David E. *Manual de técnica psicanalítica*: uma re-visão. Porto Alegre: Artmed, 2008.

ZUBOFF, Shoshana. *A era do capitalismo de vigilância*: a luta por um futuro humano na nova fronteira do poder. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2021.

ANEXO I – O PROBLEMA DA CONSCIÊNCIA

A consciência na Filosofia

A explicação da consciência é historicamente desenvolvida pela Filosofia, desde a Grécia Antiga. Posteriormente, com o avanço do conhecimento e estruturação das Ciências Sociais e Humanas, a análise da consciência passa a ser um objeto de estudo também da Psicologia. Em relação aos problemas básicos da filosofia, de acordo com Rubinstein (1968) no avanço do conhecimento e das ciências de forma geral, o homem dirigia um olhar a si mesmo, de modo que a refletir sobre as relações existentes entre o pensamento e a natureza, entre o espiritual e o material. A consciência, nessa perspectiva, é o objeto de estudo essencial para a compreensão da natureza humana, à medida que:

> os grandes problemas teóricos, colocados em termos corretos e bem compreendidos, são, ao mesmo tempo, problemas de extraordinária transcendência prática. Ver devidamente os problemas teóricos importantes significa vê-los na sua conexão com os problemas essenciais da vida (RUBINSTEIN, 1968, p.5).

Como destacado anteriormente, a discussão na Filosofia é ampla, densa e diversa. Segundo Rubinstein (1968) a discussão sobre corpo e mente, o material e os fenômenos psíquicos configuraram um debate no cerne do pensamento filosófico. Pela necessidade de elaboração de sistemas conceituais que objetivassem compreender o ser humano nesses aspectos, "o problema da relação existente entre os fenômenos psíquicos e os demais fenômenos do mundo material se colocasse no sistema do pensamento metafísico daquela época" (RUBINSTEIN, 1968, p. 19). Contudo, o problema de consciência é anterior à dualidade discutida por Rubinstein (1968):

> É a partir de Sócrates — ou pelo menos é na literatura referente a ele e que se seguiu à sua morte — que surge a concepção de alma como sede da consciência normal e do caráter, a alma que no cotidiano de cada um é aquela realidade interior que se manifesta mediante palavras e ações, podendo ter conhecimento ou ignorância, bondade ou maldade. E que, por isso, deveria ser o objeto principal da preocupação e dos cuidados do homem (PESSANHA, 1987, p. 30).

Embora Pessanha (1987) sinalize a discussão a partir de Sócrates, a alma, e, portanto, a consciência, já vinha sendo uma temática investigada e discutida pelos Pré-Socráticos. Para os Pré-Socráticos o princípio de todas as coisas estaria vinculado à natureza da matéria. Ou seja, tudo aquilo que constitui o ser, bem como as demais coisas existentes, são gerados e se dissolvem através dos princípios da natureza (ARISTÓTELES, 1989). Vejamos o trecho abaixo:

> A proposição de Tales de que a água é o absoluto ou, como diziam os antigos, o princípio, é filosófica; com ela, a Filosofia começa, porque através dela chega à consciência de que o um é a essência, o verdadeiro, o único que é em si e para si. Começa aqui um distanciar-se daquilo que é em nossa percepção sensível; um afastar-se deste ente imediato — um recuar diante dele. Os gregos consideram o sol, as montanhas, os rios, etc. como forças autônomas, honrandoos como deuses, elevados pela fantasia a seres ativos, móveis, conscientes, dotados de vontade. Isto gera em nós a representação da pura criação pela fantasia — animação infinita e universal, figuração, sem unidade simples (HEGEL, 1989).

Na compreensão de que a consciência reside na alma e, portanto, como uma possibilidade imaterial de existência humana, Sócrates valoriza o acesso ao conhecimento, ao entendimento da ciência, possibilitando uma forma de acesso à "autoconsciência" (PESSANHA, 1987, p.30). Desse modo, todas as possibilidades do indivíduo estavam dentro dele, a partir de sua famosa frase "*conhece a ti mesmo*". Assim, a consciência, em junção com a alma, funciona como uma orientação para ação do indivíduo. Ou seja: "seu oráculo interior finalmente decifrado". (PESSANHA, 1987, p. 30-31). O saber tem, portanto, uma interferência direta na consciência, como podemos ver a seguir em Platão (1987, p. 38):

> [...] se dá com os poetas; ao mesmo tempo, notei que, por causa da poesia, eles supõem ser os mais sábios dos homens em outros campos, em que não o são. Saí, pois, acreditando superá-los na mesma particularidade que aos políticos. Por fim, fui ter com os artífices; tinha consciência de não saber, a bem dizer, nada, e certeza de neles descobrir muitos belos conhecimentos.

Na esteira dessa discussão, Platão enquanto discípulo de Sócrates inverte à lógica de entendimento do ser humano e da realidade. Em sua compreensão, há a existência de dois mundos. O material que temos acesso através de nossas sensações e percepções advindas dos sentidos e o mundo das ideias. Assim, no mundo das ideias estaria a verdadeira compreensão da realidade. Para apreender o mundo imaterial, deve-se fazê-lo pelo pensamento, da razão. Assim, podemos compreender *O Mito da Caverna* de Platão também com reflexões sobre a consciência do indivíduo. Por essa via, "o psíquico que [...] não era considerado como objeto de investigação científica, continuava a ser concebido como o espírito dirigido para si mesmo" (RUBINSTEIN, 1968, p.20). No decorrer do desenvolvimento da Filosofia, o pensamento metafísico característico da filosofia dos séculos XVII e XVIII compreendia que

> o mundo material aparecia somente nas suas formas elementares, como limitado à natureza inorgânica, e o psíquico se via nas suas formas superiores, nas mais complexas e derivadas – a consciência –, abria-se inevitavelmente entre os dois polos um abismo infranqueável, uma contraposição dualista cujos elementos eram, por um lado, o psíquico, o espiritual, e, por outro, o material, o físico. O dualismo a que se

> chegava deste modo intensificava-se ainda mais, todavia, devido aos hábitos do pensamento metafísico (RUBINSTEIN, 1968, p.20).

No desenvolvimento da filosofia metafísica, Descartes apresenta uma síntese conceitual que auxilia ao desenvolvimento do conceito da consciência. Segundo Descartes aparecem duas *substâncias* distintas: a *material* e a *espiritual*. Essas duas substâncias tornam-se contrárias uma a outra, de tal modo que se estabelece o dualismo como compreensão para o indivíduo. Essa visão, posteriormente conhecida como o dualismo cartesiano, foi amplamente incorporada por filósofos da época. Dentre eles, John Locke, que, para contribuir com o conceito, analisa a condição da experiência através de um método também dualista: a experiência *interior* e *exterior* (RUBINSTEIN, 1968). No cerne dessa discussão, há uma diferenciação entre Locke e Descartes apontada por Rubinstein (1968):

> Uma das diferenças essenciais que existem entre a posição filosófica de Locke a de Descartes diz respeito ao problema das ideias "inatas". As ideias, como forma peculiar do ser ideal, foram contrapostas, já no idealismo de Platão, aos objetos percebidos pelos sentidos. A doutrina do caráter inato das ideias não se limita a negar a origem sensorial, empírica, destas últimas; afirma, ao mesmo tempo, que o psíquico se encontra indissoluvelmente unido a certo conteúdo de ideias; desta sorte, o psíquico aparece, em Descartes, como espiritual. O espiritual como ideal, contrapõe-se ao material. A contraposição do espiritual – como algo ideal – ao material dá-se unicamente quando, de um modo ou de outro, o psíquico se toma como vinculado ao conteúdo ideológico do saber, à ideologia. Diferentemente de Descartes, Locke nega a existência de ideias inatas e não só afirma que as ideias têm a sua origem na experiência, como também abre o caminho ao estudo funcional do psíquico considerado como processo da sensação ou do ato reflexo (p. 21).

A Filosofia contribuiu para o desenvolvimento da Psicologia enquanto ciência. De acordo com Rubinstein (1968), a visão teórica de Locke, posteriormente, constitui uma área da Psicologia denominada Experimental, que se desenvolve no século XIX e buscando sustentar suas investigações a partir do sistema nervoso e dos órgãos dos sentidos. "Nas publicações filosófico-psicológicas difundidas nos fins do século XIX e nos começos do século XX, esse problema converte-se no da relação entre corpo e a alma" (RUBINSTEIN, 1968, p.22).

> A investigação da natureza dos fenômenos psíquicos tem como objeto – ou, pelo menos, como um dos seus objetos essenciais – o estudo da relação existente entre os fenômenos psíquicos e o cérebro. O problema não consiste em ver se existe ou não existe a mencionada relação, pois a sua existências encontra-se fora de qualquer dúvida, mas sim em descobrir como ela é, de que modo a atividade psíquica está relacionada com o cérebro, quais são os traços essenciais de tal atividade (RUBINSTEIN, 1968, p.7).

Como identificado por Rubinstein (1968), a natureza de fenômenos psíquicos também foi investigado pela Filosofia tendo como ênfase outras questões. Politzer (1971) apresenta que

o sentido da Filosofia é marcado pelo estudo de problemas gerais que tem por finalidade a explicação do mundo, da natureza e também do homem. A Psicologia surge enquanto uma área independente da Filosofia, tendo marcos a partir de Wilhelm Wundt[131] (1832-1920) a partir do surgimento da psicologia experimental. No tópico seguinte, apresentaremos uma proposta explicativa a esse percurso da Psicologia dentro da Filosofia.

O surgimento da Psicologia enquanto ciência

A partir de determinados desdobramentos, identifica-se a necessidade de situar a discussão a respeito do surgimento da Psicologia enquanto uma ciência autônoma e como fora esse processo de separação e ruptura com a Filosofia. De acordo com Porta (2020), é no século XIX que há um processo de constituição da Psicologia enquanto ciência, e, no início do século XX é que, institucionalmente, culmina-se na estrutura de Psicologia que se tem atualmente. Diferentes autores se debruçaram sobre o estudo da estruturação da Psicologia enquanto área. Schultz e Schultz (2014) apresentam que a Psicologia enquanto área de conhecimento teve sua *origem* no desdobramento da Filosofia. Inclusive, os primeiros estudos psicológicos são datados a partir das primeiras indagações da Filosofia. Isto porque existe uma aproximação entre essas duas áreas de conhecimento e o objeto de estudo de diferentes pensadores que perpassam as duas áreas, inclusive na influência filosófica às discussões da psicologia moderna (SCHULTZ; SCHULTZ, 2014).

Contudo, esse discurso não é unânime na área. Registra-se que essa relação entre a Filosofia e a Psicologia não se deu de forma harmoniosa em muitos aspectos, como podemos ver a partir de Silveira (2018). De acordo com a autora, as proposições psicológicas que se distanciaram de uma ideia filosófica do ser humano, sofreram consequências em sua prática. As críticas pairam entorno da requisição do objeto da Psicologia enquanto ciência e, para tanto, da condição fundamental de distanciamento da Filosofia e do seu objeto.

Caminhando nesse entendimento, Porta (2020) relata que a Filosofia sofreu com dois processos interdependentes que se relacionam: o *psicologismo* e *Psychologismusstreit*, que é traduzido enquanto uma querela produzida em torno ao psicologismo. Segundo Porta (2020) entende-se psicologismo por "[...] uma tendência, um programa ou uma doutrina que reduz no

[131] Wundt é reconhecido na Psicologia pelo desenvolvimento teórico e metodológico da Psicologia Experimental. Embora não se encontrem traduções de suas publicações, reconhece-se que Wundt foi um importante pesquisador que tratou da consciência e também pode ser considerado enquanto um precursor da Psicologia Social. Em sua publicação, "Psicologia dos Povos" (*Völkerpsychologie*), Wundt elabora considerações psicológicas referentes às qualidades intelectuais e morais dos povos, examinando o grau de evolução do homem em termos psicológicos (ARAUJO, 2009).

aspecto epistemológico uma determinada disciplina à psicologia ou no aspecto ontológico um certo conjunto de entidades ou fenômenos a entidades ou fenômenos psicológicos" (p. 16). Dessa forma, o autor aponta que o psicologismo sempre existiu no interior da Filosofia desde os primórdios na Grécia Antiga.

Em relação ao *Psychologismusstreit,* entende-se que é um processo histórico efetivo. Dessa forma, para a existência do *Psychologismusstreit*[132]*,* é fundamental a existência do psicologismo. O segundo, todavia, não necessariamente produz esse evento histórico. De acordo com o autor:

> O PS, no entanto, é um processo que se concentra entre os séculos XIX e XX, tendo seu auge entre 1880 e 1920, e que possui como epicentro o mundo de língua germânica, ainda que não se limite a ele, estendendo-se também à Inglaterra, França e Itália. Esse processo é absolutamente sui generis e não tem paralelo na história da filosofia anterior ou posterior (PORTA, 2020, p. 16-17).

Porta (2020) relata um processo em que a Filosofia estava, enquanto área do conhecimento, descaracterizando-se diante do avanço do psicologismo e no movimento que se somava a essa questão. Aponta-se, portanto, a distinção entre "o ser", da Psicologia, e o "dever ser", da Filosofia, produz uma distinção entre psicologia e lógica, como podemos ver na citação abaixo.

> O que a psicologia se propõe é a descrição da vida psicológica tal como ela é, evidenciando suas leis gerais e fazendo, assim, compreender por que, de fato, atribui-se validez a determinadas relações entre representações. Quando pretende ir além disso, cai em um círculo vicioso, pois uma teoria empírica aspira a, então, dar conta das condições de possibilidade de toda teoria empírica. A consequência necessária do psicologismo é o relativismo. [...] A lógica se propõe fornecer fundamentos de validez, e não causas de origem (PORTA, 2020, p. 99).

Nessa leitura proposta por Porta (2020), a distinção da Psicologia enquanto área do conhecimento foi importante não só para a Psicologia, como sinalizado por Schultz e Schultz (2014), mas, inclusive, para a própria Filosofia. Enquanto área de estudo, a Psicologia teve como referência o estudo sobre o homem, dirigindo-se para si mesmo reflexões que permitissem a compreensão sobre a constituição do indivíduo e de sua ação no mundo. Desse processo decorre o estudo de funções psíquicas, de sua cognoscibilidade, de seu comportamento, do que

[132] Porta (2020) sinaliza a abreviação do termo para PS. Nessa condição, o termo aparecerá abreviado nas citações diretas tal como utilizado pelo autor. Dada a limitação da tese, sugerimos a leitura do autor para o entendimento profundo sobre esse processo histórico.

é possível ser controlado, orientado ou ainda predito, reside nas questões psicológicas uma via de compreensão do sujeito. As respostas dadas a esse processo foram distintas ao longo do processo histórico. Tal ponto ganha ênfase na medida em que orienta alguns pesquisadores a se tratar da existência de *psicologias*. A consciência pode ser identificada enquanto um problema teórico que diferentes propostas epistemológicas, psicológicas e de abordagem buscarão responder. Não temos como pretensão esgotar a discussão sobre a consciência, tampouco não seria possível perpassar por diferentes autores/áreas da Psicologia que se debruçaram sobre a consciência. Enquanto caminho metodológico, destacamos três teorias a que Vigotski teve acesso em seu tempo histórico de reflexão sobre os processos psicológicos, dentro os quais, a consciência: a reflexologia, de Pavlov; a psicanálise, de Freud, o behaviorismo de Watson e Skinner, a Gestalt e a Psicologia Genética, de Piaget. Metodologicamente organizamos o item da seguinte forma:

(1) Apresentação geral da consciência na Psicologia a partir da síntese destaca no livro de Sergei Rubinstein, denominado *O Ser e a Consciência*. Nas passagens, Rubinstein (1968) percorre o estudo da consciência e do ser na fundamentação filosófica e psicológica, trazendo uma articulação dessa categoria ao longo do tempo.

(2) Destaques de Mueller (2003) sobre o processo de desenvolvimento histórico da Psicologia e das discussões elaboradas ao longo do período de origem da Psicologia enquanto uma ciência;

(3) Ênfase às Escolas de Psicologia e a que Vigotski teve acesso em seu tempo histórico, no qual buscaremos compreender, de forma geral, o sistema de conceituação da consciência que aparece explicita ou implicitamente na obra do autor. Para isso, discutiremos três autores a partir de produções acadêmicas na área e textos/obras pontuais que lance luz ao conceito de consciência: Ivan Pavlov (1849 – 1936) pela *Reflexologia,* Sigmund Freud (1856 – 1939) pela *Psicanálise*, John Watson (1878 – 1958) e Burrhus Skinner (1904 – 1990)[133] pelo *Behaviorismo*; A *Gestalt*, em diferentes autores que a sistematizaram; e Jean Piaget (1896 – 1980) pela *Psicologia Genética*[134].

(4) Para a finalização do presente capítulo, apresenta-se a defesa da busca pela categoria consciência na obra de Vigotski, reafirmando a tese a ser defendida ao longo da pesquisa.

[133] Burrhus Skinner não era contemporâneo de Vigotski no que concerne sua produção acadêmica. Dessa forma, não há registro de que Vigotski tenha se apropriado dos escritos do autor. Há registros de que Vigotski tenha tomado contato com o Behaviorismo de Watson. Contudo, ao tratar-se do Behaviorismo, sentimos a necessidade de situar essa Escola da Psicologia no que tange à compreensão da consciência.

[134] Vigotski dialoga com outros autores da psicologia, da fisiologia, da biologia e da medicina. Pela limitação da presente tese, fizemos a opção por apresentar a proposição desses três autores de forma geral. Sugere-se, para compreensão da consciência nessas teorias, a ida a seus autores clássicos.

A consciência na Psicologia

Diferentes abordagens e perspectivas buscaram respaldar a discussão sobre a consciência. Em algumas dessas abordagens, a consciência foi colocada à prova, como nos mostra Rubinstein (1968, p.22-23) "James[135] [...] na sua famosa comunicação 'Existe a consciência?[136]', apresentada no Congresso do Roma em 1904, proclama: 'a consciência evaporou-se'".

> Para James, profundo conhecedor de fisiologia e defensor da teoria da evolução das espécies pela seleção natural de Charles Darwin, a consciência existe como função auxiliar na adaptação dos organismos biológicos. Embora nos primórdios da psicologia e muito antes do desenvolvimento das ciências cognitivas, as ideias de James podem ser vistas como um vislumbre do desenvolvimento posterior ocorrido em áreas como a Neurociência e a Filosofia da Mente. Ao tirar a consciência de um mundo ideal onde não poderia ser investigada de forma empírica, e alocá-la no mundo real como mais uma das propriedades biológicas do organismo, James precocemente abriu o caminho para o desenvolvimento de concepções filosóficas e científicas sobre a mente que não recorrem ao mundo sobrenatural para explicar o que ocorre em nossas cabeças quando pensamos (BATISTA, 2010, p.175).

A representação de Willian James sobre a concepção de consciência advinha de uma visão de que o ser humano é um ser biológico que busca sobreviver em um sistema, e, portanto, é necessário que esse indivíduo seja explicado a partir das leis biológicas. Desse modo, a consciência, para esse autor, não existia. "Entretanto, havia uma função usualmente atribuída à consciência que não poderia ser sumariamente descartada. James chamava a isso de função cognitiva, ou função do conhecer" (KINOUCHI, 2004, p. 415). Contemporâneo a James, Sigmund Freud (1856-1939) propõe outro olhar para a consciência, alegando não só a existência da consciência, mas, também, do inconsciente, sendo o embate entre essas duas estruturas subjetivas e a sobredeterminação do inconsciente o guia e a orientação do indivíduo na realidade. Isto é, Gomes (2004) apresenta que para Freud[137], a consciência não é a única responsável pelo comportamento do ser humano, mas, em certa medida, há o peso maior de uma força que não se mostra completamente ao indivíduo, no qual, não se conhece a totalidade de sua estrutura: o inconsciente.

---

[135] Rubinstein (1968) refere-se a William James (1842-1910), psicólogo norte-americano e representante do pragmatismo na Psicologia (BATISTA, 2010).

[136] Título do texto original: "*Does 'Consciousness' Exist?*", in Essays in Radical Empiricism: New York, 1904.

[137] Dada à limitação do presente trabalho, não conseguiremos nos debruçar na totalidade sobre Freud e a psicanálise, apresentando as visões de diferentes autores existentes nessa área. No tópico posterior faremos alguns diálogos com Freud, mas, para aprofundamento, sugerimos a leitura dos clássicos da psicanálise.

> A solução freudiana do problema psíquico possui, na essência, um caráter espiritualista. É sabido que Freud se declara partidário de um "determinismo" psicológico rigoroso. Em primeiro lugar, segundo Freud, todo o psíquico se determina sempre pelo psíquico (em parte, Freud necessita do inconsciente porque no plano da consciência é patente a falta de tal continuidade na série dos fenômenos psíquicos). Em segundo lugar, interpretando a seu modo e generalizando arbitrariamente os casos de enfermidades psicogêneas, Freud considera os fenômenos psíquicos como o primário, e as transformações somáticas como o secundário, dependentes das modificações psíquicas. Decorre daí, portanto, que os fenômenos psíquicos seriam determinados pelos psíquicos e que estes o seriam, sempre, por fenômenos também psíquicos. O problema do psíquico fica, pois, focado num sentido espiritualista, e isto é o que, no plano teórico, une o freudismo com a ideologia religiosa espiritualista (RUBINSTEIN, 1968, p.31-32).

Ainda que o inconsciente tenha sido amplamente explorado por Freud, a consciência tinha também um lugar de destaque em seu plano teórico, não só admitindo a sua existência, mas, a sua relevância para a compreensão do ser humano. De acordo com Gomes (2004, p. 118):

> Seria um engano pensar que, por ser uma teoria e uma clínica do inconsciente, a psicanálise não se ocupa com a consciência. Basta pensar em toda a importância que a psicanálise dá ao discurso do paciente. Todas as representações e processos inconscientes de que trata a psicanálise só podem ser inferidos daquilo de que o paciente tem consciência.

Em contraposição à visão espiritualista de Freud, sistematiza-se na Psicologia uma abordagem fundamental para o desenvolvimento da área. O *behaviorismo* ou *comportamentalismo*, que teve como sistematizador John Watson (1878-1958) e Burrhus Skinner (1904-1990), ambos estadunidenses. Resguardas as particularidades entre os autores e as condições objetivas de síntese de cada um deles, o *behaviorismo*[138] produziu uma reflexão distinta em relação ao tratamento dado à consciência. Em uma crítica à visão espiritualista, o behaviorismo defendia a necessidade de compreender o indivíduo a partir de suas manifestações no comportamento e que só por essa via é possível um tratamento científico da Psicologia. Existem, portanto, críticas que sustentam que a *reflexologia*[139] e o *behaviorismo* negavam a existência da consciência. De acordo com Heidbreder (1933) a negação do fenômeno consciência para o behaviorismo subsidia-se na visão de que a consciência era uma

[138] Pela limitação do presente trabalho, não apresentaremos as divergências e rupturas na concepção do comportamentalismo, bem como não abarcaremos a constituição do campo denominado "Teoria Comportamental e Cognitiva", visto como uma ruptura do behaviorismo radical. Para aprofundamentos, sugerimos a leitura dos autores clássicos.

[139] Sistematizada por Ivan Pavlov (1849-1936), fisiologista russo, que, foi uma das referências teóricas para a construção do behaviorismo.

compreensão sobre a "alma", negada pelo behaviorismo, e, portanto, não era possível de uma análise científica. Por outro lado, há autores que defendem que o behaviorismo não nega a existência da consciência, apenas defendem que não seria passível uma análise objetiva a partir da teoria comportamental (MARX e HILLIX, 1973).

De acordo com Zilio (2011) há uma posição central nas críticas de que o behaviorismo negligência a consciência. O que o autor nos mostra são estudos da possível manifestação da consciência a partir do ato verbal e não-verbal e da manifestação enquanto experiência. Nesses termos, Zilio (2011) defende que há a necessidade de compreensão da extensão do conceito de consciência e que "o behaviorismo radical, suposto crítico da consciência, parece estar mais preparado para lidar com esse limite da ciência do que as atuais ciências da "mente" pautadas em modelos matemáticos e computacionais" (ZILIO, 2010, p.16).

Podemos identificar, portanto, a existência de campos da Psicologia que se relacionam a partir de um tensionamento entre o materialismo e o idealismo. Essa compreensão se arrasta para diferentes visões do indivíduo, do comportamento, da alma, do corpo, da natureza e também da consciência (RUBINSTEIN, 1968). Nesse sentido, a discussão sobre a consciência, por mais que não tenha sido a centralidade para algumas teorias psicológicas, compuseram, de alguma forma, o processo explicativo do funcionamento psicológico. Após aproximado ao campo psicológico, nos debruçaremos sobre a obra de algumas Escolas fundamentais para a Psicologia, e, inclusive, para a discussão da consciência.

A consciência[140] na teoria reflexológica de Pavlov

Ivan Pavlov nasceu em Riazan, na Rússia, em 26 de setembro de 1849 e faleceu em Leningrado no dia 27 de fevereiro de 1936. Pavlov foi um expoente fisiologista russo que inspirou o trabalho de diferentes áreas de estudo, fator que fica evidente pela premiação do Nobel de 1904 pelo seu trabalho desenvolvido sobre o reflexo condicionado (TODES, 2014). Contemporâneo de Vigotski, Pavlov teve como influência e impacto da Revolução Russa em 1917, que, de acordo com Hobsbawm (1998) influenciou decisivamente todas as ciências da época, dentre elas a Fisiologia – a que se vinculava Pavlov. Ricci e Tuleski (2012) buscam demonstrar que Pavlov estava vinculado a uma proposição de manutenção da burguesia enquanto classe dominante. Mesmo assim, a Reflexologia originada por Pavlov que buscará

[140] Para análise da questão da consciência em Pavlov, além de autores secundários, utilizamos textos de três conferências de Pavlov: *Os primeiros passos certos no caminho de uma nova investigação* (1904), *A Psicologia e a Psicopatologia Experimentais dos Animais* (1903) e *Estudo Científico dos assim chamados processos psíquicos nos animais superiores* (1906).

compreender a vinculação dos aspectos sociais com a ciência, torna-se ciência psicológica da União Soviética (URSS) a partir de 1950 (TOASSA, 2006).

Para nos aproximarmos da concepção de Pavlov sobre a consciência, faz-se necessário nortear um dos seus estudos de maior alcance e que garantirá o prêmio Nobel, além da influência em outra Escola de Psicologia, o Behaviorismo. Os estudos de Pavlov buscavam compreender a atividade digestiva em cães, desde a preparação salivar para recebimento do alimento, tanto quanto os processos internos pelo qual o alimento seguiria no cão.

> Não é por mero acaso que todos os fenômenos da vida humana são dominados pelo pão nosso de cada dia [...]. O primeiro estágio através do qual as substâncias alimentícias introduzidas de fora devem passar é o canal digestivo: a primeira ação vital exercida sobre essas substâncias, ou, para ser mais exato e objetivo, sua primeira participação na vida, no processo vital, é efetuada pelo que conhecemos como digestão (PAVLOV, 1984, p. 3).

Contudo, durante o seu experimento, Pavlov constatou um fenômeno que não havia sido previsto inicialmente. Em sua rotina para coleta da saliva, Pavlov identificava que na presença do alimento (estímulo excitante), o cão produzia uma resposta ao estímulo, que seria a salivação. Esses seriam, portanto, os estímulos inatos, ou, incondicionados. Todavia, Pavlov utilizava uma campainha para iniciar o procedimento da coleta. Esse barulho, inicialmente, exercia um papel de estímulo neutro, já que não se relacionava diretamente a coleta da saliva. Na repetição desse estímulo neutro, Pavlov identificou que o cão começava a responder ao estímulo (salivação) não mais somente pelo alimento (estímulo excitante), mas, pelo barulho da campainha (um estímulo neutro). Havia, portanto, sido condicionado um estímulo que não estava presente inicialmente no cão. Esse procedimento permitiu a *associação de estímulos*, originando o *reflexo condicionado* (PAVLOV, 1984)[141].

A partir dessas constatações, Pavlov (1984) chegou à conclusão da possibilidade de associação de estímulos para a constituição de reflexos condicionados e que esse processo consistiria em leis fixas governam fenômenos psíquicos nos animais. Enquanto área de formação, Pavlov adotava pesquisas que partiam da observação e da objetividade, transpondo esse princípio explicativo também ao ser humano, à medida que a consciência aparece, também, enquanto um reflexo. Observamos a citação a seguir:

> Há trezentos anos Descartes, considerando que a actividade dos animais, em oposição à do homem, era automática, estabeleceu uma noção de reflexo, acto fundamental do sistema nervoso. Toda a actividade do organismo é a resposta necessária deste a algum

[141] Trata-se de uma simplificação do experimento de Pavlov (1984). Para detalhes, sugerimos a leitura da obra no qual Pavlov descreve cada um dos passos adotados.

> agente considerado numa relação de causa e efeito, relação esta que se estabelece por intermédio, de uma via nervosa determinada (PAVLOV, 1976, p. 60).

Pavlov (1976, 1984) sinaliza, portanto, que o ser humano seria uma máquina submetida a leis naturais, tal como a natureza. Inclusive, refere-se ao indivíduo enquanto uma "[...] extraordinária máquina" (PAVLOV, 1984, p. 41). A consciência, nesse processo, torna-se parte do funcionamento do córtex cerebral e sua explicação, tal como o funcionamento do cão, está vinculado aos processos físicoquímicos e do ambiente nessa regulação. Dessa forma, apesar do homem não ser um cão, ou um animal, há uma mesma estrutura que rege nossa atividade nervosa e, nesses termos, não teríamos diferenciações em relação aos demais animais no sentido das *leis de funcionamento*.

Teremos a oportunidade de nos aprofundarmos um pouco mais na teoria de Pavlov no momento de interlocução com Vigotski. Como a Reflexologia era a teoria oficial da época, Vigotski se propõe a refletir, dialogar e discutir questões que auxiliaram na diferenciação e sistematização da Psicologia Histórico-Cultural. No tópico seguinte nos debruçaremos na teoria freudiana sobre a consciência.

A consciência[142] na teoria psicanalítica[143] freudiana

Considerada como uma psicologia das profundezas (MUELLER, 2003), Sigmund Freud (1856 – 1939) foi um médico vienense que se dedicou a refletir sobre os processos psíquicos e contribuiu consideravelmente para a modificação dos paradigmas tidos até então em relação aos processos subjetivos e às possibilidades de compreensão do ser humano e de sua vida psíquica. De acordo com Roudinesco e Plon (1998) o termo Psicanálise tem origem na própria sistematização de Freud, que, compreende enquanto uma síntese de diferentes conceitos e teorias elaborados por pesquisadores no mesmo tempo histórico de Freud, bem como a incorporação e rejeição de teorias já desenvolvidas por outras áreas de conhecimento.

[142] Além da utilização de autores secundários, nos sustentamos em três obras de Freud para pensar a questão da consciência: *A Interpretação dos Sonhos* (1900), *Cinco Lições de Psicanálise* (1915/1970), e *Para Além do Princípio de Prazer* (1920/2020).

[143] A Psicanálise não se resume a Freud. Ao longo do processo de síntese, surgiram diferentes escolas dentro da psicanálise que, em certa medida, recuperaram a produção de Freud, avançaram, ou, em alguns casos, romperam com o autor. Pela pluralidade, densidade e complexidade teórica, não seria possível tratarmos dessas distinções, até mesmo porque apenas tangenciamos a proposta de Freud. Isto se justifica porque somente um mergulho a Freud já sustentaria uma tese. Citamos alguns autores que compõe essas escolas e indicamos a leitura dos clássicos para uma compreensão mais ampla. Atualmente, existem sete escolas de psicanálise. Na escola freudiana destacam-se *Karl Abraham*, *Sandor Ferenczi*, *Wilhelm Reich* e *Anna Freud*. Na escola que se debruça na teoria das relações objetais destaca-se *Melanie Klein*. Na escola da psicologia do Ego, destaca-se *Margaret Schönberger Mahler*; Na escola do *Self*, destaca-se *Heinz Kohut*. Fundador de outra escola, *Donald Woods Winnicott*, a Escola de *Bion* e, por fim, na escola francesa, *Jacques Lacan*. Cada um desses autores de referência também tiveram novos seguidores que estruturam a complexa constituição da teoria psicanalítica (ZIMERMAN, 2008).

Em termos gerais, a Psicanálise pode ser compreendida de duas formas. De um lado, essa é uma base teórica, ou seja, um método de investigação que pode ser apropriado por diversas áreas do conhecimento. Além disso, é também uma prática profissional, atrelada, em especial, a áreas como a Psicologia e a Psiquiatria. No primeiro eixo enquadram-se às possibilidades de apropriação do método para compreender o indivíduo em sua complexidade, produzindo sistemas conceituais sobre diferentes perspectivas de estudo. Em um segundo ponto, reside-se a tentativa de tratamento, a busca pela cura, a análise propriamente dita. A Psicanálise, de forma geral, foi tida enquanto um método que buscou desenvolver duas categorias fundamentais: o inconsciente e a sexualidade, sendo esses dois conceitos centrais e universais da subjetividade humana (ROUDINESCO e PLON, 1998).

A Psicanálise, portanto, foi para além da Psicologia, inclusive no tempo histórico de Freud, denominando os processos de estudo do psíquico enquanto uma proposta *metapsicológica* (FREUD, 2019). Atualmente, a Psicanálise fornece conteúdo explicativo também para outras áreas do conhecimento, como a Filosofia, a Sociologia, a Antropologia, a História e a Educação, por exemplo. Ressalta-se, portanto, a relevância dessa teoria na condição explicativa de uma subjetividade diferente das proposições que se tinham até então.

Freud (1970) se depara com situações no plano clínico, no início do século XX, em que se buscava a cura de doenças e sintomas que não tinha uma correspondência anatofisiológica. Naquele momento, estavam surgindo importantes trabalhos e produções sobre a loucura e a sexualidade (ROUDINESCO e PLON, 1998). Freud não foi o primeiro a buscar outro olhar à loucura e ao sofrimento mental. Herrmann (2015) aponta que no final do século XIX, houve um grande esforço para compreender a loucura e explicá-la cientificamente, resultando, ainda hoje, classificações importantes no olhar às questões mentais. Inicialmente, havia uma tentativa de identificar biologicamente determinadas doenças, e, ao não se achar uma explicação fisiológica, resultava-se no entendimento de uma *doença mental*, no quais os médicos não viam possibilidades de cura. Assim, "em matéria de cura, houve pouco avanço naquele tempo. Principalmente a loucura do dia a dia permanecia inexplicável e incurável" (HERRMANN, 2015, p.16). Na estruturação da Psicanálise no contexto clínico há a preocupação de terapia e/ou tratamento pela fala, instituindo uma clínica da escuta, incorporando a ideia de transferência entre terapeuta e paciente (ROUDINESCO e PLON, 1998).

Freud depara-se com um silenciamento e uma invisibilização das pessoas acometidas com doenças de ordem psíquica. A histeria, por exemplo, definida por Freud (1970, p. 9) como "todo um conjunto de graves perturbações" em que geral acometia mulheres, que, Freud (1970) sistematiza a compreensão de que essas perturbações poderiam ter origem no controle de sua

sexualidade da época, no qual, as mulheres desenvolviam sintomas que facilmente poderiam ser confundidos como de ordem biológica como, por exemplo, ataques de angústia, paralisias, dores, ataques epiléticos, perda dos sentidos e outros sintomas. A tentativa de tratamento a essas questões restringia-se a busca biológica pela causa e, quando não se encontrava, essas pessoas eram tratadas por um julgamento moral que não reconhecia enquanto legítimo seu sofrimento (FREUD, 1970).

É nesse contexto que Freud começa a ter contato com estudos que tratam da questão da histeria. Inicialmente, junto à Charcot e Breuer (FREUD, 1970), Freud conhece o método hipnótico enquanto acesso a uma condição humana que não se mostra conscientemente. No qual, a fala do paciente é que se tornava a referência para a cura. Assim, esse elemento nos indica uma primeira aproximação de Freud em relação ao papel da consciência em sua teoria:

> Verificou-se logo, como por acaso, que, limpando-se a mente por esse modo, era possível conseguir alguma coisa mais que o afastamento passageiro das repetidas perturbações psíquicas. Pode-se também fazer desaparecer sintomas quando, na hipnose, a doente recordava, com exteriorização afetiva, a ocasião e o motivo do aparecimento desses sintomas pela primeira vez (FREUD, 1970, p. 4).

Durante as situações de hipnose, percebia-se a manifestação de uma esfera do indivíduo diferente, que, tornava possível a exteriorização de questões profundas relacionadas aos sintomas. Na situação de hipnose, a fala revelava aquilo que Freud (1970) denomina de *método catártico*. Esse fora entendimento da possibilidade de vivência das situações vividas, bem como enquanto uma síntese do sofrimento. Nessa direção, Freud (1970) compreende o indivíduo enquanto um ser fragmentado, cindido entre uma estrutura que conduz o nosso comportamento que não é plenamente acessível e que constitui uma parte preponderante do nosso *Eu*. Esse aspecto pode ser visto no seguinte trecho:

> Uma segunda observação de Breuer obriga-nos agora a atribuir grande significação aos estados de consciência para a característica dos fatos mórbidos. A doente de Breuer exibia, ao lado de seu estado normal, vários outros de ‘absence’, confusão e alterações do caráter. Em estado normal ela ignorava totalmente as cenas patogênicas ou pelo menos havia rompido a conexão patogênica. Sob hipnose era possível, depois de considerável esforço, trazer tais cenas à memória, e por este trabalho de evocação os sintomas eram removidos. Ficaríamos em grande perplexidade para interpretar esse fato se a experiência do hipnotismo já não nos tivesse indicado o caminho. Pelo estudo dos fenômenos hipnóticos tornou-se habitual a concepção, a princípio estranhável, de que num mesmo indivíduo são possíveis vários agrupamentos mentais que podem ficar mais ou menos independentes entre si, sem que um ‘nada saiba’ do outro, e que podem se alternar entre si em sua emersão à consciência. Casos destes, também ocasionalmente, aparecem de forma espontânea, sendo então descritos como exemplos de ‘double consciente’. Quando nessa divisão da personalidade a consciência fica constantemente ligada a um desses dois estados, chama-se esse o

> estado psíquico ‘conscience’ e o que dela permanece separado o ‘inconsciente’ (FREUD, 1970, p. 9).

Na esteira da compreensão do homem fragmentado, este é governado por uma ação inconsciente e a escuta ao paciente permitiria ao analista identificar fenômenos que não estão na esfera consciente. Nessa compreensão o sofrimento que não consciente afeta o corpo (FREUD, 1970). A teoria defende, portanto, que o sofrimento humano pode ser o desdobramento de algo que está *para além* da consciência e, mais, que no processo de constituição do indivíduo, quem determina não é a consciência, mas, há a sobredeterminação do inconsciente. Portanto, todo sujeito para a Psicanálise, é um sujeito dividido.

> A incidência da Psicanálise no discurso filosófico interpelou este numa tradição teórica muito especial, a qual se centrava fundamentalmente na concepção de *sujeito*. Com efeito, a filosofia do sujeito foi questionada pela Psicanálise [...] na medida em que para ela o sujeito estaria sempre inscrito no campo da consciência e se enunciava no registro do eu, enquanto a Psicanálise formulou o *descentramento* do sujeito em ambos os registros citados (BIRMAN, 2003, p. 8, grifo do autor).

Birman (2003) expressa que essa compreensão do indivíduo que não é dono de si mesmo e, então, a sua consciência ocupa um papel secundarizado, ou como mais uma das funções existentes no aparelho anímico (FREUD, 2019). Em *A Interpretação dos Sonhos*, Freud (1900, p. 131) dará a seguinte definição de consciência:

> A propósito, isso nos permite formar um quadro bem definido da “natureza essencial” da consciência: vemos o processo de conscientização de algo como um ato psíquico específico, distinto e independente do processo de formação de uma representação ou ideia; e encaramos a consciência como um órgão sensorial que percebe dados surgidos em outros lugares.

A consciência, portanto, pode ser compreendida como uma espécie de *foco*, de sensação e percepção de questões da realidade que não substituem a função da memória. Além disso, a consciência não é um estado permanente e, consequentemente, pode sofrer censuras do *pré-consciente*. Mesmo assim, a consciência, como vimos anteriormente, pode auxiliar o indivíduo na diminuição de seu sofrimento, tendo, portanto, uma qualidade psíquica. Nesses termos, há uma famosa e discutida passagem que diz que: o “Eu não é senhor em sua própria casa” (FREUD, 1917/2010, p. 186). Isso significa que a Psicanálise descentraliza a consciência enquanto um processo explicativo do ser humano. É por isso que o inconsciente é compreendido por muitos pesquisadores enquanto a centralidade da Psicanálise, um campo de estudo, que estabelece uma lógica outra, não a da consciência, para explicar o inconsciente e o próprio

homem, já que o inconsciente não é "[...] uma consciência que não se mostra, mas de outra coisa inteiramente distinta. [Freud] Fala-nos de um sistema psíquico" (GARZIA-ROSA, 2009, p. 170).

Após identificarmos questões referentes à consciência na teoria freudiana, nos debruçaremos no entendimento do Behaviorismo sob a contribuição de dois autores, John Watson e Burrhus Skinner.

A consciência[144] no Behaviorismo de Watson e Skinner

A ideia central do Behaviorismo é que é possível uma ciência do comportamento. Esse consenso existente no campo, todavia, é diverso na questão sobre *o que é ciência* e *o que é comportamento* para os behavoristas (BAUM, 2006). A reflexologia pode ser identificada enquanto uma das referências ao Behaviorismo. Em 1913, John Watson publica o seu manifesto denominado *Psychology as the behaviorist views it* publicado na revista de *Psychological Review* que é reconhecido enquanto a origem do behaviorismo enquanto uma área de estudo. Por esse motivo, Watson é considerado enquanto um dos fundadores dessa escola na psicologia (STRAPASSON, 2012).

Ardila (2013) apresenta que Watson nasceu em 1878, na cidade de Greenville, no estado Carolina do Sul, nos Estados Unidos. Watson tinha interesse pelo estudo da filosofia, e especificamente pela epistemologia, o que o conduziu à psicologia experimental. Influenciado pelas ideias de John Dewey, James Angell e funcionalistas da Escola de Chicago, na Universidade John Hopkins, em Baltimore, realizou grande parte de suas pesquisas experimentais, tanto com animais quanto com participantes humanos. Um dos experimentos mais importantes que conduziu é conhecido como o "Experimento do Pequeno Albert". Watson escreveu diversos artigos científicos e livros para socializar suas ideias, bem como estabelece um debate com psicólogos tradicionais de sua época, em geral, vinculados à perspectiva introspectiva, que consideravam a psicologia enquanto uma ciência da mente. Sobre a produção de Watson, Mueller (2003, p. 409) pontua que:

> [...] a psicologia enquanto ciência abstrata lhe parecia estar desprovida de valor prática, sendo o verdadeiro interesse para o educador, o advogado, o médico, o industrial, o comerciante... Está fora de dúvida que a inspiração de Watson tem suas raízes no utilitarismo de nossa época e muito particularmente na eficiência ao modo americano.

[144] Além de autores secundários, foram utilizados duas obras de Burrhus Skinner: *Ciência e comportamento humano*, originalmente publicado em 1953 *e Contingências do reforço: uma análise teórica*, publicado de 1969.

De acordo com Lashley (1923), sobre a produção de Watson, considerava-se de que a consciência e fatos conscientes existem, mas, não servem enquanto formas explicativas e tratamento científico. Dessa forma, não era uma questão investigada por Watson porque não poderia ser demonstrada experimentalmente. Nesse processo, são elaboradas algumas compreensões sobre a consciência em Watson. A primeira é de que a mente existe enquanto substância imaterial, todavia, a única forma de acessar o conhecimento científico é através da observação, já que esse é o método seguro de verificação científica. A segunda perspectiva, portanto, está vinculada a uma perspectiva de acessar e de se conhecer o objeto de estudo. Assim, a produção de Watson tem como foco comportamentos observáveis, deixando-se de lado questões que dependeriam de um relato subjetivo.

Burrhus Skinner, nascido em 20 de março de 1904, é um dos autores que deu continuidade ao desenvolvimento do behaviorismo e cunha-se o termo ao se tratar do psicólogo enquanto *behavorista radical*. Skinner utiliza-se da síntese de Pavlov sobre reflexo condicionado e insere a compreensão de condicionamento operante, que seria a relação do organismo com o ambiente que o cerca (AZZI, 1984). Em certa medida podemos compreender um prosseguimento nas ideias de Watson e, em outro sentido, a tentativa de superação das compreensões de Watson. No estudo de Skinner é necessário

> [...] extrapolar a perspectiva das ciências física e biológicas para o estudo do comportamento humano, e eliminar da psicologia todos os conceitos que não possam tornar-se operacionais pela mensuração e quantificação, como as noções de "atitude", "inteligência", "emoção", "estado de espírito", "memória", "traço de personalidade", "inconsciente" e muitas outras (AZZI, 1984, p. 165).

Nesses termos, Rose, Bezerra e Lazarin (2012) apontam que a consciência também é considerada como difícil de ser submetida aos métodos de investigação empírica que o behaviorismo radical dispõe. Afinal, "[...] a ciência trabalha com aquilo que podemos observar, manipular e medir, e podemos fazê-lo, dentro de certos limites, com o comportamento e também com o corpo dos organismos" (ROSE, BEZERRA e LAZARIN, 2012, p. 189).

Na compreensão sobre o indivíduo Skinner (1984) sugere que o comportamento é composto pela interrelação entre três níveis: filogenético, ontológico e cultural. Dessa forma, para o behaviorismo radical, o comportamento tem uma íntima relação sobre aquilo que cerca o indivíduo, que sofrem modificações ao longo da sua história enquanto espécie.

> Há tempos atrás pensava-se o meio ambiente como o simples lugar onde os animais e homens viviam e se comportavam. Poderiam se comportar de maneiras distintas, em lugares diversos, mas não seria porque os lugares fossem diferentes. O ambiente era

> cenário imprescindível, que talvez favorecesse ou dificuldade o comportamento (SKINNER, 1984, p. 179).

Nesse sentido, um primeiro elemento é de que o comportamento, nos níveis apresentados, (1) está vinculado aos aspectos da adaptação da espécie selecionados e transmitidos em nível genético, (2) o ontológico diz respeito ao repertório histórico de reforçamento, que apresentam cada evento com estímulos positivos (como exemplo o afago, comida ou água) e negativos (choque, luz forte ou som alto, por exemplo) que constituem nosso modo operante de acordo com nossas experiências que aumenta ou diminui a prevalência de um comportamento; (3) o cultural, vinculado ao ambiente social, que traz valores como "bom" ou "ruim" por meio de instituições regulatórias, como a igreja e a escola (SKINNER, 2003),

Nesses termos, ainda que persista o problema de um conteúdo consciente não ser facilmente acessado e por serem eventos privados, a interpretação da consciência reside em "[...] considerar o papel dos estímulos, ou melhor, do controle que esses estímulos exercem sobre o comportamento operante" (ROSE, BEZERRA e LAZARIN, 2012, p. 191). Por isso, a consciência, para Skinner (1984, 2003) é, antes de tudo, comportamento. Esse comportamento é constituído de eventos influenciados pelos três níveis explicitados por Skinner (2003). Rose, Bezerra e Lazarin (2012) apresentam que a consciência tem uma íntima relação com o autoconhecimento, já que uma possibilidade de acesso seria "[...] nos observar e descrever sempre que nos comportamos, e também porque as contingências de reforço a que estamos submetidos continuam sendo efetivas mesmo quando não temos conhecimento delas" (ROSE, BEZERRA e LAZARIN, 2012, p. 205).

Após a identificação geral da consciência no quadro do behaviorismo, buscaremos compreender uma abordagem fenomenológica da consciência a partir da teoria da Gestalt..

A consciência[145] na Gestalt

A Gestalt é uma escola psicológica vinculada à fenomenologia. Sua síntese é composta por diversos autores, como Max Wertheimer (1880-1943), Kurt Koffka (1886-1941), Kurt Lewin (1890-1947), Wolfgang Köhler (1887-1967) e também, Fritz Perls (1893-1970) que fez o uso dessa perspectiva, no qual a denominou de *Gestalt-Terapia* (GOMES, 2001). Não há um consenso sobre a tradução do termo alemão Gestalt. A aproximação que é feita compreende-se

[145] Além de autores secundários, foram utilizados três textos publicados em inglês: *An introduction to the Gestalt-theorie* (1922), de Kofka; *Gestalt Psychology Today* (1959), de Köhler e *Laws of Organization in Perceptual Forms* (1923) de Wertheimer.

a ideia de forma e uma entidade que possui diferentes atributos e formas. Grosso modo, a compreensão da Gestalt seria a forma como as coisas são concebidas (HOLANDA, 2009).

A base filosófica que fundamenta a Gestalt é a *fenomenologia*. Marcando uma clara distinção ao positivismo e à perspectiva behaviorista, a Gestalt se baseia na ideia de "figura e fundo" que se manifesta na organização psicológica do indivíduo (MULLER-GRANZOTTO e GRANZOTTO, 2004). A percepção do todo e das partes está intimamente relacionada ao ideário desenvolvido pela fenomenologia à sua época, incorporando elementos que vinham sendo discutidos na Filosofia. Aliás, foi a partir da Filosofia que uma "linguagem psicológica" convoca apropriações distintas dessa perspectiva para a Psicologia (AMATUZZI, 2009).

A incorporação da fenomenologia na Psicologia não se encerra na Gestalt, já que, a "[...] 'psicologia fenomenológica' é a expressão cunhada e desenvolvida por Edmund Husserl para o estudo da consciência psíquica (vivências psíquicas) na relação com a consciência transcendental, no intuito de ser uma ciência fundamental para a psicologia" (ORENGO, HOLANDA, GOTO, 2020, p. 2).

De forma geral, para a Gestalt, há a importância em identificar os dados reais da experiência.

> A psicologia da Gestalt sofreu com o seu nome, dado que não especifica a sua natureza. A melhor maneira de caracterizar a psicologia da Gestalt é dizer que ela lida com todos e que seus dados são fenômenos. Além disso, outras distinções são importantes. Ao se falar em *gestalt*, está-se referindo a um princípio, em torno do qual se organizou uma escola (HOLANDA, 2009, p. 58, grifo do autor).

Esses dados são extensos e organizados, o que tem uma implicação para a compreensão de consciência: esses elementos não são apreendidos em sua totalidade e não se encontram nem na consciência, nem no comportamento. Os atos são organizados, portanto, de dentro para a fora e têm sentido e significados estabelecidos pela relação entre todo e a parte (HOLANDA, 2009). Sobre esse processo de percepção, Köhler (1959, p. 727) sinaliza que:

> Segue-se que, se o movimento visto é o resultado perceptivo de uma interação, essa interação ocorre fora do campo perceptivo. Assim, o movimento aparente confirmou a suspeita mais geral de Wertheimer: não podemos supor que a cena perceptual seja um agregado de elementos não relacionados porque os processos subjacentes já estão funcionalmente inter-relacionados quando essa cena emerge, e agora exibe os efeitos correspondentes. Podemos descobrir apenas examinando a situação física.

De acordo com os gestaltistas, não há como determinar um sistema isolado, tal como pensado no estruturalismo ou no behaviorismo. Afinal, quando nos deparamos com algo, percebemos o todo e posteriormente decompomos esse todo em partes. Dessa forma, todo é anterior às partes e na medida em que há a decomposição do todo em partes, esse deixa de ser

o todo anterior e passa a ter um significado completamente distinto. Reside, nessa compreensão, o que se chamou de relação entre *figura-fundo*. A figura percebida está sempre composta através de uma estrutura do fundo. O fundo é mais permeável a mudanças do que a própria figura recortada (HOLANDA, 2009). Ou seja:

> Tal princípio conduz a opor-se ao fracionamento analítico da vida psíquica a consideração de formas, de estruturas, de conjuntos admitidos como realidades primitivas. Toda percepção é de uma figura sobre um fundo. Portanto, se trata essencialmente de descrever estruturas perceptivas globais visando reduzir a leis seus aparições e transformações; sobretudo, se tratará de mostrar como a organização interna que as condiciona modifica os elementos que a compõem; e como com a transformação de um só elemento para modificar uma estrutura global (MUELLER, 2003, p. 414).

Esse processo leva aos gestaltistas a uma crítica ferrenha ao que vinha sendo produzido na Psicologia até então.

> A prisão era a psicologia ensinada nas universidades quando ainda éramos estudantes. No momento, ficamos chocados com a tese de que todos os fatos psicológicos (não apenas aqueles na percepção) consistem em átomos inertes não relacionados e que quase os únicos fatores que combinam esses átomos e, portanto, introduzem a ação são associações formadas sob a influência da mera contiguidade. O que nos perturbou foi a total falta de sentido dessa imagem, e a implicação de que a vida humana, aparentemente tão colorida e intensamente dinâmica, é na verdade um aborrecimento assustador. Isso não era verdade em nosso novo quadro, e sentimos que novas descobertas estavam fadadas a destruir o que restava do antigo quadro (KÖHLER, 1959, p. 728).

A percepção ocupa, dessa forma, um papel central para o estudo na Gestalt. Oviedo (2004) sinaliza que "Existe um consenso científico em considerar o movimento da Gestalt como um dos esforços mais sistemáticos e fecundos na produção de seus princípios [percepção] explicativos" (p. 89). Koffka (1922) pontua que a Psicologia da Gestalt pode ser compreendida também enquanto uma teoria da percepção. Fora a partir do estudo da percepção que se tornou possível uma investigação experimental que constitui-a enquanto uma teoria psicológica.

A partir da elaboração de Koffka (1922) compreende-se que a consciência é composta por três estruturas: a *sensação*, a *atenção* e a *associação*, como apresentado a seguir:

> [...] a sensação é uma função direta e definitiva do estímulo. Dado um certo estímulo e um órgão sensorial normal, sabemos que sensação o sujeito deve ter, ou melhor, sabemos sua intensidade e qualidade, enquanto sua "clareza" ou seu "grau de consciência" depende de ainda outro fator, a saber, atenção (KOFFKA, 1922, p. 534).

A associação estaria vinculada ao processo que conduz a *ida e volta de ideias*. Vinculado à memória, a associação é baseada no conceito entre imagem e sensação. A associação se

constituiria do laço que se forma entre cada um dos elementos em relação ao todo. Na esteira dessa compreensão, Wertheimer (1923) estabelece leis de organização de formas perceptuais. Dessa forma,

> Quando somos apresentados a uma série de estímulos, geralmente não experimentamos "uma série" de coisas individuais, esta, aquela e aquela. Em vez disso, conjuntos maiores separados e relacionados uns com os outros são dados na experiência; seu arranjo e divisão são concretos e definidos (WERTHEIMER, 1923, p. 71).

A consciência[146] na Psicologia Genética de Piaget

Jean Piaget, nascido na Suíça em 1896, é o criador de uma área denominada de *Epistemologia Genética*. Sob esse escopo teórico, foi constituído um centro de estudos denominado de Fundação Rockefeller, em Genebra, que trata de diversos estudos em diferentes complexidades: as primeiras palavras de um bebê e complicados problemas de cibernético. Piaget tornou-se e definia a si mesmo enquanto um psicólogo e um investigador da gênese do conhecimento (MACEDO, 1983).

> A epistemologia genética criada por Piaget não é, assim, uma disciplina filosófica, como a epistemologia tradicional. Em primeiro lugar, porque se afasta de toda especulação, estudando a gênese das estruturas e dos conceitos científicos, tal como de fato se constituíram em cada uma das ciências; em segundo lugar, porque procura desvendar através da experimentação os processos fundamentais de formação do conhecimento na criança. A epistemologia genética também não é uma ciência entre outras, mas uma matéria interdisciplinar que se ocupa com todas as ciências (MACEDO, 1983, p. VII).

Desde o início de sua adolescência, Piaget aproxima-se das ciências a partir da observação e investigação de animais. Aos dez anos, registra notas sobre um pardal. Posteriormente, passa a trabalhar como assistente voluntário em um museu estudando moluscos. Todavia “Seu interesse, entretanto, não se limitava aos moluscos, estendendo-se ao campo da religião, da biologia, da sociologia e da filosofia” (*idem*, p. X). Licenciando-se em 1915, Piaget completa o seu doutorado em 1918 com a tese sobre moluscos. Esses estudos pautados na biologia orientaram a compreensão de que o conhecimento poderia estar dependente de equilíbrio orgânico e de ações externas que submetem o pensamento a uma organização lógica (MACEDO, 1983).

[146] Para estruturação da argumentação, tomamos como referência três obras: *Problemas de psicologia genética*, *A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação* e *A Epistemologia Genética*.

Nesse sentido, de acordo Macedo (1983), para Piaget, a inteligência é adaptação e sua função seria a estruturação do meio ambiente em dois níveis de organização: a assimilação e a acomodação. Dessa forma, assimilação e acomodação são mecanismos complementares que ocorrem de forma interdependente em que a adaptação do indivíduo ocorre por meio da equilibração desses dois mecanismos. Em relação à assimilação, podemos ver a seguir:

> Piaget entende o termo assimilação como acepção ampla de uma integração de elementos novos em estruturas ou esquemas já existentes. A noção de assimilação, por um lado, implica a noção de significação e por outro expressa o fato fundamental de que todo conhecimento está ligado a uma ação e de que conhecer um objeto ou um acontecimento é assimilá-lo a esquemas de ação. Em outros termos, conhecer, para Piaget, consiste em operar sobre o real e transformá-lo, a fim de compreendê-lo, em função do sistema de transformação a que estão ligadas todas as ações. Piaget denomina esquema de ação aquilo que numa ação é transponível, generalizável ou diferenciável de uma situação para a seguinte (MACEDO, 1983, p. XI).

O entendimento do desenvolvimento e da aprendizagem, em Piaget, demonstra seu interesse pela Sociologia e pela Psicologia, pois compreendia que a elaboração sob essa relação entre as ciências produziria um avanço à Epistemologia Genética (DONGO-MONTOYA, 2017). Piaget morre em Genebra no ano de 1980 deixando obras, o desenvolvimento de uma teoria do desenvolvimento e inúmeras contribuições para a educação (MACEDO, 1983).

A relevância de Piaget para a educação é notável para diferentes disciplinas pedagógicas, como aponta Freitas (2002), Castellar (2005), Sequeira (1990), bem como para a discussão sobre educação especial (MEZZOMO, 2010). A produção do conhecimento nos demonstra, portanto, a incorporação da teoria piagetiana no contexto da educação[147]. Na educação, identifica-se a importância do autor à medida que o conhecimento e a apropriação do conhecimento eram conceitos que Piaget desenvolve, como podemos ver a seguir:

> A episteme piagetiana concebe o sujeito como um sujeito do conhecimento, um sujeito da racionalidade. Piaget se inscreve na tradição iniciada na Modernidade com Descartes quando a subjetividade tornou-se o princípio de toda a certeza, inclusive a da própria existência do mundo. Apontar as idiossincrasias do sistema piagetiano, retraçar seus compromissos epistemológicos significar tornar inequívoca a vinculação de sua teoria a uma determinada concepção do saber, especificamente àquela que se configura pela sua disposição de análise e do valor conferido à racionalidade (CORREA, 1990, p. 59-60).

Desse modo, cabe buscar referências que nos permita identificar como é caracterizada e constituída a categoria consciência no autor. Piaget (1973) apresenta que a Psicologia

[147] Não temos como avaliar o aprofundamento teórico de cada uma das produções existentes. Todavia, constata-se o grande volume de artigos, teses e dissertações fundamentados em Piaget.

compreendia dados da consciência enquanto uma impossibilidade de analisá-la de forma causal. Dessa forma, para o autor, há a necessidade de refletir sobre a consciência vinculada às condutas, que também era um problema existente na Sociologia. De forma geral, a compreensão está na ideia de ação, que são "[...] ações executadas em comum para assegurar a vida do grupo social em função de certo meio material, ações concretas e técnicas, que se prolongam em representações coletivas, em vez de derivar delas, a título de aplicações" (PIAGET, 1973, p. 24).

Para Piaget é tão importante compreender a consciência a partir da ideia de tomada de consciência, no qual há uma conceituação do indivíduo sobre sua própria ação. Essa compreensão auxiliaria a intervenção em situações de aprendizagem, compreendendo o processo de acertos e erros (SANTOS, ORTEGA e QUEIROZ, 2010). Há uma íntima relação entre conhecimento e consciência, como pode ser visto na citação a seguir:

> De uma parte, o conhecimento não procede, em suas origens, nem de um sujeito consciente de si mesmo nem de objetos já constituídos (do ponto de vista do sujeito) que a ele se imporiam. O conhecimento resultaria de interações que se produzem a maio caminho entre os dois, dependendo, portanto, dos dois ao mesmo tempo, mas em decorrência de uma indiferenciação completa e não há intercâmbio entre formas distintas. De outro lado, e, por conseguinte, se não há, no início, nem sujeito, no sentido epistemológico do termo, nem objetos concebidos como tais, nem, sobretudo, instrumentos invariantes de troca, o problema inicial do conhecimento será pois o de elaborar tais mediadores (PIAGET, 1983, p. 6).

Dessa forma, apresenta-se que a maturação fisiológica é uma condição necessária, mas não suficiente para o desenvolvimento psíquico, já que esse também envolve uma atividade de exercício, no curso da experiência, através do controle e da inteligência, permitindo, assim, a progressiva acomodação dos esquemas que envolvem a realidade (MUELLER, 2003). Essa construção de esquemas mostra-se, portanto, fundamental para a compreensão e interpretação da realidade.

Nesse sentido, Macedo (1999, p. 164) aponta que "[...] a tomada de consciência é sempre de uma ação", permitindo, por meio da experiência, a análise em relação seu êxito ou fracasso, permitindo novas regulações e novas relações entre sujeito e objeto (PIAGET, 1973, 1978). Após identificado as questões gerais que estão presentes na possível compreensão sobre a consciência no autor, buscaremos, no próximo tópico, apresentar a opção teórico epistemológica pelo estudo de Vigotski, bem como o desdobramento da tese a partir dos elementos discutidos.

ANEXO II – A PRODUÇÃO ACADÊMICA SOBRE A CONSCIÊNCIA: O ESTADO DA ARTE

LEVANTAMENTO DA CONSCIÊNCIA NAS PRODUÇÕES DE ARTIGOS 2015-2020

Para compreender os fundamentos que tem norteado a produção de conhecimento referente à "consciência", buscamos analisar os artigos disponibilizados na plataforma Scielo que tivesse em seu título o termo "consciência". Em uma primeira busca, sem a determinação de parâmetros encontramos quatrocentos e cinco artigos publicados com a consciência no título, de 1999 a 2020. Dessa forma, para refinar os resultados, propusemos alguns filtros, como: artigos que fossem publicados no Brasil (trezentos e vinte resultados), que estivessem em português (trezentos e quinze resultados), publicados nos últimos cinco anos (cento e trezes resultados) e que estivessem em áreas afins da Educação e da Psicologia, no qual chegamos a vinte e dois resultados. Apresentamos no quadro 1 os autores, títulos dos artigos, revista onde fora publicado e as principais referências e discussões propostas pelos artigos.

Quadro 1 – Artigos publicados nos últimos cinco anos (2015 – 2020) que tem o termo "consciência" no título.

	AUTOR, ANO TÍTULO	LOCAL DE PUBLICAÇÃO	REFERÊNCIA TEÓRICA/ÁREA DE ESTUDO
01	ARAGÃO, Sílvia; MORAIS, Artur (2020) *Artigo - Como crianças alfabetizadas com o método fônico resolvem tarefas que avaliam a consciência fonêmica?*	Educação em Revista.	Consciência fonológica;
02	RODRIGUES, Pauliana; POSTALLI, Lídia (2019). *Habilidades de consciência fonológica promovidas pelo ensino de leitura e escrita*.	Psicologia Escolar e Educacional.	Consciência fonológica;
03	GUIMARÃES, Sandra; BARBOSA, Viviane; KRUSZIELSKI, Leandro (2019). *Parâmetros Psicométricos da Prova de Consciência Morfológica Derivacional*.	Revista Psico-USF	Consciência fonológica e morfológica;
04	SERAFIM, Milena (2019). *Compreendendo o atual momento da educação superior brasileira: cultivando a mais lúcida consciência*.	Revista Avaliação, Campinas.	Políticas públicas para a educação superior brasileira;

05	RIBEIRO, Andreia (2019). *À conquista das palavras por crianças de 4 anos: uma etapa no desenvolvimento da consciência fonológica*.	Da Investigação às Práticas.	Consciência fonológica;
06	FIGUEIRA, Ana Paula; SILVA, Miriam (2017). *Leitura: Relação entre Consciência Fonológica, Compreensão da Leitura e Percepção dos Professores*.	Psicologia: Teoria e Pesquisa.	Consciência fonológica;
07	RODRIGUES, Pedro; FRANCISCATTI, Kety (2017). *Notas sobre indivíduo e consciência em Max Horkheimer e Theodor W. Adorno*.	Psicologia USP.	Teoria Crítica da Sociedade (Adorno e Horkheimer);
08	MONTOYA, Adrian (2017). *Prática e teoria no desenvolvimento: questão da tomada de consciência*.	Psicologia Escolar e Educacional	Tomada de consciência e desenvolvimento moral em Jean Piaget;
09	RIBEIRO, Flávia; GUZZO, Raquel (2017). *Consciência de Estudantes Prounistas sobre sua Inserção no Ensino Superior*.	Psicologia: Ciência e profissão.	Tomada de consciência. Referência em: Martin-Baró, Duarte, Iasi.
10	SANTOS, Maria José; BEZERRA, Sylvia (2017). *Impacto do treino em habilidades de consciência fonológica na escrita de pré-escolares*.	Psicologia Escolar e Educacional.	Consciência fonológica;
11	SILVA, Pedro; FRELLER, Cintia; ALVES, Lucas; SAITO, Gabriel (2017). *Limites da consciência de professores a respeito dos processos de produção e redução do bullying*.	Psicologia USP.	Identificação do nível de consciência. Teoria Crítica da Sociedade (Adorno).
12	PRADO, Clodoaldo; CARNEIRO, Sônia (2016). *O livro didático de Geografia: estudo da linguagem cartográfica sob o foco da formação da consciência espacial cidadã*.	Educação em Revista.	Consciência espacial cidadã; Livro Didático;
13	BARBOSA, Mirna; MEDEIROS, Lidiane; VALE, Ana Paula (2017). *Relação entre os níveis de escrita, consciência fonológica e conhecimento de letras*.	Estudos de Psicologia (Campinas)	Consciência fonológica;
14	GUIMARÃES, Silvia; MOTA, Márcia (2016). *Qual a contribuição da consciência morfológica das crianças na precisão de leitura de palavras e compreensão de texto no português?*.	Estudos de Psicologia (Natal)	Consciência morfológica;
15	TOASSA, Gisele (2016). *"Atrás da consciência, está a vida": o*	Educação & Sociedade;	Distanciamento teórico de Vigotski e Leontiev

	afastamento teórico Leontiev-Vigotski na dinâmica dos círculos vigotskianos.		(Psicologia Histórico-Cultural).
16	SCHMIDT, Maria; URBAN, Ana (2016). *Aprendizagem e formação da consciência histórica: possibilidades de pesquisa em Educação Histórica*.	Educar em Revista;	Teoria da Consciência Histórica (Jörn Rüsen);
17	CORBINIANO, Simone; BERGAMO, Thelma (2016). *Consciência, intencionalidade e liberdade: contribuições de Sartre na formação do sujeito*.	Educar em Revista;	Consciência (Sartre);
18	ANDRADA, Paula; SOUZA, Vera (2015). *Corpo e docência: a dança circular como promotora do desenvolvimento da consciência*.	Psicologia Escolar e Educacional;	Conscientização e sensibilização (Vigotski – Psicologia Histórico-Cultural). Dança como promotora de consciência.
19	SUEHIRO, Adriana; SANTOS, Acácia (2015). *Compreensão de leitura e consciência fonológica: evidências de validade de suas medidas*.	Estudos de Psicologia (Campinas)	Consciência fonológica;
20	CASTRO, Thiago; GOMES, William (2015). *Da intencionalidade da consciência ao método progressivo regressivo em Husserl*.	Psicologia USP;	Natureza cognitiva e fenomenológica da consciência (Husserl);
21	ALCANTARA, Stefania; ABREU, Desirée; FARIAS, Alessandra (2015). *Pessoas em Situação de Rua: das Trajetórias de Exclusão Social aos Processos Emancipatórios de Formação de Consciência, Identidade e Sentimento de Pertença*.	Revista Colombiana de Psicologia;	Trajetórias de Exclusão Social (Discussão de Consciência por Paulo Freire);
22	PASSOS, Rachel (2015). *Caminhos da consciência para si no movimento de reforma psiquiátrica brasileira: notas iniciais à luz de Marx e Lukács*.	Trabalho, Educação e Saúde;	Constituição da consciência e alienação (Marx, Lukács, Iasi e Ortiz).

Fonte: Arquivos sistematizados da autora.

Pelo recorte dos artigos disponíveis na plataforma *Scielo* nos últimos cinco anos (2015 – 2020) podemos analisar a prevalência de discussões sobre a consciência a partir de alguns eixos centrais: dois artigos contém o termo "consciência" no título, todavia, não expressam uma discussão específica sobre consciência (artigos 4 e 15). Dos 20 artigos, identificamos que há a

prevalência de discussão sobre consciência morfológica e fonológica (nove artigos) o equivalente a 45% das produções. Alguns artigos apresentam uma discussão teórica sobre a consciência baseada em diferentes autores; há a existência de discussões em que a consciência é uma categoria auxiliar de análise para a compreensão de um fenômeno, na centralidade da discussão sobre conscientização ou tomada de consciência. No que concerne à aproximação à Psicologia Histórico-Cultural identificamos apenas dois artigos (artigo 15 e 18), em relação ao referencial teórico, identificamos as contribuições do artigo 22, a partir do embasamento na teoria marxista. Tendo como preocupação o nosso objeto de estudo, identificamos apenas um artigo que visa trazer uma discussão sobre a consciência a partir de Vigotski (artigo 18), ainda que Andrada e Souza (2017) não tenham tido como preocupação a análise da consciência nas contribuições de Vigotski, mas, a partir de uma compreensão sobre consciência, de que modo um fenômeno pode contribuir para esse processo de conscientização. No caso específico, trata-se da *Dança Circular*.

A partir do levantamento de como tem sido estudada a categoria consciência em artigos disponibilizados na plataforma *Scielo*, visualizamos um possível esvaziamento de produções teóricas que buscassem discutir e ampliar a categoria consciência tendo como referência a obra de Vigotski. Desse modo, no item seguinte nos centraremos em uma revisão de literatura ampliada no qual buscaremos identificar produções acadêmico-científicas, na modalidade de artigos (anterior a 2015) e em teses e dissertações que tivesse como objeto de estudo a consciência em Vigotski, buscando, nesse sentido, compreender sob quais as aspectos há o avanço teórico já sistematizado e os possíveis limites.

Estado da arte

No quadro seguinte apresentaremos os títulos das teses e dissertações, os autores, o ano de publicação, a modalidade (dissertação de mestrado ou tese de doutorado), o local de publicação, a área de concentração do estudo (Educação ou Psicologia), o objeto central de discussão dos trabalhos e a categorização em nossa análise, disposta nos eixos 1, 2 ou 3.

Quadro 1 – Distribuição das teses e dissertações por região, apresentando o objeto de discussão o eixo de análise;

REGIÃO	AUTOR E TÍTULO	ANO	MODALIDADE	LOCAL DE PUBLICAÇÃO	ÁREA DE ESTUDO	OBJETO DE DISCUSSÃO	EIXO
SUL[148]	(1) AITA, Elis Bertozzi. *O conceito de inconsciente para L. S. Vigotski: primeiras aproximações*.	2014	Dissertação (Mestrado)	Universidade Estadual de Maringá (Maringá)	Psicologia;	Inconsciente;	2
	(2) ALMEIDA, Melissa Rodrigues de. *A relação entre a consciência individual e a consciência de classe*: uma análise das contribuições de Vigotski sobre a consciência da classe trabalhadora.	2008	Dissertação (Mestrado)	Universidade Federal do Paraná (Curitiba)	Educação;	Consciência individual e consciência de classe;	2
	(3) MONTEIRO, Patricia Verlingue Ramires. *A unidade Afetivo-Cognitiva*: aspectos metodológicos e conceituais a partir da Psicologia Histórico-Cultural.	2015	Dissertação (Mestrado)	Universidade Federal do Paraná (Curitiba)	Psicologia;	Unidade afetivo-cognitiva;	2
	(4) RIOS, Camila Fernanda Moro. *Trabalho como atividade principal na vida adulta:* contribuições ao estudo da periodização do desenvolvimento psíquico humano sob o enfoque da psicologia histórico-cultural.	2015	Dissertação (Mestrado)	Universidade Federal do Paraná (Curitiba)	Psicologia;	Trabalho; Periodização do desenvolvimento;	2

[148] Repositórios de universidades consultados: Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), Universidade Federal do Paraná (UFPR), Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), Universidade Estadual de Londrina (UEL), Universidade Estadual de Maringá (UEM), Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), Univ. Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO), Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC), Universidade Federal da Fronteira do Sul (UFFS), Universidade do Oeste de Santa Catarina (UNOESC), Universidade do Extremo Sul de Santa Catarina (UNESC), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS), Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

SUL	(5) GARCIA, Izabelle Cristinne Rizental. *Alienação do desenvolvimento psíquico do adulto:* o trabalho como atividade dominante alienada.	2018	Dissertação (Mestrado)	Universidade Federal do Paraná (Curitiba)	Psicologia;	Alienação; Trabalho;	3
	(6) SCHÜHLI, Vitor Marcel. *A dimensão formativa da arte no processo de constituição da individualidade para-si*: a catarse como categoria psicológica mediadora segundo Vigotski e Lukács.	2011	Dissertação (Mestrado)	Universidade Federal do Paraná (Curitiba)	Psicologia;	Arte; Individualidade para si;	3
	(7) GIARETTON, Francielly Lamboia. *A teoria da atividade como referencial teórico metodológico para uma prática pedagógica indispensável à formação humana.*	2014	Dissertação (Mestrado)	Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Cascavel);	Educação;	Teoria da atividade;	3
	(8) COLUSSI, Lisiane Gruhn. *Contribuições dos jogos de papéis para o desenvolvimento das funções psicológicas superiores.*	2016	Dissertação (Mestrado)	Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Cascavel);	Educação;	Jogos de papeis; Funções psicológicas superiores;	3
	(9) SILVA, Rafael Iglesias Menezes da. *Sobre Psicologia e Ideologia na obra de L.S. Vigotski*.	2015	Dissertação (Mestrado)	Universidade Estadual de Maringá (Maringá)	Psicologia;	Ideologia;	2
	(10) FERREIRA, Clarice Regina Catelan. *As contribuições da psicologia histórico-cultural aos psicólogos que trabalham junto às Políticas Públicas de assistência social voltadas às crianças entre zero e seis*.	2010	Dissertação (Mestrado)	Universidade Estadual de Maringá (Maringá)	Psicologia;	Políticas públicas de assistência social;	3

	(11) FERREIRA, Ana Eliza Andrade. *Implicações do pensamento dialético e da formação de conceitos científicos para a constituição da consciência de classe*.	2017	Dissertação (Mestrado)	Universidade Estadual de Maringá (Maringá)	Psicologia;	Pensamento; Formação de conceitos científicos; Consciência de classe;	2
	(12) SABEL, Samantha Carla. *A psicologia de Vigotski e o materialismo histórico dialético de Marx e Engels*: relações arqueológicas.	2006	Dissertação (Mestrado)	Universidade Federal de Santa Catarina (Florianópolis)	Psicologia;	Aproximações entre Vigotski e Marx e Engels;	2
CENTRO-OESTE[149]	(13) SOUZA, Juberto Antonio Massud de. *Sociedade, Classe e Individuo*: a consciência enquanto representação do movimento real.	2015	Dissertação (Mestrado)	Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (Campo Grande)	Psicologia;	Consciência; Representação do movimento real;	2
	(14) CARAMALAC, Moriele Córdoba. *O ensino superior reduzido à formação para o trabalho amplia a consciência ou o inconsciente? Uma avaliação com a Psicologia Sócio-Histórica*.	2015	Dissertação (Mestrado)	Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (Campo Grande)	Psicologia;	Formação para o trabalho; Consciente; Inconsciente;	3
	(15) SOUZA, Ana Lúcia Martins de. *Não iguala e ainda diferencia: as implicações do programa de apoio ao estudante da Universidade Federal de*	2014	Dissertação (Mestrado)	Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (Campo Grande)	Psicologia;	Programa de apoio aos estudantes;	3

[149] Universidades pesquisadas: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD); Universidade Federal de Goiás (UFG); Universidade Estadual de Goiás (UEG); Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT); Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT); Universidade de Brasília (UNB);

	Mato Grosso do Sul na consciência dos acadêmicos.						
	(16) OLIVEIRA, Carlos Heber de. *Consciência da ausência do trabalho – mediação estabelecida entre a política de assistência social e um morador de rua*.	2017	Dissertação (Mestrado)	Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (Campo Grande)	Psicologia;	Concepção de mundo dos moradores de rua;	3
NORTE[150]	(17) MININ, Junior Cesar. *"Ainda somos tão jovens":* um estudo em Psicologia Histórico-Cultural sobre consciência e ato infracional na adolescência.	2014	Dissertação (Mestrado)	Universidade Federal de Rondônia/UNIR (Porto Velho)	Psicologia;	Ato infracional; Consciência;	3
SUDESTE[151]	(18) SOUZA JUNIOR, Eustaquio Jose de. *Reflexologia soviética e psiclogia histórico-cultural*: uma análise das interlocuções entre o pensamento de Vigotski e o Pavlovianismo.	2008	Dissertação (Mestrado)	Universidade Federal de Minas Gerais (Belo Horizonte)	Educação;	Reflexologia; Pavlov; Vigotski;	2

[150] Universidades analisadas: Universidade Federal do Acre (UFAC); Universidade Federal do Amapá (UNIFAP); Universidade Estadual do Amapá (UEAP); Universidade Federal do Amazonas (UFAM); Universidade do Estado do Amazonas (UEA); Universidade Federal do Pará (UFPA); Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA); Universidade do Estado do Pará (UEPA); Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA); Universidade Federal de Rondônia (UNIR); Instituto Federal de Rondônia (IFRO); Instituto Federal de Roraima (IFRR); Universidade Federal de Roraima (UFRR); Universidade Estadual de Roraima (UERR); Universidade Federal do Tocantins (UFT).

[151] Universidades analisadas: Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Universidade Federal de Lavras (UFLA), Universidade Federal de Viçosa (UFV), Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Universidade Federal de Itajubá (UNIFEI), Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG), Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), Universidade Federal de São João del-Rey (UFSJ), Universidade Federal dos Vales do Jequitonha e Mucuri (UFVJM), Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Universidade Federal Fluminense (UFF), Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF), Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ), Universidade de São Paulo (USP), Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Universidade Estadual Paulista (UNESP), Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

	(19) NASCIMENTO, Ruben de Oliveira. *Um estudo da mediação na teoria de Lev Vigotski e suas implicações para a educação*.	2014	Tese (Doutorado)	Universidade Federal de Uberlândia (Uberlândia);	Ciências Humanas;	Mediação; Educação;	2
	(20) FRANCO, Renata Maria da Silva. *Formação continuada de professores para práticas inclusivas*: contribuições da psicologia histórico-cultural.	2018	Dissertação (Mestrado)	Universidade Federal de Alfenas (Alfenas)	Educação;	Formação continuada de professores; Educação Especial;	3
	(21) GOMES, Rafael Pereira. *Perspectivas e desafios da relação Psicologia Histórico-Cultural e Educação*: um estudo a partir das publicações na ANPEd entre os anos de 2000 e 2017.	2018	Dissertação (Mestrado)	Universidade Federal de Alfenas (Alfenas)	Educação;	Educação; Publicações na ANPEd;	3
	(22) OLIVEIRA, Mariana Corrêa Pitanga de. *A escolarização de alunos com deficiência intelectual à luz da perspectiva histórico-cultural*: avaliação mediada e apropriação conceitual.	2016	Dissertação (Mestrado)	Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (Seropédica)	Educação, Contexto Contemporâneos e Demandas Populares;	Avaliação; Apropriação cultural; Educação Especial;	3
	(23) LEAL, Zaira de Fatima de Rezende Gonzalez. *Educação escolar e constituição da consciência*: um estudo com adolescentes a partir da psicologia histórico-cultural.	2010	Tese (Doutorado)	Universidade de São Paulo (São Paulo)	Psicologia;	Educação; Constituição da consciência;	3
	(24) CAMILO-DE FERNANDES, Jo. Consciência de classe e transformação social: uma reflexão sobre os limites dos estudos empíricos em Psicologia.	2018	Dissertação (Mestrado)	Universidade de São Paulo (São Paulo)	Psicologia Social;	Consciência de classe;	2

	(25) TOASSA, Gisele. *Consciência e atividade: um estudo sobre (e para) a infância*.	2004	Dissertação (Mestrado)	Universidade Estadual Paulista (Marília)	Educação;	Tomada de consciência; Atividade; Infância;	3
	(26) COSTA, Selma Aparecida Ferreira da. *Um estudo sobre o desenvolvimento da função simbólica da consciência e o processo de humanização da criança na educação infantil*.	2019	Tese (Doutorado)	Universidade Estadual Paulista (Marília)	Educação;	Desenvolvimento da consciência; Humanização;	2
	(27) SIMÕES, Jéssica Priscila. *Atividade de estudo e consciência crítica do professor*: processo de intervenção formativa histórico-cultural.	2019	Dissertação (Mestrado)	Universidade Estadual Paulista (Presidente Prudente)	Educação;	Atividade de estudo; consciência crítica do professor;	3
	(28) NUNES, Rodrigo Lima. *Atividade do jogo e desenvolvimento infantil*: implicações sociais para a construção da consciência da criança na escola.	2013	Dissertação (Mestrado)	Universidade Estadual Paulista (Presidente Prudente)	Educação;	Atividade do jogo; Desenvolvimento infantil;	2
	(29) DELARI JUNIOR, Achilles. *Consciência e linguagem em Vygotsky:* aproximações ao debate sobre a subjetividade.	2000	Dissertação (Mestrado)	Universidade Estadual de Campinas (Campinas)	Educação;	Consciência; Linguagem; Constituição da subjetividade;	1
	(30) FABRI, Adjuto de Eudes. *Categorias que constituem a compreensão do humano e os enlaces entre consciência, subjetividade e significação na abordagem vigotskiana*.	2008	Tese (Doutorado)	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)	Psicologia Social;	Acesso restrito[152];	Acesso restrito;

ções que estão com acesso restrito não estão disponibilizadas publicamente e por isso não foi possível realizar a análise das mesmas. Todavia, como se ios investigados, incorporam o quadro de Estado da Arte.

	(31) DUARTE, José Carlos. *Movimento da consciência de um trabalhador com L.E.R.*: um estudo de caso.	1998	Dissertação (Mestrado)	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)	Psicologia Social;	Acesso restrito;	Acesso restrito;
	(32) CHRISTOVAM, Cynthia Gomes dos Reis Guidoni. *O lúdico como mediador da consciência*: Resultados da aplicação de um jogo em portadores de HIV/AID.	2005	Dissertação (Mestrado)	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)	Psicologia Clínica;	Lúdico; Jogo; Brincadeira;	3
	(33) CARI, Claudio David. *O currículo científico com o povo indígena Tupinikin*: a tomada de consciência dos instrumentos socioculturais.	2008	Dissertação (Mestrado)	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)	Educação;	Processo de conscientização;	3
	(34) SCHEWINSKY, Sandra Regina. *Imaginação criativa, memória e consciência*: estudo com pessoas que sofreram traumatismo crânio encefálico.	2008	Tese (Doutorado)	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)	Psicologia Social;	Imaginação criativa; Memória; Consciência;	2
	(35) SECCO, Karen Ciaccio. *Coaching e formação da consciência docente*.	2012	Dissertação (Mestrado)	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)	Educação;	Coaching; Formação docente;	3
NORDESTE[153]	(36) LORDELO, Lia da Rocha. *A consciência como objeto de estudo na psicologia de L.S.*	2007	Dissertação (Mestrado)	Universidade Federal da Bahia. Universidade	Ensino, Filosofia e História das Ciências;	Consciência;	1

lisadas: Universidade Federal de Alagoas (UFAL); Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL); Universidade Federal da Bahia (UFBA); Universidade UNEB); Universidade Salvador (UNIFACS); Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB); Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS); l de Santa Cruz (UESC); Universidade Estadual do Sudoeste Bahia (UESB); Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF); Universidade UECE); Universidade Federal do Ceará (UFC); Universidade Federal de Integração Luso-Afro-Brasileira (UNILAB); Universidade Regional do Cariri de Estadual do Vale do Acaraú (UVA); Universidade Federal do Maranhão (UFMA); Universidade Estadual do Maranhão (UEMA); Universidade Federal Universidade Estadual da Paraíba (UEPB); Universidade Federal de Campina Grande (UFCG); Universidade Federal de Pernambuco (UFPE); Universidade

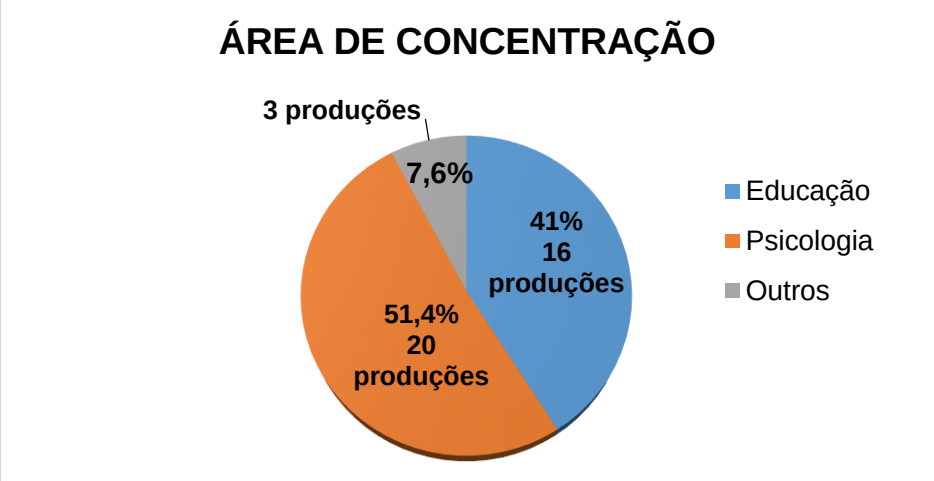
	Vigotski: uma reflexão epistemológica.			Estadual de Feira de Santana (Salvador)			
	(37) MUNIZ, Vera Cristina Rabelo. Educação e consciência em Vigotski: contribuições à formação do educador.	2018	Dissertação (Mestrado)	Universidade Estadual do Ceará (Fortaleza)	Educação;	Educação; Consciência; Formação;	3
	(38) LIMA, Fatima Maria de Holanda. Apropriação de Vigotski nas políticas para a educação infantil: uma crítica ancorada na ontologia marxiana.	2018	Tese (Doutorado)	Universidade Estadual do Ceará (Fortaleza)	Educação brasileira;	Educação Infantil;	3

ɔ própria.

Federal Rural de Pernambuco (UFRPE); Universidade Federal do Piauí (UFPI); Universidade Estadual do Piauí (UESPI); Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN); Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN); Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA); Universidade Federal de Sergipe (UFS).

A partir do quadro 1, podemos identificar alguns elementos em relação à duas categorias: a área de concentração do estudo (educação, psicologia ou outros[154]) e a modalidade do estudo (mestrado ou doutorado). Para apresentar metodologicamente esses dados, sintetizamos dois gráficos, a seguir:

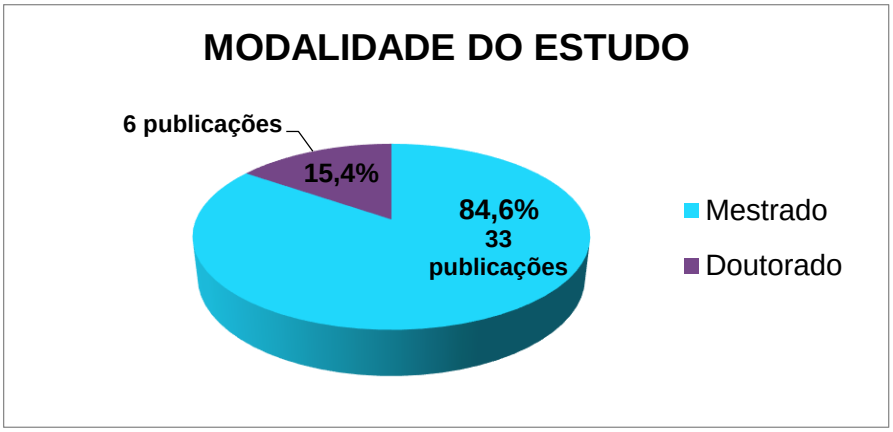
Gráfico 1 – Percentual de distribuição dos trabalhos a partir de área de concentração



Fonte: Elaboração própria.

Pelo gráfico 1 podemos identificar uma equivalência entre a concentração das produções nas áreas de Educação e Psicologia, tendo a Psicologia um número simbolicamente maior. Contudo, ao olharmos para o gráfico 2 (das modalidades) estamos diante de uma desproporção considerável.

Gráfico 2 – Percentual de distribuição dos trabalhos a partir da modalidade do estudo



Fonte: Elaboração própria.

[154] Consideramos como outros àqueles programas de estudo que se aproximam da área de Educação e Psicologia, mas levam outro nome, como: Ensino, Filosofia e História das Ciências; Educação, Contexto Contemporâneos e Demandas Populares; e Ciências Humanas;

Nesses termos, ao olharmos para o gráfico 2, é possível observar que a densa maioria dos estudos encontrados foram elaborados a partir da modalidade de dissertação (mestrado). Esse elemento já demonstra uma lacuna na produção de teses que caminham no sentido de explorar a categoria consciência vinculados à perspectiva vigotskiana. No tópico seguinte buscamos analisar as produções vinculadas aos três eixos apresentados anteriormente.

Análise das Teses e Dissertações encontradas

A partir do quadro 1, objetivamos, nesse item, analisar as contribuições, avanços e compreensões sobre a categoria consciência apresentada pelas teses e dissertações encontradas pela busca. Organizamos os trabalhos em três eixos, que são os seguintes:

1- Trabalhos que avançam na compreensão da categoria consciência na obra de Vigotski ou da Psicologia Histórico-Cultural, tendo essa categoria como objeto de estudo a partir de discussões téorico-conceituais; Debruçamos nas produções com algumas reflexões, como: *o que avança na compreensão da consciência? Como compreende a consciência? Como sintetiza a consciência? Qual o uso das referências nesse processo?* (Total de trabalhos – 2).

2- Trabalhos que compreendem a categoria consciência como síntese de outros conceitos e, portanto, a categoria consciência serviria como base para nortear as discussões sobre outros objetos de estudo; Analisamos os trabalhos com as seguintes indagações: *qual conceito compreende e amplia por meio da consciência? Como a consciência se relaciona aos conceitos apresentados?* (Total de trabalhos – 14).

3- Trabalhos que utilizam a categoria consciência para verificar um fenômeno na prática social e centram-se em discussões como a *tomada de consciência* e a *conscientização*. Tomamos as seguintes questões: *Como compreende o processo de conscientização? Qual o uso que faz da consciência?* (Total de trabalhos – 20).

Em relação ao eixo 1 (trabalhos que avançam na compreensão da categoria consciência na obra de Vigotski ou da Psicologia Histórico-Cultural, tendo essa categoria como objeto de estudo a partir de discussões téorico-conceituais), alocamos as seguintes produções: Delari Junior (2000) e Lordelo (2007). As seguintes produções acadêmicas apresentam, portanto, a categoria consciência como um dos conceitos elencados para uma discussão teórico-conceitual. Pontuamos que os trabalhos foram realizados na modalidade mestrado e elaborados a partir de programas de pós-graduação em Educação (DELARI JUNIOR, 2000; LORDELO, 2007). Optamos por apresentar os trabalhos a partir de sua ordem cronológica, compreendendo que

algumas reflexões podem ter servido para subsidiar outras, tal como compreendemos o processo coletivo de construção do conhecimento.

Delari Junior (2000) sistematiza em sua dissertação de mestrado um dos estudos de maiores alcances e contribuições para a compreensão da consciência tendo como referência a obra de Vigotski, bem como seu trabalho posteriormente torna-se livro[155]. Delari Junior (2000) apresenta três categorias centrais para a sua análise teórico-conceitual: a subjetividade, a consciência e a linguagem. O trabalho tem como proposta: "uma aproximação a algumas facetas do debate contemporâneo sobre subjetividade" (DELARI JUNIOR, 2000, p.13). O movimento que o autor faz é compreender as categorias de consciência e linguagem e como essas se constituem em uma possibilidade de diálogo com a subjetividade. Nas palavras do autor "são movimentos relacionados porque o tratamento teórico dado por Vigotski ao problema da consciência, em sua dialética com a linguagem e, portanto, com as relações sociais, pode ser tomado como paradigmático para uma abordagem ao tema da subjetividade" (DELARI JUNIOR, 2000, p. 16).

A partir dessa contextualização, buscamos identificar nas discussões propostas por Delari Junior (2000) a localização da categoria consciência em Vigotski. Um elemento importante é que o autor apresenta que Vigotski pôde ter acesso a diferentes autores com quem *dialogou*[156] para a síntese de suas compreensões, bem como a consciência. Dalari Junior (2000) aponta os diálogos de Vigotski com Marx, Hegel, Freud, Nietzsche e outros autores.

> Desta maneira, a busca de uma explicação para a questão da consciência na obra de Vigotski pode estar permeada por um confronto constitutivo com a questão das possibilidades para o papel do humano na construção da própria história. Por um lado, é patente na obra de Vigotski a contraposição ao cartesianismo, atestada claramente por sua filiação ao monismo de Espinosa e ao materialismo histórico e dialético de Marx e Engels. Por outro lado, a própria filiação a Espinosa faz com que esteja influenciado por um ideal de busca da liberdade humana a partir da superação das superstições e de uma explicação racional genético-causal para a constituição da condição humana. [...] por fim, a própria filiação ao pensamento de Marx, vivendo no contexto da primeira grande tentativa de construir uma sociedade socialista, também pode ter colocado no interior das motivações vigotskianas uma visão ainda não muito crítica quanto às possibilidades e limites nos rumos de diferentes grupos e classes sociais em sua caminha histórica, tanto quanto às próprias restrições e potencialidades do papel da consciência de cada ser humano nesse processo (DELARI JUNIOR, 2000, p. 52-53).

[155] Referimos-nos ao livro: DELARI JUNIOR, Achilles. Vigotski: *Consciência, Linguagem e Subjetividade*. Campinas: Alínea, 2013.

[156] Vigotski, no processo de construção de suas obras e da teoria, busca articular-se a diferentes teóricos da época, buscando compreender limites e avanços das teorias sistematizadas. Para nós, esse fato se reflete no método marxista de produção da teoria de Vigotski, que busca partir das discussões mais avançadas da Psicologia (e outras áreas, como a Filosofia) para apontar avanços, incorporações e rupturas.

Delari Junior (2000) busca apresentar, contextualizar e discutir alguns textos de Vigotski que tratam da questão da consciência, bem como incorporar a contribuição de comentadores para algumas obras e categorias desenvolvidas pelo autor. Centra-se, então, em quatro discussões sobre a consciência "(a) a consciência como emergente da vida; (b) a consciência em seus aspectos cognoscitivos; (c) a consciência em sua parcialidade; e (d) a consciência como função das relações sociais" (DELARI JUNIOR, 2000, p. 63). Em relação ao item (a), Delari Junior (2000) traz as contribuições de Marx e Engels e localiza Vigotski como um teórico que incorpora o marxismo para pensar a consciência. Contudo, o autor não aponta a forma como esses elementos identificados em Marx e Engels se manifestam na obra de Vigotski, exceto quando contextualiza a crítica de Vigotski em relação ao método da Psicologia na época, que denomina de *crise*. No item (b), Delari Junior (2000) traz a contribuições de autores marxistas próximos à Psicologia Histórico-Cultural, bem como o posicionamento da categoria consciência na obra de Vigotski, no que diz respeito à compreensão da consciência como *reflexo* da realidade, assim como incorpora a ideia de *compreensão da consciência pelo indivíduo*:

> Trata-se de conceber a consciência como um movimento cognoscitivo, e em última análise, auto-cognoscitivo, um movimento pelo qual não apenas conhecemos o mundo como também pelo qual podemos passar a conhecer e, num certo sentido, ter domínio sobre os nossos próprios modos de conhecer o mundo (DELARI JUNIOR, 2000, p. 84).

Em relação ao item (c), Delari Junior (2000) apresenta as contribuições de diferentes autores da Psicologia Histórico-Cultural, bem como de Vigotski. Nesse item, busca-se uma aproximação da consciência para além da visão de conhecimento, relacionando-se também à subjetividade. Nesses termos, alguns elementos nos parecem essenciais: "Gostaríamos de destacar que o próprio conceito de consciência como conhecimento talvez precise ser discutido com mais cuidado" (DALARI JUNIOR, 2000, p.94) e que "De fato, esse aspecto afetivo é pouco explorado pelas leituras mais correntes do conceito de consciência a partir de uma abordagem histórico-cultural" (DELARI JUNIOR, 2000, p. 97). Essas lacunas destacadas por Delari Junior (2000) retratam-se como essencial ao seu objeto de pesquisa, em especial, no papel das emoções para a constituição da consciência – em especial, ao peso das discussões sobre subjetividade.

Por último, no item (d), Delari Junior (2000) faz uma aproximação à palavra em russo dada a consciência, trazendo a possibilidade de compreensão da consciência por um viés moral, reside na compreensão da consciência enquanto conhecimento compartilhado. Assim, "é

possível que tenhamos pistas suficientes para indicar que, na tecedura do discurso vigotskiano, o ‘extrato da realidade’ do qual a consciência é função, ou seja, seu princípio explicativo, são as relações sociais” (DELARI JUNIOR, 2000, p. 108). Posteriormente, Delari Junior (2000) busca desenvolver a categoria linguagem, a partir da compreensão dessa enquanto gênese da consciência. A nosso ver, o trabalho de Delari Junior (2000) contribui significativamente à contextualização de Vigotski, o diálogo com sua obra e com outros autores da Psicologia Histórico-Cultural e do marxismo. Contudo, o próprio autor apresenta limites e lacunas de estudos coletivos sobre essa categoria.

No âmbito dessa discussão, Lordelo (2007) tem como objeto de estudo a consciência em Vigotski, apresentando a necessidade de compreensão epistemológica do autor. Para subsidiar sua análise, Lordelo (2007) apresenta os livros e textos de Vigotski que nortearam sua análise, sendo esses: “as duas coletâneas brasileiras *Teoria e Método em Psicologi*a [...], *O Desenvolvimento Psicológico na Infância*. Também os livros *A Construção do Pensamento e da Linguagem* e *Estudos Sobre a História do Comportamento: Símios, Homem Primitivo e Criança*” (LORDELO, 2007, p. 29, grifos da autora). Antes de tratar da categoria consciência, Lordelo (2007) busca situar historicamente tanto a Psicologia Histórico-Cultural, Vigotski e bem como o estudo da consciência pela Psicologia.

Para sustentar a compreensão de consciência, Lordelo (2007) se utiliza de um dos capítulos contidos no livro Teoria e Método em Psicologia, no qual identifica que a consciência seria o *reflexo dos reflexos*. De fato, a autora avança consideravelmente na incorporação do diálogo de Vigotski com outras teorias da Psicologia, como o *Behaviorismo*, a Psicanálise e a Gestalt. Por outro lado, a compreensão da consciência não vai em direção às proposições de Delari Junior (2000) no que diz respeito às diferentes frentes e possibilidades de compreensão dessa categoria. Contudo, Lordelo (2007) defende que a consciência seria a categoria central na obra de Vigotski. Segundo a autora, reside no marxismo às fontes que sustentam a concepção de consciência de Vigotski, haja vista que algumas análises propostas por Vigotski podem ser encontradas em textos de Marx, Engels e Lenin.

Podemos compreender, portanto, que entre os dois trabalhos analisados, há caminhos distintos percorridos pelos três, elencando e destacando movimentos distintos na obra de Vigotski sobre a categoria consciência. Há alguns consensos internos, como a vinculação teórica marxista do autor, bem como o processo metodológico do desenvolvimento da consciência tendo como referência a teoria marxiana. Por outro lado, os diversos caminhos demonstram possibilidades distintas de explorar e olhar à obra de Vigotski. No eixo seguinte,

elencaremos os trabalhos que passam pela categoria consciência como uma forma de sustentar a discussão em outras categorias.

Para o eixo 2 (trabalhos que compreendem a categoria consciência como síntese de outros conceitos e, portanto, a categoria consciência serviria como base para nortear as discussões sobre outros objetos de estudo), identificamos as seguintes produções: Sabel (2006), Almeida (2008), Souza Junior (2008), Nunes (2013), Aita (2014), Nascimento (2014), Monteiro (2015), Souza (2015), Rios (2015), Silva (2015), Ferreira (2017), Camilo-de-Fernandes (2018)[157], Costa (2019) e Schewinsky (2008). Dos treze trabalhos alocados nesse eixo, quatro deles são teses de doutorado e o restante são dissertações de mestrado.

Sabel (2006) busca a referência no marxismo sobre a consciência. De acordo com a autora:

> Ao produzir a própria vida e os instrumentos para satisfazer as suas necessidades, o homem produz também representações ligadas às materialidades. Estas representações da realidade são a consciência, que é produzida pelo homem, mas apenas como consequência da produção material e social da vida (SABEL, 2006, p. 70).

Sabel (2006) recorre à categoria linguagem como forma de materialização da consciência. Contudo, não identifica na obra de Vigotski ou da Psicologia Histórico-Cultural essa discussão. A nosso ver, a categoria consciência é tida como um dos conceitos centrais para o marxismo e, por esse motivo, integra a discussão de Sabel (2006). A discussão sobre textos de Vigotski é feito de forma separada à de Marx e Engels.

Almeida (2008) apresenta que sua proposta de pesquisa é "analisar o processo de produção da consciência da classe trabalhadora na relação com a formação da consciência individual" (p.11). Para nortear essa discussão apresenta que na década de 20, Vigotski é o responsável pela retomada da consciência enquanto centralidade e objeto de estudo da Psicologia (ALMEIDA, 2008). Para identificar o processo de formação da consciência individual, Almeida (2008) busca elementos na obra de Vigotski e em consonância a outros autores, compreende que a formação da consciência para Vigotski parte de uma esfera social, iniciando a partir de relações interpessoais.

O caminho de Almeida (2008) para a compreensão da consciência perpassa pelas funções psicológicas elementares às superiores. A cultura, a internalização, o autodomínio da

[157] A dissertação de Camilo-de-Fernandes (2018) não se encontra disponível em sua versão completa. Sem termos tido a possibilidade de leitura do material, registramos a possível contribuição do autor para o entendimento de nosso objeto de estudo.

conduta, o pensamento e a linguagem em Vigotski tornam-se importantes categorias para as discussões trazidas pela autora. Para tal entendimento, Almeida (2008) busca contribuições de Alexei Leontiev e comentadores, como Newton Duarte. O mergulho nas categorias de Vigotski permite à autora embasar a sua discussão sobre a consciência de classe. Contudo, para essa discussão, não incorpora a obra de Vigotski.

Pelo estudo de Souza Junior (2009) é possível identificarmos algumas questões em relação ao processo histórico de síntese da obra de Vigotski. Em especial, Souza Junior (2009) busca contextualizar a síntese da Psicologia Histórico-Cultural a partir da existência da Reflexologia na antiga União Soviética. Ainda que a consciência tenha sido retratada por Souza Junior (2009) a partir do embate entre Vigotski e os reflexologistas, o trabalho em questão não tem como objeto a discussão dessa categoria na obra de Vigotski.

Nunes (2013) em seu trabalho, busca na compreensão sobre o desenvolvimento do jogo, as reflexões sobre a categoria consciência. Para o autor, reside na atividade a contribuição central para o processo de formação da consciência. Contudo, para a discussão sobre esse aspecto, recorre às sínteses de Alexei Leontiev na obra "*O Desenvolvimento do Psiquismo*" e Alexander Luria, em "*Curso de Psicologia Geral I*", em especial, no item denominado "*A atividade consciente do homem e suas raízes histórico-sociais*". No diálogo com a obra de Vigotski[158], Nunes (2013) busca a produção de Delari Junior (2000), analisada em nosso eixo 1. Além da incorporação da discussão sobre atividade, Nunes (2013) busca em Alexei Leontiev as reflexões sobre a alienação.

Como podemos identificar pelo estudo de Aita (2014), que tem como questão central a questão do *inconsciente* e justificam-se a partir da centralidade com que Vigotski aborda os três conceitos fundamentais: a *psique*, a *consciência* e *inconsciente*. De acordo com Aita (2014), Vigotski não se dedica em particular à questão do inconsciente, isto porque Vigotski considera a consciência o conceito fundamental da Psicologia Histórico-Cultural, contudo, Aita (2014) considera que a inconsciência reside também na compreensão de como o indivíduo controla voluntariamente seu comportamento e na existência desse conceito para a compreensão da psicologia humana em sua totalidade. Isso implica em uma consideração de que o estudo da consciência pode auxiliar na compreensão do inconsciente.

No trabalho de Nascimento (2014), há um esforço grande do autor de se debruçar sobre a obra de Vigotski para a compreensão da mediação. Entre a discussão sobre a mediação, Nascimento (2014) apresenta alguns textos de Vigotski que tratam da questão da consciência,

[158] O autor faz uma única citação direta ao Tomo IV de Vigotski, no capítulo denominado "*El Problema de la edad*".

elencando elementos importantes, como o processo de desenvolvimento da linguagem e do pensamento. Nascimento (2014) ainda contribui para a visão da consciência em sua historicidade, à medida que busca apresentar o processo de construção de Vigotski a partir de sua vida.

Monteiro (2015) traz uma importante contribuição para a compreensão da *unidade afetivo-cognitiva*. A discussão sobre a constituição da consciência humana e a atividade aparece como necessária à compreensão da unidade afetivo-cognitiva. Monteiro (2015) busca na ontologia do trabalho em Marx e Engels as reflexões iniciais sobre compreensão da consciência. Nesse processo, é que a mediação aparece enquanto uma categoria em Vigotski para apontar à consciência.

Ainda em razão do desenvolvimento do eixo 2, Souza (2015) apresenta que seu estudo tinha como objetivo central "estudar as formas de manifestação das consciências, sejam elas interpsicológicas, como no caso da consciência de classe, sejam as intrapiscológicas, como a autoconsciência" (p. 16-17). Além da diferenciação proposta por Souza (2015) na discussão sobre consciência, o autor apresenta que:

> [...] o cérebro não é um órgão que se organiza e funciona independentemente das atividades dos homens. São as condições sociais manifestadas nas relações interpsicológicas com outros membros de sua espécie durante as atividades práticas dos indivíduos, que tornam possível o desenvolvimento da consciência (SOUZA, 2015, p.35).

Posteriormente, Souza (2015) busca a compreensão da consciência vinculada ao modo de produção capitalista pelas sistematizações de Marx e Engels, dialogando em relação à consciência social, ao Estado e ao indivíduo, à religião, à consciência de classe e individual, tendo como objetivo central localizar a classe na categoria consciência. A categoria de mediação torna-se essencial para subsidiar a discussão apresentada pelo autor. Isto posto, para Souza (2015) é essencial compreender o movimento real, as representações sociais e a sociedade para a síntese da categoria consciência. O reconhecimento de classe, momento em que o indivíduo "toma para si os seus interesses como classe" (SOUZA, 2015, p. 124), exige a incursão por algumas categorias de Vigotski, como a mediação.

Rios (2015) busca compreender o desenvolvimento humano, em especial do indivíduo em idade adulta. Para tal, perpassa pela reflexão de três categorias, dentro delas, a consciência. A principal referência nessa discussão para autora é Alexei Leontiev. Engendra-se a essa discussão a questão da consciência social e o sentido pessoal. Em Silva (2015) busca-se localizar a discussão sobre *Ideologia* na obra de Vigotski. O autor sistematiza uma compreensão

de consciência a partir dos escritos de Marx e Engels, e, nessa discussão, incorpora uma possibilidade de reflexão: a construção de uma falsa consciência. Contudo, Silva (2015) não apresenta essa conceituação em Vigotski, mas, certamente, a compreensão sobre Ideologia, seu objeto de estudo, perpassa pelo entendimento de consciência, que, no presente trabalho, é significada a partir de Marx e Engels.

No trabalho de Ferreira (2017), há a compreensão *a priori* de que a consciência individual é gerada na dinâmica das relações sociais de produção da existência humana. O sistema de conceitos, portanto, seria o meio pelo qual se torna possível compreender como o indivíduo pensa, sente e age na sociedade. Desse modo, Ferreira (2017) tem como objeto central de análise o sistema conceitual para a formação da consciência de classe. Para tanto, busca nos estágios e nas fases do pensamento elaborados por Vigotski para sustentar sua análise. Como podemos ver na citação a seguir, busca-se uma relação entre a formação dos conceitos e a consciência: "em seus conceitos espontâneos, como a criança passa a tomar consciência de forma tardia da definição verbal do conceito, da possibilidade de outras palavras propiciarem uma formulação verbal, da aplicação arbitrária do conceito em diferentes contextos" (p. 91). Desse modo, a consciência pode ser compreendida também como o processo de apropriação do conhecimento e leitura da realidade.

Costa (2019) busca nas sistematizações de Elkonin elementos fundantes para pensar a questão da consciência infantil. Dessa maneira:

> [...] compreender o desenvolvimento do processo de significação na infância é entender a forma como o pensamento se desenvolve, como a criança apreende o mundo, como atribui significado às coisas, aos objetos culturais e às relações sociais. Esse processo correlaciona-se à constituição da consciência e da personalidade, o que corresponde ao modo de ver a realidade e de atuar nela (COSTA, 2019, p. 25).

Schewinsky (2008) discute o desenvolvimento da imaginação, memória e consciência em pessoas que sofreram de traumatismo crânio encefálico. A autora compreende os três conceitos como base para a formação social do homem e, em que medida, é possível estimular áreas cerebrais para o desenvolvimento destas funções. A tese reforça o entendimento de Luria em relação à perspectiva antilocalizacionista, todavia, ao definir consciência, a autora busca entendê-la a partir de Luria, Damásio e Mead, ao invés de localizar tal discussão em Vigotski.

No eixo 3 (trabalhos que utilizam a categoria consciência para verificar um fenômeno na prática social e centram-se em discussões como a tomada de consciência e a conscientização) identificamos as seguintes produções: Toassa (2004), Ferreira (2010), Leal (2010), Schühli

(2011), Giaretton (2014), Souza (2014)[159], Minin (2014), Caramalac (2015), Colussi (2016), Oliveira (2016), Oliveira (2017), Garcia (2018), Franco (2018), Gomes (2018), Muniz (2018), Lima (2018), Simões (2019), Christovam (2005), Cari (2005) e Secco (2012).

Em sequência aos trabalhos, a dissertação de Toassa (2004) também é fundamental para a compreensão da categoria consciência bem como o seu avanço. Contudo, diferente de Delari Junior (2000), Toassa (2004) tem como problema de estudo "Como ocorre o desenvolvimento concreto da consciência da criança pré-escolar em relação com as atividades pedagógicas" (p. 76). Nesse sentido, há uma preocupação de verificar a consciência a partir de um fenômeno específico, colocando em ênfase a contribuição das atividades pedagógicas. Toassa (2004) busca compreender, portanto, o processo de conscientização, de tomada de consciência. Na possibilidade de compreensão do desenvolvimento da consciência, a autora busca em Vigotski e em outros autores da Psicologia Histórico-Cultural, uma síntese para a compreensão da categoria consciência. Para tal, busca apresentar ao leitor a diferença entre consciência individual e consciência social e o papel da formação nesse processo de superação do concreto empírico. Toassa (2004) visa identificar por meio de uma pesquisa empírica no contato com crianças, o processo de desenvolvimento da consciência.

Ferreira (2010) busca encontrar possibilidades na Psicologia Histórico-Cultural para analisar e contrapor os documentos que tratam da intervenção da Psicologia junto às políticas de assistência social, apresentando que:

> [...] a consciência humana é produzida continuamente em um movimento dialético por meio das relações estabelecidas entre o indivíduo e se entorno social. Desse modo, supera-se a noção de que a personalidade se forma nos anos iniciais de existência e permanece invariável ao longo de toda a vida. Supera-se também a noção de que o desenvolvimento acontece por fases regidas pelo amadurecimento de estruturas internas dadas biologicamente (p. 15).

O trabalho, portanto, tem como objetivo, também, "a transformação da consciência dos psicólogos" (FERREIRA, 2010, p.16). Para a compreensão sobre a consciência, a autora recorre às contribuições de Leontiev. Para contribuir para esse processo, Ferreira (2010) busca esclarecer e colocar algumas categorias de autores da Psicologia Histórico-Cultural à serviço da formação da consciência dos possíveis leitores de seu trabalho. Desse modo, não temos como precisar como Ferreira (2010) concebe o processo de conscientização, haja vista que seu propósito se dá a partir da socialização de um conhecimento acumulado.

[159] Até o momento de elaboração do presente capítulo, a dissertação de Souza (2015) não se encontra disponível em sua versão completa. Sem termos tido a possibilidade de leitura do material, registramos a possível contribuição da autora para o entendimento de nosso objeto de estudo.

O trabalho de Leal (2010) reside na compreensão dos processos educativos e do desenvolvimento humano para a formação da consciência. Há um capítulo no qual Leal (2010) discute o desenvolvimento humano e sua periodização em que se debruça em Vigotski e outro em que introduz o processo histórico da educação, apresentando possibilidades de intervenções pedagógicas que contribuam para a formação da consciência. Para tal, utiliza teóricos da Educação, como Dermeval Saviani, Newton Duarte e José Luiz Gasparin. Há incorporação de Davidov, autor da Psicologia Histórico-Cultural, contudo, não identificamos sistematizações localizadas em Vigotski. Para identificar o desenvolvimento da consciência, Leal (2010) elabora diferentes áreas de discussões, desde as vinculadas à escola, como o interesse pela aula, pelas disciplinas, por professores, se gostam da escola, se a escola contribui para a vida deles, bem como de outras frentes, como a visão política, social e econômica desses alunos.

> De imediato o que se vê é que a educação escolar a que tiveram acesso, que durou onze longos anos, tendo lhes apresentado inúmeros conteúdos e informações, não cumpriu exatamente sua tarefa. Um exemplo disso é que ao final da Educação Básica era de se esperar que os alunos tivessem se apropriado do conhecimento transmitido, mas esses jovens demonstraram dificuldades com a língua portuguesa, tanta na fala como na escrita (LEAL, 2010, p. 290-291).

A autora compreende, então, que a educação escolar não poderia ter desenvolvido nos alunos uma consciência da realidade, isto porque, de acordo com sua análise "não teriam sido formados os instrumentos necessários para tal" (LEAL, 2010, p.299).

Schühli (2011) busca compreender os efeitos da arte na formação da individualidade para-si, partindo do entendimento da arte enquanto uma prática educativa. O autor toma como referência as discussões elaboradas por Newton Duarte e se apoia em duas ideias centrais: a formulação sobre a arte existente na obra de Vigotski e a estética na obra de Lukács. Como resultado, Schühli (2011) pontua a necessidade de mais estudos sobre esses aspectos, apontando lacunas de compreensão especificamente em Vigotski, quais sejam: "[...] sobre a formação de um sistema psicológico, a existência do 'drama', o papel da regulação da conduta, ou ainda seus estudos posteriores" (p. 174-175). O autor pontua a necessidade de aprofundamento das discussões sobre a imaginação e a fantasia no processo de formação do psiquismo.

O referencial teórico adotado por Giaretton (2014) é a *teoria da atividade* de Alexei Leontiev. Não identificamos no presente trabalho uma compreensão dialogada em Vigotski. De toda forma, há uma visão de consciência aproximada, à medida que compreende a consciência humana gestada no interior e sob determinações postas pelas relações sociais que o indivíduo participa. A prática pedagógica, sendo também uma dessas relações sociais, contribui

igualmente para no desenvolvimento da consciência humana. Nessa compreensão, o trabalho educativo tem uma clara intencionalidade, exigindo planejamento que visa promover desenvolvimento (GIARETTON, 2014). A pesquisa desenvolvida teve como contribuição "para os professores refletirem sobre suas atividades de ensino, na direção de compreenderem que mais do que entender, faz-se extremamente necessário analisar e criticar as práticas atuais" (GIARETTON, 2014, p.126).

Minin (2014) busca investigar a formação da consciência de adolescentes que cumprem a Medida Socioeducativa de Liberdade Assistida no estado de Rondônia. Busca-se compreender, por meio da presente pesquisa, os elementos causais e dinâmicos relacionados à conduta infracional enquanto processo em um determinado momento histórico à luz da Psicologia Histórico-Cultural. Minin (2014) considera que é na adolescência que ocorre as principais transformações psicológicas, bem com a consciência. Além disso, toma como definição de consciência, uma aproximação entre Leontiev e Vigotski: "Vigotski estudou [...] a consciência, já brevemente definida por nós a partir de Leontiev como reflexo da realidade na psique" (p.52).

Minin (2014) traz uma reflexão importante sobre a consciência na obra de Vigotski de que ao retomar o problema da consciência na década de 1930, busca localizar em sua análise a função da motivação e das emoções na consciência. Contudo, esse processo não se concretiza devido ao seu precoce falecimento. Para identificação do processo de consciência, Minin (2014) faz algumas aproximações ao modelo de Leal (2010), à medida que busca compreender diferentes frentes para esses jovens, tanto da concepção sobre si mesmo, família, quanto sobre as condições políticas, sociais e econômicas. Identifica-se um individualismo exacerbado, à medida que:

> [...] não demonstram uma consciência mais crítica sobre as implicações socioeconômicas, políticas e/ou culturais que estão por trás dos motivos que os impulsionaram a cometer o ato infracional. Também não mencionaram as consequências de seus atos para as pessoas fora do círculo familiar; não avaliaram que o ato infracional afeta outras pessoas, principalmente a vítima; e não demonstraram a noção de que os limites existem também como parâmetro contributivo (e não somente para punir) para as relações sociais (MININ, 2014, p. 186).

Caramalac (2015) se sustenta em uma discussão sobre conscientização, contudo, não localiza essa categoria na obra dos autores da Psicologia Histórico-Cultural. São incorporadas diferentes discussões dentro de um mesmo capítulo (o capítulo dois) que relacionam categorias de Vigotski como o pensamento, o desenvolvimento humano, a linguagem, bem como as incursões sobre a educação, no qual são trazidos, além de autores específicos como Dermeval

Saviani, conceitos de Vigotski como Zona de Desenvolvimento. Em uma de suas sínteses, a autora apresenta que

> A consciência, bem como o inconsciente se estruturam na relação mediada do homem com o seu meio social, possibilitando ir além de seus determinantes biológicos. É a mediação entre o sujeito e o mundo, primeiramente pela atividade e depois pela linguagem, que permite a transformações das funções psíquicas elementares em Funções Psicológicas Superiores, que por sua vez funcionam como um sistema, estruturando o psiquismo como um todo. Tanto a educação, quanto o trabalho são constitutivos das categorias psíquicas como a identidade, a afetividade, a linguagem e a consciência, ou seja, o desenvolvimento dessas depende das possibilidades de desenvolvimento ocorrem pela atividade (p. 58).

Consideramos válidas as reflexões da autora, contudo, ressaltamos falta de discussões no cerne do desenvolvimento de seu estudo.

Colussi (2016) desenvolve seu trabalho tendo como hipótese que os docentes da Educação Infantil podem intervir na brincadeira, possibilitando o surgimento dos jogos de papéis, fator que promove o aprimoramento das funções psicológicas superiores. Nessa compreensão, a consciência constitui-se a partir da relação com o meio cultural mediatizado pela linguagem. Os jogos de papéis buscam ampliar a consciência da criança, de modo a que haja a superação do nível imediato. A brincadeira pode permitir, portanto, uma possibilidade de abstração e como constatado pela autora, o professor tem uma responsabilidade nessa mediação (COLUSSI, 2016).

Sobre a questão da educação inclusiva, Oliveira (2016) se propõe a refletir sobre a escolarização de alunos com deficiência intelectual. Para tal, defende que haja uma compreensão diferente do tempo de aquisição do conhecimento. A partir da compreensão da Psicologia Histórico-Cultural, torna-se necessário identificar os processos de desenvolvimento. O autor busca compreender as funções psíquicas superiores, o pensamento e a linguagem. A consciência é, portanto, uma das categorias que aparecem no decorrer da discussão. Um do cerne da discussão é como avaliar, no qual, a autora identifica possibilidades de novas formas de apreensão do conhecimento científico para alunos com deficiência intelectual.

O trabalho do Oliveira (2017) almeja compreender a consciência do morador de rua em relação à desigualdade social. Para tal, o autor utiliza um comentador da obra de Vigotski para se aproximar da definição de consciência. A partir da definição elencada, que seria “que a consciência do indivíduo se dá pela relação objetiva que se constitui dentro da totalidade história, bem como a relação subjetiva a qual se constitui pela relação ativa do homem com o meio” (p.179). A partir da análise do discurso, Oliveira (2017) busca identificar se há

consciência de si e a ausência de instrumentos psicológicos para significar determinadas relações sociais, como o trabalho, bem como nomear suas emoções e sentimentos.

> Assim, para o sujeito há um predomínio assimilativo frente ao externo e uma postura de acomodação das determinações sociais, o sujeito passa a acreditar que os problemas que enfrenta na vida cotidiana não resultam de uma incapacidade inerente a si, de um grupo, ou de um sistema concreto, outrora gerado por suas relações concretas (p. 184).

Garcia (2018) tem como objeto de estudo "as implicações da alienação do trabalho como atividade principal da vida adulta sobre o psiquismo" (p. 10). No primeiro capítulo, a autora busca compreender o modo de produção capitalista e o trabalho nesse processo. Na discussão sobre consciência, a autora sustenta-se na análise a partir de Leontiev, buscando no sentido e no significado compreensões importantes ao *processo* de consciência:

> O reflexo consciente da realidade se desenvolve e se opera, então, progressivamente junto à linguagem, a qual possui função inicialmente comunicativa e ligada à atividade de trabalho e que passa a caracterizar os objetos, discriminando-os e generalizando-os como objetos sociais para a consciência individual (p. 67).

A consciência, nesse trabalho, aparece enquanto uma das condições necessárias para o trabalho. Contudo, a autora não amplia essa discussão, restringindo-se a essa visão de consciência já sistematizada por Marx e Engels.

Uma pesquisa realizada por Franco (2018) tem como objeto de estudo a contribuição da Psicologia Histórico-Cultural para a formação continuada de professores para práticas inclusivas. Para a autora "é visível como a Psicologia Histórico-Cultural contribui para o entendimento de conceitos tão importantes como a mediação e seus pontos facilitadores e a Zona de desenvolvimento proximal, [...] favorecendo a aprendizagem e desenvolvimento" (FRANCO, 2018, p. 147). A consciência, apesar de ter sido uma categoria já relacionada aos conceitos que Franco (2018) se utiliza, não aparece nas discussões propostas pela autora.

Em Gomes (2018), podemos identificar a preocupação de relacionar a Psicologia Histórico-Cultural e a Educação a partir da publicação de trabalhos na Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd). A categoria consciência integra a explicação sobre o desenvolvimento humano a partir de Vigotski, contudo, o autor não se debruça sobre essa discussão. Além das contribuições de Vigotski, Leontiev também integra na compreensão sobre a categoria.

No trabalho desenvolvido por Muniz (2018) busca-se a compreensão das categorias trabalho, educação e consciência, evidenciando os estudos de Vigotski acerca dos conceitos

científicos e espontâneos, pensamento e linguagem, zonas de desenvolvimento proximal e atual, processo de aprendizagem e o desenvolvimento das funções psíquicas superiores. Essa compreensão visa permitir à Muniz (2018) a análise das ementas de disciplinas, que tratam da Psicologia no curso de Pedagogia, da Universidade Estadual do Ceará, de modo a identificar como a teoria de Vigotski é concebida na formação inicial dos professores. Para desenvolver sobre a categoria consciência, Muniz (2018) busca as sistematizações de Vigotski sobre as funções psíquicas superiores e o desenvolvimento humano, bem como as contribuições de Leontiev, sobre o sentido e significado. Ao final de seu trabalho, Muniz (2018) traz como anexo os programas de disciplina, contudo, não identificamos um diálogo entre as categorias elencadas para análise com o processo analítico do documento.

Em aproximação ao caráter de estudo, a pesquisa de Lima (2018) visa identificar nas políticas para a Educação Infantil elementos para análise à luz da Psicologia Histórico-Cultural. A autora busca se debruçar na obra de Vigotski e de outros comentadores, de modo a extrair os elementos necessários para o entendimento da perspectiva vigotskiana. Contudo, não há uma discussão específica para a questão da consciência, apenas de outras categorias, como desenvolvimento e aprendizagem.

Em Simões (2019), a categoria consciência aparece enquanto uma proposta para compreender a formação desse constructo para o professor em sua atividade pedagógica.

> [...] presenciamos nos tempos atuais propostas reformistas na educação pública e que deflagram grandes crises em termos da formação dos sujeitos, tais como, reconfiguração da matriz curricular do ensino médio, bem como a discussão de escolas sem partido, dentre outras proposições extemporâneas ao sabor do gosto político oportunista e reacionário. [...] Tais determinações escusas, como sabemos, favorecem a (de)formação da consciência dos indivíduos envolvidos nesse processo desde os gestores e professores, até os estudantes e também seus familiares (SIMÕES, 2019, p. 68).

A partir dessa justificativa, Simões (2019) busca compreender a consciência a partir da Psicologia Histórico-Cultural, em especial nas sistematizações de Leontiev e em outros comentadores das áreas de Educação e Psicologia. Partindo dessa visão, compreende-se que a atividade de estudo é fundamental para o processo de desenvolvimento mais elaborado e que só acontece a partir da apropriação dos conhecimentos produzidos pela humanidade. A formação continuada, então, é um processo indispensável para o seu trabalho (SIMÕES, 2019).

A dissertação de Christovam (2005) visa identificar as possibilidades de uso do jogo, do lúdico, para a conscientização de portadores de HIV/AIDS sobre o sentido e significado para os usuários da relação que estabelecem com o tratamento. Para o entendimento do processo de

conscientização, a autora recorre aos fundamentos da Psicologia Histórico-Cultural, a partir de comentadores da obra de Vigotski e do próprio autor em sua obra *Pensamento e Linguagem*. Para a autora, a consciência deve ser interpretada a partir da interlocução de pensamento e linguagem. Como resultado da pesquisa, a autora identifica que o uso do jogo contribuiu para a reflexão sobre os diversos sentidos e significados da relação da doença com a vida que os indivíduos estabelecem. Entretanto, não se visualiza uma discussão sobre a conscientização, ou, em que medida houve alguma ampliação, embora a autora tenha trazido a seguinte definição para a consciência:

> O movimento da consciência, expresso pelas formas de agir, pensar e sentir, possibilita ao indivíduo caminhar para a superação das contradições, imprimindo novas formas de agir, transformando seus sentidos pessoais e configurando uma realidade social, onde o novo possa ser integrado ao processo de descontinuação de velhas concepções. É um processo lento mas inevitável, pois, do contrário, o indivíduo estará fadado à estagnação e à paralisação (CHRISTOVAM, 2005, p. 13).

Cari (2008) busca articular a discussão sobre currículo com a tomada de consciência. Embora o autor sinalize que irá se basear em Vigotski, utiliza a designação *socioconstrutivista* para se tratar dessa perspectiva e sintetiza que a tomada de consciência seria "[...] a ação voluntária de generalizar e sistematizar um determinado fragmento da realidade interna ou externa do ser humano" (CARI, 2008, p. 97).

Para a discussão pedagógica, o autor recorta conceitos como Zona de Desenvolvimento Proximal e Funções Psicológicas Superiores. Todavia, atribui ao processo de *amadurecimento* determinadas condições de desenvolvimento (CARI, 2008).

A dissertação de Secco (2012) pretende discutir sobre *coaching* e a tomada de consciência. Vigotski aparece dentre um dos autores que fomentaria a análise. Todavia, há uma miscelânia de diversos autores, como se estivessem sob a mesma fundamentação teórica. O termo consciência é operacionalizado como compromisso e responsabilidade com a profissão docoente. Essa compreensão destoa, de forma geral, às discussões desenvolvidas por Vigotski. Além disso, a autora recorta o conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal das demais categorias desenvolvidas. Por não ter vinculação à Psicologia Histórico-Cultural, o trabalho se aproxima à perspectiva que vem sendo criticada de apropriação da obra de Vigotski[160].

Como podemos identificar a partir das dissertações e teses que se aproximam ou tangenciam a questão da consciência, nos é fundamental compreender o que já foi avançado

[160] Trataremos mais especificamente desse processo no capítulo quatro, ao discutir a recepção da obra de Vigotski no Brasil e as deformações que sua obra sofreu, impactando, até os dias atuais, na concepção e leitura do autor.

pelo coletivo dos pesquisadores, bem como as lacunas encontradas. Tendo isso em vista, podemos trazer algumas questões para a reflexão: a) o número de trabalhos que tem como objeto central a compreensão da categoria consciência a partir de um estudo teórico-conceitual é bastante inferior ao quantitativo do restante dos trabalhos; b) há um consenso nos trabalhos identificados à compreensão social da consciência e a relação de Vigotski com clássicos do marxismo, como Marx e Engels; c) Alguns trabalhos utilizam outros autores da Psicologia Histórico-Cultural para subsidiar a discussão sobre consciência, tal como identificamos a presença de Leontiev. No item seguinte, buscaremos analisar os artigos encontrados, apresentá-los a partir dos três eixos utilizados metodologicamente para a apresentação e discussão das teses e dissertações.

Artigos encontrados

Tomando como ponto a referência metodológica para a identificação dos artigos, fizemos o levantamento na base de dados Scielo e Oasisbr, no qual refinamos a nossa busca pelos trabalhos que continham o termo "consciência" no assunto e/ou no título, bem como um termo completar, como: "Vigotski", ou "Psicologia Histórico-Cultural" ou "Psicologia Sócio-Histórica". Diante dos artigos encontrados, eliminamos àqueles que não tinham como referência a discussão sobre a consciência a partir de Vigotski ou da Psicologia Histórico-Cultural. Chegamos, portanto, há dez artigos distribuídos no quadro 4.

Quadro 2 – Artigos da base SciELO e repositórios das universidades que contêm a palavra-chave "consciência" e "Vigotski" em seus títulos

AUTOR/TÍTULO/ANO	DISCUSSÃO APRESENTADA	EIXO
PEDROSA, Cláudio Henrique. *O Conceito de consciência em Vigotski: uma aproximação pela comparação de duas leituras* (2013).	Contextualiza a questão da consciência na história da Psicologia, elevando a necessidade do debate da importância vigotskiana para o desenvolvimento da categoria consciência. Para tal, faz a comparação de duas leituras; Toassa (2006) e Lordelo e Tenório (2010). Compreende que ambas as leituras avançam na compreensão de diferentes graus de aprofundamento; Reforça a importância do estudo da consciência e a incorporação desse estudo para o desenvolvimento da Psicologia.	1
ALMEIDA, Melissa Rodrigues de. ABREU, Claudia Barcelo de Moura. ROSSLER, João Henrique. *Contribuições de Vigotski para a análise da consciência de classe* (2011).	Os autores buscam articular a discussão sobre consciência de classe sistematizada por autores clássicos do marxismo e faz o uso de Vigotski para compreender algumas categorias como: trabalho, linguagem, funções psicológicas superiores, sistemas de conceitos, drama/crise, autodomínio da conduta. Os autores trazem para a discussão Iasi, que sustenta seu diálogo com a psicologia a partir da psicanálise. Não há um avanço em refletir a gênese da categoria em Vigotski. Compreende a constituição da consciência de classe com	2

	possíveis contribuições de categorias sistematizadas por Vigotski.	
LORDELO, Lia da Rocha. TENÓRIO, Robinson Moreira. *A consciência na obra de L. S. Vigotski*: análise do conceito e implicações para a psicologia e a educação (2010).	Os autores contribuem na compreensão da gênese da consciência, em especial baseado no livro Teoria e Método em Psicologia. Faz menção à analogia do espelho e discussão sobre reflexo. Discussão sobre "outro" Vigotski; Incorporação de Paulo Freire para as discussões sobre educação. Avanço no sentido de compreensão da gênese da consciência. Limitações para pensar a educação.	1
TOASSA, Gisele. *Conceito de consciência em Vigotski* (2006);	Contribuição para refletir sobre o conceito de consciência historicamente, de modo a compreender o tratamento dado ao termo na obra de Vigotski.	1
CLOT, Yves. *Vygotski*: a consciência como relação (2014)	Contribuição da leitura sobre Vigotski, de modo a colocar no cerne a discussão sobre o problema da consciência. Localiza a consciência na história da Psicologia e traz fundamentos que auxiliam na compreensão da consciência.	1
LEÃO, Inara Barbosa. *Um método para investigar a consciência*: do intrapsicológico ao interpsicológico (2007).	Visa discutir pela Análise do Discurso alguns elementos existentes em produções acadêmicas que tratam da consciência. Contribui para o avanço da compreensão sobre a consciência.	1
RICCI, Paulo Sérgio. TULESKI, Silvana Calvo. *A concepção de Pavlov e de Vygotski acerca da consciência* (2012).	Pelo contraste de Pavlov e Vigotski, aponta aproximações e distanciamentos. Conceitua o sistema conceitual de Pavlov e de Vigotski na compreensão sobre a consciência.	1
CARMO, Francisca Maurilene. GONÇALVES, Ruth Maria de Paula. *Reflexões iniciais sobre os fundamentos ontológicos da consciência em Vigotski* (2016).	Traz elementos para reflexão sobre a categoria consciência na obra de Vigotski.	1
SANTOS, Lívia Gomes. LEÃO, Inara Barbosa. *O inconsciente sócio-histórico*: aproximações de um conceito (2014)	O estudo do inconsciente a partir do desenvolvimento da categoria consciência, de modo a entender não como opostos, mas, em uma relação de desenvolvimento dialético; Construção social do inconsciente e possibilidade de "consciência" do inconsciente.	2
AGUIAR, Wanda Maria Junqueira. *Reflexões a partir da psicologia sócio-histórica sobre a categoria "consciência"* (2000).	Contribui para um olhar à consciência diante de diferentes frentes, a partir de um mergulho na obra de Vigotski.	1
ANDRADA, Paula; SOUZA, Vera (2015). *Corpo e docência: a dança circular como promotora do desenvolvimento da consciência*.	A vivência da dança circular como uma proposição para o desenvolvimento da consciência de professores.	3

Fonte: Elaboração própria.

Como podemos identificar no quadro 4, buscamos apresentar os autores, título e ano, a sintetização da discussão e objetivos apresentados no artigo, as principais referências teóricas dos artigos e, por fim, a classificação dos artigos a partir dos eixos de análise. Uma observação importante é que alguns dos artigos são produtos de teses e dissertações, outros compostos por orientadores(as) das teses e dissertações analisadas. Esse fato demonstra a existência de um grupo que vem pensando a questão da consciência e desdobrando em produções acadêmicas a

partir disso. No tópico posterior, organizaremos a análise dos artigos sinalizados no quadro 4 em associação aos eixos apresentados anteriormente.

Análise dos artigos encontrados

Como um procedimento metodológico, organizamos a análise dos artigos a partir dos três eixos. No eixo 1, apresentamos um quadro com algumas informações, como: quais são as obras utilizadas para referência da discussão sobre consciência pelos autores dos artigos e quais são as classificações, organizações e conceitos compreendidos como essencial para o desenvolvimento da categoria. No primeiro eixo, analisaremos os seguintes artigos: Aguiar (2000), Toassa (2006), Leão (2007), Lordelo e Tenório (2010), Ricci e Tuleski (2012), Pedrosa (2013), Clot (2014) e Carmo e Gonçalves (2016).

Quadro 3 – Organização da análise dos artigos do eixo 1

OBRAS UTILIZADAS PARA FUNDAMENTAÇÃO DA CATEGORIA CONSCIÊNCIA[161]	
Psicologia da Arte (Lev S. Vigotski)	Toassa (2006), Leão (2007), Pedrosa (2013), Carmo e Gonçalves (2016).
Teoria e método em Psicologia (Lev S. Vigotski)	Lordelo e Tenório (2010), Pedrosa (2013), Ricci e Tuleski (2012), Carmo e Gonçalves (2016).
A construção do Pensamento e da Linguagem (Lev S. Vigotski)	Toassa (2006), Lordelo e Tenório (2010), Carmo e Gonçalves (2016).
O desenvolvimento psicológico na infância (Lev S. Vigotski)	Toassa (2006).
Psicologia concreta do homem (Lev S. Vigotski)	Toassa (2006), Carmo e Gonçalves (2016).
Psicologia Pedagógica (Lev S. Vigotski)	Toassa (2006), Carmo e Gonçalves (2016).
Estudos sobre a história do comportamento: o macaco, o primitivo e a criança (Lev S. Vigotski e Alexander Luria)	Toassa (2006), Carmo e Gonçalves (2016).
La imaginación y el arte en la infancia (Lev S. Vigotski)	Toassa (2006).
Obras Escogidas. Tomo I (Lev S. Vigotski)	Aguiar (2000), Toassa (2006), Leão (2007), Clot (2014)[162].
Obras Escogidas. Tomo II (Lev S. Vigotski)	Leão (2007).
Obras Escogidas. Tomo III (Lev S. Vigotski)	Toassa (2006), Ricci e Tuleski (2012), Carmo e Gonçalves (2016).
Obras Escogidas. Tomo IV	Toassa (2006).

[161] A partir das referências bibliográficas de cada um dos artigos, identificamos as obras que foram requisitadas na discussão sobre consciência. Para fins organizativos, não buscamos separar traduções e edições, contudo, quando necessário, adicionamos a nota de rodapé para apresentar as obras que serviram como referência e manter a fidedignidade de leitura do autor.

[162] Teve acesso aos textos em inglês: "*Conscience, inconscient, emotions*" e em francês: "*La Signification historique de la crise en psychologie*", ambos publicados em espanhol no Tomo I.

(Lev S. Vigotski)	
Teoria das Emoções: estudo histórico-psicológico (Lev S. Vigotski)	Clot (2014)[163].
A formação social da mente (Lev S. Vigotski)	Toassa (2006), Leão (2007), Carmo e Gonçalves (2016).
Pensamento e Linguagem (Lev S. Vigotski)	Aguiar (2000), Leão (2007), Clot (2014)[164], Carmo e Gonçalves (2016).
La Genialidad y otros textos inéditos (Lev S. Vigotski)	Carmo e Gonçalves (2016).
Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem (Lev S. Vigotski; Alexander Luria; Alexei Leontiev)	Carmo e Gonçalves (2016).
El Desarrollo de los procesos psicológicos superiores (Lev S. Vigotski)	Aguiar (2000).
CONCEITOS UTILIZADOS PARA A COMPREENSÃO DA CATEGORIA CONSCIÊNCIA	
Consciência social – constituída a partir das condições sociais e históricas (produto do desenvolvimento histórico)	Aguiar (2000), Toassa (2006), Leão (2007), Loderlo e Tenório (2010), Ricci e Tuleski (2012), Clot (2014).
Desenvolvimento "social"	Aguiar (2000).
Funções psicológicas (Linguagem, pensamento etc.)	Aguiar (2000), Toassa (2006), Loderlo e Tenório (2010).
Signo	Aguiar (2000), Toassa (2006).
Significação	Aguiar (2000).
Emoções	Aguiar (2000), Clot (2014).
Atividade (Trabalho)	Carmo e Gonçalves (2016), Ricci e Tuleski (2012).
Mediação	Leão (2007), Clot (2014).
Reflexo do reflexo	Clot (2014), Loderlo e Tenório (2010).
Experiência	Clot (2014).
Domínio do comportamento (autodomínio da conduta)	Toassa (2006), Loderlo e Tenório (2010).

A partir do quadro 4 podemos identificar que os artigos algumas aproximações e distanciamentos. Em relação às obras, identificamos duas que são utilizadas com maior frequência: *Psicologia da Arte* e *Teoria e Método em Psicologia*, ambos do Vigotski. Consideramos que a procura pelo livro Teoria e Método em Psicologia se dá pela concentração de alguns textos que tratam da consciência, bem como do texto que trata da história da psicologia e a defesa da existência de uma crise de método. Em relação às categorias, identificamos trabalhoso concentrar o entendimento da consciência a partir de outros constructos. O que tentamos observar nos artigos eram as definições e articulação sobre a consciência. Em geral, encontramos uma definição bastante similar nos artigos desse eixo que é a defesa da consciência constituída em um processo social e histórico. Por outro lado, há conceitos que aparecem em apenas uma ou outra produção. Compreendemos, a partir disso, a

[163] Teve acesso ao texto em francês: "*Théorie des émotions. Etude historicopsychologique*".
[164] Teve acesso ao texto em francês: "*Pensée et Langage*".

existência de consensos e aproximações em relação à leitura de Vigotski, bem como lacunas ou elementos a serem desenvolvidos.

Em relação ao eixo 2, temos o artigo desenvolvido por Santos e Leão (2014). De acordo com as autoras, a Psicologia Histórico-Cultural é uma teoria embasada pelo marxismo e tem como centralidade a categoria consciência e a compreensão da modificação do mundo pelos seres humanos, alterando, inclusive, a própria subjetividade. A pesquisa em questão tem como objetivo a discussão sobre o inconsciente, contudo:

> consciente e inconsciente devem ser considerados como polos dialéticos, nos quais a existência de um possibilita e garante a existência do outro. O inconsciente não é mera ausência de consciência, mas só pode ser entendido como estando em permanente relação com ela. Assim como a consciência, o inconsciente se movimenta, é ativo, interage com todas as Funções Psicológicas Superiores e constitui-se um elemento a mais na dinâmica psíquica (p. 39).

Como podemos identificar, Santos e Leão (2004) compreendem o inconsciente também enquanto social e histórico – tal como a consciência. Diferente de outras compreensões da Psicologia, nessa concepção, o inconsciente pode *transmutar-se* em consciente por meio de um processo de transformação: a catarse.

Para o desenvolvimento do eixo 3, temos a produção de Andrada e Souza (2014) que busca compreender a Dança Circular enquanto um processo de promoção da consciência. Pautado na Psicologia Histórico-Cultural, a pesquisa visou identificar a partir das vivências, determinados aspectos existentes nos participantes, como solidão, sofrimento, opressão, desmotivação, etc. A Dança Circular auxiliaria, portanto, enquanto um processo catártico das vivências. As autoras buscam apresentar a conceituação do termo "vivência", contudo, não se identifica diretamente a discussão sobre o termo consciência.

Certamente, os artigos que tratam da mediação dos conceitos e da conscientização não se encerram nesses dois. Como tivemos como procedimento metodológico, somente os artigos com o termo "consciência" em seu título foram analisados. Isto porque fizemos um recorte de nos debruçarmos em especial ao desenvolvimento dessa categoria pelos artigos. No item seguinte, buscaremos uma síntese do estado da arte.

Síntese da produção do conhecimento: o problema da consciência na Psicologia Histórico-Cultural e na obra de Vigotski

No decorrer do primeiro capítulo apresentamos o problema da consciência em diferentes áreas do conhecimento e contextualizamos o termo a partir de sínteses da Filosofia e da

Psicologia. Isto porque partimos da compreensão de que o termo foi construído historicamente e, para sustentar nossas reflexões, deveríamos partir dessa construção. A Psicologia tomou para si a discussão dessa categoria e diferentes perspectivas desenvolveram sínteses sobre esse *problema*. Na tentativa de identificarmos a atualidade, buscamos as discussões que vinham sendo feita nos últimos cinco anos e, a priori, apresentou-se uma lacuna, que se manifesta na ausência de trabalhos com essa preocupação pautados pela Psicologia Histórico-Cultural.

A partir da preocupação em compreender como a categoria "consciência" tem sido estudada no coletivo dos pesquisadores em Educação e Psicologia, almejamos mapear teses, dissertações e artigos que tivessem, direta ou indiretamente, sínteses sobre a categoria consciência, desde a compreensão de sua gênese, assim como do processo de discussão sobre tomada de consciência e conscientização. Para organizar as produções, propomos três eixos metodológicos de análise. O primeiro refere-se à discussão e avanço da categoria consciência na obra de Vigotski; o segundo o avanço às outras categorias que exigissem um mergulho também pela questão da consciência e, por último, produções que tivessem como preocupação no ponto de chegada à conscientização e/ou tomada de consciência.